



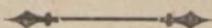


4.º Anno

Janeiro — 1901

N.º 1

REVISTA DE INFANteria



EL-REI

A *Revista de Infanteria* não podia deixar, ao iniciar o seu novo periodo lançado nas auras de profundos melhoramentos e assinalados progressos, de honrar a sua primeira pagina com o retrato d'El-Rei, e traçar nestas palavras a sua esperança e a sua dedicação pelo Augusto Chefe do Estado, que é ao mesmo tempo o nosso Chefe tambem.

Não podia, não, porque sendo o ideal supremo do exercito o bem e a felicidade da nossa querida Patria, naturalmente as nossas sympathias e as nossas dedicações devem inclinar-se perante a Familia Real, que consubstancia em si mesma a propria Patria.

As tradições de um povo que deve os dias da sua maior gloria e a fama do seu renome ás instituições monarchicas em que nasceu, devem ser respeitadas e veneradas pelas modernas gerações, como a Historia respeita e venera as façanhas e a grandeza épica dos nossos antepassados, synthetizadas nessas mesmas tradições.

A nossa bandeira que se viu de guia ás demais nações da Europa nas conquistas da civilisação e no descobrimento dos mares, deve ser guardada em nossos corações com o mesmo orgulho e o mesmo amor com que nella fitavam os olhos os heroes da nossa raça, esses valentes portuguezes, que abriram de par em par as portas do mundo, e o entregaram á posse da Europa admirada.

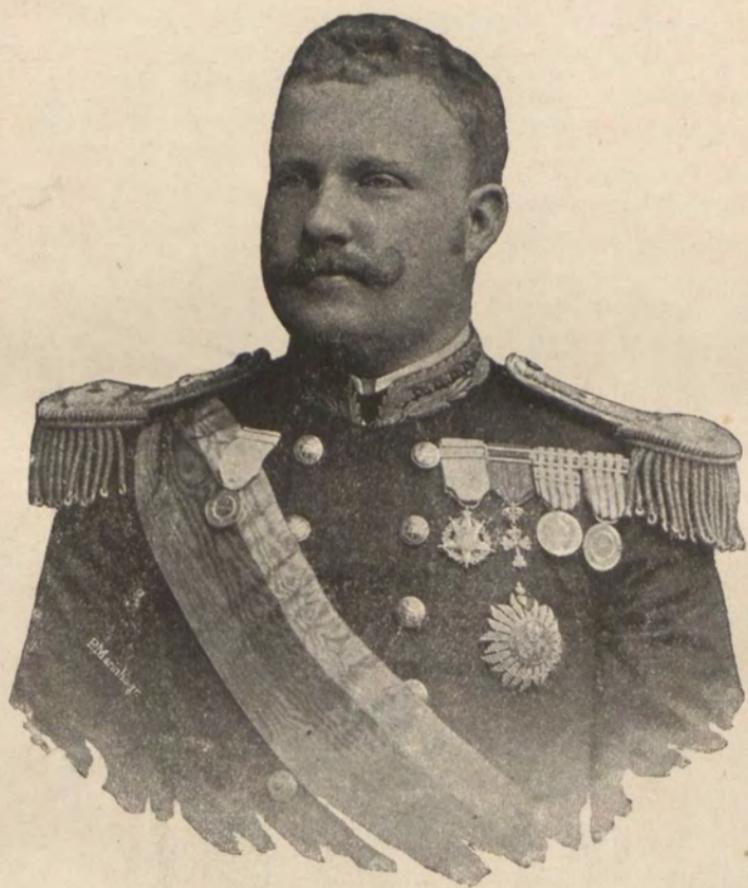
A nossa missão historica ainda não está concluida.

E quando á frente do exercito, como penhor d'esta unidade bemdita da Patria, como garantia da defensão dessa bandeira immaculada, perante a qual a Historia se curva respeitosa, nós vemos um Rei, que é ao mesmo tempo um homem de sciencia e um homem de coração, um espirito superior e uma alma generosa, em volta de Elle, como em Aljubarrota os portuguezes do seculo XIV em torno do Mestre de Aviz, o exercito soltará sempre o grito da independencia da Patria, unindo-se ao seu Rei com tanta confiança e tanta esperança, como espera e confia que o Rei se una ao seu exercito.

E assim, é com o mais vivido enthusiasmo que o exercito aprecia e agradece o interesse e a dedicação com que El-Rei se vota a todas as questões militares, animando-nos com a sua presença nos campos de manobra, honrando-nos com a sua consideração em toda a parte, consagrando os labores do seu grande talento, talento comprovado em trabalhos intellectuaes de alta valia, a tudo quanto possa interessar á defeza nacional.

Nas carreiras de tiro, premiando os mais adestrados e dando o exemplo da sua extraordinaria aptidão, sendo o primeiro entre os primeiros; nas escolas militares, acompanhando os progressos da arte da guerra, louvando os mestres, incitando os discipulos e distribuindo, com mão generosa, o justo salario das conquistas escolares; nos exercicios de guerra, acompanhando-nos sempre, e sempre compartilhando connosco a ardencia do sol ou a torrente despedada das chuvas.

E é por isto que quando ouvimos El-Rei chamar-nos



EL-REI

—seus camaradas— nós sentimos bem dentro do coração que assim é.

Se nesta abençoada paz em que temos vivido tem o paiz desenvolvido a sua vitalidade nas industrias e no commercio, nas artes e nas sciencias, respirando-se o ar puro da liberdade e conquistando-se para o nosso lar a tranquillidade ineffavel que promana do cumprimento do dever, do respeito á lei, e do acatamento ao principio da justiça, razão de sobra nos aconselha a premunirmo-nos para que as nossas fronteiras se mantenham sempre nos limites historicos que o esforço de nossos avós traçou á ponta das suas gloriosas espadas, e a lealdade e a honra d'esta nação tem mantido com grande vantagem para a humanidade.

Nisto está o applauso sincero dessa identificação abençoada do Rei e do exercito perante as mais nobres e avantajadas aspirações da Patria.

Esta homenagem a El-Rei, tão simples e tão desataviada, mas tão espontanea e tão sentida, representa o echo de nossos corações, nessa affirmacão solemne de que ao lado do nosso Rei estará sempre o exercito, quer nas horas das alegrias e das festas, quer nos momentos angustiosos das grandes desgraças nacionaes, que Deus afaste, certos, todavia, de que o nosso posto de honra defendendo o Rei e a Patria, será mantido com tão indomavel coragem e esforçado valor, como é intemerata a nossa fé, radicada e firme a nossa lealdade.



Apreciação succinta dos resultados das experiencias de tiro e dos fogos de guerra executados na ESCOLA PRATICA DE INFANteria no periodo de instrucção de 1899-1900.

(Continuado do n.º 12, 3.º anno)

Fogos de guerra

Fizeram-se no corrente anno dois exercicios contra artilheria, dois contra infanteria e outros dois contra destacamentos mixtos de infanteria e cavallaria, com o fim de se proseguir nos estudos encetados nos annos anteriores sobre a vulnerabilidade dos diversos dispositivos das tropas em combate em terrenos differentes e tão variados quanto possível.

O primeiro exercicio contra artilheria teve logar no dia 8 de agosto. Os alvos representavam uma bateria de 6 peças em dispositivo de combate com o seu primeiro escalão da reserva e as respectivas reservas de pessoal e de gado. Os fogos foram executados pela companhia normal de instrucção, na força de 130 praças de fileira, a diversas distancias desde 2000 até 1000 metros.

A' distancia de 2000 metros, e empregando-se a linha de mira correspondente á distancia de 1825^m, a companhia normal de instrucção, em linha, fez uma serie de 10 tiros por praça em descargas geraes; 2 balas attingiram os serventes das peças e 3 o gado dos armões; mais 2 bateram nas peças. O por $\frac{0}{10}$ foi de 0,5.

A' distancia de 1800^m, e fazendo uso das alças conjugadas de 1650^m e de 1700^m, a companhia na mesma formação fez outra serie de 10 tiros por praça em descargas por pelotão; 2 balas tocaram os serventes das peças e 4 os conductores, 4 attingiram o gado e 2 o material. O por $\frac{0}{10}$ foi de 0,9.

A' distancia de 1700^m, empregando-se as alças conjugadas de 1550^m e de 1600^m, a mesma companhia em atiradores fez outra serie de 10 tiros por praça em descargas por pelotão; 4 serventes das peças e 4 conductores foram attingidos, e alem d'isso 3 balas bateram no gado e outras 3 no material. O por $\frac{0}{10}$ foi de 1,1.

A' distancia de 1450^m, empregando-se a linha de mira de 1375^m; a companhia ainda em atiradores fez outra serie de 10 tiros por praça em descargas por secção; 7 balas attingiram os serventes das peças e 4 os conductores, mais 12 bateram no gado e 6 no material. O por $\frac{0}{10}$ foi de 3,0.

Finalmente a 1000^m de distancia, empregando-se a linha de mira de 975^m, a companhia em atiradores fez uma ultima serie de 10 tiros por praça em fogo lento; 2 balas attingiram os serventes das peças e 2 os conductores, e mais 2 bateram no gado e 3 no material. O por $\frac{0}{10}$ foi de 0,7.

N'este exercício os alvos que representavam a bateria de combate, isto é, as peças e os respectivos armões com os seus serventes e conductores, estavam collocados sobre uma crista no alto do espaldão da carreira de tiro e na depressão que lhe fica ao nascente. A não ser atraz do flanco direito da bateria, onde o cabeça do espaldão se alongava na direcção do eixo da carreira de tiro, o terreno descia tão abruptamente para a retaguarda das peças, que o effeito da razança dos projecteis da infantaria devia ser muito pequeno, mesmo quando se atirava ás maiores distancias, em que o ramo descendente das trajetorias é bastante curvo. Pode pois dizer-se que, afora os serventes das peças, que foram attingidos todos por tiros directos, os demais pontos de im-pate foram obtidos pelo tiro mergulhante, que á distancia de 1450^m produziu o seu maior effeito.

Nota-se n'este exercício que o fogo só começou a ser efficaz á distancia de 1700^m, em que o por % começou a ser superior á unidade. Este mesmo resultado tinha já sido obtido em 1896, em 1897 e em 1898, em que, com pequenas modificações, se executou este mesmo exercício. Pode pois escrever-se com grande probabilidade de não errar, que o fogo da infantaria contra artilheria em dispositivo de combate só começa a produzir effeitos apreciaveis de 1700^m para baixo.

E' curioso ver que n'este exercício a uma distancia manifestamente exagerada, os seus effeitos tomados na totalidade foram ainda assim relativamente importantes, poisque com o dispendio apenas de 6257 cartuchos, ou seja um pouco mais de 48 cartuchos por praça, uma companhia de 130 homens de fileira conseguiu, em condições de terreno bem desfavoraveis, empregar 37 balas nos serventes ou conductores da bateria inimiga e 24 no gado. E' provavel que no combate real estes effeitos não fossem tão consideraveis devido á falta de serenidade dos atiradores e aos erros na apreciação das distancias; mas mesmo feitas as reduções convenientes seriam ainda muito importantes, se se tiver em attenção que a infantaria gastaria apenas uns 30 minutos para percorrer um kilometro e consumir os 48 cartuchos por praça em fogo muito pausado.

*
* * *

O segundo exercício contra artilheria foi feito no dia 9 de agosto. A companhia normal de instrucção, na força de 126 praças de fileira, começou o fogo á distancia de 1550 metros dos alvos que representavam a bateria inimiga, como no exercício precedente, e avançou depois successivamente até á distancia de 1000 metros da artilheria.

A' primeira distancia que, como acima dissemos, foi de 1550^m, a companhia em linha, empregando a linha de mira de 1450^m, fez uma serie de dez descargas geraes; 5 balas attingiram os serventes das peças e 11 os conductores dos armões, 6 bateram nos conductores da ultima linha dos carros de munições e 17 nas praças da reserva da bateria; o gado foi attingido por 17 balas e o material por 7. O por % geral foi de 5,1.

A' distancia de 1420 metros a companhia em atiradores, usando do linha de mira de 1325^m, fez uma serie de 10 tiros por praça em fogo por descargas de pelotão; 9 balas attingiram os serventes das peças e 5 os conductores dos armões; alem disso 13 balas tocaram os conductores dos carros de munições e 16 os homens da reserva da bateria; o ga-

do foi attingido por 38 balas e o material por 12. O por % geral foi de 7,6.

A' distancia de 1270 metros, e empregando a linha de mira de 1225^m, a companhia em atiradores fez outra serie de 10 tiros por praça em descargas por pelotão; 4 balas attingiram os serventes das peças e 13 os conductores dos carros de munições e 44 bateram nos homens da reserva da bateria; alem d'isto 40 balas attingiram o gado e 13 o material, O por % geral foi de 10,5.

A 1170 metros de distancia, empregando-se a linha de mira de 1125^m, a companhia em atiradores fez outra serie de 10 tiros por praça em descargas de pelotão; 10 balas attingiram os serventes das peças e 7 os conductores dos armões; 4 balas tocaram os conductores dos carros de munições e 35 os homens da reserva da bateria; alem d'isto 30 balas attingiram o gado da bateria e 20 o material. O por % geral foi de 8,5.

Finalmente a 1000 metros de distancia, empregando-se a linha de mira de 975^m, a companhia em atiradores fez uma ultima serie de 10 tiros por praça em descargas por secção; 24 balas attingiram os serventes das peças e 17 os conductores dos armões: mais 16 balas tocaram os conductores dos carros de munições e 64 os homens da reserva da bateria; o gado foi attingido por 55 balas e o material por 25. O por % geral foi de 16,3.

A posição occupada pelos alvos, que representavam a bateria inimiga, era a mesma de identico exercicio feito no anno passado: uma crista seguida de um terreno ligeiramente ondulado e em rampa suavemente ascendente. A dispersão das balas lançadas pela infantaria em todas as series de tiros, que fez, foi enorme, attingindo sempre com grande densidade todo o espaço occupado pela bateria inimiga, isto é, uma zona de uns 100^m de profundidade aproximadamente. Poucos alvos deixaram de ser tocados. Pode inferir-se d'aqui o perigo que corre uma linha de artilheria occupando o bordo de um planalto, quando for atacada por infantaria, e esta se achar a distancias inferiores a 1500^m.

Os resultados d'este exercicio no corrente anno e no anno passado são tão significativos, que nos levam a aconselhar á nossa artilheria de campanha a grande conveniencia de afastar, muito mais do que o faz actualmente, todos os elementos do primeiro escalão da reserva das baterias, excepto os carros de munições que abastecem directamente as peças, a fim de os collocar fóra da zona eficazmente batida pelos fogos de infantaria, que forem dirigidos para as baterias de combate. Bem sabemos que este expediente, aliaz já empregado em alguns exercitos estrangeiros, tem tambem seus inconvenientes, pois retarda os movimentos de avanço ou de retirada da artilheria no campo de batalha; mas as vantagens d'elle parece-nos que sobrelevam aos inconvenientes, pois não está ainda bem provado que a artilheria careça de fazer grandes deslocções durante o combate, quando as suas posições iniciais tenham sido convenientemente escolhidas em conformidade com os projectos do commandante em chefe. O abuso da mobilidade da artilheria no campo de batalha tem tambem seus inconvenientes graves, porque por um incidente imprevisito, aliaz frequente nas evoluções da artilheria, podem as outras armas ficar privadas do seu valioso concurso nos momentos em que este lhes devesse ser um poderoso auxiliar.

No presente exercicio, em que cada praça da companhia de infantaria gastou, como no exercicio procedente, um pouco mais de 48 cartuchos, 333 balas attingiram o pessoal da bateria inimiga e 180 o gado.

Estes numeros são sufficientemente expressivos para nos dispensarem de fazer largas considerações, pois que, mesmo feitas todas as correcções, elles indicam uma perda de tal modo consideravel em pessoal e gado para uma só bateria, que esta ficaria certamente em bem criticas circumstancias no fim de 20 a 25 minutos, que tanto seria o tempo preciso para a infantaria percorrer os 550^m e consumir pausadamente os 48 cartuchos por praça.

Pretendeu-se no corrente anno, fazendo os dois precedentes exercicios, estudar os effeitos do fogo da fuzilaria sobre uma bateria em formação de combate, occupando esta duas posições differentes, uma extremamente desfavoravel para a acção dos fogos de infantaria e a outra regularmente favoravel. Os resultados, como vimos, demonstraram-nos, que mesmo nas mais desfavoraveis condições a infantaria em atiradores pode lutar com probabilidade de exito contra a artilheria de campanha a distancias inferiores a 1700 metros, quando essas distancias poderem ser avaliadas com sufficiente aproximação. Para alem de 1700^m será preciso que a infantaria em numero mais avultado faça um largo consumo de munições para conseguir effeitos apreciaveis. Portanto só em condições muito excepcionaes, como por exemplo, a necessidade absoluta de fazer afastar a artilheria inimiga ou desviar a sua attenção, quando se pertenda fazer um energico movimento offensivo e não se possua artilheria alguma para contrabater a contraria, ou ainda quando, tendo-se uma infantaria superior, se está momentaneamente privado do concurso da artilheria amiga. Em taes circumstancias concebe-se o emprego de grandes massas de fogos, pois o reabastecimento de munições da infantaria é relativamente facil, e com um grande consumo de cartuchos em um tempo muito restricto poderá obter-se em bastantes casos a acção moral e material necessaria para se conseguir o fim desejado.

Comquanto a missão da infantaria não seja precisamente a de lutar contra a artilheria contraria, é certo que ella possui os meios necessarios para essa lucta em condições regulares, embora deva evitar essa conjectura o mais que lhe for possivel. O effeito dos fogos de artilheria contra a infantaria movendo-se em atiradores ou em formações de costado a dois com largos intervallos é relativamente pequeno, e por isso a infantaria terá sempre a possibilidade de se aproximar a uma distancia comprehendida entre 1700 e 1000 metros da artilheria inimiga, para a esmagar em poucos minutos com uma verdadeira chuva de projecteis, a despeito mesmo das suas peças de tiro rapido, uma vez que o inimigo não possa oppor-lhe uma força de infantaria sufficiente para impedir os seus progressos, e que haja meios faceis de a reaprovisionar de munições. Nem sempre será, porem, coisa facil reunir todas as condições precisas para assegurar o successo á infantaria atacante, e por isso serão raros, como dissemos, os casos, em que tenha de se recorrer a este expediente, que aliás é novo nos annaes da guerra.

*

* *

O terceiro exercicio dos fogos de guerra no corrente anno, muito semelhante a um outro executado no anno passado, teve lugar em 10 de agosto, e foi especialmente destinado a verificar qual a vulnerabili-

dade do dispositivo de combate de um destacamento constituído por duas companhias de infantaria na defensiva, tendo a sua linha de combate em uma crista e a reserva representada em duas formações, a columna de companhia e a columna aberta por pelotões de costado a dois, a 220^m á retaguarda, no fundo de uma forte depressão do terreno. O terreno que recebia as balas era n'este caso inclinado para baixo das linhas de mira do atacante, e a reserva inimiga era invisível para este.

O fogo lento começou a 850 metros, feitos por 24 bons atiradores da companhia normal de instrução contra os alvos, que representavam a linha dos exploradores inimigos. Depois de uma serie de 10 tiros por praça em fogo lento verificou-se que os alvos tinham sido atingidos por 10 balas, sendo o por $\%$ de 4,3.

Os exploradores da companhia normal de instrução avançaram depois um lanço de uns 100^m, e fizeram uma nova serie de 10 tiros por praça em fogo lento, empregando a alça de 800^m. Apenas 6 balas tocaram os exploradores inimigos, sendo o por $\%$ de 2,5.

A companhia desenvolveu em seguida dois pelotões em atiradores e reforçou os seus exploradores, fazendo depois toda a linha uma serie de 10 tiros por praça em descargas por pelotão contra a linha de combate do destacamento inimigo, que se achava então á distancia de uns 1000 metros. A linha de mira empregada foi a de 975^m e o por $\%$ obtido foi de 6,1.

A companhia normal de instrução avançou depois um grande lanço, e foi tomar uma nova posição á distancia de uns 650 metros da linha inimiga, fazendo em seguida uma outra serie de 10 tiros por praça em descargas por pelotão, empregando a alça de 700^m. O por $\%$ foi de 13,0.

A companhia atacante avançou depois um novo lanço e foi estabelecer-se a uns 530^m de distancia da linha de combate do inimigo; o 3.º pelotão reforçou n'este momento a linha de combate da companhia normal de instrução, e esta fez em seguida uma serie de 10 tiros por praça em fogo vivo contra a linha inimiga, empregando a linha de mira de 625^m. O por $\%$ foi de 7,3.

A companhia atacante avançou finalmente até á distancia de uns 250^m do inimigo, e executou uma ultima serie de 9 tiros por praça em fogo de repetição. O por $\%$ foi de 6,8.

*

* *

Do estudo detido das percentagens acima indicadas pode deduzir-se que o fogo dos exploradores tem taticamente um valor insignificante, e que por isso poderá servir apenas em alguns casos para provocar o do adversario, fazendo com que este denuncie prematuramente a sua posição pelo som dos seus tiros, visto que a falta do fumo não permite já a utilização d'este meio de reconhecimento. Parece-nos pois que a missão principal dos exploradores deverá ser: na offensiva, reconhecer o terreno que tem de ser percorrido pela linha principal de combates, prevenindo esta em tempo opportuno de todos os obstaculos que irá encontrar no trajecto e do modo porque esses obstaculos poderão ser transpostos ou torneados, e que alem d'isso lhes cumpre tambem proteger-a contra as surpresas do inimigo, e evitar que ella tome uma falsa direcção; na defensiva, os exploradores poderão tambem ser aproveitados para denunciarem a tempo a aproximação das forças inimigas, para

tentar alguma surpresa, para induzir o inimigo a fazer prematuramente o seu desenvolvimento e a tomar falsas direcções, e finalmente para procurar por todos os modos penetrar nos designios do inimigo. Vê-se pois que o resultado dos fogos dos exploradores n'este exercicio veio confirmar plenamente as deducções já feitas nos annos anteriores.

E' para notar n'este exercicio, que os fogos collectivos executados pela linha de combate da companhia atacante foram sempre muito mais efficazes do que os tiros individuaes dos exploradores, mesmo quando aquelles foram feitos a distancia bastante superior. Este facto parece vir corroborar o que já deixamos dito, quando tratamos de analysar os resultados dos fogos collectivos de combate, isto é, que a efficacia dos fogos collectivos augmenta de um modo imprevisto, quando esses fogos são dirigidos contra linhas de alvos com intervallos muito reduzidos, o que justificará em certas circumstancias o começar-se o fogo a distancias enormes.

Merece tambem mencionar-se a circumstancia de ter a reserva do destacamento inimigo sido bastante attingida pelas balas, quando o fogo foi executado á distancia de 650^m contra a sua linha principal. A reserva era então invisivel para o atacante, e achava-se representada em duas formações differentes, como dissemos, em columna de companhia e em columna aberta de costado a dois; na primeira d'estas formações a reserva recebeu 5 balas e na segunda apenas uma. Ainda á distancia de 530^m da linha de combate do destacamento da defeza os effeitos da razança se fizeram sentir sobre a reserva nas duas formações, pois que no primeiro caso ella foi attingida por duas balas e no segundo por uma. Isto mostra-nos, que mesmo em uma forte depressão do terreno situada a uma pequena distancia atraz da linha de combate, onde pareceria estar desenfada, a reserva deve proteger-se sempre contra os effeitos da razança dos tres inimigos dirigidos contra a sua linha de combate, porque é muito difficil determinar o momento e a distancia a que esses effeitos se farão sentir mais, pois isso está dependente de muitas circumstancias, que no combate e até mesmo em tempo de paz é impossivel precisar. As proprias formações de costado não garantem totalmentd a reserva de ser attingida por algumas balas, embora sempre em menor numero, e por isso convirá procurar sempre os abrigos naturaes do terreno ou creal-os mesmo, quando os não haja naturaes e tenha de se permanecer no mesmo lugar por bastante tempo. E' esta a conclusão a que nos leva a discordancia dos resultados da razança dos tiros nos dois exercicios semelhantes executados no corrente anno e no anno passado, pois n'este o maiores effeitos de razança foram produzidos á distancia de 1000^m.

Ainda uma ultima observação. A media das percentagens obtidas nos fogos por descargas contra a linha principal do inimigo (9,5 por %) ás distancias de 1000 e de 650 metros foi bastante superior ás percentagens obtidas ás distancias de 530^m (7,3 por %) em fogo vivo e de 250^m (6,8 por %) em fogo de repetição, o que vem confirmar em absoluto o principio já deduzido em experiencias anteriores, de que a grande velocidade do tiro prejudica consideravelmente a sua justeza e que este prejuizo é directamente proporcional á velocidade do fogo, demonstra-o tambem a nossa experiencia do corrente anno, pois o por % do fogo vivo a 530^m foi superior ao do fogo de repetição a 250^m. Convem pois ter sempre bem presente este principio na direcção dos fogos, afim de não se permittir a acceleração do tiro senão em condic-

ções muito expeccionaes e só justificadas pela acção moral, que é necessario algumas vezes exercer pelos fogos rapidos em determinados momentos de combate.

(*Continúa*)

FRANCISCO RODRIGUES DA SILVA
Coronel de Infantaria

A CHIMICA NA GUERRA FUTURA

A interessante revista americana *The Home Magazine*, publica, com o titulo *a guerra do futuro*, um curioso artigo, ácerca do qual vamos dar aos leitores da «Revista de Infantaria» uma rapida analyse. O auctor é Hudson Maxim, inventor muito conhecido de numerosos engenhos explosivos applicados á guerra.

Propoz-se Maxim no artigo referido, refutar o celebre livro de Bloch, que recentemente fez tanto ruido, e expor pelo menos em principio e nas suas generalidades, algumas novas invenções, diz elle, para modificar profundamente a physionomia das luctas futuras. Depois de ter demonstrado que, contrariamente á opinião do escriptor russo, a guerra persistirá sempre como um phenomeno possível, provavel e até mesmo necessario, Hudson Maxim transporta-nos aos campos de batalha do futuro e mostra-nos alguns meios d'acção ainda não empregados até hoje, mas que a sciencia moderna porá á disposição dos combatentes.

Para a artilheria serão os canhões lança torpedos, cujo projectil não servirá sómente para abrir brecha nas fortificações mais solidamente construidas, antes poderá tambem ser empregado como fumigatorio para cegar com uma nuvem espessa e opaca, a frente das posições inimigas. Empregar-se-hão granadas torpedos, cuja capacidade interior será dividida em duas camaras, contendo, uma gaz ammoniaco liquifeito, a outra acido chlorhydrico; uma carga reduzida de algodão polvora bastará para produzir a explosão do torpedo e a combinação das duas substancias chimicas desenvolverá uma quantidade consideravel de vapores am-

moniacaes espessos, pela acção do acido chlorhydrico em presença da ammonia.

Com o auxilio d'esta nuvem, a infantaria assaltante avançará quasi sem risco algum. Pelo mesmo processo será possível occultar ao inimigo os movimentos executados para um ataque de flanco, ou finalmente no caso de insuccesso proteger uma retirada, vindo o auctor buscar á natureza um exemplo bem conhecido d'um molusco, o *choco*, que emite um liquido negro, escurecendo a agua, para deter os adversarios que o perseguem. Mas admittida a ideia de se empregarem os projecteis como vehiculos de substancias chimicas, o campo é muito vasto para applicações bem variadas. Assim Maxim imaginou torpedos aereos, eguaes a gigantescas *schrapnells*, onde as ballas seriam substituidas por capsulas metallicas contendo acido sulphurico anhydro. Quando rebentassem aquellas, as capsulas seriam espalhadas por uma grande superficie e como estivessem munidas de orificios, ellas emittiriam vapores densos e queimantes de acido sulfurico concentrado. Lançar-se-hiam bombas carregadas com cyanetos d'arsinico, de acido granhydrico, etc., lançando-se a morte nas linhas inimigas por envenenamento. Cahindo no interior das cidades eguaes bombas, iriam produzir efeitos excessivamente desagradaveis, podendo mesmo serem provocados incendios em grande numero, por processos analogos. Estamos citando o auctor e concordamos n'alguns pontos, cujo resultado talvez fosse pratico; mas não podemos concordar quando diz: «As leis internacionaes oppõem-se ao emprego de taes engenhos, apenas estas leis são obstaculos creados para os fracos, e pertence aos fortes quebral-as.»

Voltando depois com sentimentos melhores, o celebre inventor, depois de ter indicado os diversos meios de dizimar a humanidade, quer tambem mostrar-nos que tambem se applica a descobrir os meios de protegela. E' assim que elle, ao lado dos canhões lança-torpedos, nos apresenta a charrua com dynamite para cavar as trincheiras.

Seria esta uma carruagem automovel com bastante vapor para poder deslocar-se rapidamente, e munida d'uma especie de alavanca-sacho, capaz de cavar no terreno buracos de profundidade differente, conforme a natureza d'esta, e enterrar ali cartuchos de dynamite ou d'outro explosivo analogo. Estes cartuchos teriam um systema de inflammação funcçãoando algum tempo determinado de-

pois da passagem da charrua. Com um semelhante aparelho poder-se-iam cavar em alguns minutos trincheiras para milhares d'homens. E far-se-ia sem perigo e sem que a charrua corresse risco de ser promptamente destruida pelo fogo inimigo, se houvesse o cuidado de praticar a operação atraz indicada, protegendo-a com a nuvem fornecida pela explosão d'alguns obuzes fumigatorios.

A descripção da charrua para trincheiras fica um pouco vaga, bem como a dos canhões e projectis, porque o auctor não tem contracto algum com qualquer potencia para lhe assegurar as propriedades das suas invenções; elle apenas as expõe nas suas generalidades e nas suas concepções, reservando os detalhes de construcção e os segredos de fabrico.

Maxim affirmava que ha de revolucionar a guerra no futuro, recorrendo a processos chimicos, o que será muito possivel. Já é vastissimo o resultado obtido nas applicações da chimica ás guerras modernas, e será muito possivel que ás acções chimicas estejam ainda n'um estado muito embryonario, se attendermos á lei da transformacão da materia descoberta pelo immortal chimico francez Lavoisier.

A Natureza, que é muito previdente, irá certamente proporcionando aos homens descobertas maravilhosas, para aproveitarem a materia que nos desapparece n'um estado, para apparecer n'um estado differente, conservando-se a invariabilidade da massa; por isso não será motivo para surprehender que no futuro, os vapores que animam as poderosas machinas, produzidos pela acção de grandes massas de combustiveis, se obtenham pelas forças expansivas de gazes, obtidos pelas acções chimicas, assim como depois de numerosos seculos para se realisar a transformacão da materia, se recorra ás acções chimicas, cujo emprego Maxim actualmente phantasia.

JOÃO A. CORREIA DOS SANTOS.

Alf. de Caç. n.º 2 d'El-Rei.



OS EXERCÍCIOS D'OUTONO

Continuado do n.º 11, 3.º anno

Tendas abrigos. — A propria palavra as define e mostra as suas vantagens e a grande utilidade e commodidade que offerecem ás tropas.

Nos ultimos exercicios foram distribuidas aos corpos de caçadores, que constituíam a brigada sul, porque tiveram sempre de bivacar.

As vantagens e a grande utilidade das tendas-abrigos é tal que causa pasmo como não estejam distribuidas aos corpos, ou como não haja uma grande reserva d'ellas.

Para operações da pequena monta, para uma simples noite passada ao relento e em boa epocha estival, podem-se dispensar certamente, mas nas operações demoradas e nas epochas rigorosas do inverno não será util nem vantajosa a falta completa do seu emprego; *á priori* se depreheende isto mesmo e *á priori* se dispensam mais rasões; tal a vantagem, tal a necessidade.

Nos acantonamentos não se pode ter muita confiança, porque pode succeder, como succedeu em Bellas, não ter o estado maior tempo para estudar os recursos locais, ou pode ter que luctar com difficuldades pouco faceis de vencer, ou pode tambem escacear o povoado.

O que é verdade é que em Bellas, se não fossem as tendas, os corpos de caçadores teriam passado uma má noute, bem como em Montelavar e Algueirão, embora aqui já se contasse com o bivaque.

Se não fossem as tendas-abrigos como se aguentariam em 1871, por um rigoroso inverno, cheio de neves e gelos, as tropas improvisadas do valoroso Chanzi?!

E se os nossos soldados tiverem um dia de supportar a dura infelicidade de serem lançados para os escarpados da Beira ou para os al-

cantis de Traz-os-Montes, terão mil inclemencias a soffrer para ao cabo serem ingloria e infructiferamente lançados para uma cama ou evacuados para um hospital, porque nós não temos tendas abrigos que os protejam e os guardem das inclemencias do clima.

E' na paz que se prepara a guerra; é velho e está muito dito, mas é sempre verdade. Por isso, obedecendo a esta ideia e pondo de parte o preconceito de critica, diremos que já se devia ter estudado um meio de augmentar o seu numero, um local em que ficassem á mão dos corpos e unidades, e não guardadas como reliquia pelo deposito do material de guerra, e que já se devia ter estudado um processo de as segurar e supportar sem recorrer á arma do soldado, o que arasta inconvenientes gravissimos e que todos conhecem.

Sendo ellas, como são hoje, transportadas nos carros de bagagens, não seria difficil empregar varas espezias que muito bem podiam substituir as armas, pois que pouco augmentariam o volume, e o que tambem não augmentaria muito o seu pezo.

Cozinhãs e material de bivaque. — São bellas e bonitas as cozinhãs construidas em terrenos virgens, argilosos e calcareos e em que ha excellente barro e pedra apropriada para fazer, por mãos habeis de soldado artista, uma elegante chaminé afunilada e que suba para o ceu, mas detestaveis para o fim a que são destinadas.

Felizmente que já todos os officiaes estão convencidos d'isto mesmo.

Devido a essa convicção nem sempre se empregaram, mas aquelles que procuraram satisfazer aos preceitos regulamentares soffreram-lhe as consequencias. A construcção é difficil, demorada e requer pessoal habilitado, e a tiragem e distribuição do fogo é difficil e sempre irregular, embora o vento seja favoravel, porque o rego em que assentam as cantinas não tem, nem pode ter, capacidade sufficiente, sendo quasi sempre obstruido pela terra que cahe dos taludes, ou pela lenha que se accumula.

Em todo o caso, o defeito não é só das cozinhãs; as cantinas tambem não são muito proprias e principalmente as mais pequenas; pequenas e estreitas, como são, não se podem collocar satisfatoriamente entre os taludes, além de obrigarem a alongar muito o rego.

Não são, comtudo, só estes os inconvenientes que nos obrigam a demorar a nossa attenção sobre este ponto.

O actual jogo de cantinas só pode cozinhar rancho para 126 praças, quando uma companhia mobilisada tem 250 praças, isto é, são necessarios dois jogos de cantinas.

Ora não será melhor e preferivel augmentar as dimensões das cantinas de maneira a ficar só um jogo? Certamente, porque forma um volume menor, porque é mais facil, tendo maiores dimensões, adaptal-as ás cozinhãs, porque é menor o numero de cantinas, porque não obriga á construcção de tanta cozinha, e, finalmente, porque não emprega tanto pessoal, nem exige tanto trabalho.

O restante material de bivaque não corresponde; os barretes de clerigo, além de não serem proprios nem commodos, são em numero insufficiente; os odres, com a falta d'uso, estão geralmente podres e não dão resultado; as lanternas, com os seus vidrinhos frageis e sem resguardo e com a sua luz mortiça, são um empecilho; os saccoes e as redes são bons, mas em numero muito limitado.

Pipas d'agua e tanques de lona. — A procura e conducção d'agua constituem dois grandes flagellos.

E' cruel, depois d'uma marcha grande, como foi a de Bellas a Cheleros, e d'um exercicio prolongado, obrigar os soldados a percorrer, debaixo d'um sol ardente, grandes distancias para conduzir para os bivaques a agua necessaria para o rancho e consumo.

Se os regimentos estivessem dotados com uma pipa para agua, muito se aliviaria o soldado e um grande beneficio se faria á disciplina. Com a insufficiencia dos barretes de clerigo esta falta é muito aggravada, não só pelas caminhadas constantes a que obriga, mas tambem pela falta d'agua que sempre ha nos bivaques.

O emprego dos tanques de lona não faria desapparecer as constantes e desmoralisadoras caminhadas dos soldados, mas permittiria ao menos haver sempre uma reserva d'agua para rancho e para o consumo dos soldados.

Os inglezes, na guerra do Transvaal, fizeram um grande uso das pipas d'agua, e muito principalmente na divisão de Methuen.

O trem regimental de cada batalhão foi augmentado com uma pipa para agua e pela descripção das operações vê-se os serviços importantes que prestaram e as fadigas e as indisciplinas que evitaram, o que facilmente se comprehende.

A administração militar. — A administração militar, em tempo de manobras, lança sobre si a attenção do publico em geral.

Uns, vendo que ella nem sempre tem correspondido ás obrigações que lhe são impostas pelas necessidades sempre reaes das forças em exercicios e levados pelo pessimismo ou espirito de tudo dizer mal, não acreditam que ella se desempenhe bem da sua ardua tarefa; outros, não sentindo as commodidades da vida quotidiana, lançam as culpas para a administração militar sem procurar saber se a ella lhe cabem, outros finalmente, embora a administração commetta faltas, não procuram saber se é ella a culpada verdadeira.

Nós, levados pelo espirito da justiça, diremos, antes de procurarmos os defeitos que a fazem enfermar, que d'esta vez se portou bem. Houve faltas, mas que foram motivadas por causas que não são faceis de evitar.

O primeiro defeito com que ha a luctar é organico.

Depois da ultima reorganisação ficou com tantas cabeças, tanta gente a mandar sobre ella, que logo ás primeiras tentativas de organizar um comboio administrativo se estabelece uma verdadeira confusão.

O ministerio da guerra e a 5.^a repartição, a repartição d'abonos e processos surprehendem sobre todos os serviços da administração.

O director da manutenção militar, conforme a palavra indica, dirige, mas os commandantes das companhias, na sua qualidade de commandantes, pois que as companhias tem character independente, commandam, resultando de todo, como é facil de ver, o haver verdadeiras incompatibilidades em muitas ordens, que nem sempre se pôdem cumprir por irem d'encontro umas ás outras.

São, portanto, 4 entidades, a mandar; pois devido a isso, resultou que as viaturas só fossem entregues aos chefes dos serviços administrativos na tarde da vespera do dia da partida, que tinha que ser de manhã cedo.

A maneira como essas viaturas foram apresentadas não é muito animadora, pois que havendo material diverso, animal nem todo apropriado,

do e pessoal nada adestrado e limitadissimo, energica tinha de ser a acção dos chefes para tudo correr bem, como, em geral, correu.

Foi realmente energica essa acção e nós não temos escrupulo algum, antes prazer em deixar gravado nas paginas d'esta «Revista» essa acção energica, o trabalho incessante e a inexcedivel boa vontade e dedicacção de que esses officiaes deram provas, provas brilhantes e que muito os honram.

Fechado este parenthesis, diremos que necessario será, para estes serviços correrem bem, que se dê á administração recursos proprios e que não se lhe empreste material, animal e pessoal.

A existencia de officiaes almoxarifades nas companhias d'equipagens não se justifica bem, pois que n'estas occasiões tomando os officiaes da administração militar a direcção e commando dos comboios administrativos, como tomaram, extranhará o soldado, que obdece, e o official, que manda.

Alem de tudo isso ha mais o atrophiador regimen da *papelada*, que lhe absorve a attenção e que lhe gasta a existencia, e a falta de pratica do que a maioria fatalmente tem de se resentir.

Para evitar este mal necessario se torna organizar exercicios apropriados e onde possam praticar annualmente.

Para estes exercicios, em pequena escala, não foi necessario estabelecer linhas de *etapes* com as suas estações *testas d'etapes* e *estações de transição*, isto é, não se organizou o serviço da 2.^a linha, o serviço da retaguarda, pois que apenas se formaram *depositos de fornecimento*, armazens provisorios e os comboios administrativos, que transportaram os generos de deposito para deposito, podendo contudo considerar-se estes depositos (principalmente para a brigada sul) verdadeiras *testas d'etapes*.

O local dos *depositos de fornecimento* é indicado pelo estado maior; não deve ser muito proximo dos estacionamentos das tropas para não os sujeitar ás contingencias d'um ataque ou surpresa, mas tambem não devem ser muitos distantes para não gastarem os *trens regimentaes* e *secções de quartéis* muito tempo no trajecto, o que representa fadiga para os homens e demora para a confecção do rancho. Estes locais nem todos elles foram bem escolhidos.

Trem regimental. — Foram distribuidos aos regimentos um carro de bagagens e uma viatura de viveres. As instrucções diziam que a cada regimento seriam fornecidas duas viaturas de viveres, porém, por motivos que não sabemos bem, mas que não é difficil de comprehender, foi distribuida sómente uma viatura de viveres a cada regimento, embora fosse de typo grande.

As consequencias foram perniciosas, pois que tendo uma viatura de transportar o volume que pertencia a duas, resultou ser necessario carregar demasiadamente, o que por vezes retardou a marcha; o animal, n'estas condições, tem a lutar com difficuldades que nem sempre são facteis de vencer.

Se cada regimento estivesse dotado com o material que lhe pertence já não succederia o mesmo, não haveria penuria, não haveria animal e material dado por favor e não deixaria de ser apropriado: mas não nos antecipemos, vamos narrando os factos e depois chegaremos com fundamento ás conclusões.

Este systema de galeras não é pratico nem apropriado, pois que só por estradas excellentes pode dar resultado.

Se os regimentos de infantaria tivessem de bivacar ou acantonar

em terreno accidentado e em locais distantes das estradas, como tantas vezes pode succeder, teriam de empregar os soldados na condução dos generos, pois que as galeras não iriam lá. Quanto ás consequencias e ao effeito desmoralizador, nem é bom pensar.

Para estes casos o que é pratico e o que devia haver, e o que venceria todas as difficuldades, quanto à nossa opinião, era um ou mais jogs de cangalhas que podessem ser transportados a dorso das muares.

Além da muar ser resistente e propria para marchar por todos os terrenos, teria mais a vantagem de carregar primeiramente nos depositos de fornecimento da administração militar os generos que mais falta fizessem para a confecção do rancho, sem estar á espera d'aquelles que se podem receber mais tarde. Assim podia-se levar os generos a toda a parte e podia-se adiantar a confecção do rancho e antecipar a sua distribuição.

Sem querermos antecipar a conclusão principal a que pretendemos chegar, como já dissemos, iremos contudo dizendo que deviam fazer parte da carga do material dos regimentos.

Talvez não agrade ao fino gosto de muitos o tratarmos, no principio do seculo, em que o automobilismo está entrando na aurora d'extraordinarias applicações, de coisinhas tão pequenas e que indicam vistas tão pouco em harmonia com os progressos agigantados que em todas as nações se manifestam, mas perante os nossos recursos seria uma doce chimera o nós alimentarmos essa fagueira esperanza.

Na guerra do Transwaal e nas ultimas manobras francezas e alle-mãs empregaram-se os automoveis, principalmente nos serviços da re-taguarda, mas nós que vemos o nosso ministerio da guerra com uma dotação que nem sequer permite que se apresentem os effectivos completos e que reconhecemos que não se podem fazer esses ensaios, contentar-nos-hiamos em ver os regimentos dotados com meios de condução apropriados e praticos.

E' certamente pedir pouco, mas é certamente pedir justo.

(*Continua*).

DAVID RODRIGUES
Aferes d'infanteria.

Marchas e combates de noite

Breves apontamentos

Sendo muito restrictos os nossos regulamentos sobre esta parte que, aliás, precisa ser estudada com todo o desenvolvimento, porquanto é de esperar que nas guerras fu-

turas as marchas e os combates n'estas condições se executem amiudadas veses, ousamos escrever algumas linhas sobre tal assumpto, devendo o leitor partir do principio que não apresentamos novidades e que apenas tivemos em vista compilar, n'estes ligeiros apontamentos, varias indicações apresentadas por alguns escriptores estrangeiros.

Muito de leve fallaremos sobre o emprego das duas armas (artilheria e cavallaria) nos combates de noite, porquanto apenas nos propomos estudar em relação á arma d'infanteria, pois que apesar dos valiosos esforços que todas as outras podem empregar no concurso d'estes combates, é a infanteria a mais apta para combater n'estas circumstancias.

E' devido ao espantoso aperfeiçoamento das armas de fogo que a necessidade de marchar e combater de noite se impõe com toda a força, mas se por um lado se pretende poupar os homens á acção destruidora do fogo, por outro lado a sua saude é fortemente prejudicada, pois que se lhe rouba uma grande parte do repouso necessario para a reparação das forças, que em companhia são bem prejudicadas, augmentando assim o numero d'aquelles que se hão de tornar impróprios para a continuação da guerra.

Em presença, portanto, de nas futuras guerras haver necessidade de amiudadas veses marchar e combater de noite torna-se indispensavel que se densolva bastante esta especie d'instrucção.

Diz Mr. Trumelet Faber que se as manobras á luz do dia só nos dão uma vaga ideia do que será uma batalha, a da imagem do combate nocturno, quasi sempre na realidade corpo a corpo, muito menos nos poderia demonstrar os exercicios d'esta especie feitos em tempos de paz. Torna-se portanto indispensavel o conhecimento d'alguns exemplos extrahidos da historia militar e a opinião abalissada d'alguns escriptores militares, para que os exercicios a executar sobre este ramo d'instrucção sejam proficuos quanto possivel.

Devido á sua grandeza são as noites d'inverno as mais propicias para esta especie d'operações militares, pois permitem que se chegue á posição occupada pelo adversario antes do romper do dia; e para que os movimentos das tropas se façam com a maior regularidade possivel torna-se indispensavel que ellas sejam claras. Portanto, as melhores noites serão aquellas em que haja luar ou em que o ceu esteja completamente limpo, permittindo assim que a luz

proveniente das estrellas esclareça o terreno e nos possamos orientar.

O vento que soprar do lado do inimigo favorece tambem as operações nocturnas e permitirá que o attaccante se aproxime facilmente da defesa sem por esta ser pensado senão muito tardiamente.

Pelo contrario, uma grande escuridão tornará difficil e até impossivel operar de noite.

Em boas condições de claridade distinguem-se fracções de tropa até á distancia de 300 metros.

Em noite escura ainda se poderá operar, mas sómente com um pequeno effectivo, por quanto, se elle fôr grande facil será estabelecer-se a desordem e provocar a indisciplina.

A força que deve ser empregada depende do fim que se tem em vista, e não é com effectivos maiores de que os precisos para se realisar uma operação d'esta natureza que se tem certa a victoria; e o bom exito d'estes empreendimentos depende mais da audacia e do acerto da direcção, do que do effeito das armas, como diz o nosso regulamento para instrucção tactica da infantaria quando trata dos combates de noite.

Comtudo, o general Lewal diz que não são sempre as melhores noites as que convem a este genero d'operações. O máu tempo facilita a surpresa, as vedetas não estão tão vigilantes, abrigam-se e envolvem-se, não percebendo os ruidos de longe. O frio, a chuva, a neve e o nevoeiro constituem boas condições para a realisação d'uma operação nocturna.

Das marchas de noite

As marchas de noite teem, como já se disse, o grave inconveniente de prejudicar a saude dos homens e dos animaes, extenuando as suas forças a ponto tal que os tornam quasi improprios a entrar em combate durante algum tempo, males que serão um pouco attenuados se ellas forem executadas em noites de luar.

A marcha faz-se com difficuldade e os homens vencidos pelo somno marcham com lentidão, dormindo até; os animaes tropeçam amiudadas vezes e os proprios cavalleiros não se mantem convenientemente montados, adormecendo tanto uns como outros. O balacear dos cavalleiros, pro-

duzido pelo somno, dá lugar ao deslocamento do centro de gravidade, fazendo fatigar o cavallo, chegando mesmo a feril-o.

Vencidos pela fadiga os homens deixam de ser cuidadosos com o seu armamento e equipamento, bem como com o seu cavallo.

São empregadas não só para se fazer concentrar n'um determinado ponto e em certa occasião uma enorme massa de combatentes, como tambem na execução d'embuscadas, surpresas, occupação rapida d'um ponto importante do terreno, quando haja necessidade de recorrer ás marchas forçadas, ou se pretenda dissimular movimentos.

Em geral só deve marchar por uma estrada uma força d'effectivo restricto, devendo notar-se que para transpôr uma determinada distancia será preciso contar uma vez ou vez e meia a mais do tempo que é preciso gastar para se transpôr de dia a mesma distancia.

Quando se está longe do inimigo deve haver todo o cuidado em escolher o melhor itinerario, optando sempre pela melhor estrada, embora se seja obrigado a percorrer maior extensão, porquanto este inconveniente desaparece com a vantagem de se conservar maior ordem e velocidade, obtendo-se tambem menor fadiga.

Quanto possivel será reconhecida com antecedencia a estrada por onde tem de seguir a columna e, apesar d'isso, é de toda a vantagem que a força se faça acompanhar d'alguns guias, afim de facilitar a execução da marcha, evitando assim enganos nas encrusilhadas, e permittir ao official encarregado de guiar a columna verificar as indicações fornecidas pelo guia com as dadas pela carta, servindo-se, para isso, d'uma lanterna furta fogo.

O guia marchará com a flexa ou fracções mais avançadas da força encarregada do serviço de segurança, e irá amarrado quando haja qualquer suspeita, e será morto sempre que haja indicio de traição.

Cada unidade deverá, quando chegue a uma encrusilhada, tirar da cauda respectiva um graduado, que ahi deixará encarregado de indicar á unidade immediata o caminho a seguir. Este graduado segue na testa da força a que prestou a indicação e só reunirá á que pertence no primeiro alto horario que tiver logar.

Aconselha tambem o general Pédoya que é conveniente encarregar um official de mandar obstruir com ramos

d'árvores ou pedras as embocaduras das estradas ou caminhos que não devam ser seguidos.

As marchas executam-se n'um andamento moderado e reduzir-se-hão as distancias que separam entre si os diferentes escalões do serviço de segurança e bem assim as que separam estes do corpo principal, comtudo, não se supprimirá as que separam as companhias e os batalhões afim d'evitar que estas unidades se choquem. Pédoya diz que não deve ser redusida a distancia entre a guarda-avançada e o corpo principal.

O alongamento é facil, chega a ser excessivo e torna-se indispensavel obstar á sua producção. Para isso é preciso que em cada alto horario as differentes unidades vão cercando sobre a testa até terem entre si a distancia determinada.

O alongamento depende das condições de conservação em que se encontrar a estrada seguida pelo columna, sendo pequeno quando ella esteja em bom estado e consideravel quando esteja mal conservada; a duração do alto horario tambem depende do alongamento, pois ella deve ser tal que permita, depois de todas as fracções terem cerrado sobre a testa, a da cauda ter um descanso de cinco minutos. D'aqui se conclue que a duração dos altos horarios deve ser maior da determinada para de dia, e é preferivel isto a dal-os em maior numero, e a sua grandeza nunca será inferior a 15' em cada 45' de marcha.

A ordem para a execução do alto será dada a partir da frente para a retaguarda e transmittida de companhia para companhia, e quando a da cauda tenha tido o descanso já indicado (cinco minutos) dará, por um toque d'apito, o signal da partida, que será repetido por todos os commandantes de companhia.

A ligação entre os regimentos será feita por patrulhas de comunicação, que marcharão de maneira que se avisem umas ás outras.

Durante o alto não se permittirá que praça alguma, sob qualquer pretexto, saia da fórma, tendo-se assim em vista obstar ao extravio dos homens, por ser difficil de noite, quando perdido, encontrar-se a unidade a que se pertence, nem se consentirá que seja abandonado qualquer solipede para evitar que o animal, assustando-se com qualquer cousa, vá estabelecer a desordem na columna.

Quando as circunstancias o permittam, é da maxima conveniencia dar-se um alto d'uma hora de duração antes

do alvorecer, por ser n'esta occasião em que é maior a vontade de dormir, e assim se attenuará em grande parte os soffrimentos produzidos pela marcha, occasião em que tambem o cansasso é enorme. Para evitar que os homens se affastem do local d'estacionamento, será este cercado convenientemente por sentinellas.

Os preceitos indicados dispensam o estabelecimento de graduados de cavallaria, deixados pelo commandante da columna no local em que a testa fez alto, encarregados de lhes virem opportunamente annunciar de que toda a força já se encontra em marcha e da maneira como é executada. Este systema, a não ser em estradas muito largas, é prejudicial, porquanto, devido á incerteza da marcha, os homens não pôdem seguir com a regularidade que lhes deve ser exigida.

Terão que marchar quasi a passo, e mesmo assim produzir-se-ha na columna alguma desordem, e portanto com grande difficuldade poderão cumprir com o seu dever.

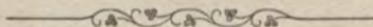
Se a columna é composta tambem de cavallaria e artilharia, estas duas armas marcham na cauda da infantaria nas marchas de frente e na testa da columna nas marchas em retirada.

Longe do inimigo poder-se-ha permittir que os homens fumem para não adormecerem, e as lanternas de que devem ir munidos os officiaes, os que d'ellas careçam para consultarem as cartas, irão suspensas e o mais perto possível do solo para não serem vistas de longe.

(*Continua*).

MIGUEL BAPTISTA DA SILVA CRUZ.

Tenente d'infanteria 1 da Rainha.



A ACTUAL SITUAÇÃO DOS MESTRES DE MUSICA

Definir os differentes graus hierarchicos, estabelecer a cada um d'elles os seus direitos e os seus deveres, afigura-se-nos que é um dos principios mais essenciaes da disciplina e da boa organização dos exercitos.

O que actualmente se está dando com a préstimosa classe dos mestres de musica, que pelos seus conhecimentos technicos teem jus a elevada consideração, não nos parece em conformidade com estes rigorosos principios.

A ultima organização do exercito, publicada em setembro de 1899, prescreve, no seu artigo 189, que os mestres de musica tenham a graduação d'officiaes. Ainda a ordem do exercito n.º 12, de 8 de setembro do mesmo anno, diz *que os mestres de musica devem ser collocados no quadro do estado maior, logo abaixo dos officiaes da administração militar*, e, como é sabido, os chefes de musica são escripturados no livro de matricula dos officiaes.

Mais tarde, porém, a 11 de novembro, a ordem circular n.º 41 da 2.ª repartição do ministerio da guerra, que nada deveria ter que ver com os mestres de musica, depois da sua ultima cathegoria, além de varias prescripções, que se referem a outras praças, occupando-se dos mestres de musica, deixa-os n'uma situação ambigua e pouco definida, sujeitando-os a soffrer faltas de attenção e privando-os de honras a que deveriam ter direito, em vista da letra da actual reforma.

Diz-nos a circular que as graduações conferidas ás praças a que se refere o artigo 189 da reforma do exercito, *não lhes dão direito a continencias*, além das que se acham determinadas no artigo 21 do regulamento de 23 de maio de 1872, que são as que lhes devem os musicos. Que os mestres de musica, quando incorrerem em infracção de disciplina, soffram as penas correccionaes applicadas aos officiaes, com *excepção da pena de inactividade*. Determina que lhe sejam abonados os subsidios de marcha e residencia, alojamentos e transportes, correspondentes á sua graduação, e que para o seu serviço seja nomeado *um soldado como fachina permanente* nos termos do § 13 do artigo 119 do regulamento para o serviço interno dos corpos, como está concedido para os sargentos ajudantes. Estabelece mais, que no equipamento dos mestres de musica seja substituido, o frasco e o bornal, pelo frasco e mala do modelo determinado para os officiaes, *que lhe serão fornecidos pelo deposito do material de guerra*; e que as readmissões lhe sejam averbadas na casa — *Notas biographicas*.

Ser official e não ter direito a continencias, não se comprehende, visto usufruirem d'esse direito todos os não combatentes com graduação d'official, *incluindo os picadores*;

ter por fachina permanente um soldado que não pode considerar como superior o graduado a quem deve prestar serviços que o collocam na sua dependencia, é uma anomalia. E' tambem singular que sendo applicadas aos mestres de musica as penas correccionaes impostas aos officiaes, se exceptue uma d'ellas, assim como tambem ha incoherencia em que os artigos de equipamento, que lhe são fornecidos, façam carga dos regimentos, sendo os mestres de musica graduados officiaes.

A nosso ver, ou se tem graduação d'official ou não; os meios termos não se coadunam com o rigor e exactidão dos direitos e deveres da vida militar.

Parece pois de grande necessidade estabelecer claramente a nova situação dos mestres de musica, e para este assumpto, assim como para a revisão do regulamento de 72, que se refere á organização das bandas marciaes, chamamos a attenção do nobre ministro da guerra, que tanto tem levantado os serviços do exercito.

Para esclarecer aquelles a quem pareça inconveniente que os mestres das bandas marciaes occupem tão honroso logar no exercito, transcrevemos a lei franceza que regula a situação dos mestres das bandas marciaes.

A 5 d'abril ultimo foi promulgada a lei sobre as pensões de reforma dos mestres de musica, cujas tarifas são fixadas do modo seguinte:

«Mestres de musica de 1.^a e 2.^a classe, por antiguidade: minimo de 30 annos de serviço, 2:500 francos. Augmento por cada anno de serviço depois dos 30 annos, e por campanha, 50 francos; maximo de 50 annos 3:300 francos.

«Por ferimentos, amputação de dois membros ou perda total da vista: 3:960 francos.

«Amputação d'um membro ou perda total do uso de dois membros: 3:300 francos.

«Ferimentos ou enfermidade que occasiona a perda absoluta de um dos membros: minimo de 2:300 francos. Augmento por cada anno de serviço, comprehendendo campanhas, 50 francos; maximo de 50 annos de serviço comprehendendo campanhas, 3:300 francos.

«Pensão ás viuvas, soccorros aos orphãos (art. 1.^o da lei de 20 de junho de 1878) pensões fixas: 1:100 francos.

«Nos casos previstos pelo artigo 1.º da lei de 26 d'abril de 1856, pensão fixa, 1650 francos».

.....

Por determinação do ministerio da guerra foi publicado o seguinte decreto em data de 11 de maio de 1900:

«O artigo 5 do decreto de 7 de julho de 1899, é substituído pelo seguinte:

«As attribuições dos mestres de musica, assim como a sua situação sob o ponto de vista da subordinação e disciplina, são reguladas pelos decretos actualmente em vigor do regulamento do serviço interno dos corpos do exercito.

«Nas ceremonias publicas e visitas aos corpos, os mestres de musica *formam com os officiaes ou assimilados dos corpos de que fazem parte.*

«O seu logar é o seguinte:

«Os mestres de musica de 1.^a e 2.^a classe, depois dos capitães e antes dos tenentes; os mestres de musica de 3.^a classe, depois dos tenentes e á direita dos alferes; os mestres de musica de 4.^a classe, á esquerda dos alferes.

«Os mestres de musica das duas primeiras classes teem direito ás mesmas honras que os tenentes.

«Os mestres de musica de 3.^a e 4.^a classes teem eguaes honras ás dos alferes.»

Por estas determinações póde ver-se que a situação dos mestres das bandas militares francezas é ainda mais vantajosa e elevada do que aquella em que a ultima organização colloca os nossos mestres de musica, que tantas vezes succede serem artistas distinctissimos, glorias mesmo para o paiz, e não devem estar nivellados ás simples praças de pret, em circumstancia alguma da sua vida militar.

Portanto, conveniente e necessario parece ser definir a situação dos mestres de musica, cousa com que todos teem a lucrar, inclusivé a propria disciplina, e a fazenda nada perde, porque estender á gradação de alferes que ao presente teem os mestres de musica todas as prerogativas d'essa gradação, é apenas um acto de justiça que o exercito espera do illustre ministro da guerra, tão sincera é a confiança que todos depositam em tão nobre caracter.

OS NOSSOS UNIFORMES

Em todos os exercitos do mundo ligou-se sempre uma importancia capital á questào dos uniformes do exercito.

O uniforme militar precisa satisfazer a um certo numero de fins simultaneamente, o que difficulta sempre a resoluçào do problema.

Deve ser elegante e garboso inculcando no individuo amor e até orgulho pela sua farda. Deve ser commodo e hygienico, e do mesmo modo adaptavel á vida de ostentaçào dos grandes centros, ás grandes solemnidades, e á rudeza da vida dos exercicios e de campanha.

Deve marcar uma separaçào radical e completa nas differentes armadas e serviços, evitando as confusões, que podem em campanha ser muito prejudiciaes, e que não são convenientes na paz.

Deve ser economico para não lançar profunda perturbaçào na vida do official.

Emfim, deve traduzir bem a grandeza da missào do official, a nobreza da sua abnegaçào e dos seus sacrificios pelo bem commum.

Presentemente a nossa arma está deselegantemente fardada, confunde-se facilmente com qualquer outra, e apresenta anomalias e contrasensos que convem remediar.

O bonnet do official de infantaria confunde-se com o do soldado da guarda fiscal; o dolman de grande uniforme tem uma superabundancia de panno que o torna mais caro e mais difficil a mão d'obra, sendo além de tudo isso um dolman pobre e deselegante.

Da barretina nem fallemos, é uma vergonha!

O capote é essa cousa que para ahí anda que torna até o proprio soldado ridiculo.

Emfim, por todas estas razões que saltam aos olhos e que toda a infantaria bem conhece, nós não podemos deixar de louvar a iniciativa da commissào de aperfeiçoamento da arma, procurando remediar os defeitos e inconvenientes do nosso uniforme, na proposta que pretende apresentar á approvaçào superior,

Podemos informar os nossas camaradas que a commissào, procurando resolver este delicado e difficil problema, fal-o com a viva preoccupaçào de attender á questào economica. Se não fôra isso relativamente facil seria a sua missào.

Todavia, é certo que ninguem espera nem conta com a approvaçào unanime de todos os officiaes da arma para os trabalhos da commissào.

A unanimidade de votos é uma utopia.

Appella-se apenas para o bom senso da maioria que reconhece a necessidade inadiavel de se corregir os aleijões e incongruencias do nosso actual uniforme.

Consta-nos que a commissào propõe um grande uniforme mais brilhante e mais distincto para as grandes solemnidades, e outro mais modesto para o commendo de tropas.

O valor economico d'esta medida conhece-o bem quem tem tido a necessidade de apanhar tremendas chuvadas com o seu grande uniforme.

Pela nossa parte approvamos este alvitre porque o julgamos em extremo util ao official, seja qual fôr o aspecto porque se encare a questào

Todavia, isto é uma simples noticia, apenas com o fim de informar os nossos camaradas e de os prevenir que a commissão procura aproveitar o nosso actual uniforme propondo apenas modificações. Não é um novo plano de uniformes que ella estuda.

Além d'isto, estamos convencidos, que algum artigo que não possa ser aproveitado terá um largo tempo de tolerancia, dando em resultado a economia do official não ser de modo algum abalada com as propostas da commissão de aperfeiçoamento da arma.

Importa accentuar bem que todo o trabalho da commissão traz apenas uma aspiração, a qual será submettida á approvação superior, e que por certo o nobre ministro da guerra, que não toma ácerca de uniformes a menor iniciativa, só lh'a dará se realmente essa aspiração corresponder ao que a arma espera e deseja.

Repetimos, não se trata d'um capricho, de uma moda e muito menos de obrigar o official a sacrificios inuteis. Trata-se de umas modificações no nosso uniforme que o tornem mais proprio, mais elegante, mais commodo e mais em harmonia com a nossa missão altruista, mas sem de modo algum acarretar o menor desequilibrio na vida economica do official, porque as modificações propostas deverão ter evidentemente um periodo longo de tolerancia, de modo que a transformação se execute lentamente, consoante as necessidades de cada um de nós.

São estas as informações que temos, e com este modo de vêr concordamos com a illustre commissão de aperfeiçoamento da nossa arma.

A ALLIANÇA

No Paço de nossos Reis foi ainda ha pouco solemnemente affirmado que a amizade, que de longa data une e prende o nosso paiz á Inglaterra, se mantinha firme e inquebrantavel, consubstanciando a tradicional alliança entre os dois povos.

Um facto d'esta natureza, cuja importancia capital para a nossa vida, como potencia maritima de primeira ordem, está ao alcance da nação inteira, merece, na nossa *Revista*, uma referencia especial, tanto mais quanto o exercito é chamado a representar nesta alliança, que todo o paiz applaude, um papel, talvez, o mais preponderante.

A cordealidade das saudações trocadas entre El-Rei, em nome do nosso paiz, e o almirante Rawson, em nome da Rainha da Inglaterra, do governo inglez e do povo inglez, ainda se não apagou, e vai repercutindo-se por essa Europa alem, como ainda hoje nos parece escutar o ribombar da artilheria ingleza da poderosa esquadra, que visitou o nosso Tejo, saudando com ufania a bandeira das quinas, que a Inglaterra bem sabe ser uma bandeira honrada, leal e legitima representante de um povo de heroes.

Está feita, ou antes, está radicada esta alliança tão necessaria e tão util aos dois povos.

E' o mais avantajado passo da nossa politica internacional n'este lustre.

Todos o recõhecem.

Quem tem uma vastidão immensa de costa maritima, como Portugal, ou precisaria possuir uma poderosa esquadra ou alliar-se a uma nação que a tenha.

A' primeira vista parece que esta alliança é uma especie de tutoria ; é o fraco a unir-se ao forte ; é o que precisa a acolher-se á sombra d'aquelle que lhe pôde valler.

E' pelo menos esta a impressão de algumas potencias europeias. Mas esta impressão é falsa.

A Historia já o provou nas encostas do Bussaco, nas linhas de Torres Vedras.

Esta alliança é legítima e por egual util aos dois paizes que se completam.

Completa a Inglaterra as suas etapas maritimas tendo o nosso amplo e bello porto de Lisboa para abastecimento das suas esquadras ; a Madeira, Cabo Verde, S. Thomé, Loanda, Mossamedes, Lourenço Marques, Beira, enfim, toda essa linha de colonias portuguezas que se vão entercalando nas suas, facilitando-lhe os aprovisionamentos, a satisfação rapida e prompta de todas as necessidades da guerra maritima.

Completa-se Portugal porque vê assim assegurado o seu dominio colonial, que é a grande esperança do renascimento da nossa riqueza, a grande esperança do futuro.

Completa-se a Inglaterra porque conta com uma unidade de valor, e grande valor, como sejanf 200:000 soldados portuguezes, aqui no continente, e atraz d'elles todo o povo portuguez animado do firme e inabalavel proposito de manter integra a sua independencia e a sua honra.

Completa-se Portugal, porque, tendo as costas maritimas defendidas, pode despreoccupadamente jogar-se á defesa das fronteiras terrestres, se por ventura ellas forem ameaçadas.

E assim, em vez de uma alliança absorvente da parte do que parece mais forte, nós vemos verdadeira reciprocidade de interesses, e verdadeiras equivalencias de valores.

E' uma alliança honrada e legítima.

E' porem indispensavel que o exercito represente realmente aquillo que deve representar.

E é por isso que nós dissemos que nesta alliança o exercito é chamado a entrar em funcção como elemento preponderante.

Os inglezes assim o reconhecem e em todas as suas publicações o teem posto em evidencia.

Uma das primeiras publicações militares inglezas, senão a primeira, *Navy and Army Illustrated*, que troca com a nossa *Revista* e que temos sobre a meza, dedica algumas paginas ao estudo do nosso exercito.

Depois de se referir aos — *friendly feelings which actuate the two countries* — sentimentos d'amizade que ligam os dois paizes, e de fazer inteira justiça á nossa gloriosa historia e de pôr em relevo o quanto o mundo nos deve, pelos serviços que prestámos á civilisação, descreve o nosso exercito, põe em evidencia as nossas qualidades militares, faz sobressahir a bravura e resistencia do nosso soldado e mostra a maneira gloriosa como nós temos, n'estes ultimos annos, subjugado tantas tribus selvagens que punham em risco a nossa suberania colonial.

Nós, com o nosso exercito, depois de melhor organizado e dotado, podemos ser uteis á Inglaterra e podemos e devemos encontrar n'elle o apoio que faça impor e consolidar esta alliança, (porque as allianças são

laços de mutua dependência) e que juntando-se á numerosa esquadra ingleza faça respeitar perante o mundo as duas nações amigas.

Contudo, nós queremos viver em paz, o interesse das nações está na paz e não na guerra, mas é necessario que a nossa vida de paz nos garanta o podermos manter pela força o direito que por ventura alguém nos pretenda negar.

O direito da força foi e ha de ser sempre a ultima razão.

A Inglaterra dá-nos as suas esquadras e nós damos-lhe os nossos portos e o nosso exercito.

No momento actual preoccupa-nos sériamente tudo quanto se correlaciona com as instituições militares.

A nossa diplomacia só sairá triumphante se tiver atraz de si um exercito sériamente organizado.

Felizmente, para Portugal, o illustre titular da pasta de guerra é o sr. Conselheiro Pimentel Pinto, e ninguem duvida de quanto elle é capaz e do muito que vai fazer em prol do exercito.

Não somos somente nós que reconhecemos isso mesmo; os inglezes identica justiça fazem a sua ex.^a.

A mesma publicação a que nos referimos já — *Navy and Army Illustrated* — publica, junto ao artigo que descreve o nosso exercito, um primoroso e nitido retrato do sr. conselheiro Pimentel Pinto, e n'esse mesmo artigo, alem d'outras cousas que muito honram sua ex.^a e que são a verdadeira expressão da verdade, verdade que é tão grande e justa que os proprios inglezes conhecem, diz, — *is a most energetic and experienced officer, greatly valued for his administrative capacity.* — é o mais energico e experimentado official, grandemente estimado pela sua capacidade administrativa.

Fazendo nossas estas palavras não podemos deixar de dizer que temos inteira esperança de que o nobre ministro ha-de organizar o exercito da maneira digna, como merece, e da maneira completa, como é necessario.

A Allemanha fez-se grande pelo seu exercito, e nós, com um exercito bem instruido e bem armado, podemos tambem tornar-nos grandes, levantando a nossa cabeça em frente das demais nações e afirmando, com obras, a legitimidade da nossa honrosa alliança.

SECÇÃO DO EXTRANGEIRO

Allemanha.— *Aspecto que vão tomando as manobras.*— A imprensa militar allemã começa a publicar os resultados praticos das ultimas grandes manobras imperiaes.

Pelas descrições vê-se que não obedecem a regras rigorosas e de antemão preparadas, esmiuçadas e mil vezes ditas e recommendadas, como nós fazemos.

Na Allemanha, antes do encontro dos dois partidos, dedica-se cada um d'esses partidos em procurar o contrario em todas as direcções, praticando o serviço de exploração como na verdadeira guerra.

O combate é o elemento mais importante da guerra, é o elemento decisivo, mas a preparação, a procura do inimigo, o estudo das posições por elle occupadas, os seus effectivos, etc., não tem menos valor e é uma das missões mais difficéis de desempenhar.

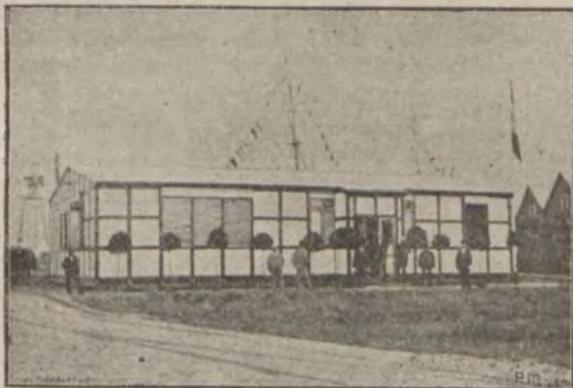
E' n'essas occasiões que se revelam, não só os conhecimentos, mas tambem e principalmente a iniciativa.

Encontrado o inimigo, segundo se deduz das ordens e instrucções, não se trata de assombrar o publico *dilletanti* com partes garbosas nem com formidaveis estrondos de descargas ruidosas, mas sim executar o combate sem preocupação de tempo, leve uma hora, leve oito, leve um dia.

Assim conseguem os allemães instruir as tropas, amestrar os quadros e desenvolver a iniciativa em todos sem fadigas inuteis, nem esforços desnecessarios.

Emfim, praticam, na paz, a guerra, conforme deve ser.

China.—*O pavilhão do marechal Waldersee.*—O marechal Waldersee, esse nome illustre, illustre como escriptor e illustre como guerreiro, é, como se sabe, o commandante em chefe das tropas alliadas em operações na China. Tambem é bem notorio que se fez acompanhar de um numeroso estado maior e menor, incluindo o cosinheiro, que foi com uns vencimentos superiores a toda expectativa. Assim deve ser, porque bons serviços, serviços em que a vida corre perigo, nada devem faltar e devem ser bem pagos.



Para nada faltar a tão illustre marechal mandou a Allemanha fazer uma barraca especial e deveras digna de um marechal. Esta barracá, cuja gravura reproduzimos foi mandada para a China juntamente com o ultimo contingente de 7:600 ho-

mens. E' feita d'um tecido especial em que entra o amiantho, e constitue um modelo perfeitamente novo, bonito, elegante, como se vê pela gravura junta, e que deve ser apropriado e commodo, pois que tem as seguintes dimensões: comprimento, 18 metros; largura, 12 metros; altura, 4 metros; formando 7 compartimentos espaçosos, sendo 3 grandes na frente e 4 á retaguarda. Os tres primeiros são: um salão de recepção, uma sala de trabalho para o marechal e um vasto compartimento para creados e ordenanças. Os 4 restantes, são: um quarto de cama e um quarto de banho para o marechal, e os dois restantes são um quarto de cama e um gabinete de trabalho para o general ajudante do marechal.

Pode-se armar, apesar de tanto compartimento e taes dimensões, em 8 horas.

Inglaterra.—*O corpo de policia de Baden Powel.*—Depois de uma nota enviada pelo ministerio da marinha ao *Times*, jornal londrino, as disposições seguintes foram tomadas afim de organizar o corpo de policia destinado as Transwaal. Para a formação d'este corpo recrutar-se-hão 1:000 homens em todo o reino unido.

Os candidatos devem ter mais de 20 annos e menos de 35, serem solteiros, bons atiradores e bons cavalleiros e serem affiançados por duas pessoas. Depois de serem submittidos a uma rigorosa inspecção medica, soffrerão um exame em que mostrarão as suas aptidões no tiro e na equitação. O alistamento é por 3 annos.

Aqui temos as exigencias, e como se vê não são poucas, mas se a Inglaterra é exigente para os cidadãos que a servem, é comtudo, generosa na maneira como lhes paga.

Vejamos.

Cada un d'estes policias receberá *gratuitamente* os viveres, as passagens, os artigos do uniforme, o armamento e equipamento, a habitação e os cuidados medicos.

Depois d'isto receberá, conforme a cathegoria, mais o seguinte:

Ajudantes inspectores — 15 shillings por dia, ou seja 3\$750 réis diarios.

Sargentos de 1.^a classe — 10 shillings por dia, ou seja 2\$250 réis diarios.

Sargentos de 2.^a classe — 8 shillings.

Cabos — 7 shillings.

Soldados de 1.^a, 2.^a e 3.^a classes, respectivamente, 7, 6 e 5 shillings.

Além d'isso, ainda ha os periodos de readmissão.

Assim não será só a India o *Eldorado* para os soldados inglezes, mas tambem o Transwaal. Estes ou os vencimentos que nós damos.

Modificação no regulamento de tiro.— Uma das primeiras consequencias da guerra anglo-boer foi uma notavel inovação introduzida no regulamento de tiro inglez.

Para acostumar os soldados a escolher habilmente a posição de fogo, em harmonia com as desigualdades do terreno e com as necessidades de atirar a coberto das vistas inimigas, devem d'hoje para o futuro, abrirem-se trincheiras nos campos de tiro, d'onde se fará fogo, o que está perfectamente em harmonia com as doutrinas expostas já n'esta «Revista», n'uma serie de artigos intitulados — O retrocesso da tactica como consequencia do progresso da balistica e do armamento.

O novo regulamento de tiro inglez, depois das soberbas lições que apanharam com o emprego dos combates por lances e a descoberto, tambem preconisa os exercicios em terrenos variados e onde se possa estudar demoradamente o emprego das posições, os meios de combate, a conducta e direcção das tropas e a duração do combate, isto é, recommenda a pratica dos exercicios de tactica applicada.

Como os terrenos do Reino Unido não se prestam, já houve quem se lembrasse de os fazer nos vastos terrenos do Transwaal, mas além da notavel despesa, pelas distancias, será necessario, indubitavelmente, que antes de tudo se liquide a guerra.

NA FRONTEIRA

DE

LOURENÇO MARQUES

Na nossa fronteira, em Lourenço Marques, esteve imminente um combate entre as tropas transvaalianas e inglezas.

A nossa estampa representa o terreno onde esteve para ferir-se esse combate, que chegou a ser denominado de Komati-poort, mas que felizmente não se realizou.

Foi baptisado antes de nascer.

Os postos de observação constituídos pelas nossas forças, estão bem visivelmente marcados no mappa.

Em Ressano Garcia tínhamos nós uma columna de 700 homens sob o commando do nosso intelligente amigo, o sr. major Seabra de Lacerda.

Essa columna era constituída por duas companhias de guerra de infantaria n.º 6, uma bateria de artilheria n.º 1, um esquadrão de cavallaria n.º 7, tropas de policia de Lourenço Marques e marinheiros da Armada Real.

As posições boers eram de primeira ordem, e, não obstante a sua inferioridade numerica, pois ali apenas tinham 4:000 homens a que os inglezes oppunham 12:000, a lucta seria sangrenta e só á custa de perdas muito importantes é que os inglezes poderiam desalojar os boers das suas formidaveis posições.

O croquis do terreno mostra-nos como a parte do valle que se estende na margem esquerda do Incomati, nas immediações de Komati-poort, seria eficazmente batida pelas excellentes posições boers, que só podiam ser tomadas entrando as tropas inglezas pelo nosso territorio.

D'aqui a delicadissima e difficil situação em que nos encontrámos em setembro proximo passado, situação que com rara felicidade se pôde transformar completamente, devido aos esforços e grande habili-dade diplomatica do illustre governador geral da provincia, o sr. conselheiro Joaquim Machado, a quem apresentamos aqui o preito do nosso reconhecimento.

As forças boers estavam divididas em dois commandos, sendo o primeiro commandado pelo general Coetze, que assumia o commando geral das forças reunidas, e o segundo pelo general Pinard.

N'este ultimo commando só 1:000 homens eram boers, os restantes 1:000 eram estrangeiros, constituindo a chamada legião estrangeira.

O general Coetze internou-se no Transvaal com o seu commando, e o general Pinard acolheu-se á protecção da nossa bandeira, entregando-nos conjunctamente 8 vagons completamente carregados de material de guerra, não obstante terem destruido muito material.

Entre o material de guerra que recolhemos, viam-se muitas espingardas Guedes, Mauser, Mannelicher, Martini Henry, etc., etc.

Registamos este acontecimento porque elle representa um momento um pouco critico da nossa situação militar no districto de Lourenço Marques, e ao mesmo tempo põe em evidencia as intenções dos boers, pretendendo arrastar a sua guerra para as visinhanças do nosso territorio.

Ainda d'esta vez não conseguiram o seu intento.

Signaes convencionaes

Fronteira -----

Postos na fronteira.

Postos d'observação..... ☉ ☉

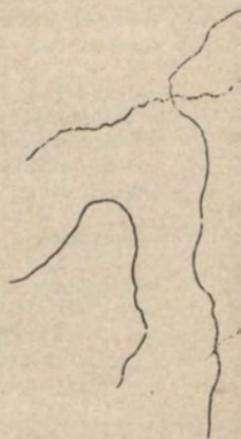
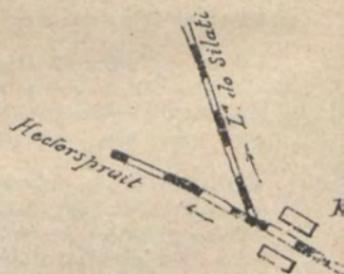
Postos de telegraphia optica



L. Ponte feita pelos sapadores
d'Infanteria.

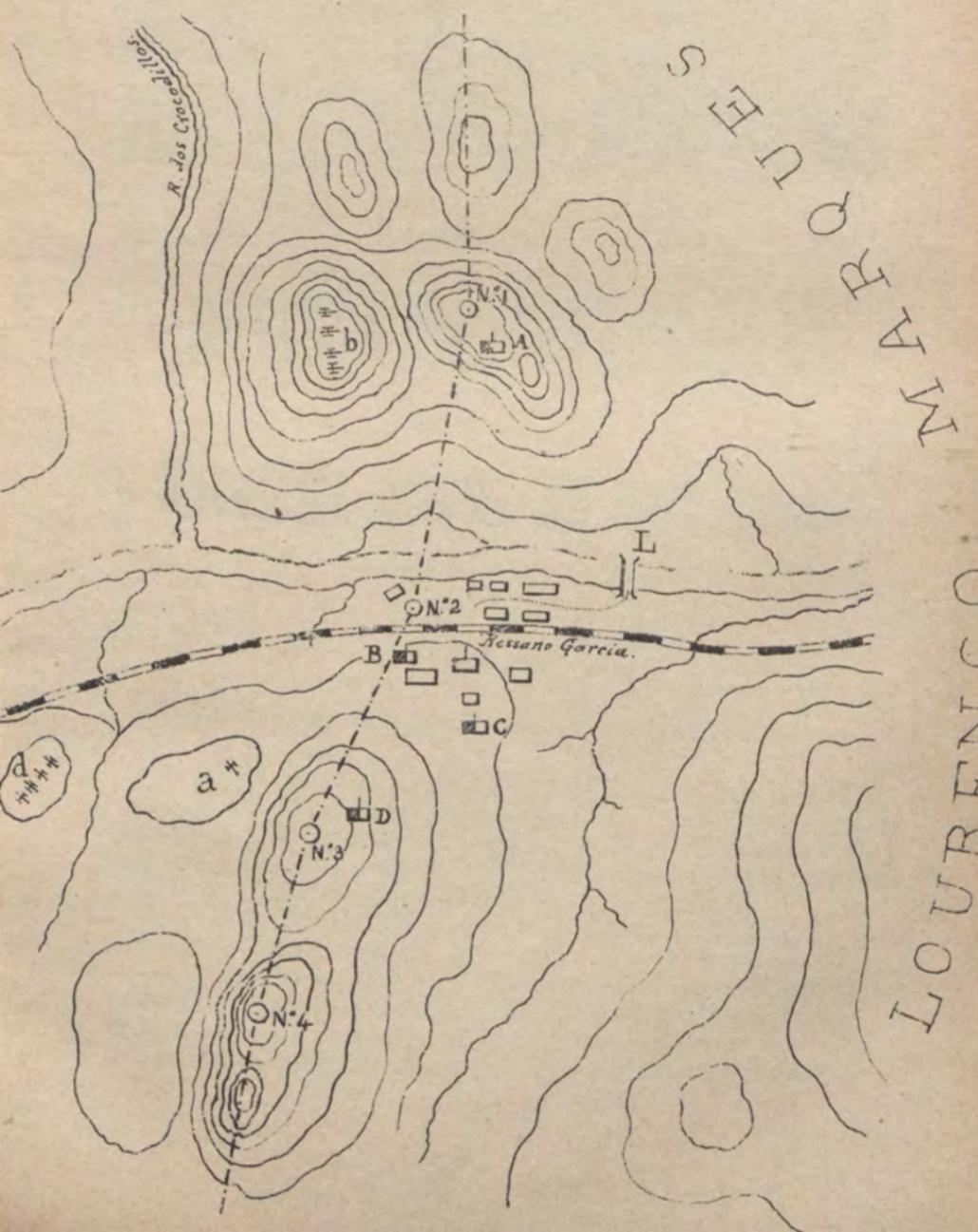
Posições boers

- a - Uma peça Longton
- b - Art.^o 15^o 12^o e Maxim 7^o
- d - Bateria p.^o enfiar a ponte.



FRONTEIRA DE L.^o MARQUES

Junto ao Komati-poorl



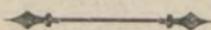


4.º Anno

Fevereiro — 1901

N.º 2

REVISTA DE INFANTERIA



A INSTRUÇÃO ESPECIAL DOS EXPLORADORES

(Continuado do n.º 12 — 3.º anno)

II

Organisação e instrucção dos exploradores

Tratando da organisação dos exploradores diz o nosso regulamento tactico; Os exploradores são constituídos em cada companhia por dois homens de cada esquadra, escolhidos entre os que mais se distingam pelas seguintes qualidades: bõa vista, ouvido apurado, correctã avaliação de distancias, bom atirador, resistencia ás marchas, agilidade, intelligencia e audacia».

«Os commandantes de companhia escolhem no fim do primeiro anno d' instrucção os soldados destinados a exploradores, e durante o segundo, desenvolvem-lhe a instrucção especial, quer fazendo-os de preferencia tomar parte nos

exercícios do serviço de campanha, quer mandando-lhe ministrar lições especiaes por um dos subalter-nos coadjuvado por um sargento.»

A companhia em pé de guerra tem pois 24 exploradores. (1) Commanda-os um sargento.

Como se não fixa o numero de cabos que devem entrar na composição da secção de exploradores, e como dos homens escolhidos e especialmente instruidos para tal fim alguns deverão ser promovidos a cabos, podem dois d'elles, os mais habéis, ser encarregados do commando dos grupos, patrulhas etc., bem como de coadjuvarem, juntamente com o sargento, o instructor nos differentes exercicios. Como tambem o effectivo das nossas companhias em pé de paz é muito diminuto difficil, senão impossivel, se torna o poderem apurar-se os 24 exploradores para serem convenientemente instruidos.

E' evidente que só em casos excepcionalissimos se encontrarão reunidos n'um soldado todas ou a maior parte das qualidades indispensaveis ao explorador; necessario é pois desenvolver-se-lhes, ou modificar-lhes quanto possivel, com uma instrucção demorada e melhorada, dirigida com notavel cuidado e trabalho.

Parece-nos que seria preferivel que, em lugar do capitão escolher no fim do primeiro anno de alistamento os soldados destinados a exploradores, entre os que mais se salientassem na recruta para depois receberem a instrucção especial, este educasse, para tal fim, todos os soldados da sua companhia, muito embora, depois, fossem empregados de preferencia, nas missões complicadas, nos exercicios e em campanha, os dois que em cada esquadra, tivessem mostrado maior agudeza de espirito e aptidão.

Nenhum mancebo deveria ser considerado prompto da instrucção sem haver recebido a especial dos exploradores.

Por esta forma, conseguia-se não correr o risco de ver na guerra desaparecer os exploradores, que, pelo seu papel privativo, mais se fatigam e se expõem, não podendo depois educar-se de repente quem preencha as suas vezes; cahindo-se fatalmente na necessidade de, ou prescindir de

(1) O regulamento francez dá a seguinte composição aos exploradores: Em pé de paz — 16 exploradores (2 por esquadra) tendo graduados: um sargento e dois cabos. Em pé de guerra — 32 exploradores (4 por esquadra) e os mesmos graduados.

A companhia de infantaria em França tem apenas 2 pelotões.

de um serviço importante, ou exigir o seu desempenho a homens que, com conhecimento de toda a companhia, foram julgados inhábéis para elle, e que não teem a conveniente trenagem e preparação.

N'este modo de ver seguimos opinião auctorisada— Na Escola de l'éclaireur— livro que em França teve uma aceitação extraordinária, diz o seu auctor. «A instrução dos exploradores deve ser dada a todos os homens aptos para o serviço da guerra. Reservar esta instrução só para uma *élite*, de escolha difficil, seria correr o risco de a ver desaparecer rapidamente sobre a acção das fadigas que lhes seriam impostas em campanha, pela necessidade permanente do emprego dos exploradores; vernos-biamos reduzidos então a chamar ao seu desempenho homens que primitivamente tinham sido julgados incapazes de o exercer, que não estavam preparados para elle, e cujas aptidões tinham sido postas em duvida».

O capitão, responsavel por toda a instrução da companhia, é quem dirige a dos exploradores, sendo auxiliado por um official e um official inferior.

Nos exercicios da companhia isolada é elle quem designa quaes os exploradores que devem ser empregados, indicando tambem se deverão marchar isolados ou por grupos. Nomeia o official inferior que deve commandal-os.

Os commandantes de batalhão exercem a sua superintendencia sobre a instrução dos exploradores da unidade que commandam, tornando-a homogenea.

No combate da companhia encorporada é elle que fixa, em harmonia com as circumstancias, o numero d'exploradores que devem ser empregados, caso o não sejam na sua totalidade, o que raras vezes acontece. Deverá do mesmo modo indicar se marcham isolados ou agrupados. O commando dos exploradores, n'este caso, é confiado a um official subalterno especialmente apto.

Este official deverá levar os seguintes objectos: um bom relógio, que acertará com o do commandante do batalhão; a carta do terreno em que se vae operar, na mesma escala que a do commandante do batalhão; um binoculo; uma bussula e uma carteira com papel, lapis, etc.

3.º

Emprego dos exploradores

Como já dissemos, hoje, a infantaria emprega, por necessidade, os exploradores nas marchas, no estacionamento e no combate.

Marchas são movimentos que as tropas executam quando se deslocam d'um ponto para o outro, para ahi estacionarem ou para combater.

Uma tropa diz-se em estacionamento, quando permanece, por um tempo mais ou menos prolongado, em qualquer das seguintes situações:

- 1.º N'uma posição previamente escolhida, para o caso d'um combate provável;
- 2.º Em uma ou muitas posições favoráveis á observação e á defesa;
- 3.º Em disposição de repouso: em acantonamento, acampamento ou bivaque.

Formação de combate é aquella em que uma força toma uma disposição pouco vulneravel, que lhe permita estacionar ou marchar nas proximidades d'um inimigo em posição, ou desenvolvido.

A infantaria em marcha — na zona em que possa encontrar o inimigo — cobre-se, protege-se, segundo a sua força e circunstancias: quer por fracções constituídas, com os nomes especiaes de guarda avançada, guarda da rectaguarda e flanqueadores, protegendo-se ellas mesmas por exploradores isolados ou grupados (exploradores propriamente ditos — flecha e patrulhas); quer na marcha para o combate, por exploradores grupados (secção d'exploradores ou patrulhas) ou por exploradores isolados.

Nas diversas formas de estacionamento a infantaria guarda-se por um serviço de exploração fixo — com a designação de postos avançados — combinado com um serviço d'exploração movel — patrulhas e rondas.

Em formação de combate, reconhece o terreno e prepara a sua entrada em acção por meio dos exploradores grupados (secção de exploradores ou patrulhas de exploradores), ou por meio dos exploradores isolados.

No combate, os exploradores, quer constituindo grupos, quer isolados, procederão por forma a conservarem-se sempre em communicação com as forças que cobrem, para o que cada commandante de companhia deverá, para tal fim,

destacar os homens necessarios. Estes homens devem de preferencia ser escolhidos entre os melhores corredôres. Devem marchar geralmente em passo gymnastico. (1)

4.º

Ensino especial dos exploradores

O ensino especial a ministrar aos exploradores deveria comprehender duas partes distinctas: Os exercicios preparatorios, e os exercicios de applicação.

Os exercicios preparatorios, que têm por fim assegurar a instrução individual dos exploradores, versarão sobre os seguintes pontos:

- 1.º Difficuldade no reconhecimento das posições d'um inimigo occulto com os accidentes do terreno, fazendo uso das novas armas e da polvora sem fumo;
- 2.º Orientação;
- 3.º Nomenclatura, emprego e aproveitamento do terreno;
- 4.º Marcha dos exploradores n'uma zona determinada e formações que deverão empregar segundo os accidentes do terreno;
- 5.º Marcha para um inimigo representado;
- 6.º Indicação da importancia dos differentes postos de passagem e determinação dos locais proprios para altos;
- 7.º Acção dos exploradores contra os exploradores inimigos;
- 8.º Avaliação de distancias;
- 9.º Fogos, conducta e disciplina dos fogos;
- 10.º Modo de avaliar a distancia, a força e composição d'uma tropa;
- 11.º Indícios, seu emprego e importancia;
- 12.º Pontos principaes que os exploradores teem a reconhecer — Reconhecimentos de bosques, logares habitados, desfiladeiros, canos d'agua etc;
- 13.º Idéa geral dos trabalhos de fortificação improvisada, e reconhecimento dos trabalhos de defesa do inimigo;
- 14.º Exploradores contra a cavallaria;

(1) A diante, nos exercicios preparatorios, se indica a maneira de estabelecer as communicações, bem como a melhor forma de transmittir as ordens e esclarecimentos necessarios aos exploradores.

15.º Maneira de transmittir as noticias e informações colhidas durante a exploração — Transmissão de ordens. (1)

Os exercicios d'applicação, que visam a fixar, pela applicação dos principios expostos na instrucção preparatoria, a conducta e emprego dos exploradores isolados ou grupados, nos differentes serviços que lhes competem, versam sobre :

1.º Serviço de observação e de segurança junto das tropas em formação de combate, e iniciação do combate da infantaria ;

2.º Serviço de observação e de segurança em marcha ;

3.º Serviço de observação e segurança em estacionamento.

*
* * *

E' possível que este psogramma d'ensino seja considerado como demasiadamente pomposo, temos porém a convicção de que não póde existir um explorador que, em verdade, mereça tal nome, e que dê garantia segura de poder desempenhar, não direi completamente, mas com regularidade a sua missão, sem o conhecimento d'aquelles assumptos.

O regulamento tactico da infantaria franceza resume no n.º 133 do titulo 3.º — Escola de Companhia — as principaes materias a ensinar aos exploradores. Diz assim o referido artigo: «Um official, que terá como adjuntos um official inferior e dois cabos, reunirá, muitas vezes, os exploradores da companhia para aperfeiçoar a sua instrucção especial.

«Repetirá o ensino que foi dado a todos os soldados da companhia: o emprego de terreno, reconhecimento de bosques, aldeias, etc. Far-lhes-ha apreciar grandes distancias e avaliar ao longe a força d'uma tropa; exercita-os, em seguida, no seu papel no combate, a avançar sem sahir d'uma zona determinada e nas formações mais favora-

(1) D'algumas d'estas materias já devem ter sido dadas noções ligeiras aos soldados, na instrucção de recruta e individual. A avaliação de distancia pertence a um numero, mas tem uma importância tão capital que julgamos um dever tratar d'ella com todo o desenvolvimento. O mesmo succede com a nomenclatura do terreno, disciplina dos fogos etc. etc.

veis, para um inimigo representado, e a fazer o reconhecimento dos seus trabalhos de defeza; emfim ensina-lhes a transmittir as observações que tenham recolhido.

«Estes exercicios teem logar em diferentes terrenos.»

1.^a PARTE

Instrucção preparatoria

CAPITULO I

Impossibilidade do reconhecimento das posições d'um inimigo occulto, fazendo uso das armas modernas e da polvora sem fumo. — Difficuldade na iniciação do combate da infantaria (1).

Generalidades.— Sempre que duas forças importantes se dirigem, em campanha, uma contra outra, são precedidas a grandes distancias por grupos de cavallaria destinados a cobrirem-lhes a frente.

A missão mais delicada d'essa cavallaria, chamada de exploração, é reconhecer a posição do inimigo, caso se chegue a pôr em contacto com elle, e determinar, com a sufficiente precisão, qual a sua força, bem como, com a maxima certeza, a frente que occupa.

Com o antigo armamento d'infanteria, de muito pequeno alcance e minima rapidez de tiro, já este papel da cavallaria era de difficil execução; mas, na actualidade com as armas modernas, torna-se irrealisavel.

As espingardas de pequenos calibres hoje em uso em quasi todos os exercitos europeus, com alcances efficazes enormes, nunca inferiores a 2:500 e 3:000 metros, e com trajectorias muito razantes, dão zonas batidas bastante ex-

(1) Na quasi impossibilidade de empregar na exposição dos exercicios preparatorios para a instrucção especial dos exploradores da linguagem que o instructor devera usar para com os soldados, fica ao seu bom criterio expôr as idéas que vamos expender, por palavras proprias e que sejam de facil comprehensão. Ainda que tenha a preocupação de o fazer quanto possivel, visto que nem sempre o conseguiria como era meu desejo, e como seria necessario.

A materia de cada um d'estes capitulos constitue uma lição d'instrucção, podendo, ou repetir-se em dias successivos, conforme a sua difficuldade e importancia, ou mesmo subdividir-se consoante a sua extensão.

tensas, não podendo por isso a cavallaria—extremamente visível—aproximar-se tanto quanto seria indispensavel das posições para poderem observar o inimigo.

Hoje é á infantaria que incumbe esse papel. Homens isolados ou em pequenos grupos conseguem, cobertos com o terreno, aproximar-se das posições sem serem vistos pelo inimigo, e procedem a esse reconhecimento.

Diz o nosso regulamento tactico que o emprego da polvora sem fumo torna tambem extremamente complicada a determinação exacta da posição occupada pelo inimigo, e assim é em verdade. A polvora antiga produzia, ao dar-se o tiro, uma certa quantidade de fumo que marcava não só a posição occupava pelo adversario, ainda mesmo que estivesse occulto com qualquer abrigo, (pedras, arvores, sebes, moitas, etc.) mas tambem a extensão da linha inimiga.

Hoje com a polvora sem fumo não acontece assim; um inimigo collocado atraz d'um abrigo pode estar fazendo fogo durante muito tempo sem ser visto. Além d'isso ainda a intensidade do fogo das armas modernas illude-o—isto é, o poder-se fazer maior numero de tiros n'um curto tempo—difficultam muito mais do que d'antes o começo do combate da infantaria, por isso que as tropas atacantes são attingidas por um grande numero de balas do inimigo, logo que forem descobertas, pondo-lhe assim muita gente fóra do combate, sem mesmo terem tempo de fazer uso das suas armas. E' necessario, pois, educar um certo numero d'homens, nos quaes concorrem naturalmente qualidades especiaes, taes são: agilidade, intelligencia, destreza, audacia e resistencia, capazes de bem se desempenhar de tão arduo e complexo papel, que são chamados exploradores.

Vê-se pois quão melindrosa é a sua missão em campanha, e como deverão não só desenvolver os seus dotes physicos, mas tambem adquirir uma intrucção desenvolvida e completa para a desempenharem convenientemente. (1)

Pratica.—Depois de feitas aos novos exploradores as considerações expostas, o instructor escolhe no campo dois

(1) As considerações geraes que precedem os exercicios praticos não devem constituir theorias na caserna, sempre fatigantes e monotonas, podem e devem geralmente ser expostas aos exploradores no campo, antes de se dar começo ao exercicio, e como que sendo uma preparação para elles.

abrigos para uma secção, e ordena que uma força, constituída pelos exploradores já educados, que tenha pouco mais ou menos aquella composição, vá occupar um d'esses abrigos, commandada pelo sargento, faça ali fogo com cartuchos carregados com polvora ordinaria, indicando a especie de fogo que devem empregar, se fogo lento, fogo vivo, ou fogo por descargas. Os exploradores dirigidos pelo instructor vão collocar-se de 1:000 a 2:000 metros do abrigo, depende isso das circumstancias do terreno; chegados lá, o instructor marca um traço de terreno (sector) de 150 a 200 metros de largura, indicando-lhes que os exploradores do inimigo (que são representados pela outra secção) deverão occupar pouco mais ou menos uma zona igual. Fal-os depois marchar para o abrigo. Desde que foram disparados os primeiros tiros pela secção que representa o inimigo até se aproximarem d'ella deve-lhes fazer notar: 1.º—que o fumo é bem visivel; 2.º—que o fumo se vê muito primeiro que se ouça o tiro; 3.º—que a detonação se ouve tanto mais depressa quanto mais proximo se está do inimigo e 4.º—que muito proximo d'elle a detonação se dá ao mesmo tempo que se vê o fumo.

Depois a secção faz varias descargas com as espingardas carregadas com cartuchos com polvora sem fumo, tomando uma posição desconhecida dos exploradores, que vão occupar o segundo abrigo escolhido. Sahindo d'esse abrigo avançam na supposta direcção do inimigo, e a cada descarga por elle feita o instructor obriga-os a fazerem alto para observarem cuidadosamente o terreno e procurarem a direcção d'onde partem os tiros, fazendo-lhes notar a falta absoluta de fumo; (1) a difficuldade em reconhecer a posição do inimigo e a necessidade de se accultarem o melhor possivel e de marcharem com toda a precaução, para se approximarem o mais que poderem d'elle sem serem vistos.

J. GIL

Capitão d'infanteria

(1) De todas as polvoras sem fumo que se canhecem, a polvora *Vieille*, empregada em França, é talvez a que produz mais fumo. Em geral a insignificante columna de fumo produzida por uma bateria de espingardas é só visivel a distancias inferiores a 200 metros.

Não acontece porém o mesmo se fizermos fogo com uma arma cujo cano esteja untado ou molhado, porque então é visivel até 600 metros, nos fogos individuaes (fogo lento ou fogo vivo) e até 1:000 metros nos fogos por descargas.

A polvora portugueza Barreto produz tambem muito pouco fumo, foi o que se confirmou nas experiencias a que se procedeu, comparando-a com polvoras usadas nas principaes nações da Europa.

PHANTASIA?

No relatório de Cronge, acêrca da victoria alcançada sobre as tropas do general Methuen, em Modder, informava o general boer, que pouco ou nenhum resultado tinha tirado da sua artilheria.

Por sua parte, o general inglez Buller, informava igualmente, que, na derrota soffrida no Tujela, as 10 peças de artilheria collocadas na margem do rio tiveram de ser abandonadas, sem que o inimigo se approximasse d'ellas, porque o fogo da infantaria — a toda a distancia que se podia calcular de um rio caudaloso — tornava impossivel não só o seu aproveitamento, se não a operação muito complicada de as retirar.

Estes factos, passados no começo da guerra anglo-boer, teem sido confirmados pelas subseqüentes operações, resultando d'ahi, que a infantaria apresenta mais um factor de triumpho, ou seja a efficacia incontestavel do fogo da espingarda moderna, quando o soldado não é um zero na fileira.

Estas informações, colhidas em tempo, no *Liberal* de Madrid, não nos surprehenderam, porque de ha muito nos habituámos a considerar o *fogo da infantaria como o agente principal do combate e o melhor argumento da victoria.*

Lembra-nos até que ha quem avance que a acção da artilheria é inefficaz contra a infantaria; a artilheria não destroe a infantaria a peito descoberto, não a desmoralisa nem a dispersa nas posições que defende.

Sem nos determos, porém, em estabelecer comparações entre a artilheria e a infantaria, que não é esse nosso intento, nem teriamos nada a acrescentar ao que por toda a gente é conhecido e vem desfiado nas recentes estatisticas acêrca das perdas experimentadas nas ultimas guerras, que dão para a bala da infantaria 80, 85 e 90 ^o/_o, 2 para as armas brancas e 8 a 12 para a artilheria, vamos entrar francamente no assumpto d'este despretencioso escripto.

Está provado que uma boa espingarda nas mãos de um soldado inexperiente é uma nullidade, e até certo ponto um perigo, porque, aberta a *valmula de segurança da sobreexcitação*, quebrada a disciplina do fogo, o consumo das munições torna-se em uma orgia doida e funesta.

D'ahi nasce a necessidade da pratica de tiro ministrada em exercicios methodicos e progressivos, e consequentemente a creação de novas carreiras nas sédes dos corpos, porque, a meu vêr, a instrucção de tiro dada em carreiras estranhas, é pouco proficua pela falta de tempo para se corrigirem todos os defeitos organicos e de educação do soldado.

O maior general do nosso seculo, dizia que a espingarda do seu tempo era a mais poderosa machina de guerra de que o homem se tinha servido. D'ahi talvez o aphorismo: *que o fogo é tudo e o resto é zero*.

E, comtudo, atira-se hoje dez vezes mais longe e oito mais depressa do que antigamente. Emquanto o alcance util das antigas espingardas era de 200 metros, chega-se hoje a exceder 3:000 metros; emquanto um soldado instruido fazia 3 a 4 tiros em dois minutos, pôde hoje attingir 10 e mais tiros em um minuto, *justos e rapidos*, ao contrario do *tire peu mais tire juste*; e se ás curtas distancias a bala antiga sómente atravessava um homem, hoje a 300 metros, a bala moderna, a *bala humanitaria*, como espi-ritualmente lhe querem chamar, atravessa tres homens!

Disse Ortus que, na futura guerra, nenhuma das infantarias europeias, teria, como armamento, superioridade notavel.

E assim, parece, deveria succeder, porque todas as nações de 1886 para cá teem adquirido ou procurado adquirir, espingardas de pequeno calibre, variando de 8 millimetros e 6 millimetros e meio.

A Allemanha, Austria, Hollanda e Roumania, com a Mannlicher de diversos modelos e cujos calibres variam de 8 a 6^m,5; a Inglaterra com a Lee-Metford de 7^m,7; a Belgica, Hespanha e Turquia, com a Mauser, tambem de diversos modelos, e cujos calibres variam de 7 a 7^m,65; a França com a Lebel de 8^m; a Italia com a Carcano de 6^m,5; a Suissa com a Schmidt de 7^m,5; a Dinamarca com a Krag-Jorgensen de 8^m, etc. etc., provam o que asseverámos.

Todas estas espingardas atiram balas cujo peso varia de 11 a 16 grammas; as alças estão graduadas até 2:000 metros e mais, o que permite á infantaria abrir fogo desde 1:800 metros com resultados apreciaveis, embora nos digam que as tropas que esgotam parte do seu municia-mento entre 1:500 e 1:800 metros são muito mal dirigidas, quer na offensiva quer na defensiva; e todas teem trajecto-

rias tensas e razantes, podendo ferir um homem de pé até 700 metros.

N'estas circumstancias, a qual das infantarias pertencerá a victoria?

Provavelmente áquella que tiver melhor practica de tiro e mais partido souber tirar da sua espingarda.

Mas, naturalmente, com a rapidez e justeza do tiro, que resultará d'essa practica, deverá nascer a necessidade imperiosa da tropa se abrigar; e entre duas infantarias igualmente instruidas, a que atacar a posição, como poderá fazel-o a peito descoberto, atravessando hoje uma *zona da morte* muito mais extensa do que a baptisada pelos russos em Plewna, vasta necropole de victimas do dever, muito embora as percentagens obtidas nos polygonos estejam longe de se approximarem das do combate, e entre mortos e feridos alguns possam escapar, como vulgarmente se diz?

A força moral deve estar para a material como 3 para 1. Mas qual será o moral da tropa que, sendo infructiferos todos os seus esforços para alcançar a posição, onde um inimigo que mal se encherça e que apenas se denuncia pelo ruido dos tiros e pelas torrentes de chumbo que despeja com uma justeza e rapidez admiraveis, espalhando a morte entre as fileiras do adversario, não encontra na tactica uma formação que a perserve dos tiros do inimigo, nem no terreno um abrigo efficaz?

E até onde chegará essa instrucção de tiro tão cuidada da parte de todas as nações que velam pela sua segurança, como o avaro pelo seu thesouro, e destinada, talvez, a fazer de cada soldado um Dick Kennedy?

Quaes os meios que se empregarão no futuro para abrigar as tropas dos tiros certos do adversario?

Será a fortificação capaz de responder aos novos progressos do tiro da infantaria, quando bem aproveitados?

Sendo a mobilidade e a offensiva o caminho mais curto para o exito, não nos parece, que as tropas, para vencerem, tenham de permanecer agarradas ao solo, como o mollusco á sua concha.

A posição é apenas uma mascara e mais nada; uma mascara que facilita a manobra, occultando o movimento. E' no fogo e no movimento e não na posição que se encontram os melhores argumentos do combate.

De que outro meio se deverá lançar mão para conjurar taes progressos?

Talvez a phantasia do capitão Daurit, que se pode traduzir do seguinte modo, responda a esta interrogação:

As forças da defeza tinham-se entrincheirado fortemente, occupando uma posição consisiderada inexpugnável.

A pequena aldeia que occupavam ficava em uma altura circumdada de vallados com vegetação, que a cintavam, prestando-se admiravelmente para a primeira linha da defeza.

Presumia-se que o inimigo sob a acção dos fogos da defeza não podesse percorrer os 1:000 metros de terreno, que descia em inclinação suave até ao valle, que se alargava lá em baixo, contornando parte da altura.

A defeza tinha empregado todos os meios para colher o melhor resultado dos seus tiros e adoptado trabalhos de fortificação necessarios para augmentar o valor defensivo da posição. Conserva-se vigilante, dedo no gatilho da espingarda, forte no dever e na sua força material e moral, prompta a repellir qualquer ataque súbito.

Um dia, ao romper a madrugada, manhã clara e cheia de luz, os exploradores da defeza tiveram que retirar sobre a linha principal de resistencia, perseguidas pelos fogos do adversario.

A linha do ataque, reforçada successivamente, alcança os seus exploradores, mas d'ahi não avança, porque uma redê de chumbo varre persistente e continuamente o terreno que ella pretende pisar, entre os gemidos dolorosos dos que caem. E a cada lança que se deseja effectuar, dezenas de homens mordem o pó em uma agonia suprema.

Era um novo Saint-Privat para os defensores!

A artilheria, levada por um generoso mas doido impulso, aproxima-se a 1:500 metros da posição, para em seguida retirar-se dezimada pelos tiros certos das espingardas da defeza.

E esta, na sua criminosa defensiva-passiva, assistia ao seu triumpho na derrota do adversario apenas pela certeza do seu tiro, que outro triumpho, parece, não haverá no futuro.

Mas, eis que para além do valle surge uma muralha metallica, em que o sol, incidindo directamente, arranca chispas de luz de imprudente brilho, que cegam a defeza. E' uma extensa linha de escudos que se move na direcção da posição, e a seu abrigo avançam densas massas de homens, que se denunciavam apenas por milhares de bayonetes.

tas, que sobresaem a muralha metallica pela sua parte superior, rutilantes ao sol.

E' a tropa de choque, fresca e vigorosa, destinada ao assalto.

As forças da defesa recebem a apparição tão inesperada com fogo vivo de uma violencia que toca as raias da loucura. Mas o effeito das balas sobre o metal da muralha movel é como o granisò cahindo sobre telhados de zinco.

O chumbo ricochetado assobia no espaço uma canção doida... e o inimigo avança sempre, ganhando terreno.

Os binoculos dos officiaes distinguem claramente a muralha metallica que se aproxima, em todas as suas particularidades.

E' uma serie de escudos transportados por uma extensa fila de homens, certamente escolhidos d'entre os mais robustos e de animo sereno, apresentando cada um d'estes abrigos a fórma convexa para o exterior e terminando inferiormente em duas pontas que se fixavam no terreno no final de cada lanço.

Na parte superior de cada escudo havia uma pequen-fresta que servia para observar a campanha, e do lado direito um colchete em que se apoiava a espingarda na occasião de apontar, pontaria que os homens faziam de olhos, emquanto a tropa de choque se deitava.

E, ao abrigo dos seus 200 escudos, cada batalhão em massa avançava a coberto, reduzindo as suas perdas ao minimo, embora a violencia do fogo da defesa.

A muralha de aço continuava avançando, e os defensores sem attenderem á voz dos chefes, perdida a disciplina do fogo, e tomados de uma excitação nervosa impossivel de debellar, exgotam os depositos dos cartuchos no meio de uma embriaguez funesta.

O inimigo chegava n'esta occasião a 200 metros da posição e ao seu grito de avança, a defesa abandona a posição sem escutar as exhortações dos officiaes, razão perdida, em uma fuga cega, semeando de mortos e feridos o campo percorrido, que é varrido pelos fogos dos atacantes que feriam de morte e pelas costas, os fugitivos loucos de terror

Era a derrota com todo o seu cortejo funebre de vergonhas.

.....
Parece que a Sebastopol e Epinay deram o primeiro

passo no renascimento do escudo, e é muito possível que, nas futuras guerras, se lhes siga o exemplo.

Tempo virá, talvez, em que como os Lacedemonios, seja mais honroso morrer sobre o escudo do que regressar sem elle.

Será de suppôr, então, que o aphorismo de Souvaroff, sacudindo o pó dos archivos, renasça de um passado glorioso, mas um tanto modificado — em lugar da *bala doida e da bayoneta sabia* — seja a *bala impotente e só a bayoneta efficaz*.

Será ?

SANTOS FONSECA.

Capitão de infantaria

Um artigo intitulado — *Die Kriegstechnik in Transwaalkrieg* — e publicado na revista — *Kriegstechnisch Zeitschrift* — tratando de varias questões technicas, como o titulo do artigo indica, que a guerra do Transwaal tem feito ventilar, diz, além d'outras cousas, que os escudos de protecção da infantaria ingleza nenhum serviço de importancia prestaram, nem prestarão em casos analogos, constituindo uma carga inutil que durante o assalto é necessario deitar fóra.

(Nota da redacção).

EXERCICIOS MILITARES

(Continuado do n.º 11, 3.º anno)

II

Seja como fôr que os encaremos, os exercicios de tactica applicada impõem-se sempre ao nosso espirito, como sendo o ramo mais importante da instrucção militar, pois que n'elles se faz applicação, ou se encerram todos os outros conhecimentos e exercicios, inclusivamente os do tiro, quando a força fizer uso de cartuchos com bala, e o inimigo fôr figurado por alvos.

Esta propriedade que pertence aos exercicios em geral, accentua-se ou apura se nos de *dupla acção*, e finalmente, nas *grandes manobras*, tem a mais ampla e rigorosa demonstração.

Nos exercicios de *dupla acção*, e especialmente nas *grandes manobras*, ha occasião de applicar, verificar ou comprovar: os conhecimentos theoreticos ou dos principios; a dextreza ou preparação das tropas; a capacidade para o commando ou a sua trenagem; a perfeição dos regulamentos, os seus defeitos ou má adopção ás condições praticas; a justeza ou desharmonia da montagem e funcionamento dos serviços auxiliares ;

o estado dos homens, do material e dos animaes. Tambem não escapam á verificação do seu valor real e estado de preparação os serviços de engenharia, a fortificação, a telegraphia, a velocipedia, os serviços de transportes, as subsistencias, as requisições, e, enfim, de todas as cousas que pôdem ser empregadas na propria guerra. Possuindo todós estes titulos de recommendação, é então extranhavel que estes exercicios sejam objecto de apreciações deprimentes, sendo frequentemente considerados como pouco uteis para a instrução.

Taes juizos, em nosso vêr, são muitas vezes justos, mas provém de causas intrinsecas, e não de qualidades inherentes aos mesmos exercicios. E que, em virtude do modo como os exercicios são realizados, as imagens que d'elles recebemos diferem muito da ideia que nós fazemos de uma unidade de tropa bem organizada, e funcionando com a arte e correção que os livros e regulamentos ensinam e mandam.

Os livros ensinam-nos os principios da guerra, principios que logo nas escolas começamos a assimilar, e depois desenvolvemos, radicamos ou mesmo transformamos e alteramos pela propria reflexão.

As leis e regulamentos estabelecem a organização das unidades, isto é, o pessoal, animal e material que as compõe; escolhem entre os principios os que se julgam mais convenientes, e impõem-nos como regras obrigatorias da conducta de cada um, tanto no combate como em qualquer outra situação; emfim, inculcam e determinam o methodo ou processo a seguir e observar em todos os serviços.

O cumprimento de tudo isto, exacto, ou pelo menos dentro dos limites marcados nos mesmos regulamentos, é o unico meio dos exercicios nos fornecerem uma imagem ou imagens harmonicas e convenientes. Tal conformidade é o que se chama *verosimilhança*. E' a maxima harmonia entre a imagem do exercicio e a imagem da guerra; é a execução do exercicio observando rigorosamente o que os regulamentos determinam para organização e constituição das unidades e para as suas applicações na guerra; para a marcha, estacionamento e combate, e emfim, para o processo a seguir em todos os serviços.

E' em conformidade com estas ideias que se deve estabelecer todo o systema e orientação da tactica applicada, sob pena de nos perdermos por caminhos errados, em que o trabalho se consome em pura perda, porque longe de nos illucidarmos nos principios e adextrarmos na pratica dos regulamentos, successivamente nos confundimós e eivamos de maus habitos e praticas contrarias aos mesmos regulamentos.

Porque muito importa dar a estas ideias uma forma mais comprehensiva e pratica, vamos traduzil-as nos seguintes principios:

1.º — Os exercicios de dupla acção e as grandes manobras devem dar-nos uma imagem o mais approximada possivel da guerra.

2.º — A tactica applicada deve ter por fim o adextramento dos quadros e das tropas nos processos e regras inculcadas pelos regulamentos tanto para o combate como para todos os mais serviços de campanha.

3.º — Nos exercicios do outono e nas grandes manobras as forças devem ser mobilizadas e constituidas como para a campanha, e deve-se fazer em conjuncto a cooperação de todas as armas e serviços, em conformidade com os regulamentos.

Como sumula d'estes principios podemos ainda formular que nos exercicios *tudo deve ser verosimil e conforme com os regulamentos*.

Esta nossa insistencia em recordar o principio da verosimilhança, e o respeito das determinações e processos regulamentares, vae talvez parecer ociosa, mas nós julgamos necessaria tal recordação.

Ha casos em que os serviços não correm bem, porque a doutrina

regulamentar não está perfeita; porém, nos exercicios de tactica applicada e nas manobras, a maioria dos defeitos que se notam, não proveem dos regulamentos, mas sim de se preterir e não cumprir as suas disposições e doutrinas.

Onde é que se cumprem os regulamentos quando o exercicio é feito segundo um plano em que as normas e processos são de pura phantasia, em total contradicção com a doutrina official?

Onde é que se cumprem os regulamentos quando um batalhão se apresenta com 120 homens? quando as forças se apresentam sem effectivos e sem material?

Onde é que se cumprem os regulamentos quando se não attende a que as tropas precisam regular alimentação, descanso, abrigo do relento da noite e da chuva?

E' a despeito dos regulamentos que os exercicios apresentam estas e outras incorrecções, e em parte as razões são outras: não foi com o nosso proprio trabalho, perseverante e rasoavelmente orientado, que se conseguiu aperfeiçoar os processos da instrucção militar, e especialmente os da tactica applicada e das manobras. Os principios que devem presidir a esta instrucção tem sido introduzidos nos nossos regulamentos, mas como pura copia dos escriptos e trabalhos estrangeiros. Por consequencia, o resultado não podia ser outro senão a sua pratica desconnexa, cheia de inconsequencias. Os principios estão nos regulamentos, mas é como se lá não estivessem. Haja em vista o que acontece com os *árbitros*, que foram objecto de uma regulamentação, mas que constituem um organismo de que nos não sabemos servir. Limitam o seu papel a assistir ao exercicio, e nem outra coisa seria possivel, em exercicios feitos por planos e systemas que totalmente excluem a iniciativa dos commandantes de grupos e de unidades.

A *iniciativa* é outra innovação que se foi insinuando nos nossos regulamentos, mas como producto exotico ou resultado do progresso estranho. Por isso nunca pôde perder o character adventicio, inassimilado, incomprehendido. N'este ponto a propria regulamentação é nebulosa, insufficiente e contradictoria.

N'uma pagina se alardeiam os beneficios da iniciativa e se manda imperiosamente aos officiaes que a usem e pratiquem, e logo na pagina seguinte — em duzias de paginas e em milhares de ordens — se priva absolutamente os mesmos officiaes da mais ligeira experiencia de iniciativa. Se a iniciativa não fosse uma ficção de que praticamente ninguém faz uso, os famosos planos pelos quaes se tem feito todos os exercicios nos ultimos dez annos, não teriam existido, ou ha muito teriam sido banidos.

Que um exercito, que n'um dado momento se reconhece atrazado, procure obter um rapido avanço, introduzindo as doutrinas e praticas dos mais avançados ou perfeitos, comprehende-se e admite-se, mas o que não é lisongeiro é que tudo isso fique sendo obra ideal, theorica, de *poeira*, a que não corresponde uma execução séria.

A nós dá-nos isso um tanto a impressão de um regulo africano que offerecesse ao seu estado uma constituição á europêa, com a condição de se não alterarem os habitos e costumes do povo.

Por muitos que sejam os motivos do nosso atrazo, ou da imperfeição do nosso organismo militar, esses motivos poder-se-hão reduzir a dois principaes:

1.º — A insufficientia do estudo theorico, ou a falta de saber.

2.º — Porque se não põe em pratica convenientemente o que se sabe.

Nós sabemos que a instrução em geral, o tiro, a gymnastica, são grandes causas que multiplicam o valor do soldado; mas, para effectos praticos, é como se o não soubessemos. A iniciativa, a verosimilhança e outras regras que devem presidir aos exercicios, tambem nos são totalmente desconhecidas; mas não adoptamos decididamente estas innovações e aperfeiçoamentos.

Para prova d'isto basta que apresentemos alguns exemplos.

O nosso regulamento tactico, tratando da instrução da companhia, diz que n'alguns exercicios convirá constituil-a por effectivos approximados do pé de guerra.

Esta regra é justissima, mas geralmente não se pratica.

O que se passa com o batalhão é que é muito peor, e comtudo o regulamento dá-nos para esse a mesma regra referida. Sendo o effectivo de guerra de 1000 homens, os exercicios são geralmente feitos com 200, 160 e até com 100 homens.

Mesmo nos exercicios mais importantes, que entre nós não teem passado de brigada contra brigada, os regimentos de dois batalhões apresentam-se com 250 homens, que é apenas a oitava parte do effectivo de guerra, ou justamente a força de uma companhia. O trem regimental, composto dos carros de viveres, de munições, de bagagens, ferramentas e material de bivaque vae reduzido na mesma proporção, e com estas deficiencias da constituição das unidades e dos elementos constitutivos das columnas, nós não recebemos senão imagens inverosímeis, e só adquirimos, mesmo na melhor hypothese, noções falsas ácerca dos serviços de campanha e do combate; não nos familiarisamos com as unidades e columnas devidamente constituídas, não aprendemos a manejal-as e não evitaremos a surpresa, a desorientação e desordem, se um dia a mobilisação se fizer a valer.

O que seja um regimento em campanha, e o que é um regimento em exercicio, póde-se comparar de muitos modos. Para exemplo, façamos a comparação com um navio de guerra. Entre uma canhoneira de 200 tonelladas e um cruzador de 2:000 vae um abysmo. Entre um cruzador de 1:400 tonelladas, e um couraçado cruzador de 14:000 tonelladas, a relação é idêntica. Ha pouco tempo, quando recebemos uns cruzadores de 1:800 e de 4:000 tonelladas ouvimos e lemos muitas vezes que não tinhamos no momento pessoal habilitado, e que era preciso formal-o. Um official superior da armada a quem pertence o commando de navios de 6:000 a 12:000 tonelladas, certamente se julgaria muito desprezado e amesquinhado, se lhe dessem uma canhoneira para commandar ou um pequeno cruzador.

Entre nós, que não temos navios grandes, o principio acima não tem cabal applicação, mas tambem é certo que o alto prestigio do commando não existe, e que a mesma ideia se faz da capacidade profissional de quem commanda e do merito de quem não commanda. Talvez mesmo haja inversão no modo de avaliar a capacidade.

Tomando a força real de uma companhia, e armando-a em um batalhão, preparamos apenas o caminho para uma interminavel serie de falsidades em que todos nos embrenhamos, e em vez de nos esclarecermos em qualquer ponto da arte militar, e da applicação e execução dos regulamentos, cada vez nos confundimos mais, até ao ponto de totalmente estragarmos o criterio, o paladar, a logica e o raciocinio.

Já vimos sustentar, como cousa muito natural, que um batalhão póde defender uma posição com a frente de um ou dois kilometros, e para isso, basta que o commandante avance com o batalhão para o logar, mande formar de costado a dois e seguidamente estender em atiraçoes.

á direita ou esquerda, com o intervallo de 20 ou 40 passos entre as filas.

O nosso camarada, que aliás era muito intelligente, produziu taes affirmações, illudido no momento pelas imagens falsas que tinha recebido dos exercicios, e pelas varias barbaridades presenceadas, a despeito de todas as regras e principios, mesmo os regulamentares, e tanto assim, que reconheceu o erro logo que se recordou da boa doutrina e se esqueceu do que se faz ou manda fazer nos exercicios.

Da falsidade da constituição das columnas resulta que o funcionamento regular das columnas de munições, dos trens regimentaes e das columnas de viveres, não se vê durante as marchas, durante o estaccionamento e durante o exercicio de combate. Reduz-se tudo a dois ou tres carros que acompanham as forças, ou se affastam d'ellas, sem qualquer direcção conveniente para os fins do bom tirocinio do regulamento de campanha.

Quanto ás tropas, além da ficção do reduzido effectivo, ha nas manobras de outono a notar a ausencia de reservistas, quando é certo que não ha mobilisações sem reservistas; portanto, a ausencia de reservistas é uma causa de inverosimilhança.

Da apresentação dos regimentos com a oitava parte do seu effectivo deduzem-se cousas curiosas. Os homens teem de estender em atiradores com grandes intervallos e executar depois descargas por pelotões, o que é pouco possível. Geralmente os sargentos não commandam nada, porque os pelotões, tendo doze filas, não precisam nem pôdem separar secções. Qualquer pequeno accidente é sufficiente para abrigar um batalhão, que geralmente se accumula sem regras de qualquer especie e como o faria um simples pelotão.

Como a tropa é pouca applica-se bem o principio de a ter na mão, mas ninguem exerce a iniciativa.

Logo nas primeiras phases do combate já não existem reservas, está tudo reduzido a um cordão de atiradores, quando é certo, os reforços são successivos, que o primeiro desenvolvimento deve ser parcimonioso, e que a victoria pertence áquelle partido que reserva mais tropas frescas para a crise principal. E' muito grave desenvolver cedo, ou privar-se de uma boa reserva geral, pois que o habil emprego das reservas é um dos mais importantes papeis que os chefes teem a desempenhar durante os combates e batalhas.

Geralmente nos exercicios, desde a primeira até á ultima phase, pouco se preocupam com o desempenho do papel que os regulamentos lhe conferem, e cada um só pensa e trata de invadir e absorver as attribuições dos graduados que lhe são inferiores.

Pudera! Pois se plano é o primeiro que a todos usurpa ou dispensa as funções ligítimas.

(Continúa).

JULIO D'OLIVEIRA
Tenente de caçadores

A reforma por equiparação



A preocupação de espirito de que estavam dominados os officiaes do exercito, quando se discutio no parlamento a ultima reorganisação do exercito, motivou passar sem reparos a lei da reforma por equiparação.

Este facto vem comprovar que o interesse pessoal é assumpto secundario quando se trata da defeza da patria.

Hoje que a lei de reforma por equiparação está em plena vigencia, nota-se n'ella algumas incongruencias que, embora não apouquem os intuitos do seu auctor, por certo o actual ministro da guerra, fazendo-as des-

apparecer, terá mais uma occasião de confirmar quanto a sua individualidade se impõe como estadista e quanto são motivadas as esperanças que o exercito tem na sua iniciativa.

Segundo se depreheende do artigo 1.º da lei de reforma por equiparação, bem como do relatorio que a precedeu ao ser apresentada ás camaras, o seu auctor teve em vista compensar na reforma os atrasos individuaes dos officiaes durante a sua carreira militar.

Nada ha mais justo.

Porem das regras estabelecidas para applicação da lei

resultam principios que a tornam antinomicamente com a intenção do legislador, não estabelecendo reciprocidade de vantagens para todos os quadros dos officiaes do exercito.

Assim a lei estatue que a base para os effectos da equiparação seja uma escala formada pelos officiaes combatentes (do estado-maior e das quatro armas) segundo determinadas regras, vindo os officiaes almoxarifés e não combatentes procurarem a sua altura n'essa escala, para effectos de reforma, sendo vedado áquelles officiaes equipararem-se com estes quando estejam atrasados em promoção.

Tal disposição não se nos afigura justa, a não ser que os serviços dos officiaes combatentes sejam de menor valia que os dos officiaes almoxarifés e não combatentes.

Uma das preocupações do legislador, confessada no relatorio que precedeu o projecto, foi não dar vantagens superiores aos officiaes provenientes da classe dos 1.^{os} sargentos, em relação aos officiaes com os cursos das respectivas armas.

Porem, foi infeliz na forma como quiz attender a este facto, pois que, apesar da lei não offerecer vantagens practicas para os officiaes sem o curso, alguns ha que gosam de vantagens superiores aos seus camaradas; assim na cavallaria alguns tenentes sem o curso, que são alferes de 1893, são para effectos da equiparação considerados com antiguidade do curso de 1881; note-se que a alguns d'esses officiaes lhes é contado o tempo de 2.^o sargento.

Um dos pontos tambem discutíveis é o que diz respeito á forma da contagem do tempo de serviço, assim, quando o official opta pela reforma por equiparação, tem direito á reforma do equiparente, com o tempo de serviço que este tiver, a contar na sua entrada na respectiva escala. De forma que a contagem do tempo de serviço é variavel, o que torna instavel as vantagens da reforma por equiparação.

Actualmente existe um grande numero de coroneis que por se equipararem com o general de brigada sr. Carlos Augusto Moraes d'Almeida, teem direito á reforma em general de divisão com 130.000 réis, se porem este general deixar de existir na respectiva escala, todos estes coroneis perdem essa vantagem, e passam a ter direito á reforma por equiparação com o general de brigada, snr. Manoel Raphael Gorjão, isto é, general de divisão com 120.000 réis, voltando só a terem direito á reforma com 130.000 em 1-10-1903.

Tambem nos parece que ninguem negará a justiça da reciprocidade entre a reforma dos officiaes de marinha e os do exercito de terra, visto aquelles já gosarem da vantagem de se aquipararem com os officiaes do exercito de terra.

Afigura-se-nos que fazendo-se as seguintes modificações na actual lei ella se tornaria mais equitativa:

1.º) A equiparação seria reciproca entre todos os officiaes do exercito e da armada, sendo a base das escalas a mesma por onde se rege a actual lei.

2.º) O official obteria a reforma por equiparação em relação ao posto do official equiparante, mas com o tempo de serviço que elle equiparado tiver de official; considerando-se como tal o tempo de aspirante a official.

3.º) Para se poder obter a reforma por equiparação seria necessario ter 10 annos de official.

4.º) Os vencimentos regular-se-hiam pela seguinte tabella:

Mais de 30 annos de official, soldo por inteiro e mais 20 % para os generaes de brigada, coroneis e capitães, e 10 % para os restantes.

Mais de 25 annos de official, soldo por inteiro.

Mais de 20, 15 e 10 de official, 80; 60 e 50 % do soldo.

Generaes de divisão com mais de 40 annos de official e generaes de brigada com mais de 35 annos de equal serviço, 180.000 e 130.000 réis.

A reforma com 30 annos de serviço daria direito á gradação no posto immediato.

Qualquer official quando, mesmo que não optasse pela reforma por equiparação, lhe adviesse vantagem reformando-se em relação ao tempo de serviço como official, poderia optar pelos vencimentos da presente tabella.

A. L. de S.

CAMPANHA DE GAZA

EM 1897

(Concluido do n.º 12 — 3.º anno)

COMMANDO DA COLUMNNA E REDUCTO DO GUIJÁ

VI

O feito de Máconténe foi tão brilhante que levou o commissario regio a fazer publicar no «Boletim Official» o seguinte :

«Secretaria militar. — N.º 7. — Ordem á força armada do exercito d'Africa oriental. — Quartel general em Moçambique, 21 de julho de 1898. — Sendo hoje o primeiro anniversario do combate de Máconténe, em que foi esmagada a rebellião dos indigenas de Gaza, combate no qual mais uma vez as tropas portuguezas de mar e terra provaram o seu acrisolado brio, intemerato esforço, inalteravel disciplina e inexcedivel dedicação pelo serviço de Sua Magestade El-Rei, e tendo o mesmo Augusto Senhor, por diversas vezes dado publicas e cathogoricas demonstrações de quanto apreciava, e lhe era grato, vêr que os srs. officiaes, officiaes inferiores e mais praças dos seus exercitos de terra e mar mantinham tão alto as gloriosas tradições que aos mesmos exercitos collocavam em tão alto logar na historia patria.»

«Sua Ex.^a o Commissario Regio e Governador Geral d'esta Provincia, entendendo que tão fausto anniversario, longe de passar desaperecebido aos srs. officiaes, officiaes inferiores e mais praças d'esta guarnição, deve ser celebrado por fórma que a recordação de tal feito de armas sirva de incentivo a futuras acções militares e, rememorando-se, sirva de exemplo que por certo todo o militar portuguez se empenhará em seguir; determina e manda publicar o seguinte» :

«1.º São perdoadas todas as penas disciplinares ás praças de pret que as estejam soffrendo n'este dia 21 de julho de 1898.»

«2.º Ao recolher do dia da recepção d'esta ordem nas dif-

ferentes unidades, serão lidos ás praças os nomes e numeros dos srs. officiaes, officiaes inferiores e praças, constantes da relação junta e que tomaram parte no referido combate de Máconténe, afim de que, por esta fórma, todas as praças tenham conhecimento de quem, pelo denodo e subordinação que no mesmo combate demonstrou, pode e deve servir d'exemplo aos que, como militares que são do exercito portuguez, têm por maior ambição e mais estriicto dever servir Sua Magestade com dedicação absoluta, obediencia indiscutida e inquebrantavel constancia».

«O chefe de estado maior — Ayres de Ornellas, capitão».

Columna de operações de Gaza

.....
 «Infanteria n.º 4: capitão, Rodolpho Augusto de Passos e Sousa — alferes, Luiz Candido da Silva Patacho e Antonio Nunes de Andrade».

«Saude: Cirurgião-ajudante, Umberto Pinto da Costa Araujo».

(Segue a relação das praças de pret, que não transcrevo por ser muito extensa).

A companhia conservou-se no acampamento do Chibuto até 31 de agosto.

Pelas 9. 15 a. m. d'este dia partimos para Moyéne, onde chegámos 1 hora p. m. depois de um descanço das 11. 15 ás 11. 45,

No dia 1.º de setembro, pelas 9 horas a. m., embarcámos na lancha-canhoneira Serpa Pinto com destino a Chai-Chai onde atracamos a 1. 30 p. m. Ás 2 horas largámos no pequeno vapor Amelia, e ás 6 p. m. fundeámos junto ás officinas da esquadilha, na barra do Limpopo.

No dia immediato, ás 6 a. m. saimos a barra com destino a Lourenço Marques desembarcando na ponte-caes ás 3. 30 p. m., seguindo para os quartéis da Ponta Vermelha.

O quadro seguinte é muito significativo, e, mais uma vez, nos convence que os individuos que gosam mais saude em Africa são os alemtejanos, parecendo que deviam ser os algarvios pela sua proximidade d' Africa.

		Proveniencia das praças											Total		
		4	21	14	9	23	12	16	17	2	15	22		Caçadores 8	P. M.
Praças repatriadas por doença.....	17	40	22	7	9	3	1	2		1	1			1	104
Fallecidas por molestia.....	5 (a)	3	2	1	1										12
Regressaram com a companhia.....	51	24	13	7	4	4	1	2	1	1	1	1	1	1	106
Partiram de Lisboa.....	73	67	37	15	14	7	2	2	1	1	1	1	1	1	222
Dias de hospital em Africa.....	810	1026	598	256	245	74	24	22	16	22	22	22	63	3:178	

(a) sendo um obito por suicidio.

A companhia permaneceu nos quartéis da Ponta Vermelha até 5 de outubro, dia em que embarcou no paquete «D. Amelia» de regresso ao reino.

No dia 9 fundeamos junto ás dokas de *Cape Town*. Quem desembarca n'esta cidade fica maravilhado de vêr tanta civilização no extremo sul d'África!

Digam o que quizerem, mas o que é fóra de duvida, é que os inglezes são um grande povo e tem amôr patrio como nenhum. Os governos d'esta nação, que se revesam na administração politica do seu paiz, trabalham todos para o mesmo fim, — engrandecimento da sua patria —, e quem diz patria, diz a Grã-Bretanha e suas colonias.

Prouvera a Deus que os governos dos outros estados se inspirassem nos mesmos principios.

A 13, pela 1 hora p. m. suspendeu o «D. Amelia» seguindo o rumo de Lisboa.

A viagem correu perfeitamente, reinando entre todos os officiaes os mais cordeaes principios de bôa camaradagem, o que não admira, porque em Africa, onde o devêr os chamou, participaram os mesmos perigos e trabalhos.

Para solemnisar a passagem do equador, lembrou-nos promover uma *Kermesse*, revertendo o seu producto a beneficio do «Instituto de soccorros a naufragos», o que se realisou com a generosa cooperação de todos, produzindo a quantia de 223\$000 réis.

Logo que cheguei a Lisbôa, fiz depositar nas bondosas mãos de Sua Magestade a Rainha a referida quantia, recebendo mais tarde o officio que julgo conveniente transcrever: «Instituto de Soccorros a Naufragos. — n.º 56. . . . Sr. — «Acabo de receber de Sua Magestade a Rainha a quantia de 223\$000 (duzentos e vinte tres mil réis) proveniente d'uma «kermesse realisada abordo do vapor «D. Amelia». Sua Magestade encarregou-me de agradecer a V. em Seu Nome e «no do Instituto tão valioso donativo, agradecimento que V. «se dignará transmittir aos seus camaradas que formaram a «commissão promotora da mencionada Kermesse. Encarregame mais Sua Magestade a Rainha de significar a V. e a seus «camaradas quão grato lhe foi o terem-se lembrado d'esta util «Instituição a que Ella com tanta solícitude preside. — Deus «Guarde a V. — Secretaria do Instituto de Soccorros a Naufragos em 19 de novembro de 1897 — . . . Sr. Redolpho «Augusto de Passos e Souza. — O secretario (a) J. V. Caldeira.»

A 4 de novembro, pelas 10. 30 p. m. entramos a barra,

fundeando o «D, Amelia» em frente de S. José de Ribamar.

No dia immediato seguimos rio acima e ás 10. 30 a. m. atracavamos á ponte do arsenal de marinha, desembarcando as forças por unidades.

Na ponte estavam os officiaes da brigada de cavallaria com o seu commandante e bastantes officiaes de cavallaria n.^{os} 2 e 4, aguardando a chegada da companhia expedicionaria de cavallaria n.^o 4, e, apenas os seus camaradas assomaram á amurada do vapor, o digno coronel Baracho prorompeu em entusiasticos vivas, repetidos por todos os officiaes.

Consola vêr que no nosso exercito ainda ha quem distinga os trabalhos que se passam nas guerras d'Africa dos que por cá se experimentam nos exercicios de quadros!

Desembarcada a companhia foi alojar-se no quartel de S. João de Deus (inf.^a 2).

No dia 6, no comboio da noite, regressamos a Elvas. Aguardavam a nossa chegada na *gare* da estação, o digno commandante de infantaria e todos os officiaes e muito povo. Apenas o comboio entrou nas *agulhas* expontaneamente se ouviram muitos *vivas*, e claramente se divisava entre todos a alegria que lhe ia n'alma por ir abraçar aquelles que apenas souberam cumprir com o seu dever, honrando as nobres tradições do regimento.

Depois da nossa estada em Africa, vamos aqui emittir a nossa humillima opinião, ainda que muito summariamente, sobre o que se nos affigura de rasoavel, sobre a alimentação, armamento, equipamento e fardamento que as praças em *campanha* deviam adoptar.

Alimentação. — Varial-a quanto possivel, por meio de combinação de generos, de modo a não haver ranchos eguaes em dias seguidos.

O grão de bico, feijão, batata, macarrão, carne de vacca, bacalhau e atum, deveriam ser os generos preferidos.

O café, em seguida ao toque de alvorada, deveria ser ligeiramente amargo, para obrar mais como tonico do que como alimento.

Os almoços, comidos a meia etape da marcha, seriam o *caspacho* alemtejano. Este alimento ingerido pelos ceifeiros, beirões e alemtejanos, depois do arduo trabalho da ceifa, sob um calôr não inferior ao d'Africa, trabalho que dura mezes, é um grande refrigerante e reparador de forças, como o attesta a experiencia de longos annos; por isso, não nos repugna aconselha-lh'o para 2.^a refeição das tropas que operam em

Africa n'um clima muito semelhante, no verão, ao do Alemtejo.

Vinho só á 3.^a refeição, devendo ser 0^l,3 nos dias de marcha e 0^l,2 nos dias de estacionamento.

Sempre que fosse possível, dar pão ás praças, principalmente quando se estaciona na mesma localidade por mais de um dia. Os fornos portateis de campanha, já ensaiados nas manobras dos exercitos estrangeiros, deviam dar bons resultados.

A bolacha, que geralmente fornecem aos officiaes e praças em campanha, é por vezes interiormente esverdeada e amarella, que o soldado prefere deitar fóra a servir-lhe de alimento.

Equipamento — Apenas o cinturão com duas cartucheiras, e estas com 20 cartuchos cada uma.

O municciamento á linha de combate deveria ser feito por indigenas, por meio de cofres paioes devidamente blindados.

Armamento — Carabina para sapadores de infantaria (k) ^m/1889.

Fardamento. — Jaquetão de *kaki* junto ao corpo, com 4 algibeiras guarnecidas de pestanas e botões. Gola voltada, tendo n'esta o numero da praça e companhia.

Calção da mesma tela, mas folgado.

Polainas de lona branca, justas á perna por meio de quatro botões metallicos, devendo ser guarnecidas de cabedal.

Sapato, em branco, abotinado, apertando por meio de uma unica correia com fivella, com salto de meia-prateleira e sollas cardadas.

Chapeu de cortiça laminada com a espessura de 0,^m005, com a aba voltada para baixo e inferiormente forrada de téla verde. Na aba posterior dever-se-ia poder-lhe adaptar um cobre-nuca. Quando posto na cabeça, deveria ficar um intervalo de 0,^m008 entre esta e a parte inferior da cópa, e esta com a altura de 0,^m180 munida de dois ventiladores lateraes e um na parte superior. Na parte anterior o emblema da arma e n.º do regimento.

Os chapéus ordinarios, que até hoje tem fornecido ás forças expedicionarias, estão muito longe de serem toleraveis.

Cada praça devia ter dois colletes de flanela um pouco compridos, afim de prevenir resfriamentos, muito principalmente sobre o ventre e rins, que em geral, occasionam diarrhéas, primeiro agente, em Africa, de anemias.

RODOLPHO AUGUSTO DE PASSOS E SOUSA.

Major de infantaria.



SECÇÃO DO EXTRANGEIRO

Inglaterra.— *Um combate de velocipedistas no Transvaal.*—

Bem notoria é a grande utilidade que os velocipedistas teem na guerra. A criação de seções e companhias de velocipedistas já é bastante antiga. Na Inglaterra, mesmo antes da guerra, havia já muitas companhias excellentemente organisadas, não com o fim principal de fazer dos velocipedistas verdadeiras tropas de combate, mas para serem empregados na transmissão de ordens e no serviço de reconhecimentos e exploração, pois que substituem a cavallaria com grande vantagem; na transmissão de ordens por offerecerem uma velocidade e resistencia maior, e nos reconhecimentos por não offerecerem um alvo tão grande e visível.

Reconhecendo e sendo bem manifesta a sua applicação a estes serviços, tambem se tinha pensado em dar-lhe o papel de combatentes, embora não se lhe reconhecessem grandes aptidões para esta função.

A campanha do Transvaal veio evidenciar esta questão e mostrar que tambem podem ser combatentes, o que não admira, pois que sendo a guerra uma successão continua de acontecimentos inesperados, todas as tropas que a praticam devem estar preparadas para o ataque e para a defeza.

Uma das companhias de velocipedistas inglezes, sendo verdadeiro um despacho de Cape Town, com o effectivo de 50 homens, occupou Pickaneers Kloof na manhã de 6 de janeiro, e ao meio dia atacou a guarda avançada dos boers. Estes foram repellidos e acamparam no outro lado do desfiladeiro. Os velocipedistas inglezes fizeram um *raide*, para o que, com a sua velocidade, teem excellentes qualidades, para occupar o desfiladeiro antes dos boers, que experimentaram detel-os, e em cuja disputa teve logar o combate. Os inglezes tiveram 3 mortos e 25 feridos, entre os quaes se conta o capitão Rose, commandante da companhia.

França.— *Supressão dos telegraphistas de infantaria.*— A lei de 24 de julho ultimo, organisando o serviço da telegraphia militar, confiou ás tropas activas a execução dos serviços de primeira linha.

A criação das tropas especiaes de telegraphistas terá por fim assegurar a montagem dos serviços telegraphicos nos locais em que os telegraphistas de infantaria os poderiam prestar.

N'estas condições tornava-se inutil impôr aos corpos de infantaria a obrigação de ministrar a alguns homens a instrução que não podia ser-lhes d'alguma utilidade em campanha.

Em consequencia o ministro da guerra decidiu a supressão d'estes auxiliares, assim como a obrigação das medidas prescriptas na circular de 10 de setembro de 1899, a fim de se poder utilizar dos telegraphistas de infantaria já habilitados.

Allemanha.—*Nova arma*.—Constava ha bastantes annos, como já dissemos n'esta Revista, que na Allemanha se estudava uma nova arma.

Hoje, esse misterio está desvendado, e não é d'uma arma automatica que se trata, como se chegou a suppôr, mas sim d'uma nova arma, que não é mais do que a actual aperfeiçoada.

N'ella foi supprimido o envolvero metalico que envolvia o cano; tem o mesmo calibre, 7^{mm},9, afim de utilizar os mesmos cartuchos e machinas de fabrico; o carregador, *systema Mannlicher*, foi substituido pela lamina carregadora, *systema Mauser*, que é mais pratica e evita a fenda no fundo da caixa da culatra, a bayoneta é mais comprida, tendo as costas em *dente de serra*, afim de a poder utilizar no corte de matto, certamente na perspectiva de alguma expedição colonial, e liga-se directamente ao fuste para não impedir as vibrações do cano; a alça é perfeitamente nova, a lamina assenta sobre um suporte movel que escorrega ao longo da base, onde estão as gradações em hectometros, tendo sómente uma ranhura, e foi notavelmente aperfeiçoada na culatra movel.

Pesa 4^k,100 e 4^k,530 com bayoneta. O alcance extremo é de 4:000^m.

A 100^m atravessa 0^m,80 de pinheiro secco e 0^m,50 a 1:800^m.

A 300^m atravessa uma chapa de ferro de 0^m,007 de espessura.

A velocidade da bala, a 25^m da bocca do cano, é de 620^m.

As qualidades balisticas parece que não são superiores á antiga Mannlicher. Esta arma, rejeitada agora pelos allemães, foi a que approvou a nossa commissão encarregada da escolha de nova arma para a infantaria, com pequenas modificações.

China.—*Parallelo entre as tropas alliadas.*—King Davis, correspondente do *New York Sun*, a respeito da marcha das tropas alliadas sobre Pekin, diz entre outras cousas:

Nenhum soldado vae tão carregado como o norte-americano; ao inglez transportam-lhe tudo; leva apenas sobre si o sacco de viveres com rações, uma garrafa de agua, a arma e os cartuchos, o seu equipamento é transportado pelo Army Service Corps (a administração militar); o soldado francez usa um equipamento de tamanho e peso exagerados; o russo leva uma tenda-abrigo; o japonex usa um ligeiro capote secco e feijões, transportadas em pequenas cestas sustentadas por um cinto a tiracolo, muito pratico e manejavel, transportando de resto o mesmo peso em munições e armamento que todos os outros.

O que transporta maior numero de cartuchos é o norte-americano.

Nas marchas o soldado japonex anda com passo rapido e curto; o russo parece arrastar-se, vergado com o peso das botas; o norte-americano marcha com passo largo e cadenciado, mas em apertando o calor, como é intelligente e está acostumado a muitos direitos individuaes e sabe demasiado para ser soldado (*sic*), disente com os officiaes, em-

pregando uma linguagem que, segundo os regulamentos dos outros países, lhe faria merecer presidio para muitos annos; o francez e allemão são obedientes, disciplinados e valorosos.

O trabalho dos soldados japonezes é digno de ser visto e difficil de explicar, põem-se em marcha muito antes de romper o dia e logo que alcançam a retaguarda das tropas chinezas dão principio a uma serie de escaramuças, correrias e perseguições, que duram todo o dia; o aspecto da marcha é terrivel, ageis, ligeiros e dispostos a trabalhar, fazem tudo com brio; seguindo varios caminhos, marchando em todas as direcções, retrocedendo e contramarchando conseguem, em cada dia, dar uma boa lição aos chinezes.

Os norte-americanos parece que estão enfraquecidos pelo prolongado serviço nas Filipinas; o quanto os chinezes iniciam a marcha cedo e muito antes das forças das outras nações, os norte-americanos a iniciam tarde. Só ás 6 horas se põem em marcha, resultando d'aqui que enquanto as outras tropas alliadas percorrem os trajectos marcados, já os japonezes bateram o inimigo e tiveram tempo de organizar os seus acampamentos para passar as horas de maior calor.

O estado sanitario é mau; muitos foram victimas de insolações fulminantes, outros tornaram-se doidos e atacavam os seus camaradas, e muitos outros cahiam sem sentidos.

O aspecto exterior, no que respeita a uniforme, são as tropas indianas as que o tem conservado melhor; os inglezes foram os que se apresentavam peor, os seus uniformes estavam sujos e rotos e não procuravam reparal-os; os indios levam muitos alfaiates, que cosem logo todos os rasgões; os russos apresentam-se mal, as suas blusas brancas tornam-se amarellas pela sujidade, sendo frequente vêr os seus uniformes rasgados.

SECÇÃO OFFICIAL

Nota de refractario

Circular da 2.^a repartição da secretaria da guerra n.º 254/1899 de 3 d'abril de 1900.

Determina que ás praças nas unidades activas do exercito não seja dada transferencia para a 2.^a reserva, nem sejam levantadas notas de refractario, em virtude de qualquer sentença judicial, sem ordem do ministerio da guerra, aonde deve subir a sentença para poder produzir os seus effeitos.

Matricula dos officiaes do corpo de veterinarios

Circular n.º 36 da 2.^a repartição da secretaria da guerra, de 20 d'abril de 1900.

Determina que os officiaes do corpo de veterinarios em serviço nos regimentos, devem ser escripturados nos livros de matricula dos corpos a que pertencem.

Liquidação do tempo de serviço

Circular n.º 36 da 2.ª repartição da secretaria da guerra de 23 d'abril de 1900.

Diz que para regular a execução do que se acha determinado sobre liquidação do tempo de serviço das praças de pret, que são transferidas de corpo, em conformidade com a nota (c) do modelo 34 da colleção de modelos do regulamento para o serviço dos corpos do exercito, cada corpo unicamente liquida o tempo que as praças n'elle serviram.

Pagamento do fornecimento de pão a officiaes e do consumido no rancho

Circular n.º 868 da 5.ª repartição da secretaria da guerra, de 27 d'abril de 1900.

Diz que declarando o director da manutenção militar não se encontrar muitas vezes a agencia militar habilitada a satisfazer, no periodo para isso fixado, as importancias devidas pelos conselhos administrativos pelo fornecimento no mez anterior, do pão fornecido aos officiaes e do que se consumiu nos ranchos das praças, o que causa embaraços á escripturação do mesmo estabelecimento; determina que os conselhos administrativos dos corpos e mais estabelecimentos habilitem a referida agencia com os fundos precisos para occorrer aos pagamentos que tenha de fazer, como se determina na disposição 4.ª da O. E. n.º 3 (1.ª serie) de 17 de fevereiro do corrente anno.

Officiaes em commissão de serviço estranho ao ministerio da guerra

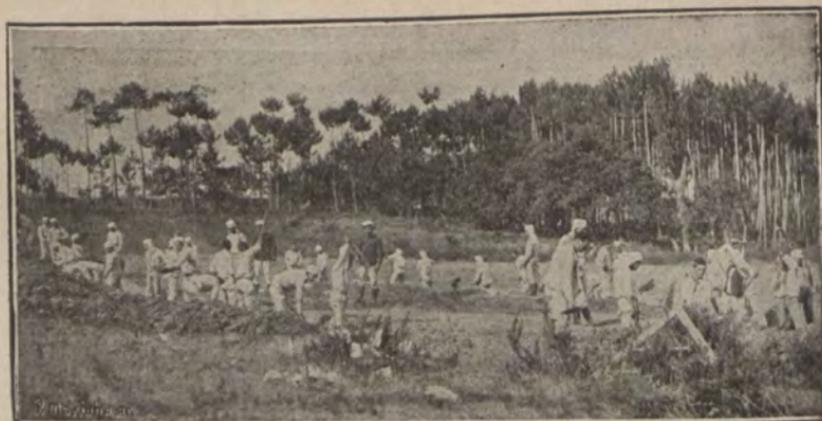
Circular n.º 1137 da 1.ª repartição da secretaria da guerra de 27 d'abril de 1900.

Sempre que algum official das armas de cavallaria ou infantaria fôr mandado ficar addido ao respectivo quadro para exercer commissão de serviço não dependente do ministerio da guerra deverá ser enviada a esta repartição (1.ª do ministerio da guerra) uma nota de assentos do referido official escripturada pela fórma estabelecida na disposição 2.ª da ordem do exercito n.º 21 (1.ª serie) de 1889, além dos respectivos documentos de transferencia.

Instrução de tiro ao alvo

Circular da 4.ª repartição da secretaria da guerra, de 4 de maio de 1900.

Determina que nas carreiras de tiro se não empreguem cartuchos carregados com polvora sem fumo que tenham estado em poder das praças, afim de evitar a suspeita de que os cartuchos empregados nos exercicios de fogo possam ter sido alterados pelas referidas praças.



4.º Anno

Março — 1901

N.º 3

REVISTA DE INFANTERIA



Apreciação succinta dos resultados das experiencias de tiro e dos fogos de guerra executados na ESCOLA PRATICA DE INFANTERIA no periodo de instrucção de 1899-1900.

(Continuado do n.º 1 do 4.º anno)

Fogos de guerra

No 4.º exercicio effectuado em 11 de agosto, os alvos foram dispostos, como em um dos exercicios do anno precedente, em um terreno inclinado para baixo das linhas de mira do atacante. O inimigo, na força de duas companhias, era portanto representado ainda na defensiva. Os alvos, que representavam os exploradores, estavam ao travez da carreira de tiro na portella do Almarjão; os que representavam a linha principal (uma companhia em atiradores) occupavam uma outra portella 450^m á retaguarda da primeira, tendo algum commandamento sobre esta; e finalmente uma companhia de reserva, representada em columna de companhia por alvos apropriados, foi collocada a uns 200^m á retaguarda da linha principal.

Ainda n'este caso a companhia normal de instrucção tomou a offensiva, na hypothese de constituir a linha avançada de uma unidade superior, e executou fogos em seis posições diferentes:

1.^a posição. — Um grupo de 24 dos melhores atiradores da companhia, tendo estendido em atiradores a 4 passos de intervalo, foi estabelecer-se na frente do casal do alto da Vela a uns 1:000 metros de distancia dos alvos que representavam os exploradores inimigos, e executou contra estes uma serie de 10 tiros por praça em fogo lento, empregando a linha de mira a 975^m. O por $\%$ obtido foi de 2,5.

2.^a posição. — O mesmo grupo de atiradores, depois de ter avançado um lanço de uns 250^m, tomou uma nova posição e em seguida executou outra serie de 10 tiros por praça em fogo lento, empregando a alça de 800^m. O por $\%$ foi de 2,9.

3.^a posição. — A companhia normal de instrucção fez em seguida estender dois pelotões em atiradores, e reforçou com elles os seus exploradores. Depois a linha de combate assim constituida fez uma serie de 10 tiros por praça em descargas de pelotão contra os alvos que representavam a linha principal do inimigo, a qual se achava então a uns 1:200 metros de distancia. A linha de mira empregada foi de 1150^m, e o por $\%$ obtido foi de 6,6.

4.^a posição. — A linha de combate da companhia normal avançou depois um grande lanço, para ir estabelecer-se de novo na crista do dorso, ao oeste do pinhal do Forno, a uma distancia dos alvos, que foi avaliada em 700^m; em seguida executou outra serie de 5 tiros por praça em fogo por descargas de pelotão, empregando a alça de 750^m. O por $\%$ obtido foi de 11,2.

5.^a posição. — A linha de combate da companhia atacante foi depois reforçada com o ultimo pelotão, que até ahí se tinha conservado em reserva a distancia conveniente, e toda a linha avançou em seguida até á portella do Almarjão, onde se estabeleceu e fez uma serie de 10 tiros por praça em fogo vivo contra os alvos que representavam a linha inimiga, que então se achava á distancia de uns 450^m. A alça empregada foi a de 550^m e o por $\%$ obtido foi de 10,9.

6.^a posição. — A companhia atacante armou as baionetas e fez um ultimo lanço de uns 250^m, indo tomar posição no sopè da altura occupada pelos alvos, que representavam a linha de fogo do inimigo, a uns 200^m de distancia. Em seguida fez nma serie de 9 tiros por praça em fogo de repetição e obteve o por $\%$ de 15,7.

Estudando os resultados dos fogos n'este exercicio nota-se em primeiro lugar, que o fogo dos exploradores, isto é, que o fogo individual executado contra os alvos de figura isolados não tem importancia tactica ás distancias medias, o que vem confirmar a asserção já exposta, quando estudámos os resultados dos fogos do exercicio precedente, e tirar todo o valor ao preceito da nossa actual ordenança, em que determina aos exploradores que a 800^m do inimigo exequem um fogo *violento* e *certo*. O fogo contra alvos de infante isolado não pode ter justeza sufficiente a distancias superiores a 400^m; como já foi demonstrado nas experiencias especiaes realisadas no corrente anno e em annos anteriores na Escola Pratica d'Infanteria; portanto, a execução do preceito da ordenança de infantaria, prescrevendo o fogo violento dos exploradores a 800^m do inimigo, só pode ter como consequencia um consumo prematuro e inefficaz de uma grande quantidade de munições, sem outro fim que não seja a desmoralisação dos proprios exploradores ao notarem a sua impotencia.

As percentagens obtidas á distancia de 700^m tanto no presente exercicio, como no exercicio precedente, mostram-nos tambem que o fogo

entre duas linhas de atiradores pode começar sem inconveniente a esta distancia, o que aliás já tínhamos previsto theoreticamente, quando estudámos os resultados do fogo rapido contra alvos isolados. Evidenciou-se, com effeito, nos dois exercicios que a menor velocidade do tiro e a maior largura do alvo fazem com que os fogos collectivos a 700^m de distancia tenham ainda uma efficacia regular, e até mesmo algumas vezes muito superior ao que seria licito esperar d'elles. O por % medio foi de 12,1 nos dois exercicios d'este anno, tendo sido de 8,7 nos annos anteriores, o que dá a media geral de 10,4, que garante uma efficacia sufficiente.

As fracas percentagens alcançadas nos fogos collectivos do presente exercicio e do precedente ás distancias de 1:000 e 1:200 metros contra uma linha de atiradores inimiga, representada por alvos bem apparentes, levam-nos á convicção de que, mesmo na defensiva, quando as distancias possam ter sido avaliadas com bastante precisão, o fogo só muito raras vezes deverá ser executado a taes distancias, a não ser que os alvos apresentem, alem de uma grande frente, uma profundidade e uma densidade sufficientes, pois de outro modo os resultados não compensarão nunca o consumo das munições, e até podem em muitos casos ser desmoralisadores para as tropas da defeza. E as considerações feitas com relação ás linhas de atiradores aproveitam igualmente ás columnas abertas de companhia por secções ou por pelotões de costado a dois, cuja vulnerabilidade nós já vimos, quando se tratou especialmente de apreciar a vulnerabilidade relativa das differentes formações da companhia, que é inferior á das linhas de atiradores áquellas distancias.

O terreno que recebia as balas era, no exercicio de que estamos tratando, suavemente inclinado para baixo das linhas de mira do atacante, devendo por conseguinte a certas distancias uma parte dos tiros d'este razer o terreno á retaguarda dos alvos, que representavam a linha de resistencia do inimigo. E, com effeito, assim succedeu ás quatro distancias a que o atacante atirou contra a linha de resistencia do inimigo, sendo porém esse effeito de razança sómente apreciavel ás distancias de 700 e de 450 metros, em que attingiu á primeira d'estas distancias o por % de 0,9 e á segunda o de 0,5.

* * *

O 5.^o exercicio teve logar em 13 de agosto, e foi especialmente destinado ao estudo do resultado dos fogos de uma companhia na defensiva contra um destacamento mixto do inimigo, composto de duas companhias e um esquadrão. O terreno que a infantaria atacante, representada por alvos de figura de infante de pé, de joelhos e deitada em numero sufficiente, tinha de percorrer, era uma encosta fronteira ao cabeço occupado pela defeza, excepto na ultima phase, em que a infantaria atacante se achava no meio da encosta do cabeço disputado. O terreno que recebia as balas era pois inclinado para cima das linhas de mira da defeza, á excepção da ultima phase, em que esta atirava de cima para baixo.

O exercicio representava um pequeno combate de recontro, em que a companhia normal de instrucção, marchando do logar da Carapineira para a aldeia da Murgeira, deparava inesperadamente com o destacamento inimigo em reconhecimento e não podia já evitar o combate, tomando a defensiva em vista da sua inferioridade numerica.

Combate da guarda avançada

1.^a Phase

Alguns grupos de exploradores de infantaria inimiga são avistados no alto do monte do Baracio, sobre a direita da linha de marcha da companhia normal de instrução. Os exploradores inimigos, representados por 24 alvos de figuras deitadas e de joelhos, desenvolvem-se em atiradores e rompem o fogo.

A secção da guarda avançada da companhia normal de instrução, chegando ao alto do Juncal, descobre o inimigo e, em vista da pequena força d'este, desenvolve-se rapidamente em atiradores para o repellar e poder proseguir a sua marcha. A distancia entre as forças adversas era n'este momento de uns 775^m,5, e a secção da guarda avançada executou uma serie de 10 tiros por praça, em fogo lento, empregando a alça de 800^m. O por % obtido foi de 1,5.

Defeza da posição occupada pela guarda avançada

2.^a Phase

O inimigo reforça os seus exploradores com uma forte linha de atiradores, cuja força é avaliada em uma companhia, e avança em seguida um lança de uns 100 metros (este reforçamento é feito com um numero sufficiente de alvos de figura).

A companhia normal de instrução envia tres secções de reforço á guarda avançada. Os dois pelotões tratam de occupar então regularmente o cabeço do Juncal, tomando posição um pouco ao norte do velho reducto d'este nome, com o flanco esquerdo apoiado no pinhal do Forte. A distancia á linha inimiga foi avaliada em 675^m, e a linha de resistencia da companhia, apenas se achou installada na sua posição, fez uma série de 10 tiros por praça, em fogo por descargas de pelotão, empregando a alça de 750^m. O por % obtido foi de 6,2.

3.^a Phase

A linha de combate do inimigo, em vista do pouco effeito do fogo contrario, avança ainda um lança de uns 100^m, vindo estabelecer-se no meio da encosta fronteira á posição da defeza. (E' abatida a linha dos alvos que serviu na phase anterior, e levantada no meio da encosta uma outra linha de igual numero de alvos de figura para representar o atacante na sua nova posição).

A linha de resistencia da companhia normal de instrução, sustentando-se na sua posição, executa uma nova série de 5 tiros por praça, em fogo por descargas de pelotão contra a linha de combate do inimigo. A alça empregada foi a de 660^m e o por % obtido foi de 5,0.

A linha de resistencia é em seguida reforçada á direita com uma secção de reserva da companhia.

4.^a Phase

Um esquadrão de cavallaria inimiga avança pela carreira de tiro contra o flanco esquerdo da defeza, apoiando assim a sua linha de infantaria, que aproveita o ensejo para fazer um grande lanço de avanço sem ser incommodada pelo fogo da defeza. (O esquadrão inimigo é representado por uma linha de 48 alvos de cavalleiro, que n'este momento são levantados á direita da carreira de tiro, á altura do abrigo de 400^m. Ao mesmo tempo é abatida a linha dos alvos de infantaria).

A linha de resistencia da companhia normal de instrucção repelle o ataque da cavallaria inimiga, executando contra ella uma série de 10 tiros por praça, em fogo vivo. A linha de mira empregada foi a de 575^m. Os cavalleiros do esquadrão inimigo foram attingidos por 96 balas e os cavallos por 94, sendo o por $\%$ total de 17,9.

5.^a Phase

Durante o ataque da cavallaria do inimigo, a linha de combate de infantaria avançou uns 150^m e veiu estabelecer-se no valle. Ao mesmo tempo uma outra companhia inimiga apparece em ordem unida no meio dos Campos da Queimada, para apoiar a sua linha de combate. (N'este momento os alvos de cavallaria são abatidos, e é ao mesmo tempo levantada uma nova linha de figuradas de infante no valle e os alvos proprios para representar uma companhia em columna aberta por pelotões de costado a dois no meio dos Campos da Queimada).

A companhia normal de instrucção, tendo reconhecido a grande superioridade numerica do inimigo, começa a tomar as suas disposições para effectuar a retirada em boa ordem. Para este fim a secção da reserva recebe ordem de ir immediatamente tomar posição no alto do pinhal do Forno, Enquanto isto se faz, a linha de resistencia da companhia executa uma série de 5 tiros por praça, em fogo por descargas de secção. A distancia avaliada tinha sido de 425^m e a linha de mira empregada foi a de 525^m. O por $\%$ obtido foi de 4,8.

Retirada da companhia normal de instrucção

6.^a Phase

Animada pelo pouco effeito do fogo da defeza a linha de combate do inimigo, seguida pela sua companhia de reserva, avança um grande lanço de uns 125^m. (N'este momento os alvos que serviram na phase anterior são todos abatidos, e ao mesmo tempo são levantados outros no meio da encosta do Juncal, representando a linha de combate do inimigo, e no valle representando a reserva em columna aberta por pelotões de costado a dois).

A companhia normal de instrução trata então de se impôr ao inimigo, simulando um contra-ataque, afim de poder executar a sua retirada sem ser perseguida muito activamente pelo inimigo. Para isso a linha de resistencia executa uma serie de 9 tiros por cada praça em fogo de repetição, e quando o inimigo, surpreendido pela brusca recrudescencia do fogo da defeza, se prepara para receber o contra-ataque, a linha de resistencia da companhia retrograda rapidamente para a estrada de Lisboa, deixando a sua secção de reserva em posição no pinhal do Forno, para deter a perseguição e constituir ulteriormente a guarda da retaguarda. N'esta ultima série de tiros da linha de resistencia da companhia o inimigo estava á distancia de uns 360^m, e a linha de mira empregada foi a de 400^m; o fogo foi executado de cima para baixo, e o por $\%$ obtido foi de 14,6.

Estudando o resultado dos fogos no presente exercicio nota-se, que em todas as posições, em que o tiro da defeza foi fixante, as percentagens obtidas foram sempre inferiores ás que, a distancias pouco differentes se obtiveram nos fogos razantes de outros exercicios, o que aliás é justificado theoreticamente, e, como se vê, tambem é comprovado pela pratica. O que, porém, parece extraordinario, é que as percentagens obtidas no tiro fixante do presente exercicio vão decrescendo á medida que a distancia do tiro diminue tambem, pois a 675^m de distancia o por $\%$ foi de 6,2, enquanto que a 575^m foi de 5,0 e a 425^m foi de 4,8. A explicação racional para este facto deve, segundo parece, ser procurada nas formas varias do terreno que recebia as balas e na sua differente inclinação com relação ás linhas de mira da defeza. E, com effeito, a simples inspecção da carta do terreno do exercicio mostra-nos que, á medida que os alvos representativos do inimigo se iam aproximando da posição da defeza desciam muito na encosta do monte do Baracio, de sorte que o terreno, que recebia as balas, era cada vez mais fortemente inclinado para cima da linha de mira das forças da defeza, que se conservavam na mesma posição. D'este modo a vantagem da maior justeza do tiro d'estas forças proveniente da aproximação do alvo era ultrapassada pelo inconveniente resultante da diminuição das zonas perigosas.

D'este facto resulta, que uma força postada em um terreno inclinado para cima das linhas de mira do adversario é, em geral, menos vulneravel do que em terreno paralelo ou inclinado para baixo das mesmas linhas, e que essa vulnerabilidade é, dentro de certos limites, tanto menor, quanto mais forte fôr a inclinação do terreno que recebe as balas, e, como consequencia, que as melhores posições para uma tenaz resistencia passiva devem ser tomadas nas encostas dos montes e não nas cristas.

Foi muito propositadamente que dissémos, que as posições nas encostas dos montes eram as mais favoraveis para uma boa defeza passiva, e não para a defeza em geral; e, com effeito, não devem convir a uma defeza activa essas posições, porque todo o movimento de forças para a linha de combate terá n'esse caso de ser feito, pelo menos em parte do trajecto, sob as vistas do atacante, e como para executar qualquer movimento offensivo a linha de combate da defeza precisa de ser reforçada e apoiada de perto por outras forças, a translação d'estas

para a linha de combate despertará logo a atenção do adversario, que, assim prevenido, tomará immediatamente as disposições convenientes para se oppôr á aggressão, e a defeza perderá assim a vantagem principal dos seus contra-ataques, que é surprehender o inimigo e mantelo na ignorancia da importancia das forças que os executam.

Das considerações, que ficam expostas, resulta que, quando uma parte qualquer de uma posição de montanha deve ser defendida passivamente, as tropas para esse fim destinadas deverão occupar as encostas, emquanto que nos logares destinados para os movimentos offensivos da defeza a linha de combate deverá de preferencia occupar as cristas, afim de que todos os movimentos preparatorios dos contra-ataques possam ser occultos ao inimigo até ao ultimo momento, e de que este ignore completamente o numero e a composição das forças que os executam. Este modo de dispôr as forças na defensiva, tomando como regra geral, não é isento de defeitos, porque pôde dar ao atacante indicações preciosas sobre as direcções em que a defeza pôde executar os seus movimentos offensivos e, em que portanto terá as suas reservas; mas este perigo pôde ser attenuado guarnecendo-se tambem, para illudir o atacante, certos pontos das cristas na parte das posições destinadas á defeza passiva, quando á retaguarda não haja forças que tenham a soffrer com os effeitos da razança dos tiros do inimigo.

A percentagem do fogo executado contra a cavallaria em terreno tambem inclinado para cima das linhas de mira das tropas na defensiva foi, no presente exercicio, muito superior ás que se obtiveram contra os alvos de infantaria. E assim levia succeder, porque a altura e a superficie dos alvos de cavalleiro é muito superior á dos pequenos alvos de figura de infante deitado e de joelhos, que são os empregados em maior numero. Aquella percentagem, que pôde ser considerada regular em vista das condições do terreno, mostra á evidencia que no ataque contra infantaria em posição a cavallaria não pode obter resultados compensadores das perdas enormes que soffre. Os ataques da cavallaria em taes condições só podem pois ser justificados, quando se pretenda desembaraçar as outras armas nos momentos criticos do combate e não ser já possível recorrer a outro meio menos sanguinolento.

(Continua).

FRANCISCO RODRIGUES DA SILVA
Coronel



Marchas e combates de noite

(Continuado do n.º 1 do 4.º anno)

Breves apontamentos

Ainda que a força que tem de marchar de noite se ache em segunda linha, torna-se indispensavel adoptar algumas medidas de segurança afim de evitar o ataque da cavallaria inimiga; comquanto este ataque uão possa produzir grandes perdas, comtudo, estabelece a desordem e demora a marcha.

E' pois conveniente que pelos caminhos lateraes sigam pequenas fracções de tropas, que constituirão flanqueadores moveis e, para tornar mais efficaz a protecção, a guarda avançada destacará algumas patrulhas, que irão estabelecer-se nos caminhos transversaes que veem do lado do inimigo, que serão considerados os mais perigosos, e ahi se conservarão ate que a columna tenha passado, constituindo n'este caso flanqueadores fixos.

Este systema é empregado para as pequenas unidades, porquanto os flanqueadores fixos serão formados por uma unidade que para tal fim antecipadamente será designada.

Nas proximidades do inimigo, além do que já ficou indicado, observar-se-ha o seguinte.

Evitar-se-ha tudo quanto possa denunciar a marcha, e, para isso, torna-se indispensavel amarrar solidamente as marmitas, os cantis, as bainhas, os sabres-bayonetas e todos os utensilios de bivaque; as rodas das viaturas que acom-

panham a columna seguem na retaguarda e serão envolvidas em palha, devendo tambem haver o cuidado de não empregar cavallos rinchões.

As praças transportarão a arma em bandoleira e no hombro direito afim de evitar as pancadas dadas com a coronha no sabre-bayoneta.

E' prohibido fumar, fazerem-se toques de corneta, dar vozes de commando, sendo as ordens dadas sempre em voz baixa. Convirá muito o emprego de signaes d'apito para as vozes mais frequentes, taes como a de sentido, ordinario marche e de alto.

Procurar-se-ha manter a maior ordem e absoluto silencio; impedir-se-ha a sahida da fórmula a qualquer praça, seja qual fôr o pretexto apresentado, e reparar-se-ha ou obviar-se-ha sem ruido qualquer falta que se dê.

O commandante d'uma fracção isolada marchará do lado mais perigoso, devendo cobrir-se por dois homens afim de ser informado o mais breve possivel de qualquer facto que se passe.

Só se deverá marchar por caminhos ou estradas, contudo, em noites de luar poderá effectuar-se a marcha atravez dos campos, quando estes forem completamente desprovidos d'obstaculos.

Não se dirigirá ao encontro do adversario sem que se tenha bem determinado o que se pretende ter em vista, colhendo-se previamente as informações que forem possiveis obter sobre as posições do inimigo.

A' força indicar-se-ha que é prohibido fazer fogo, excepto no caso de defeza pessoal e que o emprego da arma branca e do choque são os unicos vantajosos para se obter um enorme effeito moral sobre o adversario.

E' indispensavel que a fracção mais avançada do serviço de segurança seja commandada por um official ou sargento escolhido afim de que possa rapidamente tomar uma resolução judiciousa n'um momento critico.

Os locaes d'estacionamento serão abandonados depois da columna estar em marcha e quando não haja que recear a deserção de qualquer praça, indicar-se-ha a todos o que se pretende e bem assim o ponto de reunião em caso d'insuccesso.

Do serviço de segurança em marcha

Flecha. — Sendo composta de dois homens marcha a 40^m da extrema-guarda avançada quando houver luar, ou ao alcance da vista nas noites escuras.

Extrema-guarda avançada. — Marcha de costado por dois indo uma fileira de cada lado da estrada, afim de diminuir o ruído dos passos, mas, quando a estrada seja illuminada por um dos lados, as fileiras marcharão pelo lado que fica na obscuridade.

O seu commandante sogue na testa da sua fracção e marchará com um passo de velocidade moderada; não se deve preoccupar com a marcha e distancia das patrulhas de flanco, comtudo, ligar-se-ha a ellas por uma série de homens, tanto maior quanto mais escura fôr a noite, encarregados de lhe transmittir em voz baixa apenas as palavras marche e alto; logo que se faça alto procurará apreciar a situação.

Corpo da guarda avançada. — Este escalão segue a 100^m, o maximo, da extrema-guarda avançada, marchando de costado por dois, uma fileira de cada lado da estrada, e ligar-se com o escalão que vae na sua frente por meio de patrulhas de comunicação.

Corpo principal — Segue a 100 metros do corpo da guarda avançada, ou mesmo menos se a noite fôr muito escura.

As razões que levam a extrema guarda avançada a marchar de costado por dois e uma fileira de cada lado da estrada é não só a do ruído e da visibilidade, que por esta maneira são menores, mas tambem o perigo do enfiamento do caminho pelo fogo do adversario, que de dia deverá ter feito os seus estudos n'este sentido. Assim poupar-se-ha a força a grandes perdas.

Para as pequenas unidades é dispensavel o emprego da exploração a grande distancia da frente e flancos pelo inconveniente que offerece, separarem da columna os homens encarregados d'esse serviço, perdendo-a de vista, não a tornando a encontrar e poderem mais rapidamente denunciar ao adversario a approximação do assaltante, prejudicando assim o que se tem em vista.

Logo que a extrema guarda avançada, esteja proxima da posição adversa, deter-se-ha; o corpo da mesma guarda serrará sobre ella e esperará o signal do commandante da columna para iniciar o ataque.

Na hypothese da guarda avançada encontrar o inimigo, ataca-o-ha á arma branca, sem comtudo se empenhar em grande combate, prevenindo immediatamente o commandante da columna para este o apoiar.

Durante a noite, quando seja preciso estacionar, é conveniente fazel-o no fundo dos valles ou ao abrigo das cristas das elevações afim de se não ser visto pelo adversario, que procurará fazel-as projectar na abobada celeste para melhor observar o terreno e assim ver qualquer força que ali appareça.

Marchas em retirada

N'estas marchas, as tropas que estão mais proximas do adversario, conservar-se-hão em posição, até que o corpo principal se encontre a grande distancia, e só n'esse momento é que effectuam a retirada, procurando fazer o menor ruido possivel, e caso ainda possuam grande força moral, ser-lhes-ha confiada a missão de guarda da retaguarda, de contrario esse serviço será destinado a outra força que esteja em boas condições moraes, que deverá ser postada á retaguarda das que sustentaram a retirada do corpo principal, e só depois é que estas abandonam a posição que occupam.

A guarda da retaguarda só iniciará a sua marcha depois da força que teem que proteger se encontrar a distancia conveniente, procurando manter sempre essa distancia, afim de evitar que a columna seja anniquilada, caso a guarda seja repellida pelo inimigo.

As distancias que separam entre si os differentes escalões da guarda da retaguarda são maiores do que as que separam os escalões da guarda avançada nas marchas de frente, e para que se não percam uns dos outros, recorrer-se-ha ao emprego das patrulhas de communicação em maior numero.

Se compete, quando de dia, á guarda da retaguarda o sacrificar-se pela columna que protege, esse sacrificio nas marchas de noite, e em retirada, é elevado ao mais alto grau. Caso o inimigo procure atacar, tratará de estabelecer uma série d'emboscadas e deixal-o-ha aproximar-se.

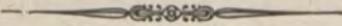
Chegado a bom alcance, executará algumas descargas, tomando immediatamente a offensiva com o emprego do sabre-bayoneta.

Ou o adversario recua, e n'esta hypothese retira lentamente, para renovar mais longe o mesmo genero de defeza, ou elle vence, e n'este caso, a força sacrificada é pouco consideravel, o que permite que não só se conseguisse proteger a columna, como tambem avaliar a força moral do atacante.

(*Continua*)

MIGUEL BAPTISTA DA SILVA CRUZ

Tenente d'infanteria 1 da Rainha



No Sul da Africa

Ha cerca d'anno e meio que no Sul da Africa se travou a luca anglo-boer, em que os interesses d'uma nação, impulsãoada pela politica imperialista, levaram um exercito de 250:000 homens d'encontro a um povo que homericamente defende a sua independencia.

Essa luca encarniçada, a mais memoravel depois dos famosos dias de 70, tem sido levada a cabo com os meios que as auras d'um progresso gigante têm posto á disposiçãõ do homem. O ultimo quartel do seculo XIX, aparentemente tranquillo e offerecendo uma paz bonançosa, permitiu que as chancellarias tivessem o seu funcionamento regular e que ao mesmo tempo nos arsenaes, gabinetes e laboratorios se estudassem os meios mais assombrosos de destruição humana de que no mundo ha memoria.

A açãõ d'esses engenhos no campo de batalha era theoreticamente conhecida, mas os seus effeitos reaes e as consequencias que arrastam só na campanha sul-africana foram bem conhecidos.

Todos hoje conhecem a marcha d'essa campanha, bem como os armamentos, na acepção lata da palavra, com que se tem executado a luca, mas o que talvez nem todos co-

nheçam são as consequencias ou os effeitos tacticos que elles motivaram.

A tactica, filha dos armamentos e, por consequencia, do tiro, tem de se subordinar aos seus effeitos.

Essa subordinação, embora não corresponda a uma modificação completa, representa, comtudo, uma alteração que é necessario conhecer para evitar os seus effeitos, porque, sem isso, póde-se correr no risco de vêr, n'um momento dado e quando menos se pensa, quebrados todos os esforços e esmagados os mais acrisolados heroismos.

E' essa a ardua tarefa a que nos vamos lançar, ardua porque é difficil, ardua porque não temos competencia para isso, ardua porque ainda os recursos escasseiam, mas as faltas ou erros que commettermos serão certamente perdoados pelos nossos camaradas em face dos desejos que temos em acertar.

Comtudo não pedimos indulgencias; vamos aqui fazer revelações graves, e para aquelles a quem as nossas affirmações pareçam paradoxos tacticos podem contar com as columnas d'esta Revista, porque nós, dentro dos principios da urbanidade e da delicadeza, não temos escrupulo algum, antes prazer, em discutir todas as questões technicas que se vão ventilar.

*

* *

Antes de entrarmos n'esse estudo indicaremos, em traços geraes, as qualidades militares dos belligerantes.

Na Inglaterra, se não ha horror pela vida militar, ha pelo menos odio ao serviço obrigatorio e a convicção em todo o povo inglez de que pelo mister das armas se não faz fortuna.

Com espirito mercantil, ideias cosmopolitas e avido de fortuna, lança-se o povo inglez por toda a parte á procura de riqueza.

O governo inglez, respeitando estes sentimentos, dá ao povo liberdade ampla de ganhar a vida sem lhe impôr obrigações militares. Sem leis de recrutamento lança mão dos *mercenarios*, e para respeitar os sentimentos do seu povo vae ás escumalhas da cidade procurar os vagabundos para, com elles, defender a patria.

Estabelecido o contracto pelo qual o inglez vende o seu corpo aos interesses da nação, vae para um quartel onde tem todas as commodidades e gosa todas as regalias e

onde não o incommodam muito com instrução, porque isso afugentaria os vindouros que os hão de substituir.

Se o soldado em Inglaterra é o foragido da vida que forma a escoria da sociedade, o official, em contraste, pertence á flôr da fidalguia. O recrutamento ha poucos annos que deixou de ser bem antiquado.

Hoje ainda em Inglaterra ha officiaes superiores que compraram as suas patentes com o valor das suas libras. A guerra de 70-71, mostrando a necessidade de officiaes sabedores e com competencia professional, obrigou a governo de sua Magestade Graciosa a acabar com esse processo e a crear escolas. Os preparatorios para a entrada n'essas escolas são poucos e os cursos de pequena duração.

O official inglez, devido a isso tem poucos conhecimentos profissionaes, e durante a paz não os póde adquirir porque nos quartéis não se trabalha e porque a sua vida mundana, a frequencia da *grande roda*, não lhe deixa tempo para estudos especiaes.

Na campanha sul-africana tem sido muito discutido o procedimento d'uns e outros, mas em resumo póde-se dizer que os officiaes exposeram sempre a vida temeraria e loucamente, mas muito nobremente tambem, a ponto de parecer que pretendiam vencer com o impeto da sua audacia a acção do fogo que os aniquillava.

Empregando os processos tacticos que a guerra de 70 ensinou, lançaram-se nos primeiros combates á lucta a corpo descoberto, executando soberbos e magestosos *lanços successivos*, mas o sibilar incessante das balas que os ameaçavam e que do alto dos *copjes* lhes eram lançados pelos boers, fizeram logo que as suas fileiras se rareassem e que immediatamente se lançassem á procura d'um abrigo que os guardasse de tanto damno.

Foi esta a primeira e talvez a mais dura lição que os inglezes receberam, porque foi aprendida á custa da vida dos filhos mais queridos da Inglaterra, mas apezar d'isso, a rigidez e tenacidade do caracter inglez, reforçada com os sentimentos cavalheirosos de que a nobreza de Inglaterra tão eivada ainda está, fez com que elles, ao lado das tropas coloniaes que já tinham entrado nas campanhas da India e que eram a flôr do seu exercito, pois que foram estas as tropas que encetaram a lucta e que deram os combates de Glencœ, Elandeslaagt, etc., se lançassem para a frente luctando com tanta difficuldade que certamente ha-

de constituir, pelo esforço e heroismo, padrões gloriosos que brilhantemente figurarão nos annaes da historia da Inglaterra.

Mas na guerra não se querem heroismos inuteis e que sirvam sómente para immolar victimas illustres no altar da patria, na guerra querem-se, sim, esforços sensatos que levem á victoria que possa dar os fructos pelos quaes se lucha.

O soldado inglez não constitue o ideal d'um bom soldado, mas embora na paz discuta e exija os direitos que lhe pertencem, na guerra, no combate, na lucha, é o verdadeiro inglez dominado pelos traços caracteristicos do stoicismo da sua raça que, ou se lança para a frente como um tigre enraivecido ou leão indomavel, ou recua e foge como o indifferente a quem não importam os destinos da patria; o seu character tem estas duas feições e foram estes dois contrastes que tantas vezes, como veremos, se pozeram em evidencia.

O boer não é um soldado, é um cidadão que defende a tiros de *Mauser* a *farm* que o viu nascer. A sua vida campestre, ao grande ar e ao grande sol, envolvendo todas as qualidades de rusticidade, trabalho e sobriedade, junta á destreza do tiro, dá ao boer bellas qualidades d'um excellente soldado.

Comtudo, o soldado não é sómente o homem que maneja a arma e que sabe cavar uma trincheira; para ter esse nome necessita ter instrucção professional, educação moral e obedecer aos preceitos da disciplina.

E' isso que falta ao boer e é isso que é necessario na guerra para haver unidade de commando e acção na execução.

Sem instituições militares e sem alguém que tivesse aprendido a guerra, encontraram-se sem chefes que inspirassem confiança e que incutissem força moral; sem educação, espirito militar e subordinação, cada um fazia o que entendia e combatia quando lhe appetecia; sem unidade de commando, não fizeram convergir os seus esforços e não procederam com unidade d'acção.

Além d'isso os boers, por espirito religioso ou por sentimentos humanitarios ou pelos defeitos que já apontámos, não emprehenderam uma offensiva tactica que lhe podesse garantir os fructos que lhes tinha dado a destreza do tiro.

O soldado heroico quando commandado por um chefe valoroso, não se limita a dar tiros precisos da retaguarda

do abrigo que o guarda, pois que veremos que muito embora a prudencia indique a necessidade de recorrer ao abrigo para resistir ao tiro, é necessario, quando as occasiões são favoraveis, deixar esse mesmo abrigo para emprehender um contra-ataque vigoroso.

Pela sua tendencia para o combate defensivo deixaram perder excellentes occasiões de effectuar contra-ataques que dariam certamente soberba lição aos generaes de Inglaterra.

*
* * *

A guerra de 1870 marcou na tactica uma etape avancada.

D'então para cá os progressos nos armamentos teem sido verdadeiramente assombrosos.

A velha Dreyse, arma de agulha que já por si marca um progresso, foi soffrendo modificações successivas até que se chegou á arma de repetição e de calibre reduzido que, com o auxilio das polvoras chimicas, lança a cerca de 600 metros uma bala descrevendo uma trajectoria quasi rectilinea e tão tensa que até a essa distancia cria uma verdadeira zona perigosa total.

A velocidade de tiro, o alcance e a penetração, auxiliados por uma precisão e justeza quasi mathematicas, permitem cobrir n'um instante com uma verdadeira saraivada de chumbo o ponto que se desejar.

As polvoras chimicas, além das propriedades balisticas que offerecem, permitem tornar invisivel o atirador que se souber occultar.

Devido a isso sentir-se-ha, como succedeu aos inglezes em tantos combates, o projectil mensageiro da morte, mas não se conhecerá, por mais que se perscute, qual o inimigo que o manda, nem a posição que occupa.

Colenso, Modder River, Magersfontein, etc., fornecem hoje documentos historicos onde estas verdades se encontram confirmadas, e que por si, sendo o fructo de progressos tão assombrosos, levam a infantaria ao apogeu da gloria.

A artilheria, com as peças de tiro rapido e grosso calibre, lançando os explosivos modernos, é uma arma temivel e destruidora, mas a polvora chimica, que augmenta os seus alcances, constitue para ella, devida á ausencia de fumo, uma causa que prejudica e limita o seu emprego.

A cavallaria, devido ao grande alvo que offerece, é uma arma aniquillada nos campos de batalha.

A guerra de 70 deu-lhe um golpe mortal; a famosa carga de Sedan lançou a primeira pedra para a construcção do mausoleu onde, como reliquias, se guardarão os padrões gloriosos das suas tradições historicas.

Os boers, indo para o combate montando os cavallos que lhe serviam na *farm*, conseguiram executar marchas estrategicas com rapidez nunca vista.

Essa qualidade de mobilidade obrigou os inglezes a montarem a sua infantaria.

Esse processo, hoje uma revelação, constitue a *infanteria montada*, que, segundo uma phrase d'espírito do coronel Hutton, constitue uma *quinta arma*.

Começaremos por encarar a campanha sul africana de baixo do ponto de vista tactico.

Estes topicos geraes applicados ás tres armas e tirados como fructo da experiencia da campanha sul-africana, trazem, quanto a nós, as seguintes revelações, que procuraremos provar:

- I—A polvora sem fumo permite aos defensores o poderem-se occultar totalmente das vistas dos adversarios.
- II—A consequencia da invisibilidade é a causa que provoca alterações mais radicaes nos principios da tactica.
- III—A preparação do ataque, sempre de maxima importancia, é, dividido a isso, d'uma realisação difficil e até impossivel, como chegou a succeder aos inglezes n'alguns combates.
- IV—Os ataques de frente são d'uma execução difficil, e mesmo impossivel se o defensor estiver occulto.
- V—Um ataque de frente deve ser sempre combinado com um ataque de *flanco*.
- VI—Os *avanços successivos*, não devem ser executadas conforme prescreve a nossa ordenança.
- VII—Só é possivel executar os assaltos quando o ini-

migo começar a abandonar a posição, e, portanto, só quando o fogo adversario enfraquecer.

- VIII — O fogo, tanto o de infantaria como o da artilheria, é de efeitos nullos se o adversario conseguir mascarar a sua posição, o que é possível.
- IX — O fogo da infantaria é eficaz ás grandes distancias. Comtudo a maxima efficacia começa a 800 metros.
- X — A polvora sem fumo limita immenso o emprego da artilheria.
- XI — O fogo da artilheria só produz efeitos consideraveis e temiveis quando executado sobre massas ou alvos bem visiveis.
- XII — A artilheria não deve ser empregada em massa.
- XIII — A infantaria tem condições de se poder furtar ao tiro d'artilheria, não o temendo por isso.
- XIV — O fogo da infantaria é eficaz durante a noute ás pequenas distancias.
- XV — Os combates de noute devem ser executados por um grande numero de pequenas fracções de tropa.
- XVI — Os reconhecimentos militares são da maxima necessidade. Os aerostaticos dão fracos resultados.
- XVII — A defensiva, devido ás propriedades da polovra sem fumo, offerece notaveis vantagens sobre a offensiva.
- XVIII — O fogo da defeza, quando sufficientemente preparada que possa occultar os defesores das vistas inimigas, deve sómente começar desde que o atacante se approxime á distancia de 800^m.
- XIX — A defensiva só offerece notaveis garantias de suc-

cesso quando é seguida d'um vigoroso contra-ataque.

XX — A *infanteria montada* tem a maxima applicação nas guerras coloniaes.

XXI — Officiaes e soldados devem ter o mesmo uniforme de campanha, que deve ser d'uma côr que se confunda o mais possivel com o terreno.

XXII — Finalmente, o tiro nacional garante a *nação armada*, mas para a defeza dos estados é necessario um exercito permanente.

A outras considerações, umas politicas, outras de organização e disciplina e outras estrategicas se pôde chegar, o que faremos mais adiante e depois de provadas estas. Para isso necessario é fazer a descripção dos combates mais importantes travados no sul da Africa para da narração dos factos tirar as conclusões, o que constituirá a primeira parte do nosso estudo.

(*Continua*).

DAVID A. RODRIGUES

Alferes de infantaria.

O DUELLO NOS EXERCITOS

(*Continuado do n.º 12, 3.º volume*)

Vamos tratar resumidamente da jurisprudencia do duello militar nos differentes exercitos. Em França não é reprimido o duello, por uma lei especial, excepcional; segundo a jurisprudencia inaugurada em 1837, é incluído nos artigos do código penal ordinario que punem os homicidios e ferimentos. O código militar não prevê penalidades para as violencias entre militares, senão quando tiverem logar de inferiores para superiores. O duello militar não é perseguido nem como provocação, nem como homicidio e ferimentos, a não ser quando as regras da honra não são observadas pelas partes.

Está admittido que o duello é tolerado no exercito e que pôde ser

auctorizado pelos chefes. Nenhum dos regulamentos militares estabelece o principio da tolerancia nem o direito de se baterem os militares em duello com auctorisação, mas duas circulares ministeriaes põem-n'o em evidencia d'uma maneira explicita. A primeira de 20 de julho de 1858, assignada por Vaillant, concede auctorisação a alguns officiaes para se baterem em duello, não deixando passar sem reparação qualquer insulto, mas com a restricção de que as questões que já tivessem originado um duello não seriam objecto de novas provocações.

A segunda circular emana de Freycinet, com a data de 5 de julho de 1889. Esta tem por fim prohibir os floretes nos duellos militares, estabelecendo o uso da espada franceza, quando o duello fôr auctorizado.

Estas duas circulares constituem todo o codigo de duello militar, não tocando ainda assim n'este assumpto senão indirectamente.

Resulta d'esta ultima circular que os commandantes dos corpos não podem obrigar os militares a baterem-se contra vontade d'elles e que a recusa não envolve pena alguma. A auctorisação deve ser formulada pelas duas partes e dirigida aos commandantes sómente depois de escolhidas as testemunhas, e estas terem declarado não ser possível a reconciliação dos adversarios.

Quando o inferior provoca o seu superior e este accêita o desafio, ha uma infracção das regras da subordinação militar pelo primeiro e uma falta de disciplina pelo segundo; cada um d'elles não pôde pedir licença para se bater. A ambos são applicaveis penas disciplinares. Quando o superior desafiar o inferior incorrem tambem ambos em falta disciplinar, sendo a falta do inferior considerada a menos grave. Os officiaes que desejam bater-se em duello devem, pois, pedir auctorisação aos seus commandantes. N'alguns corpos concede-se a auctorisação, bastando apenas o pedido d'um dos interessados, o que é causa da provocação. O commandante do corpo acompanha algumas vezes a recusa d'auctorisação para se bater, com uma pena disciplinar, sendo raro todavia que os interessados sejam punidos depois d'um encontro.

E' uso que as testemunhas militares dos que se batem tenham a mesma gradação que os duellistas.

Em alguns regimentos faz-se mesmo menção na ordem regimental do dia e hora onde deve ter logar o encontro; em outros evita-se esta comunicação, que é substituida por uma simples ordem verbal. Geralmente a tropa não é informada do resultado do combate. As prescrições adoptadas no duello são as de Chateaufillard. Os detalhes dos encontros na infantaria são geralmente regulados pelo official director da sala d'armas do regimento, dirigindo o combate que comprehende duas ou mais *reprises* de dois minutos. Na cavallaria é este logar desempenhado ou pelo capitão instructor ou pelo capitão de semana. O encontro é geralmente no interior ou muito perto dos estabelecimentos militares. A espada de combate (*épée*) é a unica arma regulamentar. Algumas vezes na cavallaria fazem uso do sabre, ordenando alguns commandantes o assalto só com estocadas e outros só permitem o uso de golpes. As armas são sempre desinfectadas. Terminado o duello, dá-se parte do resultado ao chefe directo de cada interessado e ao commandante do corpo.

Como se viu não ha regras fixas sobre o duello. Seguimos em especial Bourelly e este é d'opinião que se criem os *conselhos d'honra regimentaes*, organizados segundo a concepção de Ligne, que é o que se adopta na Alemanha, como veremos; com excepção do uso da arma, que geralmente é a pistola a arma de combate empregada.

Em 1808 foram tentados na Prussia os primeiros ensaios da criação dos tribunaes de honra.

Foram creados definitivamente em 1843. O tribunal intervinha nas questões d'honra, sendo as suas decisões arbitraes e com rectificação do soberano quando ellas tinham como resultado a separação do serviço. Podiam decidir que houvesse uma reparação pelas armas. Os tribunaes d'honra segundo «Die Ehre und das Duell, von Boguslawski», dividem-se em tribunaes subalternos e tribunaes para officiaes superiores. Junto de cada tribunal de honra reside um conselho de honra, que tem por fim introduzir os processos que hão de ser julgados pelo tribunal d'honra.

O tribunal d'honra só se pronuncia depois da informação dada pelo conselho d'honra.

Reconhecida a culpabilidade, o official póde ser reprehendido ou excluído da corporação de officiaes. O auto é dirigido depois ao imperador. A decisão soberana é communicada ao official com a sentença do tribunal. E' esta a organização dos tribunaes d'honra; mas, continuando a nossa descripção dos tribunaes organisados em 1843, interrompida para fazermos comprehendêr a missão dos tribunaes de 1843 e dos conselhos annexos, os membros do conselho d'honra assistiam aos duellos, quando a decisão do tribunal d'honra não era accete pelas partes. Entrou-se depois n'uma via de repressão moderada. Uma ordem de Guilherme I em 1874 introduziu notaveis mudanças nos tribunaes instituídos em 1843. O duello não era ahí considerado, fazendo-o entrar no direito commum, emquanto que pelo tribunal de 1843 era considerado como um dilicto especial; mas as formalidades ás quaes no futuro elle havia de ser submettido, estavam indicadas n'uma ordem do imperador, precedendo a lei dos novos tribunaes. Por esta ordem, o dever do official que tinha uma questão d'honra com outro official, era dar parte ao *conselho d'honra*, levando este ao conhecimento do *tribunal d'honra*. O conselho tinha por obrigação conciliar, ou tentar a conciliação dos adversarios, empregando para isso todos os meios possiveis. No caso de mau exito o conselho regulava as condições do combate em harmonia com a gravidade da offensa, assistindo os membros do conselho como testemunhas.

A ordem de Guilherme I terminava pela fôrma seguinte:

«Eu não consentiria no meu exercito um official capaz de atacar d'uma fôrma ultrajosa a honra d'um camarada, nem um outro que não *soubesse salvaguardar a sua honra*.

(*Continua*).

JOÃO A. CORRÊA DOS SANTOS
Alferees d'infanteria



OS EXERCÍCIOS D'OUTONO

(Continuado do n.º 1—4.º volume)

Mobilisação.—A mobilisação é a primeira manifestação de guerra e a operação principal, pois que é a base de todas.

A execução dos planos estrategicos é perfeitamente dependente das operações de mobilisação; se estas forem demoradas, prejudicada ficará a execução d'aquelles.

Hoje os effectivos numerosos que as nações apresentam e os effectos dos armamentos modernos dizem que a vantagem principal reside na prompta occupação das posições, tanto debaixo do ponto de vista tactico como estrategico.

Com os recursos dos caminhos de ferro a nação que não estiver preparada a lançar n'um momento o seu exercito para as suas fronteiras, corre no grave perigo de ver o seu paiz assolado.

Para isso necessario é mobilisar o exercito.

Não seremos nós que procuraremos encarecer essa necessidade, pois que é evidente e todos a conhecem.

Um exercito está bem mobilisado quando o *plano* determina o logar que compete a cada um e quando as unidades estão dotadas e teem á mão o material e animal que lhes pertence.

Quanto á primeira parte, nada diremos, porque não vem a proposito, mas quanto á segunda diremos alguma coisa que, embora não seja muito agradavel, é, comtudo e infelizmente, a expressão da verdade.

Os principios mais rudimentares de mobilisação, que são em geral principios de bom senso, dizem que cada unidade deve ser senhora do material e animal que lhe compete.

Tomando para exemplo o regimento vemos que, conforme está hoje, conta sómente com o pessoal, de sorte que sendo necessario mobilisal-o precisa pedir emprestado tudo o mais de que carece, quando deve ter por batalhão e em seu poder, um carro de munições, mas não como os actuaes, como já dissemos, uma viatura de viveres, de duas rodas, um carro de bagagens, dois jogos de cangalhas, uma pipa para agua e o animal que para isto é necessario, além do material com que hoje conta.

Se fosse assim, um regimento estaria prompto a marchar a todos os momentos sem demoras e sem delongas, que são prejudiciaes e desmoralisadoras.

São estas as condições e os recursos com que devia contar cada regimento, é este o processo que é necessario seguir e pôr em pratica.

Hoje todo esse material está furtado aos regimentos e enterrado e escondido n'um deposito que se chama—de material de guerra—a cargo e debaixo da vigilancia e cuidados, como technica, da arma de artilheria, e d'onde só sahe depois de muitas notas e mediante muitos recibos com forma sacramental.

Este processo, que para a infantaria representa uma tuelle (sobre este ponto preferimos passar em claro para não dizer muito) tem inconvenientes tão graves, e que um dia podem ser tão funestos, que n'estes exercicios, exercicios em que apenas entraram duas brigadas, se evidenciaram perfeitamente.

Se para elles se começou dias antes a fazer irradiar de todas as repartições as ordens necessarias para, ao cabo, sómente as requisições serem satisfeitas incompleta e tardiamente, e tão incompleta e tardiamente que foram os regimentos de infantaria sem as viaturas que as *instrucções*

lhes destinavam o que ia compromettendo os serviços da administração militar, calcule-se o que succederia, a confusão e a desordem que não haveria, as penurias e as faltas de recursos com que seria necessario contar se fosse urgente mobilisar uma divisão ou o exercito.

Ha coisas que são faceis de perceber, mas difficeis de explicar.

A historia dos nossos dias fornece-nos exemplos frizantes; a guerra de 70, fertil em tantas lições, é um verdadeiro extermal da desorganisação franceza. Os regimentos não sabiam com o que contavam e não sabiam onde existia aquillo que lhe pertencia. Era necessario marchar para a fronteira, não importa recursos quando é necessario defender a patria. As consequencias foram a fome e os resultados foram as lamas de Sedan e as vergonhas de Paris.

Pois 30 annos são decorridos desde que este exemplo se gravou no espirito de todos nós e hoje ainda temos tudo como então.

O systema centralizador e a falta de iniciativa, constantemente tirada por todos os regulamentos, são a causa unica da nossa pouca preparação para a guerra.

Reunir n'um deposito unico o material que pertence a todo o exercito e que deve estar distribuido pelos regimentos a que pertence é um erro que pode ser funesto, o que Deus evite, e que tira aos conselhos administrativos dos corpos toda a iniciativa.

Estes hoje encontram-se perfeitamente sem attribuições, pois que com o systema de centralisar em depositos todos os artigos de material e mobilia nada podem fazer afim de aperfeçoar esses mesmos artigos.

E' devido a isso que tudo o que ha nos regimentos é pessimo e semnada que seja pratico e aproveitavel. Veja-se, por exemplo, o material de bivaque e lá se encontrará o machado que não corta, a lanterna que não dá luz, etc., etc. Este systema, analysado por este lado, levar-nos-hia a muitas outras conclusões, mas diremos simplesmente que o regimento é uma unidade administrativa e que por isso, n'essa qualidade, necessita, além do material que lhe compete, um conselho administrativo com largas attribuições.

A necessidade que obriga as nações a manter exercitos permanentes deve constituir só por si, no contrario perder-se-hia a justificação da sua existencia, razão bastante para que estes estejam organisadas e promptos a prestar o supremo serviço que um dia lhe pode ser pedido.

O contar com elementos e recursos não é bastante, pois que só poderão ser uteis se estiverem em condições de se poderem aproveitar todas as vezes que seja necessario.

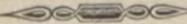
Este é o fim a que deve attender todo o plano de preparação, e para attender a elle se impõe a necessidade de dar ao regimento o que lhe pertence, tudo que deve ser seu, tudo aquillo de que precisa.

Nada justifica a existencia d'um deposito de material de guerra e muito menos a cargo d'uma só arma. Arranque-se de lá tudo o que pertence aos regimentos, dê-se aos conselhos administrativos as attribuições largas que devem ter, e estarão promptos a marchar quando se quizer.

(Continúa).

DAVID A. RODRIGUES

Alferes de infantaria



PRO DOMO NOSTRA

A carta de lei que regula os vencimentos dos officiaes é de 22 de agosto de 1887.

Ha já 14 annos que esses vencimentos não soffreram alteração alguma, e, comtudo, é incalculavel o augmento que tem tido nestes ultimos dez annos todos os generos indispensaveis á vida.

Ora, o dever indeclinavel do estado é garantir, áquelles que se sacrificam todos os dias, hora a hora, minuto a minuto, pelo bem commum, que sacrificam a sua liberdade individual e até a propria vida pela tranquillidade e bem estar da nação, pelo menos, os meios necessarios para que a dignidade da farda seja mantida em harmonia com a honra da nossa profissão.

Se no estado actual das finanças do estado seria imprudente pedir uma revisão das tarifas dos soldos dos officiaes do exercito, por isso que o desejo de todo o bom patriota é antes contribuir para assegurar boas finanças ao paiz e não aggravar o mal existente, é tambem certo que por modos indirectos, e todos gastos e necessarios, se pôde

favorecer a nossa causa sem augmento algum da dotação do exercito, que aliás é insufficiente para as exigências multiplas de uma organização militar de nossos dias; isto é, organização que tenha todos os caracteristicos de um exercito moderno.

Assim teriamos :

- Isentar os officiaes da decima de renda de casa ;
- Isenção do imposto de rendimento ;
- Diuturnidade de serviço para todos os postos ;
- Melhoria dos subsidios de marcha e de residencia, que ainda são de 13 de maio de 1872 ;
- Reducção nas despesas a fazer com as cartas patentes ;
- Obter uma reducção de 50 % no preço dos transportes em todas as companhias de viação que tenham contractos com o estado.

Estes alvites que apenas ficam ahi esboçados, e que destinamos á nossa *Revista de Infanteria*, que é a infatigavel propugnadora pelo progresso da nossa arma e consequentemente do exercito, representam outras tantas aspirações que de certo modo viriam attenuar o estado actual da nossa situação encarada sob o ponto de vista absolutamente restricto da nossa economia.

E fazemol-o com tanta maior confiança quanto é a que todo o exercito deposita no nobre ministro da guerra, que por todos os modos tem sempre mostrado o mais decidido empenho em elevar o nivel do exercito.

E' bom não esquecer nunca que é ao sr. conselheiro Pimentel Pinto que nós hoje devemos a Cooperativa Militar, instituição que tão bons serviços está prestando ao exercito e que está destinada a um largo futuro cheio dos maiores beneficios e utilidades.

E isto alenta a nossa esperença de que não será em vão o nosso appello, que os nossos alvites encontrarão echo sympathico no illustre titular da pasta da guerra, creador das nossas affeições e da nossa dedicação.

B. R.



SECÇÃO DO EXTRANGEIRO

Allemanha — *A infantaria allemã.* — Aqui tem o leitor uma pallida ideia do que seja a infantaria allemã, quanto ao numero.

A infantaria do primeiro exercito do mundo deve ser verdadeiramente grandiosa!

Na Allemanha é-o, pois que não lhe corresponde só um effectivo consideravel, mas o verdadeiro papel preponderante no scio do exercito.

Numerosa, instruida e disciplinada inspira verdadeira confiança ao seu Imperador, que vê n'ella a base mais solida em que apoia os voos gigantescos da sua imaginação e do seu patriotismo.

O numero dos regimentos effectivos a tres batalhões é de 175 e o de regimentos a dois batalhões é de 40, o que representa um total de 605 batalhões.

A mesma ordem binaria e ternaria é seguida na constituição das brigadas e divisões, formando 23 corpos d'exercito, tendo cada um 2 divisões de infantaria, á excepção de 2.

Aos 605 batalhões de infantaria juntam-se mais 19 de caçadores, o que prefaz 624 batalhões activos, ficando incluidos n'este numero os batalhões da Guarda Prussiana.

Sómente 180 regimentos teem numeração seguida, porque os da Guarda e os Bavaros formam numerações á parte.

Os regimentos, cujo commandante é titular, são designados pelo mesmo titulo; outros são designados por titulos que lhe foram conferidos, sendo alguns historicos; outros usam o nome dos antepassados do actual Imperador, ou o de individuos que se nobilitaram por serviços relevantes prestados ao paiz, quer na guerra, quer na paz; outros usam o nome da região em que recrutam.

O batalhão tem 4 companhias, nos regimentos a tres batalhões são numeradas de 1 a 12.

Cada batalhão tem, em pé de paz, um effectivo permanente de 501 a 660 homens, que em pé de guerra se eleva a 1:000.

O effectivo de 183 regimentos é de 570, mas ha um regimento que tem o effectivo permanente de 501 homens e 31 regimentos reforçados com o effectivo de 660 homens.

Alem d'estes batalhões ha mais 246 que são formados pelos regimentos reforçados, pelos antigos regimentos a tres batalhões e pelos ultimamente creados a 2 batalhões, e que são chamados *batalhões de campanha*.

O imperio está dividido em 266 circumscripções territoriaes, podendo formar um minimo de 328 batalhões de *landwehr*, que constitue a 1.ª reserva dividida em 1.º e 2.º bandos, conforme a idade.

A cada batalhão de *landwehr* corresponde um batalhão de *landsturm*, 2.ª reserva.

Cada batalhão de reserva tem um effectivo proximamente de 1:000 homens.

Resumindo, pois, encontramos para a infantaria os seguintes effectivos mobilisaveis:

624	batalhões activos.....	624:000
246	» de campanha.....	246:000
9	» de reserva de caçadores.....	9:000
328	» de reserva landwehr, 1.º bando.	328:000
328	» landwehr, 1.º bando.....	328:000
328	» landsturm, 2.º bando.....	328:000
<hr/>		<hr/>
1:863		1:863:000

Este bello numero, que não representa o maximo, reforçado por uma instrucção solida, methodica e bem orientada, por uma disciplina de ferro e por excellente armamento e equipamento, inspira nos allemães uma illimitada confiança e é a melhor garantia do seu largo futuro assim como tem sido a causa dos seus mais largos progressos.

Concurrença á Escola de Tiro de Infantaria.—Hoje, que o tiro de infantaria é o principal factor do combate, necessario é dedicar-lhe toda a attenção. O Imperador da Alemanha, sciente d'estas ideias, creou um curso de tiro de infantaria para officiaes generaes provenientes d'outras armas. Alem d'isso para este anno determinou que o curso da Escola de Tiro de Infantaria tivesse a seguinte concurrença:

Curso de informação :—2 séries, de março a maio, para 66 tenentes coroneis e maiores das tropas a pé, á excepção da artilheria apeada: uma 3.ª serie, de 27 de junho a 9 de julho, para 43 commandantes de esquadrão; uma 4.ª serie, de 10 a 22 de outubro, para 30 tenentes coroneis ou commandantes de regimentos apeadas, á excepção da artilheria apeada.

Curso de instrucção.—4 series para 240 capitães e 120 tenentes das tropas a pé.

Curso para sargentos.—Terão logar no campo de Spandau-Ruhleben e nos campos de instrucção de Bitch e Gruppe, que serão frequentados por 420 sargentos de infantaria e 120 de cavallaria.

Russia.—*Organisação de infantaria montada.*—Não é só a campanha sul africana que mostra a necessidade da *infanteria montada*

A guerra da China mostrou isso mesmo aos russos, não só para commodidade das tropas, mas tambem para perseguir os *boers*, que fugiam logo que as forças se approximavam. Al'm d'isso o general Reunem-kampp, commandante das forças da Siberia Oriental, teve de montar um grande numero de destacamentos de infantaria afim de melhor poderem vigiar o caminho de ferro transiberiano, e que n'um combate travado em 1 de dezembro, na Mandchouria, lhe prestaram excellentes serviços estes cavalleiros improvisados.

Já o general Skobeleff, n'uma expedição a Kokaul, montou 250 soldados de infantaria.

Hespanha. — *Effectivo do exercito para 1901.* — Em 30 de janeiro ultimo foi decretado o seguinte:

Art. 1.º — O effectivo do exercito permanente durante o anno de 1901 é fixado em 80:000 homens.

Art. 2.º — O ministro da guerra é auctorizado a augmentar este effectivo pelo tempo que julgar necessario, comtanto que não exceda o credito fixado no orçamento.

O ministro da guerra é egualmente auctorizado a conceder as licenças temporarias quando e como elle julgar conveniente.

Compra de artilheria de tiro rapido. — N'esse mesmo dia foi approvedo um credito de 5.504:265 pesetas, mil e cem contos, para compra de artilheria de tiro rapido.

A concessão elastica dada ao ministro da guerra e o credito de mil e cem contos de réis para compra de material talvez represente uma boa medida, mas é certamente um pouco tardia.

Inglaterra. — Pensa-se a serio e a fundo na criação de novas unidades, mas como se não pensa, nem talvez seja facil, alterar o systema de recrutamento, luctam, no *War Office*, com serias difficuldades. Ultimamente foram creados 8 batalhões, que ficarão de guarnição, até partirem para a Africa, nas cidades em que haja campos de tiro.

Os reforços para o Sul da Africa teem continuado; ultimamente embarcaram 5 batalhões.

*
* * *

Portugal e a guerra. — Do excellente jornal militar londrino *The Brood Arrow*, que troca com a nossa Revista, extrahimos o seguinte:

«Depois da intrincada feição que tomou a guerra a anciedade dos boers é ganhar o mar. Elles estão activos no sul, sudoeste e nordeste. Se elles esperam ou não alguns reforços d'outro logar é difficil de dizer. A armada é competente para effectuar algum bloqueio rapido para evitar o desembarque de mantimentos ou de munições em qualquer ponto da costa. Os persistentes rumores da invasão do territorio portuguez são, sem duvida, nascidos do bem conhecido desejo dos boers em se apossarem do caminho de ferro de Delagoa Bay, mas o general Botha, cuja habilidade como soldado é inquestionavel, levantaria contra si um novo inimigo e, por isso, não o tentará. Um tal movimento daria um golpe fatal á resistencia dos boers por nos dar a suprema vantagem de uma base de operações na retaguarda, de que a nossa exaggerada attenção pela lei da nação impediu-nos de fazer uso desde o rompimento das hostilidades. O coronel americano, Blake, é comtudo capaz de se lançar n'alguma aventura, tão má como temeraria, e elle e a sua enraivecida brigada pode exceder os cuidadosos e bem concebidos planos de Botha.

Felizmente Portugal está unido com o nosso paiz em perfeita amizade. Em Lisboa, na Camara dos Pares, o ministro dos negocios estrangeiros offereceu ler a Convenção concluida entre os dois paizes, e o seu discurso sobre a alliança anglo-portugueza, dois seculos velha, foi recebido com aclamação.

Se os boers forem bastante doidos (*mad*) para intentar a invasão de Lourenço Marques, e realisar assim o sonho do presidente Kruger, ou se elles invadem Moçambique, as areas na ampulheta da sua resistencia estão prestes a saltar fóra. A invasão da Colonia do Cabo falhou, e n'um proximo e recente emprehendimento nós fomos bem succedidos. Em poucas semanas lord Kitchner poderá mobilisar varias columnas, as quaes varrerão o paiz desde Orange River até ás montanhas de Lydenburg.»

Felizmente, Deus super omnia.

Artilheria a cavallo

Já chegou a Lisboa o material de artilheria que a casa Krupp fabricou e forneceu ao nosso governo para o grupo de baterias da artilheria a cavallo.

O calibre da peça de tiro rapido com que vae ser armado o grupo a cavallo é de 7,5^{cm}, tendo 30 calibres de comprimento. E' uma bocca de fogo de bellas qualidades tanto balisticas como de leveza, condição a que deve satisfazer toda a artilheria de campanha e especialmente a denominada artilheria a cavallo.

O peso da peça com a competente culatra é de 383 kilogrammas.

O campo de tiro varia, em elevação, de—10° a + 18° Em tiro precipitado, fazendo-se umas pequenas correções nas pontarias, dá 12 tiros por minuto.

O alcance maximo d'esta bocca de fogo (angulo = + 18°) diz-se que é de 6400^m.

A velocidade do projectil á sahida da bocca da peça é de 500^m e a 100^m é de 486^m.

O projectil principal d'esta nova peça é a granada com balas, tendo tambem no seu municiamiento algumas granadas-torpedos.

Pelo que diz respeito ao serviço de tracção todo o material satisfaz, por completo, ás exigencias modernas.

Tanto o reparo, que pesa 543 k., como o armão que, estando vasio, pesa 370 kg. são muito resistentes e, nas experiencias a que foram submettidos, deram provas de resistencia e solidez que os fazem classificar como bons.

A peça montada no competente reparo e com o armão prompto a engatar pesa 1.551 kg. o que está muito aquem do limite maximo do peso admittido para o material de campanha.

Brevemente será distribuido ao grupo este moderno material, isto é, 8 peças com todos os seus accessorios, ficando nos armazens do arsenal o restante que junto áquelle dá o armamento em pé de guerra.

BIBLIOGRAPHIA

Aphorismos de guerra — (A defeza racional) pelo major Xavier Machado.

E' um livro que honra o exercito e as letras patrias.

Revella muita erudição da parte do seu auctor, muito amor á causa patriótica, e, sobre tudo, muito sentimento e muita convicção nas suas crencas

E' um livro notavel.

Ha ali verdades que deviam estar presentes, sempre, no coração de todos nós, muito principalmente d'aquelles que dirigem os destinos do paiz.

A vida da nação está indubitavelmente dependente da nossa organisação militar, e essa organisação militar está dependente dos meios que o governo dispozer para armar, instruir e disciplinar o exercito.

Sem exercito armado e instruido a preceito tudo fica periclitante, tudo contingente, tudo duvidoso no horizonte da patria.

A unica garantia da nossa liberdade, da nossa autonomia e do nosso direito, está na ponta das nossas bayonetas, na voz da nossa artilheria e na impetuosidade e valor da nossa cavallaria

Estas verdades tão simples, tão tão esquecidas, encontram-se á flôr nas paginas admiraveis dos *Aphorismos*, que serão sempre lidas pelos estudiosos e pelos soldados de coração com muito interesse e não menor deleite.

Pelo que diz respeito á nossa arma consignamos n'este singelo agradecimento a justiça que nos é feita, porque só fallando-se a linguagem da verdade é que bem servimos a nossa querida patria.

«A infantaria, diz o sr. Xavier Machado, é uma arma superior. Superior e simples como o requer a factica racional. Superior e de organisação facil como o exige a existencia dos exercitos.

«Se a infantaria é pela consagração dos seculos a rainha das batalhas, a infantaria é tambem a *primeira arma dos exercitos*. Pelo que não lhe basta ser numerosa: precisa ser uma arma simples e ligeira, instruir-se seguidamente e ser perfeita.»

Mas para o ser carece de meios de acção, dos quaes os primeiros consistem em bom armamento e cuidadosa instrucção de tiro.

Haja vista e que se tem passado na guerra do Transvaal.

Agradecendo sobretudo a valorosa offerta do nosso prezado camarada e amigo, Xavier Machado, que, com o seu estudo e o seu constante e dedicado trabalho tanto tem enriquecido a litteratura militar de Portugal, não podemos deixar de nos confessar-mos gratissimos á forma gentilissima como o fez.

Registamos com verdadeira satisfação a justiça que um prosador de tanto valor moral e scientifico, como o sr. Xavier Machado, faz á nossa arma, e aconselhamos a todos que leiam e meditem nas grandes verdades que ennobrecem as paginas dos *Aphorismos de guerra*.

SECÇÃO OFFICIAL

Artifices — Continencia

Ord. Circular n.º 25 do commando da 1.ª divisão militar, de 8 de maio de 1900.

Publica a nota da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 7, que diz não terem os artifices direito a continencia.

Tempo de serviço em dobro

Ordem circular n.º 26 da 1.ª divisão militar, de 7 de junho de 1900.

Publica a nota n.º 14 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 6, esclarecendo que o tempo de serviço de destacamentos nas colonias a que se refere o § 8.º do artigo 6.º do regulamento dos serviços de recrutamento e o 49.º das instrucções comprehendidas no decreto de 12 de março ultimo, é contado em dobro para todos os effeitos.

Readmissão e reforma das praças de pret

Circular n.º 13 da 5.ª repartição da secretaria da guerra, de 4 de julho de 1900.

Diz que a carta de lei publicada na ordem do exercito n.º 9 (1.ª série) sobre readmissões e reformas de praças de pret, não pode ter execução sem que seja approved e publicado o respectivo regulamento.

Mudança de domicilio de praças de pret dos corpos do ultramar

Circular n.º 25 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 21 de julho de 1900.

Diz que é absolutamente vedado ás auctoridades militares conceder licença para mudança de domicilio ás praças de pret do ultramar, porquanto estando directamente subordinadas á direção do ultramar, a esta estação compete o reconhecimento e resolução das suas pretensões.

Fundos de remonta

Circular da 4.ª repartição da secretaria da guerra, de 28 de julho de 1900.

Recommenda o exacto cumprimento do que se acha determinado no § unico do artigo 9.º do regulamento de remonta de 25 de abril de 1895, podendo os corpos enviar directamente á 4.ª repartição a nota a que se refere o alludido § unico. Mais determina que os ditos corpos depositem na agencia militar, logo que finde cada trimestre, os fundos a que se refere o citado artigo 9.º, como foi recommendado pela circular expedida por a mesma repartição em 6 de dezembro do anno findo.

Competencia disciplinar dos capitães d'inspecção

Circular n.º 32 E da 1.ª divisão militar de 13 d'agosto de 1900.

Publica a nota n.º 952 da 3.ª repartição da secretaria da guerra de 11, communicando que continua em vigor o disposto no n.º 12 da 2.ª repartição de 19 de dezembro de 1894 com referencia ao artigo 72.º do actual regulamento disciplinar do exercito e na parte relativa aos capitães d'inspecção.



CONSELHEIRO LUIZ AUGUSTO PIMENTEL PINTO
MINISTRO DA GUERRA

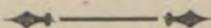


4.º Anno

Abril de 1901

N.º 4

REVISTA DE INFANteria



O MINISTRO DA GUERRA

Em todos os paizes do mundo e em todos os tempos a defeza nacional teve sempre a primazia entre as questões que mais vitalmente interessam ao bem da communitade.

Ninguem ignora, ninguem desconhece que todo o povo que não saiba assegurar e garantir a defeza da sua patria, é um povo condemnado pela Historia, moralmente humilhado perante a propria consciencia, e até lançado á margem das conveniencias politico-internacionaes, votado ás contingencias do acaso, debatendo-se entre a sua propria fraqueza e a commiserção dos outros.

O commercio, a industria, a propriedade, a familia, a honra, a bandeira que tudo symbolisa, as leis, a lingua, as crenças, os affectos, a historia, a esperanza no futuro, o amor da gloria e o amor da liberdade, tudo isso que é um mundo, mundo legitimo de ambições e de ideaes, perde um povo imprevidente e descuidado que não affirme, com sincero esforço e devotado amor, a vontade mascula de preparar-se na paz para conservar sua e bem sua a terra em que nasceu, em que viveu e em que quer morrer.

E' por isto que, repetimos, o primeiro dever da nação ha de estar sempre indeclinavelmente ligado aos meios mo-

raes e materiaes que possam efficazmente garantir a defeza do paiz.

Segundo a phrase de Von der Goltz os principios da arte militar são eternos, mas os factores que n'ella entram, e com os quaes é mister contar, estão submettidos a uma evolução constante.

Logo, o grande segredo e o grande merito da acção directriz está em aproveitar habilmente o movimento evolutivo do progresso para a organização e valorisação do exercito.

E ninguem, em nossos dias, mais tem trabalhado n'esta ordem de ideias do que o actual ministro da guerra, cujo retrato honra hoje as paginas d'esta Revista.

E esse trabalho colossal não traduz apenas a expressão das responsabilidades impostas pelo cargo, mas, principalmente, um grato dever da sua propria consciencia, uma manifestação altruista dos seus generosos sentimentos, um publico e inconfundivel testemunho da sua grande capacidade e da sua inconcussa honestidade profissional.

D'aqui a sua grande força, o enorme prestigio que o seu nome tem em todo o exercito.

E se acaso essa vida immaculada do nobre ministro da guerra, o sr. conselheiro Pimentel Pinto, toda consagrada aos interesses do paiz não fosse de sobra para pôr bem em evidencia a sua individualidade proeminente no meio do exercito, que tanta confiança n'elle deposita e tanta sympathia e estima lhe consagra, erguia, agora, perante toda a consciencia honesta e onde palpita um coração portuguez, com a sua obra de reconstituição do exercito e valorisação da defeza nacional, eterno padrão da sua gloria, entalhado em nossos corações e abençoado pela Patria agradecida.

Não cabe, ao traçar estas linhas inspiradas por um sentimento de justiça e orientadas pela grande luz da verdade, fazer um estudo minucioso ácerca da alta significação e larguissimo alcance das propostas que o nobre ministro da guerra acaba de apresentar ao Parlamento.

Ellas correspondem, todavia, por completo ao seu glorioso passado e ás legitimas esperanças que o paiz e o exercito depositavam na comprovada capacidade do sr. conselheiro Pimentel Pinto.

Se a acção administrativa do nobre ministro da guerra tem sido sempre encaminhada no sentido de orientar e guiar as instituições militares pela estrada rasgadamente patriótica do melhor aproveitamento dos recursos do paiz.

em face das necessidades da guerra; se está na memoria e no coração de todos a benefica influencia das suas sabias medidas, quando pela primeira vez passou pelos conselhos da corôa, elevando de um modo notavel, e até então desconhecido entre nós, o nivel moral e material do exercito, já promulgando leis sobre o recrutamento, sobre instrucção, disciplina, justiça, defeza do paiz, introduzindo principios do mais elevado alcance pratico, creando carreiras de tiro, publicando regulamentos de subido valor para as escolas praticas, fundando a cooperativa militar, organisando, recompondo e emfim preparando os dias da nossa maior gloria nos fins do seculo passado, e que a Historia regista com os nomes de Marracuene, Magul e Coolella; se o exercito acolheu com um grito de entusiasmo o dia feliz em que novamente El-Rei chamava ao seu conselho quem por tantos titulos tem direito á gratidão de todos nós; tudo isto acaba de receber a mais plena, a mais completa consagração em face do enorme alcance patriotico das propostas submettidas ao estudo da representação nacional.

Bastaria apenas a remodelação da lei do recrutamento no sentido de facilitar a entrada do contingente annual na mesma epocha do anno em todos os corpos, uniformisando-se assim a instrucção e tornando possivel o methodo progressivo; de facilitar a remissão a soldados instruidos; de fomentar o tiro nacional; de difficultar toda a acção extranha e afugentar influencias descabidas no julgamento das juntas de inspecção; bastaria apenas este diploma, repetimos, para constituir titulo de justo orgulho para o nobre ministro, collocando-o na galeria dos homens benemeritos, porque a base de toda a defeza nacional está precisamente n'uma boa lei de recrutamento.

Mas não ficou por aqui a sua sabia iniciativa.

Modificou a constituição do exercito, aperfeiçoando o existente, tornando possivel o augmento de unidades activas sem aggravar o thesouro publico, facilitando a mobilisação em caso de guerra e preparando a defeza do paiz em harmonia com o aspecto natural do nosso territorio e as sapientissimas lições da Historia.

Modificou a lei de promoções no sentido de equilibrar, tanto quanto possivel, o accesso em todas as armas, unido com mais esse forte laço — a egualdade de promoção — a verdadeira camaradagem, a verdadeira confraternidade entre nós todos.

Modificou o arsenal do exercito para que de futuro se

transforme n'uma fabrica productora, evitando-se o mal representado pelo escoamento do nosso ouro para a industria estrangeira, e conseguindo ao mesmo tempo a producção do municiamto necessario para o exercito em tempo de guerra, o que representa um melhoramento de incalculavel vantagem e indiscutivel valor.

A defeza dos portos de Lisboa e Porto mereceram uma particular attenção e filia-se em tão alevantados propositos e visa a tão largos horisontes que outra cousa não devemos fazer senão applaudir.

N'uma palavra, toda esta obra grande e generosa do nobre ministro da guerra, enquadrada nos mais nobres sentimentos e nas mais sanctas e abençoadas aspirações, merece o reconhecimento da Patria, porque quem d'este modo a serve e a defende, associando o seu nome e a sua existencia á gloria do seu Rei e do seu paiz, sóbe na consideração publica, impõe-se ao respeito dos seus concidadãos e tem direito a ser inscripto no livro onde a gratidão nacional regista o nome dos grandes servidores.

Particularmente a *Revista de Infantaria*, como representante da arma de infantaria do nosso exercito, devia ao sr. conselheiro Pimentel Pinto este publico e solemne testemunho de consideração e de reconhecimento.

A arma mais numerosa do exercito, aquella em que todos os paizes firmam a base da sua defeza, a rainha das batalhas, este baluarte formado por corações humanos, a arma dos sacrificios e das victorias, sentia-se ainda humilhada, angustiada, por essa amputação moral porque passou na anterior reforma do exercito ficando apenas — tropas da arma, sem mais nada!

Pedia justiça e justiça lhe é feita.

Justiça que toda ella vem incidir em grandes beneficios para a arma; justiça, que por isso mesmo que o é, espalha sobre o nosso paiz um sopro benefico que se desborda em fulgidas esperanças de renascimento da nossa antiga gloria.

Eterna, portanto, será a gratidão da nossa arma, do exercito inteiro e do paiz, para quem, por uma fórmula tão notavel, lança as verdadeiras bases da defeza do nosso lar.

E é mister convencer a geração que temos de educar, que o repouso é a morte, e que não basta que em cada coração portuguez se guarde um thesouro de amor pela existencia e grandeza do nosso paiz; é preciso que ao lado d'esse thesouro exista uma boa organização militar e que

a arma de infantaria, pela sua instrucção, pela sua disciplina, pela sua bravura e pelo seu numero, tenha sempre a preponderancia que os altos interesses do estado e a sciencia da guerra lhe impõem.

Applaudindo todas as propostas do sr. conselheiro Pimentel Pinto, algumas das quaes visam á economia do official, e registando n'estas paginas o reconhecimento dos grandes beneficios sociaes que essas propostas traduzem, lança a *Revista de Infantaria* um alto pregão em honra do nobre ministro da guerra, que, com tão encendrado amor civico e tão nobilissimos propositos, consagra os primores do seu coração, os rasgos da sua intelligencia e o fructo da sua sabedoria á gloria do Rei e ao proveito da Patria.



Apreciação succinta dos resultados das experiencias de tiro e dos fogos de guerra executados na ESCOLA PRATICA DE INFANTERIA no periodo de instrucção de 1899-1900.

(Concluido do n.º 3 do 4.º anno)

Fogos de guerra

No 6.º exercicio, realisado em 14 de agosto, os alvos representavam um destacamento mixto, constituido por duas companhias de infantaria e dois pelotões da cavalleria, estabelecido defensivamente nas abas do monte do Baracio.

A companhia nòrmal de instrucção, representando a guarda avançada de um batalhão em marcha de Mafra na direcção do Valle da Guarda, foi encarregada de executar um energico movimento offensivo contra o destacamento inimigo, devendo opportunamente ser apoiada e sustentada pelo grosso do seu batalhão.

Combate da guarda avançada

1.ª Disposição. — Tendo deparado com uma fraca linha de exploradores inimigos postada quasi no fundo da encosta sudoeste do monte

do Baracio, á direita da sua linha de marcha, a secção da extrema guarda avançada da companhia normal de instrucção desenvolve-se em atiradores, e, tomando posição a uns 650^m do inimigo, faz contra este uma serie de 10 tiros por praça, em fogo lento, empregando a alça de 700^m. O por $\%$ obtido foi de 2,2

2.^a Disposição. — O inimigo envia reforços aos seus exploradores, e, na força aproximada de uma companhia em atiradores, pretende oppôr-se á marcha da companhia. Esta reforça tambem a sua extrema guarda avançada com tres secções e executa em seguida uma outra serie de 10 tiros por praça em fogo por descargas de pelotão, empregando a mesma alça da disposição precedente. O por $\%$ obtido foi de 8,6.

3.^a Disposição. — A linha de combate do inimigo sustenta-se na sua posição. Avista-se no entanto outra companhia inimiga (representada por alvos proprios em columna aberta por pelotões de costado a dois) a uns 300^m á retaguarda do flanco direito da sua linha de resistencia.

A linha de combate da companhia normal de instrucção avança uns 200^m e recebe como reforço o ultimo pelotão da companhia; em seguida faz uma serie de 10 tiros por praça em fogo vivo contra a linha de resistencia do inimigo, que então se achava á distancia de uns 450^m. A alça empregada foi a de 550^m e o por $\%$ obtido foi de 14,6.

Intervenção do grosso do batalhão no ataque

4.^a Disposição. — A companhia normal de instrucção, encontrando da parte do inimigo uma resistencia superior aos seus meios de acção, espera reforços, que lhe chegam em breve. Uma outra companhia (hypothetica) desenvolve-se, com effeito, á sua direita, e ao mesmo tempo a companhia normal é prevenida de que será a companhia *base* no proseguimento do ataque. Em vista d'isto a companhia faz um novo movimento de avanço passando a ravina, que tem na sua frente, por pelotões successivos. No momento em que a companhia está tratando de se instalar na sua nova posição, são avistados na frente dois pelotões de cavalleria inimiga, que se lançam rapidamente ao ataque, um em forrageadores e outro em apoio a uns 100^m atraz do flanco direito d'estes. N'estas circunstancias, a companhia normal faz uma serie de 9 tiros por praça em fogo de repetição contra a cavalleria inimiga, empregando a alça de 400^m. Os forrageadores inimigos, representados por 24 alvos de cavalleiro, estariam então a uns 300^m de distancia. O por $\%$ obtido foi de 12,3, tendo 63 balas attingido os cavalleiros da linha de forrageadores e 15 os do apoio, enquanto que 41 bateram nos cavallos da linha de forrageadores e 14 nos do apoio.

5.^a Disposição. — Aproveitando o momento em que a sua cavalleria está atacando a companhia normal de instrucção, a linha de combate da infantaria inimiga retrograda um grande lanço e recebe importantes reforços, que elevam a sua força a uma companhia e meia.

A companhia normal de instrucção, apenas se vê desembaraçada do ataque da cavalleria inimiga, faz um lanço de avanço, e tomando posição executa em seguida uma serie de 5 tiros por praça em fogo por descargas de pelotão contra a linha de atiradores do inimigo, que estaria n'este momento a uns 400^m de distancia. A linha de mira utilizada foi a de 500^m e o por $\%$ obtido foi o de 9,7.

6.^a Disposição. — O inimigo sustentando-se tenazmente na sua posição, a companhia normal faz um ultimo movimento de avanço combinado com outro semelhante da companhia (hypothetica) que está á sua

direita, e sustentada pelo resto do batalhão. Em seguida a companhia normal faz uma serie de 9 tiros por praça em fogo de repetição contra a linha da infantaria inimiga, que, achando-se a uns 200^m de distancia, se desmoralisa e retira em desordem para o lado do Valle da Guarda, O por % obtido pela companhia n'esta ultima serie de tiros foi de 14,5. tendo empregado a linha de mira 300^m.

Estudemos agora o resultado dos diversos fogos executados n'este exercicio, tendo em vista sempre a fórma do terreno que recebia as balas, para d'ahi tirarmos o necessario ensinamento.

Em primeiro logar vemos claramente que, como em todos os exercicios do corrente anno, o fogo da extrema guarda avançada contra os exploradores inimigos, isto é, o fogo de atiradores contra alvos isolados de figura do infante deitado e de joelhos tem taticamente um valor minimo, que de fórma alguma pôde justificar um largo consumo de munições ás distancias medias, como aliaz preceitua erradamente a nossa actual ordenança de infantaria.

O fogo por descargas de pelotão á mesma distancia que o fogo individual da extrema guarda avançada foi muito mais effiz do que este, o que deve ser attribuido unicamente, como a experiencia de tantos exercicios realizados este anno tem demonstrado, á maior densidade dos alvos. Reconhecido pois, como parece estar, que a grande densidade das linhas de atiradores é muito prejudicial, pois as torna mais vulneraveis do que algumas das formações em ordem unida, taes como as columnas abertas de secções e de pelotões de costado a dois, é de toda a conveniencia regulamentar, especialmente para a defensiva, que os intervallos dos atiradores não sejam, em regra, inferiores a dois passos, excepto quando se pretender executar qualquer movimento offensivo, porque então será precisa a maxima densidade para se poder obter por algum tempo a superioridade do fogo e abater assim a força moral do atacante. Na offensiva esta regra apenas parece dever ter utilidade real, enquanto se estiver ás grandes ou medias distancias do inimigo, mas desde que se entrar na zona das pequenas distancias ou, talvez melhor ainda, quando se chegar á distancia de 700 ou 800 metros do inimigo, deve dar-se a maxima densidade ás linhas de atiradores, para desde logo se obter a superioridade do fogo sobre as forças da defeza, mesmo a despeito das perdas que estas possam causar-lhe, e tambem para não obrigar as forças atacantes a executar frequentes evoluções sob o fogo intenso da defeza, pois que as baixas produzidas em taes circumstancias devem ser altamente desmoralisadoras para forças destinadas a dar impulsão á linha de combate.

E' digno de reparo que ás percentagens obtidas com o fogo por descargas de pelotão ás distancias de 650 e de 400 metros fossem tão pequenas n'este exercicio, que o fogo não teria a sufficiente effiacia no combate real. Este diminuto resultado deve ser attribuido á fórma do terreno que recebia as balas nos dois casos, pois em ambos elles era mais ou menos inclinado para cima das linhas de mira das forças atacantes, o que, como já tivemos occasião de dizer, é causa de uma grande diminuição da effiacia dos fogos em geral.

No fogo contra a cavalleria os resultados parece terem sido normaes; o emprego de uma formação mixta, ou somente dos forrageadores, que aliaz é de regra no ataque contra linha de atiradores, deve, com effeito, fazer diminuir muito o numero das baixas da cavalleria, mesmo quando ella tenha de se expôr a um fogo intenso ás pequenas

distancias, e opere em um terreno sensivelmente paralelo á linha de mira da infantaria. No presente exercicio as perdas soffridas pelos dois pelotões de cavalleria, feita a conveniente redução na percentagem obtida, deviam ser de uns 12 cavalleiros, isto é, um quarto do effectivo da cavalleria atacante, o que, sem ser uma perda exaggerada, seria comtudo bastante para produzir a desmoralisação e a derrota da cavalleria.

*

Para terminarmos este succinto estudo dos resultados das varias especies de fogos empregados nos exercicios dos fogos de guerra do corrente anno, e para fornecer ao mesmo tempo aos officiaes de todas as armas elementos seguros para estudo, faremos uma interessante recapitulação das percentagens obtidas em todos os exercicios de fogos de guerra, representando combates de infantaria contra infantaria nos ultimos cinco annos. Os quadros seguintes mostrarão o valor de todos os fogos executados contra alvos isolados ou agrupados em formações tacticas.

Quadro n.º 1

Percentagens dos fogos contra alvos isolados

Distancias em metros	Especie de fogo	Percentagens				
		em 1896	em 1897	em 1898	em 1899	em 1900
1000	Fogo lento.....					2,5
850	» »					4,3
800	» »				4,6	
800	» por descargas.....				3,0	
775	» lento.....					1,6
750	» »					2,5
750	» »					2,9
700	» por descargas.....	1,1				
660	» »				4,2	
650	» »		2,6			
650	» lento.....				1,8	2,2
620	» »				4,2	
600	» »	0,8				
600	» por descargas.....			2,2		
420	» vivo				3,7	
400	» »			9,1		
400	» lento.....	5,7	1,0			
350	» »		4,2			
300	» »	3,8	11,1	9,1		
250	» »			5,0		

Quadro n.º 2

Percentagens dos fogos contra alvos agrupados em formações táticas

Distancias em metros	Especie de fogo	Percentagens					Percentagens medias	Observações
		em 1896	em 1897	em 1898	em 1899	em 1900		
1200	Descargas.....					6,6	6,6	
1080	»				3,5		3,5	
1000	»	2,2	2,0	6,3	7,6	6,1	4,8	
800	»			9,0			9,0	
750	»			4,8			4,8	Tiro fixante
700	»	8,5		10,3	7,2	11,2	9,3	
675	»					6,2	6,2	» »
660	»				9,5		9,5	
650	»	6,1	6,6			13,0	8,6	
650	»					8,6	8,6	» »
600	»	11,2	*6,6				8,9	* » »
575	»					5,0	5,0	» »
550	»			17,0	*7,0		12,0	* » »
540	Fogo vivo.....				7,4		7,4	
530	»					7,3	7,3	
500	Descargas.....		13,2	13,6	11,0		12,6	
450	Fogo vivo.....					14,6	14,6	
450	»					10,9	10,9	
425	Descargas.....					4,8	4,8	» »
420	Fogo vivo.....				9,4		9,4	
400	»	5,6	6,7	12,3				
400	»	7,4	*7,2	*12,4			8,7	* » »
400	Descargas.....					9,7		» »
350	Fogo vivo.....			19,4			19,4	
300	»	9,0	14,3	13,2	15,9		13,1	
300	» de repet...					14,6	14,6	De cima p. ^a baixo
280	»				11,2		11,2	
250	»			*20,6		6,8	13,7	* » » »
200	»				11,6	15,1	16,6	
200	» vivo	24,4	13,0	19,1	27,3		27,3	» » » »
150	» de repet...		21,0		23,5		22,2	
130	»			35,4			35,4	

A simples observação do quadro n.º 1 nos indica immediatamente que o fogo dos exploradores não pôde ter senão um valor minimo sob o ponto de vista tactico. Não nos deteremos, pois, a fazer mais largas considerações a este respeito, visto já termos tratado este assumpto em outro logar.

Para simplificar o estudo do quadro n.º 2 pareceu-nos conveniente tirar as medias das percentagens dos fogos a todas as distancias para d'este modo se poder ajuizar da sua efficacia. Servindo-nos pois unicamente d'estas medias, e deixando os outros numeros para mostrar só-

mente como uma infinidade de circunstancias faz variar muitissimo os effeitos dos varios fogos a todas as distancias, podemos deduzir d'ellas que, para a espingarda actualmente distribuida á nossa infantaria e utilizando o cartuchame até agora distribuido, a maior distancia a que se póde começar o fogo lento ou por descargas contra linhas de atradores é a de 700^m, que já em outro lugar indicámos tambem; que o fogo vivo só a distancias inferiores a 400^m póde ter uma efficacia sufficiente; e finalmente que o fogo de repetição, empregado mais especialmente para produzir grandes effeitos moraes e para proteger a aproximação das tropas de choque, só deve ser empregado a distancias de 300^m ou menos.

Não quer isto dizer que não haja na guerra bastantes circunstancias em que se deva recorrer ao fogo de fuzilaria até á distancia de 1:500 ou mesmo de 1:700 metros, quando alvos especies de grandes dimensões se apresentem em terreno favoravel e bem visiveis e haja a possibilidade de avaliar com certa approximação as distancias a que se acham. Esses casos, porém, serão relativamente raros, e quando elles apparecerem será conveniente regular com muita prudencia o consumo das munições. Para este fim deverá empregar-se de preferencia o fogo por descargas, o qual, tendo uma efficia nunca inferior á de qualquer outra especie de fogo, permite conservar as forças mais na mão de chefes idoneos.

O quadro n.º 2 mostra-nos ainda que de 350^m para baixo os effeitos do fogo de fazilaria devem ser terriveis, pois que com 100 fuzis e com um consummo de 10 cartuchos por cada um, o que corresponde approximadamente ao fogo feito em um minuto, é licito calcular que se podem produzir entre 12 a 20 baixas em uma força igual á do adversario. D'este facto resultará que a situação das forças adversas, que conseguiram chegar a taes distancias, será por tal modo tensa e insustentavel que não poderá prolongar-se por muito tempo, tendo necessariamente um dos dois adversarios, o que tiver tropas menos solidas ou que por qualquer circumstancia tiver o seu moral mais abalado, de ceder o terreno antes mesmo que se produza a crise final, isto é, o assalto, que, como diz a nossa actual ordenança, será quasi sempre virtual. Comtudo, é possivel que em alguns casos especies a resistencia seja levada até aos seus ultimos limites, e então as perdas para o atacante serão enormes. Para vencer esta ultima e terrivel difficuldade será preciso ás tropas aggressoras, além de uma superioridade de forças esmagadora, dar então as mais evidentes provas de uma rigorosa e inquebrantavel disciplina, pois de outro modo não poderão impôr-se e abalar o moral do seu pertinaz adversario.

F. RODRIGUES DA SILVA.

Coronel de infantaria

A INSTRUÇÃO ESPECIAL DOS EXPLORADORES

(Continuado do n.º 2—4.º anno)

CAPITULO II

Orientação

1.º

Generalidades

Tendo a orientação um sem numero de applicações na guerra, é o seu perfeito conhecimento de notavel vantagem para os exploradores.

Devendo caminhar e mover-se em todas as direcções, com a maior presteza e liberdade, não só antes como durante o combate, no serviço de exploração, nas marchas e nos postos avançados, é indispensavel que, fóra da fileira e completamente isolados da companhia, saibam dirigir-se convenientemente n'uma determinada direcção, saibam orientar-se, n'uma palavra.

A falta de orientação, não só por parte dos soldados e officiaes inferiores, mas até por por parte de officiaes,



tem por muitas vezes dado logar a surpresas e a revezes sérios. (1)

Diz-se que um explorador sabe orientar-se quando tiver facilidade em conhecer a direcção dos pontos cardeaes em relação ao logar aonde se encontra.

Os pontos cardeaes são 4:

Norte, que tambem é designado por *Septentrião*;

Sul » » » » *Meio dia*;

Este » » » » *Leste, Oriente,*

Nascente ou *Levante*;

Oeste, que tambem é designado por *Occidente* ou *Poente*.

Abreviadamente designam-se pelas seguintes letras: *N, S, E* e *O*.

Além dos pontos cardeaes, ha ainda os collateraes, que são pontos intermedios aos primeiros e que se designam pela reunião dos dois pontos cardeaes que os comprehendem.

As suas denominações são:

Nordeste ou *NE*, entre *N* e *E*.

Sueste ou *SE*, entre *S* e *E*.

Sudoeste ou *SO*, entre *S* e *O*.

Noroeste ou *NO*, entre *N* e *O*. (2)

(1) Citaremos, como exemplo, o seguinte, da guerra franco-allema: Em 4 de dezembro de 1870 uma brigada franceza do exercito do Loire occupava a parte NO. da aldeia de *Cercottes*, tendo o seu flanco direito apoiado na estrada Paris-Orleans, que tem a direcção N. e S. Proximamente a uns 200^m ao N. estendia-se o bosque de *Cercottes*, que tem uns 800^m de largura na direcção E. O. e 400^m na direcção N. S. Foi mandada observar por uma companhia de infantaria a orla N. do bosque, e como é muito denso, teve a mesma companhia difficuldade na marcha. A brigada, julgando-se coberta, estacionava sem a menor desconfiança quando foi surprehendida por um vivo fogo dos prussianos, postados na orla S. do bosque. E' que a companhia havia occupado por engano, por falta de orientação, a orla occidental e não a norte, como lhe fôra determinado. (Franceschi-Eclaireurs d'infanterie).

Se o commandante da companhia se tivesse orientado antes de penetrar no bosque, determinando o ponto a que deveria dirigir-se e o caminho a seguir, tornando a orientar-se novamente ao chegar á orla, ter-se-hia evitado o incidente.

(2) Ha ainda outros pontos collateraes, intermedios áquelles quatro e aos cardeaes, com as seguintes denominações:

Por diferentes modos podem os exploradores orientar-se:

De dia—Pelo sol, pelo relógio, por indícios e por informações.

De noite—Pela lua e pela estrella polar.

Tanto de dia como de noite—Pela bussola.

2.º

Orientação pelo sol

Pratica.—Depois dos exploradores já terem conhecimento dos quatro pontos cardaes, o instructor ensina-os a orientar-se por meio do sol d'esta fórma:

Um pouco antes das 6 horas da manhã (nos mezes de abril e maio) conduz os exploradores a um terreno descoberto. A's 6 horas em ponto volta as costas ao sol e faz collocar um explorador na direcção da sua sombra, a uns dez passos de distancia, voltado para elle; dá meia volta e faz collocar outro explorador tambem a 10 passos, e da mesma fórma voltado para elle. Fazendo dar meia volta aos dois exploradores diz ao primeiro que está voltado para Oeste ou Poente, e ao segundo para Este ou Nascente.

Faz marcar por duas estacas ou duas pedras e um cordel a direcção Este-Oeste, determinada pelos dois exploradores.

Depois voltando á posição primitiva, abre os braços collocando-os horisontalmente na direcção da linha dos hombros, e manda pôr um explorador dez passos á sua direita e outro dez passos á sua esquerda, com as costas voltadas para elle, dizendo ao primeiro que está voltado para o Norte e ao segundo para o Sul.

Manda marcar pela fórma indicada a linha Norte-Sul.

Antes dos exploradores abandonarem os seus logares,

Nor-nordeste	ou	<i>NNE</i>	entre	<i>N</i>	e	<i>NE</i>
Nor-noroeste	»	<i>NNO</i>	»	<i>N</i>	e	<i>NO</i>
Es-nordeste	»	<i>ENE</i>	»	<i>E</i>	e	<i>NE</i>
Es-sueste	»	<i>ESE</i>	»	<i>E</i>	e	<i>SE</i>
Oes-sudoeste	»	<i>OSO</i>	»	<i>O</i>	e	<i>SO</i>
Oes-noroeste	»	<i>ONO</i>	»	<i>O</i>	e	<i>NO</i>
Su-sueste	»	<i>SSE</i>	»	<i>S</i>	e	<i>SE</i>
Su-sudoeste	»	<i>SSO</i>	»	<i>S</i>	e	<i>SO</i>

recommenda-lhes que determinem, ao longe, no horisonte, a direcção dos pontos cardeaes por meio d'um signal qualquer: casa, arvore, moinho, torre, etc., etc.

Em seguida—depois de fazer notar aos exploradores que o conhecimento dos quatro pontos cardeaes é insufficiente para se orientarem e para precisarem o logar do terreno em que se encontram e aquelle para onde pretendem marchar, desde que tenham que o fazer entre dois pontos cardeaes—manda dividir ao meio os angulos formados pelos dois cordeis e observa aos exploradores que as novas linhas determinam as direcções Nordeste-Noroeste e Sudoeste-Sudeste, exercitando-os tambem a determinarem os quatro pontos intermedios.

A's 9 hmanhã adrasom o instructor aos exploradores que a sua sombra já não toma a direcção que tomára ás 6 horas, mas que segue a direcção Nordeste, por isso, voltando ss costas ao sol áquella hora, o Nordeste fica na sua frente e na sua retaguarda o Sudeste.

Ao meio dia faz-lhe observar que a sua sombra determina a direcção Norte-Sul e que se ás tres horas da tarde se repetir o exercicio das 9 horas da manhã se determinará da mesma forma a direcção—Sudeste-Nordeste.

Nota.—Se o instructor desejasse levar mais longe o estudo dos pontos do horisonte, poderia, pelo processo acima indicado, determinar as 24 direcções que constituem a chamada rosa dos ventos.

3.º

Orientação pelo relógio

Pratica.—Achando-se hoje muito vulgarisado o uso do relógio é conveniente ensinar aos exploradores o meio de o empregar para se orientarem.

Para isso, voltando o explorador as costas ao sol colloca o relógio na sua frente, pondo o ponteiro que marca as horas na direcção da sombra; a linha que divide em duas partes eguaes o angulo formado pelo ponteiro das horas e a direcção do meio dia dá a direcção do Norte-Sul.

Exemplo.—Se forem 4 horas da tarde e o explorador voltar as costas ao sol, collocando o ponteiro menor na di-

recção da sua sombra, a linha que passa pelas 2 e pelas 8 horas (meia distancia entre as 11 horas e o meio dia) é a linha Norte-Sul. O Norte fica do lado das 8 horas e o Sul das 2. (1)

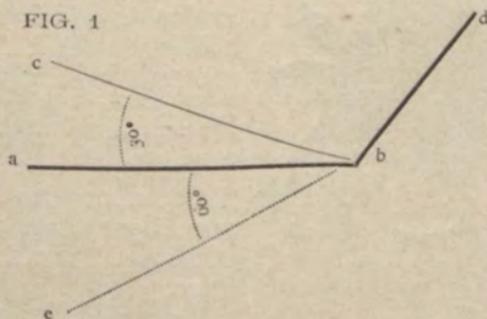
(Continua).

J. GIL

Capitão de infantaria

(1) Indicaremos ainda outro processo, que se funda em que o sol percorre em cada hora um arco de 15° do seu circulo diurno. Como a sombra d'um objecto vertical, ao meio dia, marca a direcção Norte-Sul,

FIG. 1



e como a sombra caminha em sentido contrario ao sol, basta marcar um angulo egual a tantas vezes 15° , quantas horas faltarem ou passarem do meio dia, e para a direita ou esquerda d'essa sombra, para termos a linha Norte-Sul.

Exemplo:— Vejamos as horas n'um relógio:— supponhamos 2 da tarde; crava-se uma estaca verticalmente no terreno e marca-se

a direcção da sua sombra *ab* (fig. 1); construindo sobre a linha *ab* e para a sua direita um angulo de 30° , a linha *bc* marca a direcção Norte-Sul.

Se forem 8 horas da manhã o angulo a marcar é de 60° e para a esquerda de *ab*.

No sul da Africa

II

BATALHA DE COLENZO



1806-1809

veis para a defensiva tenaz não são próprias d'um povo guerreiro, não são dignas d'um povo que lucha pela existencia e que vê que os seus bens terrestres, a sua *farm* delectosa e amena que viu o florir alegre da sua juventude despreocupada, que

A batalha de Colenso é uma verdadeira lição cheia d'ensinamentos aproveitaveis.

A conducta dos boers mostra, como vamos vêr, o quanto vale a astucia, o saber dos homens e a destreza do tiro.

Colenso foi uma victoria para os boers, mas uma victoria incompleta.

A astucia e o tiro podem erigir o pedestal gigantesco d'uma victoria triumphante, mas a estatua, essa, só pôde ser collocada pela mão vigorosa e pelo coração resolutivo d'um povo gigante que, como doido, se lança ao inimigo.

As qualidades boers altamente aproveita-

vê a velhinha que tantas vezes lhe embalou o berço, a esposa que tantos cuidados lhe merece e os filhos a quem tantos carinhos dispensa, correrem todos o mesmo risco, o risco de desherdar o que lhes pertence e de perder o que, abaixo de Deus, lhes é mais caro.

Os boers em Colenso bateram-se na defensiva, mas na defensiva pura, n'aquella em que o soldado se esconde atraz do abrigo e que d'ahi só sahe se fôr para retirar, para fugir.

O retirar na guerra nunca é victoria, mas tambem nem sempre é deshonra; mas o que é condemnavel, o que é, como sciencia militar, um erro, e como patriotismo, um crime, é ter occasião de esmagar o inimigo e não o fazer, e tanto mais quanto essa faculdade fôr favoravel áquelle a quem assiste todo o direito, o sagrado direito da defeza.

Vejam os.

Os boers, cujo effectivo era de 13:000 homens, occupavam uma serie d'alturas cujas encostas olham ao Tujela, que correndo de oeste a este, torto e sinuoso, as contorna.

Essas collinas são, indo na mesma direcção, como se vê pelo mappa junto, Red Hill e Globler's Kloof, cujas encostas são muito escarpadas. Na frente de Colenso, na direcção norte, fica além de outras, a conhecida pelo Forte Wylie. Finalmente, mais para sudoeste, e já na margem sul do Tujela, assenta a collina de Hlanguwane Hill, que completa esta cadeia de fortes. As alturas d'estas collinas, que dominam as da margem sul, foram habilmente aproveitadas e fortificadas pelos boers.

As suas posições principaes eram no Red Hill e no Globler's Kloof, tendo collocado em cada uma d'ellas uma peça de grosso calibre, e no Forte Wylie, constituindo o centro d'estas posições, construíram os boers, nas encostas que olham a Colenso, tres andares de fortificações.

Os boers apoiaram a sua direita no Red Hill e a esquerda em Hlanguwane Hill.

Segundo noticia d'origem ingleza, os boers tinham 10 peças d'artilheria, sob as ordens de Pretorius, mas por uma exposição de Botha, commandante em chefe, não dispunham de mais de 4 peças de grosso calibre e uma Maxim.

Na margem sul, perto do rio e quasi no sopé de collinas idênticas, mas menos elevadas, assenta Colenso.

Desde 5 de dezembro de 1898 que os boers tinham deixado as alturas de Estcourt, para occuparem aquellas

posições, depois de terem destruído a ponte da linha ferrea.

Povo de trabalhadores não se poupou a esforços, pois que os boers coroaram habilmente as cristas das collinas com alguns reductos e extensos entrincheiramentos formando tres andares, e n'elles se estabeleceram.

Sir R. Buller a 13 e 14 poz-se em marcha de Chiveley para Colenso.

N'esses mesmos dias manda bombardear todas as alturas visiveis com 8 canhões de marinha, mas o estrondo da sua artilheria, echoando pelo reconcavo dos valles, era correspondido por um silencio sepulchral.

Nada se via e ouvia que podesse revelar a posição inimiga; os boers occultaram-se nos seus entrincheiramentos e não responderam.

Comtudo, as informações colhidas pelos inglezes diziam muito vagamente as posições que aquelles occupavam e sir Buller dá as suas ordens suppondo que os boers tinham tomado posições mais ao norte.

O fim de sir R. Buller era passar o Tugela á viva força, fosse á esquerda de Colenso, no Bridle Drift, fosse á direita, fosse mesmo em Colenso.

Para isso Buller ordenou que a 5.^a brigada, sob o commando de Hart, se pozesse em marcha ás 4 horas e 30' da manhã do dia 15 e que forçasse a passagem no Bridle Drift; que a 2.^a brigada, Hildyard, se pozesse em marcha ás 4 horas na direcção do Tugela para o passar na ponte do caminho de ferro, junto a Colenso; que a 4.^a brigada, Littelton, se pozesse em marcha ás 4 horas e 30' seguindo entre a linha ferrea e o Bridle Drift a fim de poder apoiar a 5.^a ou a 2.^a brigadas, formando a reserva; que e a 6.^a brigada, Barton, se pozesse em marcha ás 4 horas seguindo na direcção de Hlangwane Hill, a fim de poder apoiar o flanco direito da 2.^a brigada.

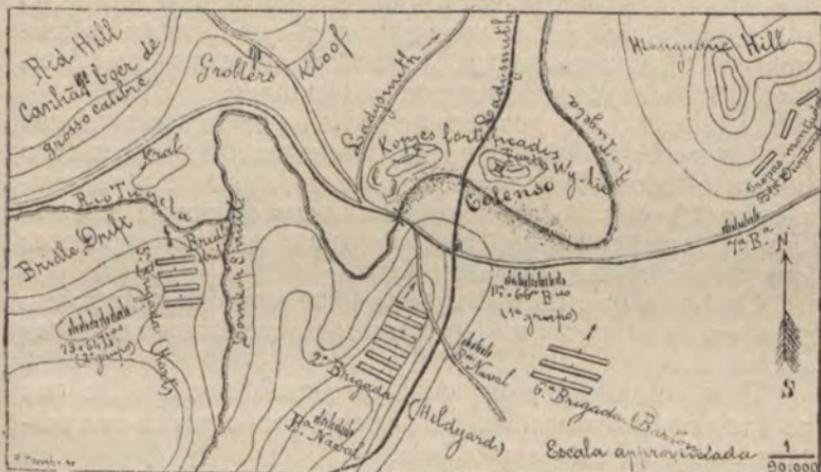
A artilheria occupou as posições indicadas no mappa que juntamos, ficando o 2.^o gruppo sob as ordens de Hart.

O primeiro grupo, o da direita, tinha por missão tomar posição a oeste da linha ferrea, avançando para um ponto d'onde podesse preparar a passagem á 2.^a brigada.

A 15 de dezembro de manhã as brigadas ganharam as posições indicadas. A's 4 horas e 45' as peças de marinha abriram o fogo sobre o forte Wylie, mas os boers não responderam. A's 6 horas da manhã o mesmo silencio reinava ainda e a existencia dos boers sobre as alturas op-

postas era ainda um mysterio para os inglezes, porque as fortificações, tão habilmente mascaradas, não lhes denunciavam a posição.

Cêrca das 6 horas as baterias do primeiro grupo, sob as ordens do coronel Long, a 14.^a e a 66.^a, tomaram posição a 700 metros do Tugela e a 1:100 metros do Forte Wylie, avançando para a frente da infantaria mais de 1:600 metros, imprudencia e erro que lhe custou caro.



Mas collocadas estas duas baterias em posição, eis um tiro de peça que sahe das alturas oppostas como uma voz rouca e mysteriosa que fere os ares e faz pulsar os corações.

O que é? Misterio? Não, é a realidade bem positiva, é a vontade resoluta dos boers proclamada bem grave e altisonante pela bocca d'uma peça de grosso calibre.

Este som grave e rouco é seguido immediatamente por outros ainda mais graves e magestosos e por um crepitar frenetico e incessante que se estendia pelas alturas das collinas oppostas, como se todas ellas bramissem indignadas.

Apezar do fogo concentrado e justo que era feito sobre estas baterias, romperam o seu fogo, não contra os boers do commando de Ermelo que tinham tomado posição junto á margem esquerda do Tugela, occupando o primeiro andar de fortificações, e que, portanto, as fuzilavam com o seu tiro feito a 700 metros, mas contra o Forte Wylie.

A's 6 horas e um quarto o coronel Long foi ferido e dentro de pouco tempo algumas peças já não podiam fazer fogo por não terem pessoal. O capitão Herber quiz ir á retaguarda pedir reforços, mas não o conseguiu porque lhe mataram dois cavallos.

Perante a intensidade do fogo e a impotencia d'estas duas baterias isoladas, deu-se ordem ao pouco pessoal que restava para se abrigar n'um grande fosso que havia á retaguarda, mas para salvar a vida era necessario retirar, o que foi feito tão precipitadamente que nem tiraram ao menos as culatras das peças. Assim ficaram estas duas baterias, 10 peças, completamente abandonadas.

A bateria naval, collocada cêrca de 400^m á retaguarda d'estas peças já abandonadas, abriu tambem o seu fogo contra o forte Wylie, que passada meia hora estava completamente envolto em espessas nuvens de poeira levantadas pelas granadas inglezas, chegando mesmo a parecer que toda a colina estava em fogo.

Os boers que defendiam este forte retiraram dentro em pouco e as duas peças de pequeno calibre foram reduzidas ao silencio.

Uma das ultimas granadas carregada com lyddite que os inglezes lhe lançaram fez ir pelos ares o pouco que restava do forte já desmantellado.

Emquanto na direita eram postas fóra de combate aquellas duas baterias, na esquerda, a 5.^a brigada estava já perto do Tugela ainda formada em columnas de batalhões.

A columna da frente era formada pelos *Dublin Fusiliers*. Apenas as companhias d'este batalhão tinham tomado a ordem extensa, abrem os boers, dos altos do Red Hill e Globber's Kloof, um intenso e certo fogo de granadas com balas contra os inglezes, que reforçado pelo fogo da infantaria causou grandes perdas nos batalhões ainda em columna.

Se causa admiração que se commetta o erro de lançar para a frente duas baterias isoladas, sem apoio, sem nada que as protegesse, não é menos digno de censura o facto de ver uma brigada marchando em columna cerrada dentro da zona efficaz dos fogos, não só da artilheria, como tambem da infantaria.

Depois d'esta dura lição todos os batalhões tomaram a ordem extensa.

Com immensas difficuldades conseguiu esta brigada

chegar perto da margem do Tugela, depois de ter atravessado um terreno completamente batido pelos projecteis boers, porque a cada momento que as companhias se levantavam do solo para executar um avanço, o fogo dos boers era de tal maneira intenso que, diz o correspondente do *Times*, as balas batendo no terreno formavam densas nuvens de poeira, e que só por milagre, accrescenta o mesmo correspondente, se pôde admitir que tivesse escapado um homem sequer.

Os inglezes não conheciam, comtudo, a posição dos boers, e só os effeitos do fogo, revelando-lhes a existencia do inimigo, lhe indicava a posição provavel, que eram as encostas de Red Hill e Grobler's Kloof, sobre as quaes os inglezes lançavam os seus projectis sem direcção determinada, pois que nada indicava a posição dos boers, nem uma cabeça, nem uma arma, nem o fumo, só o crepitar incessante da fuzilaria é que predominava perante aquelle mysterio.

Apezar de perdas consideraveis os inglezes conseguiram ainda chegar ás margens do Tugela, mas ahi, achando-se debaixo da acção dos fogos cruzados que lhe eram dirigidos do Red Hill e Grobler's Kloof sobre a sua frente e o seu flanco direito, tentaram como supremo esforço, passar o rio, mas já não o conseguiram. N'esta altura chega ordem de Buller para retirar, mas a primeira companhia que se levanta lança sobre si a acção do fogo inimigo, que quasi a aniquilla por completo.

Foi na retirada que esta brigada maior numero de baixas soffreu, d'onde se conclue que infantaria que retira é infantaria perdida.

Metade da 4.^a brigada, Littelton, veio em seu apoio, mas tendo de atravessar uma extensão de 500^m debaixo do fogo dos boers, incluindo o da peça de grosso calibre collocada na Red Hill, pouco auxilio prestou.

As duas baterias do 2.^o grupo, 73.^a e 64.^a, não prestaram serviço algum, pois que não conseguiram ao menos reduzir ao silencio a peça de grosso calibre.

Emquanto na esquerda esta infeliz brigada Hart, era quasi dizimada totalmente, no centro, cerca das 6 h. e $\frac{1}{2}$ da manhã a 2.^a brigada, Hildgard, apoiada pela 6.^a, Barton, lança-se para a frente tambem em ordem unida, dizendo o correspondente já citado que os *Devonshire* avançaram como nas paradas de Aldershot, mas esta galhardia, logo que se approximaram de Colenso, foi lançada por

terra, porque ahi rompe um fogo intenso dos boers collocados na margem norte do Tugela. Os inglezes, encontrando excellentes abrigos naturaes, occultando-se portanto das vistas dos boers, conseguiram manter-se até perto do meio dia n'essa posição e desalojar os boers que estavam mesmo junto á margem norte do rio.

Foi esta a primeira vez que os inglezes viram o inimigo, mas tomada a segunda linha de fortificações a vantagem tornou a ser dos boers, e como estas duas brigadas não tinham artilheria que as appoiasse, pois que a bateria naval apenas fez fogo contra o forte Wylie, não se puderam sustentar n'estas posições.

Ao meio dia Buller, que tinha já sido ferido pelo estilhaço d'uma granada, deu ordem para uma retirada geral, o que foi feito em boa ordem.

Emquanto os inglezes retiravam os boers desciam para as posições á beira do Tugela, que já tinham abandonado, mas não passando d'ahi não perseguindo o inimigo.

Na extrema direita a brigada montada, Dundonald, atacava Hlanguwane Hill, depois de a ter contornado por este e ter dado ordem para toda ella se apaar.

A 7.^a bateria a cavallo apoiava esta brigada.

No momento em que avançava atravez d'um valle estreito, um destacamento de boers montados, descendo das alturas de Hlanguwane, ameaça Dundonnald pelo flanco, que os inglezes obrigam a retirar. Os boers aqui aproveitaram tão bem o terreno que um esquadrão dos *Imperial Light Horse* cahia-lhes na mão se a 500^m o não fuzilassem com o seu fogo certoiro.

Esta brigada recebeu ordem de retirar, mas só o poude fazer passadas duas horas, porque o fogo boer era tão intenso que se tornava impossivel mesmo o retirar.

Ao meio dia retirava-se em toda a linha. A brigada Hart, immensamente dizimada, estava já formada á retaguarda d'uma ligeira colina. A brigada Hyldiard retirava em boa ordem, porque os boers, emquanto mudaram de posição, assim o permittiram.

A brigada Dundonald, retirava com difficuldades.

Os boers, ainda escondidos como toupeiras atraz dos seus abrigos, viam pacientemente esta debandada dos inglezes e jubilavam-se com a victoria, victoria que lhe foi ephemera.

(Continua).

DAVID A. RODRIGUES

Alferes de infantaria.



O CURSO DO ESTADO MAIOR

Bastante ventilada tem sido a questão dos cursos entre nós, mas apesar d'isso, como se vae ver, não nos parece que se tenham organizado de maneira a poderem preencher unica e exclusivamente o fim a que são destinados, dando uma instrucção pratica e solida e creando officiaes com verdadeiros conhecimentos uteis e aproveitaveis.

A orientação pratica é sempre a norma que offerece melhores garantias; se isto é uma verdade em todas os ramos da vida, debaixo do ponto de vista militar é uma necessidade impreterivel a que é necessario obedecer, porque na guerra, ou para a guerra, só é admissivel e só offerece garantias aquillo que é pratico.

Apezar d'isso, a organização dos cursos militares entre nós não obedece bem a essa condição. Não são só elles que enfermam d'esse mal, pois que essa doença é endemica no paiz.

Mas pondo de parte estas divagações, que alias todos conhecem, vamos tratar do assumpto em questão.

Consultando o programma vemos que o curso do estado maior consta da 9.^a cadeira (Curso complementar de tactica — Organização dos exercitos. — Serviço do estado maior) e da 10.^a cadeira (Estrategia. — Geographia e estatistica militar. — Historia critica da guerra).

Além d'isto os officiaes provenientes das armas de infantaria e cavalleria tem a estudar mais as seguintes disciplinas, *cadeiras auxiliares*: Fortificação permanente (*parte descriptiva*, diz o regulamento) e seu ataque e defesa, applicação da fortificação á defesa dos estados; material de artilheria (*parte descriptiva*); geodesia; telegraphia; caminhos de ferro (excepto construcção); hippologia, só para os officiaes de infantaria.

E' este o programma. A' simples vista se reconhece que não são necessarios conhecimentos especiaes para o estudar.

Em todo o caso pergunta-se, para que são necessarios os actues preparatorios para a matricula do curso?

Para estudar a historia, a organização militar, a tactica ou a estrategia? Não.

Para estudar as *partes descriptivas* da fortificação ou do material de artilheria? Certamente não.

Para estudar a *applicação da fortificação á defesa dos estados*, ou a telegraphia, ou os caminhos de ferro, *excepto a construcção*, ou as noções de hippologia? Certamente tambem não.

Que nos fica pois?

Fica a geodesia, para a qual são indispensaveis os conhecimentos das mathematicas puras.

Mas a geodesia não é um serviço do estado maior, e tanto assim

que na organização do curso actual ella figura como cadeira auxiliar, ao par das *noções de hippologia*.

Todo aquelle que tem uma leve noção do serviço do estado maior concorda com isto mesmo e acha sensata a maneira secundaria que o regulamento lhe dá, a ponto de nem sequer influir na classificação final.

Em campanha não são chamados os serviços geodesicos para coisa alguma, o que se precisa é saber ler bem uma carta topographica, saber fazer um levantamento rapido e expedito com a maxima presteza ou um *croquis* com a maxima promptidão.

Isso, sim, precisa saber todo o official, e o official do estado maior mais do que nenhum outro. Evidentemente não são os conhecimentos geodesicos que dão ao official de estado maior qualidades verdadeiramente militares, unica base de selecção a que se deve attender.

Sobre este ponto não insistimos mais, porque a sancção official diz bem claro que os conhecimentos geodesicos não devem fazer volume na bagagem scientifica do official do estado maior e porque, pelas ideias que todos teem d'estes serviços estão perfeitamente d'accordo, porque não podem deixar de estar, com o que acabamos de dizer.

Para que servem pois, debaixo do ponto de vista militar, tantos preparatorios para a matricula do curso do estado maior?

Fazendo esta pergunta a alguem já nos foi respondido, á falta de melhor argumento, que a mathematica exigia uma gymnastica d'espirito muito necessaria para o official do estado maior.

Uma razão d'esta ordem não tem resposta.

Servirão, portanto, esses preparatorios para difficultar a matricula no curso?

Se é para isso, está muito bem, mas, se o intuito é esse, commette-se um erro grave que pode um dia, o que Deus evite, ser funesto ao paiz, porque esse curso, o curso verdadeiramente militar, o verdadeiro curso de guerra, deve ser facultado ao maior numero de officiaes, não só para diffundir no exercito o maior numero possivel de conhecimentos verdadeiramente militares, mas tambem porque quanto maior fosse a concorrência, tanto melhor e com mais garantias se poderia fazer uma rigorosa selecção.

A base sobre a qual deve assentar a organização do curso do estado maior deve ser unica e exclusivamente a aptidão militar.

E' um principio universalmente assente e sobre o qual não pode haver duas opiniões contrarias; tal a sua evidencia.

A actual organização concorda com isso, como não podia deixar de ser, e falla mesmo nas *aptidões militares*, apresentando-as, pode-se dizer, como primeira condição, mas a execução d'essas ideias é que é posta em pratica d'uma maneira muito debil, pois que a maneira de provar a aptidão militar consiste na informação dos commandantes, que, devido á brandura dos nossos costumes, em geral são boas, não podendo além d'isso por informações fazer-se juizo seguro pelo laconismo que quasi sempre envolvem, e por um concurso de equitação, que embora ponha em evidencia as qualidades de cavalleiro, que são necessarias, não define, não obstante, e muito longe d'isso, as aptidões militares.

Para que falla pois o regulamento em qualidades militares? Evidentemente para dar um tom mais grave ao curso e para mostrar que se attende a todas as condições que se devem exigir.

Esta maneira de legislar não é sensata nem pratica; é anti-militar e pode ser mesmo anti-patriotica.

Sejamos serios no que fazemos, sejamos praticos na maneira como

se consegue attingir um fim, sejamos justos e sinceros na forma de legislar e na maneira de distribuir direitos.

Conforme o curso está hoje organizado não se attende a mais nada para a entrada do curso do que aos diplomas das cadeiras preparatorias.

Este processo, além de não ser necessario, nem pratico, nem util, além dos inconvenientes que já lhe apontámos, ainda tem mais um outro que não pode passar incolume á nossa observação fria e que obedece unicamente a ideias sensatas e que tem por fim procurar lançar em todo o exercito um grande direito e que para o paiz pode representar um grande beneficio.

E' bem sabido e notorio que ha individuos que, uns pela sua intelligencia rara e outros pela sua applicação ao estudo, conseguem fazer exames brilhantes e adquirir diplomas com premios, mas que na pratica deixam muito a desejar.

E' ao que pode arrastar a actual organização do curso; o intelligente ou o applicado pode fazer um curso brilhante, mas, devido aos defeitos da organização, pode chegar á pratica e não ter aptidões militares para o desempenho dos serviços do estado maior.

Depois que a lei organica do curso é a primeira a declarar que não são necessarios os preparatorios que hoje se exigem e depois de vermos os inconvenientes que arrasta, não teremos escrupulo algum em declarar cathegoricamente que essa lei é, além de absurda, iniqua e contraproducente e que, por isso, para bem do exercito e do paiz, é necessario alterar quanto antes, pois o que o official do estado maior precisa saber no mais alto grau é muita historia e geographia militares, muita legislação e organização e muita tactica e estrategia.

Estes conhecimentos, necessarios a todo o official, não se podem estudar com todo o desenvolvimento nos cursos especiaes de cada arma, mas sendo necessario difundil'os por todos e tendo hoje todos os officiaes os conhecimentos bases para bem e com todo o desenvolvimento estudarem essas matérias, o que é racional e o que é necessario fazer é permittir que todos, desde que tenham aptidões militares, os possam estudar, os possam adquirir.

Provada a inutilidade das cadeiras das polytechnicas para o estudo d'este curso, provada a maneira cabal como se pode estudar sem esses conhecimentos, provados os inconvenientes que esse processo arrasta, seja pelos defeitos organicos, seja pelo entrave que põe á concorrencia, que tão necessaria é, e provada, finalmente, a necessidade de diffundir esses conhecimentos no maior numero de officiaes, vejamos o que se deve fazer.

Em nosso juizo o caminho a seguir deve ser o seguinte :

1.º admittir que os officiaes de qualquer arma se possam matricular desde que apresentem a carta de curso da sua arma, independentemente de mais preparatorios, excepto o exame de inglez e allemão.

2.º Ter um certo numero de annos de serviço effectivo como official, que quanto a nós deve ser de 4 annos.

3.º Apresentar boas informações e ter bom comportamento.

4.º e principal. Ser submettido a um rigoroso concurso d'entrada, constando de equitação e versando sobre tactica da sua arma, devendo n'esta ultima parte, dar uma prova escripta, oral e pratica ou no campo. A prova oral do candidato deve versar tambem sobre os regulamentos especiaes da arma a que pertencer.

5.º O curso será de tres annos, frequentando-se no 3.º as cadeiras auxiliares e executando-se os trabalhos praticos.

Uma organização n'este sentido tinha as vantagens seguintes :

1.º Abolindo todos os inconvenientes da actual organização, já aqui apontados, além d'outros sobre que não tocamos, facultar a maxima concorrência.

2.º Havendo concorrência já se poderia fazer uma selecção rigorosa e util, o que hoje se não pode fazer.

3.º O concurso, além de obrigar a trabalhar para elle, o que já era só por si um incentivo ao estudo, além de permittir o poder-se escolher officiaes já sabedores, garantia a base principal a que se deve attender para a entrada n'este curso, que é o poder-se avaliar das aptidões militares dos candidatos.

4.º Não gastando tempo, energia, vontade e forças intellectuaes e physicas no estudo de cadeiras que dão conhecimentos de que não se necessita, nem no curso, nem na vida pratica, poder-se-hia, e deve-se mesmo, augmentar o numero d'annos do curso, podendo assim estudar a fundo e a serio as materias professadas.

Dois annos é muito pouco tempo e tão pouco que é necessario estudar atabalhoadamente as cadeiras do curso com as auxiliares.

Como as classificações d'estas não entram na avaliação final, são em geral estudadas com pouca attenção.

Além d'isso não ha tempo sufficiente para o estudo das cadeiras e execução dos trabalhos praticos, tão necessarios e tão indispensaveis.

Mais algumas vantagens se podem indicar, mas bastam estas para ver a urgencia em remodelar tal organização.

Para este assumpto chamamos a attenção do nobre ministro da guerra, na esperanza de que não appellaremos de balde, porque a dedicação de s. ex.^a pelos assumptos militares, e principalmente pelos de magna importancia, como é este, fará com que a sua competencia se assignale mais uma vez, na certeza de que será mais um relevante serviço que o exercito lhe ficará devendo

No proximo numero mostraremos que o processo que aqui indicamos é exactamente o processo seguido na Hespanha, França, Italia, Allemanha, Roumania, Russia e Suissa.

(Continúa).

X.

SECÇÃO DO EXTRANGEIRO

França. — *Chamamento dos reservistas pelo correio.* — No anno passado ensaiou-se chamar os reservistas de quatro corpos de exercito por intermedio do correio e da gendarmeria. O resultado foi favoravel e este anno igual processo será seguido em todo o exercito.

O resultado d'esse chamamento foi: 97 % das ordens recebidas chegaram ao seu destino, 2 % perderam-se e 1 % dos reservistas não devolveu o certificado de recepção.

Em França espera-se que estes 3 % desapareçam com a intervenção da gendarmaria, fazendo, para isso, com que esta entregue os documentos mais importantes e que todos os avisos sejam entregues directamente e sob a responsabilidade do correio.

As proximas manobras. — O ministro da guerra francez decretou já as instrucções que hão de regular as manobras que devem ter logar no proximo outomno.

Far-se-hão manobras em que tomarão parte os I, II, VI e XX corpos de exercito e as 2.^a, 3.^a (menos a 1.^a brigada de couraceiros), 4.^a e 5.^a divisões de cavallaria, na região Este, sob a alta direcção do general Brugère, vice-presidente do Conselho Superior de Guerra.

Sob a direcção do mesmo general terão tambem logar outras manobras na região Oeste, em que tomarão parte o X o XVIII corpos de exercito, a 34.^a brigada de infantaria do XII corpo d'exercito, a 1.^a brigada de couraceiros e o 7.^o regimento de hussares.

Em todos os mais corpos de exercito effectuar-se-hão manobras de brigada de 12 dias de duração.

Além d'isso, como se isso fosse pouco, terão tambem logar manobras de cavallaria formando dois grupos, um, composto da 7.^a divisão e da 7.^a e 8.^a brigadas de cavalloria, e o outro da 5.^a brigada de couraceiros, da 6.^a de dragões e da 14.^a de cavallaria. A restante cavalleria executará manobras por brigadas.

Nos campos de Châlons executar-se-hão manobras de fortificação, e nos Alpes e Vosges, assim como na Argelia e Tunis, executar-se-hão tambem manobras que serão objecto de ultteriores instrucções.

Belgica.—*Nova pistola automatica.* — Uma ordem real de 3 de julho de 1900 determina que o armamento dos officiaes de todas as armas seja uma pistola automatica, systema Browning, registada pela fabrica d'armas do estado.

Esta pistola, chamada modelo 1900 para officiaes, é de 7^{mm},65 de calibre, que se carrega com 7 cartuchos.

A força do recuo é utilizada de maneira a produzir os seguintes movimentos: abrir o machinismo da culatra, extracção do cartucho vazio, segurar a mola do precutor e obturador, introduzir o novo cartucho e finalmente fechar de novo a culatra.

O carregador colloca-se na culatra. O comprimento da bala, que é de chumbo envolta n'uma camisa, é de 11^{mm},4 e o diametro na base é de 7^{mm},77, e o seu peso é de 4^{gr},55. O cartucho é carregado com 0^{gr},20 de polvora sem fumo. O comprimento do cano é de 0^m,102, tendo na alma 5 estrias dextrorsum.

Já se começou a distribuir esta nova pistola e espera-se que dentro de dois mezes todos os officiaes se achem já armados com ella, que é fornecida gratuitamente desde que se entregue o antigo revolver ou no caso contrario, pelo preço de 10\$000 réis, sem os accessorios.

Inglaterra.—*A instrucção theorica nos regimentos.*—A guerra do Transvaal obriga a Inglaterra a militarisar-se. Infelizmente para ella já vae um pouco tarde, pois que se o tivesse feito ha mais tempo, não teriam commettido tanto erro na campanha boer. Mas como vale mais tarde do que nunca, ainda a Inglaterra pode lucrar muito com a sua nova orientação.

Uma das ultimas ordens do ex-generalissimo inglez lord Wolseley determina a maneira como deve ser ministrada a instrueção theorica nos regimentos durante os mezes de inverno.

Segundo ella, os commandantes dos corpos ou unidades reunirão todas as forças disponiveis, pelo menos uma vez por semana, com o fim de lhe serem feitas theorias sobre os regulamentos tacticos, serviços de campanha, casos de guerra entre as nações civilisadas, escolha de abrigos e posições, etc., etc., reeommendando que não se limitem ao systema da pergunta e resposta, mas sim, para tornar mais util, proficua e variada a instrueção, dever-se-ha formar pequenos planos de exercicio.

Os officiaes que *reunam a instrueção necessaria* serão encarregados pelos commandantes dos corpos de fazer conferencias sobre os diversos ramos dos conhecimentos militares.

Além d'isso haverá tambem conferencias de guarnição, ás quaes assistirão todos os officiaes.

N'este ponto já os inglezes nos levam a dianteira.

Além d'isso os capitães commandantes de companhia, esquadrão ou bateria farão, ou mandarão um dos officiaes seus subordinados fazer aos seus soldados theorias semanaes expressamente sobre o serviço de campanha.

Egualmente os commandantes das companhias, esquadrões ou baterias são encarregados de instruirem pessoalmente, uma vez por semana, os seus officiaes inferiores, tambem expressamente sobre serviço de campanha ou combats.

Na *mess* militar londrina dos *Horse-Guards*, teem logar desde 15 de dezembro ultimo reuniões sobre *jogos de guerra*, em que o commandante superior dos mesmos *Horse-Guards* expõe o thema. Estas reuniões são obrigatorias para todos os officiaes.

A reforma do exercito inglez. — A Inglaterra militarisa-se e vae dar mais um cabal desmentido ás utopias do desarmamento europeu.

O ministro da guerra, *lord Brodrick*, pedindo ao parlamento um orçamento para o anno corrente de quatrocentos e cincoenta mil contos, mostrou n'um caloroso discurso a necessidade de a Inglaterra augmentar o seu exercito, não só para a defeza do proprio Reino Unido, mas tambem para conservação e defeza dos immensos territorios coloniaes que hoje possui.

O problema é difficil, não só pela despeza assombrosa que arrasta como pela falta do elemento *homem*, pois que o proprio Brodrick reconhece que não se pode implantar o serviço obrigatorio.

As linhas geraes do plano de lord Brodrick são: tres corpos d'exercito com uma divisão de cavallaria independente, prefazendo o total de 120:000 homens, sempre prompto a serem lançados sobre qualquer ponto das colonias ou do estrangeiro; dividir o paiz em 6 districtos, possuindo cada um d'elles 1 corpo d'exercito, destinados exclusivamente á defeza interna.

Como se não lança mão do recrutamento obrigatorio é necessario, e é este o ponto fraco do projecto, dar vantagens enormes aos voluntarios, o que custará á Inglaterra rios de dinheiro.

Lord Brodrick com o seu projecto tenciona augmentar 11:500 homens ás tropas regulares, 50:000 á milicia, 25:000 á *Yeomenry*, 40:000 aos voluntarios, o que prefaz um augmento de 126:000 homens, que custarão nada menos do que 3:000:000 libras sterlinas.

Devido a este augmento ficará possuindo a Inglaterra um exercito permanente e regular de 155:000 homens, d'uma reserva de 90:000, de uma milicia de 180:000, d'uma *Yeomenry* de 35:000 e d'um corpo de voluntarios de 250:000, o que prefaz um total ds 680:000 homens.

Este projecto, que é grandioso para a Inglaterra e que arrasta uma despeza tão consideraval, foi bem recebido no parlamento a ponto do *leader* da opposição, *lord* Bunnerman, dizer que a camara ficou satisfeita «*não só com a substancia mas com os meritos*» do projecto que ouviu.

BIBLIOGRAPHIA

Da cavallaria, sua missão strategica e tactica — por Fernando Maya, major de cavallaria e lente da Escola do Exercito.

E' um bello livro.

O nome laureado do nosso querido amigo, o major Fernando Maya, é por si só uma garantia do valor do seu ultimo trabalho.

O interesse, a paixão com que estuda tudo quanto se correlaciona com a sua arma, que muito lhe deve; a tenacidade e perseverança do seu constante labutar em prol, principalmente, dos progressos da cavallaria, dão a Fernando Maya uma feição altamente sympathica, tornando-o um apostolo fervoroso pelo bom nome do exercito.

E' na dedicação com que cada um de nós procura enaltecer e aperfeiçoar a sua arma, que o exercito ha de encontrar os verdadeiros materiaes para a sua reconstituição, para o seu progresso.

Amamos todos os fanaticos pela sua ideia, principalmente quando essa ideia, expressa no estudo consciencioso e meditad das cousas que se referem á arma que abraçamos para servir a patria, tem por fim a glorificação e a honra da mesma patria.

E em concordancia com esta ordem de ideias que existe e vive a nossa Revista.

O ultimo trabalho de Fernando Maya, que vem pôr bem em relevo o que sempre temos aqui affirmado, a admiravel fecundidade do seu espirito e a envergadura do luctador, é um verdadeiro modelo no genero, util por igual á arma de cavallaria e a todos os officiaes das outras armas, muito principalmente a todos os coroneis, que precisam conhecer a fundo não só a tactica de todas as armas, mas até todo o seu funcionamento, todas as engrenagens do seu mecanismo.

O livro divide-se em 9 capitulos, a saber :

- I — Esboço historico da tactica de cavallaria ;
- II — Serviço de remonta ;
- III — Armamento da cavallaria ;
- IV — Arreios e equipamentos ;
- V — Caracter geral da tactica de cavallaria ;
- VI — Cavallaria idependente ;
- VII — Cavallaria divisionaria ;
- VIII — Marcha e estacionamento da cavallaria ;
- IV — Expedição de Cavallaria ;

Quem conhece o estylo vernaculo e insinuante de Fernando Maya, a pujança do seu talento e a sua honestidade profissional, sabe já de ante mão que vae encontrar nas paginas do seu novo livro sciencia e de-leite.

E porque foi esta a impressão que nos ficou, aqui a deixamos consignada singelamente, sem artificios nem reclamos de que Fernando Maya não carece, agradecendo ao velho amigo a sua delicada offerta, e felicitando o professor pelo seu notavel livro.

Combates locais, apontamentos coordernados por José V. de Sousa e Albuquerque, capitão de infantaria.

Ainda ha bem pouco tempo que tivemos occasião de nos referirmos a um trabalho do sr. capitão Albuquerque. Hoje com prazer identico nos referimos ao seu ultimo trabalho, o que faremos sempre não só pela consideração que o sr. capitão Albuquerque nos merece pela maneira como se dedica ao estudo dos conhecimentos militares, mas tambem pela maneira completa e methodica como os assumptos são tratados em todos os seus trabalhos.

Os *Combates Locaes*, impressos pela «Bibliotheca do Povo», da Companhia Nacional Edictora, constituem um trabalho n'estas condições.

Trata o sr. capitão Albuquerque de descrever primeiramente as *posições militares*, indicando depois a maneira de se reconhecer os *accidentes do terreno* e passando finalmente a indicar como se devem ferir os combates nas localidades, bosques, aldeias, desfiladeiros etc.

Indicando sempre os pontos onde colheu os elementos principaes para a confecção do seu trabalho, dá-nos uma idéa perfeita, nitida e completa d'estas operações de pequena guerra.

E' um pequeno volume cuja leitura temos muito prazer em aconselhar aos estudiosos.

SECÇÃO OFFICIAL

Praças com vencimento

Circular n.º 5 da 2.ª repartição da secretaria da guerra de 13 de agosto de 1900.

Determina o limite de praças de pret com vencimento em cada corpo e serviços do exercito.

Ordem circular do commando da 1.ª divisão militar n.º 32 I de 21 do agosto de 1900.

Determina que de futuro no verso dos mappas da força enviados semanalmente ao quartel general se mencione o numero de praças com vencimento existentes n'essa unidade; numero que lhe foi fixado pelo ministerio da guerra para seu effectivo e differença para mais ou para menos que haja entre os dois numeros.

Juncta de inspecção — Recrutamento

Ordem Circular n.º 34 A da 1.ª divisão militar, de 1 de outubro de 1900.

Chama a atenção para a classificação dos mancebos que vão ser submettidos ás junctas districtaes para se não repetir o facto de ser insufficiente o numero de recrutas classificados para as armas de cavallaria e artilheria.

Manda que ao quartel general seja enviado directa e semanalmente um mappa demonstrativo do resultado da inspecção dos mancebos inspecionados e classificados e das faltas que se deram, justificadas e não justificadas; e que o numero de mancebos nos termos do artigo 67.º do regulamento de serviços de recrutamento seja exarado a tinta vermelha.

Recommenda a exacta observancia do artigo 44.º do regulamento de reservas afim de que sejam incorporados na 2.ª reserva das companhias exaradas no mesmo artigo os recrutas que tenham as profissões ali especificadas; e todos os outros que forem classificados para essas companhias nos termos do artigo 76.º do regulamento dos serviços de recrutamento, e que não tenham aquellas profissões deverão ser incorporados nos respectivos regimentos d'infanteria de reserva.

Offensas corporaes em inferiores

Circular da 3.ª repartição da secretaria da guerra, n.º 205 A, de 14 de setembro de 1900.

Diz que tendo chegado ao conhecimento de sua ex.ª o ministro da guerra que muitos officiaes e praças graduadas, menospresando os preceitos do n.º 7 do artigo 2.º e do n.º 23 do artigo 3.º do regulamento disciplinar do exercito, teem offendido corporalmente os seus inferiores sem para isso se darem as causas derimentes estabelecidas no § unico do artigo 94.º do codigo de justiça militar, e procedido como preceitua o artigo 4.º do regulamento disciplinar do exercito; o mesmo ex.º sr. determina que os commandantes de divisão tenham em particular consideração tão importante assumpto e ordonem aos commandantes dos corpos que procedam com toda a severidade estabelecida na legislação penal contra todos os infractores dos preceitos acima mencionados, na certeza que sua ex.ª o ministro procederá com todo o rigor contra os officiaes, seja qual for a sua graduação ou situação, que tolerem tão injustificado abuso.

Officiaes — Penas disciplinares soffridas como praças de pret

Ordem circular n.º 38 da 1.ª divisão militar de 15 de outubro de 1900.

Determina que nas notas d'assentos que acompanharem quaesquer pretensões officiaes, e bem assim nas informações annuaes, se não averbem as infracções de disciplina e penas correspondentes, relativas ao tempo em que tiverem servido como praças de pret, em analogia com o que se estabelece para o caso de transferencia na disposição 4.ª da ordem do exercito n.º 16 da 1.ª série de 17 de setembro ultimo.

Subscrição aberta no regimento de infantaria n.º 3 a favor da viuva e filhos do fallecido tenente d'este regimento Francisco Augusto Filgueiras

RECEITA

Officiaes do regimento de infantaria n.º 1.....	2\$580
» » » » » » 2.....	2\$200
» » » » » » 3.....	7\$5000
» » » » » » 4.....	1\$900
» » » » » » 6.....	10\$000
» » » » » » 9.....	2\$600
» » » » » » 13.....	3\$500
» » » » » » 15.....	2\$800
» » » » » » 17.....	2\$720
» » » » » » 20.....	4\$100
» » » » » » 21.....	7\$540
» » » » » » 22.....	1\$800
» » » » » » 23.....	5\$000
» » » » » caçadores 1.....	2\$130
» » » » » » 2.....	4\$245
» » » » » » 3.....	3\$600
» » » » » » 4.....	2\$600
» » » » » infantaria de reserva n.º 9.....	1\$200
» » » » » » » » 11.....	1\$500
» » » » » » » » 12.....	1\$000
» » » » » » » » 13.....	2\$000
» » » » » » » » 14.....	1\$200
» » » » » » » » 17.....	\$700
» » » » » » » » 21.....	1\$500
» » » » » » » » 22.....	\$800
» » » » » » » » 23.....	\$600
» da 3.ª brigada de infantaria	1\$500
» » 5.ª » » »	1\$500
» » escola pratica de infantaria	11\$200
» » » » » cavallaria.....	2\$000
» do regimento de cavallaria n.º 1.....	3\$300
» » » » » » 4.....	2\$000
» » » » » » 5.....	1\$700
» » » » » » 6.....	3\$000
» » » » » » 7.....	\$500
» » » » » » 8.....	4\$100
» da 1.ª brigada de cavallaria.....	2\$000
» do regimento de artilheria n.º 1.....	1\$700
» » » » » » 2.....	2\$000
» » » » » » 3.....	6\$200
» » » » » » 4.....	4\$000
» » » » » » 5.....	2\$250
» » » » » » 6.....	1\$300
» » grupo de baterias de artilheria de montanha ...	20\$500
» da companhia de saude.....	2\$400
» do regimento de engenheria	4\$500
» da guarda municipal de Lisboa.....	2\$200
Somma.....	224\$665

(Continúa)



4.º Anno

Maio de 1901

N.º 5

REVISTA DE INFANTERIA



A DECIMA DE RENDA DE CASAS

O regimento é uma verdadeira escola, á qual todos nós, officiaes, consagramos os nossos melhores cuidados e sollicitudes, devotando-lhe a nossa alma.

N'esta labutação constante, de todos os dias, de todas as horas, desbastando tanta intelligencia inculta, instruindo e disciplinando tanta creatura rude, nascida e criada na ampla liberdade dos campos, formando de cada pastor das montanhas um soldado e de cada soldado uma alma aberta a todos os heroismos em prol da nossa bandeira, esse augusto symbolo da nossa terra, da nossa raça e da nossa historia; n'esta labutação constante, n'este esforço viril e masculino de cada momento para a concatenação harmonica, homogenea, de todos os elementos que formam o regimento, baluarte vivo que garante a independencia da patria e assegura a todos os concidadãos o goso da liberdade, o direito da propriedade e as regalias e primores da civilisação, vae-se-nos a nossa mocidade, a nossa saude, as ambições e anhelos de sonhos apagados, de esperanças fe-

mentidas; vae-se-nos as energias do nosso espirito e os thesouros do nosso coração; vae-se-nos os nossos mais generosos e altruistas sentimentos; vae-se-nos a nossa propria vida.

Vida inteira toda jogada ás mil vicissitudes e contingencias de um trabalho rude e pesado, cheio dos maiores sacrificios e dos mais extraordinarios desconfortos, e onde o maior salario vae o official buscar á sua propria consciencia, á abnegação da sua alma, á elevação moral d'este sacerdote que, se recebe as bênçãos de tanta mãe que deseja viver em paz no seu lar, tambem abençoa toda esta terra portugueza que deseja defender e por ella quer morrer.

Escola de obediencia e escola de virtudes, o regimento reúne em si a alma da patria.

As nossas sympathias foram sempre pela vida regimental.

E' ahi que se aprende a mandar aprendendo a obedecer; é ahi que se aprende a conhecer e a amar a alma simples e amoravel d'esses rapazes novos que veem ás nossas fileiras trazer o esforço do seu braço e a riqueza do seu coração; é ahi que se aprende a saber dirigir homens pelo lado moral, empolgando-lhes a alma e levando-os orgulhosos e heroicos para as trincheiras, para o fogo, para a morte; é ahi que, n'este trabalho de todos os momentos, cimentamos os verdadeiros alicerces não só da defeza nacional, mas até da ordem interna, pedestal onde se ergue o respeito ás leis, á propriedade e ao trabalho.

Por isso quando vemos os poderes constituídos, a autoridade legitima velar sollicitamente e até carinhosamente pela vida regimental, applaudimos com fé e enthusiasmo essa sollicitude, na crença e convicção de que o regimento bem merece pelo que vale e pelo que significa.

O illustre ministro da guerra acaba de apresentar ao Parlamento uma pequena proposta de lei que merece os maiores applausos.

Não é pelo lado material, que por si só pouco, bem pouco vale, expresso na pequena diminuição do encargo da decima da renda de casas para o official arregimentado.

Mas pela alta significação de apreço, pelo reconhecimento publico de consideração, pela manifestação, emfim, de uma certa homenagem para os que tanto trabalham por esses quartéis na ardua e difficil vida regimental, a proposta do illustre ministro da guerra attingiu um im-

portante valor moral, que põe bem em evidencia quanto S. Ex.^a dedicadamente ama as instituições militares que tem a fortuna de o ter por chefe.

Nós, que sempre temos na nossa *Revista* defendido corajosamente estes principios, não podiamos nem deviamos ficar silenciosos diante de uma medida de tão elevado alcance moral, sendo nossa obrigação, bem simples mas bem sentida, agradecer ao nobre ministro a sua iniciativa, applaudindo-a com muita gratidão.



EXERCICIOS MILITARES

(Continuado do n.º 2-4.º anno)

III

Os exercicios só são verdadeiramente uteis quando se respeitam as condições de verosimilhança. Esta começa pela constituição das unidades, trens e outros elementos das columnas, na certeza de que, quando tudo for mal constituido, nós não adquirimos senão noções falsas, ou pelo menos muito imperfeitas e eivadas de vicios.

Pode-se e precisa-se admittir o incompleto na constituição das unidades, mas é forçoso que esse *incompleto* tenha um limite racional, limite que nos parece não dever baixar nunca áquem de metade do que deve ter na mobilisação a unidade.

Applicando esta regra ao batalhão, não se deve elle constituir com menos de 500 homens, e assim para todas as unidades, trens, columnas e serviços.

Formar um batalhão com cem ou duzentos homens é pueril e absurdo. Um decimo, um oitavo, um sexto ou um quarto não se pode tomar pela unidade, não a substitue, não funciona como o todo, não nos dá ideia d'elle.

Por consequente não nos acostumemos a chamar regimento ou batalhão ao que apenas é uma ou meia companhia, que em qualquer cantinho de terreno se accomoda, sem revelar qualquer defeito ou descuidos e irregularidades no seu manejo.

Quando aquella regra da *metade* se não poder observar, baixe-se ainda a um terço, que é um limite que os regulamentos ha muito consagram.

E' certo que as circumstancias do orçamento não permitem conservar nos corpos, durante todo o anno, ou por um largo periodo, effectivo assaz grande, mas n'esse caso seria preferivel reduzir ao minimo indispensavel os periodos de exercicios de brigada e batalhão, porque assim resolveriamos um problema da maior importancia, e que não podemos resolver de outro modo, isto é, á força de dinheiro.

Os recursos do orçamento não nos permitem ter durante todo o anno grandes effectivos, mas permitem ter esses effectivos pelo tempo indispensavel e verdadeiramente util.

Conservando bons effectivos em periodos curtos, poderemos aproveitá-los bem, n'uma instrucção intensa; pelo contrario, se mantivermos durante todos os mezes do anno o effectivo igual, elle será insufficiente para os exercicios, a instrucção descamba no aborrecimento, na mandruice do serviço de guarnição, n'um puro desperdicio de tempo e de dinheiro, aniquilando todas as vontades, energias e dedicações.

Os mezes de abril e setembro seriam mais que sufficientes para se realisarem bons exercicios de batalhão; para os de brigada e grandes manobras, parte de outubro. Os grandes licenceamentos nos mezes restantes dariam para isso economias de sobra. Não vemos outro meio de evitar que as nossas *grandes manobras* cristalizem n'esses mesquinhos exercicios de brigada, que ahí presenciamos ha annos, sem homens, sem solipedes, trens, viaturas; e, apesar de ir tudo assim reduzido, ainda é preciso andar por todos os corpos a pedir emprestado.

Tal systema deve-se repudiar e substituir.

O regimento deve-se constituir com os elementos que lhe pertencem, e não com outros emprestados.

A brigada, a divisão, constituem-se com as unidades, grupos e serviços que as leis organicas estabelecem, e não apanhando um bocado de cada corpo, para, no fim de tudo formar uma miscellanea mal provida de todos os elementos.

Em 1896, apesar de se terem chamado duas classes da reserva, com que se reforçou o effectivo, os regimentos apenas reuniram 400 homens, o que prova quanto os contingentes teem sido pequenos. Os seis regimentos de infantaria da guarnição apresentaram uns 2:400 homens.

Cada batalhão, em vez de doze viaturas, que lhe consigna o quadro da mobilisação, apenas levava duas.

A uma brigada mixta mobilisada pertenceriam umas 200 viaturas, a brigada mixta de 1896 fazia isso com 30 a 40 viaturas.

Além dos seis regimentos de infantaria mettia a brigada esquadões de cavallaria 2 e 4, forças de artilheria, engenharia, etc. e o total da força era inferior a 3:000 homens.

Se á constituição da brigada faltava verosimilhança, o thema do exercicio não estava em melhores condições.

Sabendo-se em Lisboa que o inimigo pretende entrar no porto com uma esquadra e fazer um desembarque, manda-se sahir uma brigada que se deve oppor a esse desembarque e ao seu avanço sobre a capital. O inimigo sempre consegue desembarcar perto de Cascaes, sem receber um tiro!

Em geral todos os themas consignam o facil avanço do inimigo sobre a capital, e bem assim a mingua dos nossos elementos de resistencia. E' sempre uma brigada que lhe oppomos, e até parece que uma brigada seria mandada ao encontro, se voltassem Alba, Junot e Mas-

senas. Ao passo que nós nunca conseguimos reunir para exercícios mais que uma brigada de 3:000 homens, ou 2:000, a que confiamos forçadamente a execução de themas inverosímeis, a pequena Suíça, tendo apenas metade da população de Portugal, realisa todos os annos manobras com um corpo de exercito de 30:000 homens da *élite*.

Esta tem quatro corpos de exercito, e d'ahi se conclue que cada corpo é mobilisado de quatro em quatro annos.

E, note-se bem, os 30:000 suíços convocados não são reunidos dos quatro corpos, mas pertencem todos ao proprio corpo que se mobilisa.

Tendo cada corpo, pela sua composição organica 35:000 homens, nas convocações para o periodo de manobras reúnem-se ordinariamente uns 30 a 32:000, isto é, 90 % a 95 % dos homens que estão adscriptos a esse corpo, para a mobilisação completa ou de guerra.

Isto assim é o que se entende por mobilisação.

Deve-se tambem notar que á *élite* pertencem apenas os homens de 22 a 32 annos de idade, donde se depreheende que o exercito de campanha se mobilisa ali com dez classes, e não com quinze, como entre nós se praticaria, indo a idade dos homens desde 20 a 35 annos.

Em 1896, para reunir uma miscellanea de 3:000 homens, pertencentes a oito ou nove regimentos, foi necessario reforçar as tres classes do serviço activo com duas classes da 1.^a reserva.

Quer diz r: se na mesma epocha quizessemos concentrar pelo mesmo processo, 12:000 homens, teriamos de convocar duas classes da reserva para reforçar as classes activas e reunir todos os regimentos do exercito.

Tal é a lastimosa situação a que nos conduz a exiguidade dos contingentes annuaes incorporados no serviço activo, unicos contingentes a que podemos recorrer para o reforçamento e mobilisação do exercito activo.

A questão do contingente annual é uma questão basica, da qual dependem os mais importantes problemas e melhoramentos dos exercitos modernos.

A formação dos quadros inferiores, a mobilisação e a instrucção, facilitam-se e asseguram-se com o alargamento do contingente annual, difficultando-se com a redução do mesmo contingente.

Ficar eternamente a fazer os exercicios do outomno com estas brigadas mixtas compostas de 2:000 homens, não o devemos fazer, porque é uma ridicularia, é um erro, e é até um perigo.

A' semelhança do que faz a pequena Suíça, que mobilisa todos os annos uma das suas quatro grandes formações, tambem nós devemos mobilisar todos os annos umas das nossas grandes formações, a divisão, tendo na mobilisação 18:000 homens.

Segundo o costume, derivado desta idiocrasia que nos faz inertes, rotineiros e theoreticos, esta nossa ideia de mobilisar uma divisão com 18:000 homens, será tida como absurda, porque entre nós tudo são difficuldades e tem-se como impossivel fazermos o que fazem os outros povos.

Muitos hão-de pensar e provarão que não ha dinheiro, não ha homens, nem solipedes, nem tendas, fardamentos, soldados, material quartéis, etc. Embora; insistimos na ideia de que devemos e podemos mobilisar annualmente uma divisão com 18:000 homens.

Precisamos, devemos e podemos fazer essa mobilisação, e, ou a fazemos, ou a nossa preparação militar ficará sendo uma ficção eterna. Com o bom espirito e penetração que lhe era peculiar, disse o phi-

losopho Fontenelle que «uma ideia nova era uma cunha que se não podia fazer entrar senão pelo lado mais grosso».

Pois vamos applicar o dito de Fontenelle á nossa preparação militar. E' uma cunha que só se pode fazer entrar pelo lado mais grosso, e esse lado é a mobilisação annual de uma divisão com 18:000 homens.

Mostrámos já que devemos e precisamos mobilisar periodicamente unidades mais fortes, pois é esse o unico meio de proporcionar o tirocinio do alto commando, dar verosimilhança ás soluções taticas, manter a organização sempre preparada, assegurar a boa mobilisação, ter os recursos em boa ordem, etc.

Vejam agora se nos será possível desde já mobilisar uma divisão: se existem os elementos necessarios, se poderemos crear os que escasseiam, e emfim, o que é que ha e o que não ha.

Viaturas. — Mesmo com dois terços do effectivo (12:000 homens) uma divisão requer obra de 300 viaturas, mas segundo o regulamento de 31 de julho de 1900, a maioria d'ellas pode ser de requisição.

Realisar taes requisições é mesmo uma experiencia que convem fazer.

Fica-se conhecendo os recursos que as povoações offerecem em carros, a sua especie, solipedes, relutancia dos povos, questões de preço, indemnisações, habituando tambem os conductores paisanos a este serviço.

E' mesmo muito conveniente experimentar o regulamento sobre requisições, pois mal se comprehende que se façam regulamentos para só serem applicados ou experimentados em tempo de guerra.

Solipedes. — Por não terem ensino especial, os bons cavallos e eguas de marca, proprios para cavallaria, serviço de fileira, não se podem requisitar para serviço immediato.

Comtudo poder-se-hia e conviria requisitar alguns para montadas fóra de fileira.

Solipedes para tracção podem-se obter a requisição, porque ha alguns em todos os concelhos.

Quanto aos solipedes proprios para a fileira afigura-se-nos um meio de obter uma boa reserva d'esses animaes, com que em qualquer occasião se poderia engrossar o effectivo da nossa minguada cavallaria: era, á similhança da dispensa ou regalia que se vae conceder aos mancebos com instrucção voluntaria no tiro nacional, conceder eguaes ou melhores dispensas aos mancebos que apresentem cavallo ou egua de marca, devidamente ensinados, ou para serem ensinados á sua custa, no que respeita á alimentação do animal durante o ensino.

Os referidos mancebos poderiam optar pelo serviço na cavallaria ou infantaria, 2.^a reserva.

Tendas abrigos. — Já as utilizamos em varios bivaques, com simples orvalho, chuvadas, aguaceiros, frio e vento, e a convicção que formamos é que são excellentes, imprescindiveis nas manobras, e que nenhum exercito poderá fazer campanha sem as possuir.

O uso da tenda abrigo no exercito portuguez é muito antigo, e supponemos que as tropas estavam providas d'ellas nas campanhas de 1763, e na guerra peninsular.

Quando em 1897 se mandou supprimil-as, ficamos bem admirados, pois tinhamos bem fresca a lembrança do serviço que d'ellas houve-mos nas manobras de 1896, na noite tempestuosa do bivaque.

A tenda abrigo deve ser companheira fiel e inseparavel do soldado quando fóra do quartel, o objecto que elle mais deve estimar (e esti-

mará) pois lhe presta serviços que valem oiro, custando, aliás, pouco dinheiro.

Nas condições mais frequentes do tempo, embora aspero e chuvoso, sem o terreno estar alagado, a tenda abrigo é preferível ao acantonamento.

Não é de mais possuir sempre umas 18:000 tendas promptas a servir, em bom estado de conservação. Não será grande a despeza, e ellas largamente a compensam, porque a saúde das tropas também vale alguma cousa.

Quarteis. — Embora a mobilisação se faça apenas a conseguir metade do effectivo organico, ou 1:500 homens por cada regimento de tres batalhões, os quartéis não comportam esta gente; mas o problema não é insolúvel.

Aproveitem-se todos os quartéis e edificios disponiveis nas proximidades, aonde os homens desde o dia da convocação reúnem por batalhões, isto é, de modo que cada quartel improvisado ou permanente receba um batalhão.

Fardamento. — Em geral os reservistas convocados serão da 1.ª reserva, os quaes devem conservar o uniforme de exercicio.

Como os contingentes são pequenos, ainda mesmo que chamemos todas as cinco classes da 1.ª reserva, para reforçar as tres classes do serviço activo, não conseguiremos obter 1:500 homens por cada regimento, por isso, torna-se necessario convocar também algumas classes da 2.ª reserva com instrucção, para operar uma meia mobilisação, que nos dê batalhões com 500 a 700 homens.

Para essas classes da 2.ª reserva é que não teremos fardamentos, sendo preciso arranjal-os. E' também questão que importa alguma despeza, mas por de mais é sabido que precisamos formar depositos de fardamentos, e se agora dermos começo á sua formação, já não é sem tempo, pois ha muito deviam estar formados e regularmente abastecidos.

Para formarmos esses depositos afigura-se-nos ser mais economico o systema seguinte:

Conceder annualmente a cada regimento a quantia 100\$500 réis, ou 200\$000 réis, destinada a constituir um fundo especial de fardamento para as reservas, fardamentos apenas de campanha, kaki, e que ficariam a cargo e á responsabilidade do pessoal do regimento de reserva.

Em poucos annos teriamos uma boa reserva de fardamento.

As praças da segunda reserva chamadas a receber instrucção deixariam os seus fardamentos no deposito quando recolhessem ás suas aldeias.

Homens. — Depois de 1896, cada batalhão tem recebido annualmente uns 70 a 100 recrutas, e as tres classes que ao presente estão no serviço activo, fornecem-nos uns 200 homens por batalhão.

Uma mobilisação rigorosa ou perfeita devia apresentar os batalhões com os effectivos organicos, isto é, 1:000 homens, o que, no estado de atrazo e penuria em que jazemos, seria uma temeridade e um luxo excessivo.

Por isso, contentamo-nos com uma mobilisação imperfeita, que nos dê 70 0/0, ou 50 0/0 do completo e nos apresente batalhões com 700 ou 500 homens.

Os tres annos de serviço activo fornecem-nos apenas 200 homens por batalhão e portanto havemos de pedir ás reservas 300 a 500 homens.

Como os contingentes anteriores a 1896 eram pequenissimos, será necessario chamar todas as cinco classes da 1.^a reserva, e ainda algumas da segunda reserva. As classes da 1.^a reserva que foram recentemente chamadas, serão dispensadas, o que influirá tambem no chamamento das classes da 2.^a reserva.

Conviria que a mobilisação se fizesse com o menor numero de classes possivel, mas a pequenez dos contingentes só se póde compensar por um maior numero de classes. E' esta a explicação do § 1.^o do artigo 208 do decreto de 7 de setembro de 1899, augmentando mais tres annos do tempo de serviço na 2.^a reserva.

Se quizessemos fazer uma mobilisação completa das tropas activas teriamos talvez de chamar todas as quinze classes, mas em tempo de paz, para instrucção, não se podem chamar as tres classes mais antigas.

Dinheiro. — O orçamento entra em jogo com todos os problemas e melhoramentos do exercito, e muito especialmente com os effectivos, precisando estes crescer n'uma proporção que o orçamento não pode acompanhar.

D'ahi as combinações mais ou menos engenhosas com o tempo de serviço activo, licenciamientos, dispensas e reservas.

A Suissa resolveu o problema de obter economicamente grandes effectivos de guerra, desistindo de possuir o chamado *exercito activo*, ou permanente, que substitue pelo primeiro escalão da milicia, a *élite* relativamente bem organizada, para poder funcionar como tropa de campanha.

O 2.^o escalão da milicia, composta de homens de 33 a 40 annos, herda os elementos da *élite*. Na *élite* o cidadão permanece tres mezes na instrucção, e tem depois chamamentos periodicos.

E', graças a este systema, que se realisam as economias que permitem fazer manobras annuaes com 30:000 homens, construir as fortificações necessarias, guarnecel-as com a melhor artilheria, adquirir armamento moderno em abundancia, desenvolver o tiro ao alvo, crear depositos de material, parques, etc

Nós não podemos adoptar o systema suiso, mas podiamos adoptar os de outras nações que tem a *nação armada*, como a Dinamarca, Suecia, Servia, pequenas tambem e de recursos modestos.

A base de um systema moderno, e economico, assegurando grandes effectivos com o minimo dispendio, é a redução de tempo de permanencia ao minimo indispensavel para o homem se instruir, augmentando ao mesmo tempo o contingente annual e as reservas instruidas.

Vae-se conhecendo cada vez melhor que o soldado não se instrue e aperfeioa pelo simples facto de estar nos quartéis indefinidamente, entretido com o serviço interior, nas guardas e destacamentos.

Este systema serve unicamente para estragar dinheiro. Por cada dia que os nossos soldados não aproveitam em bons exercicios gasta o estado obra de, 15:000 > 200, tres contos. Calculando que dos 365 dias do anno só 165 são bem utilizados na instrucção do soldado, temos que o serviço de guarnição e interior dos quartéis, destacamentos, etc. custa uns 600 contos por anno.

Não custa tanto a instrucção de soldado, propriamente dita.

Só a guarda da Penitenciaria de Lisboa nos custa uns oito contos

por anno, com os quaes poderíamos manter 40:000 homens um dia, 20:000 em dois dias, 10:000 em quatro dias, quasi o necessario para fazermos as grandes manobras do outomno.

Os destacamentos, escolas, hospitaes, depositos, estabelecimentos e nichos, absorvem milhares de homens, que custam muitos contos.

Soldado tirado do regimento é soldado e dinheiro perdido.

A questão economica é uma questão fundamental para se resolverem os variados problemas que implicam com os recursos orçamentais. Importa pois evitar desperdícios de dinheiro, e que as verbas se appliquem com a maxima utilidade.

Como disposições a tomar para obter economias, lembramos as seguintes :

- 1.ª Reduzir o numero de homens fóra dos regimentos.
- 2.ª Reduzir os serviços de policia e guarnição.
- 3.ª Reduzir os tres primeiros periodos de instrucção geral das tropas do modo seguinte: a dois mezes o 1.º periodo, instrucção de recruta até á escola de pelotão ; a tres mezes o 2.º e 3.º periodos, de instrucção de companhia e batalhão.
- 4.º Effectuar grandes licenciamientos nos mezes de maio, junho, julho, agosto, outubro e novembro.
- 5.º Licenciar parte dos homens que cursam o 2.º anno, durante o periodo da instrucção de recruta.

Com este systema realisariamos economias que nos permittiriam fazer os exercicios do outomno com uma divisão mobilisada, os exercicios de batalhão com bons effectivos, alargar o contingente annual de modo que cada batalhão recebesse 150 homens; adquirir armamento, material, fardamentos, etc.

Actualmente o periodo de instrucção geral das tropas é de oito mezes, mas, como se sabe, os exercicios de companhia e batalhão são quasi pura ficção, pois raro se passa dos exercicios de pelotão. Os tres mezes que lhe reduzimos não fazem falta á instrucção dos soldados, sargentos e subalternos e tornam possivel aos coroneis e generaes, até agora reduzidos ao tirocinio burocratico, commandar regimentos, brigadas e divisões devidamente constituidos.

(Continua)

JULIO DE OLIVEIRA.
Tenente de Infanteria.

Marchas e combates de noite

(Continuado do n.º 3 do 4.º anno)

Breves apontamentos

Dos combates de noite



1834-1847

É á infantaria que pertence quasi sempre esta especie de combate e excepcionalmente á cavallaria. A lucta realizar-se-ha pelo choque, porquanto o tiro perde todas as suas bellas propriedades que tem nos combates diurnos, sendo a arma branca a que decide a contenda.

O atacante terá de recorrer á surpresa para effectuar o seu apprehendimento e a defeza, para se oppôr a elle, depois de executar algumas descargas, lançar-se-ha em seguida á lucta corpo a

corpo.

Mas se é á infantaria que lhe cabe a gloria de desempenhar o papel principal n'estes combates por lhe ser facil transpôr os terrenos mais difficeis e os obstaculos que se apresentem no seu caminho, contudo as outras armas tambem têm missões importantes a cumprir n'esta especie de lucta.

A engenharia desembaraça o terreno na frente das columnas d'ataque de qualquer obstaculo que appareça e bem assim nas estradas seguidas pelas tropas. Destruirá as defezas accessorias empregadas pela defeza, marchando, para isso, na frente da testa das mesmas columnas; oc-

cupada uma posição é a ella que cumpre organisal-a defensivamente com a maior rapidez, afim de a proteger contra qualquer retorno offensivo do adversario, sendo, n'este caso, o seu logar junto da reserva d'aquellas columnas.

A artilheria, para o atacante, é quasi inutil e póde embaraçal-o e, por isso, é conveniente não a fazer entrar na composição das columnas. No caso d'encontro com o adversario parte da infantaria tem de ser empregada em apoiol-a, enfraquecendo assim a força principal, o que é importante, e o seu tiro n'este genero de combates não tem o valor que possui nos combates diurnos. E' por isto que a artilheria só deve entrar na composição das columnas encarregadas de realisar um combate ao romper do dia, combate que seja o preludio d'uma operação a effectuar á luz do sol.

Comtudo póde recorrer-se ao seu emprego na defeza dos acantonamentos, auxiliando esta arma, com o seu fogo, o fogo da infantaria, batendo os arredores das povoações e enfiando as estradas e caminhos que para ellas se dirijam, devendo ter em visia não prejudicar os movimentos da infantaria.

A cavallaria tambem póde prestar valiosos serviços, mas a sua acção é em parte prejudicada pela obscuridade, e para poder desempenhar a sua missão é indispensavel que o terreno em que tenha de operar seja perfeitamente unido e illuminado por uma certa quantidade de luz, que que lhe permitta carregar sobre o adversario.

Acompanha comtudo as columnas d'ataque quando estas são destinadas a preludiar um combate que se deve dar apenas appareça o dia, sendo então á cavallaria que cumpre actuar apenas a claridade lh'o permitta.

Surprehendidos os postos avançados, e logo que possa, cahirá sobre os acantonamentos, lançando o terror e a confusão entre o adversario.

Entrando na composição das columnas d'ataque, acompanhará a reserva geral, e ao romper do dia passará então para a frente da infantaria afim de carregar o adversario.

Vejamos agora em que circumstancias se pódem dar os combates nocturnos.

- 1.^a Em toda a situação em que, ao cahir da noite, nos encontramos a curta distancia do adversario, de modo a poder d'improviso passar ao ataque proximo, como

por exemplo, depois d'uma retirada em que o adversario, tendo sido acossado durante alguns dias de perseguição, se mostra desmoralizado.

- 2.^a Durante a perseguição, com o fim de desalojar novamente o inimigo na occasião em que elle cuida poder descançar.
- 3.^a Na offensiva, contra extensos acantonamentos, repellindo sobre estes os postos avançados que os cobrem, batendo isoladamente as differentes fracções do corpo principal não lhe dando tempo a poder-se concentrar.
- 4.^a Na passagem dos grandes rios cuja margem opposta esteja coberta d'entrancheiramentos.
- 5.^a Para impedir a passagem d'um curso d'agua, atacando as testas de ponte que o adversario tenha construido.
- 6.^a Em torno dos pontos fortificados.
- 7.^a No ataque aos postos avançados d'uma praça, quando a sua guarnição seja insufficiente ou esteja desmoralizada.
- 8.^a Quando haja conveniencia em conquistar determinados pontos d'apoio situados nas proximidades das nossas proprias linhas e que tenham grande valor para uma offensiva ulterior, ou para continuar a lucta no dia seguinte.
- 9.^a Para se occupar passagens de cursos d'agua ou outros desfiladeiros, em vespervas d'uma batalha, que estejam nas mãos do inimigo e que permittam facil accesso ao objectivo principal, sobretudo quando a occupação d'estes pontos se torna indispensavel ao assaltante para poder desenvolver as suas forças para o combate.
- 10.^a Sempre que se trate de rechassar as linhas avançadas inimigas, com o fim de se poder transpôr, antes do romper da aurora, o terreno situado na frente da posição principal, permitindo assim que o assaltante se vá estabelecer o mais perto possivel dos objectivos que deve bater, e occupar na acção que se seguir, poisque assim se consegue subtrahir ao fogo mortifero da defeza.
- 11.^a Sempre que se queira realisar uma operação de pequena guerra.

- 12.^a Finalmente quando nos encontramos n'uma situação tactica muito favoravel ou n'uma situação desaperada, aproveitando o momento opportuno para se escapar ao aperto do adversario. Por este meio o mais fraco póde tirar partido da sua inferioridade numerica, ou das desvantagenes d'um terreno pouco favoravel sob o ponto de vista tactico.

(*Continúa*),

MIGUEL BAPTISTA DA SILVA CRUZ
Tenente de Infantaria 1 da Rainha

O DUELLO NOS EXERCITOS

(*Continuado do n.º 3 — 4.º anno*)

Em 1896, depois do celebre duello á pistola entre o barão de Sclorader e o camarista Kotze, por causa d'umas cartas anonymas escandalosas dirigidas á irmã do imperador e ás damas da cõrte, ficando victima o primeiro, deu logar a uma das mais vivas campanhas da imprensa contra o duello.

N'esta occasião houve uma calorosa discussão no Reichstag, originando um anno depois (1.º de janeiro de 1897) que Guilherme II accrescentasse um terceiro capitulo á legislação dos tribunaes de honra.

Pouco tempo antes tinha sido abolido o duello na Inglaterra, devido aos esforços empregados pelo Principe Consorte, servindo isto de exemplo para ser citado no Reichstag. Uma commissão de seis officiaes superiores tinha preparado a redacção d'aquella legislação. «Quero, dizia o imperador, no preambulo da sua ordem de gabinete, que se evite, mais do que se tem evitado até aqui, os duellos dos meus officiaes. Estes encontros são motivados muitas vezes por questões particulares e offensas que tornam possivel uma reconciliação sem manchar a honra da corperação d'officiaes». Esta ordem menciona as tres soluções seguintes como permitindo ao conselho de honra regular uma questião:

Estabelecer uma proposta de conciliação ou declarar a impossibilidade de que esta seja realisavel, ou recusar o andamento da questião, quando se intenda não haver um ataque á honra. Não se faz allusão alguma á solução pelas armas senão na seguinte passagem: «A reconciliação deve ser insistida *quando as regras da honra o permittam*». O poder do conselho de honra é attenuado pelo direito de que dispõe «a auctoridade superior» de rejeitar qualquer das propostas e ordenar uma outra incluída nas tres. Em qualquer caso as partes teem de esperar sempre a *decisão* do imperador. «O official que provocar outro para duello ou aceitar uma provocação sem conhecer a decisão do conselho de honra ou não espere o resultado da minha decisão deve-me ser indicados».

Os officiaes generaes não são submittidos aos tribunaes de honra, comtudo o imperador póde ordenar a formação d'um tribunal especial para os julgar.

O imperador é, pois, o arbitro supremo das questões de honra. D'uma maneira geral os duellos são mais raros na Allemanha do que na França, e são muito mais sérios, tendo logar quasi sempre á pistola.

Adoptaram-se, com muito poucas excepções, as regras do conde de Chateauvillard.

Na Allemanha occupa o duello um logar importante no codigo penal ordinario. Não sómente a provocação e esta ser acceite, não seguida da perpetração do duello, é punida com prisão (até 6 mezes) n'uma praça de guerra; mas a lei considera o caso d'enviar um cartão e até a incitação para duello por um terceiro.

Perpetrado o duello é punido com 3 a 5 annos da mesma prisão. Tem alguma analogia com a pena imposta no nosso codigo penal. O codigo de justiça militar allemão só trata do duello quando provocado o superior pelo inferior em occasião de serviço. A simples provocação é punida pelo menos com um anno de prisão; quando o duello é consummado o minimo da pena é de 3 annos de prisão e o maximo de 15 annos e ao mesmo tempo o official é separado do serviço activo, sendo esta pena igual para o superior que acceita o duello.

Na Austria é punido o duello pelo codigo de justiça. O provocador e o que acceita um cartão incorrem em penas ainda mesmo que o duello não seja consummado. Conforme o duello é seguido ou não de ferimentos, a pena é de 1 a 5 annos de prisão ou de 6 mezes a um anno e se houver morte d'um contendor a pena é de 5 a 6 annos de prisão. No duello *de morte* o sobrevivente póde ser punido com 20 annos de prisão rigorosa (carcere duro). As testemunhas incorrem em penas variando de 6 mezes a 5 annos de prisão.

Os que defenderem as intenções dos combatentes são punidos no caso de haver morte ou ferimentos.

A pena mais elevada é para o provocador. O unico facto de provocar um superior para duello torna o seu auctor punivel d'uma pena de 1 a 5 annos de prisão. Acontece na Austria o mesmo que na maior parte dos paizes, não sendo os tribunaes muito rigorosos nas sentenças applicadas aos duellistas.

Em 1871 foram creados na Austria *tribunaes de honra* para os officiaes de cada corpo. Funcionam não só para as questões entre officiaes, mas para as que tem logar entre officiaes e civis, procuram os motivos e as circumstancias de provocação, examinam todos os factos da causa, informam-se da honradez dos litigantes e, finalmente, declaram se o duello póde ter logar ou não; em certos casos applicam uma censura ou reprehensão, cuja consequencia é para o official a separação do serviço. Os duellos militares na Austria tendem a tornar-se menos frequentes, intervindo n'elles a acção conciliadora do imperador.

O sabre é a arma mais usada, sendo raro o uso da pistola. Em abril de 1900 teve logar um duello a 20 passos á pistola entre dois officiaes d'hussards, ficando um morto em Keeskemet (Hungria). As regras do ponto d'honra seguidas na Austria são as do conde Chateauvillard.

Na Italia o duello é previsto e tem um logar importante no codigo penal ordinario, emquanto que no codigo de justiça militar não é mencionado. O duello militar é considerado em principio como uma infracção de direito commum, mas na realidade evita-se quanto possivel a intervenção dos tribunaes civis. A auctoridade militar, por seu lado, fecha na maior parte dos casos os olhos quando ella não auctorisa os

duellos, mas procede rigorosamente quando um encontro foi precedido ou acompanhado de circumstancias graves para a honra dos officiaes. O regulamento disciplinar prevê o caso da provocação do superior pelo inferior e *vice-versa*.

Quando os officiaes querem bater-se em duello fazem saber aos seus chefes dos corpos os motivos e dão os nomes das testemunhas. Se depois de tentada a reconciliação, esta não é possível, o encontro é auctorisado.

Em vista do resultado do duello o commandante do corpo d'exercito applica, se houver motivo, uma pena disciplinar. O sabre é quasi sempre a arma empregada. Ultimamente teve logar o duello de sensação nos bosques de Meudon, entre o principe Henrique de Orleans e o conde de Turim, motivado por uma carta do principe censurando a conducta dos officiaes italianos na Abyssinia.

Na Russia apparecem o duello no tempo de Pedro, o Grande, punindo-se o provocador, mesmo quando o duello não era consummado. Hoje são pouco frequentes os duellos, tanto no exercito como na classe civil, sendo todavia muito fataes. Faz-se uso da pistola. Pelo codigo penal ordinario applicam-se penas muito rigorosas contra a provocação para duello e contra o proprio duello, que não são applicadas senão excepcionalmente aos militares, pelos seus tribunaes especiaes. Quanto ao codigo militar, elle só trata da provocação do superior contra o inferior, estando uns e outros incluídos nas mesmas penas, quando é accete a provocação. Os *tribunaes de honra* funcionam nos regimentos russos e nas unidades menores para regularem as questões de honra entre officiaes. Por uma ordem do imperador é submettida a questão ao tribunal do regimento, decidindo se é possível uma reconciliação ou se o duello é inevitavel. Quando as partes estão d'accordo para recorrerem ás armas, nomeam-se testemunhas. Se o duello não tiver logar na quinzena seguinte á decisão do tribunal e se o official que recusou bater-se não pede a separação do serviço, o coronel dá conhecimento á auctoridade superior, que determina a separação do exercito.

Na Inglaterra a lei pune o duello como homicidio ou como violencia com premeditação, conforme os casos; mas os inglezes não dão occasião aos tribunaes para a applicarem.

Depois de terem sido os ultimos da Europa a abolir o duello judicial, tem enfraquecido a pouco e pouco quasi completamente os preconceitos das questões de honra.

Sir Theodore Martin, indica os meios empregados pelo principe Albert de Saxe-Coburgo, esposo da rainha Victoria, para chegar a este resultado.

(*Continúa*).

JOÃO A. CORRÊA DOS SANTOS.
Tenente de infantaria.

A INSTRUÇÃO ESPECIAL DOS EXPLORADORES

(Continuado do n 4 — 4.º anno)

4.º

Orientação pelos indícios

Os indícios que podem servir para os exploradores se orientarem são :

1.º Igrejas. — A maior parte das igrejas antigas têm a porta principal aberta para o occidente e o Sanctuario collocado ao oriente; d'esta forma estão orientados na direcção Este-Oeste.

2.º Torres e Campanarios. — As torres e campanarios costumam ter na parte superior uma flecha para indicar a linha Norte-Sul, e, crusando com esta, uma haste de ferro para indicar a linha Este-Oeste.

3.º Os musgos das arvores e das paredes. — As paredes estão em geral seccas do lado em que se acham expostas ao sol, isto é do lado do Sul, e humidas do lado Norte. As pedras cobrem-se de musgo do lado Norte ou Noroeste. Observando, pois, estes factos com um certo cuidado podemos obter orientação aproximada.

4.º A casca das arvores. — Observando as arvores, vê-se que apresentam sulcos profundos e saliencias mais arredondadas do lado em que recebem a chuva e são mais açoitadas pelo vento, isto é do lado Norte, do que do opposto.

5.º Corte das arvores. — Sob a influencia do sol, o gomme das arvores augmenta, mais depressa, em expessura do lado Sul do que do Norte. Sabido isto, basta cortar uma arvore horisontalmente, e a expessura das camadas concentricas do lenho darão a conhecer facilmente os pontos cardeaes. Os ramos e folhas das arvores tambem são mais desenvolvidos do lado do Sul.

6.º Formigueiros. — Os formigueiros são, regra geral, abrigados do Norte e expostos ao Sul.

7.º Moinhos de vento. — Os moinhos de vento são, quasi sempre, estabelecidos em crusetas, collocadas na direcção dos pontos cardeaes. Não havendo inscripção pela qual se

possa conhecer um d'esses pontos, quando o moinho fôr isolado, póde observar-se a parte revestida de musgo.

8.º Plantas. — As plantas dirigem em maior numero, os seus ramos para o Nascente em procura de luz, do que para outro qualquer lado.

Pratica. — O instructor ensina a orientar os exploradores servindo-se dos indicios, obrigando-os depois a rectificar a orientação por qualquer dos processos de mais confiança para assim poderem apreciar os erros commettidos.

§ 5.º

Orientação por informações

Generalidades. — Em muitas circumstancias, ou por carencia absoluta de instrumentos proprios, ou ainda porque o estado da atmospheria não permite ver o sol, a lua e a estrella polar, necessario é recorrer ás informações, para se poderem determinar os pontos cardeaes. Em campanha e em territorio inimigo, convem sempre desconfiar das que nos forem prestadas, sendo indispensavel repetir as mesmas perguntas a varios individuos, e comparar as respostas.

Perguntar-se-ha de que lado nasce o sol e de que lado se esconde no horisonte; o lado d'onde nasce a lua; onde se vê a estrella polar ou do Norte; qual a direcção do sol ao meio dia; de que lado sopram os ventos predominantes; de que lado fica um casal ou quinta, ou qualquer accidente do terreno bem visivel,

Devem-se sempre empregar todos os meios possiveis para obter a contra prova das informações que se tenham podido colher.

Pratica. — O instructor obrigará os exploradores a orientarem-se, servindo-se só de informações obtidas no campo, fazendo-os observar os erros commettidos, empregando outro meio de orientação.

§ 6.º

Orientação pela lua

A lua tambem serve como meio de orientação, mas é muito complicado e pouco pratico, porque se torna neces-

sario recorrer ao calendario para conhecer as horas a que, nas differentes phases, ella nasce. Comtudo, na lua cheia, como ella apparece no horisonte, do lado do Nascente, quando o sol se esconde, e se occulta quando o sol nasce, podemos orientar-nos pela lua da mesma forma que pelo sol.

§ 7.º

Orientação pela estrella polar

Generalidades. — Se os exploradores collocarem duas estacas verticalmente no terreno, e as enfiarem com uma estrella qualquer, é facil observarem: que a estrella visada, passados alguns minutos, já se não acha na mesma linha que as duas estacas; que com todas as estrellas do céu acontece o mesmo; que quanto mais proxima do Norte se acha a estrella visada, mais demorado é o movimento; que todas as estrellas parecem⁽¹⁾ ser animadas d'um movimento de translacção de Este para Oeste; que das estrellas do emispherio do Norte ha uma que parece não ter movimento nenhum, essa estrella é que marca o extremo norte do eixo imaginario, em volta do qual se move a terra, chama-se Estrella Polar, ou simplesmente Polar, e tambem Estrella do Norte.

Pratica. — N'uma noite clara e sem nuvens, o instructor mostra aos exploradôres o movimento apparente das estrellas, e a fixidez tambem apparente da Estrella Polar, servindo-se para isso das duas estacas cravadas no terreno, ou de dois cunhaes de casas, muros etc.

Por este meio, mostrar-lhes-ha tambem a Grande e Pequena Ursa, ensinando-os a achar a Polar, depois de conhecerem qualquer d'aquellas constellações.

Exemplo. — Achar a posição da Estrella Polar conhecida a Grande Ursa.

O explorador procura no céu a Grande Ursa, constituida por 7 estrellas, quatro das quaes formam um trapesio irregular, e as outras a cauda ou timão, por se parecer com

⁽¹⁾ Parecem, porque a terra é que realmente se move do occidente para o oriente, e dá assim ás estrellas um movimento apparente, em sentido contrario.

a parte do carro que tem este nome ⁽¹⁾, prolongando imaginariamente o lado do trapezio opposto á cauda n'uma distancia igual a cinco vezes o seu comprimento, têm determinado a Estrella Polar, que é a ultima da cauda da Ursa Menor, a qual, como já vimos, dá a direcção Norte.

§ 8.º

Orientação pela bussola ⁽²⁾

Generalidades. — A orientação pela bussola é a mais perfeita rapida e segura. E' baseada na propriedade que tem a agulha magnetica de tomar sempre a mesma direcção, salvo casos excepçionaes, logo que esteja collocada sobre um eixo vertical em torno do qual possa mover-se livremente.

A bussola consiste n'uma pequena caixa rectangular, de madeira ou metal, tendo no fundo um mostrador graduado em 360º, no qual estão marcados os quatro pontos cardeaes e alguns intermedios.

Ao centro da caixa eleva-se uma pequena haste, sobre a qual assenta uma agulha magnetica, uma das suas pontas — a azul — dirige-se invariavelmente para o Norte. A caixa é coberta por um vidro para permittir a leitura. A agulha toma a direcção N S. magnetica, e uma outra linha que forma com esta um angulo de 18º ⁽³⁾ approximadamente, dá a linha NS. verdadeira.

Pratica. — O instructor mostra e descreve a bussola aos exploradores, explicando-lhes qual é a linha NS. e EO, assim como a linha N S magnetica. Ensina-os, depois a servirem-se da bussola e a fixar a agulha. Observa-lhes que a caixa deve ser collocada bem horisontalmente, e que se move até que a agulha coincida com o traço que indica o NS magnetico.

(1) As sete estrellas formam uma figura parecida com um carro sem rodas, é por isso que os antigos lhe chamavam Carro de David.

(2) E' conveniente que cada explorador possua uma pequena bussola; ha-as muito portateis.

(3) E' chamado angulo de declinação da agulha. A declinação varia constantemente. Entre nós a determinada, em Lisboa, em febreiro de 1880, era de 19º 46' para Oeste. Diminue quasi 7' por anno.

Estão assim determinados os quatro pontos cardeaes, que são os extremos das duas linhas que se cruzam no centro da bussola.

CAPITULO III

Nomenclatura, emprego e aproveitamento do terreno (1)

§ 1.º

Considerações geraes

E da maior conveniencia o aproveitar bem o terreno no combate da infantaria. A arte de utilizar o terreno é um dos meios mais efficazes de que a infantaria dispõe para se aproximar do inimigo, soffrendo o menor numero de baixas possivel.

Com a grande rapidez de tiro e precisão das armas modernas, é axiomatico que não seria possivel a qualquer fracção de tropas aproximar-se de uma posição occupada por infantaria, se marchasse para ella a descoberto; seria completamente destruida pelo fogo do adversario. Com os progressos do armamento augmentou, portanto, notavelmente o valor do terreno, pelo que as tropas de infantaria, e nomeadamente os seus exploradores, necessitam conhecer intelligentemente a maneira de o utilizar.

§ 2.º

Escolher posição

1.º *Generalidades.* — O explorador escolhe posição por detraz d'um abrigo: 1.º para se occultar do inimigo, a fim de melhor e mais demoradamente o poder observar; 2.º

(1) Apesar de já na instrucção de recruta e individual deverem ter sido dadas noções, ainda que muito succintas, sobre a nomenclatura dos varios accidentes do terreno, deve o instructor mostrar aos exploradores, no campo, para que elle vendo-os mais facilmente os possa fixar e conhecer depois, os accidentes naturaes e artificiaes, designando-os pelos seus nomes mais vulgares. Esta instrucção, essencialmente pratica, versará não só sobre a parte orographica, mas ainda sobre cursos de aguas, vias de comunicação, bosques e florestas, porque, como facilmente se comprehende, tudo isto elles deverão conhecer para exercerem a exploração efficazmente, e darem conta aos seus chefes do que viram, do que observaram durante essa mesma exploração.

para apoiar a arma e poder fazer fogo mais certo, depois de iniciado o combate.

Para escolher posição, deve, de preferencia, o explorador aproveitar os abrigos que tenham um vasto campo de tiro, e dos quaes possa avançar ou retirar facilmente, despezando aquelles que, sendo muito visiveis de longe, devam ser tomados como objectivo immediato pelo fogo do inimigo.

Os abrigos dividem-se em duas classes distinctas; abrigos que nos occultam ás vistas do inimigo e que nos protegem dos seus fogos, como por exemplo — grossas arvores, muros, taludes, montes de terra, paredes, vallas, etc., e abrigos que nos occultam, mas que nos não preservam dos seus tiros, taes são — sebes, vallados, seáras, balsas, prados crescidos, moutas, etc. Os primeiros, que, apesar da grande penetração dos projecteis modernos, são bastante numerosos, podem utilisar-se da maneira que vamos expôr.

(a) *Muros, montes de terra e montes de pedras.* Por detraz de qualquer d'estes abrigos, o explorador toma posição de pé, de joelhos, deitado, sentado ou agachado (a que lhe fôr mais commoda) de fórma que fique occulto á vista do inimigo.

Se os abrigos forem muito elevados, faz-se fogo de preferencia pelo lado direito; mas se os muros ou montes de pedras são visiveis para a artilheria inimiga, é conveniente evital-os, e, não os podendo evitar, estacionar junto d'elles o menos tempo possivel.

Os montes de terra constituem um excellente abrigo, na retaguarda do qual se collocará o explorador, que procurará apoiar a arma e fazer fogo sem se expôr muito ao do adversario.

(b) *Arvores.* — Uma arvore póde algumas vezes abrigar dois até tres homens, um ou dois de pé e o outro de joelhos. Apoia-se a arma contra o lado direito da arvore, e sustenta-se ahi, caso seja necessario, com a mão esquerda. Deve-se apontar e fazer fogo sempre bem coberto.

(c) *Bosques.* — Na orla d'um bosque, deitar-se-hão ou ajoelharão no fosso que o circumda, se estiver organizado defensivamente. Não existindo fosso tomará identica posição dentro do bosque e um pouco á retaguarda da orla, de modo que descubra livremente o terreno na sua frente.

Tendo de resistir ao ataque da artilheria, deitar-se-hão na retaguarda das primeiras arvores afim de evitar os estilhaços causados pelos projecteis.

(d) *Fossos ou regos.*— Nos fossos ou regos, collocam-se os exploradores de joelhos ou deitados, levantando-se ligeiramente para atirar.

(e) *Valetas d'uma estrada.*— Deve-se occupar a valeta do lado do inimigo, evitando-se assim os estilhaços das pedras do macadam,

(f) *Casas, janellas.*— Devem-se occupar de preferencia as casas do lado esquerdo da rua. Os exploradores abrigados dentro d'uma casa, atirarão para o exterior pelas portas e janellas encostando a arma ao humbral esquerdo.

Quando os exploradores avançarem por uma rua, durante o fogo, caminharão ao longo das casas, pelo passeio da direita. O inimigo postado nas janellas da esquerda será obrigado a descobrir-se para atirar, e o collocado nas da direita só com difficuldade poderá fazer fogo.

(g) *Crista d'um monte, borda d'um plateau.*— Tomam uma posição conveniente, um pouco á retaguarda da crista ou da borda, de fórma a verem a encosta que desce para o inimigo.



Tratando da segundo especie de abrigos, devemos observar que a polvora sem fumo lhes deu uma importancia muito superior á que tinham anteriormente. Ha, portanto, necessidade de os exploradores conhecerem bem o melhor meio de tirar partido d'elles, para occultarem os seus movimentos ao inimigo.

(a) *Sebes e valados.*— As sébes e valados são até excellentes meios de defeza. Constituem só por si um obstaculo ao **assaltante**. No nosso paiz os valados têm grande importancia defensiva, porque são geralmente guarnecidos com silvas, piteiras, etc. Os exploradores deitam-se ou ajoelham por detraz d'elles, fazendo pequenas aberturas para introduzirem o cano da espingarda, sem serem visiveis pelo lado exterior.

(b) *Seáras, balsas.*— Os exploradores deitam-se ou ajoelham por detraz d'ellas, devendo conservar a maior immobibilidade para não denunciarem a sua presença pelo movimento das seáras. Depois de fazerem fogo e carregarem de novo a arma, deslocar-se-hão ora para a direita ora para a esquerda para atirarem de novo. Para avançarem devem marchar agachados e sempre preparados para fazer fogo.

(c) *Moutas.*— As moutas utilisam-se da mesma fórma que as sébes.

2.^o — *Exame do terreno.* — O instructor ensina os novos exploradores a procederem ao exame minucioso do terreno pela fórma seguinte: Colloca-os em uma fileira, n'um ponto que tenha um horisonte vasto, e indica-lhes na sua frente um bosque, uma aldeia, uma elevação do terreno, distante de 1:000 a 2:000 metros, que presume occupada pelo inimigo, observando-lhes que o ponto designado serve só para indicar a direcção na qual se imagina que o mesmo inimigo é visto, mas que elle deve ter exploradores na sua frente e nos flancos da posição, (isolados ou em grupos) occupando pontos avançados, que dominem o campo exterior. Que, portanto, a sua missão não é só explorar o bosque, a aldeia, o monte, mas todo esse terreno em frente aonde o adversario possa ter postos de observação.

Depois d'estas explicações, indica o instructor a cada um dos soldados quaes os pontos na proximidade da posição inimiga, n'uma zona de 150 a 200 metros para cada lado e de 800 a 900 metros para a frente, que o inimigo deverá occupar, e que os exploradores devem examinar e procurar reconhecer, antes de tomarem posição, para iniciarem o combate.

Determinada que seja aproximadamente, e estudada essa zona, passam a estudar, debaixo da direcção do instructor, todos os accidentes do terreno; os caminhos que deviam seguir; os abrigos; pontos forçados de passagem, tanto na zona do inimigo como n'aquella que têm a percorrer até tomar posição.

Observar-se-ha ainda que, na defensiva, suppondo que a companhia a que os exploradores pertenciam occupava o ponto em que se acham, teriam elles que avançar isolados ou em grupos, para irem occupar pontos avançados até 800 ou 900 metros, para a frente e 150 a 200 metros para os flancos, escolhendo ahi posição e occultando-se paraprehenderem ou deterem os exploradores inimigos, depois de observarem, no trajecto até esses pontos, os accidentes do terreno que o mesmo inimigo possa mais tarde occupar. Devem tambem, dos seus postos de observação, proceder ao reconhecimento da zona occupada pelo inimigo.

Depois d'isto, cada um dos novos exploradores faz separadamente, na presença do instructor, o exame do terreno, segundo as indicações dadas, emendando este os erros commettidos.

(*Continua*)

J. GIL

Capitão de infantaria



O CURSO DO ESTADO MAIOR

(Continuado do n.º 4 — 4.º anno)

Mostrando no numero anterior os defeitos e inconvenientes da actual organisação do curso do estado maior e indicando a maneira como deve ser reorganizado, permittindo a matricula aos officiaes de todas as armas desde que apresentem a carta do seu respectivo curso e que se submettam a um concurso de entrada tão sério e rigoroso pelo qual se possa avaliar da sua aptidão militar, promettemos mostrar que era esse exactamente o processo que se segue na Allemanha, Austria, Belgica, Italia, Roumania, Russia e Suissa.

E' essa a tarefa a que hoje nos submettemos, não só para elucidar o leitor, mas tambem para corroborar a nossa opinião, partindo-se sempre do principio de que não é nosso intento depreciar cursos.

Entre nós ha varios preconceitos que são verdadeiros prejuizos, mas fugindo d'essas divagações, que são mais proprias de *soalheiro* do que das columnas d'esta Revista, diremos que imprevidentes seriam os dirigentes das principaes potencias europeas se não fossem praticos e se não olhassem as questões pelo lado verdadeiramente util e aproveitavel.

Nós não querendo prejuizos e desejando unica e simplesmente ser praticos, advogamos estas ideias, mas não desejando que se diga que fazemos affirmações com menos fundamento, vamos mostrar o que, sobre este assumpto, se faz na Europa, copiando textualmente, para que ninguém possa duvidar da nossa sinceridade, o que, sobre isto, diz Lauth, no seu excellente livro «*L'état militaire des principales puissances étrangères — 1900, septième édition*», cuja auctoridade e competencia ninguém pôde pôr em duvida.

Vejamos.

Allemanha

Lauth, a paginas 69, diz: «Geralmente, os officiaes do estado maior allemão proveem das Academias de guerra de Berlim e de Munich, escolas de ensino militar superior, cujo fim é, *sobre tudo, diffundir no exercito* (1) os conhecimentos elevados da arte de guerra, e, subsidiariamente, dar aos candidatos do estado maior uma instrucção especial em vista d'este serviço».

«A admissão á Academia de Berlim tem logar depois d'um exame

(1) O *italico* é nosso.

ao qual se podem *apresentar os officiaes de todas armas* tendo ao menos 3 annos de serviço como officiaes».

«As composições escriptas teem logar annualmente nos quartéis gêneraes de cada corpo d'exercito, e versam sobre as matérias seguintes: tactica pura, tactica applicada, armamento, fortificação, topographia, historia, geographia, francez e mathematicas (*à titulo facultativo*).»

Em *nota*, diz Lauth, «A Academia de Munich é organizada sobre o modelo da de Berlim; comtudo, para ser admittido é necessario ter 4 annos de serviço como official, e não sómente 3»

Estabelecendo o confronto com o que já nós dissémos, vemos que ha inteira concordancia de ideias, pois que nós tambem dissemos que deviam os candidatos ter 4 annos de serviço, que a entrada devia ser permittida a todos os officiaes sem se pedirem diplomas, mas sujeitando-se a um concurso de entrada, e que o principal fim do curso é diffundir no exercito os elevados conhecimentos da arte da guerra.

Fica pois de pé tudo que nós dissemos.

Austria

Diz Lauth, a paginas 201: «A admissão á Escola de guerra faz-se depois d'um concurso no qual podem tomar parte os officiaes de todas as armas, do grau de lieutenant ou oberlieutenant, bem notados, tendo ao menos 3 annos de serviço, menos de 30 annos de idade, uma situação financeira isempta de censuras (reproches) e não sendo casados».

Na Austria ainda vão mais longe, pois que na mesma pagina, linha 31, vemos: «A duração dos cursos é de 2 annos. Terminam por um exame geral de sahida, ao qual se podem tambem apresentar os officiaes que preferem habilitar-se pessoalmente; estes ultimos gosam, em caso de successo, das mesmas vantagens que os outros, devendo tambem ser celibatarios».

Achamos bom este principio.

Belgica

A paginas 288 diz Lauth: «Os officiaes do estado maior são provenientes da Escola de guerra, situada em Yvelles.

«Esta escola, continua Lauth, tem por fim não sómente assegurar o recrutamento do corpo do estado maior, mas tambem *diffundir* (répandre) no exercito os altos conhecimentos militares. Recebe alumnos de *todas* as armas que devem, no momento do concurso, ter servido activamente nos corpos de tropas como officiaes durante 5 annos, possuir qualidades physicas e moraes necessarias para se *tornarem vigorosos* officiaes do estado maior. Não devem além d'isso ter attingido a idade de 32 annos a 1 de de outubro do anno da sua entrada na escola. Não é permittido apresentarem-se mais da 2 vezes».

Além d'isso é tambem exigido o conhecimento da lingua flamenga, franceza e ingleza.

Emprega Lauth uma phrase realmente feliz e que diz tudo só por si; para se *tornarem vigorosos* os officiaes do estado maior bastam realmente essas condições.

Os officiaes belgas que queiram ter o diploma de adjuntos do estado maior podem submeter-se a um concurso sem terem professado o curso, que é o principio austriaco.

Italia

Lauth diz a paginas 496: «A admissão (à escola de guerra, situada em Turim) tem lugar depois d'um concurso. Podem tomar parte os capitães e tenentes de infantaria, de cavallaria, de artilheria e de engenharia que satisfaçam ás condições seguintes:

1.º Ter obtido da commissão encarregada de classificar os officiaes de cada corpo, a nota de *excellente* ou ao menos *bom official* com coefficienta 3;

2.º Ter completado a 1 d'outubro do anno do concurso 4 annos de serviço effectivo na sua arma;

Este processo, assim redigido, parece-nos excellente, porque vê-se por elle que se tem em vista as qualidades militares como base fundamental.

Roumania

Continuando a consultar Lauth, vemos a paginas 553: «Na Roumania não existe corpo especial do estado maior e os officiaes desempenhando essas funcções no serviço do estado maior são tirados (pris) d'entre os officiaes dos corpos de tropas que seguiram com successo os cursos da Escola superior de guerra estabelecida em Bukarest».

Os cursos d'esta escola, que duram tres annos, teem por fim não sómente preparar um certo numero de officiaes para o serviço do estado maior, mas ainda *diffundir* no exercito os altos conhecimentos militares. São admittidos ao concurso de entrada os tenentes e capitães de todas as armas tendo dois annos de serviço nos corpos de tropas no seu posto; é necessario não ter attingido 35 annos, ter uma forte saude e ser bem classificado».

O curso é de 3 annos e no terceiro estuda-se «a mobilisação, o serviço do estado maior, e geographia militar, os theatros de guerra visinhos, a historia geral, a tactica e os regulamentos, a economia nacional e as mathematicas (facultativo).

Russia

A paginas 608 diz Lauth, tratando da organização da Russia: «O corpo do estado maior russo recruta-se exclusivamente entre os alumnos da Academia d'estado-maior Nicolas, instituida em S. Petersburgo e que é não sómente uma escola para o recrutamento dos officiaes do estado-maior, mas *sobre tudo* um centro de altos estudos. São admittidos a tomar parte no concurso de admissão os officiaes de *todas* as armas, mesmo os das tropas irregulares. O candidato deve possuir uma boa constituição physica e ser auctorizado pelos seus chefes a apresentar-se aos exames.

E' concedida aos candidatos uma licença de 4 mezes para a preparação do concurso», o que achamos justo. Como se vê, na Russia são mesmo admittidos os officiaes das tropas irregulares.

Suissa

Não podiamos esquecer a Suissa porque sendo tão original como pratica nas questões militares fornece-nos um exemplo frisante.

Diz Lauth, a paginas 702: «Os officiaes do estado-maior general são nomeados pelo conselho federal e escolhidos, de todas armas indistinctamente, entre os oberlieutenantes e os capitães propostos pelos chefes instructores, chefes d'armas ou pelos coroneis divisionarios e tendo seguido o primeiro curso da escola central do estado-maior general organizado todos os annos, durante 70 dias, comprehendendo uma viagem de estado-maior»; d'onde se conclue tambem que é entre os officiaes de todas as armas que se recruta os officiaes do estado-maior.

Depois d'estas transcripções são dispensaveis os commentarios, pois que ellas só por si dizem tudo.

Não obstante frisaremos sempre que o processo que nós indicámos é o mesmo seguido em toda a Europa.

Lauth não trata do exercito francez, mas na esperanza de que o leitor não porá em duvida as nossas affirmações pela falta de não as reforçarmos com o nome d'um auctor celebre, diremos que na França se procede tambem conforme nós indicámos. Os officiaes de infantaria e cavalleria provenientes da escola de Saint Cyr podem concorrer ao concurso de entrada á escola de guerra e, caso celebre, a maioria dos officiaes *brevetés*, diplomados, é proveniente d'estas duas armas, pois que não gastando tempo nem forças physicas e intellectuaes a estudar na polytechnica cadeiras inuteis para a vida a que se destinam vão, depois de serem officiaes, professar o curso onde se estudam os verdadeiros conhecimentos militares.

Assim, a França conseguiu ter um grande numero de officiaes *brevetés*, isto é, conseguiu não só ter officiaes do estado-maior, mas tambem, o que não é menos importante, diffundir no exercito os altos conhecimentos militares.

Se entre nós ha alguma razão, a não ser os prejuizos a que já nos referimos, para que se não faça o mesmo, appareça alguém que a apresente.

X.



SECÇÃO DO EXTRANGEIRO

Estados Unidos. — *Reorganisação do exercito.* — Os chimericos sonhos da conferencia da Haya vão a todos os momentos recebendo solemnes e significativos desmentidos.

Os apologistas das doutrinas de Monroe — *A America para os americanos* — vão-se convencendo de que essas mesmas doutrinas sómente pôdem ser effectivas se forem apoiadas pelo exercito e marinha.

N'esta ordem de ideias o presidente dos Estados Unidos reorganizou ultimamente o exercito.

Não introduziu, não obstante, nada de novo e radical que possa

corresponder ás modernas exigencias da guerra, apenas augmentou os effectivos e unidades.

Sem systemas de recrutamento e sem leis de promoções, pois que são feitas ao arbitrio do presidente, é um exercito que não póde ter character nacional, nem instrucção, nem disciplina.

O presidente da repulica é o commandante em chefe, tendo a seu lado o ministro da guerra e o commandante geral. O exercito está dividido por departamentos e só em caso de guerra é que forma corpos d'exercito, divisões e brigadas.

Não ha officiaes do estado maior. O *Staff*, que é pessoal do ministerio da guerra, é formado por 811 officiaes de todas as armas e patentes.

O generalato é formado por 1 tenente general, 6 majores generaes e 15 brigadeiros generaes.

A constituição das armas é o seguinte :

Infanteria. — E' formada por 30 regimentos a 3 batalhões de 4 companhias. Cada companhia é formada, alem do capitão e dois subalternos, por 1 primeiro sargento, 1 sargento quartel mestre, 4 segundos sargentos, 6 cabos, 48 soldados, 1 artifice, 2 musicos e 2 cosinheiros.

Os effectivos dos regimentos podem variar de 780 a 1:800 homens prefazendo um effectivo total maximo de 54:000 homens.

Artilheria. — Não é formada por regimentos, as baterias são independentes e são 30 de campanha e 126 de posição.

Os quadros da artilheria são formados por 14 coroneis, 16 tenentes coroneis, 39 majores, 195 capitães, 195 primeiros tenentes, 195 segundos tenentes, 21 sargentos ajudantes com o posto de ajudante de regimento, 27 sargentos ajudantes com o posto de ajudantes de batalhão, e por 1 sargento electricista por cada bateria de posição que tenha aparelhos electricos.

A artilheria tem um effectivo de 18:920 homens, entrando n'este numero o pessoal de 10 bandas de musica. As baterias não tem cosinheiros.

Um dos coroneis é chefe da artilheria, que está sob as ordens do commandante geral do exercito e que é escolhido por este.

Engenharia. — Não tem officiaes privativos. Os officiaes são tirados das outras armas ficando destacadas por 4 annos, regressando depois á respectiva arma.

O pessoal technico de engenharia é formado por uma banda e tres batalhões, formados cada um por um sargento ajudante, um sargento quartel mestre e tendo cada um 4 companhias.

Cada companhia consta de um primeiro sargento, um sargento quartel mestre, 8 sargentos, 10 cabos, 39 praças de 1.^a classe e 30 de 2.^a, 2 musicos e dois cosinheiros.

Cavalleria. — E' formada por 15 regimentos, tendo cada um 12 pelotões organizados em 3 grupos de 4 esquadrões. Cada grupo de 4 esquadrões é commandado por um major. O esquadrão é formado por um capitão, um primeiro tenente, um segundo tenente, um primeiro sargento, um sargento quartel mestre, 6 sargentos, 6 cabos, 43 soldados, um conductor, 2 clarins, 2 ferradores, um correeiro e 2 cosinheiros.

Cada regimento comprehende mais 3 capitães, 3 primeiros tenentes, 3 segundos tenentes, 2 veterinarios, um sargento ajudante, um sargento quartel mestre, um sargento commissario, 3 sargentos ajudantes de grupo, 2 sargentos porta-estandarte e uma charanga.

França. — *compra e uso de vinho.* — A crise da abundancia de vinho tambem em França se tem evidenciado. Para a combater resolveu o governo francez, alem d'outros expedientes, permittir o uso do vinho no exercito em maior escala. Para isso o ministro da guerra, em circular de 20 de fevereiro, regulando a quantidade e a maneira de o distribuir, preceitua que os conselhos administrativos dos corpos de tropas o comprem directamente aos agricultores, não só para o comprarem em melhores condições de preço e qualidade, mas tambem para facilitar que os pequenos lavradores possam vender as suas colheitas com mais facilidade.

Comprimento e velocidade do passo d'alguns exercitos. — O soldado russo dá 112 a 116 passos por minuto, o allemão 114, o austriaco 116, o italiano e o francez 120, excepto os *bersaglieri* italianos e os caçadores alpinos francezes que dão 140 e 130 respectivamente.

O comprimento do passo dos russos é de 0,^m 71, dos allemães 0,^m 81, dos italianos e francezes 0,^m 75, percorrendo, portanto, o soldado russo 81 metros por minuto, o allemão 91^m,2 e o italiano 90. O passo da parada do soldado inglez tem a cadencia de 75^m por minuto com o comprimento de 0,^m 75; em marcha dá 120 passos por minuto e no ataque 150.

Suissa. — *Novo armamento.* — Os suissos vão distribuir á artilheria de posição, ás companhias de telegraphistas, ás companhias de aerostatos e aos destacamentos de velocipedistas uma arma do *systema* da empregada na infantaria, differindo sómente no pezo e comprimento do cano, que são menores, no deposito, que receberá 6 cartuchos, e no sabre, mas empregando-se o mesmo cartucho.

É evidentemente uma medida muito pratica, pois que indistinctamente se podem empregar os mesmos cartuchos, o que facilita o munição.

Inglaterra — *Medalha commemorativa.* — Na Inglaterra acaba de ser creada uma medalha para commemorar as victorias alcançadas no Transwaal, a qual é dada não só aos militares, mas tambem a todos aquelles que no sul da Africa prestaram serviços ao exercito, sendo, portanto, concedida tambem ás *irmãs hospitaleiras* que prestaram serviços nas ambulancias da Cruz Vermelha.

Pela *Army Order*, publicada no *Broad Arrow*, vemos que ella comprehende 23 classes destinadas a commemorar as diferentes victórias alcançadas, taes como: *Belmont*, concedida aos militares que obraram debaixo do commando do general Methuen, desde a partida de Witleputs até ao dia 23 de novembro de 1899; *Modder River*, concedida aos militares que estiveram tambem debaixo das ordens de Methuen desde a partida de Honey Nest Kloof até ao sul da ponte de Magersfontein, e assim, limitando e definindo as epochas e acções, são concedidas outras, como *Poadberg*, *Wepener*, *Dritfontein*, *Defence of Kimberley*, etc.

Por uma outra ordem, todos aquelles que forem agraciados com esta ou outra qualquer medalha militar, são obrigados a usar as insígnias, mesmo trajando á paisana, medida que achamos excellente e com o que se tem em vista desenvolver o espirito militar na Inglaterra.

*
* * *

Portugal.— *Revistas de instrucção.*— Tiveram logar no mez findo, nos terrenos do hyppodromo de Belem, as revistas passadas á 1.^a e 2.^a brigadas de infantaria e ao regimento de engenhecia por Suas Magestades, acompanhados de Sua Alteza o Principe Real, do nobre ministro da guerra, sr. conselheiro Pimentel Pinto e Ex.^{mo} commandante da divisão.

Tivemos occasião de vêr o estado de adiantamento dos recrutas ultimamente alistados. A promptidão, firmeza e correccão com que foram executados todos os trabalhos e o estado de acecio e disciplina com que as tropas se apresentaram deixaram-nos perfeitamente satisfeitos a ponto de entendermos que não se póde exigir mais e melhor.

Identica impressão se reconheceu terem tambem deixado a Suas Magestades, Alteza, nobre ministro da guerra e commandante da divisão, bem como ao numeroso estado maior que os acompanhava e a todos os mais assistentes.

As evoluções em ordem unida foram executadas com precisão e firmeza, conservando-se sempre tanta correccão nos alinhamentos que não pareciam executados por simples recrutas.

Os movimentos em ordem dispersa foram feitos sem hesitações nem receios, revelando um cabal conhecimento d'aquillo que se fazia e do que se tinha em vista, não havendo agglomerações, que são funestas, nem intervallos demasiado grandes, que são prejudiciaes.

O fogo foi executado com methodo, regularidade e sem precipitações, notando-se que o soldado tinha sempre em vista o fazer uma cuidadosa pontaria.

Os trabalhos de gymnastica e esgrima foram feitos com precisão e regularidade.

E' esta a impressão que nos deixou o conjuncto, mas se quizermos especialisar vemos que não ha motivo, porque todos os regimentos se apresentaram com a mesma correccão, acecio e disciplina e que todos indistinctamente trabalharam com a mesma firmeza e precisão.

Sentimos verdadeiro prazer, mesmo orgulho, em registar este facto, porque nos leva á conclusão a que já varias vezes temos chegado, que é o poder-se affiançar que temos um quadro de officiaes á altura da missão que desempenham, que nos regimentos se trabalha com orientação e methodo, ministrando-se uma instrucção intensiva, porque só assim se póde explicar o facto de vêr recrutas trabalhar assim, e que o recruta portuguez é intelligente e dotado com sentimentos que permittem que elle promptamente comprehenda o valor moral da vida militar, tornando-se, por isso, um soldado obediente, deligente e disciplinado, podendo, portanto, o paiz ter inteira confiança no valor e competencia de uns e na dedicação e obediencia de todos.

O que é pena, o que é para lastimar, é que o Ministerio da Guerra não possa ter uma dotação sufficiente que permittisse o poder-se dotar o exercito com o material e animal que precisa e o poder-se tambem augmentar os effectivos a instruir.

Subscrição aberta no regimento de infantaria n.º 3 a favor da viuva e filhos do fallecido tenente d'este regimento Francisco Augusto Filgueiras

RECEITA

	Transporte.	224\$665
Officiaes da 3. ^a companhia da Guarda Municipal de Lisboa.		\$500
» » 6. ^a » » » » » » ..		1\$000
» » Guarda Municipal do Porto		3\$400
» » 2. ^a comp. ^a do bat. n.º 1 da guarda fiscal		2\$100
» » 4. ^a » » » » » » »		2\$000
» » 5. ^a » » » » » » »		1\$500
» » 6. ^a » » » » » » »		1\$300
» » comp. ^a de caval. do bat. n.º 1 da guarda fiscal.		2\$000
» » 2. ^a comp. ^a de inf. » » 2 » » »		2\$300
» » 3. ^a » » » » » » » » »		2\$000
» » 4. ^a » » » » » » » » »		2\$000
» » 1. ^a e 2. ^a comp. ^a » » 3 » » »		1\$600
» » 1. ^a comp. ^a do batalhão n.º 4 » » »		2\$600
» » 2. ^a » » » » 4 » » »		1\$000
» » cavallaria » » 4 » » »		1\$500
» do cons. de guerra da 3. ^a divisão milit. terrestre..		5\$000
» do deposito disciplinar.		2\$500
» em serviço na casa de reclusão da 1. ^a divisão milit.		1\$500
» » » » » » 3. ^a » » »		1\$000
» » » no forte de S. Julião da Barra.....		2\$100
Commandante da 1. ^a companhia de reformados.....		\$500
» » 4. ^a » » » »		1\$000
Conselho administrativo do batalhão n.º 3 da guarda fiscal.		1\$000
Officiaes do estado maior do hospital d'invalidos militares..		3\$000
» da 4. ^a repartição da secretaria da guerra.....		1\$500
Capitão d'infanteria José Maria Soares.....		6\$000
» reformado A. A. Alvares d'Oliveira....		1\$500
General de divisão reformado Thiago R. de Soure.....		2\$500
Capellão d'artilheria 5 José L. Zamith.....		1\$000
Major reformado Anacleto J. Gonçalves.....		1\$000
Coronel d'artilheria João Benjamim Pinto		1\$000
Coronel d'engenharia A. A. Duval Telles		2\$500
General de brigada reformado José Joaquim Brandão....		1\$000
Major reformado José Manoel da Silva.....		\$500
» » Elias José da Silva.....		1\$000
General reformado F. A. Ferreira da Silva.....		2\$500
» » Francisco J. Roma.....		1\$000
Major » Antonio Soares		\$500
» » Mathias J. de Sousa		1\$000
» » Manuel José Gomes.....		1\$000
» » Manuel José dos Santos		1\$000
Capitão » Augusto de Mello Sarria.....		\$800
Tenente » José Frederico da Cunha.....		1\$000
Coronel d'engenharia João Thomaz da Costa.....		5\$000
Major reformado Luiz Sequeira.....		1\$000
Officiaes da agencia militar ...		1\$000
	Somma.....	304\$865

(Continúa)



O GENERAL

WENCESLAU JOSÉ DE SOUSA TELLES

A *Revista de Infanteria* regista com o mais profundo sentimento a perda do illustre general Wenceslau José de Sousa Telles e nosso collaborador.

N'esta pagina de saudade consagrada á memoria honrada de tão distincto official de infanteria, desejamos consignar a magua que a sua morte nos deixou e a falta que elle faz á arma, que sempre soube honrar com a sua intelligencia, com o seu estudo, com a sua dedicação e valioso trabalho.

A *Revista de Infanteria* apresenta respeitosamente as suas homenagens de condolencia a toda a familia do extinto general, cuja perda bem deploramos e dolorosamente sentimos.

A Redacção.



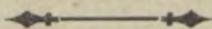


4.º Anno

Junho de 1901

N.º 6

REVISTA DE INFANTERIA



PELO GENERALATO

Tem sido uma questão esta muito estudada e debatida na nossa *Revista* e, se de novo voltamos a tratar d'este assumpto, é pela sua oportunidade, visto ter o sr. general Alberto d'Oliveira, deputado ás côrtes, apresentado um projecto de lei alterandó o quadro dos nossos generaes.

A nossa opinião franca e sincera, sempre sustentada n'esta *Revista*, é que os postos de general de brigada e de divisão devem ser regulados pelas necessidades do exercito em campanha e proporcionaes ao numero de coroneis de cada arma.

Este é o nosso principio.

Sempre pensámos que não havia cabimento algum para as chamadas vagas fluctuantes, e hoje, em face da proposta de lei do nobre ministro da guerra, sobre promoções, proposta que é muito provavel que quando a nossa *Revista* fôr dada á estampa já esteja convertida em lei do paiz, essa fluctuação perdeu absolutamente a sua oportunidade e até a base unica da sua defeza.

O sr. ministro da guerra procura, na sua proposta de lei sobre promoções, equilibrar em todas as armas a regularidade do accesso de modo que, tanto quanto possivel, se mantenha a grande familia militar relativamente equiparada nos postos de capitão e de coronel. E' uma gene-

rosa aspiração e do mais elevado alcance moral para o exercito.

E no futuro assim acontecerá.

Portanto, se já existe essa fluctuação nos postos de capitão e de coronel, ella não é necessaria nem mesmo conveniente para o posto de general, tanto mais quanto a opinião corrente em toda a Europa é que o posto de general é de tal modo cheio de responsabilidades de toda a especie, que para bem o desempenhar precisa o coronel possuir grandes qualidades de character e de intelligencia, vastissimos conhecimentos, decisão prompta, bom golpe de vista, energia, resistencia ás fadigas, e tudo isto acompanhado pela mais nitida comprehensão do principio de justiça, impondo-se aos seus subordinados pelo seu valor pessoal, sabendo-os attrahir a si, inspirando-lhes confiança.

Ora, evidentemente não é vulgar nem mesmo facil encontrar muitos coroneis com todas estas bellissimas qualidades reunidas. Logo, não pôde constituir uma aspiração de todos o conquistar o posto de general.

A carreira do official termina evidentemente no posto de coronel.

E' claro que esta ordem de ideias conduzir-nos-hia á selecção do generalato fazendo-se a promoção por escolha.

Esse seria o ideal, essa é a opinião do nobre ministro da guerra, mas seria difficil entre nós implantar-se tal innovação, assim de chofre, pela desconfiança que existe na justiça dos homens e pelas raizes lançadas na nossa carreira sob o influxo de uma tradição secular.

Ainda é cedo.

Todavia temos esperança que havemos de conquistar tão util quão patriótico principio.

Um dia virá.

Para isso é preciso bem pouco. Basta pôr em evidencia tudo o que falta áquelles que pensam que commandar e dirigir grandes unidades é o mesmo que commandar uma companhia.

Mas, pondo de parte o systema adoptado para a selecção dos nossos generaes, é certo que é indispensavel harmonisar o quadro do generalato de modo que fique garantido o principio salutar do equilibrio das promoções nas diferentes armas.

Se não houvesse vagas fluctuantes para o posto de general o problema tinha uma facil solução. Seria todavia in-

dispensável augmentar-se o numero de generaes de divisão e de brigada.

Segundo os nossos calculos o menor numero de generaes de divisão de que o nosso exercito carece em campanha é 9 e de brigada 24.

N'este numero não entram os commandantes geraes das Guardas Municipaes e Fiscál, nem tão pouco os directores geraes das differentes armas, etc., etc.

O sr. general Alberto d'Oliveira, que conhece bem a fundo as necessidades do exercito e sabe que presentemente é impossivel que as brigadas de infantaria possam todas ser commandadas por generaes, por não os haver, propoz que fossem augmentados 3 generaes de brigada de infantaria, restringindo as vagas fluctuantes, que de sete que eram passarão a quatro, normalizando d'esta arte os commandos das brigadas de infantaria.

Sob o ponto de vista de organização é indispensavel que seja approvado tal projecto de lei, e como principio de justiça ninguem lhe poderá oppôr objecção que pese, tal é a desproporcionalidade existente entre o numero de coroneis de infantaria e o de generaes de brigada da mesma arma.

Comprehende-se muito bem qual o escrupulo do illustre general em não propôr, como era preciso que se fizesse, o augmento de alguns generaes de divisão. A maledicencia, infelizmente, iria explorar o caso, prevertendo e envenenando o pensamento e a intenção mais pura que elle porventura tivesse.

A *Revista de Infantaria* applaudindo esta proposta pelos beneficios que trará ao exercito, reconhece bem que só poderá ser viavel com o acolhimento e approvação do nobre ministro da guerra.

E' justo consignar-se esta affirmacão.

Se não é possivel, n'uma só etape, acabar com as vagas fluctuantes para o posto de general, é já uma conquista assignalada reduzil-as a 60 0/0, assegurando além d'isso um general de brigada de infantaria para commandar cada brigada existente.

A *Revista de Infantaria* regista com verdadeira satisfacão este triumpho que traduz e exprime o influxo patriotico do nobre ministro da guerra nas questões vitalissimas da defeza nacional, o qual completamente desprendido de preocupações preconcebidas, segue impavido o seu caminho, protegendo todas as armas igualmente, inspirado ape-

nas nas grandes responsabilidades do cargo e inflammado pela mais santa dedicação e amor da Patria.

A defeza nacional só póde ser efficaz e até talvez gloriosa quando firmada na força e no valor do exercito, e o exercito só póde valer muito quando unido na mais intima camaradagem, todas as armas se amem como irmãs, todas por egual na mesma ambição generosa, na mesma aspiração altruista, ergam um côro unisono no assalto á trincheira inimiga.

E todo o trabalho do nobre ministro da guerra tem sido encaminhado n'este sentido.

Bem haja.

A GUARDA NACIONAL

Na *Lei de meios*, já approvada pelo parlamento, é o governo auctorisado a remodelar a organização e serviços das Guardas Municipal e Fiscal bem como da Policia Civil.

Ora, uma tal remodelação, feita com sciencia e consciencia, trará ao paiz grandes beneficios e economia, e, livrando o exercito do serviço policial, muito contribuirá para a elevação do seu nivel moral, proporcionando occasião de poder haver instrucção intensiva nos corpos, característica dos exercitos modernos.

Não podemos deixar de applaudir tal iniciativa, ha muitos annos suspirada por todos quantos tomam muito a peito os assumptos que se correlacionam com as questões mais palpitantes e vites da nossa administração publica.

A organização das nossas forças policiaes e fiscaes subordinadas a um mesmo commando e a uma só orientação, prestando-se mutuo auxilio, embora com attribuições especiaes cada uma d'essas secções, constituirá uma conquista do mais alto valor, pois um povo só é verdadeiramente civilisado quando é bem policiado.

Até ao presente tem-se commettido, com extraordinaria frequencia, funcções policiaes ao exercito, sem falar nas guardas de guarnição que diariamente absorvem centenas de soldados, roubando-os ao seu mais alto mister — a instrucção.

E' um mal e um mal bem grave. E' até um desperdicio de dinheiro.

O exercito é organizado, armado, instruido e discipli-

nado, não para policiar arraiaes, fazer guardas de guarnição, acompanhar procissões, mas sim para defender a Pátria dos seus inimigos internos e externos.

E' claro que a ordem publica, base fundamental de toda a administração, ha de ser sempre mantida, e o exercito sentirá orgulho em cooperar na manutenção da ordem, garantindo a propriedade e o direito da cada cidadão, e vendo pelos importantissimos interesses da nação.

O exercito não hesita um só momento em lançar-se na lucta pela ordem e pela salvação do paiz.

Porém, o serviço policial, que é uma funcção definida e subordinada a uma certa ordem de ideias da vida de paz, deve ser commettido ás forças de policia, especialmente organisadas e instruidas n'esse sentido, desembaraçando o exercito de um dos mais poderosos entraves á natural expansão da sua instrucção.

E ha, felizmente, em Portugal, policia em quantidade sufficiente para nos garantir os verdadeiros fóros de povo civilisado, sem ser mister recorrer aos serviços policiaes do exercito, senão em casos anormaes.

A questão está em organisar-se, com methodo e são criterio, toda essa variedade de policia que nós temos, desconnexa, desligada uma da outra, e até ás vezes em antagonismo de funcções e interesses.

E não ha a menor duvida que d'essa remodelação ha de resultar melhoria para os serviços, mais equidade na distribuição da policia pelo paiz e até mais économia dos dinheiros publicos.

A feição especial da nossa *Revista* obriga-nos a encarar o problema especialmente pelo lado militar. E sob esse ponto de vista particular a iniciativa do governo merece as sympathias e os agradecimentos do exercito inteiro, porque todos sabem, todos conhecem até que ponto as multiplas e variadas exigencias policiaes que são impostas ao exercito, lhe atrophiam a sua natural expansibilidade, lhe annullam os seus bons desejos de progredir.

Até os cortejos religiosos, essas manifestações de culto externo, que não educam o espirito nem engradem a alma, veem buscar ao exercito uma parte da sua ostentação vaidosa, e as mais das vezes, senão sempre, com desprestigio e damno para a instituição militar.

Estabelecida uma policia geral no paiz, que pode ser denominada *Guarda Nacional, Corpo de Policia, Gendarmaria Portuguesa* ou de qualquer outra forma, e cujas func-

ções sejam as mesmas ou identicas ás que desempenham em Lisboa a Guarda Municipal, a Guarda Fiscal e a Policia Civil reunidas, claro está que deixa de haver necessidade d'essa infinidade de destacamentos e deligencias que o exercito é forçado a fazer a cada hora, com notavel gravame de despeza e ainda mais notavel prejuizo para a instrucção e para a disciplina.

E' uma medida salvadora.

O sr. presidente do conselho e o sr. ministro da guerra deixando os seus nomes immaculados ligados a um tal melhoramento merecem o reconhecimento publico, por que fomentam por esse modo a mais solida instrucção do exercito, cimentam a base possante, forte, onde se ha de erguer a verdadeira defeza nacional.

Ainda mais. E' do dominio publico a maneira como se tem elevado no conceito do paiz a Policia Civil de Lisboa, desde que essa corporação começou a ter uma organização militar, e a ser dirigida e commandada por officiaes do exercito.

E' que a disciplina deixa sempre por onde passa os influxos salutaes da sua acção regeneradora, e ergue-se no meio das sociedades como a maior força moral e o principio educativo mais valioso que por ventura nos seja dado almejar.

Sem dicciplina não ha ordem, sem ordem o progresso é uma palavra vã.

E assim vemos que, tambem sob o ponto de vista do interesse social, isto é, n'esse campo vasto das grandes utilidades nacionaes, a iniciativa do governo merece os applausos do paiz inteiro e vem generosamente concorrer para o bem estar da nação.

E assim ficam extremados os campos, definidas e distinctas as attribuições e deveres de cada um.

O exercito é para o que é.

O exercito é a grande escola da nação, onde annualmente os seus filhos veem aprender no cathecismo da Augusta religião do amor da Patria a bem amar esta terra e a nossa bandeira, para conscienciosamente bem a saberem defender e proteger.

E como é este o nosso ideal rejubilamos pela iniciativa do governo e apenas fazemos votos porque ella se transforme em plena realidade.

Marchas e combates de noite

Continuado do n.º 5 — 4.º anno)

Breves apontamentos



Como já dissemos é pela surpresa que tem lugar os combates de noite, e é d'ella que depende o successo da restante lucha. Torna-se indispensavel que a força que o executa seja devidamente apoiada, de contrario é arriscada esta operação. O fim que se tinha em vista obter consistirá em lançar o terror entre as forças adversas, obrigando-as a debandar, ou então destruil-as. Se podermos reunir estas duas condições melhor será ainda.

Quando a força encarregada de effectuar um combate de noite não tiver o numero de homens precisos para colher um resultado segu-

ro recorrerá ao emprego do fogo, lançando assim o panico nas fileiras inimigas, mas se, pelo contrario, a força possui o numero conveniente, procurar-se-ha, debaixo do maior silencio, executar o ataque para se occupar os pontos importantes do theatro da lucha.

E' principio estabelecido que, conseguindo-se realizar um boa surpresa, o adversario será posto em fuga desordenada. O assaltante procurará apoderar-se d'alguns canhões e poderá fazer grande numero de prisioneiros. Tam-

bem em principio não devemos executar movimento algum, para um ataque de noite, sem que o adversario tenha terminado os seus reconhecimentos, depois dos quaes menor é a sua vigilancia.

Poderemos classificar a surpresa em absoluta e relativa.

Absoluta quando o assaltante tendo conseguido atravessar, sem ser presentido, os postos avançados inimigos, cai bruscamente sobre os locaes d'estacionamento.

Relativa, quando, apesar de todas as cautellas e ainda que tardiamente, é descoberto pelos postos avançados do inimigo, não dando tempo a que o corpo principal tome posições para a lucta.

Tratemos agora do momento do ataque, cuja escolha tem uma importancia capital, dependendo elle do fim que se tenha em vista, e que, segundo mr. Faber, podem classificar-se as operações de noite em quatro categorias e que são as seguintes:

1.^a — O assaltante resolve fazer prisioneiros ou inquietar um adversario fatigado, desmoralizando-o, e destruindo ou pondo fóra de serviço material e animal, ameaçando os seus postos avançados.

Para o bom exito d'esta operação é indispensavel que, depois de executada, o atacante retire, sob a protecção das trevas da noite, para um logar seguro sem que a defeza consiga perseguil-o.

A operação executar-se-ha durante a primeira metade da noite, reservando a segunda metade para a retirada, subtrahindo-se á perseguição.

2.^a — O assaltante precisa um ponto importante d'uma posição, que conservando-se nas mãos do inimigo poderia deter ou prejudicar, quer a marcha, quer o desenvolvimento da lucta no dia seguinte.

E' conveniente realisar esta operação na segunda metade da noite, aproveitando tambem o romper da aurora, sempre que a surpresa sirva de inicio a uma batalha que deve ferir-se quando dia claro.

O assaltante precisa da obscuridade para executar a surpresa, mas realisada esta tem já necessidade de luz para avaliar a situação do inimigo, reconhecendo as suas posições, travando egualmente combate com a cavallaria da defeza.

Se, pelo contrário, terminada a surpresa, a obscurida-

de ainda continua, a defesa poderá, ou retirar completamente, ou organizar e oppôr uma nova e mais tenaz resistencia, ou, por ultimo, executar rapidamente um contra-ataque, por quanto, para ella, o terreno é conhecido, o que para o assaltante já não é.

3.^a — O assaltante tem em vista occupar uma determinada posição e estabelecer-se nella solidamente, não só para que o adversario a não possa occupar novamente, mas tambem para servir de apoio a operações ulteriores.

Determinar-se-ha o momento do ataque por fórma que o combate esteja terminado pelo meio da noite, devendo o resto d'ella ser consagrado á organização defensiva da posição.

4.^a — Finalmente quando pretendermos completar uma acção diurna recorrendo-se a uma perseguição nocturna.

Algumas horas depois de anoitecer, e quando o adversario pensar que terminou a perseguição, é que o atacante a iniciou novamente.

Analysemos agora como se poderá realisar um combate de noite, sob as duas fórmas offensiva e defensiva, partindo-se sempre do principio que é pela surpresa que se deve atacar e que é diminuto o numero de forças empregadas em tal surpresa.

Como as columnas d'ataque, quando bem dirigidas, podem aproximar-se a 50 metros da posição inimiga, sem serem reconhecidas, e, n'esta hypothese, ou a defesa tomará a fuga, o que ordinariamente succede, ou tem o sangue frio indispensavel para receber com um fogo violento, o combate do assaltante, que acolhido assim, se vê forçado a deter, o que para elle constitue uma phase bem critica apesar da sua energia, o resultado da empresa póde ser fortemente prejudicado. O effeito pernicioso, que tal situação pode produzir entre as columnas d'ataque, será fortemente abalado, empregando os graduados toda a sua energia para o dominar, e conseguido isto, o ataque continuará em boas condições, de contrario, e apesar da boa vontade dos mesmos, será o assaltante forçado a occupar precipitadamente uma posição á sua retaguarda, tornando-se impossivel lançal-o novamente para a frente.

Para se conseguir attenuar este mal, ou mesmo fazel-o desaparecer por completo, recorrer-se-ha immediatamente ao emprego d'outra força, que estando bem na mão do chefe, e não tendo experimentado o terror de tal situação,

apesar mesmo do seu diminuto effectivo, será o sufficiente para animar o escalão repellido, arrastando-o novamente á offensiva.

Do que fica dito, conclue-se, pois, que se torna indispensavel fazer seguir a unidade encarregada de realisar o ataque d'uma outra força tambem em ordem unida, como apoio. A defesa para se oppôr a este ataque vêr-se-ha obrigada a realisar um contra-ataque, e como as fracções já empregadas não possuirão então a sufficiente cohesão e nem tão pouco estarão facilmente nas mãos dos seus chefes, é indispensavel fazel-as seguir d'uma outra unidade na ordem unida com a missão de se oppôr a tal movimento.

Esta unidade, que até este momento tem acompanhado todas as peripecias do ataque, fóra do respectivo raio de accção, apoiando comtudo as fracções já empenhadas, marchará promptamente em seu soccorro, e constituirá a 1.^a reserva, seguindo na retaguarda do apoio.

Indispensavel se torna tambem estabelecer um outro escalão em ordem unida constituindo uma 2.^a reserva, porquanto a defesa procurará tomar de revez as columnas d'ataque, e estando na mão do commandante d'estas, oppôr-se-ha com ella a taes tentativas do adversario.

Por ultimo haverá necessidade d'um outro escalão, que denominar-se-ha 3.^a reserva, devidamente postado, e destinado a conter a perseguição da defesa, no caso d'esta ter conseguido repellir o assaltante defendendo assim os escalões avançados, que serão reunidos sob a sua protecção.

Vejamus agora a hypothese em que o assaltante alcança realçar a defesa.

Tendo as fracções da primeira linha perdido toda a cohesão, o ataque só poderá completar-se recorrendo ao emprego d'outras forças, intactas ainda, e vindas da retaguarda, as quaes lançadas successivamente sobre a primeira linha, completarão a victoria, não dando assim tempo ao inimigo para readquirir o sangue frio de que tanto precisará.

Reconhece-se tambem que durante o assalto torna-se indispensavel o emprego d'outro escalão, destinado a contornar a posição da defesa, tendo em vista cercar o inimigo, empregando-se para isso uma outra unidade na ordem unida.

Do exposto conclue-se que é indispensavel levar a lucta a fundo, não dando tempo á defesa a cobrar alento algum,

e assim não terá occasião para restabelecer a ordem entre as suas forças para organizar a defesa ou preparar-se para um contra-ataque o que poderá mudar a situação do assaltante.

De tudo quanto indicámos se conclue que uma tropa encarregada d'effectuar um combate de noite deve ser protegida por :

1.^o — Um apoio immediato, encarregado de seguir os movimentos da 1.^a linha, e destinado á resistencia opposta pela defeza.

2.^o — Uma primeira reserva tendo por missão repellir o contra-ataque do defensor.

3.^o — Uma 2.^a reserva destinada:

a) a repellir um ataque de revez feito ás fracções avançadas.

b) a reforçar o ataque directo.

c) a defender os flancos da columna.

d) a tomar de flancos as tropas da defeza.

4.^o — Uma 3.^a reserva que acompanhando os movimentos dos outros escalões estará á disposição do chefe para se oppor á perseguição da defeza, dada a hypothese d'esta ter conseguido repellir o ataque, detendo-a, conseguindo assim que as facções repellidas se reformem e reconstituam.

(Continua).

MIGUEL BAPTISTA DA SILVA CRUZ
Tenente d'infanteria 1 da Rainha



O DUELLO NOS EXERCITOS

(Continuado do n.º 5 — 4.º anno)



Um duello que teve lugar em junho de 1843, em que foi morto o coronel Faweett pelo cunhado tenente Monro, causou uma profunda impressão na sociedade ingleza. Segundo o codigo em vigor se este ultimo não tivesse recebido o cartão de desafio, a sua honra ficaria para sempre manchada e a sua carreira militar completamente arruinada. O principe Consort, comprehendendo, diz sir Martin «que o primeiro passo para a extincção do duello devia ser a prohibição dos encontros no exercito», consultou primeiramente o duque de Wellington, pensando em serem criados tribunaes d'honra, cujas resoluções fossem secretas. O duque lembrando-se que as resoluções secretas dos tribunaes podiam originar desconfianças, propoz estudar a questão.

Foram apresentadas algumas objecções pelo almirantado que não impediram o principe de perseguir o duello e em 1844 escreveu ao duque de Wellington n'uma carta: «D'uma forma abstracta a honra é invulneravel; é um thesouro de que pessoa alguma nos pode despojar. Mas ha uma especie de honra que é inteiramente baseada na opinião do mundo e que por conseguinte depende dos outros. E' necessario que a pessoa, cuja honra (no ultimo sentido da palavra) fôr ferida, tenha um remedio com o auxilio do qual o individuo possa rehabilitar-se no conceito publico. Nos tempos passados o appello para a espada era o remedio conhecido. Com os progressos da civilisação e da religião christã,

este uso barbaro e anti-christão tem sido geralmente condemnado pela opinião, defendido e severamente punido pela lei; mas cousa alguma se estabeleceu para o substituir e o official cuja existencia repousa sobre a honra, encontra-se na alternativa, ou de infringir as leis da religião e do Estado e tornar-se criminoso, ou ficar infamado perante os olhos dos seus camaradas e perante toda a gente. E' pois um sentimento de justiça procurar um outro remedio». A conclusão do principe era a criação dos tribunaes de honra.

Esta carta parece ter sido escripta de proposito para Portugal, onde se fez sentir a necessidade de prever alguns casos relativos aos desafios para duello. Pelos conselhos de Wellington a questão foi submettida ao gabinete pelo intermedio do secretario d'estado dos negocios da guerra; a exposição apresentada á rainha, fazendo notar certas difficuldades na criação dos *tribunaes de honra*; resolveu-se então introduzir a alteração desejada sob a forma de emenda ao codigo militar (Articles of War). Os artigos modificados foram promulgados em abril de 1844; diziam que não se deshonrava o caracter do homem de honra accitando cordial e lealmente uma explicação dada por motivo d'um insulto e as levidas desculpas ao offendido, da parte do aggressor. O duello foi completamente desacreditado e ficou quasi impossivel.

O codigo militar inglez não prevê senão as penas de direito commum, accrescentando algumas disposições repressivas no que diz respeito á provocação.

Os suissos reprovam o duello não se importando com os preconceitos das nações que os adoptam. São 24 as leis cantonaes que o reprimem. Apenas se citam depois de longos annos, dois casos de desafios que não chegaram á consummação.

A proposito do duello na Suecia conta o general Burelly a seguinte historia bastante original, passada com elle em Stockolmo:

«Tomava parte na conversa d'um grupo d'officiaes, quando inesperadamente dois officiaes que se achavam n'um grupo proximo, questionavam vivamente. Sob um pretexto qualquer, um official disse-lhe ao ouvido para sahir da sala. Quando saiu, notou que todos os officiaes tinham tomado a mesma resolução. Elle viu que esta retirada geral tinha por fim isolar os dois officiaes. No dia seguinte Burelly convencido de que tivesse tido logar algum combate entre os ditos officiaes ou que pelo menos assim tivesse ficado decidido, perguntou ao seu interlocutor da vespera o que tinha ficado resolvido e pronunciou o nome de *duello*. *Um duello!* — Respondeu *elle sorrindo*, elles nem mesmo n'isso sonharam, desde que ficaram sós, voltando-lhes a razão com a calma. Nós operamos assim quando alguma discussão attinge a violencia; o que se chama a *galeria* só serve para provocar o amor proprio aos adversarios. Nós não conhecemos os duellos.»

Foram os reis catholicos que em Hespanha começaram a adoptar medidas repressivas contra o duello em 1480.

Filippe V editou em 1716 uma celebre *pragmatica* contra o duello que foi renovada por Fernando VI em 1757.

O direito penal hespanhol passou depois por varias vicissitudes com as mudanças politicas da nação.

O codigo de 1848 conservava algumas penalidades contra o duello, previstas nos seguintes artigos:

Art.º 439. A auctoridade que tiver conhecimento de que se está resolvendo uma pendencia, procederá á detenção do provocador e á do provocado se accitou o desafio e pol-os-ha em liberdade somente depois de darem a sua palavra d'honra de que desistem do seu intento. O que

faltar deslealmente á sua palavra, será castigado com a pena de *inhabilitação temporal* para cargos publicos. O que aceitar o duello nas mesmas condições será punido com o desterro.

Art.º 440 a 447. Tratam de varias penalidades para o duello, sendo a maxima de prisão maior para o que matar o seu adversario e uma pena menor para quando se realisar o duello sem ferimentos (arresto mayor) e a pena de multa de 50 a 500 pesetas.

Estão prescriptas varias penalidades no art.º 441 e 442 para os duellistas que se negam a dar explicações reciprocas ácerca do duello e das causas que lhe deram origem.

Pelo art.º 443, o que incitar outro a aceitar ou provocar um duello, incorre nas mesmas penas maximas que os duellistas, assim como o que desacreditar publicamente o que não quiz bater-se em duello.

Pelo art.º 445, os padrinhos do duello de que resultar morte ou lesões, serão castigados, como auctores d'aquelles delictos com premeditação, se tiverem promovido o duello, ou só provocado qualquer genero de aleivosia na sua execução ou no ajuste das suas condições, como cúmplices dos mesmos delictos se o tiverem encaminhado para duello de morte ou com vantagem manifesta para algum dos combatentes. Incorrem na pena de *arresto mayor* e multa de 250 a 2:500 pesetas se não tiverem feito o possível para conciliarem os animos ou não tiverem tentado contratar o duello da maneira menos perigosa para a vida dos combatentes.

Em Hespanha tem-se bem presente a grande maxima de *Alphonse Karr* e tantas vezes confirmada: «*Ce sont ni les balles ni les épées qui tuent, ce sont les témoins*» e por isso é esta nação onde se comprehende talvez melhor as grandes responsabilidades das testemunhas e onde lh'as fazem lembrar melhor com a lei.

Lee comt Saint-Thomas diz: «tanto a opinião publica eleva as testemunhas honestas e leaes, cuja cooperação é valiosa para as paixões, para favorecer uma reconciliação, para diminuir o numero d'encontros, quanto ella reprova as más testemunhas, declarando-as responsaveis e cúmplices.»

O codigo de justiça militar hespanhol não contem disposição alguma contra o duello.

No capitulo 3.º do titulo XXV, apparecem os artigos referentes aos tribunaes de honra, cujo theor e o seguinte:

Art.º 620. Se algum official commetter um acto de character deshonoroso para si ou para o corpo em que sirva, poderá ser submettido ao tribunal de honra, ainda que tivesse sido julgado por outra via, sempre que tenha de continuar ao serviço.

Art.º 721. Para a constituição do tribunal de honra hão de concorrer as circumstancias seguintes:

1.º Que as quatro quintas partes dos individuos da classe a que pertence o accusado, que servem no mesmo corpo, estejam d'accordo com relação á natureza deshonorosa do facto.

2.º Que o numero d'individuos necessarios para formarem as quatro quintas partes seja de cinco, a qual poderá completar-se com os da classe ou classes superiores á do accusado, senão houver no corpo o numero indicado na sua cathegoria.

Art.º 722. Quando seja publico o facto que se julga deshonoroso, reunir-se-hão previamente os officiaes da classe a que pertence o accusado e nomear-se-ha uma commissão para que se apresente ao commandante do corpo o pedido de auctorisação para funcionar o *tribunal de honra*.

Art.º 724. O tribunal qualificou o facto que originou a sua convocação, consignando se este é deshonoroso ou uma mancha para a corporação dos officiaes e resolve se o official deve ser separado do serviço.

Art.º 727. A separação do serviço é confirmada por assignatura régia, em vista do resultado da sentença do *tribunal de honra*.

Estes tribunaes d'honra nada teem com as questões dos duellos; são analogos na sua missão aos nossos conselhos de disciplina criados pelo regulamento disciplinar. O marquez de Cabrinãna apresentou este anno um valioso trabalho para a redacção d'um codigo de honra em Hespanha.

Na theoria do direito penal de Silva Ferrão, depois de combater tenazmente as disposições benevolas consignadas no nosso codigo penal, sendo de opinião que sejam substituidas por outras mais adequadas ao mal do crime, o qual deve ser reprimido entre nós, com mais razão do que n'outra parte qualquer, por não estarem os duellos nos nossos costumes, encontra-se o seguinte:

«Diremos que entre nós não existe sobre o duello o preconceito de falsa opinião, assim como não existe áquem dos Pyreneos. E' facto este notorio a todos e que os estrangeiros nos reconhecem.»

Diz Mendez: «On se bat peu en Espagne, peu en Portugal». Um hespanhol tambem diz a outro: «Si vdm tiene corazon saliremos al campo»; o outro lhe responde. «Io no soy berdugo».

(Continua).

JOÃO A. CORRÊA DOS SANTOS

Tenente d'infanteria



No sul da Africa

(Continuado do n.º 4 — 4.º anno)

BATALHA DE MAGERSFONTEIN

A batalha de Magersfontein é uma victoria registada nos annaes da historia do Transwaal, mas victoria incompleta, victoria de poucos fructos, porque os boers, obedecendo sempre aos seus sentimentos, ou sendo victimas dos defeitos da sua organização militar, ou não se sentindo com forças, animo, audacia e coragem para completar a obra triumphante do seu tiro preciso com uma perseguição tenaz, viva, energica, á *outrance*, deixaram que os inglezes tomassem alento e seguissem a sua marcha invasora.

Na guerra a tibieza, a hesitação, é a morte certa; povo que se arremeça á lucta não tem o direito de se poupar.

Se em Colenso foram astutos, aqui, em Magersfontein, foram sabios na defensiva que organisaram. Mas a astucia e a sciencia não bastam; na guerra é necessario mais alguma coisa, que se exprime dizendo, empregando o maximo laconismo, que é necessario proceder sempre conforme as circumstancias.

Não foi isso o que fizeram os boers, como vamos ver.

Depois da batalha de Modder River os boers retiraram para os *copjes* que circundam Magersfontein, formando no seu conjuncto um crescente de pontas voltadas para o sul.

Os boers, cujo effectivo é calculado em 7 ou 8:000 homens commandados por Cronje, mais tarde o celebre prisioneiro de Santa Helena, occuparam principalmente a ponta oriental do crescente, tendo como posição principal o *copje* de Magersfontein.

Nas encostas que olham ao sul, voltadas portanto para Modder River, posição que os inglezes occupavam, construíram os boers dois andares de fortificações que reforçaram com 4 peças d'artilheria; um no sopé, que sendo guarnecido com redes de arame, foi destinado a ser occupado por defensores armados com a Martini empregando a polvora negra, por consequencia com fumo, afim de atrahir sobre si a infantaria e o fogo da artilheria; o outro na *crista militar*, que corôando os *copjes* permittia bater todo o valle adjacente e collocando n'elle defensores armados com a *Mauser*, que, empregando a polvora sem fumo permittia illudir a artilheria e esmagar do alto dos *copjes* com o seu tiro invisivel a infantaria atacante.

E' realmente um plano de defeza bem concebido e é uma inovação tactica introduzida ou permittida pela polvora sem fumo, conjugada com a polvora negra.

Depois da batalha de Modder River, a 28 de novembro, lord Methuen concedeu dez dias de descanso á sua divisão, não só porque era preciso, mas tambem porque era necessario construir outra ponte de caminho de ferro, para ligar a linha, e outra de barcos, que ambas se vêem no *crocquis* que juntamos, a fim de ter segura a retirada, assim como para receber viveres, reforços e material, destacando-se

uma peça de grande calibre do couraçado *Doria*, que passou á posteridade com o baptismo de *Joe Chamberlain*, tirada por 3o bois.

A 9 de dezembro inicia-se a marcha d'avanço e manda Methuen bombardear Magersfontein com esta peça collocada a 6 kilometros de distancia, lançando 16 granadas, 10 das quaes carregadas com lyddite.

Os boers seguiram o processo de Colenso; o silencio foi a sua resposta, o que desorientou Methuen.

Como não se conhecia bem a posição dos boers e não havia informação alguma, mandou, a 10, *lord* Methuen pelas 2 horas da tarde, proceder a um reconhecimento offensivo, empregando para isso, a brigada dos *Highlanders* com 5 baterias d'artilheria, precedida dos Lanceiros com 2 peças das baterias a cavallo. A peça de marinha permaneceu na mesma posição. Apenas os inglezes tinham percorrido 3 kilometros rompe de novo esta peça o seu fogo sobre os *copjes* de Magersfontein.

N'esta altura a cavallaria era recebida pelo fogo dos boers e as baterias collocam-se rapidamente em posição a 2:500 de Magersfontein. A's 4 horas da tarde todas as baterias estavam fazendo fogo, que durou 2 horas, e ao qual os boers não responderam.

Sobre este assumpto diz o correspondente do *Morning Post*, «como fogo d'artificio, o bombardeamento era perfeito, principalmente quando se approximou a noute, as salvas da bateria que empregava a lyddite produziram uma série de erupções vulcanicas dignas do Etna e do Stromboli; mas debaixo do ponto de vista de combate, não offereceram interesse, pois que o inimigo não respondeu».

Este procedimento levou aos inglezes a convicção de que os boers tinham abandonado aquellas posições. Esta convicção foi tal que Methuen deu ordem para as baterias, os Lanceiros e os *Highlanders* pernoitarem nas posições que tinham alcançado.

A jornada de 11 constitue a verdadeira batalha de Magersfontein.

O general Methuen depois do magestoso discurso da sua artilheria não acreditou que os boers o podessem ouvir em silencio, e, zombando da sua astucia, resolveu apoderar-se dos *copjes* durante a noite. A's 9 horas começou a chover, o que succedeu durante o resto da noute.

A's 2 horas da manhã da madrugada do dia 11 por uma

escuridão que nada permittia ver, poz-se em marcha a brigada dos *Highlanders*, 4 batalhões, formada em *quarter column* (columna por companhias em linha desenvolvida á distancia de 6 passos).

O silencio era profundo e a marcha, apesar das difficuldades do terreno, fazia-se com regularidade.

A 500 metros das trincheiras boers as redes de arame impedem o passo aos inglezes. Cortam-se e com o mesmo silencio e debaixo da mesma triste e soturna escuridão continua a marcha por alguns minutos, indo sempre á frente o seu commandante, general Wouchope.

N'isto, um vivo clarão, que fere a vista, e um estampido agudo, rapido e penetrante que fere o ouvido como se fosse um raio que sahisse das entranhas da terra, quebra essa solidão.

A pequena distancia, bem perto, são tantos os clarões que se seguem e illuminam, tantos os raios que faiscam, tantos os estampidos que crepitam n'uma vasta extensão e tantas as balas que n'um virar d'olhos enviam tantos inglezes para a eternidade, que parece mais um fogo do inferno do que um combate dos homens.

Os inglezes foram surprehendidos.

O primeiro tiro dado a seu lado por um boer que acompanhou os inglezes, foi o signal d'alarme.

Os boers occultos nas suas trincheiras fuzilaram a 200 passos esta infeliz brigada.

O general Wouchope foi das primeiras victimas; apenas teve tempo de ordenar á brigada que se desenvolvesse e se lançasse por terra e cahir moribundo atravessado por tres balas e dizer—*Don't blame me, lads* (não me culpeis rapazes).

O assombro succede á surpresa, as linhas desfazem-se, os soldados misturam-se, ninguem se intende, nada se percebe, pouco se vê, só se sente a morte pela bala que fere ou pelo corpo exangue que se piza, e a fuga, a retirada doida, desordenada, succede ao espanto, ao medo.

Foi o que fez esta infeliz brigada, e nem outra cousa podia fazer perante surpresa tão perfeita e ataque tão impetuoso e vivo.

Alguns inglezes armaram bayoneta, mas aquellas que não foram quebradas pelas balas só serviram para ferir os camaradas pelas costas na retirada tão precipitada como desordenada.

Só n'esta surpresa perdeu esta brigada um quinto do seu effectivo.

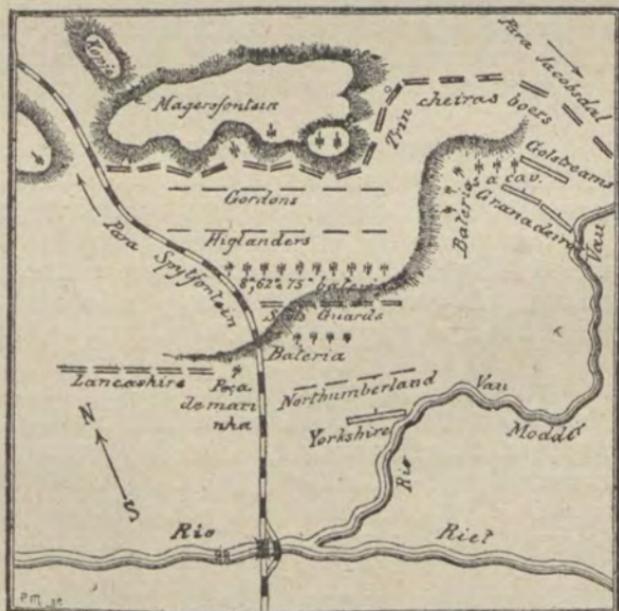
Os correspondentes inglezes são concordes em declarar que era desconhecida totalmente a existencia dos boers n'esse ponto, que não era mais do que o primeiro andar dos entrincheiramentos boers.

Nada justifica, nem mesmo esta declaração, tal marcha de noute executada em columna de companhias.

E' um exemplo frisante que muito illucida, apesar de ser bem sabida a maneira de effectuar um combate de noute. Quando depois entrarmos nas conclusões tacticas faremos as considerações que ao nosso espirito se apresentam.

*

Logo que os primeiros alvares fizeram dissipar a escuridão da noute empregaram os officiaes inglezes os maxi-



mos esforços para reconstituir a brigada dispersa, o que conseguiram em parte.

A artilheria toma as posições indicadas no *crocquis* que juntamos; isto é, á direita duas baterias a cavallo, a 1200 metros da posição boer; ao centro a 8.^a, 68.^a e 75.^a baterias de campanha, a 1:500 metros; á esquerda e reta-

guarda, a 3:500 metros, a bateria de granadas carregadas com lyddite e ainda mais á retaguarda e esquerda, a 6 kilometros, a *Joe Chamberlain*.

Toda esta artilheria era apoiada pela infanteria; as baterias de campanha pelos *Scots Guards*; a peça de marinha pelos *Lancashires*, na extrema esquerda; a bateria com granadas de lyddite pelos fusileiros de *Northumberland*; e as baterias a cavallo pela cavalleria e infanteria montada.

Assim tinha o general Methuen a sua divisão occupando uma extensão de 6 kilometros de frente.

A artilheria collocada em posição rompe logo o seu fogo contra os *copjes* que lhe ficavam na frente. As granadas de lyddite, no momento de rebentar, levantavam, diz o correspondente do *Times*, nuvens de poeira que se elevavam para o ceu como se fossem cogumelos que se mantinham em suspensão durante 10 a 15 minutos.

Estava principiada a preparação de combate.

A artilheria boer não responde, só o crepitar das *mausers* e o effeito do seu fogo revelavam aos inglezes a existencia do inimigo.

Como o fogo da artilheria não conseguiu durante 3 horas nem desalojar os boers nem diminuir e efficacia do seu fogo, era necessatio lançar para a frente a infanteria, custasse o que custasse.

A parte da brigada dos *Highlanders* que os officiaes poderam reconstituir manteve-se na frente, mas dizimada e desmoralisada como ficou era urgente reforçal-a ou substituil-a.

Foi a missão que coube aos *Gordons*, que conseguiram tomar posição na frente dos *Highlanders*, avançando em ordem dispersa, e onde permaneceram durante todo o dia.

Ao mesmo tempo os 2 batalhões dos *Goldstreams* reforçaram a ala direita, e mais tarde 1 batalhão dos granadeiros da guarda foi preencher um intervallo entre estes e os *Yorkshires*.

Lord Methuen reforçou principalmente a ala direita porque os boers tentaram dar um ataque de flanco, que foi mal succedido.

Depois dos *Gordons* terem tomado posição á frente dos *Highlanders* e depois da ala direita ter repellido o ataque de flanco dado pelos boers, deu *Methuen* ordem para que as baterias tomassem posição mais á frente, o que se pôde

fazer porque a infantaria estava mais avançada, deitada por terra, proximamente a 1:000 metros das trincheiras boers.

Era proximamente meio dia quando a artilheria, deixando de salvar por cima da infantaria que estava na sua frente, veiu occupar a mesma posição.

O fogo continuava de parte a parte.

A infantaria ingleza precisava preencher o seu papel; era necessario avançar para desalojar o inimigo. Com este intuito fizeram-se esforços em toda a linha, mas todos elles foram infructiferos, foram impotentes perante a intensidade do fogo boer. Inglez que se levantasse era inglez morto. Devido a esta imperiosa realidade não se conseguiu dar mais um *lanço* nem avançar mais um passo durante todo o dia.

O ataque perdia de interesse e até o fogo diminuira de intensidade.

Assim se conservaram todos até ás duas horas da tarde, não fazendo fogo porque não se via o inimigo e não avançando porque o tental-o seria o bastante para mostrar o corpo e attrahir sobre si o fogo adverso.

A's duas horas o theatro da batalha muda de aspecto e os louros da victoria inclinam-se para os boers.

O resto da desmoralizada e enfraquecida brigada dos *Highlanders*, que os officiaes inglezes tinham reunido, veio, depois de rendida pelos *Gordons*, collocar-se á frente das baterias de campanha, constituindo o seu verdadeiro apoio, mas ás 2 horas, tendo os boers redobrado a intensidade do seu fogo, lança-se toda ella n'um fuga doida, desordenada, fugindo cada um para sua direcção a ponto de parecer, diz o correspondente do *Morning Post*, um gado tresmalhado ou um enxame de abelhas, e que foi o espectáculo mais triste a que pode assistir um soldado inglez.

As baterias de campanha ficaram por consequencia sós e abandonadas no meio da planice, valendo-lhe, diz o mesmo correspondente, o elles terem augmentado a velocidade do seu tiro, ou os *Gordons* que se conservaram firmes nas posições que tinham conquistado, ou a pouca tendencia para a offensiva da parte dos boers, ou, finalmente, a Divina Providencia.

Este triste espectáculo, sendo presenciado por toda a linha, abalou immenso a força moral, já tão quebrada e abatida.

Comtudo, os inglezes ainda se conservaram nas posições que tinham ganho, mas ás 5 horas, abrindo fogo a artilheria boer, estava dado o golpe de misericordia.

Os *Highlanders* que se tinham reunido fugiram então até ás ambulancias.

A artilheria ingleza redroba o seu tiro, e embora contrabatesse com toda a intensidade as 4 peças boer não consegue reduzil-as ao silencio.

Quando a noute, com as suas densas trevãs, se approximava, a bateria com granadas de lyddite, como supremo esforço, começa a fazer fogo por salvas, que apenas faziam, diz o mesmo correspondente, tremer a terra.

A victoria era dos boers.

O general Methuen deu ordem para se passar a noite nas mesmas posições.

No dia seguinte os boers romperam o fogo.

A's 11 horas effectuaram os inglezes a retirada em toda a linha, o que foi feito em boa ordem, principalmente pela guarda que retirou com tanta ordem como o faria, diz o correspondente do *Morning Post*, nas paradas de Hyde Park, para irem de novo occupar as posições de Modder River, onde descansaram uns dias, onde se reorganisaram e onde tomaram alento e força paraprehender de novo a sua marcha invasora.

Pelos traços geraes com que descrevemos este combate vê-se bem claramente que os boers foram habéis na organização da sua posição defensiva e destros no tiro, mas que lhe faltou a direcção e unidade de acção.

Na guerra não ha principios systematicos a que constantemente se obedeça. Se os boers não pensassem e procedessem assim, se não fossem constantemente fieis á sua tactica defensiva e se tivessem um chefe habil, a quem obedecessem cegamente, e que soubesse aproveitar as oportunidades favoraveis e tantas vezes postas em evidencia, se os boers tivessem, finalmente, a educação e o espirito de tropas aguerridas, não deixariam ficar na sua frente 3 baterias isoladas e não permittiam, na retirada, que os inglezes manobrassem como em Hyde Park.

(*Continúa*)

DAVID A. RODRIGUES
Tenente de infantaria

SECÇÃO COLONIAL

Prende-se e liga-se intimamente, com o desenvolvimento e progresso das nossas colonias, a questão da sua força publica.

Para arrancarmos aquellas vastissimas possessões do estado de abatimento e selvageria em que ellas se encontram, urge primeiro que tudo policial-as e em seguida regenerar o preto por meio do trabalho.

A força publica das colonias portuguezas em regra é deficiente e inferiormente organizada.

O processo dos destacamentos de tropas da metropole como medida corrente para poder ter alli força sufficiente para as urgencias e eventualidades de momento, é tudo quanto ha de mais inconveniente e de mais caro

Inconveniente, porque os soldados na sua grande maioria adoecem logo sob o influxo da depressão moral que lhes causa a nostalgia, aggravada pela acção deleteria do clima e das febres palustres, e emfim, voltam para a metropole depauperados a augmentar o já hoje avultado numero de praças reformadas.

Caro, porque a despeza de transportes para tantos individuos que não podem prestar em Africa um só dia de serviço e vão, pelo contrario, encher os hospitaes das colonias, avulta no orçamento do estado em pura perda.

E' preciso pôr cobro a esse mal.

Ha muito tempo que se pensa n'isto, mas, como em geral nos acontece em muitas cousas, a nós, povo meridional e de impressões, povo que gosta deixar para amanhã o que pode fazer hoje, tem-se deixado ficar apenas em pensamento.

O actual ministro da marinha tenciona remediar este mal, e para isso já apresentou ás camaras a sua proposta de lei, com a qual concordamos nas suas linhas geraes, proposta que tem a grande vantagem de accudir a um estado de cousas verdadeiramente insustentavel.

O exercito da metropole como unidade constituida está prompto, sempre o esteve, a defender a honra da nossa bandeira, seja onde fôr que o dever o chame.

Mas é um erro obrigar-o a fornecer destacamentos periodicos para as provincias ultramarinas, porque nos desorganisa a nós sem organizar as tropas das colonias.

Porque é preciso reflectir n'isto um pouco : o processo adoptado desde 1895 até hoje, conduz-nos ao seguinte estado — tropas de Portugal destacadas nas colonias, sem augmentar o nosso effectivo; tropas de prevenção para destacar; tropas com licença da juncta pelo facto de terem estado em Africa e praças reformadas pelo mesmo motivo !

E' insustentavel.

No momento em que uma qualquer crise nos ameace o nosso prestigio, o nosso direito e a nossa soberania nas provincias ultramarinas, vá muito embora uma columna ou duas ou tres da metropole, se as tropas coloniaes forem insufficientes para restabelecer a normalidade.

Mas vá e caia logo a fundo.

Não se repitam mais os erros de 1895.

As tropas da metropole devem desembarcar nas colonias e logo entrar em operações, emquanto estão com saude, emquanto o sangue vivificado que levam da Europa não fôr envenenado pelos miasmas do im-

paludismo. Em poucos dias tudo ficará terminado, tendo-se poupado muitas vidas e muito dinheiro.

Quando em 1895 desembarcou em Inhambane a columna do commando do coronel Galhardo, com 1500 praças, pouco mais ou menos, se essa columna tivesse os meios materiaes para poder logo avançar para as terras de Gaza, em dois mezes estava tudo concluido com incalculavel economia de gente e de dinheiro, repetimos.

Assim, a columna foi forçada a conservar-se quasi inactiva desde Junho até Novembro, deixando juncada de cadaveres de soldados toda essa dolorosa etapa de Inhambane a Chicomo, e apenas pôde avançar com pouco mais de 500 praças!

Quer dizer, $\frac{2}{3}$ ficaram ou mortos, ou doentes, ou então já tinham retirado para não morrerem.

Applaudimos, portanto, tudo quanto seja organizar as forças ultramarinas com tropas indigenas, bem enquadradas com quadros europeus e apoiadas por uma ou outra força de praças europeias em certas condições.

N'esta secção promettemos desde já dar desenvolvida noticia da proposta do illustre ministro da marinha, que merece nas suas linhas geraes os applausos do exercito e do paiz, lembrando por ventura algum alvitre que tenha escapado á sagacidade e grande talento do nobre titular da pasta dos negocios do ultramar e que a experiencia e a pratica das cousas de Africa nos possa agora suggerir.

Antes porém de entrarmos directamente no assumpto propriamente technico, devemos chamar a attenção do sr. ministro da marinha para a protecção que os poderes publicos devem aos nossos camaradas, que por ventura venham a ser forçados a fazer parte dos quadros coloniaes.

E' na defeza legitima dos interesses dos nossos camaradas, sem por modo algum desprezar o interesse publico, que vamos traçar estas linhas.

E' indispensavel, primeiro que tudo, que o estado forneça quartel e mobilia aos officiaes das provincias ultramarinas.

E não se pede o equivalente em dinheiro. Pede-se quartel.

Esta questão é de primeira ordem.

O official que destaca para as unidades do exercito colonial, em regra não leva a sua familia, e em nossa opinião não a deve levar.

Este facto obriga-o logo a dividir o soldo, deixando na Europa uma parte e reservando a outra para si.

Calculando que deixa á familia uma parte do soldo equivalente ao vencimento que o official tinha na metropole, e tomando para base o posto de alferes do exercito europeu, vê-se que lhe resta apenas para manter-se nas colonias a quantia de 35\$000 réis por mez.

Ora, essa quantia é, sem duvida, insufficiente para um europeu poder sustentar-se nos climas intertropicaes. Mas ficará desde logo reduzido ás mais percerias circumstancias se fôr forçado a alugar casa para viver.

Em Lourenço Marques as casas são caras, em Loanda o mesmo, em Inhambane, uma casa pequena e má, onde a vida não é tão cara como em Lourenço Marques, custa de 12 a 15 mil réis por mez!

Por toda a parte as casas são carissimas. E ás vezes não as ha para alugar.

Os parcos vencimentos do official não comportam com semelhante despeza.

E' preciso saber-se que ha villas, cabeças de districto, onde não ha hotéis, nem casas de pasto, nem cousa alguma.

O official chega á localidade, e se não tem um amigo, um conhecido que lhe dê hospedagem, fica no meio da rua.

Ha governadores de districto, que se esquecem ás vezes que são europeus e que fazem parte da força armada de uma nação civilisada, e pouco se importam se o official, o seu camarada, o seu compatriota, tem ou não tem casa que o abrigue. Poderíamos, sobre este assumpto, contar factos authenticos bem edificantes, mas o nosso intuito não é accusar, mas sim defender os nossos camaradas que tenham de ir servir nas colonias.

Deve, por tanto, ficar consignado na lei a obrigação que o estado tem de fornecer quartel a toda a força armada, e quando não haja quartel para os officiaes, o estado deverá fornecer-lhe casa para habitação.

Nunca deixar o official na tristissima contingencia de lutar com difficuldades pecuniarias para poder manter a sua dignidade e o seu posto, nem tão pouco sujeital-o á situação deprimente e magoada de não encontrar quem o recolha, pernoitando no meio da rua.

Nunca nos deveremos esquecer que em Africa tudo está em guerra aberta contra o europeu, e por isso mesmo é mister acautelar as cousas de modo que d'essa guerra nós possamos sair sempre triumphantes, para bem da civilisação e honra do paiz.

Outro assumpto que convem desde já chamar a attenção do governo é para a questão do fornecimento dos generos da metropole, em Africa.

A administração militar deve ter a seu cargo o fornecimento dos generos metropolitanos directamente, de modo que o official seja subtrahido ás fluctuações do commercio, um commercio naturalmente avido de lucros espantosos.

O official vae para as colonias prestar um arduo e difficil serviço. E' dos maiores sacrificios que nós podemos fazer pelo bem commum, pela honra e prosperidade do nosso paiz.

Quasi que não ha compensação alguma, se não a que resulta da intima satisfação do cumprimento do dever. Todavia, não hesitamos, e para lá iremos arruinar a nossa saude e apressar o termo da nossa existencia.

Nada nos amedronta.

Apenas é licito contarmos com a protecção do estado, que deve ser o primeiro interessado em que o exercito nunca seja humilhado, nem tão pouco que a corporação dos officiaes viva em condições materialmente insustentaveis, por falta de recursos, seja onde fôr, ou na Europa ou nas colonias. E' contraproducente tal facto. E' até origem, quem sabe? de tantas cousas verdadeiramente extraordinarias que quem escreve estas linhas teve occasião de presenciar no exercito ultramarino!

E' mister não cahir na continuação de similhante erro.

Está, portanto, no interesse de todos, do governo, do paiz, das colonias e do exercito, que a vida do official europeu no ultramar seja cercada de certos cuidados, garantias e protecção legal, de modo que a todos os sacrificios não se venha juntar mais o da falta de recursos.

(Continua).

SECÇÃO DO EXTRANGEIRO

Japão. — *Exercito japonéz.* — Na occasião em que o Japão parece tomar uma attitude ameaçadora no Extremo Oriente, depois do papel preponderante que tem desempenhado nos ultimos annos, parece-nos opportuno dar aos nossos leitores uma ideia dos seus effectivos.

No fim do anno corrente o Japão disporá de: 13 divisões de infantaria a 2 brigadas, comprehendendo cada uma d'estas 2 regimentos de tres batalhões a 4 companhias, ou sejam 156 batalhões; 13 regimentos de cavallaria a 5 esquadrões; 13 regimentos de artilheria com 117 baterias, sendo 39 de montanha; 6 regimentos de artilheria de posição; 13 grupos de engenharia e 1 grupo de caminhos de ferro.

Os effectivos em tempo de paz serão os seguintes: regimento de infantaria 1:950 homens; regimento de cavallaria 752 homens e egual numero de cavallos; regimento de artilheria 1:223 homens e 495 cavallos.

Os effectivos totaes em pé de guerra são: *exercito activo*, 326:078 homens; *reserva*, 179:887 homens; *landswehr*, ou 2.^a reserva, 97:151, o que prefaz o total geral de 603:116 homens com mais de 30:000 cavallos.

A infantaria é armada com a arma modelo 1898, systema Arisaka, de 6^{mm} de calibre, e a cavallaria com a carabina Mourata, modelo 1894, ambas de invento japonéz.

A artilheria está armada com peças de tiro rapido.

Todos os pontos estrategicos importantes, seja nas costas seja no interior, estão fortificados e armados com peças dos modelos mais aperfeiçoados.

O orçamento proposto para o custeio das despezas militares durante o anno corrente foi fixado em 53.235:885 *yens* ou seja 34:337 contos; sendo 3:569 contos destinados á construcção de novos fortes, 6:489 contos para o pagamento do pessoal e 80 contos destinados ao custeio das *despezas secretas*.

O restante é destinado para viveres, uniformes, equipamentos, remonta, publicação de planos, levantamento de cartas, etc., etc.

Allemanha. — *Instrucções para as proximas manobras.* — As disposições relativas ás grandes manobras do corrente anno foram recentemente publicadas, e o seu resumo é o seguinte:

As manobras imperiaes, isto é, aquellas a que assiste o Imperador, são executadas pelos corpos d'exercito I e XVII, cujos quartéis generaes são respectivamente em Koenigsberg e Danzig, operando um contra o outro.

O chefe do estado maior general do exercito fica encarregado de organizar a composição de cada um d'elles e de submeter á apreciação do Imperador um projecto sobre o assumpto.

Entre as tropas affectas a estes corpos d'exercito figuram o destacamento de aeronautas.

As instrucções recommendam aos demais corpos d'exercito o escolher a epocha para os seus exercicios, tendo em conta, o mais possivel, o não prejudicar os trabalhos agricolas.

Executar-se-hão grandes manobras de sapadores entre o Elba e o Saale.

Nos corpos d'exercito I, II, III, VI, VIII, XI, XIV e XII organisar-se-hão viagens de instrucção para a cavalleria.

Todas as tropas a pé devem estar de regresso ás suas guarnições a 30 de setembro, o mais tarde, para se proceder ao licenciamente annual.

Grupos de metralhadoras. — Em virtude d'uma ordem do gabinete de 29 de março passado os grupos de metralhadoras que devem ser organisados no dia 1 d'outubro do anno corrente serão affectos em tempo de paz aos batalhões de infantaria ou caçadores. Serão collocados exclusivamente debaixo dos ordens dos generaes commandantes dos corpos d'exercito e do inspector dos caçadores, ficando nas mesmas condições que estes batalhões. Os commandantes d'estes grupos terão as mesmas attribuições que os commandantes de companhia em tudo que se refira a permissões e punições.

Em França, na presença do general Houry e de muitos officiaes de todas as armas, effectuaram-se em Cherburgo, no polygono Querqueville, experiencias comparativas de tiro entre as metralhadoras Hotchkis, adoptadas ultimamente para os batalhões de caçadores alpinos, e uma secção de 50 atiradores de infantaria colonial.

O tiro rapido das metralhadoras foi concludente; 2 homens com uma metralhadora produziram o mesmo effeito que 200 atiradores.

As metralhadoras estão sendo ultimamente empregadas. Na Allemanha, como vimos, tem se creado grupos de metralhadoras. Na Inglaterra cada batalhão de infantaria tem, em geral, uma metralhadora, prestando na ultima campanha do Transvaal importantes serviços. Na França tambem se está vulgarisando muito o seu emprego, como não podia deixar de ser, e na Russia acabam de ser creadas cinco companhias de metralhadoras affectas ás divisões de infantaria.

Parece-nos que seria uma medida acertada se entre nós se dotasse cada batalhão de caçadores, pelo menos, com uma metralhadora, pois que dando uma velocidade de tiro muito grande, não sendo dispendiosas nem caras e exigindo, além d'isso, um pessoal muito limitado offerencem vantagens que as tornam altamente recommendaveis.

França. — *Os proximos soldos dos capitães.* — A partir de 1 de julho proximo, o soldo dos capitães será de 3:500, 4:000, 4:500 e 5:000 francos, segundo a classe a que pertencerem, o que representa um augmento respectivamente de 440, 580, 720 e 860 francos sobre os soldos que actualmente percebiam.

A classificacão por classes faz-se em relação á antiguidade do posto que vem a ser:

Pertencem á 1.^a classe os capitães com mais de 12 annos de serviço n'este posto, á 2.^a os que tenham mais de oito annos, á 3.^a os que tenham cinco annos e, por ultimo, á quarta os restantes.

Por enquanto só os capitães tiveram em França augmento de vencimentos, mas o ministro da guerra tenciona tambem augmentar o soldo de todos os mais officiaes no orçamento de 1902.

Exercicios de tiro e indemnisações. — A França, seguindo os exemplos da Allemanha, está-se preoccupando seriamente com a instrucção

de tiro que é, em boa verdade, aquella sobre que deve prender todas as atenções, porque é o tiro que dá a victoria.

Como ainda os francezes não dispõem de numerosos campos de tiro determinou o ministro da guerra, para supprir essa deficiencia, que as auctoridades militares se podessem apoderar momentaneamente das propriedades privadas, excepto casas de habitação e seus pertences, para nellas se executarem os fogos de guerra em grande escala e que possam ao mesmo tempo impedir a passagem pelas regiões que entenderem ser conveniente.

Italia. — *Ensaio de mobilisação em grande escala.* — No proximo verão terá logar na Italia um ensaio de mobilisação em grande escala, para o que se mobilisarão em pé de guerra o V e VI corpos d'exercito, chamando, para isso, ás fileiras todos os individuos da reserva ou do exercito territorial que lhe estejam affectos.

Este ensaio é de iniciativa pessoal do novo rei Victor Manuel, que deseja que esta experiencia substitua as grandes manobras.

Suecia. — *Torpedo aerio.* — Em Stokolmo estão-se fazendo experiencias com um novo modelo de torpedo aerio inventado pelo major sueco Unge.

Utilizando a força expansiva de um gaz consegue o major Unge lançar um torpedo carregado com materias explosivas a uma distancia de 5 kilometros.

Se os resultados das experiencias forem favoraveis este invento pode tornar inuteis as actuaes peças de artilheria.

Portugal. — *As ultimas manobras d'outomno avaliadas pelos estrangeiros.* — O jornal londrino — *Journal of the royal united service institution* — transcreve da revista allemã — *Militar Wochenblatt* — uma noticia critica a respeito dos exercicios que ultimamente se realisaram em Chelleiros e da qual extrahimos os periodos seguintes :

«A execução das manobras revelou muitas faltas, umas debaixo do ponto de vista de organização e outras debaixo de ponto de vista tactico.

Notou-se o grande peso do equipamento dos soldados de infantaria, que em ordem de marcha pesa 32 kilogrammas, quando a experiencia mostra que o peso total transportado pelo soldado nunca deve exceder 24 a 25 kilogrammas. Consequentemente, a infantaria teve um numero não usual de retardatarios durante os primeiros dias de marcha.

O mesmo pode ser dito da cavallaria. Os regimentos de lanceiros são de cavalleria ligeira sómente no nome. Cada soldado constitue um regular arsenal, o que o torna incapaz de explorar e perseguir o inimigo, não podendo tambem montar e desmontar expedictamente, que é uma infelicidade que muito estorva os combates em terrenos accidentados. Da mesma maneira os cavallos são tambem demaziadamente carregados, o que muito os fatiga logo nos primeiros dias. Além d'isso, nem a artilheria nem os serviços medicos estão bem equipados, porque estão equipados como a infantaria.

Estas e outras faltas, cujo numero pode facilmente ser augmentado, tornam peremptoriamente necessario que um systema regular seja ordenado tão cedo quanto as circumstancias o permittam, isto é, regular estes serviços ao mesmo tempo que as finanças, as duas medidas mais necessarias.

Muitos dos seus regulamentos precisam ser modificados.

Um outro papel podem desempenhar as escolas praticas das diferentes armas, dentro da actual organisação, pois que hoje não preenchem o fim a que são destinadas. A escola pratica de infantaria pode ser transformada n'um campo de manobras, a escola pratica de artilheria n'um campo de tiro, a de cavalleria pode ser abolida totalmente e a escola pratica de engenharia restringida, a fim de que maior attenção se possa dispensar, no final da instrucção, a trabalhos em mais larga escala.

Cada anno duas companhias de infantaria de cada uma das quatro divisões, um esquadrão e uma bateria deveriam ser destacadas para as escolas praticas a fim de se instruirem nos serviços de campanha, reunindo-se depois e podendo assim manobrar umas contra as outras com os effectivos em pé de guerra. Estes exercicios sendo feitos annualmente seriam muito uteis aos altos commandos e aos seus subordinados. Sómente por este methodo, ou outro semelhante, acrescenta o mesmo critico, pode a instrucção do exercito, tão pouco preparado para o combate, ser melhorada.

O presente systema produz exactamente o effeito contrario.»

• Não deixa de ter sua originalidade a critica do jornal allemão.

Ha n'ella cousas verdadeiras e ponderaveis, mas ha tambem muita phantasia.

Que ha toda a vantagem e conveniencia em se aligeirar o soldado e o cavallo, diminuindo o peso transportavel tanto por um como pelo outro, não ha duvida alguma.

As ideias do illustre ministro da guerra são estas, e tanto assim, que já foram dadas as ordens convenientes para que as commissões de aperfeçoamento das differentes armas procedam ao estudo relativo ao aligeiramento do nosso soldado, e á diminuição do peso exagerado dos arreios e equipamento dos cavallos.

Está tambem sendo estudado um novo modelo de calçado para o soldado de infantaria, tendo já começado as respectivas experiencias.

Procura-se obter a dupla vantagem de diminuir o peso do calçado e augmentar a sua adaptação ao pé do soldado, facilitando as marchas.

De resto, com relação ás nossas escolas praticas, ha de o collega allemão perdoar que lhe digamos que isso é com-nosco.

Nós é que sabemos e conhecemos as vantagens e a utilidade das nossas escolas praticas.

Agradecemos o conselho de transformar a escola pratica de infantaria em campo de manobras, mas não podemos acceitar.

SECÇÃO OFFICIAL

Tratamento de solipedes — Fundo de diversas despezas

Circular n.º 1903 da 5.ª repartição da secretaria da guerra, de 22 de setembro de 1900.

Esclarece que pelo fundo das diversas despezas devem ser pagas todas as precisas para tratamento das solipedes, quer os seus curativos sejam feitos nas companhias, quer tenham de baixar ás enfermarias.

Licença registada para estudos — Notas biographicas

Circular n.º 36 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 6 de outubro de 1900.

Determina que nas «notas biographicas» da matricula dos voluntarios, aos quaes tenha ou haja de ser concedida licença registada para estudos nos termos do decreto de 5 de julho do corrente anno, se mencione tal concessão, com designação do referido decreto, afim de se lhe exigir os seis mezes de serviço effectivo, a que estão obrigados.

Uniformes — Praças com licença para estudos

Ordem circular n.º 39 do commando da 1.ª divisão militar de 15 de outubro de 1900

Diz, que tendo-se apresentado n'aquelle quartel general algumas praças de pret da divisão com licença para estudar alistados ha mezes, e mesmo ha annos, com traje civil, allegando como razão o facto de lhes ser tolerado pelos commandantes dos corpos a que pertencem ou a que estavam addidos, quer nas apresentações para pagamento de pret, quer na ultima apresentação para receberem guia para o quartel general, o que n'estas condições não lhes deveria ter sido conferido; declara que estas apresentações não podem ser accites n'aquelle quartel general e que a S. Ex.ª o General commandante da divisão será extremamente agradavel que taes abusos se não repitam, bastando para isso que os commandantes das unidades mandem observar escrupulosamente aos seus subordinados o que se acha prescripto na circular da secretaria da guerra n.º 5 de 22 de julho de 1896, dando unicamente, como tolerancia para uso de uniformes dos mancebos que assentarem praça, o tempo necessario para a sua confecção e castigando rigorosamente quem infringir tal ordem.

Passagem á 1.ª reserva, findos dois annos

Circular n.º 42 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, 18 de outubro de 1900.

Ordena que a passagem á 1.ª reserva das praças de pret, a que se refere o artigo 1.º do decreto de 4 de outubro de 1899, se faça logo que

completem dois annos de serviço e independentemente do cabimento mencionado no § 1.º do referido artigo.

Livros para o 1.º e 2.º cursos das escolas regimentaes, que a Imprensa Nacional está habilitada a fornecer

Ordem circular n.º 40 do commando da 1.ª divisão militar, de 25 de outubro de 1900.

Informa que existem á venda na Imprensa Nacional os seguintes livros destinados aos 1.º e 2.º cursos das escolas regimentaes: — 1.º curso, Methodo logographico; Quadros parietaes; Quadro para ensino de calligraphia; Selecta, 2.º grau (4.ª edição) — 2.º curso, Desenho linear (texto e atlas); Selecta militar; Noções de gramatica portugueza; Arithmetica; Geometria; Elementos de geographia; Noções essenciaes á orientação e leitura de cartas; Breves noções de hygiene militar; Noções geraes de hyppologia.

Escola Nacional de Esgrima

Circular n.º 1:331 da 3.ª repartição da secretaria da guerra, de 30 de outubro de 1900.

Manda dar conhecimento aos officiaes residentes na capital, que s. ex.ª o ministro da guerra aceitou o offerecimento feito pelo mestre de gymnastica e esgrima da Escola do Exercito, Antonio Domingos Pinto Martins, para que os officiaes habilitados com o curso de esgrima podessem frequentar as salas e classes da «Escola Nacional de Esgrima», de que o alludido mestre é director, sem pagamento de quota ou outra remuneração.

Matricula no 1.º curso das escolas regimentaes

Circular n.º 273 A da 3.ª repartição da secretaria da guerra, de 31 d'outubro de 1900.

Diz que tendo muitos commandantes de corpos informado que, por falta de casas para aulas com a capacidade sufficiente, deficiencia do material e de outras circumstancias, é nullo o aproveitamento da quasi totalidade dos alumnos analphabetos, que se matriculam no 1.º curso das escolas regimehtaes, por occasião da incorporação do contingente annual, não podendo ao mesmo tempo os professores dedicarem especial cuidado ás praças que já teem alguma instrucção e que poderão obter os conhecimentos exigidos para ascender a 1.ª cabos, determina sua ex.ª o Ministro que provisoriamente, emquanto subsistirem as difficuldades acima apontadas, não tenha inteira execução o disposto no artigo 7.º do regulamento de 16 de julho de 1896, sendo a matricula do 1.º curso voluntaria para os recrutas analphabetos e só obrigatoria para os que possuam algumas noções de leitura e que haja probabilidade de que durante o periodo de instrucção de recruta adquiram os conhecimentos necessarios para poderem ascender a 1.ª cabos.

Subscrição aberta no regimento de infantaria n.º 3 a favor da viuva e filhos do fallecido tenente d'este regimento Francisco Augusto Filgueiras

RECEITA

	Transporte	304\$365
Tenente de infantaria M. M. dos S. S. P. Sotto-Maior		12\$000
" " " Abel M. Falcão		5\$500
" " " M. de J. Valladas Paes		30\$000
Officiaes inferiores de infantaria 3		6\$080
D. Adelaide Nunes (Lisboa)		2\$000
	Somma	354\$945

DESPEZA

Vestuario para a familia Filgueiras	10\$000	
Aluguer da habitação do 2.º semestre de 1900	14\$000	
Alimentação do 2.º semestre de 1900	44\$426	
Certidões diversas	1\$450	
Expediente	5\$510	
	Somma	75\$385

Receita	354\$945	
Despeza	75\$385	
	Saldo	279\$500

279\$550 réis, depositados na caixa economica portugueza, destinados a custear as despesas da viuva e filhos do tenente Filgueiras. Vianna do Castello, 2 janeiro de 1901.

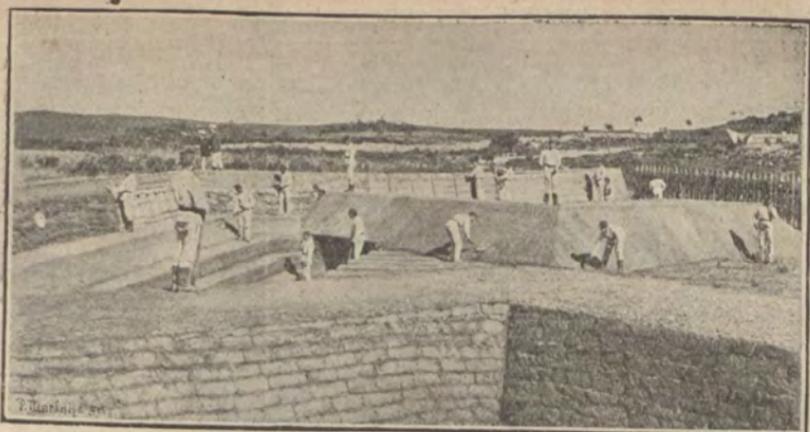
A commissão

BENTO MANUEL GONÇALVES ROMA
Tenente-coronel de infantaria 3

LUIZ AUGUSTO DE SOUSA SANCHES
Capitão de infantaria 3

CUSTODIO MARIA JOSÉ BARBOSA
Capitão de infantaria 3

ANTONIO AUGUSTO ALVARO PEREIRA
Tenente de infantaria 3

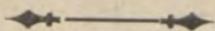


4.º Anno

Julho de 1901

N.º 7

REVISTA DE INFANTERIA



O TERRENO E AS ARMAS MODERNAS

TERRENO INCLINADO ABAIXO DA LINHA DE MIRA

(Continuado do n.º 12 — 3.º anno)

A occupação das posições nas cristas militares, condemnada em theoria no tiro inclinado, mas aconselhada por considerações d'ordem puramente tacticas, expõem o defensor á rasança do fogo atacante quando este saiba conseguir a propriedade a que as armas modernas tanto se prestam a evidenciar. Este extraordinario augmento de terreno perigoso, alcançado com o bom emprego de fogos em terreno inclinado abaixo da linha de mira e favoravel á rasança, tornam-n'os preponderantes em campanha, sendo especialmente sobre elles que mais têm convergido as atenções profissionaes.

Não devemos, porém, esquecer que os seus efeitos serão sensivelmente attenuados se o defensor souber adaptar ás circumstancias o seu dispositivo de combate, quer di-

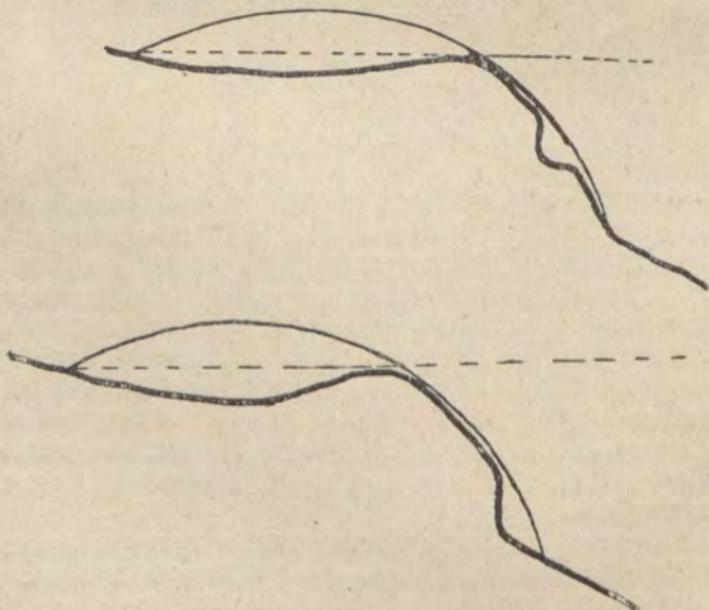
minuindo-lhe a profundidade nos pontos de maior convergencia de fogos, quer sabendo aproveitar todos os espaços mortos á rasança ¹.

Lembra-nos Paquié, um dos mestres do tiro inclinado, que na guerra nem sempre fazemos o que queremos, mas que deveremos estar prevenidos para todas as circumstancias e saber aproveitar as boas occasiões que se deparem.

Os fogos parallelos, pouco vulgares na guerra, são de simples direcção, os seus resultados dependem especialmente da disciplina das tropas empregadas e ascendente do chefe; qualidades que quasi bastam para a execução de fogos fixantes, pois que estando o terreno sobre que se executam sempre exposto á nossa observação directa, facilmente conseguimos a noção da influencia da sua inclinação nas zonas batidas, que serão sempre inversamente proporcionaes a essa inclinação sobre a linha de mira.

Os fogos rasantes são de mais difficil execução. Uma direcção inhabil manifesta-se especialmente nos terrenos

¹ Consideramos espaços mortos á rasança as depressões de terreno ou rapidas mudanças de declive que nunca poderão ser batidas pelas trajetórias que se adaptam ao declive predominante, como indicam as figuras seguintes:



inclinados abaixo da linha de mira, onde o effeito util alcançado será sempre limitadissimo se não conseguirmos a rasança.

Para este fim é indispensavel a noção das qualidades balisticas da arma e a apreciação rapida e judiciosa do valor do terreno subordinado á rasança, pois que evidentemente na execução de fogos rasantes, as trajetorias que melhor se adaptam ao terreno serão as que tiverem os seus angulos de queda muito proximos dos angulos d'inclinação do terreno. As suas tangentes serão aproximadamente o valor do declive.

Crescendo os angulos de queda com as distancias, quanto maior fôr o declive do terreno a rasar, mais affastada será a origem do tiro.

Se na figura seguinte pretendermos rasar o terreno *AB*, e se para esse fim lhe adaptarmos o ramo descendente d'uma trajetoria, determinaremos para origem do tiro o ponto *O*. Qualquer outra trajetoria sufficientemente affastada d'esta origem daria o resultado que na mesma figura observamos. Esta rigorosa adaptação de trajetorias pela determinação d'origem constitue a rasança mathematica, problema que o tenente André, da infantaria franceza, julga resolver, com a construcção do seu *clipsometro*, d'uma maneira vantajosa sobre todas as pranchetas de tiro.



A resolução d'estes problemas por processos theoreticos ou graphics subordinados a declives uniformes e com exigencia de cartas d'um rigoroso figurado do terreno, difficil d'encontrar na pratica, é inacceptavel em campanha.

Experiencias realisadas no estrangeiro, em campos de tiro, e de que temos noticia, affirmaram que, commettendo-se um erro de 200^m para mais ou para menos na determinação d'origem para a rasança mathematica, ainda n'estas condições obteremos effeitos apreciaveis de rasança.

Com tal tolerancia, afigura-se-nos facil habituar o official a operar pelo instincto, se soubermos oriental-o n'uma instrucção preparatoria, onde então as pranchetas e especialmente o *clipsometro*, prestarão importantes serviços.

Pelo que temos exposto a rasança arrasta-nos á execução de fogos a grandes distancias, de cuja vantagem se tem procurado duvidar, apesar de ser incontestavel que a sua execução é feita em melhores condições de disciplina, visto a distancia enfraquecer a excitação dos homens produzida pelo combate, facilitando pois a economia e o abastecimento de munições.

As zonas batidas são aproximadamente as mesmas que se consegue bater a distancias medias.

As campanhas do seculo passado provaram a sua vantagem, ainda mesmo quando executados por tropas sem preparação especial e armamento pouco apropriado. N'estas condições obtiveram os francezes efeitos consideraveis.

Se não quizermos reconhecer o emprego de fogos a grandes distancias como um processo de guerra util, desprezaremos a rasança e condemnaremos os mais importantes aperfeiçoamentos introduzidos no armamento. A potencia do tiro deixará de ser proporcional á tensão das trajetórias e os officiaes da arma serão aliviados d'uma grande exigencia d'aptidão.

(Continúa)

Mafra, 12 maio de 1901

ANTONIO GOMES DA SILVA
Tenente de Infantaria

OS CABOS

São os *ultimos* na hierarchia militar; mas os regulamentos expressamente exigem que elles sejam os *primeiros* responsaveis pela boa educação dos soldados, cumprindo-lhes vigial-os, ensinal-os, admoestal-os, não devendo perder a mais minima occasião de os tornar aptos para o cumprimento dos seus deveres militares.

Essa modesta quanto importante classe, esses obscuros quão magnificos auxiliares do commando, essas sentinellas vigilantes aos bons costumes da caserna, tambem estão passando por uma crise bastante séria, e se os poderes superiores não procurarem remediar os males que d'ella pôdem resultar, a entidade cabo, que, infelizmente, já hoje tem perdido muitas das suas antigas qualidades profissionaes, passará, dentro em pouco, á historia, com bastante prejuizo do commando.

Se nos tempos passados era necessario que o cabo possuísse, senão instrução variada, pelo menos uma educação militar bastante completa, hoje, que a diminuição do tempo de serviço trouxe comsigo a necessidade de não deixar passar um momento que não seja aproveitado no ensino, ainda mais competencia deve ser exigida ao cabo. E' preciso que

elle saiba tirar de cada facto, de cada circumstancia occorrida no serviço, a necessaria e proveitosa lição. Ninguem como elle terá tanta occasião de ensinar e moralisar. Ninguem como elle poderá auxiliar o commando na educação do soldado. Infelizmente ao mal da *qualidade*, á falta d'esses velhos cabos, que eram como que o exemplo vivo da boa disciplina, temos hoje a accrescentar um outro mal que não é menor, que é o mal da pouca *quantidade*. Com effeito, se não surgem providencias promptas e bem orientadas, tendentes a conseguir o recrutamento dos cabos, esta classe passará á historia, o que, na verdade, constitue um mal de graves consequencias militares. Só os absolutamente ignorantes das coisas militares duvidarão d'esta verdade.

*
* *

A *remissão* é um mal e tambem tem sido um bem.

Tem sido um bem porque desde que o thesouro publico começou a estar pobre, é ao fundo das remissões que se tem recorrido para compra d'armamento para a artilheria e infantaria e mais material de guerra, e até compra de mobilia para quartéis.

E ainda é com esse fundo que se tem podido dar alguma instrução ás nossas reservas.

Entretanto, a remissão tambem tem sido um mal, porque tem sido ella que tem levado das fileiras o soldado que sabe lêr, deixando nos regimentos quasi uma totalidade de analfabetos. Como, em geral, é o soldado que possui alguma coisa de seu, que sabe lêr, e como até o que se rime, d'ahi resulta que os commandantes de companhia luctam com difficuldades enormes, invenciveis até, para poderem preencher as vagas de cabos existentes nas suas companhias. E, como as vantagens que os cabos tem são muito poucas, succede que ainda os soldados que sabem lêr, não concorrem aos exames, porque assim veem em perigo um pedido de licença, augmentadas, por outro lado, as suas responsabilidades. Ficam, portanto, uma e muitas vezes, os concursos desertos, as casernas apenas com alguns recrutas sem experiencia e os commandantes de companhia sem esse precioso elemento de proveitosa lição chamado o — cabo d'esquadra — que tantos serviços poderia prestar á causa de educação militar, caso os houvesse em numero sufficiente e nas condições precisas. Para obviar ao mal que temos apontado, ainda é *ao fundo das remissões* que iremos procurar parte do remedio para o combater.

*
* *

Para nós continua sendo uma idéa fixa, filha de uma sincera convicção, acompanhada da pratica de alguns annos dedicados ao ensino do soldado, que o tempo de serviço effectivo para o soldado de infantaria — nos paizes pequenos e pobres como o nosso — póde ainda ser reduzido. Não falamos no soldado destinado ás outras armas. Os nossos camaradas d'essas armas que digam de sua justiça. Emquanto ao soldado de infantaria crêmos que elle póde ser instruido de modo a ser um bom soldado em menos de seis mezes d'instrução. Fixemos, entretanto, em seis mezes o tempo de serviço effectivo necessario para o seu ensino.

E' claro que contra nós se hão de levantar aquelles que entendem que o soldado precisa do mesmo tempo que um estudante gasta na sua formatura em direito. Hão de accusar-nos de pouco alcance de vista aquelles que não dão um passo sem pôr o passeio em equação. E tam-

bem hão de ser contrários á nossa opinião os que teem pelo soldado allemão uma verdadeira adoração, por causa, especialmente, da sua *iniciativa*, e ainda outras quejandas qualidades.

Nós ousamos dizer a esses senhores que, não obstante o seu saber, confundem, deploravelmente, a missão do soldado com a dos cabos. Diremos que n'um paiz pequeno como o nosso, não podendo conservar em armas grandes effectivos, e tendo uma vasta fronteira terrestre e maritima, que demanda um effectivo consideravel, deve ser reduzido o tempo de serviço de modo a que, em um só anno, em vez de instruir um contingente de dez mil homens, com o mesmo dinheiro, e no mesmo anno, possamos instruir vinte mil homens. Não é necessario grande alcance de vistas nem calculos difficeis para demonstrar facilmente a verdade d'esta afirmação.

Diremos, finalmente, que pretender que o soldado tenha iniciativa propria, que não seja a de escolher um abrigo a alguns passos de distancia, ou a de dar o alarme quando surprehendido, pretender que elle tenha iniciativa é trabalhar pela desordem, pela confusão e pela destruição da unidade d'acção da companhia.

Se a iniciativa dos quadros subalternos, póde ser, algumas vezes, a base de felizes emprehimentos, a iniciativa do soldado deve ser a base de formidaveis desastres.

Um soldado em combate só tem um dever a cumprir: a obediencia.

O que seria do commandante da companhia se o soldado entendesse que tambem tinha o direito de iniciativa?! E, ás vezes, a iniciativa constitue um perigo quando usada por um graduado, o que por ahi não iria se o soldado a exercesse!

Portanto, a instrucção do soldado de infantaria nos paizes pobres e que demandam grandes effectivos, fica completa desde que o soldado saiba a chamada escola de esquadra, serviço de segurança, e saiba ser um bom atirador, e, sobretudo, saiba obedecer. Evidentemente essa instrucção póde ser dada em menos de seis mezes. E pelo que diz respeito a obediencia, nós não temos absolutamente duvida alguma em afirmar clara e peremptoriamente que temos observado que o espirito de obediencia não é maior no soldado velho do que no soldado novo. Antes pelo contrario! As estatisticas criminaes respondem a isso eloquentemente. E a observação dos factos tambem falam aos nossos olhos e entendimento. Qual é a causa d'este paradoxo?

Apenas o dissolvente e atrophizador serviço de guarnição e destacamentos. Não ha outras causas. Mas se ao soldado bastam seis mezes, para os cabos não são sufficientes alguns annos. Teem elles importantes deveres a cumprir, quer no serviço interno, quer no campo. Conserval-os durante alguns annos nos regimentos é prestar um bom serviço ao exercito.

E' preciso que elles sejam *professionaes* e que tenham pelo regimento verdadeira dedicação.

E' necessario que em cada companhia haja, pelo menos, 16 cabos que sejam como que o esqueleto em torno do qual venham agrupar-se os soldados em combate.

E' necessario ainda que elles não ignorem as regras de tiro, avaliação de distancias, a escolha d'abrigos, o ataque, a defeza e, sobretudo, que sejam dotados d'um grande sangue frio, não perdendo facilmente a cabeça, e tenham verdadeira aptidão para o serviço.

Convem que elles sejam o apoio seguro dos soldados novos, podendo os commandantes das companhias contar absolutamente com a sua dedicação e bom serviço. Para se conseguir este conjuncto de qualidades

é necessario não só que haja por onde escolher, mas ainda que, depois de escolhidos, tenham um largo tirocinio.

*
* *
*

Assentes, pois, estes principios, que são como que as premissas d'um syllogismo, não havendo dinheiro nos cofres para dar aos cabos, e não havendo necessidade de que o soldado de infantaria se demore nas fileiras mais de 6 mezes, se elle não tem em vista a promoção a cabo, naturalmente se deduz que, conservando por motivos obvios, o principio do serviço effectivo durante dois annos, nós podemos baixar o preço das remissões aos seis mezes.

As remissões ficariam como que sendo uma taxa militar para os recrutados que, findos os seis mezes, quizessem ir para suas casas. Suppondo que eram chamados dez mil em cada semestre, embora abatessemos seis mil homens, ainda nos ficavam uns dezeseis mil homens, que, pagando uma taxa de trinta mil réis, podiam produzir quatrocentos e oitenta contos. Ora com esta importancia podia-se, não só melhorar as condições dos cabos *professionaes*, mas ainda sobraria muito dinheiro para compras de mais armamento. E, acompanhando esta medida e outras complementares, nós conseguiriamos que nos regimentos houvesse sempre nucleos de cabos *professionaes* que podessem occorrer a varias contingencias, não havendo que receiar da impericia dos soldados novos.

Assim, essas medidas podem ser:

Reservar nos diferentes ministerios logares e empregos para os cabos bem comportados, contando um certo tempo de serviço, a exemplo do que se faz com os sargentos;

Conseguir eguaes beneficios das companhias protegidas pelo estado;

Collocar nos corpos de segurança publica, de preferencia a quaesquer outros individuos, os cabos que se acherem em boas condições.

Emfim, inventar, descobrir e arranjar vantagens que possam provocar a demora nas fileiras dos cabos que estejam nas condições de fazer bom serviço.

O problema é d'uma grande importancia. Constitue como que o elemento que deve ligar os materiaes que entram na construcção dos alicerces da companhia. Os bons cabos são elementos essencialissimos da caserna e do combate. Conserval-os nas companhias durante um longo praso, adestral-os na pratica do serviço, é garantir a cohesão das fracções e a boa acção do commando. Só quem nunca manobrou é que poderá ignorar estas verdades conhecidas de todos os que sabem alguma cousa do serviço militar.

Pódem dispensal-os de varios estudos theoricos. O que elles, porém, devem saber é, como dissemos, calcular distancia, regular o tiro, impeller a fracção, abrigal-a convenientemente, conserval-a debaixo de mão disciplinada para o momento do choque, inspirar a confiança do recruta, e hoje só ha recrutados, conservar-se attento ás ordens dos seus chefes, e arrastar após de si o grupo quando receba ordem para isso.

Se conseguirmos cabos n'estas condições poderemos ter as companhias cheias de soldados novos. Em roda de cada cabo pódem agrupar-se 16 homens, e se elevarmos os cabos a 16 em vez de 12, a companhia póde receber no seu quadro 250 homens.

Pretender, porém, que a companhia não tenha cabos e deva receber 250 homens para o combate, é pretender um absurdo.

J. X. D'ATHAIDE E OLIVEIRA

Major de infantaria

A MARMITA E O COBRE-NUCA DO SOLDADO

.....
Todos os officiaes conhecem o grande effeito do cobre-nuca e marmita de mochila ás grandes distancias, mas o habito de prestarem maior attenção ás coisas de maior valia, assim como á grande tactica, á maior ou menor flexibilidade d'esta ou d'aquella unidade, etc., são factores importantissimos para lhes fazer passar desapercibido o inconveniente da côr do cobre-nuca e brilho da marmita.

Comtudo, innumeradas vezes, quando espéctadores n'alguns exercicios, dizemos ou ouvimos dizer — lá vão elles — ou — lá estão elles — só pelo simples facto dos cobre-nucas ou marmitas que são, principalmente estas, verdadeiros heliographos que a grandes distancias transmittem a traiçoeria phrase — cá vamos — ou — cá estamos.

Tenho notado em todos os exercicios o grande inconveniente do cobre-nuca ser branco e a lata da mochila tal como está.

Os cobre-nucas n'um pequeno grupo de soldados produzem ao longe um effeito que para o militar não é facilmente confundivel com qualquer outra cousa.

N'um dia claro, ainda mesmo que não haja sol, a 1:200 ou 1:500 metros distingue-se perfeitamente a passagem de um para outro ponto, de qualquer força, só pelos cobre-nucas.

E' facto que os commandantes das unidades recommendam amiudadas vezes que em certos casos tirem as barretinas, mas isto nem sempre é exequivel.

Umadas vezes, pelo enthusiasmo adquirido, esquece o perigo denunciador do cobre-nuca (sendo crível que tambem possa esquecer em campanha); o soldado, por ignorancia, não tira a barretina sem lh'o dizerem; ao fim d'algum tempo, transpirando, póde perigar a saude estando com a barretina na mão; se ha sol, o perigo d'uma insolação, finalmente, porque a barretina só deve estar na mão do soldado em actos religiosos.

A marmita, funcionando como um espelho, basta fallar n'ella para surgirem todos os inconvenientes do seu poder reflector.

A uma distancia ainda fóra da acção do fogo, já a marmita denuncia a passagem d'uma força; e, comtudo, não julgo difficil remediar qualquer d'estes inconvenientes.

Os cobre-nucas deveriam ser d'uma côr escura (talvez a dos sacco da patrona ou da capa do cantil, julgando esta preferivel), e as marmitas resguardadas n'um sacco apropriado e da mesma côr, que só deveria usar-se, para maior duração, em exercicios ou campanha.

Isto emquanto á côr, porque a fórmula tambem a meu vêr tem graves inconvenientes.

Chovendo, o cobre-nuca depois de molhado quasi que adhere á cabeça, motivo porque o soldado vae constantemente a affastal-o para evitar ou suavisar a tão desagradavel quão prejudicial impressão do frio; fazendo calor levantam-o para cima da barretina, evitando uma excessiva concentração de calôr e transpiração, tão incommoda e inconveniente.

Talvez que, se o cobre-nuca saisse com uma dada curvatura, o que não seria difficil, por uma forma especial ou mesmo um arame, se podesse evitar em parte este inconveniente.

Postas estas questões, não quero ter a veleidade de pensar que o meu alvitre seja o bom; ao alto criterio de qualquer outro camarada fique o prazer d'uma solução satisfactoria.

.....

ANTONIO CANDIDO M. T. DE MENEZES PINTO
Capitão d'infanteria



VELOCIPEDIA MILITAR

Uma das questões que mais descurada tem sido entre nós, apesar do muito que interessa á arma de infanteria e ao exercito em geral, é indubitavelmente a da velocipedia militar.

Introduzida nos exercitos europeus desde 1875, com vantagens reconhecidas e aproveitadas pelas grandes nações militares, a velocipedia pode dizer-se que só agora começa a ser utilizada nos serviços militares do nosso paiz pela ordem recentemente emanada das instan-

cias superiores para a utilização dos soldados cyclistas na distribuição da correspondencia na séde da 1.^a divisão militar.

Foi precisamente este facto que nos levou a occupar-nos agora do assumpto, no intento de pormos bem em relevo a importancia que adquiriram já nos exercitos os serviços dos cyclistas, mostrando como elles podem ser utilizados com decidida vantagem em muitos e variados mistéres.

Com effeito, em tempo de paz podem empregar-se como *estaffetas*, prestando um valioso serviço na transmissão de quaesquer ordens e communicações entre os quartéis e outros estabelecimentos militares; na transmissão rapida de ordens entre as unidades em manobras e os estados maiores etc.

Em tempo de guerra os seus serviços como *estaffetas* são da maior importancia para a transmissão rapida de despachos e communicações de toda a natureza, já nas manobras entre os diversos escalões das columnas, já nos postos avançados entre as diversas unidades que as constituem e as forças em estacionamento, já, finalmente, no combate, sempre que o homem a isso se preste, entre os estados maiores e as diversas unidades.

Permittem assim reduzir o pessoal montado que se emprega n'esses serviços e que fica disponível para o serviço de exploração.

Egualmente bons são os serviços que d'elles se podem exigir como *esclarecedores*, desde os periodos de mobilização e concentração, em reconhecimentos rapidos e a distancia.

Até como *combatentes* podem servir de valioso auxilio em varias circumstancias e tem já sido utilizados por algumas nações, como ainda ultimamente pela Inglaterra na guerra do Transwaal.

Devido á sua grande mobilidade prestam-se aos combates demonstrativos, que tanta importancia tem nas guerras modernas; á execução de surpresas e embuscadas, e, n'uma palavra, a todas as operações de pequena guerra em que é indispensavel operar com a maxima rapidez.

Em muitos paizes são empregados n'estes multiplos serviços e n'alguns até como apoio da cavallaria para supprir a potencia dos fogos ou a força de resistencia que ella não possui. Na guerra de 1870 empregaram-se muitas vezes, como auxiliar da cavallaria, forças d'infanteria que eram transportadas em viaturas de requisição.

Em Portugal não se tem dado importancia a todos estes serviços que os cyclistas podem com vantagem desempenhar.

Não se quer dizer com isto que nunca se pensasse na sua utilização nem que não houvesse partidarios do seu emprego. A Escola Pratica de Infanteria, logo pouco depois da sua fundação, adquiriu algumas machinas e, mais tarde, foram-lhe destinadas pelo ministerio da guerra mais algumas dos modelos então em uso nos exercitos estrangeiros. Houve até um periodo de verdadeiro enthusiasmo pelo cyclismo, dirigindo com todo o interesse e dedicação algumas experiencias o então instructor de gymnastica na Escola, o sr. tenente Correia de Souza.

Têve, porém, n'esta ardua tarefa a vencer mil difficuldades com que luctou a todo o momento e que o fizeram depois desistir, desanimado da falta de apoio, que tão necessario lhe era.

Em 1893, o commandante do pelotão de sapadores do regimento de infanteria 23, o actual capitão do mesmo regimento, sr. Domingos José de Freitas, fez varias experiencias de velocipedia, com os seus soldados, que foram muito bem recebidas pelo Ex.^{mo} Ministro da Guerra da epocha, o sr. Pimentel Pinto, que actualmente gere tambem a mesma pasta,

e que, sempre prompto a recompensar os que o merecem, galardoou por este facto este official (1).

Empregaram-se depois em varias manobras os cyclistas da Escola Pratica de Infantaria, mas geralmente em más condições, sem fardamento nem calçado e equipamento adquadro e sem trenagem.

Deve porém dizer-se que ao modo por que ahí está organizada a instrução de velocipedia se devem estes atrazos e não com certeza ao pessoal instructor, que se vê obrigado a obedecer a essas circumstancias.

Os cyclistas da Escola Pratica de Infantaria são constituídos pelos cabos de todos os corpos que durante cinco mezes ahí vão habilitar-se a monitores de gymnastica, de que teem duas sessões diarias.

Ora, os que vão na primeira epocha, devido ao mau tempo, mal chegam a aprender a montar uma machina, e, se querem levar os da segunda epocha a fazer alguma marcha, teem de a reduzir muito, não só por falta de tempo, como tambem de alimentação propria para reconstituição de tão grande dispendio de forças durante a instrução de gymnastica.

De resto todos elles passam em geral á reserva pouco depois, e assim não ha nos regimentos nem monitores de gymnastica nem cyclistas.

Era pois de grande vantagem para o exercito que se desse a devida importancia a esta questão, que tão apreciada tem sido em quasi todos os exercitos estrangeiros.

A distribuição de algumas machinas aos regimentos e a sua reunião em secções durante uma certa epocha do anno, em local para esse fim escolhido, que se prestasse á execução de varias experiencias e exercicios, seguidos depois da sua applicação nas manobras de outomno, *systema* este seguido n'alguns exercitos europeus, era, parece, o que se deveria fazer.

Assim se teria ensejo para se executarem experiencias do seu emprego, não só como *estafetas*, mas tambem como *esclarecedores e combatentes* em determinadas circumstancias.

Assim, ou de maneira analoga, se procede lá fóra desde o inicio da applicação militar do cyclismo até á actualidade. Lá os esforços dos chefes e dos instructores foram coroados de bom exito; cá succederia certamente o mesmo, porque o nosso soldado facilmente se adapta ás circumstancias em que tem de viver, mostrando como regra a melhor vontade de aprender e de cumprir com exactidão o que se lhe ordena. Aos nossos officiaes seria sem duvida grato dever o de aproveitar mais um poderoso auxiliar da moderna arte da guerra, conhecendo e apreciando o que d'elle ha a esperar, e que é na verdade muito. D'esta ultima affirmação é prova a idéa geral que nos propomos apresentar aqui a respeito da adopção e do emprego da velocipedia nos diferentes exercitos, desde que a Italia deu d'isso um bello exemplo, rapidamente seguido com a realisação das primeiras experiencias em 1875.

E' isso que vamos vêr, seguindo os progressos da velocipedia militar desde o seu inicio até hoje.

(*Continúa*)

ALBERTO GUERREIRO PEIXOTO E CUNHA.
Alferes de infantaria.

(1) A Revista do Exercito e da Armada de 1893 dá noticia d'uma d'essas experiencias.

A INSTRUÇÃO ESPECIAL DOS EXPLORADORES

(Continuado do n.º 5 — 4.º anno)

3.º

Modo do explorador tomar posição

(a) *Individualmente.* — Em cada um dos exploradores conhecendo a zona de terreno que tem a observar, recebe ordem do instructor para ir tomar posição a uma distancia approximada de 500 metros, n'um ponto que lhe pareça conveniente, e do qual possa exercer efficazmente a observação. Quando todos tiverem tomado posição, o instructor verificará se foi bem escolhida por cada um d'elles, tendo previamente observado se utilisaram, durante o percurso, as ondulações do terreno, para se furtarem ás vistas do inimigo; e ordena que lhes deem conta das observações que tiverem colhido durante a marcha, assim como das que houverem feito, depois de postados sobre a facha de terreno que se suppõe occupada pelo inimigo.

Recommenda-lhes, por ultimo, que cumpram, pelo que respeita ao aproveitamento dos abrigos, as disposições do § 2.º do capítulo 3.º

(b) *Por grupos.* — Depois dos exploradores saberem escolher posição individualmente, são adestrados a escolhel-a por grupo, desde dois exploradores até a um grupo unico, constituido por todos os exploradores a instruir. Os grupos pódem tomar posição por detraz do mesmo abrigo, ou em abrigos proximos, de fórma a exercerem uma completa vigilancia e observação, seguindo os mesmos principios que quando estão isolados. Os grupos pódem dispôr-se: ou com intervallos de um a seis passos entre as filas, ou n'uma ou em duas fileiras, dependendo isso da configuração do abrigo e da sua extensão.

§ 3.º

Mudar de posição

Logo que saibam escolher posição, devem os exploradores ser praticamente instruidos sobre o modo de passar rapidamente d'um abrigo para outro.

(a) *Individualmente.* — Achando-se os exploradores dispersos, occupando uma determinada linha, e em face de um supposto objectivo, determina o instructor, successivamente, a cada um d'elles que mude de abrigo, que vá tomar uma posição mais avançada, vigiando se observam as seguintes prescripções: avançar sem hesitação até attingir o novo abrigo e, chegando alli, portar-se segundo as regras já estabelecidas; fixar logo um novo ponto na sua frente aonde depois deve ir estabelecer-se; avançar sempre, por lanços, cuja grandeza irá diminuindo successivamente á maneira que se approximam dos exploradores inimigos até chegarem á posição em que a companhia deva entrar em combate; não perder de vista a posição do inimigo e não se affastar sensivelmente da direcção d'elle.

Se já tiverem rompido o fogo contra os exploradores inimigos, continuam o mesmo fogo em cada uma das novas posições até serem alcançados pelas forças que precedem.

Se o inimigo retirar marcharão desembaraçadamente, fazendo alto n'uma boa posição para atirar, devendo recommear a marcha precisamente no momento em que o inimigo fizer alto para se postar, aproveitando assim o tempo que elle gasta a tomar posição, a regular a alça e a tomar alento, etc.

(b) *Por grupos.* — Os grupos mudam de abrigo da mesma fórma que o fariam se os exploradores estivessem isolados, separando-se logo que o terreno não permita a marcha directa e continua dos exploradores grupados.

CAPITULO IV

Marcha dos exploradores

§ 1.º

Formações empregadas pelos exploradores na marcha para o combate

Como já temos dito, são duas as formações empregadas pelos exploradores; ou dispersos, espalhando-se pela frente da força que cobrem, ou constituindo grupos de composição variavel.

Dispersos. — Formam em linha, n'uma fileira, com intervallos cuja grandeza dependerá da configuração do terreno.

Esta formação apresenta como principaes inconvenien-

tes o ter todos os seus pontos igualmente fracos e tambem o poder ser facilmente atravessada. Além d'isso, conservando-se os exploradores, durante muito tempo, isolados, sós, a marcha atravez dos campos fatiga-os mais, e, por ultimo, a accção dos chefes faz-se sentir tanto menos quanto mais se aproximam do inimigo, ao contrario do que deveria ser.

Por grupos.—A constituição do grupo é variavel e depende, sobre tudo, da sua missão e tambem da configuração do terreno. Suppunhamos um batalhão em marcha para o combate, com duas companhias em primeira linha: com os 48 exploradores podem-se organizar os seguintes grupos, tirando 8 para ficarem junto do official que os commanda a fim de estabelecer communicação com os grupos, podem-se formar 5 grupos de 6 homens, commandados por cabos ou pelos soldados mais antigos, constituindo os restantes exploradores um grupo commandado pelo sargento, o qual seguirá sempre no meio da linha, o que constituirá como que o regulador do movimento.

Na marcha, os grupos serão precedidos de um ou dois soldados, que são por seu turno exploradores do grupo, ao qual indicam o caminho a seguir, sem dever ser visto pelo inimigo. Marcham, ou por filas abertas, ou de costado, ou em linha, conforme as circumstancias. Quando perceberem que o inimigo os descobriu devem logo escolher uma boa posição e fazer alto para permittirem ao grupo que precedem o poder desenvolver-se e marchar cada um separadamente até á posição escolhida, a partir da qual cada explorador marcha, abriga-se e faz fogo isoladamente. Quando todo o grupo tiver de se abrigar junto e romper o fogo, deverá proceder, para o mesmo fogo não ter intermitencias, de forma que primeiro façam fogo metade dos homens que o constituem, e, enquanto estes carregam a arma, a outra metade.

Tem grandes vantagens a formação em grupos: não só o seu commandante pode dispor, á medida que se aproxima do inimigo, de uma maior resultante da energia, de olhos e de espingardas, n'um determinado ponto, mas tem os exploradores o mais tempo possivel na mão, sem prejudicar o principio de exercer vigilancia, e reconhecer o terreno e as forças contrarias.

§ 2.º

Marcha n'uma zona determinada

1.º *Generalidades.* — Como principio geral, os exploradores devem manter-se na zona d'acção das suas companhias, e essa zona é, conforme indica o nosso regulamento tactico, aproximadamente de 150^m na offensiva e de 200 metros na defensiva. Posto que nas companhias encorporados os exploradores das unidades vizinhas tenham que auxiliar-se mutuamente, não devem, comtudo, invadir os sectores vizinhos, isto é, o terreno em que operam os exploradores das outras companhias para as cobrirem. E' precisamente o que o instructor deve ensinar praticamente aos exploradores.

E' facil de comprehender que para marchar n'um sector dado, sem nunca sahir d'este, bastará que o explorador saiba dirigir-se d'um para outro sem se afastar sensivelmente da linha recta que une esses dois pontos.

2.º *Pratica.* — Na marcha d'um ponto para o outro podem dar-se duas hypotheses: O ponto para onde devem marchar o visivel dos pontos de partida ou não é; e ainda na primeira hypothese pode o ponto que demandamos ser visivel em todo o percurso ou só em parte.

1.º *Marcha d'um ponto para outro visivel durante todo o trajecto.* — O instructor conduz os exploradores a um ponto do terreno anteriormente escolhido, e mostra-lhes um objecto qualquer bem visivel, e que se supporá pertencer á posição occupada pelo adversario. Depois determina-se bem claramente o sector d'acção da companhia, e o instructor ordena a um explorador antigo, ou a um graduado, cabo ou sargento, que marche para um ponto designado, e faz notar aos exploradores a utilidade de juntar por uma linha imaginaria os pontos de partida e de chegada e de tomar pontos intermedios sobre a mesma linha. Depois que o graduado ou explorador se pôz em marcha, é seguido, a uns 20 passos de distancia, pelo official instructor e por todos os exploradores. Se durante a marcha lhe apparecer qualquer obstaculo (muro, ribeira, sebe etc.) tornea-o, tendo previamente marcado dois objectos (arvores, montão etc) um antes e outro depois do obstaculo, que estejam no alinhamento previamente estabelecido, para poder continuar a marcha na direcção momentaneamente abandonada.

Todos os exploradores são depois exercitados n'esta marcha até a effectuarem sem a menor duvida.

2.º Marcha d'um local para outro, visivel do ponto de partida, mas invisivel de alguns pontos do percurso. — Combinando o systema de estabelecer os alinhamentos exposto no numero anterior de maneira que o explorador determine sempre dois pontos alinhados com o objectivo, com qualquer dos processos de orientação, o instructor ensina com toda a facilidade a pratica d'este problema, fazendo marchar os exploradores em terrenos tão variados quanto possivel.

Mostrará tambem, senão a todos os homens, pelo menos aos mais intelligentes, aos que mostrem maior aptidão para o commando dos grupos e patrulhas, e aos graduados, como por meio da bussula se pode continuar a marcha em direcção a um ponto que cesse de ser visivel durante um certo trajecto.

3.º Marcha para um ponto do terreno indicado na costa e invisivel do ponto de partida. — Para a realisação d'este exercicio, evidentemente destinado aos graduados, e só excepcionalmente aos exploradores que possuam alguns conhecimentos de topographia, que saibam ler uma carta, necessitam-se os seguintes conhecimentos preparatorios; orientar a carta; determinar n'ella o ponto onde se está; o ponto para onde se marcha, e pontos intermedios.

(Continua)

J. GIL
Capitão de infantaria



No sul da Africa

(Continuado do n.º 6 — 4.º anno)

BATALHA DE MODDER RIVER

Modder River é uma deliciosa villa atravessada pelo rio Riet, estando as margens que o limitam cobertas de frondosas e copadas arvores, cheias de verdura e pujancia. O Riet, sempre largo e em muitos sitios profundo, tem muitas ilhas cobertas de pequenas e brancas casas cerca-

das pela folhagem das arvores ou realçadas pelo verde da cultura viçosa.

Modder é atravessada pela colossal linha do Cabo a Bolloway e é uma povoação amena pelo clima, bella pela paysagem e ponto forçado para os excêntricos *touristes* inglezes, onde encontram todas as commodidades e excellentes hotéis.

A margem norte do Riet, em que assenta Modder, é formada por uma serie d'alturas, ou *copjes*, cujas encostas são bastante escarpadas e formando valles estreitos.

Toda a encosta, a partir do Riet, é coberta por um frondoso arvoredo. A margem sul, de declive mais suave, é perfeitamente dominada n'uma grande extensão pelas alturas que limitam a margem norte.

A linha ferrea, atravessando de sul a norte estas duas margens, fica tambem perfeitamente dominada e enfiada por todos os pontos da mesma margem.

Os republicanos, sendo acoçados de Belmont pelas bayonetas da infantaria e de Graspan pela impetuosidade dos marinheiros inglezes, vieram occupar a ridente Modder, onde se estabeleceram n'uma defensiva solidamente organisada, que, tendo o centro na ponte do caminho de ferro, se estendia a 2 kilometros para occidente e a 3 kilometros para oriente, ficando com a ala direita apoiada mesmo em Modder e com a esquerda n'uma *farm* cercada de solidos entrincheiramentos.

Os boers construíram a sua principal posição defensiva na margem norte e construíram, além d'isso, uma outra linha avançada de fortificações na margem sul, que foram, uma e outra, revestidas com *saccos* d'areia e chapas de zinco resistentes aos tiros de infantaria. A maior parte dos entrincheiramentos estavam guarnecidos com defensas de rêde de arame.

Como o terreno á retaguarda dos entrincheiramentos da margem sul tinha um declive muito accentuado até á beira do rio, podiam os boers communicar d'uma margem para a outra sem serem vistos pelos inglezes, o que fizeram sempre aproveitando os vaus, barcos, pontões, etc.

Não fizeram os boers consistir n'isto sómente a sua defesa; foram mais longe.

Os melhores atiradores não se contentaram em occupar os entrincheiramentos, utilisaram as casas, que foram organisadas tambem defensivamente, ou subiram ás arvores de copa mais frondosa e espessa, que os podessem oc-

cultar das vistas dos inglezes, com o que tiraram excellento partido.

Para coroar a obra completa da sua defeza collocaram até 700 metros grandes pedras brancas que lhe indicavam a distancia precisa.

A estrada de Jacobsdal constituia a linha de retirada.

A artilheria, toda protegida por abrigos excellentemente mascarados, occupava as posições que vão indicadas no *crocquis* que juntamos, sendo 5 peças ao centro, 2 na ala direita e 3 na esquerda, sendo uma d'estas Maxim.

A ala direita era guarnecida por orangistas, a esquerda por transwaalianos.

Devido ás fortificações e á folhagem das arvores os boers estavam de tal maneira abrigados que se tornavam perfeitamente invisiveis, a ponto de ninguem poder suppôr que ali, nas apraziveis margens do Riet, se podessem occultar 10:000 homens promptos a abater os orgulhos da Inglaterra.

Methuen não o suppunha, foi um dos illudidos. Esperava mesmo ás 8 horas dar em Modder um descanso á sua divisão e distribuir o primeiro rancho, pois que, julgando a tarefa tão facil, nem sequer os viveres frios tinha mandado distribuir.

Já tinha tambem encarregado um official do seu estado-maior de ir a Modder escolher hotel, onde, commodamente, podesse estabelecer o seu quartel general.

Illusões que a imprevidencia tantas vezes depara na vida; desenganos que, para o futuro, são sempre proveitosas lições.

Lord Methuen, depois do combate de Graspan, mandou fazer varios reconhecimentos, mas as poucas informações colhidas nem ao menos eram verdadeiras; diziam que os boers se concentravam em Spytfontein. Methuen não o julgando crível, acompanhado de alguns officiaes, avançou em pessoa até umas centenas de metros de Modder River, não conseguindo tambem suspeitar sequer da existencia dos boers.

Perante isto, resolve Methuen passar o Riet na manhã do dia seguinte, 28 de novembro de 1899, para seguir a sua marcha em frente.

A's 4 horas da manhã a columna põe-se em marcha, formando os dois batalhões dos *Yorkshires* a guarda avançada.

O effectivo da divisão de Methuen, com os reforços que recebeu n'esse dia, é calculado em 9:000 homens com 22 peças, sendo 4 de marinha.

As patrulhas inglezas, formadas por cavallaria e infantaria montada, quando já perto de Modder, são recebidas pelo fogo d'um grupo de boers que se tinha estabelecido bastante a oriente, afim de que a attenção ingleza não se voltasse para o centro da sua posição real.

Comtudo não foi difficil a Methuen comprehender logo a verdade. Conhecendo já por experiencia propria a inefficacia dos combates de frente contra tropas abrigadas e municiadas com polvora sem fumo, quiz tentar um movimento estrategico que lhe permitisse atacar os boers pelo flanco esquerdo, mas o Riet e o Modder foram obstaculo bastante para pôr essa idéa de parte e lançar-se mais uma vez a atacar de frente.

A's 5^h e 30', a 18.^a bateria, collocada a 4:000 metros, abriu o seu fogo contra a ala esquerda boer.

A artilheria boer respondeu logo com tiro certo. Estava principiado o duello da artilheria e iniciado mais um combate.

Pouco depois a 72.^a bateria occupa a posição indicada no *crocquis* e mais tarde as peças de marinha entram tambem em acção.

Os lanceiros e a infantaria montada serviam de apoio á artilheria ingleza.

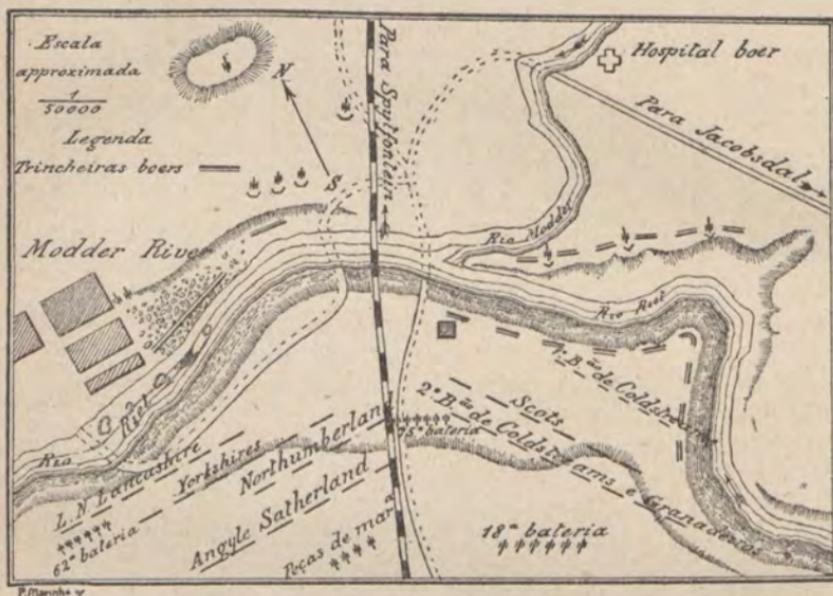
Os alliados ainda não se tinham revelado. Os inglezes, suppondo que os tiros dos boers sahiam das casas de Modder, lançaram sobre ella as suas granadas, que levaram para muitas o incendio devorador e para outras a destruição completa.

Durante duas horas, nas amenas margens do Riet, presenciava-se sómente o triste e lugubre clarão do incendio que devorava Modder, realçado pelo ribombar da artilheria que echoava pelos valles e se perdia pelos *copjes* distantes, pois que foi o tempo que as duas artilherias se mantiveram em lucta.

Lord Methuen, vendo a inefficacia do fogo da sua artilheria, manda avançar as duas brigadas de infantaria. A brigada da guarda, sob o commando de Colville, mais tarde uma triste victima da intriga ingleza, recebeu ordem de tomar posição á direita da linha ferrea e ser a primeira a atacar afim de executar o ataque demonstrativo.

Os *Scots Guards*, na extrema direita, tinham por missão

atacar a extrema ala esquerda boer; o 1.º batalhão dos Coldstreams e os granadeiros atacar de frente a ala esquerda; o 2.º batalhão dos Coldstreams collocado como reserva da brigada.



A 9.ª brigada, sob o commando de Pole Carew, recebeu ordem de tomar posição á esquerda da linha ferrea e atacar a ala direita boer.

Esta brigada avançou pela ordem seguinte; o 1.º batalhão dos Northumberland pelo lado este do caminho de ferro, sustentado por meio batalhão dos Argyll, que poucas horas antes tinham reforçado esta brigada; os Yorkshires pelo lado oeste da linha ferrea, sustentados por outro meio batalhão dos Argyll; um batalhão dos Lancashires, avançou mais por oeste. Os primeiros tinham por missão atacar de frente, este batalhão tinha por missão passar o Riet a sul de Modder e atacar a extrema ala direita boer.

A guarda do comboio e reserva da divisão era formada por seis companhias dos Northamptonshires.

Dadas estas ordens a infantaria avança. Passando da columna d'estrada á linha e d'esta ás formações mais delgadas e por fim á ordem extensa, marchou com facilidade até 700 metros da margem sul do Riet, soffrendo apenas alguns tiros pouco efficazes da artilheria boer. Os aliados

sempre occultos e sem fazerem fogo, viram silenciosamente a aproximação da infantaria ingleza, mas ás 8 horas da manhã, hora a que chegou á distancia de 700 metros, rompeu um fogo tão intenso e certo, tão diabolico e verdadeiramente infernal, que foi como uma gigante fouce de morte movida possantemente do lado dos alliados que cortou a vida a metade dos effectivos d'algumas companhias inglezas.

Mas o espanto e o terror d'estes não foi só causado pela morte dos companheiros queridos, que ao lado lançavam o ultimo suspiro, foi tambem o effeito da surpresa inesperada e o mysterio em que se achavam envolvidos, pois que sentiam as balas mas não viam o inimigo que lh'as mandava, nem sabiam sequer ao certo qual a posição que occupavam.

O espanto, a admiração, a surpresa, a emoção e talvez o medo, fizeram com que toda a linha, da direita á esquerda, se lançasse por terra á procura d'um abrigo, prescrutando, como fera felina ou ave de rapina, o terreno em frente e a margem opposta á procura d'um indicio. Momento cruel este em que se sente a morte e se não pode vingar a vida!

Do *Daily Chronicle* transcrevemos o seguinte: «...Os nossos soldados, apesar d'esta chuva de projecteis, faziam fogo conforme podiam, mas cahiam ás duzias.»

«Como o terreno não offerecia abrigos, deu-se ordem aos soldados de se lançarem por terra e, durante tres horas, o chumbo abatia-se sem interrupção sobre elles. Eu nunca vi um fogo tão terrivel como aquelle a que os batalhões inglezes estiveram submettidos. Todo o homem que se levantasse era logo ferido.»

Os *Scots* depois d'esta licção tentaram dar um lança, mas percorridos uns metros tiveram de novo que se lançar por terra e, como ahi não havia tambem abrigos, accrescenta o correspondente do *Times*, «ficámos n'esta posição durante algumas horas, cada um dos nossos soldados cavava no sitio em que se encontrava uma cova com a propria bayoneta.»

Outro tanto succedeu aos outros batalhões e dentro de pouco tempo, diz o mesmo correspondente, a planicie estava juncada de mortos.

Lançados por terra tentaram, como esforço supremo, dar alguns lanços, mas foi impossivel.

Comtudo a ala direita, formada pela brigada da Guar-

da, Colville, tentou ainda passar o Riet, mas esse esforço, motivado pela bravura e audacia dos officiaes inglezes, serviu sómente para augmentar o luto de muitas familias de Inglaterra.

Não podendo avançar, nem retirar sequer, permaneceu esta brigada na mesma posição durante todo o dia, supportando não só o effeito mortifero das balas que lhe eram mandadas por um inimigo que não se via, mas tambem as inclemencias d'um sol desapiedado, d'uma sede ardente e d'uma fome devoradora.

As pipas d'agua (1) e carros de viveres não se puderam nunca approximar da linha de combate. O fogo era tão intenso que nem sequer foi possivel municiar o batalhão dos *Coldstreams*, que chegou a ficar sem munições, nem mesmo foi possivel transmittir ordem alguma, o que o proprio Methuen confessa no seu relatorio dizendo: «O coronel Hall (commandante da artilheria) queixa-se de não ter conhecido exactamente o objectivo do ataque, mas é certo que logo que se torna impossivel percorrer o terreno a cavallo a 2:000 jardas (1:800 metros) do inimigo, sem correr o risco de ser attingido pelos projecteis, faltam os meios de transmittir as ordens.»

Isto é facil de comprehender, pois que se nem os soldados, na linha de fogo, se podem levantar para avançar, como se poderá percorrer uma grande extensão para transmittir uma ordem? Devido á intensidade do fogo os maqueiros tambem não preencheram o seu fim.

Mas deixemos a brigada da Guarda preza ao terreno como se uma força magnetica a impedisse de se levantar, e vejamos o que se passou na esquerda.

A 9.^a brigada, Pole-Carew, que entrou em fogo depois da brigada da Guarda, conseguiu avançar por escalões até uma distancia um pouco a este da extrema direita boer, e proxivamente a 600 metros da margem sul do Riet, mas um *commando* boer que occupava uma *farm* e um *Kraal* na margem sul do Riet (que não se vêem no *crocquis*) rompe

(1) Já tivemos occasião de dizer n'esta mesma Revista — *Manobras d'outono* — que cada batalhão da divisão de Methuen tinha uma pipa para agua.

o seu fogo e obriga a lançar por terra o batalhão dos *Lancashires*.

Pouco depois rompe o fogo de toda a ala direita boer e os batalhões da 9.^a brigada, ficaram, como os da brigada da Guarda, lançados por terra durante muitas horas, não vendo o inimigo e atirando ao acaso.

Tadas as vezes que procuravam levantar-se redobrava a intensidade do tiro boer e elles então imitavam os seus companheiros da ala direita.

Não obstante, depois de heroicos esforços e perdas consideráveis, duas companhias dos *Yorkshires* conseguiram tomar a *farm* e o *Kraal*.

O fogo acalma e cerca do meio dia os *Lancashires* conseguem tomar uns *copjes* na extrema ala direita boer.

A's tres horas, um comboio blindado traz o reforço dos *Munsters*, acompanhados da 62.^a bateria, que toma posição immediatamente e rompe logo o seu fogo.

Até ás 4 horas conservam-se todos nas mesmas posições, ora redobrando o fogo, ora diminuindo de intensidade, mas n'esta altura a intensidade do fogo boer diminue d'uma maneira sensível.

Pole-Carew aproveita a oportunidade e manda atravessar o Riet por uma grande parte das suas forças. Os *Yorkshires*, depois de vencerem mesmo assim difficuldades inauditas, quer causadas pelo fogo, quer pelas redes d'arame, conseguem tomar posição na margem norte, onde, auxiliados por um destacamento de engenharia, conseguem fortificar-se solidamente.

A's 7 horas da noite, quando as trevas envolviam já com o seu escuro manto o theatro da lucta, toda a ala esquerda estava na margem norte e tinham tomado a posição que tinha sido defendida pelos orangistas.

No entretanto, a ala direita ingleza, mesmo ao cahir da noite e depois de 11 horas debaixo de fogo, ainda estava nas mesmas posições e ainda não tinha conseguido levantar-se, occupando os soldados o abrigo protector que tinham encontrado, ou permanecendo nas covas que tinham aberto com as suas proprias bayonetas.

A emoção do combate, o calor, a sede e a fome e, n'uma palavra, o cansaço era tão grande que, diz o correspondente do *Times*:

«A fadiga nas nossas tropas era tal que, muitas vezes, soldados e mesmo officiaes se adormeciam logo que se dei-

tavam na retaguarda d'um abrigo sem se importarem com as granadas e balas que zumbiam por cima d'elles.»

O fogo da ala esquerda boer, commandada por Cronje, não diminuiu nunca de intensidade e, como não deram o mais pequeno signal de fraqueza, os inglezes não se puderam levantar, nem mesmo para retirar.

O procedimento dos orangistas da ala direita foi bem diverso do dos seus alliados transwalianos. Um *commando* formado por orangistas, que além de não terem espirito nem educação militar era a primeira vez que entravam em fogo, cêrca das quatro horas desobedecem aos chefes e abandonam a posição.

Este exemplo de indisciplina e de falta de heroismo é presenciado por outros *commandos*, que perdem a força moral a tal ponto que dentro em pouco e successivamente o começam a imitar.

O fogo da ala direita boer diminue e Pole-Carew aproveita com toda a oportunidade occasião tão favoravel, que lhe deu a victoria.

Cronje, hoje o prisioneiro de Santa-Helena e o successor de Napoleão, sabendo ás 7 horas o que tinha occorrido na ala direita e temendo um ataque de noite, dá a ordem de retirada, que foi feita tão precipitadamente que até a artilheria deixaram nas posições.

Assim terminou, victoriosamente para os inglezes, este combate a que o proprio Methuen chamou no seu relatório «um dos mais duros e dos mais terriveis a registar nos annaes do exercito inglez.»

(*Continúa*)

DAVID A. RODRIGUES
Tenente d'infanteria



A LEI DE PROMOÇÕES

Como é sabido, de todas as propostas importantes que o nobre ministro da guerra apresentou ao parlamento, sómente a lei de promoções foi discutida e approvada.

Ficou, portanto, a sua obra incompleta e a lei das promoções recente-se d'isso, e d'uma maneira bem accentuada.

O complemento da lei de promoções era o projecto de lei que augmentava tres generaes á infantaria e que reduzia as vagas fluctuantes de 7 a 4. Tendo em vista attenuar as desigualdades na promoção das differentes armas procurou o nobre ministro, sr. conselheiro Pimentel Pinto, fazer justiça a todos.

Ora tomando para base a infantaria, claro está que ella não lucrava cousa alguma. Mas como todas as armas são irmãs, ou teem pelo menos os mesmos direitos, necessario era não beneficiar umas em prejuizo manifesto d'outra.

Além d'isso, quando se faz justiça, e mesmo para que ella tenha esse nome, é necessario que tenha applicação a todos. Reconhecendo-se, portanto, que havia armas relativamente atrasadas, quiz-se equiparal-as á infantaria, como arma mais numerosa e de promoção mais normal, mas reconhecendo-se ao mesmo tempo que era necessario não só fazer-lhe identica justiça, mas tambem fazer com que ella não fosse prejudicada, tinha o nobre ministro da guerra a boa intenção, como se provou no parlamento com a proposta respectiva, de completar não só o quadro dos generaes de brigada de infantaria, o que é necessario fazer-se, mas tambem reduzir as vagas fluctuantes de 7 a 4.

A proposta relativa ao generalato tendo em vista attribuir á arma de infantaria mais *tres logares fixos* de general de brigada, além de inteiramente justa e harmonica com a constituição organica do exercito, era como que um corollario ou complemento da lei de promoções.

Os artigos 44.^o 45.^o d'essa lei estabelecem a perequação attenuada, alargando até ao quinto os quadros em que houver atrazo relativo á arma reguladora — a infantaria.

Assim como por essa lei se alarga $\frac{1}{5}$ dos quadros de capitão e coronel das outras armas, claro é que identica justiça se deveria fazer á infantaria, no posto em que porventura seja ella atrasada.

Com effeito existe esse posto, que é o de coronel.

Nunca o actual e nobre ministro pensou em prejudicar qualquer arma.

O alargamento do quadro dos generaes de infantaria é justissimo, e tanto mais que o atrazo relativo dos coronéis de infantaria vae para o futuro aggravar-se com as promoções a coronel, nas outras armas, em virtude da actual lei.

Por isso, o augmento das vagas de general para a in-

fanteria impõe-se como um complemento da lei de promoções que vem de ser promulgada.

Esta era a intenção do nobre ministro da guerra, não se pode duvidar; mas, infelizmente, diz o ditado — *o homem põe e Deus dispõe* — e agora teve uma triste confirmação, e devido a isso não se fez á infanteria a justiça a que tem direito e que tanto merece.

Os acontecimentos politicos que se desenrolaram no seio do parlamento fizeram com que sómente houvesse tempo para discutir e approvar a lei de promoções, e, como não se discutiu o seu complemento, ficou a obra do nobre ministro incompleta e a infanteria prejudicada, não sómente pelo facto de não se lhe completar o quadro do generalato, mas porque os tenentes-coroneis das outras armas que agora foram promovidos a coroneis ficam á direita, para effeito de promoção ao generalato, de todos os tenentes coroneis da infanteria.

Se tivesse passado no parlamento a proposta do generalato já não se dava isso, porque havendo promoção na infanteria todos subiriam pouco mais ou menos ao par e ninguem perderia os direitos adquiridos, porque em face da mesma lei os coroneis de infanteria ficariam sempre á direita dos coroneis das outras armas.

Esta é que é a verdade.

Era este o resultado que se procurava obter, porque só assim se faria justiça a todos, mas como os acontecimentos politicos não o permittiram que se fizesse já, é necessario não perder nem a esperança nem a confiança.

As intenções do nobre ministro ficaram bem patentes, e a tal ponto que nos auctorizam a dizer que a infanteria ha de ter a compensação a que tem direito, pois que não havendo a intenção de a prejudicar não se póde comprehender que na primeira oportunidade se não evite os males que os acontecimentos politicos agora arrastaram.

Nós temos sempre nas columnas d'esta Revista pugna pelos interesses da arma e continuaremos a pugnar, e é exactamente com esse fim que nós traçamos estas linhas.

Precisamos tambem ser coherentes. As propostas apresentadas ao parlamento agradaram-nos no seu conjuncto e aqui deixámos o nosso modo de vêr, mas como os acontecimentos politicos não deixaram que a obra sahisse completa, necessitamos ter esperança, porque, perante as intenções do nobre ministro da guerra, não podemos deixar

de crêr que dentro em breve se completará a sua obra e fará com que á infantaria lhe seja feita toda a justiça que de direito lhe cabe.

E' esta a nossa esperança.

EXERCICIOS MILITARES

(Continuado do n.º 3 — 4.º anno)

IV

Não se póde, nem se deve conceber a pratica dos exercicios de tactica applicada — sob pena de se desvirtuar o seu character e fim — sem o respeito pela verosimilhansa, isto é, a conformidade com os principios da guerra e com a doutrina dos regulamentos. E' só sob a condição de se lhes guardarem cuidadosamente estas propriedades, que os exercicios satisfazem cabalmente ao fim principal que se tem em vista — adestrar os quadros na applicação das regras e principios e nos multiplos processos regulamentares.

Na maioria dos exercicios que entre nós se teem realisado não se teem respeitado estas propriedades essenciaes, e as causas principaes, como já dissémos, são: a má constituição das unidades e columnas; a existencia ou imposição de um *plano*, supprimindo a iniciativa e o legitimo papel dos graduados, que por esse facto ficam reduzidos a uma função mesquinha, de puros automatos.

Esses *planos*, dissémos tambem, impõem processos que estão em opposição com normas que os regulamentos determinam, e estabelecem systemas que não estão em harmonia com os principios da guerra, nem com as condições a que devem satisfazer os exercicios verdadeiramente uteis para a instrução.

No intuito de demonstrar as nossas affirmações, já alguma coisa escrevemos, mas precisamos proseguir, entrando mais no amago da questão.

E' o que agora vamos tentar, mas para isso teremos de fazer algumas referencias a varios planos de exercicios, apenas como typos de um systema, dispensando-nos assim de fazer qualquer analyse concreta e mantendo-nos sempre sob o unico ponto de vista dos principios geraes e no que interessar á demonstração da nossa these.

As partes geraes e essenciaes de um *plano de exercicio* são; o *thema*, as *ordens* e o *desenvolvimento por phases*.

São estas as mesmas partes que passamos a analysar.

*

Thema

Apezar dos termos breves a que costuma ser reduzido, o Thema encerra todo o systema do exercicio, pois estatue:

Se o logar em que se deve realisar o exercicio de combate é previamente conhecido, ou se fica indeterminado, e depende de encontro em parte casual;

Se os adversarios dispõem em qualquer grau da liberdade de escolher as posições e as fórmulas de combate;

Se o resultado ou resultados dos combates são decididos pelos arbitros, dependentes de situações contingentes, ou previamente fixados; Emfim, se o exercicio é de manobra livre, ou obrigatoria.

Estas bases determinam todo o systema do exercicio, ou os seus caracteres fundamentaes.

Se os commandantes dos partidos possuem a liberdade de manobrar, de escolher as posições e a fórmula de combate, os exercicios são mais instructivos e proprios para desenvolver no commandante superior as qualidades mais eminentes para o commando, como o golpe de vista, a decisão, o sangue frio.

Os commandantes de grupos, e todos os officiaes em geral, não estando presos ao chamado *desenvolvimento do exercicio*, regulando os detalhes de execução, gosam tambem de certa liberdade na escolha dos meios para executar o plano e cooperar harmonicamente na resolução da questão tactica que se lhes propõe, conformando-se á doutrina dos regulamentos.

Estas propriedades altamente instructivas, que pertencem aos exercicios de *manobra livre*, faltam totalmente nos de *manobra obrigatoria*.

N'estes tudo é deprimido; é nullo o papel dos arbitros, e mesquinho o papel de todos os commandos, inclusivê o superior.

Se no systema dos exercicios se attendesse á doutrina e ao espirito dos regulamentos, e tambem ao melhor emprego do trabalho e do tempo, nunca se teriam realisado esses exercicios de brigada, em que o thema e o seu desenvolvimento supprimem todas as iniciativas, todas as provas de capacidade e meios de instrucção verdadeira.

Em harmonia com os regulamentos, os exercicios de *dupla acção* devem ser de *manobra livre*. A *manobra obrigatoria*, isto é, a ausencia de iniciativa para escolher as formas de combate e as posições, assim como a suppressão do imprevisito nas disposições, é inherente nos exercicios em que o inimigo é figurado, exercicios proprios para aprendizagem do a, b, c da tactica, e não para exames de accesso aos graus mais elevados.

«Em todos os exercicios de tactica applicada—diz o regulamento—é de absoluta necessidade desenvolver nos graduados o espirito de iniciativa, a rapidez de percepção, e o habito de escolher promptamente as formações mais adequadas.»

Por ventura param estas exigencias nos postos de capitão ou major, e pôdem os generaes dispensar-se de possuir taes qualidades?

Nos exames para major está já em uso serem as questões tacticas propostas e promptamente resolvidas no campo, e mal se comprehende que se adopte outro systema para os exames de general, quando é justamente nos graus mais elevados que se requerem mais qualidades de iniciativa, destreza de commando, golpe de vista e decisão.

Se a causa da anomalia está em ser o exercicio a executar no campo, o proprio problema que se resolve no gabinete, e desenvolve por escripto nos detalhes, acabe-se com esse systema e, embora se exija no gabinete a solução de um ou mais problemas tacticos, proponha-se para prompta resolução no campo outra questão, sob a base essencial de se não fixar e conhecer previamente o logar, a fórmula e o resultado do combate.

Se é certo que a direcção superior precisa tomar conta nas linhas principaes do exercicio, tambem não é menos certo que essa superintendencia pôde egualmente exercer-se, sem partir d'um thema que de-

termina o momento, o logar, a fórma e o resultado do exercicio de combate.

Além d'isso, por meio dos arbitros, dispõe o director d'um orgão que lhe permite governar o exercicio nas suas grandes linhas, impondo, em harmonia com as situações, o terreno, a fórma e o resultado dos combates.

Emquanto se proceder como até aqui, em que se parte de um thema fixando o logar e a constituição geral do exercicio, permittindo-se além d'isso o desenvolvimento previo, nenhum progresso se pode esperar dos exercicios, nenhuma utilidade se pode obter. O thema fornece umas bases que são admissiveis e necessarias n'um problema de gabinete, mas inconvenientes para uma solução representada no campo.

O commando superior é, pelo thema, privado de iniciativa nos pontos essenciaes, assim como de realisar no proprio terreno os actos que a campanha real lhe havia de exigir, mas de que o dispensam os *planos* previamente desenvolvidos, em que se pormenorizam os actos dos dois partidos. Pelos mesmos motivos são os sub-commandantes privados da iniciativa e de cooperar no objectivo commum, em harmonia com os regulamentos e com as exigencias da campanha real.

Para bem nos convenceremos da falsidade de tal systema, basta reflectir um pouco no que se passa no exercicio, comparando com o que se passaria na campanha real.

Na guerra, ao primeiro boato ou noticia de estar proximo o inimigo e imminente o encontro, preduz-se em todos uma anciedade tensa, e o desejo de saber aonde, em que força e disposições se acha o inimigo.

E' ao serviço de exploração que pertence fornecer a tal respeito as informações necessarias, e a esse respeito diz o regulamento de campanha:

«O serviço de exploração offerece á cavallaria um vasto campo para a sua actividade, e tanto ao soldado como ao official repetidas vezes occasiões de se distinguir, mas exige astucia e vivacidade, prudencia e decisão, exforços e sacrificios extraordinarios do animal e pessoal.»

Em conformidade com os principios da guerra e com as normas regulamentares, a aproximação dos adversarios dá logar a uma serie de exforços ou *phases de reconhecimento*, em que se empenham as guardas avançadas e forças de cavallaria e infantaria montada.

Será crível que nos exercicios se passe alguma cousa semelhante, quando as posições, disposições e intenções do adversario são conhecidas com muita antecedencia, como acontece nos exercicios sem iniciativa?

Sem duvida, em taes exercicios ninguem se dará ao incommodo do reconhecer o que de antemão está reconhecido, e apenas se limitará a *verificar* n'um relance, se o inimigo está aonde não pode deixar de estar.

Desde que o thema nos diz qual é a posição do inimigo, e se conhecem as suas disposições e intenções, a *phase de reconhecimento* perde todo o valor e interesse; e se nos exercicios previamente desenvolvidos e combinados se alude ao serviço de exploração e manda fazer reconhecimentos, não passa isso de tardias e platonicas satisfações dadas á verosimilhança.

Pelo facto de se tratar de um exercicio, e não da propria guerra já as coisas tendem a perder 90 % da difficuldade e seriedade da cam-

panha real, e d'aqui se conclue logo que todos os esforços serão poucos para manter os exercicios nas condições de verosimilhança e dentro das normas regulamentares.

De outro modo constituem um falso tirocinio.

A força dos partidos, as posições occupadas, as disposições, intenções, formas e resultados dos combates, são as bases constitutivas das questões tacticas.

O thema pode, ou deve mencionar todas essas bases, quando a *questão tactica* tem de se resolver como *problema* no gabinete, ou no campo como *exercicio figurado*, ou *de quadros*.

Se a questão tactica tiver de ser resolvida no campo como *exercicio representado*, o thema deve mencionar poucas ou nenhuma das bases.

Estas maneiras diversas de organizar o thema justificam-se com as razões seguintes:

Quando o exercicio é representado, os partidos são tomados pela mesma força que apresentam, e não por outra superior, e, por meio do reconhecimento, que é uma operação naturalmente necessaria, podem os commandantes dos partidos esclarecer-se a tal respeito. Além d'isso é conforme com a guerra haver até ao momento do combate uma certa obscuridade acerca das forças do inimigo. Para melhor se obter a verosimilhança n'este ponto, e visto que em tempo de paz se sabe sempre qual a força dos partidos, está agora em uso attribuir á direcção superior a faculdade de declarar n'um dado momento do exercicio, que a força do um partido representa o dobro do que é.

Relativamente á posição tambem o thema não deve ser explicito, porque, sendo os partidos representados, occupam realmente posições, e, segundo o processo natural, é pela exploração, reconhecimento e combate que ellas se descobrem; e, portanto, para o exercicio ser verdadeiramente instructivo, o thema apenas deve tornar possivel ou provocar o encontro. Este principio, como é obvio, modifica-se como convier, quando se tratar de forças encorporadas, em que outras forças fizeram a exploração geral, e o reconhecimento.

Relativamente a intenções do inimigo, o thema não deve ser explicito, e apenas as poderá referir como probabilidade.

As disposições devem sempre ficar como verdadeiras incognitas, impenetraveis para o adversario, e, a este respeito, qualquer fixação que se estabeleça ataca a verosimilhança. As disposições de ataque devem-se revelar por surpresa; as de defeza tomam-se gradualmente, por conformidade; umas e outras modificam-se em qualquer momento.

Conhecer anticipadamente o momento, a direcção e força do contra ataque, ou de quaesquer movimentos offensivos de sua natureza inopinados, é destruir pela base toda a utilidade das *soluções representadas*.

A fixação das formas do combate é outra incoherencia, porque as missões tacticas absolutamente offensivas ou defensivas são excepções. Por muito imperioso e definido que seja o papel offensivo ou defensivo a impor a uma força, essa não pode, por principio nenhum, ser privada da faculdade de proceder segundo as circumstancias, isto é, de empregar a maneira de combate que o commandante, no seu criterio, julgar mais util ou necessaria.

Por consequencia, quando se trata de um exercicio de acção dupla o thema deve ser cuidadosamente redigido em conformidade com a mais rigorosa verosimilhança, que fôr sancionada pelos regulamentos, porque demais, existindo uma direcção superior do exercicio, convém

que ella, em harmonia com as situações, se pronuncie ou decida quando fôr necessario e conveniente sobre as posições a occupar ou ceder, e sobre as formas, peipiecias e resultados dos exercicios de combate.

(Continúa)

JULIO DE OLIVEIRA.
Tenente de Infantaria

BIBLIOGRAPHIA

Revista de Infantaria, hespanhola, Madrid.

Do reino visinho recebemos o primeiro numero da *Revista de Infantaria*, que ultimamente veio á luz da publicidade.

A ideia de Revistas de armas ou classes vae predominando em todos os exercitos.

Nós, que sempre acolhemos estas publicações com verdadeiro jubilo, temos, primeiro que tudo, agradecer aqui a honra que essa Revista nos confere, transcrevendo no seu primeiro numero os notaveis artigos «Apreciação dos fogos de guerra executados na Escola Pratica de Infantaria em 99-900», escriptos pelo nosso presado amigo, sr. coronel Francisco Rodrigues da Silva, e que ultimamente acabamos de publicar, não só pelo que isso representa em si, mas tambem pelas palavras com que os acompanha, dizendo: «Tomamos este excellente y valiosissimo estudio de la notable *Revista de Infantaria* de Portugal.»

Nós registamos este facto, que é sobremanceira honroso para o nosso exercito em geral, e para o nosso prezado amigo, sr. coronel Rodrigues da Silva, em especial, pelo que o felicitamos sinceramente.

A *Revista de Infantaria* hespanhola vem preencher uma lacuna importante. Continuando da maneira brilhante como apresenta o seu primeiro numero, pode certamente contar com uma vida folgada e um prospero futuro, que muito lhe desejamos.

A nossa *Revista de Infantaria* ainda não tem a auctoridade da vechice para dar conselhos, mas, em todo o caso, já pode lembrar á sua collega que se previna para muito trabalho e algumas sensaborias.

Agradecendo a honra que nos confere e correspondendo ao *seu abraço fraternal á la Prensa militar de todos los paizes*, enviamos-lhe do canto da nossa humilde redacção identico amplexo acompanhado de desejos ardentes de que tenha uma vida longa e prospera.

Breve noticia historica e descriptiva do extincto regimento de caçadores n.º 12, pelo presbytero João Mauricio Henriques, capellão d'infanteria n.º 27.

E' um livro curioso e interessante.

O Presbytero João Mauricio Henriques, nosso amigo de infancia, e que é hoje uma das glorias do pulpito madeirense, poz toda a sua alma na ordidura do seu livro dando-lhe um brilho e um encanto dignos de menção.

Ha historia que educa, que enleva, que moralisa. Ha discripção que seduz, que prende, que attrahe.

E', no seu genero, um livro completo.

Particularmente para quem escreve estas linhas, é um livro que mais nos avulta a saudade.

Saudade dupla.

Saudade da terra em que nascemos, saudade do regimento onde fizemos a nossa aprendizagem de official.

A alma do soldado engrandece-se e eleva-se na tradição do seu regimento, na honra e na gloria da sua bandeira, no valor e no brilho do numero do seu barrete.

Sempre foi nossa crença e nossa fé que a educação moral do soldado constituia o mais poderoso liame á disciplina, o mais nobre incentivo ao cumprimento do dever. E todo esse trabalho educativo que refulge dentro das nossas casernas com o vivo clarão de uma incomparavel utilidade nacional, impende sobre a responsabilidade dos officiaes e tem como auxiliar a tradição escripta na historia do seu regimento. Se o regimento já não existe, fica de pé a sua memoria n'esse livro escripto em linguagem vernacula, e honradas as façanhas de Caçadores n.º 12 nos combates em que entrou, defendendo a integridade da Patria contra o estrangeiro, defendendo a Liberdade contra o absolutismo.

Agradecemos a offerta ao nosso velho amigo João Mauricio Henriques e muito principalmente a maneira captivante como o fez.

Lista alphabetica das freguezias do continente do reino e ilhas adjacentes, por Francisco Cardoso d'Azevedo, sargento ajudante da guarda municipal de Lisboa.

O titulo nos diz a importancia que tem uma obra d'estas, assim como ao mesmo tempo nos revela o trabalho que daria a sua confecção.

O sr. Azevedo, organisando o seu trabalho em harmonia com os decretos de 24 e 29 de dezembro de 1898, 18 de outubro, 9 de novembro e 28 de dezembro de 1899, 31 de maio, 15 de junho e 19 de julho de 1900, arranja uma *Lista alphabetica*, onde se encontram, pela sua ordem, todas as freguezias, com indicações altamente aproveitaveis e tantas vezes necessárias, taes como a indicação do districto, concelho e comarca a que pertencem, bem como a divisão militar e districto de reserva de que fazem parte, com a importante vantagem de indicar a distancia kilometrica á séde do conselho e á estação mais proxima de caminho de ferro.

Isto, que é fiel e methodicamente cumprido, dispensa palavras encomiasticas para engrandecer a sua importancia e para mostrar a utilidade que possa ter, tanto para a classe militar, como para a civil.

Tendo de relacionar com todos esses elementos as numerosas freguezias do continente e ilhas adjacentes em harmonia com 8 decretos, ardua deveria ter sido a tarefa.

Esta Lista, conforme está organizada, não se dispensa nas secretarias e repartições, onde pode prestar serviços valiosos.

Pela lacuna que o sr. Azevedo preencheu com o seu trabalho, e pela orientação e methodo que lhe deu, não nos pudemos furtar ao desejo de o felicitar e de recommendar a sua *Lista* aos nossos camaradas, principalmente aos commandantes de companhia, ajudantes de regimento e officiaes dos regimentos de reserva.



S. A. o Príncipe Real, D. Luiz Filippe



4.º Anno

Agosto de 1901

N.º 8

REVISTA DE INFANTERIA

◆ — ◆
O PRINCIPE REAL

E' o commandante honorario do batalhão dos alumnos do Real Collegio Militar.

Sua Alteza, que começa agora a desabrochar para a vida constitucional do paiz, tendo ainda ha pouco firmado o juramento solemne, perante as Camaras Legislativas, da sua fidelidade ao Rei, ás Instituições, e á Patria, liga o seu nome e a sua insinuante e sympathica phisionomia, donde transluz uma suave expressão de bondade immanente, á mais querida, talvez, e, por certo, á mais abençoada das instituições militares da nossa terra.

Querida, porque abriga em seu seio tantos corações juvenis, como sagrada colméa, afagando e acarinhando tantas alvoradas que se fixam no horisonte da Patria como uma vivida esperança do futuro.

Abençoada, porque recolhe os affectos, o amor, pedacos de alma de tantas mães, os seus anhelos, as suas ambições, as suas esperanças, a propria luz dos seus olhos, a propria vida da sua vida.

E ninguem sabe abençoar como uma mãe.

E assim, na aurora da vida, quando a alma começa a abrir os seus sorrisos aos influxos generosos dos sentimentos bons, essa camaradagem, essa confraternisação, entre o Principe e os alumnos, avulta como uma manifestação se-

gura do criterio superior que encaminha a formação do character d'aquelle que ha-de ser um dia Rei de Portugal.

Todos os reis mais amados do povo foram educados por suas mães.

Em nossos dias e no nosso paiz podemos bem avaliar a influencia adoravel do affecto materno em D. Pedro V, em D. Luiz I e no actual Chefe do Estado.

Na esteira d'essa grande lição historica encaminha S. Magestade a Rainha D. Amelia a sua missão sagrada, procurando, como Rainha e como mãe, formar o character de seus filhos, infiltrando-lhes nas suas almas tenras e innocentes o sentimento da justiça e da verdade, o amor ao povo e á Patria.

E só a delicadeza intangivel de um coração materno sabe insinuar nos filhos verdades e sentimentos que nunca mais se apagam.

Sua Alteza o Principe Real, tão novo ainda, não tem, não pode ter factos na sua vida que devam ser registados no bronzeo livro da Historia.

E' apenas uma esperança, mas uma auspiciosissima esperança.

A sua intelligencia lucida e viva, o seu coração bondoso e meigo, como é bondoso e meigo o seu olhar, enfloram e engrinaldam essa esperança, que brilha como se fôra uma carícia do destino.

E, se ainda ha pouco S. S. Magestades sentiram vibrar com o mais espontaneo entusiasmo, a alma do povo das nossas ilhas adjacentes, no affecto, no respeito e na dedicação pela unidade da Patria representada e consubstanciada na Familia Real; se a poucos Reis do mundo terá sido dado receber do seu povo manifestação mais sincera, mais sentida e mais triumphante do que aquella que a Madeira e Açores acabam de tributar aos nossos Reis; que n'essa tradição viva o Principe, amado do povo e o povo amando, entre a gentilissima Rainha que transforma as flores da lenda no pão da esmola, e desentranha da sua alma compassiva balsamo para tantas dores e tantas amarguras, e o Rei generoso e magnanimo, coração de soldado, alma aberta para o bem, espirito liberal e vontade energica e resoluta.

Viva o Principe na escola da virtude, recebendo das sabias lições da Historia e das tradições da Familia, as energias com que deve lutar pelo bem e pela felicidade da Nação, e os sentimentos com que deve conquistar o affecto de todos nós.

São estes os votos sinceros da *Revista de Infanteria*.

Real Collegio Militar

Segundo a moderna orientação pedagogica, a educação deve a um tempo ser moral, intellectual e physica; isto é, deve-se ministrar a educação de modo que estas tres faculdades do corpo humano se desenvolvam paralellamente e sem que uma qualquer d'ellas se exagere, produzindo o atrophiamiento das outras.

Esta ideia fundamental da moderna educação pode-se ainda traduzir por outras expressões typicas, como: desenvolvimento harmonico das faculdades corporaes; equilibrio das faculdades; etc.

Em theoria, pode dizer-se, já hoje se está de accordo acerca da necessidade de uma boa educação physica; comtudo, é certo que se levantam difficuldades á realisação pratica da ideia, e que os methodos de ensino escolar, em geral, não resolvem o assumpto, não prestam á educação os cuidados necessarios, e nem mesmo os programmas officiaes consignam e exigem a educação physica!

E' principio geral que todas as ideias theoricas ou scientificas requerem, para se tornarem praticas, um ramo de conhecimentos especiaes, ou arte servida por instrumentos apropriados.

A educação physica que deriva da physiologia e da hygiene, precisa igualmente de um *meio de applicação*, e esse meio é a gymnastica, a qual dispõe já hoje de uma grande multiplicidade de instrumentos e exercicios, possuindo as propriedades mais variadas.

O facto dos conhecimentos theoricos da educação physica estarem intimamente dependentes ou ligados com os conhecimentos praticos da gymnastica, assim como estes teem nos primeiros a sua base theorica ou scientifica, explica-nos os erros tantas vezes commettidos pela gymnastica, como tambem as vacilações, hesitações e até os receios da educação physica.

Felizmente e não já sem tempo, a ideia vae fazendo a sua evolução, e tudo nos leva a prever e esperar o proximo triumpho pela resolução pratica da gymnastica escolar, orientada nos mais rigorosos principios da hygiene e physiologia.

Gosando dos justos creditos de ser um estabelecimento

modelo, natural era que o Collegio Militar se distinguisse egualmente n'esta santa cruzada da educação physica, sobretudo tendo como director um general tão competente e illustrado como o sr. Moraes Sarmento.

Como todas as cousas opportunas, ou que veem no momento psychologico, as provas de educação physica dos alumnos do collegio, annunciadas sob os auspicios de uma verdadeira festa, com a assistencia de S. Alteza o Principe Real, despertaram no publico accentuado movimento de interesse e sympathia.

Com effeito, essas provas são dignas de ficar memoradas pelo que significam em honra e brilho do collegio, e por constituirem uma poderosa demonstração de que um bom regimen gymnastico é compativel com a vida escolar, não prejudica o estudo, e a um tempo robustece o corpo, a intelligencia e o character.

Começaram os trabalhos pela formatura do batalhão de grande uniforme, continencia a Sua Alteza, evoluções, fogos e desfilamento em revista, exercicios que os juvenis alumnos executaram com muita correção, desembaraço, simultaneidade, promptidão e firmeza, e garbo marcial, revelando em tudo a influencia benefica que o regimen gymnastico e disciplinado tem na solidez e agilidade do corpo.

Em geral, a apparencia dos alumnos é de saude, bom desenvolvimento para a idade, sendo mesmo notavel o numero dos que apresentavam um peito amplo e avançado, caracteristicos do ar marcial, e da posição firme e vigorosa que o regulamento exige, mas que a maioria dos militares não attinge bem, por lhes ter faltado a gymnastica conveniente em tempo proprio.

Os trabalhos propriamente gymnasticos foram bastante variados, e constaram de velocipedia, movimentos livres, marchas, patinagem, corridas de fitas em patins, saltos, exercicios elementares de esgrima de pau e de bayoneta, tiro de bésta, corridas de velocidade, escalada ao mastro e arvores, trepando por varas, escadas, cordas, etc.

Sem duvida os exercicios em patins foram os que produziram mais bonito effeito, e mais recrearam a vista, mas outros trabalhos merecem tambem menção especial.

Os movimentos livres, apesar de constarem de um grande numero de exercicios, alguns complicados, foram bem executados.

Nos saltos distinguiram-se alguns alumnos do 5.^o e 6.^o

annos, que chegaram a saltar quatro e cinco metros em largura, e 1,^m70 em altura.

Não ha duvida que é um bom resultado.

Nas escadas distinguiram-se alguns alumnos que subiram e desceram pelas cordas, a alturas elevadas, em braço de ferro; os que subiram por outros meios e processos tambem revelaram agilidade.

Aquelles que apreciam os exercicios principalmente pelo lado artistico, ou que exigem n'elles uma execução impecavel, é possivel que não ficassem inteiramente satisfeitos; nós porém, ficámos inteiramente satisfeitos, pois os tomamos como uma boa prova de que a pratica da educação physica se vae implantando, e que as instituições militares vão á frente n'esse movimento de regeneração physica.

Para ministrar a educação physica possui o Collegio uma boa sala de armas, e um magnifico recinto de exercicios physicos, donde foram banidas as famosas *paralelas*, *argôlas*, *trapezio* e *portico*.

No centro do recinto ha um quadrilatero asphaltado, para exercicios de patins e outros.

Aos lados veem-se o mastro de escaladas, aparelho de saltos, varas e barras horizontaes, e uns velhos e vigorosos cedros que sustentam nos seus ramos varios aparelhos de escaladas.

Tambem nos constou que havia recintos de tennis e outros jogos, mas não os pudemos ver.

Emfim, e para concluir, diremos que o Real Collegio Militar tem seguro o exito da educação physica dos alumnos, na energia intelligente do seu director, e nos meios e condições de que dispõe para os exercicios physicos.

Se é uma triste verdade que tambem nas questões de robustez e desenvolvimento physico e hygiene vamos atrasados, em relação aos outros povos europeus, sirva-nos ao menos de consolação a esperança de se melhorar no futuro, pois os alumnos de hoje serão amanhã outros tantos propagadores e apóstolos.

E bem precisa a patria de quem trabalhe pelo levantamento das suas forças.

Sobretudo, não nos devemos esquecer que as modernas conquistas do progresso, em nada afrouxaram os principios da concorrência e da lucta, e que os povos valem o que valem as suas ideias e a sua energia.

PRO PATRIA

Não desejamos, ao traçar estas linhas, ter pretensões a escrever um artigo erudito. Não tinha mesmo cabimento n'este lugar.

O nosso fim é simplesmente fixar bem, e muito bem, o ponto de vista da nossa nacionalidade livre, e a vontade resoluta e firme que todo o portuguez tem de a manter.

E' sempre conveniente não haver a esse respeito duas opiniões diversas.

Se é certo que as diferentes populações da Hespanha formam, no seu todo, um conjunto de caracteres geraes ethnologicos commum, é tambem verdade que a raça lusitana imprimio aos portuguezes uma certa originalidade collectiva que se destaca dos demais povos da Peninsula.

Ha unidade na historia peninsular, mas ha dualismo politico dos tempos modernos.

E esse dualismo leva o sr. Oliveira Martins a affirmar que entre as diversas tribus da peninsula a lusitana era, senão a mais, uma das mais individualmente caracterisadas.

Diz o sr. Oliveira Martins :

«Ha no genio portuguez o quer que é de vago e fugitivo, que contrasta com a terminante affirmativa do castelhano ; ha no heroismo lusitano uma nobreza que differe da furia dos nossos vizinhos ; ha nas nossas lettras e no nosso pensamento uma nota profunda ou sentimental, ironica ou meiga, que em vão se buscaria na historia da cultura hespanhola, violenta sem profundidade, apaixonada mas sem entranhas, capaz de invectivas mas alheia a toda a ironia, amante sem meiguice, magnanima sem caridade, mais que humana muitas vezes, outras abaixo da craveira do homem, a entestar com as feras. Tragica e ardente sempre, a historia hespanhola differe da portugueza, mais propriamente épica ; as differenças da historia traduzem as dessimilhanças do caracter».

Mas ponhamos de parte a questão da raça para fundamentarmos a nossa nacionalidade.

A anthropologia e a archeologia pre-historica mostra-nos a grande afinidade que existe entre os povos que representam ainda hoje as populações da Africa do norte e as primitivas populações da Hespanha.

E comtudo as nacionalidades são bem diversas.

A afinidade de raça tem pouco valor para o nosso caso.

A raça, diz o sr. Oliveira Martins, é de facto o mais tenue dos laços propios para garantir a cohesão independente de um povo.

Se faltou e falta em nós a unidade de raça, embora o grande nucleo da nação seja oriundo do povo lusitano, o mais individualmente caracterisado das tribus hespanholas, não ha duvida alguma que sobrou e sobra *uma vontade energica e uma capacidade notavel* nos principes e nos barões para constituirem esta nossa nacionalidade.

Temos a historia e com essa nos quedamos.

O patriotismo de um povo é fundado no interesse que esse povo tem em manter a sua homogeneidade social e politica.

E nenhum povo do mundo tem mais fundo esse sentimento nobre e generoso do amor da patria do que o povo portuguez.

A nossa liberdade e independencia de nação autonoma ninguem a comprará senão reduzindo a cinzas os 6 milhões de portuguezes que se agrupam em torno d'esse labaro augusto da patria — a nossa bandeira.

Para se conquistar Portugal é preciso destruil-o.

Engana-se redondamente o sr. D. Modesto Navarro, coronel do exercito hespanhol — suppondo que é possivel o *total da nacionalidade eberica, voluntaria ou forçadamente*.

Nunca!

Voluntariamente não pode uma nação que vive livre ha sete seculos, e defendeu em Aljubarrota e em Montes Claros o direito da sua liberdade e conquistou o respeito das demais nações da Europa abrindo-lhe e ensinando-lhe o caminho dos mares, não pode nunca, voluntariamente, repetimos, abdicar do seu passado, rasgar a sua historia gloriosa, esfrangalhar as suas esperanças de um futuro prospero e venturoso, desfazer as suas tradições e sobre tudo agrilhoar a propria liberdade ao carro triumphante do dominador.

Nunca!

Forçadamente ainda é peor a hypothese, por que tal tentativa da parte da Hespanha lançava-a na triste aventura e no violento trabalho de nos destruir a todos nós, para ao cabo, ter a funebre gloria de poder dizer que conquistou a terra portugueza mas não conquistou um unico portuguez.

E a sorte da guerra é tão varia!

Quem sabe o que seria d'essa aventura?

O sonho mau do sr. D. Modesto Navarro, e cremos acreditar que é um sonho isolado, e que a fidalga nação hespanhola não pensa em unir aquillo que nunca pode estar unido, embora na mais sincera cordealidade de povo irmão com ella desejamos viver em paz e amizade, faz-nos lembrar do suicidio da propria Hespanha quando se jogou á conquista do mundo. Olhe para o seu passado.

Modernamente a Hespanha perdeu o seu imperio colonial pela sua incapacidade administrativa, pela sua incapacidade militar, pela falta de tacto e senso, e sobre tudo porque ainda está no pendor da sua decadencia.

Que culpa temos nós das suas desgraças?

Ninguem as sentiu mais do que nós, porque como povo irmão soffremos as suas humilhações e vergonhas n'essas jornadas de Cavite e S. Thiago de Cuba.

E como gratidão aos nossos sentimentos de sincera amizade o sr. D. Modesto Navarro quer-nos conquistar!

Pois a empreza ha de ser difficil, e o proprio sr. D. Modesto Navarro d'ella se havia de arrepender quando comprehendesse que cada palmo de terra d'esta nossa patria tão querida está dentro de nossos corações.

Todo o povo é grande para defender a sua patria e com respeito ao nosso povo não ha, não pode haver duvidas. A Historia falla bem alto.

A irreverencia historica, ou antes talvez a ignorancia, com que o sr. D. Modesto Navarro falla no seu artigo publicado na *Revista tecnica de infanteria y caballeria* do glorioso *acaso* da historia portugueza, cantado no poema immortal do immortal Camões, leva-nos a ter dó do illustre escriptor hespanhol.

Com que então os trabalhos preparatorios de El-Rei D. Diniz, as sabias leis de El-Rei D. Fernando, o estudo meditado e aturado na academia de Sagres, as viagens emprendidas por ordem do Infante D. Henrique em demanda do mar tenebroso, as descobertas das ilhas, da Costa de Africa, do Cabo da Boa Esperança, a procura do Preste Joham das Indias por terra e por mar, a viagem de Vasco da Gama, emfim, toda essa epopeia maritima dos portuguezes, toda essa gloria nossa de navegar por mares nunca d'antes navegados, foi obra do *acaso*?!

Não foi uma campanha estudada, premeditada, continuada com heroismo, tenacidade e valor nunca excedidos?

Não foi a resultante de uma vontade firme e resoluta, com a consciencia nitida e clara da importancia do serviço prestado á civilisação e ao mundo? Não foi a manifestação quente e palpitante do nosso temperamento e da grandeza da alma portugueza? Foi um *acaso*?!

Deus lhe perdoe essa irreverencia historica, porque se continúa tambem chamaria *acaso* ás façanhas do Mestre de Aviz e ao incomparavel valor do Santo condestavel, D. Nuno Alvaro Pereira, n'essa memoravel batalha de Aljubarrota.

Fique o sr. D. Modesto Navarro sabendo, que quando a independencia de um povo assenta sobre a vontade collectiva d'esse povo, firme, resoluta, irreductivel, essa independencia nunca se conquista.



VELOCIPEDIA MILITAR

(Continuado do n.º 7 — 4.º anno)

Emprego da velocipedia nos exercitos estrangeiros

Desde 1790, anno em que appareceram os primeiros velocipedes, então toscos apparatus que a principio se moviam apenas com uma perna, executando o cyclista o que os francezes chamavam *pas de geant*, tem sido extraordinarios os progressos realisados até hoje na velocipedia.

A utilidade da machina, cada vez mais aperfeçoada, a sua aprendizagem facil, custo relativamente pequeno e facil conservação, explicam o desenvolvimento espantoso da velocipedia, diffundida por todas as classes da sociedade, que lhes aproveitam os seus relevantes serviços.

O exercito, que para a sua espinhosa e complexa missão lança mão de todas as invenções e aperfeçoamentos das sciencias e industrias, não podia ficar indifferente a este novo genero de locomoção, que parecia dever prestar-lhe um efficaz concurso. Não foi, porém, sem grandes difficuldades que se realisou a adopção da velocipedia nos exerci-

tos. Como todas as invenções, luctou durante muito tempo com a ignorancia, a indifferença e a rotina, que põem entraves ás mais timidas experiencias, exagerando os defeitos, produzindo criticas levianas e levantando, emfim, difficuldades sem numero, que só a perseverança e a dedicação de homens convencidos a custo vencem.

Foi o que succedeu com a velocipedia militar, que felizmente tambem teve dedicados partidarios, como o tenente-coronel Massaglia, na Italia; coronel Sprott, na Inglaterra; o general conde de Walderssee, na Allemanha; o coronel Dénis e capitão Girard, em França, etc.

As experiencias realisaram-se successivamente em quasi todos os paizes da Europa. A primazia coube, porém, como já dissemos á Italia, que primeiro se adiantou a aproveitar o uso da velocipedia no seu exercito, realisando as experiencias iniciaes em 1875 no campo de Somma.

Devido aos bons resultados obtidos n'estas experiencias, não obstante a imperfeição dos modelos então empregados, foram distribuidas tres machinas a cada regimento de infantaria, ficando assim definitivamente adoptada a velocipedia no exercito italiano.

Mais tarde, em 1885, o numero de machinas attribuidas a cada regimento subiu a cinco e foi regulamentada a instrucção dos velocipedistas.

Annos depois era adoptada uma machina mais leve e que podia desmontar-se para ser conduzida ás costas.

Os velocipedistas eram armados de carabina, que transportavam ligada ao garfo da machina. Nas manobras do exercito italiano teem tomado parte estes cyclistas, por vezes reunidos em grupo para execução de missões importantes.

Na Inglaterra foi preconisado o uso da velocipedia no exercito pelo coronel Sprott, em 1881; mas foi só em 1884 que se experimentou o emprego dos cyclistas como estafetas.

Em 1887, depois de grandes esforços de varios officiaes, entre elles o tenente-coronel Savile, que fez uma importante conferencia sobre o assumpto (publicada depois no *Vélace-Sport*), foram acceitos no exercito inglez os serviços dos cyclistas como *estaffetas*, serviços estes que nas experiencias anteriores se tinham revelado importantes.

Organizou-se então n'esse mesmo anno em cada batalhão de voluntarios, uma secção de velocipedistas commandada por um official.

Estas secções foram empregadas no anno seguinte, por occasião das manobras, na transmissão d'ordens em marcha e nos postos avançados; nos reconhecimentos; em exercicios de combate contra guardas avançadas, ataques de comboios, etc., realisando com exito todos estes serviços.

Tambem em 1889 foram introduzidos pelo Almirantado Inglez nas companhias de desembarque.

As experiencias, successivamente realisadas nas manobras de 1889 a 1892, vieram de uma maneira cathorica demonstrar que os cyclistas não deviam utilizar-se apenas como *estaffetas*, mas que podiam prestar bons serviços como *esclarecedores* e *combatentes*.

Assim, mais tarde, foram creadas companhias de cyclistas combatentes destinados a servir em tempo de guerra.

Algumas d'estas companhias entraram já na guerra do Transvaal,

e em março do corrente anno foi ordenada a criação de mais 8 d'estas companhias para servirem em Africa.

O effectivo de cada uma era de 5 officiaes, 5 sargentos, 2 clarins e 120 praças e o pessoal escolhido entre os voluntarios.

Em França publicou-se em 1878 uma brochura do coronel Dénis, preconizando a adopção da velocipedia no exercito francez; era porém cedo e esse estudo passou desaperecebido.

Em 1884 foram, todavia, realisadas, por iniciativa particular, umas experiencias em Grenoble, e o seu resultado enviado em relatorio ao Ministerio da Guerra; foi esta tentativa o verdadeiro inicio da questão em França.

Só, porém, dois annos depois, e por iniciativa da *União Velocipedica de França*, se realisaram nas manobras do 18º corpo experiencias de velocipedia em que tomaram parte oito socios da *União*.

Não obstante o accidentado do theatro das manobras, as experiencias foram coroadas do mais bello exito. Devido a este brilhante resultado, o ministerio da guerra mandou executar experiencias officiaes na escola de Joinville-le-Pont, que vieram confirmar o resultado das precedentes e determinar a adopção do cyclismo como meio da correspondencia no exercito.

Foi o que estabeleceu a circular de 19 de julho de 1887, firmada pelo general Haillat, que ao mesmo tempo mandava continuar as experiencias nas manobras do outomno dos differentes corpos de exercito.

Uma outra circular de 1889 creava já 4 cyclistas em cada regimento de infantaria.

Tres annos depois era organizada uma commissão presidida pelo general Boisdeffre, que em vista do resultado das experiencias realisadas, estabeleceu o regulamento provisorio de 1892.

Este regulamento estabelecia duas especies de cyclistas militares: *cyclistas regimentaes* e *cyclistas do estado maior*.

Os primeiros eram distribuidos em numero de 7 a 10 pelos regimentos de infantaria, artilheria e cavallaria; e os segundos na razão de 75 por estado maior. Uns e outros satisfazião a um exame e a uma prova, que para os primeiros era de 50 kilometros e para os segundos de 70; os socios classificados da *União Velocipedica de França* eram dispensados da prova.

Estabelecia o fardamento, equipamento e armamento que os cyclistas deviam usar; determinando tambem que a sua alimentação consistisse de duas rações fortes, ou sejam 500 grammas de carne por dia e vinho a cada refeição, visto o alimento dever estar na proporção do dispndio de forças phisicas.

Este regulamento foi tres annos depois substituido por outro mais completo intitulado «*Réglement du 5 avril 1895 sur l'organisation et emploi du Service Vélocipédique dans l'armée*».

No recrutamento dos cyclistas differe do anterior em não exigir exame oral. Os candidatos (praças do exercito activo ou da reserva) devem apenas saber lêr, escrever e contar, e são sujeitos a um exame medico e a uma prova pratica, que é a mesma do regulamento anterior.

Emquanto aos serviços que lhes prescreve este regulamento, temos a notar que além dos serviços de *estaffeta* e *esclarecedor*, estabelece tam-

bem a possibilidade de serem utilizados em campanha como *combatentes* em determinadas circumstancias.

Estabelece tambem o seu emprego nas praças de guerra para comunicação entre as diversas fortificações que as compõem.

A distribuição dos cyclistas pelas diferentes unidades e serviços é seguinte:

Quartel general de corpo d'exercito.....	19 m.
Quartel general de divisão de infantaria.....	11 »
Quartel general de divisão de cavallaria.....	8 »
Estado maior de brigada de infantaria.....	2 »
Estado maior de brigada de cavallaria.....	2 »
Regimento de infantaria.....	4 »
Regimento de cavallaria.....	2 »
Batalhão de caçadores.....	3 »

As machinas que são fabricadas nos arsenaes do Estado, são fornecidas em parte gratuitamente e em parte mediante o seu pagamento pelos fundos dos corpos.

Todas tomam parte nos exercicios e manobras, mas as ultimas podem ser cedidas aos officiaes do corpo, fóra d'esse periodo, mediante um pequeno desconto no soldo. Esta disposição tem por fim habituar os officiaes ao uso da bicyclete, por isso que os officiaes podem prestar grandes serviços em campanha, principalmente nos serviços do estado maior, como encarregados de missões especiaes importantes.

Actualmente tem-se empregado nas manobras como combatentes em determinados casos, como nos combates de guardas avançadas ou de retaguarda, occupação rapida d'uma posição, etc.

O desenvolvimento da velocipedia no exercito francez tem progredido sempre. Em 1899 começaram-se a crear companhias de cyclistas combatentes, tendo sido organisadas em 1 de agosto d'esse anno duas d'estas companhias respectivamente no 6.º e 20.º corpos de exercito, sendo a sua composição de 4 officiaes e 120 praças de pret.

Por tudo isto se vê a importancia que em França se dá á velocipedia militar.

(*Continúa*)

ALBERTO GUERREIRO PEIXOTO E CUNHA

Alferes d'infanteria

A QUESTÃO DAS PROMOÇÕES

N'um systema de promoções em que se toma como base principal o tempo de serviço ou a antiguidade no posto, é da mais rudimentar noção de justiça, que a promoção

ao mesmo posto nas diversas armas e quadros, não deve envolver grandes diferenças de antiguidade.

Como é evidente, a egualdade das promoções conseguia-se com a maior facilidade, uma vez que os officiaes de todas as armas e serviços entrassem n'um quadro unico, logo a começar no posto d'alferes.

Succede porém que, se a consequencia é de facil realisação, a hypothese do quadro unico tem-se por muito difficil ou impossivel, e, n'estas condicções, se ha uma cousa complicada, e difficil, é a de obter a promoção em todos os quadros particulares, não já rigorosamente egual, mas ao menos aproximadamente parallela.

Para se avaliar a difficuldade de resolver o assumpto, quando cada arma tem o seu quadro particular, basta dizer que cada anno, cada posto, cada classe, está em condicções differentes, e tem interesses especiaes.

O primeiro obice com que se depara, é a fixação da origem da antiguidade.

A' primeira vista parece que essa origem deve ser o primeiro posto de official — alferes. Comtudo, logo aqui se levantam as primeiras objecções. Ao passo que na infantaria e cavallaria o posto d'alferes tem sido considerado como posto definitivo, na engenharia e artilheria tem sido apenas um posto de transição, correspondente ao posto de aspirante, mas com a differença que o aspirante apenas passa a alferes, em quanto que o alferes passa a tenente.

Procurando outras origens de antiguidade áquem do posto de alferes, encontramos a data da conclusão dos cursos da Escola do Exercito, e a matricula no 1.º anno dos mesmos cursos.

Estas duas bases são ambas impugnadas pela artilheria, engenharia e estado maior, porque além dos cursos especiaes serem maiores, teem tambem mais dois ou tres annos das polytechnicas, que se não resignam a perder seja em que systema fôr de equiparação, e tanto mais que esse modo de vêr se baseia em certas disposições das leis anteriores. Durante muito tempo, essas leis graduaram em alferes os individuos das ditas armas superiores, logo que se matriculavam no 1.º anno da Escola do Exercito, ao passo que os de infantaria e cavallaria só eram graduados no fim dos cursos. Mais tarde passaram os primeiros a ser nomeados alferes só no fim dos cursos, e os segundos apenas aspirantes.

Se por um lado o principio da equiparação se impõe como uma necessidade para egualar as promoções, por outro lado é muito difficil conciliar as opiniões e interesses ácerca da origem da antiguidade.

Se a contagem da antiguidade a partir da conclusão dos cursos, e sem levar em conta os preparatorios e annos que esses cursos tem a mais, é impugnada pela engenharia e artilheria, a contagem da antiguidade a partir da matricula nos primeiros annos das polytechnicas e Escola do Exercito, não é melhor acceita pela infanteria e cavallaria, e uma das razões allegadas é que por este systema se conta como antiguidade de official, tempo em que o individuo é apenas praça de pret, ou mesmo paisano.

Aos obstaculos que já naturalmente se levantam, accresce ainda que nos ultimos trinta annos as diversas escolas e cursos tiveram regimens diversos.

A lei de 9 de setembro de 1899, do sr. coronel Sebastião Telles, que estabeleceu o principio da equiparação, adoptou como origem da antiguidade geral, o 1.º anno das polytechnicas para os cursos superiores, e para a infanteria e cavallaria o 1.º anno da Escola do Exercito, deduzindo-se, para todos, os annos perdidos.

Como é natural, os individuos que se abalançam a tirar os cursos superiores são geralmente os que mais cedo e regularmente fazem os preparatorios dos lyceus, e d'aqui se pôde logo inferir, que a base consignada na lei de 9 de setembro deveria ser particularmente favoravel á engenharia, artilheria e estado maior, e desfavoravel á infanteria e cavallaria.

Como é obvio, estas vantagens e desvantagens assim induzidas, seriam na pratica mais ou menos modificadas, consoante o estado de atrazo ou adiantamento em que se achasse cada quadro particular, e a regularidade com que cada individuo fizesse o curso superior, devendo-se notar que essa regularidade é mais difficil de conseguir quando o curso é maior.

Todavia, fossem quaes fossem as vantagens ou desvantagens da *base dezeseite*, ellas ficariam sempre muito limitadas, já porque o principio se applicava apenas ao preenchimento das vagas fluctuantes de general, já porque nas questões de promoção cada arma e posto e individuo tem os seus interesses particulares, de modo que o principio que prejudica os coroneis de uma arma, pôde ser o mes-

mo que beneficia os capitães ou maiores da mesma arma, e assim successivamente.

O decreto de 7 de setembro de 1899 estabelecia o principio da antiguidade geral ou absoluta, unicamente para os coroneis, não consignava nenhuma regra tendente a obter a egualdade de promoção nos outros postos inferiores.

Ao contrario, o actual ministro, sr. general Pimentel Pinto, acaba de publicar uma lei em que a escala dos coroneis é feita unicamente por antiguidade n'este posto, mas consignando principios em que se procura attenuar a desigualdade das promoções nos outros postos.

Segundo a nova lei, a promoção a tenente é feita por diuturnidade no posto de alferes, ficando essa promoção sendo a base ou origem da antiguidade geral.

Esta base, e visto que na diuturnidade do posto de alferes se leva em conta, ou se desconta a differença de annos dos cursos, é equivalente á matricula nos primeiros annos dos cursos.

Além de não ter os inconvenientes das outras bases, accresce a circumstancia de ser já muito antigo o preceito pelo qual a lei compensa por uma mais rapida promoção a tenente, a maior duração dos cursos superiores.

Os meios tendentes a obter a egualdade, ou a reduzir a desigualdade, consistem na faculdade de se augmentar ou reduzir d'um quinto os quadros de capitães e coroneis da engenharia, cavallaria e estado maior, conforme estiverem atrasadas ou adiantadas na promoção, a respeito da infantaria, que segue sempre a sua marcha natural.

Pelo systema adoptado na nova lei, o maximo de adiantamento que a promoção a capitão n'essas armas póde alcançar sobre a infantaria, é inferior a um anno. A promoção a major e a tenente coronel é feita independentemente nos diversos quadros; mas, na promoção dos tenentes coroneis, novamente se attende ao estado da arma reguladora, — a infantaria, — de modo que o adiantamento que as outras armas podem alcançar até coronel sobre a infantaria, é egualmente inferior a um anno, contado desde a origem geral da antiguidade, isto é, o posto de tenente.

Pelo seu lado a infantaria é obrigada á reciprocidade, não podendo tomar sobre as outras armas um avanço superior a um anno; mas o cumprimento desta disposição não é absoluto ou rigoroso, visto que ella segue sempre a sua marcha independente, e as outras armas só a podem acom-

panhar dentro dos limites do augmento de um quinto nos quadros de capitães e coroneis, ou sem ultrapassar esses limites.

Quer dizer: ao passo que essas armas se não podem adiantar de um anno a respeito da infantaria, essa pôde exceder esse limite, porque o seu adiantamento, sobre as outras armas não é reduzido por prescripções rigorosas, mas apenas attenuado dentro do augmento dos quadros até um quinto.

Durante o periodo transitorio, que se applicará a todos os officiaes que forem ou foram promovidos a tenentes antes de novembro de 1901, pelas disposições das leis anteriores, a origem da antiguidade geral é ainda a data da promoção a tenente.

N'este periodo alcançaram as armas ditas especiaes a promoção a tenente por diuturnidade, que ha muito vigora para ellas, ao passo que a infantaria só alcançou esse posto muito lentamente, por escala, ao fim de 5, 6, 7 e 8 annos depois de ter sahido da Escola do Exercito.

Em consequencia d'isto a base adoptada para origem da antiguidade geral no periodo transitorio, não pôde ser considerada inteiramente justa.

A differença de disposições ou regimens em que até hoje se fez a promoção a tenente, tira a este posto os caracteres ou condições que se devem exigir n'uma base de antiguidade geral, que são: um posto d'official definitivo, e a compensação da differença de annos dos cursos.

Não possuindo o posto de alferes nenhum d'aquelles caracteres, indicado estava ainda que mesmo durante o periodo transitorio devia tomar-se o posto de tenente para base da antiguidade, mas introduzindo as correções necessarias, para que a base transitoria da antiguidade fosse o mais rigorosamente possivel equivalente á base definitiva.

Por se não fazerem essas correções, a infantaria podia ter sido prejudicada em dois ou tres annos na fixação da antiguidade, e se o não fôr é isso devido ao mau estado em que se acha a promoção da artilheria, devido á grandeza dos seus cursos, desproporcional com as necessidades do movimento ordinario da sua promoção.

Provavelmente foi por estes motivos, e, por não haver dentro do limite do quinto nenhuma probabilidade da artilheria alcançar proxivamente uma promoção parallela com a infantaria, que o legislador desistiu de fazer quaesquer correções na base provisoria da antiguidade, por

não haver probabilidade do se tornarem praticos os seus efeitos.

A engenharia e estado maior é provavel que venham a ganhar com a ausencia d'essas correccões; mas, dado o facto de existir a reforma por equiparação, torna-se vantajoso que exista um quadro mais adiantado, sendo tambem conveniente que esse quadro seja pequeno.

*
* *
*

Todos vimos o effeito da recente applicação da lei, que consistiu em serem promovidos para o quinto positivo dos quadros alguns tenentes e tenentes coroneis das outras armas. Com um certo desapontamento da infantaria, o quinto negativo dos quadros não teve agora occasião de fazer as partidas que promette, mas isso antes nos deve regosijar, pois é prova de que não estamos atrazados a respeito d'essas armas, como aliás tem succedido outras vezes.

Tivemos a curiosidade de fazer um breve estudo sobre a applicação actual da lei, e bem assim sobre uma supposta applicação preterita. Como obtivemos alguns dados e conclusões interessantes, que até certo ponto nos esclarecem a respeito da futura applicação da lei, vamos reproduzil-as aqui.

Como o posto de tenente durante o periodo transitorio nos não fornece uma base inteiramente segura, para se avaliar a antiguidade absoluta, tomamos para referencia da antiguidade o 1.º anno dos cursos, que é uma base muito equivalente á que vae ser definitiva.

*
* *
*

Em 1900, a respeito da infantaria e d'aquella base, a promoção a capitão nas outras armas estava: na engenharia atrazada dois annos; na artilheria, trez; na cavallaria, trez.

Depois da applicação da lei em 1901, a engenharia ficou a par; a artilheria, atrazada dois annos, a cavallaria atrazada tres annos.

Em 1900 a promoção a coronel estava: na engenharia atrazada um anno; na artilheria, trez; na cavallaria, um.

Depois da applicação da lei em 1901, a engenharia ficou a par; a artilheria e cavallaria atrazadas um anno.

A idade que tem agora os coroneis mais modernos é: na engenharia 52 annos; infantaria, 53; artilheria 54; cavallaria 55.

Deve-se notar a circumstancia de apenas os engenheiros serem mais novos que os infantes, mas ainda assim subsistem os inconvenientes de se fazer no mesmo anno um numero tão elevado de coroneis, como aconteceu na artilheria, em que por estarem fóra do quadro, tiveram de ser feitos nove coroneis em vez de tres.

Esses coroneis hão de mais tarde perturbar um pouco a regularidade da promoção a general, mas é provavel que sejam elles proprios os mais prejudicados.

Vejamos agora quaes seriam as consequencias de uma supposta applicação preterita da lei actual de promoções.

Em 1895, a promoção a capitão a respeito da infantaria, e pela mesma base indicada, estava: na engenharia atrasada um anno; na artilheria a par; na cavallaria atrasada dois annos.

Os tenentes coroneis estavam em 1896: na engenharia adiantados dois annos; na cavallaria a par; na artilheria atrasados trez annos.

Por consequencia a promoção a capitão, segundo a lei actual, nos referidos annos, na artilheria ficaria na mesma; a cavallaria e engenharia teriam promoções para o quinto positivo.

Quanto aos tenentes-coroneis, os de engenharia seriam retardados um ou dois annos, pelo quinto negativo; a cavallaria ficaria na mesma e natural situação; na artilheria haveria promoções para o quinto positivo.

Em 1893 estava a promoção a coronel: na engenharia adiantada quatro annos; na cavallaria dois; na artilheria a par.

N'este anno e sob a vigencia da actual lei, os tenentes coroneis de engenharia teriam soffrido uma paragem de trez a quatro annos; a cavallaria de dois annos; e a artilheria ficaria na sua propria promoção.

Em 1890 estava a promoção a capitão: na engenharia a par; na artilheria adiantada dois annos; na cavallaria a par. N'este anno a applicação da lei só teria influido na artilheria, em que a promoção a capitão seria parada durante dois annos, ou até se diminuir o quadro de um quinto.

Em 1885 estava a promoção a capitão: na cavallaria a par; na artilheria e engenharia adiantada um anno. Applicando-se a lei n'este anno ficaria a cavallaria na mesma e,

a artilheria e engenharia seriam retardadas approximadamente um anno.

Em 1880 estava: a cavallaria atrasada um anno: a artilheria adiantada trez annos e a engenharia dois. A vigencia da lei teria determinado uma grande pausa na promoção a capitão na engenharia e artilheria.

Este breve estudo sobre a hypothetica applicação da lei no passado esclarece-nos o futuro e permite-nos induzir ácerca dos futuros effeitos da lei.

Não ha nenhuma razão para suppôr que a lei só sirva para accelerar a promoção das outras armas quando ellas estiverem atrasadas, e que a hypothese contraria se não realise nunca. Todas as armas teem soffrido até hoje constantes oscillações na promoção, e o mesmo tende a acontecer no futuro, porque nem os cursos que saem das escolas se pôdem prefixar com precisão, nem á promoção se pôde imprimir uma velocidade uniforme, regulando as vacaturas annuaes em cada quadro.

A fixação rigorosa dos cursos annuaes, segundo as necessidades de cada arma, e a racional constituição dos quadros de cada arma, conservando tambem uma rigorosa proporcionalidade entre os diversos postos, e fazendo na infantaria e cavallaria as correções relativas aos *praticos*, muito deveriam concorrer para se obter naturalmente o proximo paralellismo nas promoções.

Quanto á fixação dos cursos, parece-nos que nos ultimos annos, e desde que o actual ministro, o sr. conselheiro Pimentel Pinto, geriu pela primeira vez a pasta da guerra, de 1893 a 1896, o assumpto tem-se tratado com certo cuidado.

A respeito da constituição rigorosa e proporcional dos quadros, pouco ou nada se tem feito; mas agora, que está no animo de todos diminuir o mais possivel a desigualdade das promoções, parece-nos que seria conveniente fazer alguma coisa n'este sentido.

O principal motivo da desigualdade que se está notando na promoção, provém da grandeza dos cursos annuaes, umas vezes inferiores, outras superiores ás necessidades das armas.

Como é evidente, o curso superior ás necessidades assemelha-se a um repasto excessivo, e perturba a promoção, como o excesso do alimento perturba o intestino.

Todas as armas, incluindo a infantaria, tem soffrido esse mal.

A engenharia, para uma promoção média annual de dois maiores e quatro capitães, tem nos capitães cursos de dez, e nos tenentes cursos de quinze, tendo-se já dado o facto de serem do mesmo curso quasi todos os tenentes coroneis e maiores!

A artilheria, para uma promoção média annual de quatro maiores e sete capitães, tem nos capitães cursos de vinte, e nos tenentes cursos de trinta a trinta e seis.

A cavallaria teve antes de 1884 cursos que deram capitães para quatro annos.

N'estas condições torna-se impossivel egualar as promoções, não só de arma para arma, mas até dentro da mesma arma.

A infantaria tambem tem tido oscillações, mas nos ultimos tempos tem caminhado com certo desafogo, devido ao limite de idade, á regularidade dos cursos depois de 1884, e tambem ás *barreiras* para major e general. Os alferes que agora estão sahando tenentes com quatro annos, costumavam sahir com cinco, seis, sete e oito annos. Comparado com o estado actual da promoção dos alferes, o novo principio da diuturnidade pouco adianta; porém, em relação á promoção média, a nova lei antecipa de dois annos a promoção a tenente na infantaria, sendo na cavallaria approximadamente igual o adiantamento, e ganhando pouco ou nada a artilheria e engenharia.

Nos postos superiores a tenente ganharam as outras armas, por estarem atrazadas, mas com a futura applicação da lei ha de dar-se a reciprocidade, pela qual a promoção n'essas armas se tem de suspender e esperar pela infantaria.

Dir-se-ha que esta hypothese se não realisará por ser regra durarem as leis o tempo que duram as rosas; contudo, essa regra tem muitas excepções, e uma d'ellas bem póde ser a lei actual, porque já não ha de ser facil destruir da pratica o principio da egualdade das promoções, radicado na consciencia de todos, como justo e necessario para desenvolver a solidariedade imprescindivel da profissão das armas.

Emfim, parece-nos que é muito para reconhecer que *alguem* arroste com tantos e tão variados ataques, apenas inspirado no desejo de attenuar o mal de causas que não produziu, e de cimentar a harmonia na familia militar, pela egualdade na primeira de todas as recompensas — a promoção.

JULIO DE OLIVEIRA



EXERCICIOS MILITARES

(Continuado do n.º 6 — 4.º anno)

As ordens

Segundo o systema consagrado, a solução do problema tactico proposto no thema, encerra-se n'este facto muito simples: dar duas ou tres ordens; e, sob tal ponto de vista, é forçoso reconhecer que os typos de ordens fornecidos pelo regulamento, contendo doze ou vinte alineas, são um recurso precioso.

Com effeito: o que seria o plano de exercicio previamente desenvolvido, sem uma ordem de marcha, uma ordem de estacionamento ou retirada, contendo cada uma mais de doze artigos, em que tudo se regula e prevê, com um cuidado verdadeiramente burocrata?

Em rigor, os taes modelos de ordens com doze ou vinte artigos não foram feitos para brigadas, mas sim para divisões ou corpos de exercito, e além d'isso, mesmo n'estas unidades superiores, como é natural, o commando não se pode de modo nenhum limitar a dar as grandes ordens formaes.

Tratando-se de uma brigada é intuitivo que as ordens devem perder alguma cousa d'aquella solemnidade e extensão, e serem mais *retalhadas*, mais frequentes, mais adequadas ás multiplas situações, em que o commando precisa dirigir os pequenos grupos muito de perto.

O systema de commandar uma brigada durante umas vinte e quatro horas, dando apenas duas ou tres grandes ordens, dá em resultado que os grupos ora soffrem de commando de mais, ora soffrem de commando de menos.

Se o plano contém ordem para certo acto, como a marcha, combate, ou estacionamento, essa ordem é feita de modo que não dá logar a nenhuma iniciativa, e os sub-commandos, desde o principio até ao fim, são conduzidos pela *grande ordem*, como por meio de um pau se guia um cego.

De repente acaba-se a marcha ou o combate, ha um intervallo de duas ou quatro horas, que as tropas podiam ao menos aproveitar descansando; porém, como o plano não insere para esse tempo uma ordem de descanso, para ali se rebenta a esperar ordens, que nunca chegam, porque fóra das grandes ordens solemnnes, não ha meio de obter um acto de commando superior, e os sub-commandos sentem que o *plano* lhes supprimiu toda a iniciativa.

Segundo é já tradicional entre nós, as tropas nos exercicios alimentam-se do modo mais irregular, comendo mal e tardissimamente. Por outro lado, é certo, nunca em nenhum plano vimos uma ordem formal sobre a alimentação das tropas, determinando o recebimento de viveres, a confecção do rancho, a distribuição, etc.

Certas massadas excessivas e deficiencias no serviço de viveres, talvez se expliquem pelo systema de ordens e falta de ordens.

Este systema de commandar uma brigada em serviço de campanha e no combate, unicamente por meio de grandes ordens, em que se absorve a iniciativa dos sub-commandos, é absurdo e anti-regulamentar.

E' absurdo, porque segundo os principios correntes sobre tactica moderna, o commando em chefe é incapaz de governar o combate fóra da ideia geral exposta no plano de combate, e da acção pessoal sobre a reserva ou uma parte das tropas.

E' anti-regulamentar porque os regulamentos, estando em harmonia com aquellas ideias, consignam o principio da iniciativa, exigindo que no combate e outros serviços façam uso d'ella dentro da esphera que lhes á assignalada; e, além d'isso, determina que os exercicios do tempo de paz sejam conduzidos de modo a alcançar-se a educação da iniciativa.

Depois de empenhadas no combate, as tropas pertencem ao mesmo combate, isto é, ao conjunto de influencias moraes e physicas que o combate exerce necessariamente sobre os homens.

Sob a pressão d'esta doutrina, os regulamentos tiveram de abandonar as theorias de centralisação no governo do combate, e apellar para a iniciativa dos sub-commandos.

No n.º 667 do regulamento de campanha lê-se: «O dever principal dos commandantes de grupos durante o combate é concorrer e cooperar com todos os esforços para a realisação do objectivo commum. Este objectivo estará indicado na ordem do combate, mas quando o não estiver, procurarão restabelece-lo lembrando-se que em geral a falta de ordens ou instrucções precisas, nunca justificará uma conducta fraca, e muito menos a completa inacção.»

O n.º 669. diz: «Para o bom andamento de um combate é necessario que todos os commandantes de grupo conservem as suas tropas bem ligadas com as lateraes e conhecer o que se passa de um a outro lado para as dirigir da maneira a mais vantajosa, prestando o concurso que a situação particular permittir. Egualmente deve ter o maior cuidado em que as tropas se protejam convenientemente com os obstaculos do terreno, e prestar sempre uma grande attenção ao inimigo, para aproveitar dos erros commettidos e oppôr-se aos movimentos offensivos.»

Por onde se vê que a iniciativa tactica dos sub-commandos não é apenas uma aspiração de propagandistas, mas sim doutrina com a sancção regulamentar. Por essa doutrina reconhece o regulamento a impossibilidade da centralisação, ou do commando superior prover a tudo, e impõe aos sub-commandos o dever de não repousar absolutamente na direcção superior, esperando d'elle ordens para tudo, e fazendo unicamente o que elle manda.

O regulamento tactico tambem está infiltrado da mesma doutrina, a que frequentemente allude, quer nos principios tacticos, quer no methodo de instrucção.

No n.º 2 do titulo I, lê-se: «E' de absoluta necessidade desenvolver nos graduados o espirito de iniciativa e a rapidez de percepção, facto-

res fundamentaes da educação tactica, o que se consegue habituando-os a escolher as formações mais adequadas, e a cooperar dentro dos limites de breves instrucções.»

No titulo III, n.º 112, lê-se: «O fim principal d'esta parte do ensino é obter a convergencia de acção das diversas companhias para um objectivo commum, e desenvolver, dentro de justos limites, a iniciativa e o criterio tactico dos quadros.»

E no n.º 116: «Aos chefes dos escalões de execução cumpre fazer uso da propria iniciativa, accomodada ás circumstancias e nos limites assignalados, concorrendo sem discrepancia para o fim commum.»

E' baseando-nos n'estas e outras disposições que nós dizemos que os exercicios não são concordes com os processos tacticos e methodos de instrucção estatuidos nos regulamentos.

Nos exercicios previamente desenvolvidos por meio de *ordens* ou *instrucções*, a iniciativa a o criterio tactico dos graduados não se desenvolvem — asphixiam-se.

Se se dá uma ordem de exploração, essa ordem é tão detalhada e combinada com os movimentos do inimigo, que as patrulhas podem ir estrada fóra a dormir em cima dos cavallos. A transmissão de informações torna-se desnecessaria, porque o general tem a presciencia da situação e intenções do inimigo, e o plano tudo prevê e resolve.

As outras ordens insertas no *plano* são igualmente redigidas de modo que tambem não dão logar á iniciativa dos sub-commands, nos pontos essenciaes.

Em conformidade com o processo natural, o plano de combate seria formulado depois do reconhecimento, isto é, da acção da cavallaria e empenho da guarda avançada.

A esse respeito é expresso o regulamento de campanha, e diz: «Logó que recebe noticia do encontro com o inimigo, o commandante da columna aproxima-se do commandante da guarda avançada, para receber as noticias relativas ao inimigo, que completará por meio de reconhecimento se o julgar necessario. Em vista da situação e das instrucções que possuir, forma o plano de combate e expede as *ordens* para a sua execução»

E' isto o que o regulamento manda, mas não é assim que se pratica. Quer a hypothese dada no thema seja de combate previsto, quer de combate inesperado ou de encontro, o plano responde com uma *ordem de combate*, feita com quinze dias de antecedencia, e contendo doze artigos. O processo regulamentar exige *ordens especiaes* dadas depois do reconhecimento; o *plano de exercicio* dá uma *ordem geral* antes do reconhecimento.

Por consequencia, o que se faz não é verosimil e conforme o regulamento: é um tirocinio puramente artificial e phantasiozo, e a primeira origem do mal é excutar-se o exercicio applicando um trabalho de gabinete.

A mania de commandar unicamente por meio de grandes ordens, vae até ao ponto que, para o caso de retirada, os planos de exercicio inserem uma ordem geral contendo doze artigos, com todos os detalhes de execução.

Este systema é inadmissivel.

Se durante o combate é já difficil ao commando superior fazer chegar ás unidades empenhadas uma ordem exequivel, simples, breve, parcial, essa difficuldade torna-se muito maior nas ultimas phases do combate, e sobretudo quando se é derrotado.

Não ha duvida que em taes circumstancias só se pôde levar ao conhecimento dos sub-commands ordens muito breves e parciaes.

Uma ordem de retirada, *geral*, abrangendo todos os grupos, com disposições minuciosas, é pura phantasia.

Concorde com esta doutrina, o regulamento, que aliás se não poupa a formulas nem as resume, não formúla nenhum typo de *ordem de retirada*, e diz: «Quando se preveja a necessidade de retirar, o commando superior expedirá *ordens* para a marcha dos comboios e trens regimentaes; indicará as linhas de retirada a seguir; designará as forças que devem proteger a retirada no campo do combate e constituir a guarda da rectaguarda para todas as tropas.»

(*Continúa*)

JULIO DE OLIVEIRA.
Tenente de Infanteria

CAPELLÃES MILITARES

Todas as nações pequenas estudam e analysam os aperfeiçoamentos das grandes potencias buscando aquelles que se pôdem adaptar ao meio; já modificando-os segundo o clima, usos e costumes da raça, como tambem, e na maior parte dos casos, segundo a riqueza do paiz.

Porém, os poucos recursos da nossa fazenda publica, comquanto tenha prosperado, tendo de satisfazer simultaneamente a muitos compromissos, nem sempre pôde, infelizmente, tapar as lacunas que existem, ou modificar a legislação vigente embora se reconheça o meio e modo de o fazer; porque as pequenas nações, como o geral das familias, encontram como unico e principal barranco para a sua prosperidade o dinheiro.

Mas tendo um exemplo que se pôde pôr em pratica com um insignificante augmento de despeza, porque não o adoptaremos se, sendo adaptavel ao exercito, não fôr contra as leis geraes do paiz?

Não fallaremos nos paizes cuja religião é diferente da nossa, mas olhemos para a nossa visinha Hespanha.

Lá, os capellães militares não só tem o livro d'obitos, como tambem o dos baptisados e casamentos; e o capellão, tem, por assim dizer, no seu regimento a sua parochia.

Os poucos recursos do nosso intellecto, o pouco tempo que nos deixam os nossos deveres profissionaes e a humil-

dade da nossa bibliotheca não nos permitem descrever a organização da capellania militar do reino visinho; mas deve ser d'uma facilidade inconcussa a par d'outros problemas d'organização ou reforma como foi a do nosso exercito.

Não faltam recursos de especie alguma ao illustre ministro da guerra, bastando um accordo entre Sua Ex.^a e o Eminentissimo Patriarcha, como capellão-mór do exercito, para que tudo se realisasse.

Auctorisar que os capellães pudessem casar as praças e officiaes do regimento, ministrar o sacramento do baptismo, encommendar e alçar a cruz nos enterros.

Além dos deveres actuaes teriam a seu cargo o registo de tres livros correspondendo cada um ao seu mister, devendo participar qualquer dos factos a uma repartição central com séde no ministerio da guerra.

E agora que se pensa n'um chefe de classe para a capellania, seria esse o chefe da repartição, que unificando os deveres dos capellães daria ao mesmo tempo para todo o exercito as certidões de casamento, baptismo e obito.

Seria essa a unica repartição aonde todo o militar recorreria para haver as diversas certidões que necessitasse, não tendo assim que pedir a uma, duas e até sete freguezias, ás vezes todas de differentes terras.

E sendo o mais antigo capellão militar, o Sr. Balthazar d'Almeida, com o seu grande talento, bom senso e erudição póde, na organização, ser um grande auxiliar do Ex.^{mo} Ministro da Guerra, embora este illustre diplomata tenha sempre tempo para resolver os innumerados, diversos e espinhosos encargos de tão transcendente pasta.

E assim, advindo para todos uma pequena economia, mais estreitavamos os laços da grande familia militar tornando-nos mais independentes.

Guarda, 5 de julho de 1901.

ANTONIO CANDIDO FURTADO DE MENEZES PINTO
Capitão d'Infanteria 12

MISSÃO DE INFANTERIA

Partiram para o estrangeiro os nossos camaradas e amigos, os srs. capitão Alberto José Vergueiro e tenente Antonio Joaquim Santa Clara, distintos collaboradores d'esta *Revista*.

Estes illustrados officiaes que toda a arma conhece, aprecia e estima, pelo seu saber e entranhado amor á causa santa do progresso da nossa infantaria, vão, por ordem do illustre ministro da guerra o sr. conselheiro Pimentel Pinto, em missão de estudo pela Europa, devendo principalmente esse estudo incidir em carreiras e campos de tiro, armamentos de infantaria e, emfim, tudo quanto se correlacione com o tiro de infantaria.

A *Revista de Infantaria*, que bem conhece e sabe quanto o illustre ministro da guerra deseja engrandecer a nossa arma, habilitando-a a bem poder desempenhar o seu dever em campanha, não pode ficar silenciosa diante d'esta prova de consideração feita á arma, e regista com viva satisfação e agradecimento a importancia moral d'esta medida, que ao mesmo tempo exprime da parte do nobre ministro o desejo sincero de avançar com passos seguros, estudando e mandando estudar os differentes problemas militares cuja solução possa conduzir a uma sensata e patriótica administração.

Da competencia technica e alto valor profissional dos nossos camaradas da missão ha a esperar um exito brilhante, que, de uma maneira notavel, deve concorrer para grandes e profundos melhoramentos na nossa arma.



SECÇÃO DO EXTRANGEIRO

HOLLANDA. — Composição do exercito. — A composição actual do exercito hollandez é a seguinte :

Infanteria. — Consta de : 1 regimento de granadeiros a dois batalhões ; 1 de caçadores a tres batalhões ; e oito de infantaria de linha a cinco batalhões com quatro companhias cada um, formando os quatro primeiros batalhões de cada regimento o exercito de campanha e os quintos destinados á guarnição e defesa das obras de fortificação.

Cavallaria. — Consta de : tres regimentos de hussares de cinco esquadrões e um de deposito ; e de um esquadrão de ordenanças.

Artilheria. — Consta de : tres regimentos de campanha a seis baterias e de duas companhias de trem ; de tres baterias a cavallo, sendo uma destinada aos serviços de instrucção ; de quatro regimentos de sitio a dez companhias ; de duas companhias de torpedos ; e de uma companhia para a guarnição dos fortes couraçados.

Engenharia. — Consta de um batalhão composto de tres companhias de campanha, tres de fortaleza, uma de caminhos de ferro e outra de deposito.

ALLEMANHA. — Um exercicio commandado pelo Imperador. — Na occasião da ultima visita á Alsacea-Luraina, o Imperador, além da revista que passou em honra do anniversario natalicio do Imperador da Russia, ordenou, a 15 de maio ultimo, um exercicio de dupla acção, que teve logar entre Garze, Rezenville e Ars.

A força encarregada da defeza, formada por 5 batalhões

com algumas metralhadoras, era encarregada de defender os fortes em construção situados no sector já indicado, sob as ordens do príncipe Reuss XIX, commandante da 34.^a divisão.

A força encarregada do ataque, formada por 13 batalhões e numerosa artilheria, era commandada pelo proprio imperador.

Depois d'um demorado combate as obras indicadas foram tomadas de assalto.

Experiencias com uma nova arma. — Em Spandau realisaram-se ultimamente, durante oito dias, experiencias com uma arma automatica inventada por um armeiro allemão. Foram presenciadas pelo ministro da guerra e por um delegado especial do imperador.

A nova arma é alguma cousa menos pezada e menos comprida do que o modelo em uso, mas a vantagem principal reside na velocidade de carregamento, que permite dar 20 tiros por minuto, sendo a camara limpa automaticamente por uma escova especial depois de cada serie de 20 tiros. Notaram-se-lhe alguns defeitos, mas depois de novas correccões espera-se na Allemanha que dê bons resultados.

AFRICA DO SUL. — Farms queimadas pelos inglezes. — Segundo uma noticia dada pelo *Times* de 15 de maio ultimo, extrahida d'uma nota distribuida ao parlamento, vê-se que os inglezes destruíram no Sul da Africa as seguintes casas: em junho de 1900, 2; em julho, 3; em agosto, 12; em setembro, 99; em outubro, 189; em novembro, 226; em dezembro, 6; em janeiro de 1901, 3; em datas desconhecidas, mas anteriores a novembro de 1900, 90. O que prefaz o total de 634.

INGLATERRA. — A Lei modificada. — A campanha do Sul da Africa está produzindo na Inglaterra os seus effeitos salutarés. Não é sómente da organisação do exercito que se trata, cujos topicos já aqui indicámos, mas tambem dos armamentos que se cuida.

Na fabrica de Enfield trabalham actualmente, dia e noite, 4:000 operarios nas modificações introduzidas na Lee-Metford que visam principalmente o systema da carregamento a fim de dar a este maior velocidade e, ao mesmo tempo, de o tornar menos delicado. Estes inconvenientes foram reconhecidos na campanha sul-africana.

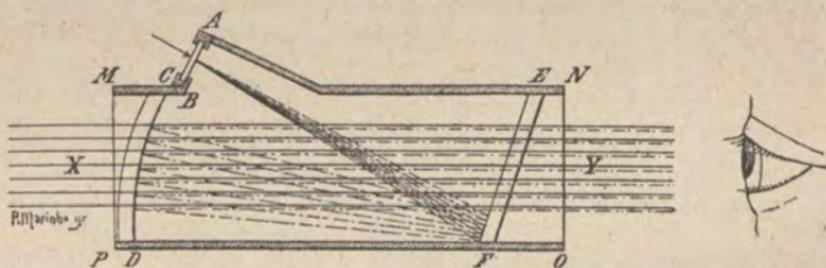
A novas balas, *man-stopper*, (rolha-humana) espera-se que sejam mais mortíferas do que as actuaes.

Apparelho de pontaria para armas portateis. — Da *Illustration* franceza, transcrevemos o seguinte:

Os apperellos de pontaria das armas portateis são imperfeitos e rudimentares.

Ferido por este facto, posto em evidencia pela inexperiencia dos soldados inglezes na campanha do Transvaal, e pelo grande desperdicio de munições, sir Howard Grubb, de Dublin, conhecido já pelos seus trabalhos de optica astronomica, descobriu um processo verdadeiramente scientifico e que vem auxiliar e simplificar a operação delicada e bastante demorada da pontaria.

Grubb, applicando os mesmos processos empregados n'alguns instrumentos astronomicos construiu a mira extremamente simples que consta do seguinte:



1.º — Uma caixa rectangular $M N O P$, contendo em $A B$ um pequeno vidro despolido sobre o qual estão dados dois traços negros em cruz.

2.º Um outro espelho estanhado $E F$ com uma direcção parallelá ao vidro despolido $A B$.

3.º — Um outro pequeno espelho concavo $B D$.

A theoria do apperello é a seguinte:

A imagem da cruz (reticulo) traçada em $A B$ vaee incidir sobre o espelho estanhado $E F$. Devido a esta propriedade, esta imagem é reflectida para o espelho concavo que, pela sua parte, a reflecte na direcção $X Y$, isto é, para o olho do adversario. Os raios do espelho $A B$ são divergentes e assim reflectidos pelo espelho $E F$ para o espelho concavo $B D$, mas este, devido á sua curvatura, torna-os parallelos, obtendo-se assim uma imagem real.

O espelho concavo $B D$ é construido d'uma maneira especial, permittindo reflectir os raios divergentes que lhe são reflectidos pelo espelho estanhado e dando ao mesmo tempo passagem aos raios que vierem do exterior. Este resultado é obtido pelo emprego do processo bem conhecido na construcção dos instrumentos opticos, e que consiste em dispôr sobre o vidro uma rede formada por uma infinidade de fios capilares de estanho.

Devido a esta particularidade os raios emittidos pelo alvo que se pretende visar, atravessam este espelho, a caixa, e vão incidir sobre o olho do observador.

A pratica, depois do exposto, é facil de vêr que consiste em visar o alvo atravez da caixa e, obtida a sua imagem, fazel-a coincidir com a imagem da cruz, que está sempre na mesma posição e que parece ser d'uma cruz traçada a uma distancia igual á do alvo, para ter a arma na direcção do alvo.

Bibliographia

Ordens Militares Portuguezas — I, Ordem de Santiago = por Manuel Xavier Trindade Roquette, tenente de infantaria.

E' uma monographia interessante e elegantemente escripta.

Revela o seu auctor e nosso camarada e amigo, o sr. tenente Roquette, muita investigação historica e muita erudição.

Presta um importante serviço ás letras patrias e conjunctamente ás ordens militares de Portugal, porque em linguagem vernacula e estylo elegante e terso restabelece a verdade historica que, infelizmente, tem andado ou obliterada ou relaxadamente despresada.

O livro do sr. Roquette merece o favor do exercito, embora nunca lhe passasse pela mente o menor vislumbre de ganancia ao emprehender um trabalho, aliás de tanta responsabilidade e de tanto valor historico, como este, porque todo o mundo sabe que no nosso pequeno exercito não ha mercado compensador para os sacrificios e despezas que faz aquelle que emprehende uma publicação militar.

Quem anda n'esta lueta da imprensa militar ha de por força ser illuminado por um grande sentimento altruista, por uma grande abnegação, por um ideal bem nitido a favor do exercito e da Patria.

Mais digno se torna do nosso applauso muito cordeal e muito sincero o illustre escriptor militar, o sr. tenente Roquette, pela isenção com que se lançou ao trabalho, sem esperar nem contar com remuneração alguma.

A elegante monographia que vimos tratando é prefaciada pelo sr. Coronel João Carlos Rodrigues da Costa, um escriptor consagrado, que allia á sua alma generosa e franca, uma illustração superior e uma intelligencia privilegiada.

O prefacio é um primor litterario.

Com aquella franqueza sincera e adoravel, que caracteriza a distincta e proeminente individualidade litteraria do nosso douto e muito querido amigo, o sr. coronel Rodrigues da Costa, traça o valor do livro em periodos que nós não sabemos se mais valem pela forma elegante e correctissima da phrase, se pela erudição e conceito.

E bem está assim.

Tudo se harmonisa n'esta bella publicação, que encanta á vista pelo cuidado artistico da parte material do livro, e deleita o espirito pelo que vale a urdidura do seu encantador prefacio, e o trabalho paciente e intelligente de investigação historica do auctor, escripto em linguagem sã e captivante.

Os nossos applausos e as nossas felicitações.

Do estudo das linguas vivas no exercito, por José Justino Teixeira Botelho, capitão de artilheria e lente da Escola do Exercito.

E' um pequeno folheto extrahido do nosso collega *Revista do Exercito e da Armada*, onde o nosso prezado amigo, sr. Teixeira Botelho, distincto capitão de artilheria e sabio lente da Escola do Exercito, nos apresenta um curioso trabalho de investigação do estudo das linguas vivas no nosso exercito, remontando á epocha dos Filipes, e onde, a traços largos, nos diz quaes as linguas vivas que hoje se estudam nos exercitos hespanhol, francez, belga, allemão, hollandez e inglez.

Depois de nos apresentar revelações curiosas, principalmentn na parte que se refere á nossa antiga legislação, e de indicar quaes as linguas que se estudam actualmente nos exercitos que indicámos, tira o sr. Teixeira Botelho sete conclusões, em face das quaes faz judiciosas considerações pedagogicas e militares, com as quaes põe bem em relevo a necessidade do estudo das linguas vivas, principalmente do inglez e allemão.

Nós, corroborando tão justo modo de ver, dizemos que seria bem mais util para o exercito se, em logar de tanta coisa inutil que se obriga a estudar, se obrigasse a dispensar um bocado de mais attenção e tempo ao estudo do inglez e allemão.

Agradecendo ao nosso amigo, sr. Teixeira Botelho, a gentileza da sua offerta, não podemos deixar de o louvar pelo seu curioso trabalho, e de o applaudir pela sua bella orientação.

SECÇÃO OFFICIAL

Secretarios das commissões de sorteio

Circular n.º 36 da direcção geral da secretaria da guerra, de 31 de outubro de 1900.

Diz que achando-se os districtos de recrutamento e reserva actualmente constituídos de fórma a poder satisfazer a todos os serviços de recrutamento, com excepção da operação do recenseamento, devem ser os subalternos pertencentes ao quadro dos districtos, os officiaes nomeados para secretarios das commissões do sorteio e só no impedimento legal d'estes se deve recorrer aos subalternos dos regimentos activos de infantaria correspondentes.

Transgressão da circular n. 62 de 5 de maio de 1896

Ordem circular n.º 42 C da 1.ª divisão militar, de 5 de novembro de 1900.

Diz, tendo-se verificado que nos conflictos occasionados entre praças de marinhagem e a policia, na Praça de D. Pedro, na noite de 1 do corrente mez e renovados na de hontem, tomaram parte como espectadores, um grande numero de praças dos corpos da guarnição e nomeadamente impedidos de officiaes, com manifesta transgressão do disposto na ordem circular n.º 62, expedida por este commando em 5 de maio de 1896, Sua Ex.ª o General Commandante da Divisão, no interesse da manutenção da ordem publica e da disciplina, manda recommendar o exacto cumprimento da mesma circular, em todas as suas disposições e bem assim do que se acha preceituado nos capitulos 6.º e 7.º do regulamento geral de serviço dos corpos do exercito, na parte que diz respeito ás dispensas da formatura do recolher, e licenças para pernoitar fóra do quartel, na certeza de que, procederá com todo o rigor contra todas as praças, qualquer que seja a sua situação, sempre que forem encontradas em transgressão da circular e regulamento referidos.

O mesmo Ex.º Sr. manda que a mencionada circular seja lida durante 3 dias ás formaturas do rancho e recolher.

Revista colonial e maritima

Ordem circular n.º 42 E do commando da 1.ª divisão militar, de 8 de novembro de 1900.

Diz que em nota n.º 1:384 da 3.ª repartição da secretaria da guerra, e por ter chegado ao conhecimento de Sua Ex.ª o Ministro que a casa *Ferin* communicára a varios corpos deverem fazer directamente a assignatura da *Revista colonial e maritima* que até aqui lhes era enviada por ordem do ministerio da guerra, se faça saber aos commandantes dos corpos que, em conformidade com o disposto no artigo 63.º do regulamento das escolas para praças de pret, os referidos commandantes poderão fazer ou não a assignatura da alludida *Revista* conforme os fundos da escola que dispozerem e julgarem conveniente.

Arreios aniquilados

Circular n.º 30 da 5.ª repartição da secretaria da guerra, de 12 de novembro de 1900.

Esclarece que os arreios aniquilados por terem servido a solipedes atacados de doenças contagiosas, devem ser substituidos pelo arsenal do exercito, sahindo sómente dos fundos para diversas despezas a importancia dos artigos de limpeza, cabeçadas de prizão e outras miudezas pela referida causa, ficando assim entendido o n.º 34 do art. 2.º do decreto de 21 de junho do corrente anno.



4.º Anno

Setembro de 1901

N.º 9

REVISTA DE INFANTERIA



A INSTRUCCÃO ESPECIAL DOS EXPLORADORES

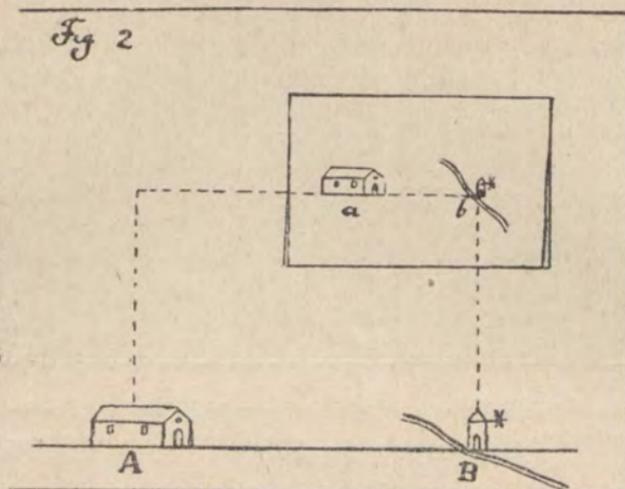
(Continuado do n.º 7 — 4.º anno)

Orientar uma carta

Em quasi todas as cartas se encontra marcada a linha *N-S* por meio d'uma setta; quando tal indicação não existir, deve suppôr-se que, os lados do rectangulo do papel em que a carta está desenhada, representam: os lados direito e esquerdo, a linha *N-S* e os lados superior e inferior a linha *E-O*. Portanto, conhecendo a linha *N-S*, basta collocar os lados direito e esquerdo da carta n'essa direcção ou o lado superior e inferior na direcção *E-O*, e está orientada.

Não se conhecendo a linha *N-S* ou *E-O*, proceder-se-ha d'esta fórma: Determina-se na carta o ponto *a*, que cor-

Fig 2



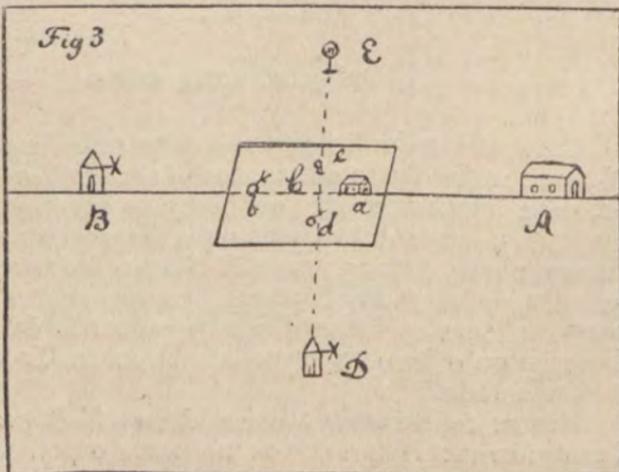
responde ao ponto A no terreno aonde se está (fig. 2). Como de A se avista o moinho B, que na carta é representado por b, para achar os pontos cardeaes, temos que mover

a carta n'uma posição sensivelmente horisontal, até que a linha graphica ab da carta seja paralela á sua homologa AB no terreno. Assim ficará orientada a carta e conhecidos os quatro pontos cardeaes, que são dados pela direcção dos lados do rectangulo.

Quando não conhecermos, na carta, o ponto em que nos encontramos, e a quizermos orientar, procuramos no terreno algumas arvores isoladas, torres, casaes, ou outros pontos, que estejam representados e reconhecidos na carta. Para esta ficar orientada é necessario movel-a horisontalmente, até que a linha que unir os dois pontos na carta fique na mesma direcção que a que unir os dois pontos do terreno.

Exemplo:
Se o commandante dos exploradores ou o commandante de uma patrulha ou grupo, deseja, n'um certo ponto C, orientar a carta, procura no terreno dois

Fig 3



objectos *A* e *B* (fig. 3), facéis de reconhecer na carta, e que determinam o alinhamento *AB*. Como a sua posição em *C* é um ponto d'este alinhamento, enfiando os pontos graphicos da carta *ab* com qualquer d'elles *A* ou *B*, tem a carta orientada.

E' facil ainda determinar o ponto exacto aonde nos achamos, logo que se conheça a distancia d'elle a qualquer dos pontos *A* ou *B*. Não a conhecendo, procuram-se dois objectos no terreno que, unidos por uma linha, esta intercepte a primeira, estabelecendo depois o ponto de crusamento. Na fig. 3.^a *DE* satisfaz ao exigido.

O processo mais facil e seguro de orientar uma carta é por meio da bussola.

Se a carta tiver indicada a linha *N-S* por meio da setta, colloca-se a bussola horisontalmente, de modo que a linha *N-S* magnetica cubra a setta do limbo; feito isto, move-se a carta até que a setta traçada n'ella fique parallela á linha *N-S* do limbo ou da agulha magnetica.

Se a carta não tiver a setta, representando, como já vimos, os lados do rectangulo, a linha *N-S* e *E-O*, colloca-se a bussola de modo que a agulha magnetica cubra a setta da declinação do limbo. Feito isto, move-se a carta até que os lados do rectangulo, que representam a linha *N-S*, fiquem parallelos á linha *N-S* do limbo, coincidindo, já se vê, o *N* da carta com o *N* do limbo.

c) — *Determinar os pontos intermedios e o ponto para onde se parte.* — Para determinar sobre a carta um ponto qualquer, um casal, por exemplo: orienta-se a carta, e, na direcção da linha que une o ponto aonde nos achamos ao casal, procura-se o signal convencional que o representa. Caso tal signal se não encontre na carta, determina-se facilmente o ponto que lhe corresponde, escolhendo na proximidade do logar aonde nos encontramos, dois outros pontos que estejam marcados na carta, e, sem a deslocar, viza-se d'elles, por meio d'uma regua encostada a um alfinete ou agulha, o casal; marcando com um traço a lapis os dois raios vizuaes, o encontro dos dois traços sobre a carta determina o logar aonde deveria estar indicado o casal.

§ 3.º

Marcha para um inimigo representado

Pratica. — Depois do instructor ter feito recordar aos exploradores os pontos principaes que dizem respeito á esco-

lha de posição, e ao aproveitamento do terreno, faz occupar por alguns exploradores já instruídos, ou por soldados escolhidos, um objectivo qualquer, ordenando ao sargento ou cabo, que os commanda, que faça destacar para a frente, a convenientes distancias, para pontos avançados, pequenos grupos, os quaes deverão occultar-se, como fariam em campanha. Depois os exploradores tomam posição, e os grupos inimigos, em harmonia com as instrucções recebidas, marcham em direcção a elles, que, do seu posto, seguem com todo o cuidado os movimentos do adversario que se desloca, se occulta totalmente ou em parte; se mostra a descoberto; desaparecendo n'uma dobra de terreno para apparecer n'uma crista, estendendo e occultando-se por detraz d'uma sebe, utilizando um muro, um fosso, uma arvore, etc.

O instructor aponta aos exploradores os inconvenientes ou vantagens dos differentes pontos que foram successivamente occupados.

Ordena, em seguida, aos exploradores que marchem em direcção ao inimigo, devendo, na marcha, desempenhar a difficil missão de: procurar e indicar os pontos de passagem para as tropas que precedem; escolher e assignalar os locais proprios para altos; descobrir os pontos aonde o inimigo se occulta; repellir os exploradores inimigos; fazer intelligente emprego dos fogos e utilizar bem o terreno.

O inimigo, em harmonia com as instrucções recebidas, faz fogo sobre os nossos exploradores, que caminham para elle de posição em posição, fazendo tambem fogo sobre os grupos do adversario, que houverem descoberto, ou cuja posição tiverem determinado por qualquer indicio.

Em seguida os postos do inimigo tiram sobre a posição primitiva e cessam o fogo, suppondo-se que foram repellidos. Os exploradores continuam avançando, ou destacando d'entre elles alguns mais intelligentes, ou mesmo patrulhas, que marchando agachados de abrigo em abrigo, procuram approximar-se o mais possivel da posição do inimigo, para reconhecerem, mais minuciosamente, alguns dos seus pontos, e para determinarem a força e posição do adversario. São seguidos d'outros que estabelecem comunicação para a retaguarda e transmittem as observações realisadas.

Mas não termina aqui o papel dos exploradores: atiradores habéis, soldados habituados a utilizar convenientemente o terreno, devem, por meio dos seus fogos, levar a

perturbação ás linhas avançadas do inimigo, permitindo o desenvolvimento á retaguarda das forças que precedem, marcando a linha aonde essas mesmas forças devem entrar em combate. E' n'essa linha que devem fazer o ultimo alto, esperando que a tropa que precedem se lhes approxime. O instructor deve observar se a posição de combate foi bem determinada, dando-lhes as indicações precisas.

Observação. — Durante o movimento do inimigo, devem os soldados a instruir ser exercitados a dirigir o fogo de um grupo para outro e a abrir e cerrar os intervallos, se estiverem separados, para continuarem o fogo nas condições mais vantajosas. Durante o fogo observará o instructor com toda a minuciosidade: se são aproveitados convenientemente os pontos de apoio; se avaliam as distancias; se graduam as alças; se só fazem fogo quando descobrem o alvo e se se occultam para carregar.

Se o inimigo se deslocar observará tambem: se modificaram successivamente as gradações da alça; se só fazem fogo de preferencia quando o inimigo se levanta, ou quando avança, dando-lhe então toda a intensidade (fogo vivo ou de repetição), sendo menos intenso quando o inimigo está em posição ou abrigado.

(Continúa)

J. GIL

Capitão d'infanteria

O DUELLO NOS EXERCITOS

(Conclusão)

Acontecem de quando em quando alguns casos quasi nunca factes, ridiculos, que só servem para se contar no dia seguinte nas respectivas actas que se acolhem sem louvor, com indifferença, com desprezo, mesmo passadas algumas horas já ninguem d'elles falla, d'elles cura, nem mesmo os agentes do ministerio publico!!

Não figuram nem ao menos em nossas estatisticas!!...

E realmente vê-se que o duello está tão pouco introduzido nos nos-

dos costumes que apesar dos meios pouco energeticos empregados para a sua repressão, quer pela propria lei quer pela sua applicação, desde 1863 até esta data, figuram apenas na lista apresentada pelo Marquez Cabrinãna um numero muito diminuto de duellos, sendo o mais importante o que teve logar entre o deputado José Julio e o capitão Miguel Nogueira, ficando morto o primeiro.

Foram os reis de Castella, que importando n'este reino a completa aversão ao duello, o declararam *contrabando pestilencial*, em termos absolutos, supprimindo na sua orde. liv. 5.^o tit. 43.^o, as palavras, *sem nossa especial licença e auctoridade*, punindo a provocação em si mesma com penas severas e deixando os crimes que n'elle se commettessem para as respectivas disposições penaes, como tambem veio confirmar D. Filipe II por Alv. de 30 d'agosto de 1612.

Depois D. Pedro II, como regente do reino, mantém a mesma prohibição na lei de junho de 1668 exasperando as pessoas do *«contrabando d'uma mercadoria, objecto de luxo immoral e escandaloso, especialmente para os fidalgos, que faziam honra — d'aquillo que, ella bem considerada, deviam antes condemnar.* (Silva Ferrão).

Tem sido sempre reprimido o duello, até á lei vigente, que é a do codigo penal ordinario que segue a lei promulgada na Belgica em 8 de janeiro de 1841.

Diz Ferrão : «importou-se o duello não livre de direitos (de penas) mas sujeito a direitos moderados (penas leves). Fazemos votos para que ridicularisado, como está sendo o consumo de semelhante mercadoria, ella continue a encontrar entre nós falta de consumidores!...

Pelo artigo 381.^o do codigo penal ordinario a provocação a duello é punida com 1 a 3 mezes de prisão e multa até um mez.

Art.^o 382.^o — Os que injuriarem os que não se batem soffrem a a mesma pena. Quando haja morte de um combatente o codigo marca 1 a 2 annos de prisão, podendo elevar-se a prisão ao dobro com os effeitos da prisão correccional.

Os padrinhos tambem são punidos pelo artigo 386.^o.

O nosso codigo de justiça militar nada prevê ácerca do duello.

Pelo art. 95.^o do regulamento disciplinar do exercito é criado o conselho de disciplina do exercito, com fim analogo *aos tribunaes d'honra* em Hespanha, cuja organização é diferente.

Comparando vemos o seguinte: a provocação a duello e a sua aceitação não são perseguidos, independentemente do proprio duello, se não na Allemanha, na Russia, na Hespanha, em Portugal e na Austria pelo codigo de justiça militar.

Na Allemanha, na Russia e em Hespanha o duello entre militares é punido pela lei penal ordinaria, assim como entre nós e na Italia; mas na realidade n'estas nações ou se auctorisam muitas vezes os encontros, como por exemplo nas duas primeiras; ou quando não se auctorisam, como nas seguintes, a lei poucas vezes é applicada.

Na Austria as penalidades contra o duello militar são incluídas no codigo de justiça militar; em França o duello é auctorisado no exercito.

Os codigos militares allemão, francez, russo, hespanhol e portuguez não preveem em materia de duello militar. Os tres primeiros apenas preveem o caso da provocação do superior pelo inferior, sendo este caso previsto em Italia, pelo regulamento disciplinar. Em todas as nações o que é um principio muitissimo posto em evidencia e cumprido muito rigorosamente é *que o duello não pode nunca ser provocado por uma questão de serviço.*

Os soldados batem-se em duello unicamente na França.

A Allemanha, a Austria e a Russia teem tribunaes d'honra.

As desposições da egreja são as seguintes :

A egreja catholica pune o duello com a excommunhão e privação de sepultura ecclesiastica. Pelo concilio de Trento no seu cap.º da *Reformat*, assim como os pontífices Gregorio XIII, Clemente VIII, Benedicto XIV e Pio IX foi condemnado o duello e combatido com censuras terriveis.

Por uma bulla de Pio IX acham-se comprehendidos da excommunhão os duellistas ainda que o duello não se verifique; os padrinhos, os medicos, que assistem ao combate e o proprio sacerdote que presta auxilios spirituaes ao que ficar ferido, o individuo que carregar as pistolas sabendo que ellas são para um duello, assim como os imperadores, reis, governadores civis e todas as auctoridades civis e militares que tiverem noticias de quiz vae realizar-se um duello e não o impedirem.

O papa Benedicto XIV condemnou á privação de sepultura ecclesiastica os combatentes mortos em duello ou como consequencia de feridas recebidas, ainda que antes da sua morte se arrependam e recebem a absolvição de seus peccados.

O papa Leão XIII respondeu em 1891 á consulta formulada pelos bispos d'Austria e d'Allemanha pelo mesmo theor dos seus antecessores.

A diminuição progressiva dos duellos faz prever como uma possivel realisação o que escreveu Mérignac :

«On est tué longtemps avec frévesie, on est tué en suite avec moderation, on a fini par se tuer avec precaution, pour en venir si c'est possible, a ne plus se tuer du tout».

Apesar da grande transcendencia da legislação sobre o duello, como a considera Berrier, em todos os exercitos se teem empregado os meios para a sua repressão, estando ainda por conseguir o *desideratum* de se encontrar uma combinação que estabeleça esta repressão d'accordo com os principios do direito commum, sem se pôr em lucta e desacordo com a opinião publica. Por emquanto a não ser na Inglaterra nenhum legislador o tem conseguido. Em Portugal torna-se urgentissimo que o actual mui nobre ministro da guerra faça sahir os officiaes da falsissima situação em que se encontram, sempre que tem logar alguma questão d'honra.

Se realmente não existe entre nós o preconceito da falsa opinião, o que serve de base á lei ingleza, deve talvez tentar-se a sua adopção. Em segundo logar o que nos parece ter dado melhores resultados, foi a criação dos tribunaes d'honra, organisados como na Allemanha e de que já demos uma rapida idéia. Quando se debateu na Allemanha, no Reichstag, a questão, para ser reprimido o duello, concordou-se que a melhor forma de o conseguir, seria o melhoramento dos *tribunaes d'honra*.

Da forma como esta instituição está organisada na Allemanha, difficilmente poderá ser introduzida no nosso exercito sem se estar em desharmonia com os principios religiosos; pois que os tribunaes d'honra como alli são estabelecidos, auctorisam o duello em casos especiaes.

Com uma conveniente modificação approxima-se um pouco da organização dos tribunaes d'honra do exercito hespanhol, apesar d'estes não preverem a questão do duello; talvez fosse a melhor forma de conseguir o fim desejado.

O nosso conselho de disciplina pode ser equiparado ao tribunal d'honra do exercito hespanhol, pelo menos no seu fim e deverá talvez ser aqui onde se deya accrescentar alguma disposição relativa aos desafios entre militares para se baterem em duello.

O mui nobre ministro da guerra, sentinella permanente ao levantamento moral do nosso exercito, não deixará de encarar esta questão com o cuidado que ella tem merecido a todas as nações. O assumpto é muito espinhoso, mas não menos urgente.

JOÃO ANTONIO CORREA DOS SANTOS.
Tenente de Infantaria

A CONSTITUIÇÃO DOS QUADROS

E

A PROMOÇÃO AO GENERALATO

I

GENERAES DE BRIGADA

Pela actual lei organica do exercito, decreto de 7 de setembro de 1899, continuou o quadro dos generaes a ser formado por seis generaes de divisão, e vinte generaes de brigada.

Os vinte generaes de brigada divide-os a lei em tres grupos, sendo o primeiro formado por 13 logares ou vagas fixas, e o segundo e terceiro grupos formados por sete logares ou vagas ditas fluctuantes.

Os logares fixos distribuem-se do seguinte modo:

	/ Estado maior... 1
	Engenharia..... 1
Quadro A...	Artilheria..... 2
	Cavallaria..... 2
	Infantaria..... 7

Analysando este quadro, nota-se.

- 1.º Que obedece a certa proporcionalidade, relativamente ás tropas e quadros das diversas armas.
- 2.º Que tem um certo intuito de satisfazer as mais urgentes necessidades do commando de cada arma.
- 3.º Que destina á infantaria mais de metade dos logares fixos.

Dos sete logares fluctuantes, destinados aos coroneis mais antigos, podem pertencer até cinco a qualquer arma ou estado maior.

Como é evidente, os logares fixos podem-se combinar com os fluctuantes, segundo os caprichos da promoção, dando logar a varios quadros mais ou menos phantasticos; por exemplo:

	a	b	c	d	e
Estado maior...	6	1	1	1	3
Engenharia. ...	1	6	1	1	1
Artilheria.....	2	2	7	4	2
Cavallaria... ..	2	4	4	2	7
Infanteria.....	9	7	7	12	7
Somma ...	20	20	20	20	20

Pelo exame dos quadros a, b, c, d, e, que são diversas formas mais ou menos possíveis do quadro maximo, vê-se que :

- 1.º O estado maior pode ter tantos generaes como tem coroneis.
- 2.º A engenharia, com um quadro de dez coroneis, pode ter seis generaes.
- 3.º A artilheria e cavallaria, tendo cada uma quinze coroneis do quadro, pode ter tantos generaes como a infantaria, cujo quadro de coroneis é de 49.
- 4.º A infantaria pode absorver quasi dois terços do quadro de generaes.
- 5.º A infantaria e a artilheria podem possuir 16 generaes de brigada, ficando para as outras armas só quatro logares.

Actualmente distribuem-se do seguinte modo os generaes existentes :

Quadro B...	{	Estado maior... 1
		Engenharia.... 3
		Artilheria..... 4
		Cavallaria... .. 5
		Infanteria..... 7

O exame d'este quadro mostra-nos que dos sete logares ou vagas fluctuantes, foram apanhados dois pela engenharia, dois pela artilheria e tres pela cavallaria. A cavallaria tem quasi tantos generaes como a infantaria, sendo apenas de 14 o seu quadro de coroneis, ao passo que o quadro da infantaria é de 49.

Por consequencia o quadro B, que aliás é apenas uma forma moderada do quadro maximo, afasta-se completamente dos principios de uma equitativa proporcionalidade na distribuição do generalato.

A infantaria e o estado maior figuram no quadro B apenas com o fixo ou minimo, mas não se deve d'ahi deduzir que só esta arma e o serviço de estado maior sejam interessados n'uma remodelação do assumpto, no sentido de se reduzirem as vagas fluctuantes, para com essa redução se evitarem certos inconvenientes para o serviço do exercito. Pelo contrario, n'um futuro muito proximo, a infantaria é a arma que mais ha de ganhar com o numero elevado das vagas fluctuantes. O exame do quadro geral dos coroneis no almanack, mostra-nos isso em toda a evidencia.

Na primeira metade da pagina 63, em 33 coroneis apenas 10 são de infantaria. Este facto explica inteiramente o motivo por que a infantaria não tem apanhado as vagas fluctuantes. Na segunda metade da pagina, em 33 coroneis, a infantaria figura com 13.

O exame da pagina 64 é ainda mais concludente, porque em 52 co-

ronéis pertencem 29 á infantaria, mais novos em idade que os das outras armas.

Não ha duvida que a crise de vagas fluctuantes para a infantaria vae quasi passada, e que n'um futuro proximo será esta arma a que mais ganha com o numero elevado das vagas fluctuantes.

Por consequencia, não é por egoismo de arma nem porque a infantaria receie o futuro, que vimos pugnar pela redução das vagas fluctuantes, e tanto mais que a redução só se deve fazer observando os principios da mais rigorosa equidade.

A necessidade de reduzir os logares fluctuantes, augmentando os logares fixos, provém de que a actual constituição do quadro de generaes de brigada, nem repousa em bases rigorosamente justas, nem satisfaz as necessidades particulares das armas, nem as conveniencias geraes do exercito e do serviço publico.

Pelo systema em vigor ha generaes a mais e generaes a menos.

Precisa-se generaes para commissões, e ha generaes que não teem commissão, ou teem commissão insufficiente, e nós chamamos commissão insufficiente, á commissão que se deve accumular com outra mais importante.

A infantaria, com oito brigadas ou commandos de general, tem apenas sete generaes, estando dois a exercer commissões geraes, ou que não são exclusivas da infantaria. Portanto faltam-lhe trez generaes.

A engenharia e artilheria teem cada uma, um general exercendo commissão que se deve accumular com outras.

A cavallaria tem generaes até sem commissão, o que é muito natural, dado o grande numero de vagas fluctuantes, e as regras que presidem ao seu preenchimento. Quando se dá uma d'essas vagas, não se procura para ella o coronel idoneo para desempenhar a commissão especial; promove-se o coronel mais antigo na escala geral.

A distribuição dos logares de general de brigada pelas diversas armas e estado maior, deve basear-se nos seguintes principios:

- 1.º Satisfazer as necessidades da lei organica e dos serviços do exercito.
- 2.º Ser feita equitativamente, ou proporcional aos quadros das armas e serviços.

1.º Caso, ou distribuição que satisfaça as necessidades da lei organica e dos serviços do exercito:

As commissões de serviço que a lei organica declara exclusivas de cada arma e serviço, são:

Estado maior	— Direcção dos serviços.
Engenharia	— Direcção dos serviços.
Artilheria	— Direcção dos serviços.
Cavallaria	— Commando das duas brigadas da arma.
Infanteria	— Commando das oito brigadas da arma.

As commissões que a lei organica destina aos generaes promovidos para as vagas fluctuantes, são :

- Commando da Escola do Exercito.
- Direcção da secretaria da guerra.
- Governo do campo entrincheirado de Lisboa.
- Dito da praça de Elvas.
- Dito do Forte de S. João Baptista, da Ilha Terceira.

Estas cinco commissões podem-se ainda dividir em dois grupos.

As commissões do 1.º grupo, formadas pelos governos das fortificações de 1.ª classe, são habitualmente destinadas a generaes oriundos da engenharia ou artilheria.

As commissões do 2.º grupo, formadas pela direcção da Secretaria da Guerra e da Escola do Exercito, são destinadas a generaes de qualquer arma ou estado maior.

Por consequencia, as dezoito commissões de general de brigada especificadas nas leis dividem-se em rigor nos dois grupos seguintes :

1.º grupo, formado por dezesseis commissões destinadas a armas determinadas ;

2.º grupo, formado por duas commissões destinadas a qualquer arma ou estado maior, sendo mesmo conveniente que por ellas passem generaes de todas as armas.

N'estas condições, as commissões especificadas nas leis e de caracter geral reduzem-se a duas, e o maximo numero de vagas fluctuantes não pode ir além de quatro, visto que as firmes são dezesseis.

Estes dezesseis logares firmes seriam distribuidos do modo seguinte :

	Estado maior..	1
	Engenharia . . .	2
Quadro C...	Artilheria.....	3
	Cavallaria	2
	Infanteria.....	8

Por este quadro são as vagas fluctuantes reduzidas a quatro, mas este numero é ainda muito grande. Sendo essas quatro vagas absorvidas por uma só arma, a distribuição do generalato ainda fica desequilibrada, e talvez pouco equitativa. Além d'isso pode satisfazer menos bem as conveniencias do serviço.

Vejamos agora como se deve distribuir o generalato pelas diversas armas, attendendo á segunda condição acima enunciada, isto é, que esta distribuição seja equitativa, ou proporcional aos quadros das armas e serviços.

	Estado maior..	48
Quadro de of-	Engenharia ...	118
ficiaes com-	Artilheria	314
batentes...	Cavallaria	279
	Infanteria.....	1163

Proporcionalidade de generaes de brigada, referida ao quadro de officiaes das armas.

Quadro D...	{ Estado maior..	0,5
	{ Engenharia ...	1,3
	{ Artilheria.....	3,2
	{ Cavallaria	3
	{ Infanteria.....	12

Officiaes existentes no al- manach, abatendo os que nã teem o curso das ar- mas	{ Estado maior..	58
	{ Engenharia ...	158
	{ Artilheria.....	381
	{ Cavallaria	259
	{ Infanteria.....	1062

Proporcionalidade de generaes referida a este quadro, em que se abatem os individuos que não podem ter acesso ao posto de general:

Quadro E...	{ Estado maior..	0,6
	{ Engenharia ...	1,6
	{ Artilheria.....	3,9
	{ Cavallaria ...	2,7
	{ Infanteria.....	11

Este quadro é para a infanteria e cavallaria mais rigoroso que o quadro D. Para a engenharia e artilheria é menos rigoroso, porque estas armas teem um grande numero de officiaes fora do quadro, e que não virão a ser generaes do quadro:

Quadro dos coroneis	{ Estado maior..	6
	{ Engenharia ..	10
	{ Artilheria.....	15
	{ Cavallaria	14
	{ Infanteria.....	49

Proporcionalidade de generaes referida aos coroneis dos quadros:

Quadro F...	{ Estado maior..	1,4
	{ Engenharia ...	2,1
	{ Artilheria.....	3
	{ Cavallaria	3
	{ Infanteria.....	10,5

Este quadro é muito rigoroso e equitativo para todas as armas.

Coroneis exis- tentes no al- manach	{ Estado maior..	11
	{ Engenharia ...	16
	{ Artilheria.....	32
	{ Cavallaria	21
	{ Infanteria.....	55

Proporcionalidade de generaes referida aos coroneis existentes no almanach :

Quadro G...	{	Estado maior..	1,6
		Engenharia ...	2,3
		Artilheria.....	4,7
		Cavallaria ...	3,2
		Infanteria.....	8,2

Este quadro não é rigoroso para nenhuma arma. A proporcionalidade da infantaria é deficiente; a das outras armas e estado maior excessivas por terem essas armas mais coroneis fora do quadro, relativamente, que a infantaria. Além d'isso muitos d'esses coroneis que estão fóra do quadro, não virão a ser generaes do quadro.

Tirando a media arithmetica dos quadros D, E, F, G, obtem-se :

Quadro H...	{	Estado maior..	1
		Engenharia ...	1,8
		Artilheria.....	3,7
		Cavallaria	3
		Infanteria.....	10,4

Este quadro, visto ser formado pela media de todas as proporcionalidades anteriormente obtidas, umas favoraveis, outras desfavoraveis ás diversas armas, fornece-nos uma nova expressão mais rigorosa e equitativa da proporcionalidade.

Tomando ainda nos quadros D, E, F, G, os numeros das menores e das maiores proporcionalidades das diversas armas, podemos formar os seguintes quadros representativos das proporcionalidades minima e maxima.

Quadro I (minimo)....	{	Estado maior..	0,5
		Engenharia ...	1,3
		Artilheria.....	3
		Cavallaria	2,7
		Infanteria.....	8,2
			15,7

Quadro J (maximo)....	{	Estado maior..	1,6
		Engenharia ...	2,3
		Artilheria.....	4,7
		Cavallaria	3,2
		Infanteria.....	12
			23,8

Reduzindo com a maior approximação possível, ou com o menor erro, as proporcionalidades minimas e maximas, a numeros inteiros,

e aos limites do quadro do generalato, obtemos os seguintes quadros praticos :

Quadro K (minimo practico).....	{	Estado maior...	1
		Engenharia ...	1
		Artilheria.....	3
		Cavallaria	3
		Infanteria	8
			16

Quadro L (maximo practico).....	{	Estado maior...	1
		Engenharia ...	2
		Artilheria.....	4
		Cavallaria	3
		Infanteria.....	10
			20

Para melhor os podermos comparar entre si, tomemos o quadro C minimo firme, imposto pela organica, o quadro K minimo proporcional, o quadro H medio proporcional, e o quadro L maximo proporcional pratico.

	C	K	H	L
Estado maior...	1	1	1	1
Engenharia	2	1	1,8	2
Artilheria.....	3	3	3,7	4
Cavallaria.....	2	3	3	3
Infanteria.....	8	8	10,4	10
Somma ...	16	16	19,9	20

Comparando os quadros minimos C e K vê-se que apenas differem em ter no segundo a engenharia menos um, e a cavallaria mais um lugar de general, donde se conclue que no quadro C é a cavallaria prejudicada n'um general, que aproveita á engenharia.

Comparando os quadros H e L, nota-se a sua grande identidade ou approximação, não differindo nenhum dos seus numeros mais que alguns decimos da unidade.

Comparando os quadros C e K com o quadro medio H, nota-se que adoptando para minimo firme o quadro C, ganha a engenharia 0,2; a artilheria perde 0,7; a cavallaria perde 1, e a infantaria perde 2,4.

Adoptando para minimo firme o quadro K, a engenharia perde 0,8; a artilheria perde 0,7; a cavallaria e estado maior nada perdem; a infantaria perde 2,4.

Em vista do rigor com que o quadro medio H exprime a distribuição equitativa do generalato, o que se deve concluir das comparações acima feitas, é que nem o quadro C nem o quadro K são equitativos, e

que se impõe a necessidade de formar um outro quadro mínimo firme, mais justo e proporcional.

Esse quadro só se pode formar augmentando para dezoito os logares firmes do generalato, e reduzindo a duas as vagas fluctuantes.

Eil-o:

Quadro M. . .	{	Estado maior. . .	1
		Engenharia . . .	2
		Artilheria.	3
		Cavallaria	3
		Infanteria.	9

Comparando este quadro com o medio proporcional H, nota-se que nada perdem o estado maior, engenharia e cavallaria. A artilheria perde 0,7, e a infantaria 1,4

A promoção para os dezoito logares firmes deve continuar a ser feita pelo systema em vigor.

O prehenchimento das duas vagas fluctuantes pode continuar a fazer-se segundo o systema seguido, ou por algum outro systema novo.

A promoção por escolha para os logares mais elevados da hierarchia militar, como que anda no ar, e visto que é principio seguido em varios exercitos estrangeiros, natural é que acabe por se acclimar entre nós, que somos dominados pela imitação, mas nem sempre do que é melhor.

Discordamos do principio da escolha para os graus inferiores a general de divisão, mas ainda assim parece-nos que se não deve sacrificar absolutamente tudo á antiguidade, e que sem prejudicar sensivelmente esse principio, se poderia introduzir na lei um incentivo e um premio para o trabalho, para o amor da profissão e para o merito.

Visto que o quadro M, mínimo ou firme do generalato, repousa em bases inteiramente equitativas; que a actual lei de promoções consigna regras que reduzem a desigualdade da promoção a coronel; e que a reforma por equiparação é ainda outro meio compensador de qualquer atrazo, propomos que as duas ou duas das vagas fluctuantes sejam preenchidas, nem por antiguidade nem por simples escolha, mas sim por eleição, sendo os eleitores independentes, com a sua carreira militar completa, e livres de influencia politica.

Esses eleitores devem ser os generaes de divisão.

A eleição só deverá recahir n'um coronel que tenha logar na metade superior da escala geral, satisfazendo entre outras, a algumas das seguintes condições:

- 1.^a Ter dezoito annos de commando de tropas, ou serviço especial do estado maior, sendo pelo menos nove annos como official superior.
- 2.^a Ter dirigido bem alguma campanha importante
- 3.^a Ter dado provas de uma desenvolvida e superior instrucção militar.

II

GENERAES DE DIVISÃO

Os logares de general de divisão devem distribuir-se pelas diversas armas, segundo os mesmos principios de equitativa proporcionalidade que empregamos para fixar o quadro dos generaes de brigada.

Essa equitativa distribuição está em harmonia com as conveniências da technica militar, mas é aqui difficil de obter, por ser muito pequeno o numero dos generaes de divisão.

Os unicos typos possiveis de distribuição são os seguintes :

	N	O	P	Q
Estado maior	1	1	1	1
Engenharia			1	1
Artilheria	1	1	1	1
Cavallaria	1	1	1	1
Infanteria	2	3	2	3
Somma	5	6	6	7

Segundo o quadro N ha cinco logares firmes e um fluctuante. Os logares firmes pertencem: um á engenharia ou estado maior, um á artilheria, um á cavallaria, dois á infanteria. A vaga fluctuante pode pertencer a qualquer arma ou estado maior.

No quadro O suprime-se a vaga fluctuante em proveito da infanteria, o que não excede a equidade, porque já na divisão proporcional dos generaes de brigada vimos que pertencia á infanteria 50 por cento.

No quadro P tambem se suprime a vaga fluctuante, mas em beneficio do estado maior e engenharia, que ficariam favorecidos.

O quadro Q é muito equitativo; evita que a engenharia e o estado maior fiquem brigando por causa da successão á vaga commum, mas exige que o quadro se augmente de um logar.

Dentro dos limites actuaes o quadro N é o que se nos affigura mais viavel, porque permite a todas as armas uma representação minima e equitativa no generalato de divisão, havendo ainda uma vaga movel ou fluctuante, para restabelecer melhor a justiça e garantir as conveniencias superiores do exercito.

Actualmente não existe nenhuma distribuição do quadro dos generaes de divisão, o que dá margem a que até a arma principal — a infanteria — possa estar sem nenhuma representação n'esse quadro, ou sem o commando de nenhuma das unidades superiores, o que é um grande inconveniente.

Sendo os officiaes de infanteria os mais habilitados e competentes para commandar os batalhões, regimentos e brigadas, não é licito duvidar que o sejam ainda elles em regra, para commandar as divisões, compostas de cinco regimentos de infanteria, e apenas um de cavallaria e um de artilheria.

Nós estamos mesmo convencidos, que só um general que tenha feito a sua carreira na infanteria, ou grande pratica de commando de tropas d'esta arma, será capaz de se entender e não confundir, com o espectáculo que apresentam oito, doze, ou vinte e quatro batalhões, dispersos pelo campo em duzias de companhias, centos de pelotões, enxames de atiradores e patrulhas.

Por estas e outras rasões parece-nos que a representação da infanteria n'este generalato nunca deve ser de menos de tres divisionarios.

Relativamente ao systema de promoções, parece-nos que o que melhor satisfaz ás superiores conveniencias do exercito e da nação, é o mesmo principio da eleição, como já o propuzemos para o preenchimento das duas vagas fluctuantes de general de brigada.

Os eleitores seriam ainda os generaes de divisão.

A eleição só deve recahir nos generaes de brigada mais qualificados, habéis profissionaes, distinctos.

O general de brigada que fôr eleito em primeira eleição, ou indicado para ascender a general de divisão, não será obrigado a fazer o que propriamente se chama um exame, mas será convidado a redigir em tempo limitado, memorias sobre assumptos especiaes, relatorios sobre manobras nacionaes, sobre systemas de instrucção theorica e pratica dos officiaes e das tropas, organização, etc.

Os relatorios e memorias devem ser apresentados impressos.

Nos primeiros tempos da implantação d'esta lei, o convite para apresentar memorias e relatorios começará pelos generaes de brigada mais antigos, que forem provisoriamente julgados idoneos; porém mais tarde, o Conselho Superior de Promoções irá descendo o convite até aos generaes mais modernos, afim de reunir com a maior antecedencia possível as provas verificativas da capacidade, e estar habilitado a eleger definitivamente um general de divisão, logo que se produza a vaga.

Este systema resolve o problema de elevar a divisionarios — que são entre nós o alto commando — só os melhores generaes de brigada, sem ter os perigos de promoção por escolha, e garantindo a maxima justiça na selecção.

JULIO DE OLIVEIRA.

Tenente de infantaria



INSTRUCÇÃO MILITAR AOS RESERVISTAS

Tudo quanto se faça de bom para ministrar ás reservas do exercito instrucção militar, é um serviço relevantissimo, que se presta ao paiz. Portugal, não pode ter em armas um exercito permanente elevado, mas pode e deve tel-o licenciado, prompto á primeira voz a ser chamado ás armas, para defeza do sagrado torrão patrio.

Em nossa humilde opinião, todas as praças apuradas para o serviço militar do exercito, deviam ser convenientemente instruidas, para o que seriam chamadas ao effectivo

do exercito, na arma d'infanteria, as que não fossem incorporadas n'outras armas.

As chamadas principiariam pelos numeros mais altos do sorteio. Quando estas praças estivessem devidamente instruidas, tres mezes, iriam para as suas terras, e seria chamado, então, o verdadeiro contingente activo. Por esta forma, fazia-se desaparecer os inconvenientes que hoje existem, e evitar-se-hia que durante todo o anno, houvesse recrutas em instrucção nos corpos, ficando assim todos os contingentes instruidos.

Estabelecer-se-hia premios para todos os reservistas ou mancebos que no acto de sentar praça ou posteriormente quando reservistas, apresentassem attestados de atiradores de primeira ou segunda classe, passados pelos directores das carreiras de tiro. Estes premios podiam consistir na diminuição do tempo de serviço na reserva, dispensa de revistas etc... etc...

Todo o mancebo que no acto do alistamento, tanto voluntario como recrutado, se apresentasse instruido no tiro com o respectivo attestado passado por director de carreira e fosse examinado na escola de esquadra, poderia passar á reserva no fim de tres mezes de serviço activo: se estivesse habilitado para fazer exame para cabo ou 2.^o sargento, e n'esse exame ficasse approvedo, seria promovido a cabo ou a sargento, e depois de tres mezes de serviço no posto, passaria á reserva. A promoção seria feita independentemente de vaga.

A's praças actualmente na 1.^a e 2.^a reserva seria ministrada instrucção militar, por diversas formas, segundo as circunstancias especiaes em que se encontram.

Propomos este alvitre, porque entendemos que devemos fazer desaparecer todos os attritos que se levantam contra as instituições militares, por parte do elemento civil.

A instrucção dos actuaes reservistas (1.^a reserva) podia ser ministrada em exercicios tacticos, nas proprias freguezias ou concelho. A despeza a fazer nas freguezias ou concelhos quasi que seria nulla.

A instrucção de tiro a um grande numero de reservistas seria ministrada nas carreiras de tiro, nos dias santos, gastando o ministerio da guerra unicamente os cartuchos. Todo o reservista que completasse a sua instrucção de tiro por esta forma, teria direito a um premio, que poderia consistir, por exemplo, na dispensa de revistas nos ultimos dois annos.

A's actuaes praças da 2.^a reserva, sem instrucção, ser-lhe-hia ministrada a instrucção elementar pelas praças da 1.^a reserva, a quem se arbitraria uma quantia por cada praça ensinada. Esta instrucção seria obrigatoria nos lugares, freguezias ou concelhos, nos dias santificados.

Instruidas, elementarmente, por esta forma, ou outra que se julgue melhor, podiam-se encorporar nas unidades activas, no periodo das manobras.

Apresentamos um simples alvitre, aos competentes é que compete estudal-o e tornal-o viavel.

A forma d'instrucção aos reservistas (2.^a reserva) como se ministra actualmente, não corresponde ao fim que se teve em vista, quando foi estabelecida nos regulamentos militares.

A instrucção é pouco solida e quando encorporados no activo, pouco se pode esperar d'elles.

As tropas n'estas condições não teem a cohesão precisa.

X.

UNIFORMES DAS PHILARMONICAS

Tratando-se agora de algumas modificações a fazer nos uniformes do exercito, parece-nos opportuno tratar-se de qualquer determinação que acabe com o inqualificavel abuso das philarmonicas procurarem usar uniformes perfeitamente identicos aos dos officiaes.

Já não se limitam só a usar os padrões de pannos adoptados pelo exercito. Vão mais longe ainda, usando galões de capitão e de alferes, iguaes aos dos officiaes, dolmans, charlateiras, barretinas, cobre-nucas, emfim, tudo o que mais se approxime do fardamento do official.

Disseram ha pouco os jornaes quaes as modificações que iam soffrer os uniformes, principalmente nos dolmans e barretes.

Foi o sufficiente para que uma philarmonica mandasse logo fazer barretes com galões de capitão e listas encarnadas, casaco com duas abotoadoras e galões nos canhões e calça azul com lista larga encarnada.

Outra philarmonica adoptou o uniforme identico ao das guardas municipaes, e para que a sua semelhança seja o mais approximada possivel, até usa o antigo boldrié de cinto de anta branca, comprado n'um adelo por alguns tostões.

E' indispensavel cohibir tal abuso, não só para prestigio do exercito, mas ainda para se evitar que o nosso soldado vacille ao encarar com um individuo fardado, ao qual muitas vezes por ignorancia faz a sua continencia, que ainda serve de ensejo para troca.

E não nos parece difficil remediar-se este mal pois que ha muitos meios de que lançar mão.

Em primeiro lugar, ha as auctoridades civis, ás quaes se deveria lembrar que ainda não está derogada a circular da 3.^a repartição do Ministerio do Reino de 16 de novembro de 1886, que foi publicada na ordem do exercito n.º 39 do dito anno.

Determina essa circular que as philarmonicas submettam á approvação dos governadores civis os modelos dos uniformes que desejem usar, devendo estas auctoridades ouvir sobre o assumpto o commandante da divisão militar.

Parece-nos que tal determinação não chegou a ter a mais ligeira execução, pois que as philarmonicas nunca consultaram aquellas auctoridades, julgando-se com o direito de usarem o que muito bem lhes parecesse.

Em segundo lugar temos as auctoridades militares que com mais efficacia deviam procurar cohibir o abuso, devendo para isso só aos generaes commandantes das divisões ser permittido dar licença para uso de uniforme, ás philarmonicas ou outras associações civis.

Quem, da classe civil, quizesse usar qualquer uniforme devia ser obrigado a apresentar nos quartéis generaes os respectivos modélos, que em nada se deveriam parecer com os do exercito, não só em padrões de pannos como em feitios.

Estas auctoridades excluiriam tudo o que tivesse qualquer semelhança, ainda que ligeira, com o exercito, e a licença devia ser escripta, devidamente registada no quartel general da divisão e com as indicações dos modelos e pannos auctorizados.

A vigilancia, para se tornar effectiva a prohibição do abuso, não nos parece tambem empreza difficil, pois sabido é que raras são os romarias a que não vão forças

militares a cujos commandantes seriam dadas instrucções n'esse sentido.

E ainda ha um outro recurso—o pessoal da guarda fiscal encarregado da cobrança do imposto do real d'agua—o qual concorre a todos os arraiaes, poderia incumbir-se de participar qual a localidade a que pertencia a philarmónica illegalmente fardada, que tocou n'esses arraiaes, para superiormente se providenciar.

Emfim, ha muitos meios de evitar a continuação d'este anti-disciplinar abuso.

O que se torna necessario é pol-os em pratica para prestigio do nosso exercito.

33-7-901.

L. M.

MONUMENTOS MILITARES



Arco d'Alcobaça

Quem d'Alcobaça se dirigir á pequenissima aldeia de Molianos e d'ahi siga para o sul—pelos dismantelados laggedos da que foi outr'ora estrada real—para ao fim de

meia hora de pessimo caminho cortar á esquerda e trepar, ora a cavallo, ora pé, a pedregosa encosta d'essa serra basaltica que se chama do Arrimal, dos Candieiros, dos Molianos... e não sei que mais. Se tiver coragem e pernas rijas ao fim de uma boa hora avista o Arco, ou a *Memoria* como lhe chama a gente da aldeia proxima.

E' o arco de cantaria com cinco metros de alto, seis de largo e um de grosso e ao primeiro examê se vê que não data de muitos annos a sua construcção. Se o contornarmos e começarmos o olhal-o pela face lateral voltada para o oriente, vemos confirmadas as primeiras impressões pois que uma inscripção gravada a dois terços d'altura nos diz que foi elle reedificado em 1820 *no feliz reinado do senhor D. Miguel* (sic). Não tem assignatura a inscripção e não precisa; laconica como é diz que tão fradesco era o seu auctor como o foram os reedificadores do arco. Na face opposta a esta, isto é, na que fica voltada para o occidente está também uma inscripção, mas em duas pedras que pela côr, pelo carcomido do tempo se vê logo que são muitissimo mais antigas e que devem ter sido aproveitadas do primeiro monumento ali erigido.

Mas a que foi ou para que foi erigido o Arco?

E' uma velharia curiosa e discutivel.

Quem ler na *Alcobaça Illustrada* de Fr. Manoel dos Santos fica inteirado que marchando El-Rei D. Affonso Henriques para Santarem á tomada da cidade e parando no alto da serra, no local onde hoje existe o arco, orou ao Deus dos exercitos assim:

«Senhor Deos, em cujo poder sam muy faceis as cou-
 «sas impossiveis ao esforço dos homens; se vós pelos me-
 «recimentos de vosso servo D. Bernado Abbade de Clara-
 «val me dais a villa de Santarem em vossa presença fasso
 «voto de lhe dar todas as terras, que vejo d'este monte,
 «aguas vertentes ao mar para se fazer n'ellas um mosteiro
 «da sua Ordem; e já d'aqui as renuncio em vossas mãos
 «e aparto do meu senhorio, para que nem eu nem meus
 «successores possamos d'ellas dispôr nem dar ou dotar
 «cousa alguma que não seja ao dito mosteiro.»

D'aqui querem os bons dos padres que o arco seja a commemoração d'esse voto. O assumpto é muito discutido e discutivel.

A inscripção que na face voltada ao occidente está gra-

vada não é facil de ler-se pelo carcomido da pedra e pela grande altura em que está, o que junto á distancia ao povoado e ao escarpado da subida da serra não torna pratico o emprego de uma escada. Parece-me, porém, poder affirmar que o que lá está diz isto :

«Hunc arcum rex dominus noster Alphonsus 1^{us} cons-
 «truere vovit votum ut ex divina misericordia Castella
 «cuncta quæ oculis cernere potent decurrentibus aquis in
 «mare merito Deo... urbem cepisset quo Dei... suis...
 «orationibus obtinet... surgit Alcob. regia. . An Dom.
 M.C.X.L.VIJ.»

O que se poderá traduzir:

Este arco o rei nosso Senhor Affonso 1.^o fez voto de construir se pela divina mesericordia todos os castellos que se avistam para o lado da vertente das aguas para o mar com o favor de Deus tomasse a cidade... o que de Deus por suas orações obteve... levantou-se Alcobça regia... no anno do Senhor 1147..

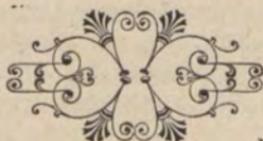
O padre Cardoso na sua Chorographia dá comtudo uma outra leitura que seria interessante verificar se realmente confere com a lapide o que não nos pareceu no nosso rapido exame.

Fosse porém o voto d'El-Rei o mandar levantar o Arco ou fosse a cedencia das terras ao futuro convento — o que não cremos — a nós militares o que mais nos interessa é saber que o Arco é um ponto marcado do itinerario da marcha de D. Affonso Henriques sobre Santarem.

Agosto-1901.

MANUEL ROQUETTE.

Tenente de Infantaria



Marchas e combates de noite

(Continuado do n.º 6—4.º anno)

Breves apontamentos



Vejam os factos agora como os se passam na defensiva, a qual deve pôr de parte a attitude passiva.

As fracções de primeira linha encarregadas de repellir o ataque, apenas o adversario se encontra a bom alcance, 50 a 100 metros o maximo, executam fogo por descargas e em acto continuo lançam-se á bayoneta, e para que os seus esforços possam ser mantidos, é indispensavel soccorrel-as a tempo com outras forças, de contrario cederão perante os repetidos assaltos do atacante, e abalada a sua moral, recorrerão á fuga apesar de terem ousado receber o primeiro choque do adversario.

E' indispensavel, portanto, que a desordem e a fuga se não estabeleçam na primeira linha, devendo os graduados empregar todos os meios, ainda os mais extremos, para manter a ordem e o silencio, mas se ellas se desenvolvem é muito difficil, senão impossivel fazer reunir rapidamente os elementos que se encontram em taes condicções e a difficuldade dependerá do grau de terror de que estejam possuidas as fracções repellidas, da divergencia das linhas de retirada e da difficuldade de orientação, e mesmo alguns homens

aproveitando a obscuridade, procurarão subtrahir-se ao combate.

Perdida portanto uma posição só poderá ser readquirida, empregando para isso forças que não tenham recebido o primeiro embate e que não estejam misturadas com as repellidas. Mas estas por sua vez serão forçadas a perder a cohesão, e é indispensavel que o official encarregado da defeza, disponha d'uma reserva, não só para sustentar as fracções empenhadas na lucta ou substituir as rechaçadas, mas tambem para atacar de revez as forças assaltantes.

Do exposto conclue-se, que a defeza deve, no mais curto lapso de tempo, dispôr os seus elementos por modo a poder repellir os ataques successivos do adversario. Contudo o assaltante tem a vantagem da obscuridade occultar-lhe os seus movimentos, denunciando só mui tardamente a sua intenção, constituindo isto, para a defeza, um grave perigo, que quasi sempre a inibe de poder oppôr-se a tempo, a elles.

Porém, se no momento do primeiro assalto, o atacante manifesta hesitação, que poderá ser maior ou menor, conforme a qualidade da força e a energia dos chefes, é n'este momento que a defeza deve rapidamente recorrer a um vigoroso contra ataque, e será do seu lado que devê estar a victoria, a não ser que a defeza tenha uma grande inferioridade numerica ou esteja desmoralizada, ou mal comandada.

Por conseguinte é indispensavel que a defeza se guarde das surpresas, e tome as disposições convenientes que lhe deem tempo a tomar as armas e postar as suas fracções, por modo a sustentar o ataque, logo que este lhe seja anunciado e para isso não só estabelecerá um bom serviço de segurança, mas tambem envolver-se-ha d'uma serie de obstaculos que se opponham á marcha do assaltante. Assim por exemplo, para evitarmos um ataque da cavallaria inimiga, é bastante que atravez dos caminhos e a alguma distancia dos pontos provaveis do atáque seja collocado um simples fio de ferro 0^m,50 ou 0^m,80 acima do terreno, o que é sufficiente para lançar a desordem entre a cavallaria. Tambem se devem construir obras de fortificação passageira.

Além do emprego dos postos avançados, devem ser estabelecidos postos destacados e isolados, nos caminhos que se dirigem para a posição e que pôdem ser constituídos por cavallaria ou infantaria, e quando sejam d'esta arma,

embuscar-se-hão nas proximidades dos caminhos de modo a verem e ouvirem bem, devendo terem em attenção que lhes é defeso fazer fogo sobre homens isolados que vejam.

Estes postos tendo ouvido a marcha do adversario, avisarão por um dos seus homens o posto avançado mais proximo, afim d'este por sua vez prevenir os restantes escalões á retaguarda.

Os postos destacados só farão fogo sobre o atacante quando o avistem a bom alcance, retirando em seguida, continuando comtudo a observar os movimentos do adversario. Se este presiste na marcha, os postos executam novamente o fogo e caso tenham de retirar, fazel-o-hão por modo a desembaraçar a frente da defeza. O effectivo d'estes postos é pequeno, devendo ser installados depois do cahir da noite, e munir-se-hão de petardos de dynamite ou outra qualquer especie de fogo que seja facil accender, com o fim de avisar as forças á retaguarda da aproximação imprevista do atacante.

A marcha das tropas ouve-se a granda distancia, e está calculado que n'uma noite tranquilla e marchando-se na mesma direcção, póde ouvir-se a marcha d'uma companhia a 350^m ou 400^m, ou a 500^m se o observador estiver parado. Um esquadrão de cavallaria, ao trote, é ouvido á distancia d'uns 500^m, e um cavalleiro isolado em terreno unido é ouvido de 70 a 140^m.

Tratemos agora de ver como operam as forças encarregadas de realizar os combates de noite.

As columnas d'ataque pódem classificar-se em convergentes e parallelas, mas como cada uma d'estas duas disposições apresentam inconvenientes, é por isso que deve recorrer-se ao emprego unico d'uma só columna formada por todas as forças encarregadas do ataque, que fraccionar-se-ha opportunamente em duas ou mais columnas, algum tempo antes da execução da surpresa.

As columnas convergentes partindo de pontos differentes e distantes, e seguindo caminhos diversos, teem a difficuldade se não impossibilidade completa em estabelecer as suas communições lateraes, e apesar de todos os calculos de velocidade, sómente por um acaso chegarão ao mesmo tempo deante do ponto d'ataque commum, e desde o momento em que uma columna não tenha chegado á hora d'antemão fixada é indispensavel pôr de parte a idéa de realizar o combate. O emprego das columnas conver-

gentes apenas póde ter logar, quando se esteja muito perto do inimigo e que cada columna tenha de seguir uma boa estrada até ao objectivo commum.

As columnas paralelas teem tambem os mesmos inconvenientes, porquanto partindo de pontos nas mesmas condições, impossivel é conseguir que os diferentes objectivos sejam atacados ao mesmo tempo e que as columnas d'ataque prestem auxilio mutuo indispensavel para se conseguir o fim que se tenha em vista. Esta especie de formação será empregada quando as columnas possam marchar, separadas apenas por algumas centenas de metros.

Em relação á frente d'ataque não deve ser ella muito extensa, porquanto é difficilimo que as diferentes columnas ataquem simultaneamente, e desde o momento que assim não aconteça, o ruido do combate produzido n'um dos pontos atacados, irá levar o alarme a toda a frente e portanto perder-se-hão todas as probabilidades da surpresa; mas admittindo mesmo que se consiga atacar simultaneamente toda a frente, resulta serem absorvidas todas as reservas pela lucta, e não haver forças disponiveis para continuar a acção no dia seguinte, além tambem do inconveniente da mistura de unidades. Conclue-se pois que apenas se deve atacar um ponto, ou dois muito proximos, da frente do inimigo.

Diz Mr. Faber, quando trata das columnas e frente de ataque, o seguinte :

1.^o — que as columnas convergentes encarregadas do ataque a um objectivo commum devem ser postas de parte, excepto na condição indicada.

2.^o — Que o ataque só deve ser dirigido, em principio, a um ponto da frente inimiga, devendo a força encarregada de o realisar, ir escalonada em profundidade.

3.^o — Se por qualquer circumstancia é indispensavel atacar simultaneamente varios pontos da frente adversa, deve cada uma das columnas partir do principio que vae operar isoladamente, não tendo que preoccupar-se com as columnas visinhas, nem contar com o seu auxilio, e só assim poderão contribuir para o resultado geral.

4.^o — Tornando-se necessario atacar simultaneamente muitos pontos da frente inimiga, é indispensavel que as tropas avancem n'uma só columna até á zona do combate e a partir d'este momento fraccionar-se-hão no numero de columnas preciso para cada um dos pontos de ataque.

5.º — Quando as tropas d'um certo effectivo tenham que percorrer em primeiro lugar uma distancia um tanto longa, antes de passar ao ataque, o exito da operação, é duvidoso.

6.º — Finalmente a frente d'ataque deve ser muito restricta, não só para que as differentes surpresas possam ser simultaneas, mas tambem para evitar que o atacante seja forçado a espalhar-se, o que só pôde realisar dentro dos limites que indica a prudencia.

(Continúa.)

MIGUEL BAPTISTA DA SILVA CRUZ.

Tenentea'infanteria 1 da Rainha

SECÇÃO DO EXTRANGEIRO

Inglaterra. — Em dezoito mezes de campanha a Inglaterra tem perdido 2:599 officiaes, sendo mortos em combate 690, desaparecidos 17 e invalidos 1892.

E' tal a falta de officiaes no exercito inglez que em Woolwich o governo apenas pôde conseguir juntar 17 officiaes para instruirem 6000 homens.

Esta lição deve aproveitar a toda a gente. Na paz olha-se para o corpo de officiaes como quem olha para uma cousa inutil, na guerra é que o paiz sente a falta que os officiaes fazem.

*

A Inglaterra tem actualmente na Africa do Sul 249.416 homens pertencentes ás procedencias seguintes: 138.002 de tropas regulares, 58.821 de tropas colonias, 23.104 da Yeomary, 9.385 voluntarios e 20.104 de melicianos.

Allemanha. — Mandaram-se fabricar um certo numero de automoveis militares para o exercito allemão.

Ha tres modelos.

Um modelo tem um só assento e duas metralhadoras Maxim protegidas com escudos de aço nikelado.

Outro modelo tem adiante assentos para duas pessoas, e atraz para quatro. E' desposto em *break*, tem uma mesinha ao centro que permite aos officiaes do estado maior pôderem estender os planos para os examinar.

O terceiro modelo é destinado ao serviço dos polygonos de Artilheria afim de poder-se rapidamente observar os resultados do tiro.

Nas proximas grandes manobras se fará uso de differentes systemas de automoveis.

Russia. — O sabio general Dragomiroff redigiu um projecto de regulamento para o serviço de campanha, que está sendo ensaiado, por ordem do ministro da guerra, na circumscriptão militar de Kiew, de que é commandante o referido general.

Com esse projecto de regulamento vem umas instrucções para o combate, e que os russos chamam catechismo de *Dragomiroff*, destinadas a fortalecer os soldados, ensinando-lhes os principios que elles devem ter sempre no espirito e no coração, no momento da lucta.

Por ser muito curioso e muito verdadeiro aqui estampamos o catechismo de Dragomiroff:

- 1.º Salva o teu companheiro ainda que te custe a vida.
- 2.º Avança ainda que os mais o não façam.
- 3.º Não temas a morte, e vencerás, apesar de todas as difficuldades.
- 4.º Quando soffreres lembra-te que o inimigo talvez ainda soffra mais. Nunca desanimas; sê sempre audaz e obstinado.
- 5.º Na defensiva é preciso atacar. A melhor maneira de nos defendermos é atacando.
- 6.º No combate vence o mais obstinado e audaz, não o mais forte e o mais habil. A victoria não se decide de um só golpe; o inimigo tambem é resistente. Se depois de dois ou tres ataques não conseguiste o teu objectivo, recomeça um quarto e ainda outro até que o consigas.
- 7.º As disposições mais ou menos habeis permitem alcançar o fim com menores perdas, porém apenas o permitem: alcança-o só aquelle que está resolvido a vencer ou morrer.
- 8.º Sejam quaes forem os obstaculos que se encontrem no caminho é necessario vencel-os e nunca pensar que vamos mal.
- 9.º Uma verdadeira tropa só conhece a frente, que é a que visa ao inimigo, não conhece nem flancos nem retaguarda.
- 10.º Se o inimigo se apresenta de improviso não esqueças que o podes aniquillar com o fogo ou com a bayoneta. A escolha não é difficil e a formação é secundaria; se o inimigo está proximo a bayoneta, se mais afastado primeiro o fogo depois a bayoneta.
- 11.º Não ha transe donde se não possa sahir com honra.
- 12.º Durante o togo não ha substituições. Uma vez em combate permanecerás até ao fim; poderás ser apoiado, nunca substituido.
- 13.º Durante o combate leva soccorros aos que luctam; batido o inimigo, pensa nos feridos. O que pensa nos feridos durante o combate e abandona por elles as fileiras é um covarde e um canalha, não é homem de coração. Ha sempre individuos designados para soccorrer os que caem.
- 14.º Se és chefe não te intromettas na missão dos teus subordinados quando vejas que a desempenham com bom sentido; no combate cada um tem bastante que fazer dentro da sua esphera de acção. O que se occupa do que os outros devem fazer, esquece as suas proprias obrigações. Cada posto tem a sua esphera de independencia e esphera de responsabilidade; se não se acceta a primeira destroe-se a segunda. Porém todo o chefe deve zelar que cada um cumpra o seu dever sem se afastar da direcção superior.

Bibliographia

A Legião Portugueza ao serviço de Napoleão — (1808-1813) — pelo tenente coronel Ribeiro Arthur.

E' um livro de historia que muito convem ter sempre bem diante dos olhos e dentro do coração.

E comtudo, oh ironia do destino! quando os bravos soldados da Legião Portugueza obravam prodigios de valor em Wagram, e soltavam o grito de—Viva o Imperador—n'essa tormentosa e ensanguentada retirada da Russia, o nosso paiz, a nossa patria abatia, aqui, em Torres Vedras, o orgulho da aguia Napoleonica que jámais pôde desferir o seu vôo audaz.

Longe da patria, angustiados pela saudade, agrilhoados ao carro triumphante do primeiro general do seculo que findou, enluctada a alma pela magoa suprema de não poderem derramar o seu sangue e dar a sua vida pelo ninho onde nasceram, esses valentes soldados da Legião Portugueza eram dominados por um só pensamento — honrar o nome portuguez e erguer bem alto a fama do nosso character e do nosso valor.

E conseguiram.

O proprio Napoleão referindo-se ao valor dos portuguezos em Moskow diz — «Que a posteridade mais remota cite com orgulho a vossa conducta n'este dia».

E a Historia ao gravar estas palavras nas suas folhas de bronze, como que engrinalda com a aureola do supremo infortunio esses martyres que morreram como leões, juncando com os seus cadaveres a via dolorosa de Moskow a Berezina e de Berezina ao Rheno, n'essa lucta gigantesca que não era pelo nosso direito.

O livro que temos aqui sob os nossos olhos, é um livro precioso, pela elegancia singela e adoravel da sua urdidura, pela verdade historica que encerra, pela investigação e pelo estudo d'essa verdade, pela linguagem vernacula, pela forma, e até pelo lado material, enrequecido com excellentes gravuras e chromos.

E' um livro que instrue e deleita.

Falla á nossa alma de soldado, e arranca-nos do coração um mundo inteiro de sympathia e de admiração pelo heroismo d'esses martyres, que escreveram com o seu proprio sangue, por essa Europa além, a fama da nossa raça, patenteando o testemunho inconfundivel do nosso heroismo.

Felicitemos sincera e cordealmente o nosso amigo, o sr. tenente coronel Ribeiro Arthur, pelo seu livro, que deve honrar a estante de todo o soldado estudioso.

E' o livro dedicado ao illustre ministro da guerra, o sr. conselheiro Pimentel Pinto, e esta homenagem muito merecida pelo que o exercito deve a tão notavel homem de Estado, é prestada simultaneamente pelo historiador e pelo artista.

E' o primeiro livro que vemos illustrado pelo seu proprio auctor,

e, se é certo que o grande pintor francez M. Edouard Detaille honrou as paginas da Legião Portugueza, com um soberbo desenho representando Napoleão, é tambem verdade que os chromos do auctor devem ser considerados como outras tantas obras primas, que honram o aguarelista e a lytographia que as reproduzio.

Ao nosso amigo Ribeiro Arthur cujo talento e facultades de trabalho são sobejamente conhecidos do exercito, a *Revista de Infanteria* agradece muito penhorada a offerta do seu livro, que considera como uma captivante prova de amizade que muito nos desvaneece.

SECÇÃO OFFICIAL

Subdivisão das D. de R e R. — Juntas d'inspecção — Sorteios

Circular n.º 1487 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 15 de novembro de 1900.

Diz que a subdivisão dos districtos de recrutamento e reserva se fez somente para effeitos da inspecção da junta districtal e que acabada esta, o restante serviço será feito como é determinado no regulamento de 6 de agosto de 1896 e consequentemente não é admissivel que o serviço do sorteio em todas os conselhos, que compõem os districtos de recrutamento, deixe de ser desempenhado pelos respectivos commandantes tendo por secretario o subalterno dos mesmos districtos, devendo por isso recolher immediatamente aos seus corpos os officiaes que illegalmente estão procedendo aos sorteios. Se fôr absolutamente impossivel nos districtos de maior numero de concelhos, ultimar o sorteio no dia 10 de dezembro, os commandantes das divisões proporão á secretaria da guerra a prorogação do praso designando o numero de dias necessario que, aliaz, devem ser muito poucos.

Voluntarios — Passagem á 1.ª reserva

Circular n.º 108/1899 da 2.ª repartição da secretaria da guerra de 20 de novembro de 1900.

Diz que tendo-se suscitado duvidas sobre se a disposição do art. 1.º do decreto de 4 de outubro de 1899 deve ser extensiva ás praças que voluntariamente se hajam alistado como soldados, esclarece que a taes praças é tambem facultada a passagem á 1.ª reserva logo que completem dois annos de serviço, podendo porém, se assim o declararam e tiverem bom comportamento, conservar-se nas fileiras até ao termo dos 3 annos a que se haviam obrigado.

Emblema n.º 12 do O. E. n.º 25 de 1892

Circular n.º 19^l da repartição do gabinete da secretaria da guerra, de 24 de novembro de 1900.

Concede o uso do emblema n.º 12 da ordem do exercito n.º 25 de 1892 collocado na manga do braço direito por cima do ante-braço ás praças da companhia de saude que estiverem estudando para pharmaceuticos quando tiverem, pelo menos, exame de francez e um dos dois ou de mathematica ou de sciencias naturaes, com dois ou mais annos de de pratica registada, e as que estiverem habilitadas a matricular-se no curso superior embora não tenham tempo de pratica, perdendo umas e outras o direito de usar esse emblema, os primeiros se interromperem a pratica por um anno ou decorridos dois annos se não prepararem para poderem ser admittidas ao exame de habilitação final, e as segundas se em dois annos forem reprovados ou perderem o anno por faltas. As referidas praças deverão requerer á secretaria da guerra pelas vias competentes o uso do referido emblema.

Licença disciplinar

Circular n.º 4060 da 1.ª repartição da secretaria da guerra, de 7 de dezembro de 1900.

Determina que as licenças disciplinares aos officiaes combatentes, embora superiormente auctorisados, somente se torne effectiva nos corpos das differentes armas nas seguintes condições: — No mesmo regimento não poderão ter licença ao mesmo tempo o coronel e o tenente coronel, e quando qualquer d'elles estiver afastado do serviço regimental, não será concedida ao outro; pela mesma fórma se procederá com os majores, conservando pelo menos um no serviço effectivo. Em cada regimento, o maximo numero de licenças que pôde simultaneamente ser concedidas aos restantes officiaes, será de um capitão e dois subalternos nos corpos de cavallaria, dois capitães e tres subalternos nos regimentos das outras armas. As licenças superiormente auctorizadas serão successivamente concedidas nos corpos, segundo a ordem e datas das concessões. Nos mezes de julho e agosto deixam de vigorar as disposições supra indicadas, ficando ao arbitrio dos commandantes das divisões tornar effectiva a concessão das licenças em harmonia com as exigencias do serviço.

Demora superior a 10 dias

Circular n.º 4057 da 1.ª repartição da secretaria da guerra, de 7 de dezembro de 1900.

Determina que finda a licença de 10 dias a que se refere o n.º 15 do § 1.º do art. 6.º do regulamento dos commandos militares, de 23 de novembro de 1899, sómente possam os officiaes a quem as mesmas licenças foram concedidas, ser demorados nas localidades da sua residencia, por concessão da secretaria da guerra.

Mais determina que quando os mesmos officiaes pretendam ser presentes ás juntas de inspecção medica, entreguem os seus requerimentos nas sédes dos corpos ou serviços em que foram collocados, effectuada que seja, nos mesmos, a sua apresentação, ficando assim alterada a ultima parte do citado n.º 15.



4.º Anno

Outubro de 1901

N.º 10

REVISTA DE INFANTERIA



MISSÃO DAS QUATRO ARMAS EM CAMPANHA ⁽¹⁾

Objectivo das operações de um exercito em campanha. — Infanteria. — Cavallaria. — Artilheria. — Engenharia. — Tactica geral.

I

Desde os tempos mais remotos, as operações de um exercito em campanha, resumem-se a quatro objectivos principaes:

1.º A *posse e occupação definitiva* das posições do inimigo e das que apresentam vantagens estrategicas; a invasão progressiva do territorio e conservação das posições conquistadas;

2.º A *exploração* constante do terreno em frente do

(1) R. Henry — *L'esprit de la guerre moderne*,

T. de Cumis — *Trattato di tattica*

F. Maia — *Elementos da tactica das tres armas*.

X. Machado — *Criterio de soldado*.

S. Albuquerque — *Cartas sobre o criterio de soldado*.

Noções geraes de arte militar. — Edição official.

exercito, a vigilancia dos movimentos do inimigo, a segurança e protecção das tropas, das machinas de guerra, munições e bagagens;

3.º A *destruição rapida* dos obstaculos materiaes, a *desorganisação* physica e moral de todos os elementos de resistencia que o inimigo possa oppôr;

4.º A *conquista e defeza* das posições fortificadas, passagem de rios, trabalhos de fortificação, construcção de campos, abrigos, destruição e reparação das linhas ferreas, etc.

Estas quatro especies de operações levam impreterivelmente a classificar os meios de acção do exercito em campanha em outros tantos grupos de execução, correspondentes ás *quatro armas*, infantaria, cavallaria, artilheria e engenharia, cuja organisação e proporção tem variado segundo as epochas.

II

Passa como proverbio que a *infanteria* é a rainha das batalhas. Verdade esta que nenhum homem de guerra contestará, não carece de ser confirmada. A infantaria ao passo que é o agente principal do combate, é tambem o ponto de apoio de todos os outros agentes; é o thermometro, o regulador que no campo de batalha dá a conhecer o grau de adeantamento da crise, e ao mesmo tempo o nivel do estado moral e das esperanças dos combatentes e da massa inteira. Depende da infantaria o resultado de qualquer acção decisiva. Se ella avança, levando adeante de si as linhas inimigas e occupando successivamente as posições abandonadas pelo adversario, eis a victoria. Se conserva as suas posições, mantendo-se firme e luctando com energia, é a victoria ainda indecisa, que uma manobra opportuna, bem conduzida e feliz e um ultimo esforço poderão tornar definitiva. Se a infantaria, por effeito de fraqueza material e moral, dominada pelos acontecimentos, está na impossibilidade de avançar ou de resistir e começa a recuar sem aproveitar os pontos de apoio que o campo de batalha lhe offerece e sem retomar a offensiva, eis a derrota.

A infantaria é a arma mais numerosa do exercito, a que conserva em maior grau a qualidade de independencia, e, até certo ponto, de rapida organisação, de entretenimento facil e de economia. Possui a aristocracia antiga e legitima das maiores perdas no combate, e tem em si todos os

elementos de resistencia que as outras armas não teem, pois que ella é avaliada em homens, ao passo que a cavallaria se calcula pelos cavallos e a artilheria pelas boccas de fogo. A infantaria é uma arma superior, cuja importancia cresceu com os progressos realisados no armamento; recruta-se facilmente, mas hoje demanda, como as demais, muitissimos desvelos, porquanto a sua instrucção, educação e disciplina formam-se preparando os elementos conservadores da sua existencia e acção. Marcha e combate sempre, de dia, de noite, a toda a hora, em qualquer terreno, e em todas as circumstancias. Mola tensissima, composta de milhares de elementos moveis e intelligentes, exerce pressão constante, concentra-se para vencer, espalha-se depois pelo terreno inimigo para o occupar definitivamente, substituindo passo a passo os exercitos vencidos. As outras armas, agentes rapidos de destruição e de desmoralisação, reúnem todos os esforços para lhe facilitar a acção, aplanar as difficuldades e preparar o terreno que deve occupar.

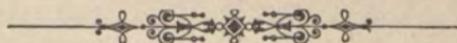
Quando a infantaria, arma dos sacrificios e das victorias, avança ou recua, as outras armas seguem-lhe infallivelmente o movimento, e, no fim de uma batalha, a divisão definitiva das suas massas sobre o theatro da acção é sempre o que determina o ganho ou a perda da jornada.

A resistencia ás fadigas e ás privações; o habito e facilidade das marchas; uma tactica de combate simples que desenvolva toda a intensidade dos fogos; o sangue frio, e consequentemente maior destreza no tiro; a confiança que d'ahi resulta; a intrepidez persistente e a firmeza sob o fogo inimigo, não se deixando humilhar pela sua acção terrivel, mesmo quando elle provoca um abalo momentaneo; estar sempre prompta para combater e nas mãos dos seus chefes, prestar-se por igual forma ao ataque e á defeza; passar inopinadamente da defensiva á offensiva sem alterar as ordens de formação; abrigar-se no terreno de modo a occultar a sua presença; o espirito de disciplina entre os soldados e a iniciativa entre os chefes; taes são as qualidades ou propriedades mais caracteristicas de uma boa infantaria. Ora, pertence ao commando a responsabilidade e o dever de incutir nas tropas de infantaria estas qualidades que facil e rapidamente serão adquiridas por uma instrucção bem dirigida; empregando-as sempre, durante a paz, utilmente; substituindo os exercicios desnecessarios e superfluos, a papelada inutil e as manobras de parada, pela pra-

tica intelligente e exclusiva de tudo quanto a tropa deve fazer em presença do inimigo. Por este modo, obter-se-ha uma infantaria agil, energica, potente, instruida e apta para realisar e cumprir a sua alta e nobre missão no campo de batalha.

(Continúa).

JOSÉ V. DE SOUSA ALBUQUERQUE
Capitão de infantaria



ORGANISAÇÃO ECONOMICA

DA

ACQUIZIÇÃO DE GENEROS PARA RANCHO ⁽¹⁾

I

Dos systemas de organização commercial applicaveis á aquisição de generos para o rancho, apenas se tem adoptado o de arrematação, por vezes alternado com o de administração propria. As vantagens que theoreticamente pode abonar este exclusivismo resultam improficuas na pratica. Effectivamente a arrematação tem o defeito fundamental inherente ao commercio de retalho, que mantem, aggravado com a côr de monopolio que, de facto, a pratica introduziu em tal systema commercial.

Aquelle defeito provem da necessidade de agentes intermediarios, como orgãos de distribuição, entre o pro-

(1) Tendo ha pouco de occupar-me accidentalmente da alimentação do soldado sob o ponto de vista da organização commercial, colligi uns simples apontamentos, a cuja publicação agora accedo, não pela velleidade, que seria estulta, de elles resolverem o problema, mas só com a esperanza no fim, já não pouco modesto, de elles obterem a fortuna de chamar para o assumpto a attenção de algum camarada e provocarem consequentemente ou formas mais precisas ou indicações mais uteis e prestimosas.

ductor e o consumidor, agentes que absorvem a differença de preço entre a compra e a venda final, complicando o commercio e onerando os generos. E tanto assim é, que os productores se lastimam do baixo preço da venda, tanto como os consumidores do elevado preço da compra, porque, entre ambos, o intermediario exerce a sua acção, augmentando fabulosamente, em proveito proprio, o preço primitivo dos generos. E o numero d'estes agentes é superfluamente grande, procurando todos auferir bons lucros. Ora, na maior parte das vezes, sobretudo na provincia, os retalheiros recebem os generos da *mesma qualidade*, provenientes do *mesmo fornecedor* e da *mesma localidade*. Por effeito d'este systema individualista de compra e expedição, d'este tacanho espirito mercantilista, são os generos sobrecarregados com despesas inuteis, provenientes dos erros da má administração e rotina dos mercantes. Está calculado que, segundo a importancia das transacções, as despesas geraes do commercio obrigam a onerar de 12 a 40 por cento o preço primitivo das mercadorias!

O argumento de que a concorrência attrahida pelo lucro é, no systema de arrematação, um elemento importante de baixa de preço, não pôde admittir-se sem contestação. Na pratica a concorrência quasi exclusivamente local, não se exerce em assaz larga escala, para nivelar os resultados uteis da troca. E como o preço só diminue com a urgencia da offerta, que, em geral, é pequena, manteem-se por vezes em cotações elevadas naturalmente crescentes com a urgencia da procura. E' que antes da arrematação os tres ou quatro mais importantes retalheiros da localidade fazem entre si, segundo os lucros provaveis, uma distribuição dos generos que cada um deve fornecer, afastando a concorrência dos outros mercantes por todos os conhecidos processos de suborno, politica etc. E d'este modo se tem annullado o unico beneficio que das arrematações havia a esperar, devendo por isso ser condemnadas formal, absolutamente.

For vezes a gananciosa exploração dos mercantes é de tal fôrma extraordinaria, que os conselhos administrativos dos corpos tem sido forçados a adoptar o systema de administração propria para todos ou parte dos generos.

Em these o systema de arrematação propria é preferivel. Os conselhos comprando nos mais vantajosos mercados, locais ou não, e aproveitando as epochas mais proprias, colheitas etc., supprimem o agente intermediario,

barateando assim os generos na importancia dos lucros que elle colheria. Affirma-se, porém, que na pratica não é exequivel com o funcionamento dos conselhos, por que os seus membros estão assoberbados com tão complexos e exhaustivos deveres profissionaes, que não podem ligar a tal serviço toda a minuciosa e incessante attenção que elle demanda, principalmente nos primeiros annos, em que é necessario frustrar as coolisões inevitaveis provocadas pelo commercio local. Justifica-se mesmo d'esta maneira a adopção quasi exclusiva do systema de arrematação, embora considerado como menos vantajoso.

Tal é a largos traços o estado actual das coisas. Como melhorar a alimentação do soldado sob o ponto de vista das suas duas principaes condicções: boa qualidade e baixo preço?

Sem alterar fundamente, ou antes, abandonar os systemas em vigor de aquisição de generos, nada pôde conseguir-se. Dentro d'elles só ha a recomendar um uso mais frequente da administração propria, obtendo das cooperativas dos officiaes dos differentes corpos o auxilio que facilmente podem prestar, para não se aggravar exageradamente o acrescimo de trabalho a pedir aos conselhos administrativos.

*

Ha felizmente outras organizações commerciaes, outros elementos economicos, cujo mechanismo, comprehensivel e facil, melhor se adapta ás necessidades do consumidor, e facilmente se implanta no exercito.

O commercio de retalho muito numeroso, mal provido, insufficientemente afreguezado e sobrecarregado com despezas geraes tão pesadas para a importancia das suas transacções, que o obrigam a elevar abusivamente os preços de venda, foi substituido pouco a pouco pelos grandes armazens, que prestam tantos serviços ao consumidor e até ao proprio productor. A concentração do commercio de retalho nos grandes armazens, permittiu que o publico se fornecesse de mercadorias de melhor qualidade e de menor preço: — primeiro porque o preço da compra para o armazem é menor, porque faz grandes encomendas directamente ao productor; depois porque as suas despezas geraes, que são inversamente proporcionaes á importancia das transacções effectuadas, são tambem egualmente menores. Os grandes armazens, apesar de rudemente guer-

reados pelo commercio, floresceram e prosperaram, como entre nós ha frisantes exemplos. Mas nos grandes armazens os lucros obtidos constituem os juros dos capitaes empenhados na empresa commercial, e não beneficiam directamente o consumidor. Teem ainda grandes despezas geraes, como luxo de installações, publicidade, direcções largamente estipendiadas etc. Por isso o publico percebeu em breve que havia um meio de baixar o preço das mercadorias de consumo corrente, e a elle recorreu.

A creação de um grande armazem ou deposito de generos, seria inegavelmente uma benefica causa de melhoria da alimentação do soldado.

A base, porém, do mais perfeito systema de aquisição de generos, está onde a iniciativa do grande publico a foi estabelecer para sua utilidade e economia — na cooperação de consumo. Mesmo porque os grandes armazens parecem apenas destinados, na historia da evolução economica contemporanea, a servir de traço de união entre a antiga organização do commercio de retalho e a actual cooperação de consumo.

De facto a cooperação de consumo, além de excellente agente de distribuição, é o mais efficaz processo do consumidor se libertar de intermediarios parasitas, evitando deixar-lhes nas mãos um dinheiro inutil, que em seu detrimento elles sabem sempre arrecadar, com relativa honestidade, em todas as transacções ordinarias. Eis o motivo por que ella tão maravilhosamente se tem desenvolvido em todo o mundo, apezar da lucta violentissima do commercio, que sente fugir-lhe uma clientela interessada em lhe não retribuir as suas funcções além do seu valor real. A cooperação de consumo não é só um progresso theorico; é a melhor solução pratica do barateamento da vida. Por este motivo tendo nascido nos meios operarios, que primeiro começaram a utilizar-lhe os recursos, alargou successivamente a sua acção de fórma a favorecer outras classes, de tal modo que abraça hoje, além d'outros elementos, quasi todos os exercitos.

Preconiso a creação de uma cooperativa de consumo, ou como estabelecimento autonomo, ou como desdobramento da prestavel Cooperativa Militar.

E' por isso interessante antes de passar além, fazer uma rapida resenha dos resultados obtidos no mundo inteiro por as principaes associações cooperativas de consumo.

II

Em 1844, depois de uma greve infructuosa, 28 modestos tecelões de flanela de Kochdale, proximo de Manchester, reuniram-se e cotisaram-se com vinte centimos por semana. Quando possuiram 700 francos abriram um armazem cooperativo que

Em 1850 tinha	600 membros e	22:000 francos de lucros
» 1860 »	3:450 »	400:000 »
» 1870 »	5.560 »	600:000 »
» 1880 »	10:600 »	1.200:000 »
» 1891 «	11:647 »	1.305:000 »

E' este um brilhante resultado do movimento cooperativo.

As maiores sociedades cooperativas do mundo, pelo numero de consumidores, são a de Breslau, na Allemanha, e a de Leeds, na Inglaterra. Teem mais de 50:000 adherentes, o que na realidade representa — porque cada adherente é um chefe de familia — uma media de 250:000 consumidores, por cada uma.

A sociedade de Breslau, fundada em 1865, principiou com poucos membros, mas augmentou consideravelmente, como mostra o seguinte quadro :

Annos	Numero dos membros	Vendas (francos)	Lucros
1866.....	420.....	48:978.....	2:617
1874.....	9:859.....	2.244:857.....	174:410
1884.....	24:141.....	6.559:581.....	705:532
1894.....	34:790.....	10.824:090.....	1.173.445
1899.....	64:985.....	13.720:450.....	1.489:282

Actualmente tem 54 armazens de venda de productos alimentares, pão, vinho, generos coloniaes, tabaco e carvão, e fornece 250:000 pessoas n'uma localidade de 350:000 habitantes. Esta proporção de cooperadores é ultrapassada pela *Revindicação* de Puteaux (Senna), que quasi que acabou com os logistas da localidade!

A grande cooperativa de Leeds, *Industrial Society*, começou tambem obscuramente. Em 1890 tinha já 26:816 membros, 17.000:000 francos de vendas e mais de 2.000:000 de lucros. Já n'aquelle anno possuia 63 armazens de mercearia, 15 de estofos, 7 de calçado, 6 de carvão, 28 talhos e um matadouro, onde abatia 2:300 bois, 400 vitellas, 5000

carneiros e 900 porcos, e um moinho que moia 38:000 sacos de farinha.

E' a Suissa que proporcionalmente possui maior numero de sociedades. A sua cooperativa da Genebra apresenta a seguinte progressão crescente em

Annos	Membros	Vendas	Lucros
1869.....	430.....	41:781....	3:661
1879....	1:861.....	530:799....	67:225
1887.....	2:382.....	765:103....	111:011
1899.....	6:170.....	1.400:000....	180:000

Depois da Suissa segue-se a Belgica, cujos centros cooperativos mais importantes são os de Gand e de Bruxellas. O *Woorruit* (Avante) de Gand foi fundado em 1893 por 30 tecelões, que se cotisarem com 50 centimos por semana e abriram a cooperativa quando possuíam 150 francos. Em 1897 o *Woorruit*, contava 6:911 membros; aprovisiona 7:000 familias. A *Casa do Povo*, de Bruxellas, fundada em 1881 com 100 socios, grupa actualmente 18:000 familias.

A mais forte cooperativa de consumo franceza, é a *Moissoneuse*, de Paris. A sua origem é igualmente das mais modestas. Fundada em 1874 com 19 societarios, tem hoje 18:000 e uma venda quotidiana de 22 a 23:000 francos.

Em Italia uma das mais importantes sociedades é a *União cooperativa de Milão*. Foi fundada em 1886 por 174 empregados com o capital de 1:713 francos, para a venda de luvas e gravatas. Alargou o seu commercio e possui (31 de janeiro de 1900) 5:164 socios e faz transacções no valor de 5.000:000 de francos,

Em Inglaterra o movimento cooperativo segue a progressão seguinte:

Annos	N.º de sociedades	N.º de membros	Vendas	Lucros
1865....	867...	148:586.....	84.346:175..	6.980:650
1875....	1:163...	479:284.....	403.201:925..	134.131:675
1865....	1:711...	1.414:158.....	1.312.800:000..	134.940:000
1899 ...	1:940...	1.729:976.....	1.750.000:000..	195.600:000

Este quadro que não comprehende, as cooperativas não federadas nem os grandes armazens com tendencias cooperativas, mostra o espantoso movimento inglez: — perto de

2:000 sociedades comprehendendo 1.800:000 socios e em média 7.500:000 consumidores, isto é, um quinto da população!

Tenho citado só as sociedades não militares; occupame-hei agora d'estas.

(Continúa).

C. S.

AS ESCOLAS PRATICAS

E

A INSTRUCCÃO COMPLEMENTAR

I

E' já antiga a corrente de opinião a favor da reforma da Escola Pratica de Infantaria, e póde mesmo dizer-se que essa corrente tem existido desde a fundação da escola, atravez os diversos regulamentos que presidem á sua organização e funcionamento, bem como dos programmas de trabalhos que ali se tem effectuado nas differentes epochas de instrucção.

Além d'esta corrente, poderemos mencionar uma outra, egualmente obstinada, persistente, não a favor de qualquer reforma, mas opinando pela suppressão completa da escola.

Não entraremos no exame detido dos fundamentos d'esta ultima opinião, mas em todo o caso sempre referiremos que ella revela um symptoma que deve ser attendido, modificado e investigado nas suas origens, pois descobre, de duas coisas, uma.

Ou a Escola Pratica é uma exerescencia, uma inutilidade que se advinha, que se reconhece pelo simples criterio do bom senso, e pela ideia perfeita ou imperfeita, que se faz das necessidades da nossa preparação militar, ou a instrucção dos quadros em geral anda tão fóra do bom caminho, tão desnorteada, que se não comprehende a utilidade e vantagem dos trabalhos executados na Escola Pratica.

Em qualquer dos casos, isto é, ou n'uma ou n'outra hypothese, não ha duvida que a opinião desfavoravel á escola descobre um mal que precisa remedio.

Se o mal é objectivo, ou reside no objecto, reforme-se radicalmente a escola, quer no seu regulamento constitucional, quer nos programmas dos trabalhos escolares.

Se o mal é subjectivo, ou reside nos que frequentam e apreciam desfavoravelmente a escola, reforme-se o systema de instrucção que vicia de tal modo as condições e ideias relativas á applicação dos co-

nhecimentos theoreticos e ao methodo de preparação para a guerra. Quanto a nós, o mal não é subjectivo nem objectivo exclusivamente, e reside ao mesmo tempo no estabelecimento, nos preconceitos dos que o frequentam, e vicios da sua instrucção anterior. Esses vicios e preconceitos tomam origem nos cursos da Escola do Exercito, onde brilha pela ausencia o necessario elo que deve ligar a theoria com a pratica, o conhecimento theoretico adquirido no livro e no gabinete, com a applicação no campo positivo.

Os inconvenientes d'este systema tornam-se particularmente salientes, ou augmentados nas suas proporções, por não existir na escola da Bemposta uma cadeira onde se ensine o importante ramo da pedagogia militar, passando-se tambem em claro o conhecimento theoretico e pratico dos regulamentos.

Banido o ensino dos regulamentos em cursos que preparam para official!

E' increditavel. Na profissão militar predomina a execução material, execução que é justamente presidida pelos regulamentos. Se não existe o conhecimento das doutrinas regulamentares, que são as que estabelecem o modo de execução, a intelligencia não sabe pôr em pratica as idéas que possui, bebidas nos tratados.

Por um lado e exclusivismo de um ensino abstracto e theoretico prepara a futura repugnancia e inaptidão para os trabalhos praticos; por outro lado o facto do curso exclusivamente theoretico constituir habilitação completa para official, conduz a um particular estado psychologico, pelo qual se exaggera o valor e o merito do diploma, e se encara com desdem qualquer trabalho profissional, ou applicação no campo pratico.

N'um apreciavel trabalho publicado n'esta Revista, em 1897 pelo sr. P. S. sobre a *Reorganização da Escola Pratica de Infanteria*, lê-se na pag. 207-208:

«..... deviam chegar a Mafra com sufficiente conhecimento da ordenança de infanteria, e com uma tal ou qual pratica de commando.

«Talvez assim devesse ser, mas na realidade nada d'isso succede e em todos os annos tem havido cadetes e aspirantes, não poucos, que ao apresentar-se na Escola, mostram bem nunca terem visto soldados, perturbando-se e perdendo toda a serenidade logo que se encontram na sua frente revelando uma absoluta falta de pratica de commando e um desconhecimento completo do regulamento tactico da arma.»

Esta nota que nos offerece o sr. P. S. a respeito da instrucção pratica de tactica dos ex-alumnos da Bemposta corre parallela com os outros ramos principaes, o serviço de campanha, o tiro, a fortificação, tactica applicada, reconhecimentos militares, serviço interior; e, como a instrucção escolar teve sempre por principal objectivo os cadetes e aspirantes, claro é, que os regulamentos organicos e programmas se tiveram de adaptar ás circumstancias dos alumnos, e d'ahi resultou que os trabalhos escolares nem sempre estiveram á altura do que se suppõe e exige n'um estabelecimento que tem o titulo de Escola pratica da arma.

As escolas de applicação devem ser unicamente destinadas á instrucção pratica complementar e de aperfeiçoamento, e aos trabalhos especiaes que não podem ter logar nos regimentos.

A instrução de recruta, a instrução elementar sobre o tiro, tática applicada, serviço de campanha, gymnastica, bem como o serviço interior e de guarnição, a administração e escripturação, tem no regimento o seu lugar proprio. N'alguns paizes segue-se o systema de se não matricular ninguem nas escolas militares de habilitação para official, sem ter tomado parte durante seis mezes na instrução regimental.

Não vigora entre nós esse principio, e muitos individuos matriculam-se na Escola do Exercito sem terem sequer a instrução de recruta, mas o que se não pode admittir é que os alumnos saiam da Escola com o diploma que definitivamente os habilita para official, sem possuirem o ensino da instrução pratica elementar, de modo que possam ministrar nos corpos esse mesmo ensino aos recrutas e soldados, e sem estarem iniciados em todo o programma de instrução e serviço regimental, possuindo ao mesmo tempo uma certa dose de habito ou desembaraço no commando.

Esta instrução pratica e aptidão para o ensino e commando exigem-se hoje nos exames para os postos inferiores, e não nos parece que possa ou deva ser outra a orientação, quando se trata do posto do official ou aspirante.

D'este atrazo em que se apresentam os aspirantes em Mafra, resulta que dos dez mezes de duração do periodo escolar, os primeiros seis mezes que decorrem de novembro a maio, são consagrados á sua preparação elementar.

Durante estes seis mezes o programma do ensino tactico e serviço de campanha é um verdadeiro programma de recrutas e cabos de esquadra, que não está á altura da Escola Pratica nem dos individuos a quem se applica.

Primeiramente, os aspirantes e 1.^{os} sargentos tem elles proprios, como alumnos e executantes, exercicios e lições sobre instrução individual sem arma e com arma; escola de esquadra e pelotão; flexibilidade; toques de corneta e signaes; nomenclatura do armamento, creame e equipamento; processos de limpeza; disposição da roupa na mochila; equipar e desequipar; serviço de guarnição, guardas, rondas, e continencias; conducta do atirador, da flexa, patrulhas e vedetas.

«Na instrução relativa ao equipamento — escreve o sr. P. S. — os aspirantes e 1.^{os} sargentos aprendiam *praticamente* a dispor toda a roupa na mochila, a deitar e a arriar esta, e finalmente a equipar e desequipar em ordem do marcha».

Quer dizer: como alguns aspirantes se apresentavam particularmente atrasados na instrução pratica elementar, a escola sujeitou-os a todos, e tambem aos 1.^{os} sargentos, ao mesmo programma de recruta, que deve ter sido muito util, sobretudo para os primeiros sargentos, que além de terem assistido como alumnos e instructores a uns dez ou quinze periodos annuaes de instrução regimental, satisfizeram a exames, em que o conhecimento dos detalhes e a execução precisa dos regulamentos se levam a um ponto que as escolas de applicação não podem pretender attingir, pois nem esse é o seu fim.

«Para que os aspirantes e primeiros sargentos — continua a relatar o sr. P. S. — se preparem convenientemente para instructores, os soldados da companhia normal são para todos os effeitos considerados *recrutados*, aos quaes se deve ministrar todo o ensino prescripto no regulamento tactico, desde a instrucção individual.

«Cada um dos tres pelotões da companhia dispoz de 4 esquadras, compostas de 1 cabo e 12 soldados, o que permittiu formar ao todo 24 escolas de 6 a 7 homens, cada uma. Toda a instrucção foi directamente ministrada ás escolas, esquadras e pelotões pelos aspirantes e 1.º sargentos.»

Como os aspirantes e primeiros sargentos são uns 70, só podem fazer o tal papel de instructores por turnos de 24 durante o exercicio por escolas; 12 durante o exercicio por esquadras; 9 durante o exercicio por secções e pelotões.

D'onde se conclue que os soldados da companhia normal mudaram mais de doze vezes de instructores, repetindo outras tantas vezes a instrucção elementar que já tinham recebido nos regimentos.

Para tornar o systema mais *perfeito e methodico*, tentou-se elevar a um batalhão permanente a companhia normal, mas bem avisadas andaram as estações superiores em não annuir a tal idéa. A constituição de um batalhão, para ser empregado segundo o programma que se tem applicado á companhia, e commandado por uma multidão de instructores aprendizes, acanhados ou mal desenvolvidos, teria por necessario effeito dar maior relevo aos inconvenientes, erros e confusões.

Passados os mezes do periodo preparatorio ou elementar, os aspirantes e primeiros sargentos não estariam ainda bem á altura de commandar e dirigir os pelotões e secções em exercicios e trabalhos de character complementar ou superior, visto que o unico tirocinio que anteriormente tiveram versa sobre instrucção elementar, o que faz sua differença.

Um ou outro instructor mais fraco, por companhia, não tem maior inconveniente; porém o caso muda de figura, se se entregar a individuos pouco praticos a direcção de todas as fracções.

Depois note-se que, quer houvesse na escola uma companhia quer um batalhão, o numero dos pelotões e secções é sempre dez vezes, ou cinco vezes menor que o numero total dos subalternos, dos aspirantes, 1.º sargentos, e 2.º sargentos, dos quadros das companhias e alumnos da Escola, e, por consequencia, a maior parte limitar-se-ha apenas a assistir aos exercicios, dando-se tambem o inconveniente da fluctuação constante, ou mudança de commandos.

Emfim, o que se póde ou deve concluir de tudo isto, é que sob o ponto de vista da instrucção elementar e de adestramento no commando e no ensino, seria mais proveitosa para os aspirantes a permanencia nos regimentos, de novembro a maio, porque é esse o verdadeiro logar da instrucção elementar e geral, e ahi tomariam parte n'ella sob a direcção e fiscalisação dos commandantes de companhia e batalhão.

Actualmente cada companhia recebe no mez de novembro uns 30 *recrutados*, e para os ensinar não tem ás vezes um unico subalterno. . . . porque estão em Mafra. Ali, no regimento, é que está pois o melhor logar para os aspirantes se adestrarem no commando e no ensino dos soldados; e, além d'isso, a instrucção regimental comprehende hoje muito mais que o ensino de *recruta* e elementar.

(*Continua*).

JULIO D'OLIVEIRA
Tenente d'infanteria.



No sul da Africa

COMBATE DE SPION KOP

Spion Kop é uma elevada collina que domina todos os *copjes* adjacentes e que termina por um *plateau* com a forma d'um triangulo. As encostas são muito escarpadas, formadas por terreno rochoso e a do sul contornada por um caminho que dá acesso ao *plateau*.

Os terrenos em volta são muito accidentados e podem mesmo entrar na cathegoria de montanhosos, formados por valles estreitos e profundos, por onde torto e apertadamente corre o Tugela, e por montes elevados de encostas escarpadas cheias de rochas abruptas que ameaçam constantemente despenhar-se sobre os valles. O escarpado das encostas e os rapidos e constantes accidentes do terreno tornam sempre os accessos difficeis e muitas vezes perigosos.

Querendo seguir na direcção norte, de Springfield para Pretoria, é necessario seguir pelos valles formados por Spion Kop e Tabamyama ou Brakfontein.

Ficando Spion Kop no centro e mais para sul e tendo, alem d'isso, commandamento sobre as outras collinas, é facil de ver que é a chave principal de todas as posições que, pelo sul, defendem Ladysmith. E', procurando um termo de comparação, a torre de Malakof: tomada ella estaya Ladysmith na mão dos inglezes. Pelo menos inglezes e boers assim o comprehenderam, porque só assim se justifica a maneira tenaz como foi atacada e defendida por uns e outros.

Sir Redevers Buller, depois do desastre soffrido em Colenso, vendo que por esta estrada não chegaria a Ladysmith, fez uma conversão á esquerda, seguindo o Tugela até

Springfield. Marchando depois na direcção norte internou-se pelos vales profundos formados pelas asperas montanhas, que a todos os momentos lhe appareciam cobertas de boers que, com o seu tiro preciso, devéras difficultavam a marcha dos inglezes, embora pelas altas horas da noite cantassem os seus hymnos que eram repetidos de *copje* em *copje*.

Comtudo, vencendo sempre difficultades que poem bem em evidencia o quanto vale a tenacidade, constancia e pertinacia ingleza, luctando constantemente com os boers que da alta das montanhas lhe impediam a marcha, vencendo mesmo combates importantes como o de Venter Spruit, conseguem avançar até ao sopé de Spion Kop.

Esta lucta constante e sem treguas durou desde o dia 16 a 23 de janeiro.

Depois do combate de Venter Spruit, apezar de ter sido um combate de resultados indecisos, os boers abandonam as suas posições e vão collocar-se em Tabamyama e Spion Kop.

Como Venter Spruit fica á esquerda de Spion Kop e perto e ao sul de Tabamyama, e como os boers tinham atacado principalmente dos lados d'esta ultima collina a ala esquerda ingleza, concluíram estes que Spion Kop devia estar pouco guarnecida, e resolveram atacal-a de noite.

Devida a esta resolução, na noite de 23 para 24, poseram-se em marcha, seguindo pelo caminho a que já nos referimos e que leva ao *plateau*, o 2.º batalhão dos *Lencasters Regiment*, o 2.º das *Lancashires* (seis companhias), 194 homens de infantaria montada e meia companhia de engenharia, todos debaixo das ordens do coronel Thorneycroft.

Esta columna d'ataque tinha como reserva o 1.º batalhão dos *South Lancashires Regiments* e a *Irperiel Light Infantry*.

O commando de todas estas forças foi dado ao general Woodgate.

Debaixo de chuva e por uma noite escura iniciou a columna d'ataque a sua marcha á 1 hora da manhã. Seguindo sempre com as maiores precauções, não fallando e não fumando, ás 3 horas estavam no vertice sul do *plateau*. N'esse momento um grito de «*Quem vive!?*» sahido do meio da escuridão interrompe o silencio, accorda os inglezes, que marchavam somnolentos, e, obdecendo ás ordens cathogoricas e terminantes que tinham recebido, armam logo bayonetas e deitam-se por terra. O mesmo grito, que tinha sido lançado por um indigena que estava de seni-

nella, foi o signal d'alarme para os boers defensores de Spion Kop, mas a imprevidencia boer tinha deixado as portas de Ladysmith entregues a 25 homens, que dispararam as suas armas e que immediatamente se pozeram em fuga.

Os inglezes avançam uns 25 metros e ahi depararam com as trincheiras boers que tinham ficado abandonadas, e julgando-se já senhores de Spion Kop, continuam avançando. Comtudo, dentro em pouco d'uma segunda linha de fortificação rompe um fogo vivo e intenso, que causou algumas baixas, mas, apesar das excellentes posições em que os defensores se encontravam, cessam o fogo e cêrca das 4 horas da manhã lançam-se tambem em fuga, deixando os inglezes senhores da parte sudoeste de Spion Kop.

Os boers vencidos por este *golpe de mão* formavam um posto avançado collocado em *alto guardado* e constituido por *burghers* de Vryheid, unicos federados que defendiam Spion Kop!

Quando os homens levados pela imprevidencia, commettem d'estes erros, duras teem de ser as consequencias. Os boers desguarneceram a posição principal e se a quizeram depois reconquistar tiveram que soffrer grandes baixas e lutar séria e desesperadamente. Esta falta grave é em parte explicada no *Matin* por uma exposição de Botha, em que diz que precisava deslocar os seus homens constantemente para com isso simular maior numero.

Para os inglezes se tornarem senhores da posição que tinham conquistado com tanta facilidade necessitavam estabelecer-se n'ella solidamente. Para isso começaram logo a abrir trincheiras e a estabelecer-se defensivamente, o que poderam fazer até ás 8 da manhã sem serem inquietados, porque um denso nevoeiro não deixava que de longe e das alturas de Tabamyama os boers os importunassem com o seu tiro certo. Comtudo esse nevoeiro que parece que tanto favorecia os inglezes, logo que deixou que o sol lhe mostrasse a realidade, viram as tropas de Woodgate que as trincheiras que tanto lhe tinham custado a construir estavam mal orientadas e que eram batidas de enfiada pelos fogos dos boers.

Façamos agora uma rapida visita ao campo boer. Tendo-se estabelecido em Tabamyama, um pouco ao norte de Spion Kop, abandonaram esta posição, que como já vimos, não é crível que fosse por imprevidencia, mas pela razão

que Botha apresenta, o que acreditamos com facilidade pela razão de ser necessario aos boers concentrarem todas as suas forças no flanco direito do vasto amphitheatro que defendiam para poderem resistir aos impetuosos ataques de Warren, que pelo oeste lhe ia contornando Tabamyama.

Atacando-os Warren incessantemente nos dias 20 a 23 de janeiro, apenas os boers puderam em Tabamyama construir rapidos entrincheiramentos, que devido á aridez e á estructura rochosa do solo sómente os puderam construir com pequenos muros de pedra solta, a que chamaram *schantzes*, e que embora augmentassem os estilhaços, offereciam a grande vantagem, hoje tão attendivel, de os esconder das vistas inimigas.

Emquanto os inglezes, sob as ordens do valente coronel Thorneycroft, trepavam na noute de 23 para 24 por uma densa escuridão e um profundo silencio o tortuoso caminho que os levou ao *plateau* de Spion Kop para effectuarem o golpe de mão, os boers, nas alturas de Tabamyama, entoavam plangentemente os seus psalmos queridos, os quaes, ás 4 horas da manhã de 24, foram interrompidos pela triste noticia de que a posição principal, o *plateau* de Spion Kop tinha sido tomado pelos soldados britannicos.

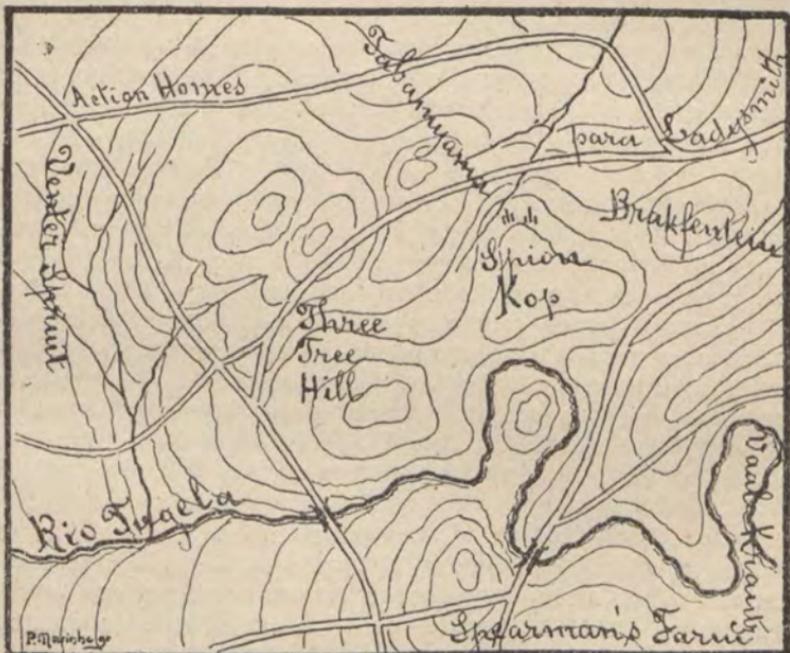
Como valentes patriotas e denodados combatentes esquecem a musica monotona que tão ternamente lhes enlevava a alma para as sublimes regiões celestes para pegarem na arma, que, com o crepitar do seu tiro, lhes mostrava a triste realidade da vida. Tinha chegado o momento de substituir o psalmo que enleva a alma pela musica aspera e retumbante do tiro, que concretizando os sentimentos da honra mostra o quanto valem os sentimentos da patria e quão duros são os encargos da vida. Tendo procurado alcançar os bens do ceu era necessario agora salvaguardar a honra e defender os bens da terra, encargo que é bem mais duro.

Para isso Botha e Burgher, cahindo na triste realidade, resolveram logo dar um vigoroso ataque e desalojar os inglezes do *plateau* de Spion Kop, devendo cada um d'elles commandar uma columna, marchando na frente um grupo d'*élite* de, 350 homens, burghers de Carolina, sob as ordens do commandante Prinsloo.

Dadas estas ordens, os boers lançaram-se na lucha com um denodo que se pôde equiparar ao fervoroso ardor e melancolico enthusiasmo com que a Deus pediam a Sua protecção divina e o eterno descanso para as suas

almas cheias de bondade e candura, pois que quasi foi este o unico combate em toda a prolongada campanha em que elles, os boers, mostraram que eram tão aptos para o ataque como habeis e astuciosos para a defeza.

Postas as duas columnas em marcha, com os burghers de Prinsloo á frente, desceram os boers das alturas de Tabamyama e ainda pela escuridão da noute, reforçada pelo denso nevoeiro, escalaram as asperas encostas que pelo norte e noroeste os levavam ao *plateau* de Spion Kop, que horas antes tinha sido conquistado pelos inglezes e onde activamente trabalhavam na construcção das suas trincheiras.



Escala aproximada $\frac{1}{180.000}$

Subindo a collina debaixo da protecção do denso nevoeiro, tinham que lutar sómente com os obstaculos que a natureza lhes apresentava, mas subindo sempre, os bravos burghers de Carolina foram esbarrar-se nas vedetas inglezas que, segundo a exposição de Botha publicada no *Matin*, «se encontraram face a face com as sentinellas inimigas e muitos d'entre elles agarraram as armas dos soldados inglezes no momento em que estes se preparavam para fazer fogo.»

N'este meio tempo, enquanto os burghers de Prinsloo luctavam com os inglezes quasi corpo a corpo, iam as columnas boers avançando e collocando a sua artilheria em posição, estabelecendo duas peças Maxim-Nordenfelt na extremidade noroeste do *plateau*, como se vê no *croquis* que juntamos, que causaram graves perdas nas tropas de Woodgate, e collocaram mais tres peças de maior calibre, duas das quaes tomadas aos inglezes na triste batalha de Colenso, á retaguarda da crista de Tabamyama, que além de ficarem completamente ao abrigo das vistas das baterias inglezas, lhes permittiam batel-as com um tiro efficaz.

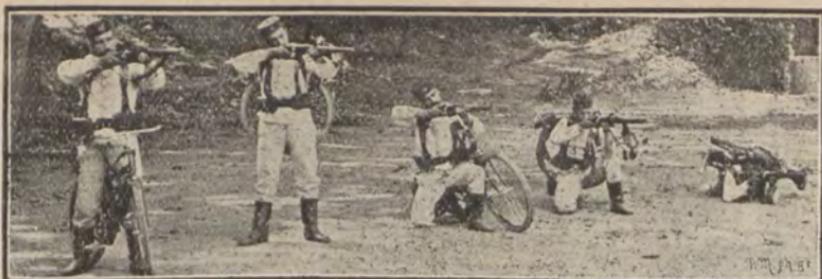
A's 8 horas da manhã o nevoeiro estava dissipado e as peças boers, batendo os inglezes de tres direcções differentes, auxiliavam efficazmente os boers, que dispersos e abrigados cautelosamente com os recursos naturaes, se estendiam já pelo *plateau*.

O fogo era mortifero de parte a parte, mas os inglezes apezar das duras lições de Colenso e outras, ainda não tinham perdido o pernicioso habito de se gruparem. Devido a isso offerciam ás peças Maxim, collocadas no vertice noroeste do planalto, excellentes alvos onde ellas faziam constantemente horrorosos estragos. Comtudo durante tres horas, apezar do fogo certoiro da artilheria e do tiro efficaz dos boers que dispersos iam avançando, ainda os inglezes conseguiram manter-se nas trincheiras mais avançadas durante tres horas, mas ahi pelas 10 horas, os boers, avançando sempre, conseguiram desalojal-os, não lhes podendo valer a arrojada bravura das tropas do valeroso Thorneycroft. Uma pequena trincheira foi por tres vezes perdida e tomada pelos inglezes, mas, não obstante, cerca das 11 horas os inglezes tinham já perdido muito terreno e tinham sido lançados para a extremidade sul do *plateau*. A sua situação na posição principal era já muito critica. A torre de Malakof estava preste a ser perdida e Ladysmith garantido nas mãos dos boers federados.

(*Continua*)

DAVID RODRIGUES

Tenente d'infanteria



VELOCIPEDIA MIITAR

(Concluido do n.º 8 — 4.º anno)

Emprego da velocipedia nos exercitos estrangeiros

Na *Belgica* realisaram-se as primeiras experiencias em 1889; e tão bons resultados foram n'ellas colhidos que no anno seguinte era creada uma secção de cyclistas no regimento de Wars.

Essa secção compunha-se de 25 homens, que todos os annos por occasião das manobras eram distribuidos por diversos estados maiores para desempenharem o serviço de *estaffetas* e *esclarecedores*. Em 1794 foi creada uma escola velocipedica em Bruxellas, encarregada de preparar os cyclistas para os diversos serviços em tempo de guerra. Esta escola realisa annualmente experiencias e exercicios em larga escala nas manobras do exercito belga, sobresañdo já em 1896 um pelotão de cyclistas, commandado pelo tenente Béislaen.

Mais tarde, em 1899, era creada em cada batalhão do regimento de carabineiros uma companhia de cyclistas combatentes.

Tinham por fim estas companhias servir de apoio á cavallaria e ás baterias enviadas ao longe; substituir a cavallaria em alguns serviços d'exploração e reconhecimentos; assegurar a ligação entre a cavallaria em exploração a distancia e o corpo principal de uma columna; occupar rapidamente um determinado ponto, etc.

Na **Allemanha** parece que foi o 81.º regimento de infantaria que em 1886 iniciou o emprego de velocipedia no exercito allemão.

E' certo, porém, que logo no anno seguinte o serviço de ordenanças nas praças fortes era executado já por cyclistas.

Todavia de 1891 em diante é que se realisaram as experiencias officiaes de velocipedia, com emprego dos cyclistas na transmissão de despachos e em reconhecimentos.

Em 1894 era regulamentado o emprego de cyclistas nos corpos de infantaria e cavallaria, sendo pouco depois creado junto á Escola de Gymnastica um curso de velocipedia.

Para isto concorreu muito o actual marechal conde Walderssee, que por sua propria iniciativa realisou no corpo do seu commando experiencias de velocipedia com um pelotão de 60 cyclistas, que empregou não só nos serviços de *estaffetas* e *esclarecedores*, mas tambem na execução de varias missões taticas importantes.

Mais tarde foram distribuidas 6 machinas a cada batalhão de infantaria, agrupadas para as manobras em destacamentos de 50 a 60 cyclistas por divisão, sob o commando de dois officiaes d'esses batalhões.

A **Austria**, depois de varias experiencias, introduziu a velocipedia no seu exercito em 1884.

A instrucção é dada na Escola de Wienci-Meusdadt e os cyclistas durante as manobras são distribuidos pelos diversos serviços e estados maiores.

Actualmente o exercito austriaco possui o numero de cyclistas sufficiente para o caso de mobilisação.

Alguns officiaes são especialmente destinados ao serviço do estado maior, tendo para esse fim boas machinas fornecidas pelo estado.

A **Suissa**, não obstante as condições pouco favoraveis do terreno, e pequeno numero de estradas e a aspreza das inclinações, realizou com bom exito as experiencias em 1887. Só porem em 1891 foi publicado um regulamento velocipedico bastante completo.

Prescreve esse regulamento que os cyclistas serão reunidos todos os annos durante tres semanas para instrucção e que nas manobras annuaes serão distribuidos pelos diversos estados maiores.

Estabelece tambem o fardamento, equipamento e armamento a usar; as gratificações e rações que recebem durante os periodos de instrucção e manobras, etc. Adjunto ao quartel general do exercito ha um official que tem a seu cargo todo o serviço cyclista, incluindo o recrutamento.

Em **Hespanha**, após varias experiencias, foi creado em 1890 o corpo velocipedico, composto de dois officiaes e 17 praças, que ficou adjunto ao batalhão de caminhos de ferro.

Em campanha, este corpo hoje muito augmentado, será ligado ao quartel general do exercito.

Uma circular de 1893 encarrega os cyclistas da condução de despachos officiaes, do serviço postal, reconhecimentos etc.

Os cyclistas são escolhidos entre os sargentos e cabos, e a instrucção é ministrada na Academia Geral Militar que, para desenvolver o gosto por este util exercicio, confere annualmente premios pecuniarios aos mais distinctos.

A **Russia** decretou o emprego dos cyclistas militares em 1891, com o fim de assegurar a rapida transmissão d'ordens entre as unidades, quer em marcha, quer em operações; facilita a organização do serviço postal; e ainda para reconhecimentos rapidos. O numero de cyclistas por regimento russo é de 8 nos do infantaria e 4 nos de cavallaria; além d'isto em cada regimento deve haver pelo menos dois officiaes exercitados para a execução de missões importantes. Em varias manobras tem sido empregados os cyclistas juntamente com a cavallaria em exploração.

Em outras nações, como na Dinamarca, Bulgaria, Noruega, Hollanda, etc., está officialmente estabelecido o emprego da velocipedia no exercito, havendo até em algumas, unidades especiaes de cyclistas.

Por este rapido esboço se vê claramente o largo emprego, que em quasi todas as nações, é dado ao cyclismo militar, e como nos exercitos estrangeiros são aproveitaveis os multiplos serviços que os cyclistas podem prestar em campanha.

De grande vantagem seria pois para o interesse geral do nosso exercito que n'elle fosse tambem introduzido o cyclismo, seguindo assim o exemplo dos exercitos das principaes potencias militares.

Demais, em theoria já existe, pois a ultima reorganisação do exercito attribue aos diversos estados maiores algumas machinas.

Falta tornar effectiva essa disposiçao e distribuir tambem um pequeno numero de machinas aos regimentos, sendo em uma dada epocha do anno agrupadas para instrucção e exercicios.

ALBERTO GUERREIRO PEIXOTO E CUNHA
Alferes d'infanteria



AS MANOBRAS

Quando a nossa *Revista* fôr publicada já nas faldas da serra de Cintra se tem realisado as manobras d'outono.

No numero proximo diremos alguma cousa sobre ellas que illucide os nossos leitores, mas antes de lá chegarmos, visto ter andado este assumpto na tella da discussao da imprensa diaria, anticiparemos a nossa opiniao e indicaremos o nosso modo de vêr.

Na febre das discussões acaloradas diz-se tudo, e muito principalmente quando ellas visam a fins politicos. Nós fugiremos d'esse campo para podermos, de espirito tranquillo, dizer a verdade.

Ha já alguns annos que entre nós se fazem manobras d'outono, mas, não obstante, para muita gente ainda são d'uma utilidade, se não duvidosa, pelo menos discutivel. Para esses espiritos, certamente pouco versados em assumptos militares, nem o exemplo estrangeiro serve, porque?

Uns, os ignorantes, porque entendem que o exercito entre nós serve sómente para procissões e arraiaes; outros,

os politicos, porque armando em sentinellas vigilantes do thesouro publico e servindo-se de lagrimas de Geremias, sempre dependuradas dos olhos mentirosos, conseguem, á custa d'ellas, arrancar palavras que, além de insultuosas a maior parte das vezes, illudem a opinião publica e conseguem mesmo formar correntes desfavoraveis contra uma medida tão necessaria e sempre de resultados beneficos para o exercito, quer pelo que n'ellas se aprende, quer pelás difficiencias que ellas nos mostram, indicando, devido a isso, lacunas que é necessario preencher e defeitos que é necessario corrigir.

Sendo as manobras na paz a imagem da guerra, são o diapasão pela qual se hade aferir o valor do exercito, quer debaixo do ponto de vista da organização e disciplina, quer da resistencia ás fadigas, quer do valor do animal e utilidade do material, quer, emfim, da competencia e saber dos officiaes e generaes.

Se o exercito aprende e fica sabendo como funcionam os diversos serviços, o paiz fica avaliando como são gastos os dinheiros publicos destinados ao exercito e conhecendo o seu valor.

Se na França, antes de 1870, tivesse havido manobras, já o ministro da guerra Lebeuf não poderia enganar o seu paiz e não teria a audacia de dizer em pleno parlamento que ao exercito não faltava um botão se quer.

Se então a França tivesse feito manobras, talvez o custo d'ellas lhe evitasse as miserias de Sedam e Metz, as lamas de Paris e a fabulosa contribuição de guerra que depois tiveram que pagar. Talvez.

O dinheiro que se gasta com utilidade, diz-se em linguagem vulgar de economia politica que nunca é mal gasto; não o choremos pois.

Os argumentos a favor das manobras são conhecidos e até já repizados, mas sendo todos mais ou menos theoreticos, embora intuitivos, nem sempre teem calado no espirito de todos.

Para quem não quer ver, as licções da historia tambem para pouco servirão; mas, não obstante, vejamos o que succedeu nos combates do Transwaal, onde as paginas da historia estão ainda marcadas com o sangue quente de tantas victimas innocentes causadas pela falta de preparação militar do exercito inglez.

Os mais ardentes adversarios das manobras não querem que com ellas se gaste dinheiro, querem antes se

compreem muitos e excellentes armamentos. Tem em parte razão; os armamentos, para a guerra moderna, são indispensaveis, mas, pelo facto d'isto ser uma verdade, é necessario não concluir que só com elles se deve gastar dinheiro. Uma affirmação d'estas sómente póde sahir de leigos que desconhecem por completo o valor dos diversos elementos com que se faz a guerra e o funcionamento dos diversos ramos de serviços dos exercitos em campanha.

A guerra é um conjuncto complexo de elementos simples onde cada um tem o seu valor e onde nenhum é dispensavel. Os armamentos, como elemento de execução, occupam um lugar, e as manobras, como elemento de preparação, occupam um outro lugar bem diverso, mas não menos importante.

Não se podendo comparar armamentos com manobras, não é facil achar o valor relativo de cada um d'elles, como se tem tentado fazer.

Contudo, seguindo nós o mesmo processo, podemos já dizer que no estado actual das nossas circumstancias, se é util comprar armamentos, não o é menos fazer manobras.

Ninguem ignora que o exercito inglez se apresentou no Transwaal dotado de todos os recursos e dispondo de armamentos, que embora nem todos fossem dos mais modernos e aperfeiçoados, eram, não obstante, excellentes e bons.

Pois bem, para aquelles que não querem manobras, para aquelles que esquecem que é n'ellas que os officiaes praticam e se podem instruir na direcção e manobra de conjuncto, principalmente os officiaes superiores e os generaes, lembrar-lhe-hemos simplesmente tres factos accorridos no Transvaal, que representam tres desastres evidentemente devidos aos erros dos officiaes inglezes, e principalmente dos generaes, os quaes, bem sabido é, só podem praticar nas grandes manobras.

No combate de Colenso, o coronel Long, commandante de um grupo de baterias, a 14.^a e a 66.^a, avança com ellas 1.100 metros para a frente da infantaria, ficando portanto sem apoio, e vae estabelecer-se em bateria a 600 metros do inimigo.

Desnecessario será dizer que dentro em pouco o proprio Long era cadaver e que as duas baterias estavam nas mãos dos boers, que, diga-se de passagem, as utilizaram depois contra os inglezes sempre com muita habilitade.

Outro facto. No mesmo combate de Colenso, a 5.^a brigada de infantaria, Hart, constituindo a ala esquerda, entra em columna de batalhões, isto é, em massa, na zona efficaz dos fogos inimigos. Os boers, sempre astuciosos, deixaram-na approximar a uns 700^m e, ahi, com o tiro de duas peça de artilharia e com os fogos da infantaria, mostraram inclementemente aos generaes inglezes que não é assim que se combate.

Facto identico teve logar na batalha de Magersfontein. O general Woochop tenta dar um combate de noite com a brigada das Hyghlanders, mas, avançando tambem em columna de batalhões, é surprehendido pelos boers, que a 200 metros, com descargas certas, aniquilaram um quinto da brigada e deixaram o resto tão desmoralizado que não se pôde sustentar.

Estes casos e tantos outros que podiamos apresentar, assim tão crassos e que para os inglezes foram as causas verdadeiras da perda das suas batalhas, a que hão de ser attribuidos? Evidentemente á ignorancia e falta de pratica dos officiaes inglezes. Certamente nunca assistiram a manobras verosimilhantes, bem executadas, porque, no caso affirmativo, teriam aprendido ao ménos esses principios tão geraes e tão simples.

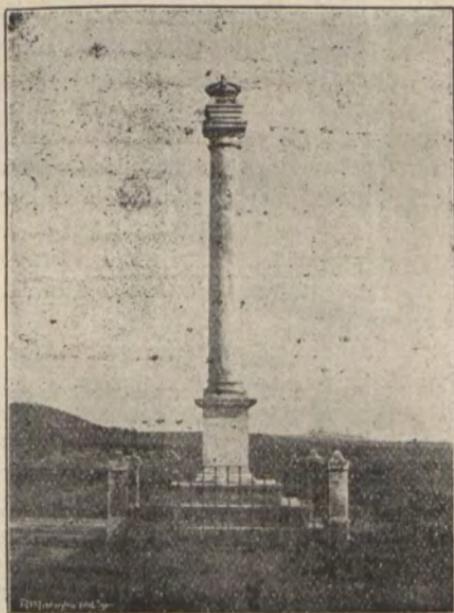
Supponhamos agora o contrario: isto é, que os inglezes não tinham tão bons armamentos, mas officiaes mais instruidos, e será o bastante para vermos que, embora não tivessem vencido, o que muito bem podia ser, teriam ao menos evitado desastres vergonhosos e poupado inumeras victimas inocentes. Portanto, parece-nos que se pôde concluir sem favor que, se as manobras não teem mais valor do que os armamentos, teem pelo menos um valor igual; claro está, partindo do principio de que ha alguns armamentos e em estado regular, o que equivale a dizer que na guerra ou para a guerra tudo tem o seu valor e nada é dispensavel.

Achamos portanto justo que se peçam armamentos, mas não achamos justo que se condemnem as manobras.

DAVID RODRIGUES.

Tenente d'infanteria.

Monumentos militares



Padrão do Ameixial

São na vasta provincia do Alemtejo — todos o sabem — os feracissimos campos do Ameixial, que distam uns 5 kilometros para o occidente de Extremoz e um pouco ao oriente d'esse plaino corre a serra Murada, o alto de Ruivinos.

Foi na famosa guerra da independencia e quando sacudiamos o jugo hespanhol que em varios pontos do Alemtejo derrotamos os melhores generaes e os melhores soldados da visinha usurpadora. O Ameixial é uma das paginas gloriosas d'essas campanhas, D. Sancho Manuel, Conde de Villa Flor, o heroe d'essa étape, e o vencido, D. João d'Austria.

Quatro mil mortos deixou o inimigo no campo comprados com sangue de mil mortos e quinhentos feridos portuguezes. E' que o inimigo era potente, tão potente como

foi grande a victoria, tão potente como foi medonho o desastre.

Não era de soldados experimentados o nosso exercito, mas esses 11.000 infantes do Ameixial e esses 3.000 cavalleiros tinham avós em Aljubarrota, em Ceuta em Tanger, em Mazagão e o vencer em Portuguezes é quasi instincto de raça, herdaram esse fogo sagrado do combate que produz a victoria, não o adquiriram pela pratica.

No logar onde se travou a batalha mandou el-rei D. Affonso VI levantar o singelo padrão que a nossa gravura representa.

Sobre tres degraus de cantaria ergue-se uma columna de cerca de dois metros e meio assente sobre um pedestal quadrangular, em cujas faces se lê a seguinte inscripção :

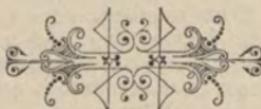
«No anno de 1663, a 8 de julho, reinando em Castella
«D. Filippe IV, vindo D. João de Austria seu filho, capi-
«tão general do exercito d'aquelle reino, retirando-se com
«elle da cidade de Evora, se formou n'este sitio á vista do
«exercito de Portugal, que o seguia, de que era governa-
«dor D. Sancho Manuel, conde de Villa Flor, que o ac-
«commetteu dando-lhe batalha, e destruindo-lhe o exercito
«de Castella, em que vinha toda a nobreza d'ella, ganha-
«lhe toda a artilheria, e grande quantidade de carruagens,
«que o acompanhavam. E para memoria de tão glorioso
«successo, mandou el-rei D. Affonso VI pôr aqui este pa-
«drão que é o logar em que se deu e venceu a batalha.»

Remata a columna, pela parte superior, uma almofada sobre que assenta uma corôa real, tudo em cantaria.

Lisboa — Setembro, 1901.

MANUEL ROQUETTE.

Ten. d'infanteria.





SECÇÃO DO EXTRANGEIRO

Russia — A manobra muda. — Na Russia tem-se feito varias experiencias de exercicios executados sómente por signaes e que lá chamam exercicios de manobra muda. Sobre este assumpto K. Volf faz a seguinte critica no jornal *Rouskii Invalide*, que, segundo a *Revue du Cercle Militaire*, diz:

«Dá-se uma grande importancia em todo o exercito russo aos exercicios executados por signaes, mudos, mas eu tenho observado que muitas vezes o commandante da unidade a previne de que se vae manobrar por signaes. Esta advertencia constitue, quanto a mim, um erro. Toda a manobra muda tem por fim ter sempre presa a attenção dos homens e habitual-os a manobrar por signaes, seja pela razão de que o commandante não poderia ser entendido, seja pelo facto de ter de ir isolado para uma altura d'onde possa observar o inimigo e de lá ter de mandar executar uma manobra ou seja, emfim, pela razão de que o inimigo podia ouvir a voz ou o toque de commando.

«Se nos exercicios se previnem os homens de que se vae manobrar por signaes, acostumar-se-hão a esta advertencia, a este commando preparatorio, e em campanha, logo que seja necessario n'um momento critico empregar immediatamente a manobra muda, poderão não notar o signal que lhe será feito sem commando preparatorio. Como diz o general Dragomiroff, *uma unidade executa na guerra as cousas a que a habituaram em tempo de paz*. N'um exercicio, se se faz alterar o commando e os signaes sem prevenir os homens de que se vae mudar de methodo, póde dar maus resultados. Não sómente se habituarão assim os homens a estar sempre attentos, mas ter-se-ha tambem unidades muito moveis e manejavéis que, dirigidas por chefes habéis, constituirão uma força poderosa em face do inimigo.»

Esta critica em parte é racional, mas nem sempre applicavel. Estando as unidades fóra da acção do fogo inimigo poder-se-ha, e dever-se-ha mesmo, fazer o que Volf deseja, mas estando na linha de combate já não tem applicação, pois que os soldados ou hão de dar attenção ao

tiro e ao inimigo ou estar sempre á espera de qualquer ordem que o seu chefe lhe dê. Em todo o caso, como bem diz Volf, é sempre conveniente que nos exercícos de flexibilidade se ordenem algumas evoluções sem o signal de attenção, pois que é sempre conveniente ter os soldados sempre attentos e promptos a executar inesperadamente qualquer movimento ou deslocação,

Austria-Hungria. — Alvos automaticos para o tiro de combate. — Segundo a *Vedete*, o regimento de infantaria austriaca n.º 70, empregou este anno no tiro de combate novos alvos automaticos representando *quintos de silhoete* e feitos com placas de aço fundido de 4^{mm} de espessura. Cada alvo é construido de tal maneira que cãe se é attingido por uma bala directa ou de ricochete. A parte posterior vem então bater n'uma pequena bigorna que, pelo choque, faz arder um pequeno cartucho de exercicio. O tiro é pois annunciado optica e acusticamente.

Os tiros directos produzem uma pequena cavidade circular e bem nitida e os ricochetes uma cavidade irregular. Estes alvos, que devido á construcção da silhoete, são facéis de reparar, representam uma grande economia. A parte anterior do alvo é pintado de duas côres; uma, pela parte média, representa a cara descoberta, a outra, para a parte superior e inferior, representa a cabeça coberta e o pescoço da silhoete de um adversario collocado em observação no limite superior das pequenas distancias e não mostrando senão a quinta parte do seu corpo.

O preço de cada uma d'estas silhoetes custa na Austria proxima-mente, em moeda portugueza, 200 réis.

Roumania. — As grandes manobras de 1901. — Não damos noticia das grandes manobras francezas, allemãs e russas porque são bem conhecidas de todos pela imprensa diaria, mas fazemol-o para a Roumania, porque, sendo um paiz pequeno como o nosso, não produz no mundo europeu uma noticia de tão grande sensação. Além d'isso sendo um paiz tão pequeno como o nosso apraz-nos vêr como lá os assumptos militares são tratados com cuidado e patriotismo. O exercito da Roumania, embora pequeno, é um dos mais bem organizados de toda a Europa e por este tacto respeitado por todos.

Segundo a *Revue du Cercle Militaire*, as grandes manobras propriamente ditas terão logar entre Routsen e Tekontchi, que são precedidas de manobras preparatorias e para as quaes, como entre nós, foram chamados os reservistas das classes de 96, 94 e 92. Convocaram egualmente o numero de officiaes de reserva para completar o effectivo de guerra do exercito activo.

As manobras preliminares duraram 25 dias (4 a 28 de setembro) para os 1.º, 2.º e 4.º corpos do exercito e 30 dias para o 3.º corpo. Estas manobras preliminares constaram de exercícos de companhia, batalhão e regimento, assim como de exercícos de dupla acção de brigada e divisão com um inimigo figurado.

As grandes manobras propriamente ditas realisaram-se na presença do chefe do estado nos dias 24 a 29 de setembro. Tomaram parte n'ellas 25 batalhões de infantaria, 12 esquadrões, 15 baterias (90 peças) e as duas brigadas da *Rossiori*. O grupo do norte era formada por 6 divisões de infantaria, 1 brigada da *Rossiori*; o grupo do sul era formado por 5 divisões de infantaria e a 3.ª brigada de Calarassi (3 regimentos de cavallaria).

Para paiz pequeno já achamos bom e muito desejaríamos vêr que entre nós dentro em breve se fazia outro tanto.

Montenegro. — As forças militares. — A organização militar do Montenegro offerece muitos aspectos verdadeiramente interessantes. A sua organização militar é baseada no systema de milicias, isto é, um modelo, mais ou menos alterado, do systema suisso.

Todos os montenegrinos são adstrictos ao serviço militar desde os 18 aos 60 annos. O primeiro *bando* comprehende os homens desde os 18 aos 40 annos e o segundo os de 40 a 60 annos. O primeiro *bando* é composto de 40:000 homens e o segundo de 30:000.

Em tempo de paz não existem quadros especiaes para cada unidade, mas sómente um batalhão de instrucção para a infantaria e uma bateria d' instrucção para a artilheria. Além d'estas unidades de instrucção ha um estado maior de artilheria e 8 estados maiores de brigadas de infantaria.

Cada anno o batalhão de instrucção recebe dois grupos de 500 homens cada um, por uma duração de 3 a 4 mezes. Quanto á bateria de instrucção, que é de 2 peças de montanha, dá cada anno, durante um periodo de 6 mezes, a instrucção a 73 homens.

A escolta pessoal do príncipe do Montenegro é permanente e é formada, em tempo de paz, por 50 homens.

Em caso de guerra forma-se com os homens do 1.º *bando*, 1 brigada de infantaria da Guarda a 6 batalhões, e 8 brigadas de infantaria de linha com um numero de batalhões que varia de 4 a 9. Mobilisa-se ao todo 54 batalhões de infantaria d'um effectivo variável de 500 a 1:000 homens. Os effectivos das brigadas variam tambem de 2:500 a 6:000 homens cada.

Seis brigadas de infantaria recebem, cada uma, uma bateria de montanha a 4 peças. As outras peças disponiveis constituem a artilheria de reserva.

Dispõem de 30:000 carabinas de 7^{mm},6, modelo 91, provenientes da Russia, e cerca de 80:000 de modelos diversos.

A cada montenegrino adstricto ao serviço é-lhe, pelo estado, fornecida uma carabina com 150 cartuchos, que conserva em seu poder. As armas não distribuidas são armazenadas em 20 depositos. Este processo, que em tempos foi seguido na Suissa, dá maus resultados por ser quasi sempre uma fonte de crimes.

O Montenegro offerece a particularidade de não possuir cavallaria sendo elle o primeiro estado europeu que a supprimiu.



SECÇÃO OFFICIAL

Informações annuaes

Circular n.º 4132 da 1.ª repartição da secretaria da guerra, de 15 de dezembro de 1900.

Diz que estando proxima a epocha em que tem de ser prestadas as informações annuaes, chama a attenção dos chefes que tem de elaborar-as para a doutrina da circular n.º 5 de 30 de novembro findo, inserta na O. E. n.º 21 (1.ª serie) bem como para o que a tal respeito em diversos diplomas tem sido recommendado; e que sendo tão importantes documentos destinados a esclarecer o poder central, torna-se de absoluta necessidade que sejam redigidas com a mais escrupulosa imparcialidade e judicioso criterio, e frisando sempre, de um modo muito especial, as boas ou más qualidades de character e aptidão ou inaptidão para o commando; termina confiando em que os referidos chefes porão todo o zelo, consciencia e firmeza no cumprimento d'este dever.

Espolios não arrematados

Circular n.º 34 da 5.ª repartição da secretaria da guerra, de 17 de dezembro de 1900.

Diz que tendo algumas vezes succedido não apparecer entre as praças dos regimentos quem pretenda arrematar os artigos de espolio postos em leilão por effeitos do disposto no decreto de 14 de setembro do corrente anno e na circular de 27 de novembro ultimo, publicada na O. E. n.º 21 (1.ª serie), sejam, n'estes casos excepcionaes, os artigos entregues ás praças a quem estavam distribuidos, os quaes, por este facto, deixarão o serviço com a responsabilidade de mais avultados debitos.

Liquidação do tempo de serviço no acto da passagem á reserva

Circular da 2.ª repartição da secretaria da guerra, n.º 36, de 24 de dezembro de 1900.

Manda proceder á liquidação do tempo de serviço na occasião em que as praças passam á reserva.

Praças destacadas na Escola do Exercito

Nota n.º 30 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 3 de janeiro de 1901.

Manda observar com relação ás praças que destacam para a escola do exercito o seguinte:

1.º Os cabos corneteiros e soldados, com excepção dos destinados ao serviço privativo e rancho dos alumnos, serão destacados dos corpos por conta dos quaes perceberão os respectivos vencimentos.

2.º Com respeito aos soldados empregados no serviço privativo e rancho dos alumnos observar se-ha o seguinte: — (a) Serão nomeadas

as praças que voluntariamente se offereçam e não serão contadas no numero das praças com vencimento nos corpos a que pertencerem, sendo porém destacadas na escola. A estas praças não será anticipado o licenciamto para a reserva. (b) Todos os vencimentos e gratificações a que estas praças tiverem direito serão pagas pela dotação da escola e pela verba para limpeza, de que trata o art. 192.º das instrucções provisórias para o serviço interno da escola. — (c) Cada praça terá direito a todos os vencimentos como se fizesse parte da guarnição de Lisboa, e a uma gratificação mensal de 1\$500 réis. — (d) As praças impedidas no rancho dos alumnos, a que por qualquer motivo sejam fornecidas gratuitamente rações em genero, a gratificação será diminuida da importancia do desconto para rancho. — (e) A cada praça serão feitos os descontos regulamentares e mais 500 réis por mez para pagamento do fardamento de impedido que lhe é fornecido. (f) As praças que completarem dois annos de bom e effectivo serviço na escola será abonada uma gratificação diaria de 20 réis. — (g) O fardamento d'estas praças será o destinado aos impedidos dos officiaes, sendo o emblema do barrete o privativo da escola. — (h) Todos os artigos do uniforme que não devam ser usados por estas praças serão devidamente arrecadados na dita escola para quando as praças passarem á reserva se lhes dar o devido destino.

Uniformes de praças addidas

Circular n.º 2 da 1.ª divisão militar de 5 de janeiro de 1901.

Diz que algumas praças addidas, por não estarem sob a vigilância directa dos regimentos a que pertencem, se apresentam em pessimo estado de acio e ainda com uniformes não regulamentados, pelo que manda aos commandantes dos corpos que determinem para que, na occasião de pagamento de pret ás referidas praças, se lhes passe minuciosa revista, devendo ser punidas as que se não apresentarem convenientemente uniformisadas e em devido estado de acio.

Cumprimentos officiaes nas estações de caminho de ferro

Nota n.º 147 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 5 de janeiro de 1901.

Diz que para boa regularidade do serviço nas estações dos caminhos de ferro, sempre que haja cumprimentos officiaes nas mesmas estações, se faça previo aviso aos chefes das mesmas, afim de darem as instrucções necessarias ao pessoal sob as suas ordens e para que aos militares seja facultada a entrada nas referidas estações.

Modelos 9—9 A—10 e 10 A do regulamento das reservas

Circular n.º 31 da 3.ª repartição da secretaria da guerra, de 8 de janeiro de 1901.

Manda incluir sempre os officiaes na «Nota da forza effectiva existente» no verso dos modelos 9—9 A—10 e 10 A, de que trata o art. 21.º e seu § 1.º do regulamento para organização das reservas do exercito.



4.º Anno

Novembro de 1901

N.º 11

REVISTA DE INFANTERIA



MISSÃO DAS QUATRO ARMAS EM CAMPANHA

Objectivo das operações de um exercito em campanha. — Infanteria.
— Cavallaria. — Artilheria. — Engenharia. — Tactica geral.

II

A *cavallaria* é, na guerra, o facho luminoso que esclarece as trevas, que affronta e contém as primeiras re-fregas do inimigo. É a arma dos vastos commettimentos, das emprezas arrojadas e das situações extremas. Tem como características — a *velocidade* e o *choque*. Aquella permite-lhe surprehender o inimigo, aproveitar as occasiões

favoráveis e, em caso de insuccesso, escapar-se á presa do adversario; esta permite á cavallaria dispersar violentamente e aniquillar o inimigo.

Durante as marchas e no estacionamento, a cavallaria protege as outras armas, envolvendo-as n'uma rêde impenetravel que lhes mascára os movimentos, dando tempo a que todas tomem as respectivas disposições de combate. Sempre vigilante, de ouvido á escuta, a cavallaria é ao mesmo tempo a vista e o ouvido do exercito. Deve ver, ouvir e relatar tudo; prender os desertores e espiões, interrogar os habitantes, os prisioneiros e descobrir as intenções do inimigo.

Na frente do exercito, a cavallaria deve constantemente esquadriñar, pesquisar e explorar o terreno a grandes distancias. Colher informações exactas sobre as forças e disposições do adversario, conservando-se em contacto com elle. Surprehender, bater e apoderar-se dos exploradores inimigos e dos corpos irregulares. Fazer requisições, reconhecer os acantonamentos e proteger os comboios. Apparecer por marchas rapidas e audaciosas nos flancos e até na retaguarda do inimigo. Destruir as pontes, as linhas telegraphicas e os caminhos de ferro. Incendiar as forragens e os depositos; e promover, émfim, nas tropas contrarias, a desordem e o panico.

No campo de batalha tem esta arma como missão principal observar e suster as alas do adversario, procurando aproveitar e tirár partido dos seus erros. Sempre em guarda, rodeada de exploradores, manobra em columna e desenvolve-se desde que está prestes a abordar o inimigo. Segue particularmente os movimentos da cavallaria adversa, alvo principal da sua vigilancia. Não deve deixar escapar as occasiões de carregar vigorosamente sobre as massas já abaladas e desorganizadas pelas vicissitudes do combate. Se essas occasiões se não apresentam, deve a cavallaria conservar-se em communicação constante com o commando, de modo a poder occupar os pontos desguarnecidos do theatro da lucta, onde a sua presença será sempre, para o adversario, objecto de inquietação e uma ameaça constante.

Quanto ás reservas, devem poupar-se o mais possivel para o final da acção; pertence-lhes o papel de perseguir e destruir, com o concurso das baterias a cavallo, as massas desorganizadas do inimigo vencido e colher os fructos da victoria.

Tambem o commandante de cavallaria deve seguir attentamente as phases do combate, e ter á mão esquadrões promptos a carregar.

Tal foi em todos os tempos, nos exercitos bem organisados, a triplice e brilhante missão da cavallaria. Assim o comprehenderam os grandes homens de guerra, que realisaram prodigios de iniciativa, de valor e de audacia.

Apesar, porém, de seus ensinamentos tão completos, tão conformes com a razão e com a sciencia da guerra, o desprezo pelos estudos serios, a ignorancia e a fraqueza de comprehensão originaram uma escola de tacticos de gabinete que produziu os mais grosseiros sophismas a respeito da arma de cavallaria. Esses tacticos quizeram provar que esta arma era na guerra moderna um obstaculo e uma inutilidade; riscaram-a mesmo do numero das armas combatentes e reduziram-a ao minimo de quantidade para a confinar nos serviços secundarios da marcha, dos conhecimentos e da perseguição do inimigo já derrotado. A propria cavallaria estava inclinada a acreditar nas terriveis predicções que n'um longo periodo lhe vinha fazendo a theoria.

Chegou, certamente, o momento de predizer á cavallaria uma nova e gloriosa existencia, mesmo no terreno ensanguentado da batalha, se conseguir, e isso será porventura possivel, satisfazer ás condições que lhe impõe o *novo estado de coisas*. Queremos referir-nos principalmente ás difficuldades que a adopção da polvora *sem fumo* trouxe para o serviço de exploração da cavallaria e para a sua *função* como arma do campo de batalha.

E assim se explica como o exercito francez, em 1870, ao romperem-se as hostilidades, tinha uma cavallaria insufficiente, mal organisada, absolutamente ignorante do serviço de segurança e exploração. Chamada a fazer frente á cavallaria do exercito allemão, que desde longe cuidava e empregava serios esforços para augmentar o poder d'esta arma, cuja importancia devidamente apreciava, teve as consequencias desastrosas que todos sabemos.

Ao presente, a primeira condição exigida a esta arma, no ponto de vista propriamente tactico, é a *mobilidade*. Quer dizer, resistencia da cavallaria á fadiga dos andamentos rapidos e prolongados; e flexibilidade e elasticidade evolucionarias para se accomodar a todos os terrenos sem se desordenar e passar de umas a outras formações

quasi instantaneamente, sem perturbações, sem hesitações e sem movimentos preparatorios.

Concluindo, diremos o que já em outro trabalho ⁽¹⁾ tivemos occasião de referir — o serviço da cavallaria tornou-se hoje mais difficil, variado e delicado do que outr'ora, pertencendo ao exercito que a tiver melhor, a solução favoravel das serias difficuldades que esta arma encontrará no campo de batalha em face das propriedades do novo armamento.

(Continúa).

JOSÉ V. DE SOUSA ALBUQUERQUE
Capitão de infantaria



O TIRO NA ALLEMANHA

Ideia d'um exercicio de tiro realisado em Spandau

O campo de tiro, junto á Escola, não é muito grande, nem as condições de segurança são absolutas. Por este motivo, só ali se pratica o tiro elementar, porém, com todo o desenvolvimento.

O tiro de combate tem logar em Tegel e no polygono de artilheria; este ultimo a 7 horas de marcha, e onde os alvos são tantos que se emprega uma machina a vapor para lhes communicar movimento.

Em Tegel o meio de tracção para os alvos é animal, racional ou irracional, ou os dois conjunctamente, conforme as necessidades. A pequena largura do terreno, não supportando mais que uma companhia

(1) *A polvora sem fumo e a tactica.* Traducção.

atirando n'uma só direcção, dispensa a machina e utiliza cavallos de aluguel a 50 marcos por dia.

No exercicio de que adiante se dá nota, empregaram-se 6 cavallos e 60 praças do pessoal do campo de Tegel, que se eleva a 120 homens, destacados das guarnições de Berlim, de Potsdam e de Spandau.

No grande largo, que hoje se não utiliza para o tiro por motivos de segurança, trabalhavam differentes escolas, adestrando-se no manejo de fogo, nas posições de atirador, na ordem dispersa, na guarnição de trincheiras, etc., tendo sempre em vista o emprego da arma *para o tiro* e não para o *manejo d'arma*.

O instructor explica tudo e serve-se de todos os meios para despertar no soldado o interesse pelo tiro, quer falando-lhe á intelligencia, quer apresentando-lhe na frente, para melhor comprehensão, alvos que a distancia figuram exactamente os alvos animados da guerra, e aos quaes póde atirar.

Para isto a Escola organisou uma carreira, ou pequeno campo para o tiro individual, que é exactamente como um theatro onde se representa uma boa magia.

O fundo é o da verdura dos bosques e da relva, e o scenario, convenientemente disposto, move-se á vontade do instructor. Aqui levanta-se um infante a peito descoberto; mais além apparece um outro de joelhos; do lado espreita mais outro, só com a cabeça de fóra como receiando o fogo; do lado opposto, arrasta-se ainda outro de gatinhas ao longo de um muro de fraca altura; acolá surge um velocipedista pedalando; após marcha um pequeno grupo de soldados; mais adiante passa rapido um cavalleiro; d'uma janella espreita um pobre diabo que, sem o esperar, apanha com uma bala, como apanham todas as outras figuras que apparecem.

Além d'isso, na carreira estão tambem figuradas, apparentando verdade, casas, torres, pontes, troncos d'arvore, etc., e tudo para quê? Para divertir o soldado, instruindo-o na guerra, e o certo é que o soldado é louco por estes exercicios.

As carreiras para o tiro de instrucção primam pela simplicidade, mas que não são superiores ás nossas.

O exercicio de tiro de combate teve logar em Tegel, manobrando uma companhia em pé de guerra sob a direcção immediata d'um major.

Depois das explicações, ordens e evoluções necessarias, a companhia estende em atiradores contra uma outra figurada por alvos de cabeça, escalonada por pelotões distanciados de 50^m em profundidade e á distancia média de 650^m.

A companhia, não conhecendo a distancia, começou por regular a alça, assentando cada official na que lhe pareceu mais conveniente e empregando outros duas alças conjugadas e differindo de 50^m. Um só official, o commandante da companhia, teimou em tomar a alça de 600^m, que era a verdadeira para a sua frente de combate, e isto valeu-lhe, na critica, um rasgado applauso do commandante da Escola, contra a opinião do major.

Analysada e criticada esta phase, mette-se em scena uma outra com alvos de tronco, que apparecem e desaparecem segundo as conveniencias do exercicio. Nova critica depois do fogo, como sempre se faz.

Em seguida é descortinada a artilheria postada em bateria a 1:200^m e immediatamente rompe o fogo a fuzilaria, fazendo calar a artilheria em poucos minutos pelas baixas no pessoal.

Como peça final, surge uma carga de cavallaria, avançando como um tufão, mas que a fuzilaria contem e esfacela a 500^m.

Pobre cavallaria, cujos cavallos e cavalleiros pareciam um crivo de buracos rasgados pelos ricochetes

N'esta ultima phase a infantaria não armou bayoneta. e, pedindo-se explicações ao commandante, respondeu:— Para quê? A bala é melhor.



A INSTRUÇÃO ESPECIAL DOS EXPLORADORES

(Continuado do n.º 9 — 4.º anno)

§ 4.º

Indicação da importancia dos differentes pontos de passagem, e determinação dos locais proprios para abrigos

1. Generalidades. — Os exploradores não se limitam, nas informações dadas ao seu chefe immediato, e por este transmittidas ao commandante da força que cobrem, a indicar qual a posição occupada pelo inimigo, sua força, disposição etc, como por exemplo: vejo na direcção do angulo... do pinhal que fica a... forças de infantaria (deverão ser duas companhias) desenvolvidas para combate, têm na frente, occupando as avançadas, grupos de exploradores; vejo uma fracção de cavallaria (deverá ser uma patrulha de reconhecimento) junto do Casal de... Tem tambem que informar o referido chefe sobre a importancia dos pontos encontrados no terreno a percorrer e dos abrigos que devem ser aproveitados durante a marcha; devem determinar os pontos obrigatorios de passagem, sempre que se encontrem, na zona a atravessar, quaesquer obstaculos que demorem ou difficultem a marcha da com-

panhia ou batalhão. Circumstancias haverá até em que, sendo preciso cortar muros, vedações de qualquer natureza, entulhar fossos etc, se torne necessario o auxilio dos sapadores da companhia para tal fim, e isto porque não podem os exploradores levar consigo o material necessario para procederem a esses trabalhos. Tendo conhecimento da existencia de taes obstaculos, o commandante das tropas á retaguarda, toma logo as medidas necessarias para se effectuarem o mais rapidamente possivel os trabalhos indispensaveis, para o que um dos exploradores permanecerá no local aonde se devem executar, indo depois unir-se aos seus companheiros.

2. Prática. — O instructor, depois de orientar os exploradores sobre os principios expostos, fal-os marchar n'uma determinada direcção, e acompanha-os ; ordenando-lhes que lhe transmitam todas as indicações que julguem conveniente, no sentido indicado.

Referirão por exemplo : « Encontra-se na direcção... uma ribeira, é vadiavel nos pontos... ; tem uma ponte d'alvenaria, ou de madeira, por onde passa o caminho que segue para ; ha umas alpondras a montante da ponte, a uns... metros, as margens são escarpadas, pantanosas etc. « Encontra-se na direcção... um pinhal, muito denso, rodeado de fôssos etc.» A companhia ou batalhão deverá seguir o caminho... até ao ponto... e depois tomar pelo dorso... do monte... furtando-se assim ás vistas e fogos do inimigo. « Para a companhia se não afastar muito da linha seguida pelos exploradores necessita transpôr um muro que tem 2^m,5 de altura, devem fazer-se cortaduras no referido muro. ¹

« Encontra-se no ponto... um fosso que tem 1^m,5 de altura. ² « Tendo a companhia ou batalhão que passar forçosamente pelo ponto... deverá fazel-o com a maior ra-

¹ Se o obstaculo não é muito difficil de cortar, tres aberturas de 2^m,5 de largura, uma por poletão, bastam para permittir a passagem d'uma companhia, por pelotões de costado.

Em caso de urgencia, ou de grande difficuldade em praticar as aberturas, é sufficiente uma para a passagem da companhia.

² N'un fosso sem agua cava-se, de cada lado, uma rampa de 3^m de largura, deitando a terra para o fundo do fosso até o nivelar com a rampa. Se o fosso tiver agua, fazem-se do mesmo modo as rampas, deitando a terra para o fosso até dar vau. Havendo pedras nas proximidades, convem deital-as para o fundo do fosso antes da terra.

Os exploradores principalmente, que, pela sua missão especial, têm muitas vezes que combater isolados, carecendo, por isso, de fazer uso de alças variadas, sem a menor indicação dos officiaes ou officiaes inferiores, com mais forte razão devem ser perfeitamente instruidos n'esta especialidade.

A avaliação de distancias não pode, comtudo, fazer-se com uma absoluta exactidão. Na pratica dá geralmente lugar a erros, que deverão tornar-se tão pequenos quanto possível, segundo as circumstancias, o fim a attingir e os meios de que se dispõe. ¹

O maximo erro toleravel é d'um quinto da distancia, quando esta fôr pequena. Para que, porém, o fogo seja efficaz, não deve no tiro individual o erro exceder, para mais ou para menos, a grandesa da zona perigosa, para a frente e retaguarda, correspondente á altura do alvo considerado.

No fogo por descargas não deve ir alem de 50 a 100 metros.

*
* * *

Por differentes maneiras se pode proceder á avaliação das distancias em campanha, mas as mais uzadas são as seguintes :

- 1.º Ao passo ;
- 2.º A' simples vista ;
- 3.º Por meio do sôm ;
- 4.º Empregando instrumentos apropriados ;
- 5.º Pelo tempo gasto em as percorrer ;
- 6.º Pelas indicações encontradas no terreno ;
- 7.º Por descargas de ensaio.

¹ O regulamento italiano determina que depois de terminada a instrução annual da avaliação de distancias, sejam escolhidos os 12 cabos e soldados, por companhia, que mais notaveis se tornem na execução d'estes exercicios.

O commandante de batalhão reúne todos os indicados nas companhias do seu batalhão e submete-os a um exame, que consiste na avaliação de dez distancias á vista e cinco por meio do som.

O exame é feito na presença de todos os officiaes do batalhão. Os 4 cabos e soldados que, em cada companhia, avaliarem as distancias com maior exactidão são declarados avaliadores de *élite*, fazendo-se menção d'este facto na sua caderneta de tiro.

De todos estes processos o mais geralmente empregado é o que ensina a avaliar as distancias á simples vista, ¹ e, por isso, convem que os exploradores tenham conhecimento perfeito d'uma ou mais distancias, que sirvam de termo de comparação na apreciação das demais. Este conhecimento adquire-se medindo distancias a passo. ²

(Continúa).

J. GIL

Capitão d'infanteria

A paz europêa

Quem conceber o levantado e nobre ideal do progresso da humanidade e da civilisação, não deixará de registrar nos fastos da historia universal dos principios do seculo corrente, a visita das magestades imperiaes russas á França.

A chegada da esquadrilla russa ao porto de Dunkerque é um novo sol que irradia fulgurante e resplandecente, como que enviado pela alma do grande Romanoff, o incansavel trabalhador, imperador artista, creador da Russia moderna; aquelle que das suas hordas apenas mal civilisadas, fez um povo poderoso, e das suas steppes um grande imperio e que nos faz talvez pelo seu descendente humanitario annunciar uma prolongada era de paz; accentuando e fortalecendo cada vez mais a aliança entre o centro intellectual do mundo e o imperio colossal do grande fundador de São Petersburgo, Pedro I.

Por annunciado muito conhecido no campo da estatica, pelo *principio de menor acção*, considerando as nações tão intimamente ligadas pelos seus interesses, como um systema material pela sua cohesão, quando fôr alterada uma das condições d'equilibrio d'esse systema, todas as outras hão de ser influenciadas.

Portugal, apesar da sua pequenez territorial, o seu papel no equilibrio das nações é valioso n'uma futura guerra; attendendo ao papel altamente predominante das esquadras, a sua situação geographica faz com que se lance para este canto do occidente, ultimo pedaço de terra

¹ «Na maior parte dos regulamentos de tiro actualmente em uso vemos figurar disposições mais ou menos detalhadas sobre a maneira porque se deve proceder para ensinar aos soldados a apreciar as distancias a que se encontra o alvo sobre que se deve atirar. E ha muita razão para assim se proceder. Nos ultimos 60 annos tem-se procurado á custa de grandes esforços, construir um telemetro de guerra que fosse realmente pratico, mas ainda se não conseguiu. O unico meio de que ainda actualmente se dispõe, em presença do inimigo, é avaliar as distancias á vista afim de poder conhecer qual a linha de mira que se deve empregar. . . » *Le tir de l'infanterie*. (Traduzido do allemão).

² Regulamento de tiro para as armas portateis — 4ª parte — n.º 211.

de que o sol se despede morto de saudades, como disse um poeta, olhares cubiçosos.

A alliança russa é uma alta conveniencia que é necessario tratar e considerar sob o ponto de vista universal, pois que ella influe nos destinos do mundo, pondo de parte a terrivel hypothese d'uma guerra entre as nações em armas, alimentando mais uma vez em algumas almas ingenuas a fagueira esperanza de uma mediação e arbitragem nos conflictos suscitados entre as nações, que as possam levar a uma das mais terriveis formas das manifestações da actividade humana — a guerra com as suas negras côres.

Não comprehendeu o czar que, como disse Decken, os destinos das nações assemelham-se aos dos homens; nascem, desenvolvem-se, declinam e morrem!

Não considera a guerra inevitavel, luctando pela manutenção da paz.

Quem sabe se assim acontecerá quando concluidas as suas redes estrategicas.

Diz von der Goltz «que todos os projectos de desarmamento teem por origem o desconhecimento da lei que presidiu ao agrupamento ethnologico dos povos e que regem por consequencia a sua vida politica. Pela communitade de interesses que os une, hoje os povos estão como os individuos sujeitos a conflictos independentes mesmo das suas disposições pacificas.

«O egoismo nacional é inseparavel da ideia que geralmente se faz da grandeza nacional.

«Este egoismo recorrerá sempre ás armas, á falta d'outro meio, como imaginar um tribunal d'arbitros capaz de impôr a paz? O imperio universal só poderia resolver a questão. Ora estas qualidades d'imperio fundam-se pelas armas e são inseparaveis das guerras.»

A Russia, segundo dizem os francezes, comprehendeu que tinha procedido mal, consentindo que a Allemanha anniquilasse a França em 1870. Quando Bismarck, em 1875, quiz fazer passar os francezes novamente pelo cylindro da conquista, o czar Alexandre interveio, oppondo o seu voto a este capricho insaciavel, prevendo que a Allemanha tentas e com a sua hegemonia querer fundar algum imperio do occidente, como quiz fazer Napoleão I, que tão funestas consequencias acarretou para a Europa, sendo lavado com tanto sangue esse seu ideal irrealisavel, desempenhando o nosso pequeno paiz n'essa occasião uma componente importante das forças que lhe prepararam a sua grandiosa queda.

Já Pedro I, o grande Romanoff, quando entrou em Dunkerque em 1717, concebeu a valiosa alliança Franco-Russa.

Foi n'esta occasião que o imperador, segundo se conta, na sua visita á Sorbonne, deante do tumulo do cardeal Richelieu, exprimiu a sua admiração por estas eloquentes palavras:

«Grande homem, porque não terias tu nascido no meu tempo?»
Ter-te-hia dado metade dos meus estados para aprender a governar contigo a outra metade!!»

Passadas mais tarde as tempestades das campanhas napoleonicas, a sympathia pela França ficou sendo tradicional na familia imperial russa e a França acclamou agora pela segunda vez o imperador moscovita, Nicolau II, que realisou o grande pensamento do seu antepassado e é credor da sympathia dos povos civilisados.

JOÃO A. CORRÊA DOS SANTOS
Tenente d'infanteria

AS COMPANHIAS DE GUERRA DE MOÇAMBIQUE

I—INSRTUCÇÃO

A minha passagem pela 7.^a companhia de guerra da provincia de Moçambique deixou-me pouco lisongeiramente impressionado ácerca do serviço de instrucção dos indigenas e dos respectivos quadros, que aliás deve merecer todo o cuidado dos poderes publicos, por se tratar de tropas que são, ou pelo menos devem ser, solido esteio da nossa soberania colonial e a ellas se deve, portanto, dedicar toda a sollicitude.

Reflectia-se ali uma imagem triste e carregada dos processos educativos da metropole: as questões d'administração, uma infinidade de autos de corpo de delicto a levantar, um quadro immenso de serviços de expediente a regularisar, absorviam quasi exclusivamente a attenção e a actividade do pessoal graduado da companhia, que, aliás, trabalhador e dedicado, mas reduzidissimo, mal se podia occupar da educação militar e moral dos soldados indigenas.

Na acanhadissima e improficua instrucção ministrada ás praças, sentia-se bem a falta de methodo, d'um plano geral, previamente traçado, que regularisasse o ensino, de um programma, emfim, que rigorosa e dedicadamente cumprido, tendesse a fazer do vagabundo indomavel do sertão ou do vadio dos grandes centros civilisados, enkilo-sado de vicios, um soldado prestante, instruido, um penhor da segurança e do progresso do nosso imperio colonial.

Os soldados pouco antes dados promptos da recruta, em que, aliás, tinham sido instruidos com boa vontade, não conheciam uma palavra de portuguez e nem mesmo se pensava em ensinar-lh'a, pois havia questões mais imperiosas e innadiaveis a que dedicar a attenção.

Não faltava a boa vontade nos quadros, nem se podia imputar a responsabilidade d'este estado de coisas ao pessoal da companhia, a quem superiormente se não tinha traçado um programma de ensino e que, de resto, reduzidissimo como era, mal podia ausentar-se da secretaria, as-soberbado por mil insignificantes questões de administração, desempenhando os officiaes todo o serviço de escri-

pturação que pertence aos sargentos, por haver absoluta carencia d'elles.

Tal ou ainda peor era o estado d'outras companhias de guerra, em que o archivo chegava a ser cahotico, faltando documentos importantes, estando atrazada a escripturação d'alguns registos em mezes e até em annos, levantando-se os autos de corpo de delicto com mezes e mezes de atrazo. N'aquella companhia tinhamos cinco subalternos trabalhando afanosamente em reconstituir as folhas de assentamentos, os cadernos d'alterações e até, por falta de sargentos, tinhamos os trez mais modernos, servindo de escriptivães em cincoenta e tantos autos de dezerções completadas ha 4, 5, 6 e mais mezes! E para mais nada chegava o tempo.

Pouco a pouco foram os subalternos collocados n'outros serviços e lá ficou só o commandante da companhia a contas com a afanosa escripturação, mas já então sem soldados a que pudesse dar uma instrucção efficaz, porque quasi todos elles tinham sido arrebanhados para Lourenço Marques, onde estavam concentradas todas as forças disponíveis da provincia, para repellir qualquer invasão violenta dos boers, os quaes, como se sabe, não passavam a fronteira e não se approximavam de Lourenço Marques, simplesmente porque não lhes convinha.

Tal era, pois, a situação das companhias de guerra.

Alguma haveria que fizesse excepção, mas pelo que vi e ouvi dizer, era este pouco mais ou menos o estado em que se encontravam.

Eram aquillo soldados? Não: era rudimentar a sua instrucção militar; apresentavam armas com certo garbo (que o possuem geralmente em maior grau os negros da costa oriental do que o nosso camponez), mas não sabiam dar um tiro.

Eram entidades catechisadas perante o altar da civilização? Tambem não: faltava-lhes a disciplina moral, o desbravamento do espirito, a educação do character.

Eram ao menos um auxiliar prestante na nossa obra de assimilação pela linguagem, pelos costumes, pela religião?...

Tambem não: ás expressões do seu *bantú* agglutivo, a que ninguem addicionara uma palavra nossa, não sabiam accrescentar ao menos — sou soldado portuguez. . .

Que confiança, pois, podiam merecer aos chefes n'uma

lucta, aliás sempre em perspectiva, um soldado assim, uma creatura que nem ao menos n'um bivaque nocturno podia denunciar a presença d'uma columna adversaria, bradando — áler! Vi o inimigo alem!?

Foi dominado por estas reflexões ácerca da deficiencia da instrucção do nosso soldado negro, que me abalancei a esboçar o seguinte programma geral de instrucção, pensando que, embora elle, por defeituoso, não fosse aproveitavel, teria ao menos o merito de alarmar alguém que muito queira e possa, chamando-lhe a attenção para um estado de coisas que precisa impreterivelmente terminar.

Mas antes de entrar no assumpto que me proponho estudar, estabelecerei como condição, *sine qua non*, que a companhia de guerra deve sempre dispor pelo menos de metade do seu effectivo do quadro orçamental.

Nada de commissões nem de serviços estranhos á companhia, que vão reduzir ainda aquelle limite.

O pessoal deve ser expressamente requisitado ao ministerio da guerra para serviço nas companhias e, pelo menos, durante o 1.^o anno não deve ser distrahido d'ali; aliás continuar-se-ha vendo todos os graduados europeus eximir-se ao serviço das companhias de guerra, para que muitas vezes tenham sido expressamente convidados, collocando-se ali em seu logar outros que tinham vindo para o ultramar com muito differente destino, bem claramente expresso nas suas guias de marcha e nas publicações officiaes.

Assim nos succedeu, bem como a quatro camaradas nossos que indo *em commissão* para lá, fomos collocados na 7.^a companhia de guerra, apezar das vagas que se iam dando nos outros serviços, por exemplo: n'um commando militar onde foi collocado um official da armada.

A proposito vem dizer que houve um tempo em que um official do reino era delegado maritimo no Bazaruto e dois officiaes da armada eram commandantes militares a dois e tres dias de Inhambane, e isto depois de um capitão do reino ser collocado na direcção da remonta, coisa phantastica que apenas constou do orçamento, por não haver outra commissão para lhe dar.

Ora isto provoca o descontentamento n'aquelles que se offerecem para o Ultramar, pois que infelizmente estes factos são devidos as mais das vezes não ás necessidades do serviço (e então seria isso perfeitamente admissivel), mas tão sómente a uma collisão de interesses meramente particulares, em que o favoritismo domina.

Além d'este inconveniente que fará retrahir os bons officiaes e sargentos nos seus offerecimentos para o ultramar, anarchisa-se assim o serviço e a instrucção pela falta de estabilidade dos quadros nas companhias, pois que ella produz a heterogeneidade nos processos de ensino, na pratica de pequenas questões de detalhe, nos processos de educação do soldado negro, não creando a confiança mutua entre os quadros e os soldados tão necessaria em tropas que a cada momento estão prestes a entrar em acção, porque soldados e chefes mal chegam a conhecer-se pelo limitado tempo que concorrem em serviço.

Um assumpto tambem importante a discutir é o processo de ensino de portuguez ao soldado indigena. Poder-se-ia entregar esse ramo de instrucção ao professor da localidade, quando o houvesse; soffreria todavia o progresso da instrucção, porque pouco efficaz seria qualquer vigilancia exercida sobre o modo como fosse ministrada essa instrucção, deixando de lhes ser ensinados muitos termos technicos militares, que só os profissionaes conhecem.

Por estas rasões reputamos preferivel o ensino de portuguez no quartel, ministrado por um sargento sob a vigilancia do commandante da companhia.

Eis, pois, o que nos parece preferivel como programma d'instrucção das companhias de guerra.

(Continúa)

ALFREDO DE LEÃO PIMENTEL

Alferes d'infanteria

As nossas manobras

Estamos de ha muito já acostumados a ver a politica envolver-se nas cousas mais sérias e de maior importancia para o paiz, atacando ou defendendo segundo as conveniencias partidarias e nunca á face dos interesses da nação; mas nunca demos fé d'uma politica tão extremamente apaixonada, tão parcial, como aquella a que teem obedecido os detractores que, a proposito das nossas ultimas manobras, teem atacado o actual ministro da guerra.

Pensando bem achamos natural que assim nos succeda. Filho d'um politico ferrenho que da politica só obteve desgostos e mais desgostos, desde creança que ouvimos amaldiçoar a politica, e por isso fugimos sempre d'ella, alheando-nos completamente de todos os ramos de tal arte. Assim, desconhecendo essa politica, e mais ainda os meios de que usa, nunca a interpetramos bem quando esbarravamos com ella tocando em materia que nos era pouco ou nada conhecida; mas agora que se trata de cousas a que nos dedicamos, vae para vinte e tres annos, e que temos restricta obrigação de conhecer, salta-nos á vista a pouca ou nenhuma consciencia d'essa politica, os meios tão condemnavéis de que ella se serve, lançando mão até da mentira, tudo em obediencia sómente aos interesses partidarios, não hesitando em sacrificar a esses interesses tão mesquinhos os que tão directamente dizem respeito e tanto importam á vitalidade da nação!

Simplemente repugnante!

Vimos profanos, arrogando-se conhecimentos de que aliás se mostram bem ignaros, a arvorarem-se em juizes e julgarem de factos que tão alheios lhes são, de factos tão transcendentés que aos profiss'onaes mais illustrados, mais auctorizados, dão margem a vastas duvidas e origem a problemas de que se ignora, e ignorará ainda por muito tempo, talvez, a verdadeira solução!

E isto por politica!

*

* *

Firmamos este artigo com as nossas iniciaes, como sempre temos feito n'esses outros que ha longos annos escrevemos. Nada nos prende ao actual titular da pasta da guerra, nenhum favor especial lhe devemos, nem esperamos dever-lhe, sómente nos é credor, S. Ex.^a, do respeito que é devido á sua posição hierarchica e da consideração que se tributa aos homens de verdadeiro merecimento, que tanto estão rareando. Por consequencia, as nossas palavras estão livres de toda a suspeita. Só as inspira o muito desgosto que nos causa vêr sempre, n'este mal fadado paiz, a malidicencia acintosa, especuladora, malsinar quem trabalha de boa consciencia; a inveja calculista, filha d'uma ambição illegitima, desvirtuar intenções puras, sãs, que muito de bom podem e devem produzir; e por fim essa politica reles, que em si tanto de mau consubstancia, vir ainda com umas fauces escancaradas de hyena a querer babujar o fructo colhido d'uma idéa cuja realisação podia ser mais ou menos feliz, mas que necessariamente havia de fructificar, e de fructificar de maneira a poder-se bem avaliar o que bem se torna indispensavel saber!

O Ministro da Guerra, determinando as manobras que se realisaram em setembro ultimo, fez o que devia a bem do exercito.

O Ministro da Guerra, lançando mão dos elementos de que dispõe no seu ministerio, onde estão reunidas todas as informações que dizem respeito aos multiplos serviços, viu que podia ser mobilizada aqui, em Lisboa, uma brigada mixta. Fazendo boas essas informações, determinou a mobilisação, fixando como lhe cumpre a composição das unidades. Dada essa ordem, cabe a sua execução a determinadas entidades, sob a inteira responsabilidade d'estas. Desde então o Ministro da Guerra só tem que attender ás requisições que lhe sejam dirigidas, nada mais, nada menos.

Todo o resto é da exclusiva competencia das entidades que teem a seu cargo os differentes serviços. Para assumir a inteira responsabi-

dade lá está o director dos exercicios, a quem n'este caso cabe a responsabilidade d'um commandante em chefe, auctoridade directora suprema do exercito em operações.

E a mobilisação fez-se sem lhe faltar cousa alguma regulamentar.

E que faltasse, não era isso da responsabilidade do Ministro da Guerra, porque não é a esta entidade que cumpre ir ver se os tacões dos soldados estão direitos, ou se os arreios dos animaes de tiro estão sãos, ou não estejam carunchosas as lanças das viaturas. Nem tão pouco verificar a exacção do numero de viaturas, utensilios, etc.

O serviço foi estorvado porque os caminhos estavam maus e a chuva veio pôl'os peores, tornando impossivel o aprovisionamento de vive-res ás differentes unidades com os carros regimentaes.

O que tem o Ministro da Guerra com isso? Porventura era a elle que cumpria ir alugar cavalgaduras para em ceirões irem de cada unidade ao local do aprovisionamento buscar os generos?

As manobras resentiram-se do mau estado geral das forças e nem se quer pôde haver a revista, que fazia parte do programma.

Que tem isso de novidade? Sempre assim foi, sempre assim succedeu, o mau tempo quebrantar as forças dos soldados, e tanto ás tropas amigas como ás do inimigo. Eguaes causas produzem eguaes effeitos. A's hostes mais aguerridas tem isso acontecido. Essas terras d'entre Castello Branco e Abrantes, e mesmo os Campos da Gollegã, achariam bellos e magnificos os nossos soldados, taes como os vimos cheios de lama até aos cabellos, á vista dos que Junot por alli arrastou em 1807.

O Ministro da Guerra, podia ter adiado os exercicios finaes, á espera que as chuvas passassem. Se elle assim tivesse feito, que de lamurias não iriam então por ahi, por esses contos de reis, excesso de despeza que a demora causaria.

E adiar porque?

A chuva era porventura de natureza a impossibilitar as manobras? Não foi; se o fosse com certeza que o nobre Ministro as teria feito ces-sar immediatamente. Cairam uns fortes aguaceiros que as vieram difficul-tar; mas impossibilitar não, e a prova é que se fizeram em cada dia melhor e mais bem feitas.

Houveram alguns desastres.

Satanica é a idéa de querer lançar a responsabilidade d'esses desastres para cima dos hombros do Ministro. Esses desastres são acci-dentes de natureza inteiramente fortuita; e se ainda assim d'elles pode caber responsabilidade a alguem, indubitavelmente não é ao Ministro da Guerra, que por forma alguma intervem na execução dos serviços, nem tem que intervir. S. Ex.^a determinou as manobras: a sua execu-ção compete a outros. E é esta execução exactamente o que o Ministro de certo quiz avaliar de *visu*, para bem estar ao facto do que, como Mi-nistro da Guerra, lhe cumpre saber. Ora se elle quer avaliar d'essa execução, não vae *ipso facto*, fazer entrar a sua acção nos detalhes d'ella. A não ser assim, iria avaliar da sua propria competencia, quan-do o fim é avaliar da competencia dos outros. Avaliar da competencia dos outros e facultar-lhe simultaneamente o estudo pratico de que sa-reem, como complemento da sua instrucção theorica.

*

* *

As grandes manobras trazem por consequencia uma instrucção com-pleta das cousas de guerra. Não alvejam só a pratica em maior escala do combate, exclusivamente, visam toda a arte militar, que é a appli-

cação da sciencia da guerra. Esta sciencia, que vemos amadores d'agua doce pretenderem conhecer pela leitura que fazem, em doces devaneio, d'um ou outro livro militar, comprehende como é sabido, como partes principaes, além da historia militar, a estrategia e a tactica. As manobras a que nos vimos referindo tiveram por fructo, pelo que diz respeito á tactica, o estudo :

Da *tactica de mobilisação* — fazendo passar do pé de paz para o de guerra uma brigada mixta, e central-a no theatro da guerra ;

Da *tactica de marcha* — com a translação das forças e seu serviço de segurança ;

Da *tactica de estacionamento* — com o repouso que se houve de dar ás tropas e estabelecimento dos postos avançados ;

Da *tactica de abastecimentos* — com a alimentação e municciamento das tropas ;

Da *tactica de combate* — com a solução e desenvolvimento no terreno de problemas de ataque e defesa de posições variadas e execução de operações secundarias ;

Da *tactica de informações* — com a execução de reconhecimentos e serviço d'exploração.

De tudo isto, que é tanto, só se pôde conhecer verdadeiramente no campo da pratica. E por muito forte que se esteja em theoria é absolutamente indispensavel a pratica, unica prova accetavel para os que teem que conhecer da realidade das cousas, como o Ministro da Guerra, e o unico meio de aprendizagem efficaz para os que teem de executar toda essa variedade de serviços. E se tanto falta a pratica que admirar ha que faltas se commettam na sua execução? E se essas faltas teem a sua origem, como teem, na falta de pratica, porque se condemna essa pratica, que tão precisa é, como o provam tão exuberantemente as grandes manobras que todos os annos executam as nações que verdadeiramente cuidam das cousas militares?

Em cousas que raras vezes se praticam nada é para estranhar que se commettam erros e appareçam deficiencias ; mas exactamente por isso mesmo, é de toda a conveniencia que a pratica se faça e se amuide ; e d'esta forma não se deve nem se pode censurar o Ministro da Guerra que, conhecendo a enorme responsabilidade que lhe pesa sobre os hombros, relativamente ao estado geral do exercito, faz pela sua parte o que pode para conhecer d'esse estado e melhora-o em tudo o que poder.

Dois productos importantes se colhem das manobras : o desenvolvimento da instrucção pelo estudo a que se obriga e sua applicação ; o conhecimento pleno do estado geral do exercito. E ha politicos que, unicamente pela politica, veem crassamente discutir as manobras, condemnando-as, e indo até ao ponto de lançar para cima do Ministro a responsabilidade inteira de tudo quanto de mau lá se passou, até da queda do tacão d'um dos butes d'um soldado!!

Querem saber senhores politicos, até onde vae a responsabilidade do Ministro do que se passa n'um exercito em operações? Leiam, se fazem favor, o art.º 15.º do Regulamento de Campanha, não esquecendo que as manobras devem ser o espelho do que se passa em campanha.

Lá verão, se quizerem ter esse incommodo, que é ao commandante em chefe que compete a *suprema direcção das operações sob sua inteira e exclusiva responsabilidade.*

O Ministro da Guerra determina a composição do exercito em campanha (art.º 2.º, cit, regulamento). Nomeado o commandante, este assume logo o commando e fica com toda a responsabilidade, requisitan-

do ao Ministro todas as providencias que julgar uteis ou necessarias. E' esta a doutrina do regulamento que referimos.

O Ministro deixou de satisfazer alguma requisição? Não.

Que responsabilidades veem então a querer imputar-lhe? Vejam, senhores, que com os disparates da sua arguição ousada, mereciam o escarneo que desperta sempre a pretensão pedante, se o assumpto não fosse pela sua natureza tão sério e tão ligado aos sacrosantos interesses da Patria, em que nós, militares, não podemos deixar de ter fixos os olhos, porque mais d'uma vez por ella soffremos dôres, que a politica dos senhores nem se quer deixa perceber.

* * *

Se durante as manobras não houve casos serios d'insubordinação, e mesmo até uma sublevação geral, não foi porque a imprensa, parte d'ella, é claro, não fizesse bem por isso. Ella bem prégoú aos setes ventos contra a chamada dos reservistas; ella bem impugnou as manobras como cousa desnecessaria e até prejudicial; ella foi até ao extremo d'avançar que as manobras que se projectavam, tinham um fim que á nossa penna repugna escrever, por infame. Ora, sendo certa a repugnancia do nosso povo pelo serviço militar; não estando o espirito d'elle educado para o sacrificio do sangue, tão nobre, tão justo, tão devido á nossa patria; e publicando os jornaes esses artigos tão pouco proprios para animar o povo a esse sacrificio, e antes tão contrarios ao serviço militar, em que disposição d'animo veio essa gente receber a instrução?

Sabe-o bem quem com ella lidou de perto. Se não fosse a muita prudencia dos officiaes, se não fosse a orientação que se deu ás primeiras theorias, desenvolvendo o thema «o sacrificio do sangue»; se não fosse, emfim, o bom fundo que afinal tem no geral o soldado portuguez, talvez houvesse hoje casos muito serios a lamentar, talvez uma nodoa indelevel tivesse manchado o bom nome do exercito portuguez.

E para tanto teria concorrido d'uma maneira desastrosa, insensata, altamente condemnavel, essa imprensa, que talvez ainda por cima lançasse as culpas para cima do Ministro da Guerra. E essa imprensa é tanto mais culpada, n'esse procedimento anti-patriotico, quanto é certo que ella é illustrada e conhece de sobejo que é indispensavel para integridade d'um paiz desfazer no povo a repulsão que elle tem pelo serviço militar.

Bom será que para as manobras futuras, que não temos duvida se repetirão, porque não se podem deixar de repetir, a imprensa, toda ella ajude e não prejudique um serviço que é todo da Nação e para bem da Nação.

M. A.



BREVES REFLEXÕES

A PROPOSITO DOS

Ultimos exercicios de outono

As paixões politicas, que enlouquecem os homens e lançam na sociedade a anarchia nos espiritos, não podem entrar aqui.

Contemplamos esses desvarios com o mais profundo sentimento de compaixão.

De animo sereno procuraremos desprezar por completo essas diatribes e calumniosas accusações de que foi alvo o exercito, por parte de alguma imprensa da nossa terra, pela occasião dos ultimos exercicios que se realisaram ao sul da serra de Cintra, para dizermos das nossas impressões apenas em obediencia á verdade e em homenagem á justiça.

E' certo porém, que não podemos deixar de consignar desde já a magoa, o desgosto, a tristeza que nos illaqueia o espirito vendo n'este caso o sentimento do amor da patria protraído diante de ambições illegitimas, deante d'essa nevrose do poder, onde o odio pessoal e politico lançou algumas gazetas no caminho fatal que conduz ao descredito da nação, ao esphacelamento e deshonor desta instituição genuinamente nacional, que todos os partidos, todos os homens de governo, todos os patriotas devem amar e procurar engrandecer, porque ella—o exercito—resume em si mesma os sagrados interesses communs da collectividade portugueza.

E assim, assistimos com o coração angustiado a essa guerra desordenada, anti-patriotica e infame, que ergueram contra o exercito, e onde a paixão politica formulou accusações gravissimas, que para nossa honra nunca pôde provar, porque eram falsas.

E, comtudo, quando amanhã a dura necessidade nos chamar a defender as nossas fronteiras e o nosso direito de nação autonoma, nós iremos, com a mesma fé sagrada n'este amor incomparavel que nos fascina e prende á terra onde nascemos, morrer nas trincheiras ou erguer bem alto a nossa bandeira victoriosa, desprezando e esquecendo os

aggravos, as ingratidões e as injustiças d'aquelles que nos desprestigiam, malsinam e calumniam.

*

* *

Technicamente ninguem contesta nem pode contestar hoje a influencia que as manobras e os exercicios de armas combinadas tem para a defeza de um paiz.

Todas as nações, grandes e pequenas, o teem reconhecido, e todas lançam mão d'este meio de instrucção para aperfeçoarem os seus exercitos.

Por tanto, a utilidade das manobras é ponto incontroverso.

O ministro que não ordenar esses exercicios, falsea a sua missão, mostra desconhecer as suas responsabilidades e não merece a confiança do exercito.

Esta é que é a verdade.

Arredemos, com a sã doutrina e os verdadeiros principios, essa algazarra miseravel que os chatins da imprensa fizeram em torno de uma medida que não é outra cousa mais do que a satisfação de uma imperiosa necessidade para o complemento da nossa instrucção militar.

E' indispensavel, porém, esclarecer a opinião sobre um ponto que reputamos essencial.

Não são as grandes manobras nem os exercicios de armas combinadas espectaculos exhibitivos para recreio e diversão das gentes.

Por Deus acabe-se com essa lenda, com essa ideia preconcebida que falsea tudo e que conduz ás mais erradas apreciações das cousas.

Não é a imprensão do *bonito* o que o exercito deseja que fique gravado nos olhos dos que vão assistir ás manobras; não são as notas dos senhores reporters sem sciencia nem consciencia, e que no furor do seu officio se fartam de escrever asneiras nas suas gazetas, o que interessa ao exercito e á defeza do paiz; não é a falsa e mentida compaixão do soldado por não comer o rancho ás horas regulamentares o que traduz ou exprime um bom ou máo exercicio; nada disso.

Deixemos as apparencias que nada valem, que nada significam, despresemos mesmo essa orientação errada e quasi infantil da opinião, e façamos todos os esforços para

que dos exercicios se tire lição util e proveitosa para o exercito.

A imprensa diaria tinha uma alta missão a cumprir e essa era a de esclarecer e convencer a opinião de que ninguem fosse assistir a exercicios militares com o espirito apercebido de que ia assistir a um espectáculo exhibitivo.

Alli, o aproveitamento habil e adquado do terreno; as formações apropriadas para as diferentes phases do combate; a disciplina do fogo, a avaliação das distancias, a gradação das alças; o escalonamento das tropas em profundidade em obediencia aos preceitos da arte; a entrada no fogo a proposito e a tempo evitando-se nos movimentos as menores perdas possiveis; tudo isto constitue outras tantas minuciosidades essenciaes, importantissimas para a instrução das tropas, que só os technicos podem e sabem apreciar.

E isto ninguem vê, e, até podemos avançar, d'isto ninguem gosta.

O que os leigos apreciam, o que acha bonito a massa do povo são muitas descargas, fogo vivo ininterruptamente, cargas de cavallaria sejam como fôr, e muito fumo e muito barulho da artilheria!

Triste!

Deixem-nos o direito de podermos estudar para sermos uteis a esses mesmos senhores que nos calumniam.

As manobras não podem nunca ser encaradas pelo lado espectacularo.

Isso é uma futilidade que só pôde servir á politica e nada mais.

*

* *

A necessidade de se executarem manobras todos os annos com effectivos de guerra impõe-se sem discussão.

O illustre ministro da guerra iniciando entre nós esta utilissima pratica, diremos mais, esta indispensavel pratica, bem merece do exercito e da patria.

Todos os que se consagram de alma, vida e coração a estes assumptos da defeza nacional não podem deixar de reconhecer no nobre ministro da guerra os intuitos mais sinceros e alevantados para encaminhar o exercito pela estrada do progresso, envidando os maiores esforços para o dotar com tudo quanto seja indispensavel para termos assegurada e garantida a defeza do nosso lar.

A justiça e só a justiça manda que se diga isto. Os exercicios com armas combinadas ou as manobras de outono não sendo executadas com effectivos de guerra constituem um mal. Tudo fica logo falseado.

Não ha nem pode haver verosimilhança possivel.

Para que a instrucção dos quadros no serviço de campanha seja proficua é mister que as unidades tenham a mesma ou identica constituição do pé de guerra.

Sobre este assumpto não ha duas ideias contrarias.

A capacidade dos altos commandos, os movimentos tacticos e estrategicos, o serviço de segurança em marcha e em estação, a exploração a distancia, a maneira como funcionam os serviços á retaguarda, como se executam os aprvisionamentos das munições de fogo e de bocca, emfim, o espirito de iniciativa que se deve exigir aos sub-commandos, são outras tantas razões imperiosas que reclamam para estes exercicios a constituição das unidades em pé de guerra.

E a experiencia realisada agora pela primeira vez entre nós deu o melhor resultado.

Tropas sem cohesão, reservistas vindo das suas aldeias, alguns ha cinco annos sahidos das fileiras, mostraram que, quando o perigo chamar pelo exercito, a antiga raça portugueza apparecerá, obediente e indomavel, por certo, como nos tempos felizes das nossas victorias.

A criminalidade na brigada em pé de guerra foi insignificante e as penas disciplinares applicadas foram tambem em numero e qualidade a não merecer reparo.

A robustez do soldado e a sua grande resistencia ás fadigas e ás intemperies foi tal que o chefe de serviço de saude da brigada, cita, no seu relatorio, com espanto, o facto de ter havido só dois casos de doenças do aparelho respiratorio.

Consolou-nos ver os reservistas orgulhosos em querer mostrar aos seus camaradas do activo que eram soldados velhos e sabiam do officio.

A verdade é que quem escreve estas linhas viu um batalhão de mil praças trabalhar em ordem unida, na serra de Monsanto, como nunca viu trabalhar melhor em batalhão de 300 praças do activo.

Os exaggeros condemnaveis com que a imprensa diaria se referia, sempre que podia, á falta de cohesão das tropas, as calumnias infames ácerca de insubordinações que nunca houve, os ataques a estes exercicios com effectivos de guerra, a campanha anticipada contra a convocação dos

reservistas, tudo isto poderia ter provocado algum desgosto de maior se o nosso official não fosse, como todo o mundo sabe, sabedor, valoroso e disciplinador, e o nosso soldado o melhor soldado do mundo.

Isto mesmo frisa, e muito bem, o nosso distincto collaborador no seu notavel artigo cheio de verdade e de justiça — As nossas manobras.

Mas, dizendo isto quereremos acaso significar que os exercicios fossem impecaveis na sua technica e que a acção do commando de todas as unidades fosse igualmente energica e sem uma ou outra hesitação? Por certo que não é esse o nosso intuito.

Tal ideal nem mesmo na Allemanha é facil attingir-se, e a Allemanha possui o primeiro exercito do mundo.

(Continúa).



No sul da Africa

Continuação do combate de SPION KOP

A situação era critica; os boers, aproveitando com uma habilidade rara os accidentes do terreno, surgiam do lado norte do *plateau* como leões enraivecidos. Quem diria que eram os mesmos que em todos os mais combates optaram quasi sempre pela defensiva pura! Os bravos burghers de Prinsloo, ao mesmo tempo que ameaçavam atirar com os inglezes das alturas de Spion Kop para os profundos valles do Tugela, conseguiram ferir mortalmente o general Woodgate, que foi substituido pelo coronel Hill. Avisado pelo heliographo o general Warren, que ainda se conservava nas faldas occidentaes de Tabamyama, manda o general Coke tomar o commando, levando sob as suas ordens, como reforço, os *Middlesexes* e *Dorsetshires*, que só chegaram ao *plateau* depois do meio dia. Já quando este reforço em marcha, Warren recebe um outro despacho heliographico de sir Buller, enviado de Spearman's Farm, onde se encontrava, confir-

mando-lhe a situação critica em que se encontravam os defensores do *plateau*, e, dizendo que era necessario confiar o commando a um homem energico e experimentado, indicava-lhe o bravo Thorneicroft, o commandante da guarda avançada.

Warren, apesar das ordens dadas, nomea o commandante de todas as forças que defendiam o *plateau*, mas o general Coke, não tendo recebido comunicação alguma, julgou durante o dia que era o commandante em chefe e devido a isso, as forças inglezas experimentaram a vontade desencontrada de 4 commandantes; Woodgate, Hill, Coke e Thorneicroft, valendo-lhe comtudo o terem estado sempre debaixo da acção inergica e valorosa d'este ultimo, que foi sempre o verdadeiro commandante.

Ao mesmo tempo que a brigada de Coke vencia a custo as subidas asperas de Spion Kop, o general Warrem mandou collocar parte da sua artilheria em Three Tree Hill a fim de contrabater a artilheria boer, collocada em Tabamyama, e bater numerosas forças montadas dos alliados que se tinham visto ao norte de Spion Kop. Emquanto estas duas artilherias se degladiavam a grandes distancias, perdendo os boers, devido a isso, o apoio efficaz da sua, conseguiram, mesmo sem o seu auxilio, avançar sempre. Mas depois do reforço de Coke os inglezes eram tantos que, diz um telegramma de origem boer, «os intervallos abertos nas fileiras pelo seu tiro eram preenchidos automaticamente».

Não admira que assim succedesse, porque os inglezes, depois do reforço, tinham em combate 5 batalhões prefazendo o effectivo total de 5:000 homens com a frente restricta de 335 metros, que era o maximo que o *plateau* lhe permitia, no ponto em que se encontravam, estando portanto muito accumulados, o que devéras contribuiu para que o numero das suas baixas tanto augmentasse, e tanto mais que apenas dispunham d'uma trincheira de 90 metros de comprimento com o traçado d'um arco de circulo. Devido á agglomeração exagerada e á pouca protecção que essa trincheira offerecia, pois apenas tinha uma profundidade de 75 centímetros, e devido á falta de abrigos para as outras tropas, os inglezes soffreram, 15,9 % de baixas causadas pelo fogo.

Se a situação dos inglezes não era boa, a dos boers não era melhor. Estes, avançando sempre sem abrigos, tinham ainda em seu favor toda a extensão do *plateau*, que estava quasi todo em seu poder, o que lhes permitia avançar nas

differentes direcções e aproveitar os abrigos naturaes que melhor protecção lhes offerecessem.

A's 2 horas da tarde as duas linhas de combate estavam proximas, mas ambas agarradas ao terreno com affinco e denodo.

A essa hora deu-se um incidente digno de ser mencionado. Cerca de 200 inglezes dos *Lancashires* vendo-se na triste situação de não poderem recuar, porque seriam lançados nos despenhadeiros alcantilados da margem sul, e não podendo supportar por mais tempo o fogo boer, levantam a *bandeira branca* e depõem as armas. Os boers, avançando para fazerem prisioneiros os seus adversarios, são recebidos a pouca distancia por um fogo mortifero e intenso que os *Scotishes Rifles* lhes fizeram. Surprehendidos por este fogo inesperado tomam immediatamente os boers as suas posições e com um fogo bem executado conseguiram tirar uma excellente vingança, não nos *Scotishes* que a mereciam, mas nos *Lancashires*, que ainda estavam de pé e que offereciam um excellente alvo.

Depois d'este incidente, indignados com esse procedimento desleal, a lucta continuou cada vez mais encarnçada da parte dos boers, e assim continuou até ás 5 horas da tarde sem offerecer nada digno de menção especial.

*

* *

Já vimos como na esquerda Warrem se preparava para atacar Tabamyama e tomar Spion Kop, e já vimos, até ás 2 horas da tarde do dia 24 de janeiro como tinha corrido o combate no *plateau*, indeciso e vacilante, mas pendendo a victoria mais para o lado boer, que lhes era dada pela audacia e pelo tiro.

Vejamos agora rapidamente o que se passou na direita.

O general Littilton tinha chegado n'esse mesmo dia a Brakfontein com o fim de distrahir a attenção dos boers de Spion Kop e tornar-se depois senhor d'essa bella posição com um movimento envolvente.

Se não fosse a anticipação de Warrem em mandal-a tomar por Woodgate, este plano é provavel que chegasse a fructificar. Comettido o erro era necessario remedial-o e para isso foi pedido a Littilton que reforçasse as tropas de Thorneicroft pelo flanco direito.

Para isso mandou em seu soccorro um batalhão dos

Scotishes e o 3.º batalhão do *King's Royal Rifles Corps*, que fazia parte do regimento n.º 60 de infantaria. O batalhão dos *Scotishes*, depois de atravessar o Tugela, subiu ao *plateau* pelo caminho que na noute anterior tinham seguido as tropas de Thorneicroft.

O batalhão dos *Rifles* subiu a encosta Este de Spion Kop e tendo de lutar durante duas horas, quasi sobrehumanamente, com as difficuldades do terreno e com o tiro dos boers, tomou posição, lançando frenéticos *hurras*, no flanco direito da linha ingleza. A conducta d'este batalhão mereceu os mais rasgados elogios de todos os generaes inglezes.

Depois d'este novo reforço e da entrada valorosa dos *Rifles* em combate, todos os inglezes julgaram a victoria certa, mas quando levados pela seductora esperança de que os boers começassem a ceder terreno, vêem novos reforços boers, perdem a esperança e apodera-se d'elles o desanimo e o desalento. Os esforços de Thorneicroft e as suas expressões animadoras e imperiosas — *I will allow no surrender; men, fallow me* (eu não consinto que ninguem se renda; soldados, segui-me) de pouco valeram.

Tendo durante o dia heliographado a Warrem expondo-lhe a triste situação em que se encontrava, vê, mesmo depois da entrada em combate dos valentes *Rifles*, chegar novos reforços. Um batalhão de *Scotishes Rifles* acompanhado da infantaria montada de Bethune vem em seu auxilio e logo depois um outro batalhão da *Imperial Light Infantry* e um corpo de *Uitlanders*, mas para quê, se elle não tinha espaço para dois batalhões sequer?!

O resultado d'estes reforços successivos foi funesto para os inglezes. Não tendo onde manobrar nem espaço onde se collocarem, serviram sómente para engrossar a linha de combate, onde as balas boers encontravam pasto abundante. Devido a esses reforços successivos, os batalhões misturaram-se e chegou mesmo a estabelecer-se uma verdadeira confusão, onde os soldados não conheciam os officiaes e onde estes não conheciam os seus soldados. Além d'isso as tropas que na noute anterior tinham escalado Spion Kop passaram o dia todo debaixo das balas inimigas e experimentando sempre as inclemencias d'um sol abrazador e os horrores d'uma fome desesperadora e d'uma sede ardente, estavam fracas, como não podia deixar de ser, e com a força moral extremamente abatida. Com soldados em confusão e desordenados, com forças fracas e abatidas

e com elementos desmoralizados como se poderia resistir aos boers que, além de os atacarem de frente vigorosamente, lhes tinham já envolvido o flanco esquerdo e ameaçado o unico caminho que lhes garantia a retirada? Não era possivel, mas emquanto, ahí pelas 6 horas da tarde, Thorneicroft se via n'esta triste situação, lá em baixo, nas faldas de Tabamyama, o general Warrem deu ordem para que Spion Kop fosse reforçado com mais 2 peças de marinha de grosso calibre, uma bateria de montanha, meia companhia de engenharia e dois grupos de trabalhadores, cada um de 600 homens. No entre tanto, Thorneicroft que não teve conhecimento d'este reforço, depois de analysar a dura situação em que se encontrava, vendo n'essa altura que 122 dos 194 homens que constituíam o seu proprio batalhão tinham sido mortos, vendo emfim que o estado moral das suas tropas não lhe permittia nem o conservar-se por mais tempo, nem o poder continuar a lucta no dia seguinte, dá, ás 8 horas da noute, ordem para retirar, o que foi feito rapidamente e em boa ordem.

Assim perderam os inglezes mais um combate que aniquilou por completo os esforços que Warrem tinha enviado para romper a linha d'alturas que defendiam Ladysmith e que obrigou sir Buller a modificar mais uma vez o seu plano. Esta lição, dura para os inglezes, não o foi menos para os boers. O erro de abandonarem Spion Kop custou-lhes caro, mas, não obstante Malakof ficou em seu poder e Ladysmith ficou por mais algum tempo defendido dos inglezes.

DAVID RODRIGUES
Tenente d'infanteria



Bibliographia

As manobras de 1901. — Estudo critico por Julio d'Oliveira, tenente de infantaria.

E' um interessante e curioso estudo critico das manobras que este anno se realisaram, devido á penna do nosso particular amigo Julio de Oliveira, official distincto, primoroso e consciencioso escriptor e que, pelos seus trabalhos, que confirmam o que dizemos, é bem conhecido dos leitores da nossa Revista.

Conhecendo-se, portanto, a maneira completa e cabal com que estuda as diversas questões, desnecessario é dizer que este seu novo trabalho é digno de ser lido e meditado.

Fazendo a critica imparcial das manobras, pela sua leitura se vê o que houve de bom e mau e se avalia o que é necessario fazer, quer não só debaixo do ponto de vista tactico e da instrucção, mas tambem na parte material e serviços auxiliares, poisque remata por uma serie de considerações importantes e uteis.

Descrevendo os dois exercicios e applicando as regras tacticas, faz resaltar alguns movimentos que foram bem executados, e, applicando os mesmos preceitos tacticos á maneira como os diversos movimentos se realisaram, dá-nos uma ideia completa da orientação dos officiaes e da instrucção dos soldados.

Por estas razões, logicamente deduzidas, o trabalho do nosso amigo Oliveira é digno de ser lido e meditado, como já dissemos, e tanto mais que é a primeira critica de exercicios, que entre nós vê a luz da publicidade, o que lá fóra se faz já ha tantos annos.

Nós, pela nossa parte, recommendando aos nossos camaradas a leitura do pequeno folheto crêmos que lhe prestamos um bom serviço, e agradecendo ao nosso amigo a sua offerta, não podemos deixar de o felicitar não só pelo seu trabalho mas tambem pela innovação que entre nós introduziu.

Historia dos antigos povos orientaes = por Augusto C. P. Soromenho, capitão d'infanteria.

E' um volume da popular *Bibliotheca do povo e das escolas*, onde o nosso camarada, o sr. capitão Soromenho, nos descreve a historia, sempre bella e grandiosa, dos povos das remotas antiguidades orientaes.

Além dos encantos e das grandezas que a historia d'esses povos sempre nos revela, o que encanta, seduz e prende a nossa attenção, torna-se este pequeno volume apreciavel e digno de ser lido pelo methodo com que foi elaborado e pelo estylo claro e elegante, com que está escripto.

Encanta-nos sempre vêr um bom livro e principalmente quando é feito por um camarada, que embora não tenhamos a honra de conhecer, respeitamos e estimamos por esse facto.

O volume a que nos estamos referindo consta de cinco capitulos dando cada um d'elles uma ideia bastante desenvolvida e clara das raças, cultos, do estado da agricultura e do desenvolvimento das sciên-

cias, da constituição physica e politica, da organização social, etc., etc., dos povos a que se referem, e são:

- I — Os egypcios;
- II — Os babilonios e os assyrios;
- III — Os phenicios;
- IV — Os isrealitas;
- V — Os medios e os persas.

A todos que desejarem augmentar os seus conhecimentos historicos sem grande esforço e com pouco dispendio, recommendamos a leitura do livro a que nos estamos referindo.

Agradecendo ao nosso camarada, o sr. capitão Soromenho, a gentileza da sua dedicatória e offerta, não nos podemos furtar ao desejo de o felicitar pelo seu util e bem elaborado trabalho.



SECÇÃO OFFICIAL

Admissão dos musicos addidos aos concursos

Nota n.º 10 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 8 de janeiro de 1901.

Auctorisa que os musicos addidos aos corpos da guarnição de Lisboa sejam admittidos aos concursos para as classes immediatas nos mesmos corpos.

Auxilio para rancho

Circular n.º 1 da 5.ª repartição da secretaria da guerra de 15 de janeiro de 1901.

Regula o auxilio para os ranchos geral e dos sargentos, até ao fim do anno economico.

Supplentes — Periodos de instrucção

Circular n.º 14 da 2.ª repartição da secretaria da guerra, de 15 de janeiro de 1901.

Diz que ás praças da 2.ª reserva chamadas como supplentes se deve levar em conta no serviço activo o tempo que serviram durante o ultimo periodo de instrucção.

Amnistia — Desertores da 1.ª ou 2.ª reserva

Circular n.º 87 da 3.ª repartição da secretaria da guerra, de 18 de janeiro de 1901.

Diz que o artigo 2.º do decreto de 29 de dezembro ultimo, abrange os crimes previstos e punidos pelo art. 135.º do codigo de justiça militar, devendo gosar do beneficio da amnistia as praças da 1.ª e 2.ª re-

serva que faltaram ao chamamento ordinario para as reuniões ordinarias de instrução.

Estudantes — Manifestações

Circular da 1.^a divisão militar n.º 3 F de 22 janeiro de 1901.

Diz que serão rigorosamente punidas as praças com licença para estudos em qualquer escola ou estabelecimento de instrução, sempre que tomem parte em qualquer manifestação que perturbe a ordem obrigando a intervenção da policia.

Auxilio para rancho

Circular n.º 3 da 5.^a repartição da secretaria da guerra, de 21 de janeiro de 1901.

Diz em additamento á circular n.º 1 de 15, que o auxilio a abonar ás praças que arrancham com os sargentos, nos termos do § 2.º do art. 248.º do regulamento geral para o serviço dos corpos do exercito, será igual ao fixado para os sargentos, continuando assim em vigor as restantes disposições do n.º 5 da ordem do exercito n.º 5 (1.^a serie) de 1900 e circular da 5.^a repartição do ministerio da guerra n.º 172 de 16 de janeiro do mesmo anno.

Sobras dos fundos do rancho

Circular n.º 5 da 5.^a repartição da secretaria da guerra, de 24 de janeiro de 1901.

Manda conservar até segunda ordem nos cofres dos respectivos conselhos administrativos os saldos provenientes das sobras dos fundos do rancho.

Auxilio para rancho nos districtos de recrutamento e reserva

Circular n.º 4 da 5.^a repartição da secretaria da guerra, de 24 de janeiro de 1901.

Determina que o auxilio para rancho das praças dos districtos de recrutamento e reserva que estejam nas condições expressas no § 2.º do art. 12.º do regulamento publicado na Ord. do Exercito n.º 15 de 1899, deve ser, em cada mez, de importancia igual á que tiver sido abonada no mez anterior no corpo do exercito activo mais proximo da localidade onde o districto tiver a sua séde.

Impedidos conduzindo volumes e conducção de rancho ás guardas

Ord. circular n.º 6 da 1.^a divisão militar, de 29 de janeiro de 1901.

Diz que não é permittido ás fachinas, que conduzem as latas de rancho para as praças de guarda na guarnição, transitar com ellas por sobre os passeios lateraes da via publica; e bem assim que aos impedidos dos officiaes não lhes é permittido transitar pelos mesmos passeios com volumes que possam encommodar ou molestar os transeuntes.



4.º Anno

Dezembro de 1901

N.º 12

REVISTA DE INFANTERIA



A DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE INFANTERIA

A ordem do exercito n.º 16 da 1.ª serie do mez findo, publica diplomas importantes tendentes a melhorar consideravelmente as questões da defeza nacional.

Essa ordem do exercito representa o principio da serie das medidas com que o nobre ministro da guerra deseja dotar o exercito, na intenção, digna do maior applauso, de aperfeçoar o existente, abrindo mais vastos horizontes á nossa actividade.

A *Revista de Infanteria* mantendo-se sempre firme dentro dos seus principios, das suas ideias e das suas inabalaveis convicções, reconhece que se começa a fazer justiça á arma de infanteria, que sendo a mais numerosa do exercito deve ser e é um elemento preponderante na organica militar.

Não se trata aqui de caprichos nem de vaidades descabidas.

Já por mais vezes nos temos referido á necessidade de crear uma direcção geral que, com o maximo desenvolvi-

mento e o mais amplo programma, reuna em si todos os serviços que pertencem á arma e que a ninguem mais compete tratar.

A Cezar o que é de Cezar; á infantaria o que é da infantaria. Assim se fez, felizmente.

O serviço da arma de infantaria comprehende:

- a) Estudo, elaboração e revisão de todos os regulamentos privativos da arma;
- b) Estudo das armas portateis;
- c) Direcção das carreiras e campos de tiro, sua conservação e bem assim a aquisição do respectivo material;
- d) Estudo das armas portateis em serviço e dos modelos estrangeiros, e bem assim o estudo dos fogos de guerra na sua applicação á tactica de combate;
- e) Estudo das modificações a introduzir nos equipamentos e uniformes das tropas da arma;
- f) Escola Pratica de Infantaria;
- g) Bibliothecas dos regimentos e dos estabelecimentos da arma;
- h) Tiro nacional.

E' isto tudo quanto nos pretence estudar e é d'este estudo que ha de resultar todo o valor e toda a força da nossa arma, como elemento preponderante da defeza nacional.

Negar esta verdade o mesmo é que negar a luz.

E' esta uma medida que ficará gravada no coração de cada um de nós, pela alta significação que tem para a arma e pelo seu alcance patriótico.

Outro tanto diremos com relação á arma irmã de cavallaria, que, pelo seu valor e pelo seu insubstituivel papel em campanha, muito carece que lhe forneçam elementos de estudo e lhe proporcionem todos os meios para o seu aperfeiçoamento.

E' sob o ponto de vista patriótico, principalmente, que encaramos esta sabia medida do sr. conselheiro Pimentel Pinto, medida destinada a produzir na pratica os mais proveitosos, os mais uteis resultados para o exercito, e consequentemente para o paiz.

Actualmente estavamos sequestrados de todo o estudo technico da nossa especialidade, o que affronta e humilha. Nunca podemos perceber a razão porque tal succedeu, embora, verdade seja, que os antigos commandos não produziam os fructos que se esperava, mas quando assim succede, o que se deve é melhorar e aperfeiçoar até produzir esses resultados esperados. E' isso o que está feito, e,

em face dos serviços que agora lhe são commettidos, temos esperança de que dentro em breve se ha de começar sentir a sua benefica influencia.

Quem procede assim mostra conhecer os grandes interesses nacionaes que lhe estão confiados. O contrario é pôr em cheque o brio e até, talvez, a honra da mais numerosa arma do exercito, porque cria desalentos e deserções mo-raes, cujos resultados poderiam um dia ser bem lamentaveis para a nação.

O que importa desde já é mãos ao trabalho, e que re-surja para a nossa arma o periodo de uma actividade util, irradiando da Direcção Geral, como fóco luminoso de toda a orientação technica da arma, aquella luz que venha re-confortar-nos, fortalecendo-nos para sermos proveitosos á nossa querida Patria.

Este é o pensamento generoso e bom do ministro; esta deve tambem ser a nossa aspiração e o nosso desejo.

Mãos ao trabalho.



MISSÃO DAS QUATRO ARMAS EM CAMPANHA

Objectivo das operações de um exercito em campanha. — Infanteria.
— Cavallaria. — Artilheria. — Engenharia. — Tactica geral.

III

Desde o dia em que a *artilheria*, pela primeira vez, appareceu nas luctas cruentas dos homens, por tal modo distinguuiu e evidenciou a importancia e o valor da sua influencia e prestabilidade, que, para logo, fez depender dos seus canhões o resultado de toda a empresa militar, quando grande e vasta.

Arma importantissima, factor de primeira grandeza para a lucta, alavanca poderosa dos grandes commettimentos, a artilheria prepondera, subjuga e domina sempre, quer no seguimento, quer no desenlace do duello.

Arma do commando por excellencia, *regulador*, até

certo ponto, da acção tactica no ataque e na defesa, a artilheria tem como propriedades uteis mais caracteristicas: — exercer a sua acção a distancias intangiveis aos fogos da infantaria; produzir grandes effeitos moraes e materiaes; desenvolver o maximo da força com o minimo do risco e sem se empenhar a fundo; destruir os abrigos e obstaculos que protegem o inimigo; incutir confiança ás tropas das outras armas; ter grande utilidade para os reconhecimentos offensivos, por obrigar com o seu fogo as forças adversas a desenvolverem-se; proteger os movimentos das proprias tropas, entrando em acção logo no começo do combate; apoiar efficazmente a continuação e a decisão da lucta; accentuar a victoria e, especialmente, concorrer para minorar a derrota ou para coadjuvar a perseguição.

A par, porém, d'estas grandes vantagens, a artilheria é incapaz do combate proximo; não tem propriedades caracteristicas de ataque e defesa, como a infantaria e a cavallaria; exige um enorme material; é *vulneravel* e *incompleta* pela necessidade que tem do apoio das outras armas e pela dependencia em que está do terreno; é muito dispendiosa, difficil de constituir, instruir e sustentar em campanha.

O seu unico meio de acção é o fogo, sempre o fogo; o fogo em todas as condições, em todas as circumstancias. Com elle a artilheria rompe nas linhas inimigas a brecha por onde passará a infantaria; varre e limpa o terreno para a carga da cavallaria; extingue o fogo do inimigo e desaloja os defensores das posições para serem occupadas pela infantaria.

Todavia, e apesar mesmo da excellencia de todos estes attributos, a artilheria não pode por si só decidir a acção em que estiver empenhada. Este papel é reservado á infantaria, e nenhum progresso no armamento lhe destruirá essa faculdade. A artilheria, em virtude do poder enorme do seu fogo, pode, é certo, *preparar a decisão* de um combate, mas é indispensavel que se achem presentes outras tropas e em condições de lhe aproveitarem os resultados do tiro. Caso contrario, se estiver desacompanhada, a acção revestirá um caracter indeciso. Não deve portanto estar isolada por um instante sequer, porque, se na proximidade do inimigo houver de se mover ou tiver de calar o fogo, é uma arma perdida para a batalha, e sem defesa contra os ataques do adversario, visto que não pode combater braço a braço.

Não obstante, no campo de batalha, tem a artilheria, como está provado, a sua missão importantissima, sobremodo prestimosa e notavelmente preponderante.

IV

As recentes expedições coloniaes e as guerras que, n'estes ultimos trinta annos, tiveram por theatro, principalmente, a Europa, evidenciaram o valor e a utilidade da *arma de engenharia*.

Dizia Frederico o Grande, que todo o general devia ser engenheiro, ou, pelo menos, devia saber utilizar a aptidão da engenharia militar. Existiram sempre, nos exercitos romanos, engenheiros e tropas technicas, que deixaram no antigo mundo traços indeleveis de seus admiraveis trabalhos.

Napoleão I, que sabia apreciar como ninguem, a necessidade da execução prompta de obras de campanha, ligava grande importancia ás funcções especiaes das tropas e serviços da engenharia.

Nos combates em campo aberto, porém, é minima a importancia da arma de engenharia, pois, por via de regra, entra em diminuto numero na composição das grandes unidades.

O seu serviço especial, n'estas circumstancias, desempenhado quasi sempre junto da infantaria, resume-se na organização defensiva de pontos de apoio para esta arma, e em seguir a infantaria ao ataque dos pontos de apoio do inimigo. Então, n'estes casos especiaes, é que as tropas de engenharia poderão ser obrigadas a tomar parte no combate.

O mesmo lhes succederá, isto é, terão de sustentar ou entrar em alguma escaramuça, quando nas guardas avançadas ou nas da retaguarda, hajam de reparar ou destruir obras de arte importantes nas vias de comunicação, lançar pontes ou improvisar outros meios de passagem dos cursos d'agua.

A grande importancia, o valor e utilidade manifesta da engenharia, o valioso auxilio que ella presta ás outras armas em campanha, provém, principalmente, dos numerosos serviços especiaes que é chamada a desempenhar.

Explora, repara, estabelece e inutilisa as estradas, os caminhos de ferro, as linhas telegraphicas; traça, levanta

e prepara as obras de fortificação de campanha e os campos entrincheirados; faz reconhecimentos aerostaticos; e executa outros trabalhos de manifesta importancia, como é sabido.

E se é grande a importancia da engenharia n'este ponto de vista, mais proeminente se torna na guerra de sitio, pelos seus trabalhos de *approche* e de fachinagem, onde terá muitas vezes de combater, em numero, de concerto com a infantaria e com a artilheria.

Vê-se pois que a missão da engenharia em campanha exige aos officiaes da arma conhecimentos technicos muito complexos e variados, comprehensão judiciosa, vista militar, grande iniciativa, sangue frio, energia e perseverança.

Para augmentar em maior grau a prestabilidade e o poder dos recursos da engenharia, seria vantajoso, e até preciso, organizar militarmente, como tropas de reserva, todo o pessoal tecnico das companhias dos caminhos de ferro, das fabricas, e da industria mineira e florestal.

E na verdade, quanto mais a civilização se desenvolve e progride pela applicação dos grandes inventos modernos, tanto mais deve preponderar na organização do exercito a intervenção da arte do engenheiro.

E' uma necessidade fatal para os Estados modernos, rodearem-se de habeis engenheiros, encarregados de conservarem o material nacional á altura da sciencia e do progresso.

Qualquer nacionalidade, só pôde defender-se hoje, contra os invasores, utilizando os meios os mais poderosos creados pelo genio dos grandes inventores, como: os caminhos de ferro, as machinas a vapôr, as armas de tiro rapido, os explosivos, os balões captivos ou dirigiveis, a telegraphia, etc.

V

Todos os homens de guerra concordam e reconhecem que o principio fundamental da tactica de combate consiste em combinar a acção das differentes armas de modo que cada uma entre e seja devida e convenientemente apoiada na lueta no momento preciso e nas condições em que pôde produzir o maximo effeito. E', portanto, indispensavel que, durante a paz, a instrucção dos quadros se desenvolva, em-

pregando-se nas manobras a infantaria, a cavallaria e a artilheria, na proporção e condições em que ellas devem operar no campo da batalha.

Em verdade, nada ha mais nocivo, nem tão contrario ao espirito de solidariedade e ás regras da arte militar como o exclusivismo de cada arma.

Se a cavallaria precisa augmentar a solidez na lueta com a cavallaria inimiga, a artilheria dará ao seu combate mais *resistencia e fixidez*. Mas, se falta a infantaria, não ha combate serio de localidades, nem *effeito decisivo*, e a questão não se resolverá devidamente.

Se ha necessidade de augmentar á infantaria o seu poder offensivo e defensivo, e ampliar-lhe a aptidão para o combate, essa missão pertence á artilheria; mas, faltando a cavallaria, as informações e a protecção serão incompletas e deficientes.

A infantaria conjugada com a cavallaria terá a segurança das informações, mas não terá nem todo o valor no ataque, nem o fundo de resistencia que lhe dá a artilheria.

Vê-se, pois, vê-se a toda a luz, que as differentes armas se devem mutua protecção, posto tenham missão especial no combate. A artilheria auxilia a infantaria e a cavallaria, como estas se auxiliam mutuamente, e ambas a artilheria; quer dizer, não se pode admitir a independencia e o isolamento absoluto de cada uma. A acção combinada de todas ellas, a ligação das operações e a convergencia dos esforços para o mesmo fim, deve ser o objectivo.

Importa pois que todos os officiaes tenham profundo conhecimento do emprego das diversas armas e da tactica geral de combate. E, de facto, se aos officiaes de patente inferior é indispensavel a instrucção completa na especialidade da respectiva arma, mais indispensavel é, sem duvida alguma, a quem fôr chamado pela sua graduação elevada a dirigir um combate geral, a noção exacta do funcionamento superior e das combinações das quatro armas.

JOSÉ V. DE SOUSA ALBUQUERQUE
Capitão de infantaria

Errata. — No segundo artigo — «Missão das quatro armas em campanha» — pag. 323 — o § 5.º deveria ter precedido o 4.º, quer dizer — *E assim se explica como o exercito francez, etc.*, deveria ter sido collocado antes de: *Chegou, certamente o momento de predizer á cavallaria, etc.*, transposição que por engano se deu no acto da paginação.



BREVES REFLEXÕES

A PROPOSITO DOS

ULTIMOS EXERCICIOS DE OUTONO

(Continuado do n.º 11—4.º anno)

A lição que resultou dos nossos ultimos exercicios de outono foi muito proveitosa.

Até o estado do tempo dificultando em extremo o serviço dos fornecimentos de viveres á brigada, porque os pessi-mos caminhos que existiam no theatro das operações fica-ram quasi intransitaveis com a chuva, até essa difficuldade foi util, porque determinará, sem duvida, em futuros exer-cicios uma certa ordem de providencias tendentes a atte-nuar as pequenas faltas que essa circumstancia motivou.

Entremos, porém, na analyse dos exercicios tacticos pro-priamente dictos.

As posições do combate da brigada no primeiro dia de exercicios eram as seguintes :

O regimento de infantaria n.º 1, na linha avançada, guarnecia as posições entre a Cova da Raposa e Rio do

Mouro, passando pelo moinho de Albarraque, quinta de Seteaes e quinta das Obras (1).

Infanteria n.º 2 occupava a posição principal de Cabra Figa, estendendo-se para sudueste da posição e tendo á sua esquerda infantaria n.º 7, que tinha um batalhão nas proximidades do casal do Marmello e outro na falda do cabeço de Manique, como apoio da artilheria da brigada.

A cavallaria em Algueirão devia estar sempre prompta a ameaçar o flanco esquerdo do inimigo.

A brigada sul, que pertencia ás tropas da defeza de Lisboa, tinha por missão oppôr-se ao movimento de uma brigada do inimigo que, pela portella da S. Pedro, tentava seguir a estrada real que por Alcabideche conduz a Cascaes, para proteger um desembarque de tropas.

O exercicio para a brigada sul, era, segundo o nosso modo de vêr, bastante difficil e, a sua execução para ser completa, necessario seria muito golpe de vista e muita oportunidade nos movimentos, sobretudo na primeira parte do exercicio, que era o combate dos postos avançados.

E' em extremo difficil e arriscado este combate, e tanto que os allemães o condemnam.

A intenção da brigada sul era attrahir o inimigo ás posições de Albarraque, posições que seriam facilmente abandonadas, para depois de empenhado a fundo na lucta vel-o defrontar-se com o grosso da defeza nas posições de Cabra Figa.

Era uma especie de ratoeira que se preparava para a brigada norte.

A execução não correspondeu ao plano.

Da parte das duas brigadas houve hesitações e falta de uma nitida comprehensão da situação, o que, acima de tudo, vem justificar a razão d'estes exercicios e como que impor a obrigação de se effectuarem todos os annos em maior ou menor escala, mas todos os annos.

O avanço da brigada norte no seu combate offensivo contra as posições de Albarraque foi em extremo rapido, embora bem dirigido.

E' que ninguem quer fazer entrar em linha de conta

(1) Vide as cartas dos arredores de Lisboa.

com as balas, que sendo hypotheticas n'este caso, no combate real não deixariam as linhas de atiradores avançar assim com toda a facilidade.

E' mister que o cammando, e em geral os officiaes, façam ver ás praças a difficuldade enorme que ha na guerra em avançar contra uma chuva de balas, difficuldade que para vencel-a é mister primeiro enfraquecer o inimigo por meio de fogo, e isto não se consegue n'um momento. Este defeito, que é capital entre nós, a precipitação dos movimentos, não produz grandes perturbações nos exercicios effectuados com effectivos minimos, onde não ha distancias nem difficuldades. Tudo alli está á mão, tudo se dispõe e manobra com grande facilidade.

Não assim com os effectivos de guerra.

E tanto que no nosso caso a precipitação com que a brigada norte avançou prejudicou por completo o exercicio. O regimento de infantaria n.º 1, que sabia ser a sua missão apenas attrahir ao combate a brigada norte, devia ter retirado da posição de Albarraque logo que os atiradores inimigos occuparam uma posição cuja distancia da linha dos postos avançados fosse, pelo menos, quasi igual áquella que separava Albarraque de Manique.

Não o fez, porque?

Porque recebeu ordem para se sustentar na posição o mais tempo que podesse.

E porque foi dada esta ordem, que estava em opposição com o plano do exercicio?

Porque não tinha havido tempo para a artilheria do partido sul tomar posição no cabeço de Manique.

D'aqui a confusão de todos.

A nosso ver desde que por motivos imprevistos foi mudado o plano de exercicio no local do combate, cousa aliás trevial na guerra e nos exercicios de manobra livre, usando assim o commando de uma iniciativa, que é muito para louvar, devia ter-se seguido o exercicio em conformidade com a alteração feita. E não se fez isso.

Aqui então o erro foi maior, e tão grande que se a situação fosse de guerra, evidentemente o partido sul teria perdido o combate, ficando logo com um regimento esmagado pelo fogo aturado da artilheria adversaria e o fogo de tres regimentos de infantaria, sem ser soccorrido por dois regimentos que ficaram inertes nas suas posições, nem tão pouco a cavallaria da defeza ter tentado cahir a fundo no flanco esquerdo inimigo.

O commando da brigada sul fraquejou, hesitou, não usou da iniciativa que n'este caso seria a salvação da brigada, mudando as posições avançadas em posições definitivas de combate, e cahindo ahi com os dois regimentos que tinha na mão, transformaria em victoria o principio da sua derrota.

E o que se conclue de tudo isto?

A difficuldade enorme que ha n'estes combates de postos avançados e o perigo que elles arrastam para as tropas, pela difficuldade da retirada. Infantaria n.º 1 chegou a um momento em que era impossivel retirar, porque se retirasse seria fuzilado pelas costas, e o seu desastre ainda seria maior. Ou devia ser soccorrido ou o regimento estava perdido.

A difficuldade de manobrar com effectivos de guerra quem está habituado a commandar effectivos minimos.

A difficuldade em ver claro, no campo, no meio do combate, a melhor solução do problema apresentado aos nossos olhos.

A grande conveniencia em saber-se usar da iniciativa, e sobretudo a grande vantagem que resulta muitas vezes na guerra em saber-se desobedecer, o que é, comtudo, mil vezes mais difficil do que saber-se obedecer.

A imprescindivel necessidade d'estes exercicios com effectivos de guerra e manobra livre, despresando-se por completo a ideia falsa e prejudicial de que os exercicios são espectaculos exhibitivos, e sem querermos saber se é ou não monotono o tempo gasto na conquista de uma posição.

Conclue-se tambem que para a defeza do paiz é da maior importancia o adestramento dos quadros, sem o que percaria será a nossa situação em campanha.

(Continúa).





A INSTRUÇÃO ESPECIAL DOS EXPLORADORES

(Continuado do n.º 11 = 4.º anno)

§ 1.º

Avaliação das distancias desconhecidas a passos (1)

1.º Generalidades. — Para o explorador poder avaliar distancias desconhecidas a passos, tem primeiramente que regular o seu passo.

A extensão do passo varia com os individuos e as circumstancias.

Depende sobre tudo: da natureza e inclinação do solo; do peso que o soldado transporta; do seu estado physico; da fadiga; das condições atmosphericas etc.

N'um caminho bem conservado, o passo é mais largo do que se o mesmo caminho fôr aspero e desigual; do que n'um areal ou terreno argiloso, saibroso.

O passo é mais extenso n'uma descida e mais curto n'uma subida; é mais longo depois do descanso e menos longo depois d'uma marcha. Encurta-se tanto mais quanto

(1) Esta parte da instrução ao mesmo tempo que dá ao soldado a noção das distancias, proporciona-lhe o meio de rectificar depois, sem o auxilio de instrumentos, as distancias que avaliou á vista. (Regulamento de tiro—4.ª parte—216).

maior fôr o pezo que o explorador transporta. Soffre sensíveis modificações com a chuva, com o vento, e, sobretudo, com o estado de saude do individuo.

Para, pois, nos servirmos como medida d'um elemento tão pouca estavel, tão sujeito a variações de toda a especie, é absolutamente necessario regular-o, de fórma a obter em todas as circumstancias um grau sufficiente de aproximação.

O passo regulador é para o soldado da nossa infantaria de 70 centímetros (1), necessitando por isso de dar 70 passos para percorrer a distancia de 50 metros aproximadamente ($49^m,7$), e 142 para a distancia de 100 metros aproximadamente ($99^m,4$).

2.º Modo pratico do explorador regular o passo. — O instructor faz traçar no terreno, com bandeirolas ou estacas um alinhamento com a extensão de 200 ou 300 metros, e, a contar do ponto de partida, marca 3 divisões de 50 em 50 metros, tambem com estacas ou bandeirolas. (E' conveniente estabelecer as balisas de $49^m,7$ em $49^m,7$; considerando os idtervallos entre ellas como sendo de 50^m). Depois colloca-se no principio do alinhamento aonde deve ter formada a escola, e o official inferior no primeiro ponto da divisão. Manda logo marchar cada um dos exploradores com um intervallo proximamente de 50 passos uns dos outros, recommendando a cada um d'elles: que contem os passos em voz baixa; que deem sempre passos eguaes e de grandeza de $0^m,70$.

A' medida que cada um d'elles chega junto da balisa aonde se acha o sargento faz alto e declara-lhe o numero de passos que deu. O sargento nota então o erro commetido por cada um d'elles, erro para mais ou para menos, indicando-lhes qual a correccão a fazer e manda-os depois marchar para a segunda balisa. O explorador conta novamente os passos, que dará mais curtos ou mais lar-

(1) Consideramos o passo regulador de $0^m,70$ por ser aquelle que o nosso regulamento de tiro considera, pois achavamos preferivel que em lugar de se violentar o soldado a modificar o passo até conseguir dar em todas as circumstancias passos de $0^m,70$ elle o regulasse conforme a sua grandeza natural. E' isto mais racional e mais pratico. Para as marchas mesmo, o passo de $0^m,75$ é o que para o soldado portuguez se aproxima, em média, mais da verdade. O meu passo regulador é de $0^m,80$. Tenho medido varias distancias, computando-o assim, com um erro inferior a 2 metros.

gos, conforme o erro accusado na primeira medição fôr para mais ou para menos, e fazendo alto na segunda balisa fará para si mesmo as considerações que lhe fez o sargento na primeira medição. Dirigindo-se depois para a 3.^a balisa modifica ainda, se necessario fôr, a grandeza do passo, conforme as suas proprias observações, de maneira a percorrer o terceiro intervallo com 71 passos eguaes.

Depois de todos os exploradores terem chegado ao extremo da 3.^a divisão, o instructor dirige-se para junto d'elles, passando o sargento para a 2.^a balisa e o cabo para a 1.^a, recomeçando o exercicio pela mesma fórma, mas em sentido contrario.

Pratica-se depois a mesma instrucção estabelecendo as balisas de 100 em 100 metros.

Estes exercicios repetem-se em terreno cada vez mais accidentado.

Nota. — Se algum explorador encontrar difficuldade em executar o passo regulador de 0^m70, deve instruir-se á parte fazendo-o medir, muitas vezes, uma extensão de 21 metros, que percorrerá dando 30 passos.

3.^o Medir a passos distancias desconhecidas. — Depois dos exploradores terem adquirido a necessaria regularidade na grandeza do passo, deverão ser exercitados em medir a passos distancias desconhecidas.

Para isso, o instructor faz medir diferentes distancias exactas sobre o terreno, marcando-as com balisas, e colloca-se no extremo d'um dos alinhamentos e o official inferior no outro extremo; manda, depois, marchar do ponto onde se acha os exploradores successivamente uns atraz dos outros, com 40 ou 50 passos de intervallo, os quaes percorrem a distancia contando para si, em voz baixa, o numero de passos que deram, levantando um dedo por cada 142 passos.

O instructor que conhece a medida exacta da distancia percorrida, rectifica os erros que commettem na medição. E' obvio que cada dedo levantado representa uma centena de metros. O numero de passos que exceder a ultima centena já medida avalia-se sabendo que cada 10 passos correspondem a 7 metros, cada 30 passos a 21 metro e cada 70 passos a 49 metros aproximadamente.

Quando todos os exploradores chegarem á extremidade d'um alinhamento, o instructor colloca-se no principio do outros e continua o exercicio.

Repete os exercicios em terrenos mais accidentados.

Observação. Sempre que qualquer tropa de infantaria fôr encarregada da defeza d'uma posição, e, tenha tempo disponível, o seu commandante mandará medir à passos, pelos officiaes inferiores e exploradores, as distancias da mesma posição ao ponto de passagem forçada para o inimigo e aos abrigos que possam cobri-lo, taes como: estradas, pontes, cristas militares, muros, sebes valados, etc.

§ 2.º

Avaliação de distancias á simples vista

1.º Generalidades. — Sendo este methodo de avaliar as distancias á simples vista o que é, e será sempre, naturalmente empregado em presença do inimigo, deve, por isso, ser ensinado com maior cuidado e interesse aos exploradores.

Para avaliar distancias á simples vista tem que se attender aos seguintes principios:

Os homens, os objectos, parecem-nos tanto mais pequenos quanto mais afastados estão de nós.

N'um dia muito claro e principalmente depois d'uma tempestade, os objectos, parecem-nos mais aproximados e veem-se mais distinctamente de que n'um dia sombrio e nublado.

Os objectos salientes, arvores, penedos, casas, pontos geodesicos etc., são mais visiveis de manhã na direcção do nascente e de tarde na direcção do poente, e a luz do sol incidindo sobre os mesmos objectos torna-os aparentemente maiores.

Os objectos que se destacam aparentemente sobre o ceu, afiguram-se-nos sempre maiores, e por tanto, mais aproximados, do que quando se projectam sobre o terreno á retaguarda.

Os de côres claras e brilhantes, principalmente os de côr verde, parecem estar mais proximos, e os de côres escuras e palidas, ao contrario, mais afastados. E' por isso que os prados nos parecem mais aproximados e por isso maiores, do que as terras da mesma superficie, recentemente removidas.

Os elevados acima da horisontal que parte do olho do observador, parecem-nos mais proximos do que se

estivessem collocados á mesma distancia, mas abaixo da mesma horizontal.

As distancias observadas de cima para baixo afiguram-se-nos mais curtas de que as observadas de baixo para cima.

Uma povoação que se vê toda d'um só golpe de vista, parece-nos mais proxima do que outra da mesma extensão da qual se observe a torre da igreja, por exemplo, ou os telhados d'algumas casas etc.

Uma força collocada muitas centenas de metros na frente d'um bosque ou d'uma sebe mais elevada do que nós, parece que está junto da orla do bosque ou junto da sebe. Ao contrario, se a sebe fôr pouco elevada e a força estiver collocada muito na sua retaguarda, parece estar proxima d'ella.

E' necessario um grande cuidado sempre que tivermos que avaliar a distancia a um ponto do qual nos separa um valle cuja profundidade desconhecemos, porque temos uma grande tendencia para diminuir essa distancia.

Como principio, é sempre difficil avaliar distancias em terrenos deseguaes, quando á nossa vista se nos apresentam muitas elevações, cujas cristas, projectando-se umas sobre as outras, tornam essas distancias aparentemente mais pequenas.

No combate, ha tendencia para julgar as distancias muito mais pequenas do que realmente são.

*
* *

O instructor para que os exploradores fixem na memoria os principios expostos, obriga-os a observarem-nos no campo, a fim da experiencia lhos confirmar.

A avaliação de distancias á vista baseia-se nos seguintes principios geraes:

- 1.º — Sobre o grau de visibilidade do alvo;
- 2.º — Sobre a altura aparente do alvo, quando se conhecem as suas dimensões;
- 3.º — Sobre a comparação do afastamento do alvo com uma distancia conhecida, distancia que o explorador tem deante d'elle, ou que póde por numerosos exercicios fixar na sua memoria.

2.º Avaliação de distancias até 400 metros. — Até 400 metros as distancias são avaliadas pela apparencia fornecida por ho-

mens isolados e pelo terreno; de 400 metros em deante a observação recahirá sobre fracções de tropa e tambem sobre o terreno⁽¹⁾.

Pratica. ⁽²⁾ — «O instructor escolhe 4 exploradores já instruidos proximamente da mesma estatura, e fal-os-ha marchar n'uma dada direcção com o sargento que colloca um d'elles a 100 metros de distancia, outro a 200, outro a 300 e o quarto a 400, distancias que medirão a passos. Estes 4 homens não ficarão no mesmo alinhamento, a fim de se não encobrirem uns com os outros, e, por isso, quando cheguem ás distancias em que devem ficar, deslocam-se alguns passos para a esquerda, á excepção do primeiro, e tanto mais quanto maior fôr a distancia, e n'esses pontos fazem frente á escola. Emquanto esta fracção marcha com o sargento, fará o instructor notar aos exploradores como é que a altura apparente dos homens da fracção vae diminuindo, e como estes são vistos cada vez menos distinctamente. Diz-lhes depois que o primeiro homem fez alto á distancia de 100 metros, e faz-lhe examinar com attenção as differentes partes do corpo, do uniforme, do equipamento, etc.; indicando lhes por exemplo, que a essa distancia se veem claramente todas as partes do corpo os movimentos, os botões, os distinctivos, etc.; e recomenda-lhes que observem attentamente o soldado da cabeça aos pés e vice-versa, para a observação ser completa, e que fixem bem na memoria todos estes detalhes.

«Em tendo dado tempo ás praças para fazerem o seu exame, interroga cada uma de per si ácerca das suas observações, completando e corrigindo estas, se fôr necessario. N'este interrogatorio attenderá a que não sendo o grau de vista igual em todos os homens, o resultado das suas observações serão muitas vezes differentes.

«O instructor fará pelo mesmo modo recahir a observação sobre os homens collocados a 200, 300 e 400 metros fazendo notar á escola que: a 200 metros ainda se distinguem todas as partes do corpo, mas os traços da phisionomia e os detalhes do uniforme tornam-se confusos. Já se não veem bem as carreiras dos botões, e algumas outras particularidades desaparecem completamente. A 300 me-

(1) Regulamento de tiro — 4.ª parte n.º 226.

(2) Regulamento de tiro — 4.ª parte n.ºs 227-228 etc.

tros vêem-se ainda as mãos e as côres claras distinctamente. A 400 metros distinguem-se bem os movimentos individuaes que forem pronunciados, e posto que se vejam as cabeças já se não distinguem os rostos nem os pontos de contacto dos pés com o chão.

«Terminadas as observações a cada uma das distancias, o instructor fará observar comparativamente os 4 homens e notar a differença d'altura apparente e de claridade que apresentam.

«O instructor deligenciará que os exploradores formem uma idéa clara das distancias pela apparencia d'estas, fazendo-lhes notar que os primeiros 100 metros parecem mais extensos que os seguintes e que os ultimos parecem mais curtos.

«Emquanto os soldados estão collocados ás diversas distancias para serem observados, ordenará por meio de toques, que ajoelhem, que se deitem e façam alguns movimentos com a arma, sendo tudo objecto de explicações. Depois d'isto, faz signal ao sargento para voltar ao lugar aonde se acham os exploradores e enquanto elles caminham, faz observar a apparencia que vão tomando á medida que se approximam e como os detalhes são vistos cada vez mais distinctamente.

«Para depois os exploradores avaliarem as distancias á vista, manda o instructor marchar n'uma direcção qualquer, differente da primeira, o sargento com 4 exploradores já instruidos, tendo préviamente mandado voltar as costas para esse lado aos exploradores, para não poderem contar o numero de passos que cada um d'aquelles dá. O sargento colloca um soldado á distancia de 200 metros dos exploradores e os restantes á de 140 metros (200 passos), com a frente para a escola e distanciados alguns passos uns dos outros. O instructor manda fazer meia volta aos exploradores e explica-lhes que o homem isolado está á distancia de 200 metros, para lhe servir de comparação, e prescreve-lhes que apreciem cada um de per si, aproveitando aquella balisa, a distancia a que está o grupo que foi postado pelo sargento. Depois de demorada observação, manda o instructor sahir da fórma, um por um, os exploradores, que lhe dizem, de forma a ser só ouvido por elle, a distancia que calcularam. O numero de metros calculados deve sempre terminar em zero.

«Terminado o interrogatorio, será indicada a distancia verdadeira, fazendo se as convenientes observações e cor-

recções aos exploradores que mais se tenham afastado da verdade. Repetem-se depois eguaes exercicios, collocando 3 homens ás distancias de 230^m (328 passos) e 350^m (500 passos), sem se deslocar o homem postado a 200 metros.

«O soldado que, para ponto de comparação, foi collocado a 200 metros, póde depois sel-o a 300 ou 400 e por ultimo supprimido. Claro é que a escola de exploradores faz sempre meia volta emquanto a fracção se posta a distancias differentes.

Nota. — No fim de cada exercicio, a escola deve medir a passos as distancias avaliadas á vista, para os exploradores poderem verificar por si a exactidão das observações que lhes foram feitas.

Estes exercicios devem ser muito repetidos em terrenos variados e com condições atmosphericas differentes.

(*Continúa*).

J. GIL

Capitão d'infanteria

A REORGANISAÇÃO

DO

Exercito colonial

Ha já bastantes annos que se pensa em reorganisar o exercito colonial, porque desde longa data se reconhece publicamente essa necessidade. N'estes ultimos annos, mais do que nunca, tem-se lançado sobre as nossas colonias muita attenção. Infelizmente, debaixo do ponto de vista militar, nada se tem progredido, mas os olhares, com vontade de vêr, que sobre este ponto se tem lançado sobre as nossas colonias, tem mostrado, o que já não é pouco, que o estado presente da força armada é simplesmente miseravel, lastimoso e infructifero. Muitos o tem visto e confirmado, todos o sabem e reconhecem. Necessario era, portanto, como medida do mais alto interesse patriotico, fazer alguma cousa que acabe com a vergonha e inutilidade presente e que forneça meio de ser util ás colonias e prestante ao paiz.

Obedecendo a estas ideias, aliás bem conhecidas por todos, foi ultimamente promulgada uma lei n'esse sentido, que, pelo que já dissemos, não podia ser nem mais opportuna, nem mais necessaria. Antes de entrarmos na sua analyse diremos, mesmo para confirmar algumas con-

clusões a que tencionamos chegar, que mesmo nos nossos dias se tem seguido dois processos differentes para dotar o exercito das colonias com elementos uteis e aproveitaveis; um, o que dava aos officiaes do exercito do reino a promoção ao posto immediato sem prejuizo; outro, o que dava simplesmente vantagens monetarias.

Ambos os dois systemas provaram mal, necessario era, portanto, lançar mão de outro processo.

E' exactamente isso o que faz a actual lei a que nos estamos referindo.

A policia nas colonias, carece de ser solida e efficaz como elemento preponderante de civilisação.

Ao mesmo tempo carece de ser economica para não nos arrastar a sacrificios superiores aos nossos recursos.

Para isso ha absoluta necessidade de se recorrer ao indigena para com elle constituirmos as unidades militares, sendo absolutamente indispensavel tambem dar-lhes bons quadros europeus, e alguma força europeia constituida nas capitaes das provincias, ou onde mais conveniente fôr a sua permanencia, para acudir a qualquer caso imprevisito, e emfim, manter as unidades indigenas sempre em respeito.

A nova lei sobre a reorganisação do exercito colonial prevê sabiamente ao recrutamento dos quadros, de modo que sem obrigar ninguem a servir nas colonias, senão em casos excepçionaes e com vantagens tambem excepçionaes, estimula a todos os nossos camaradas a irem servir nas provincias ultramarinas com grande proveito e utilidade para a civilisação d'aquellas colonias.

Além do principio de justiça em que assenta a nova lei, afastando completamente toda a ideia do favoritismo, um grande bem resulta para o exercito da metropole pelo movimento acelerado que o exercito colonial ha de imprimir-lhe aos quadros.

Todos lucram.

Lucra o paiz em ter forças coloniaes seriamente organisadas e bem enquadradas; lucram os quadros com a acceleração no accesso; lucram as colonias com a influencia benefica de bons elementos que a metropole lhe vai successivamente mandando para as civilisar; e sobre tudo, lucra o bom nome de Portugal como nação colonisadora, porque poderá apresentar forças nas colonias que nos não envergonhem.

Acceitamos e applaudimos a promoção com preterição, sem excepção de especie alguma, como principio remunerador a quem se vae sacrificar pela patria, arruinar a sua saude, deixando na Europa a familia, os filhos, pedaços de alma, que muitas vezes, senão sempre, bem custa a deixar.

E' uma justa compensação ao sacrificio feito.

E aquelles que não quizeram fazer esse sacrificio ficam, não tendo o direito de se poderem queixar da preterição soffrida.

Os vencimentos dados aos officiaes em serviço nas colonias posto que não sejam exagerados, podemos comtudo chamar sufficientes, principalmente se uma outra ordem de providencias vier em auxilio da economia do official, barateando-se a vida nas provincias ultramarinas.

E' preciso que o serviço da administração militar seja solícito e cuidadosamente feito, conjugado com o zelo e dedicação com que a Cooperativa Militar costuma attender ás cousas do exercito, para que os officiaes europeus em serviço nas colonias recebam directamente da metropole todos os artigos indispensaveis á vida e que o paiz lhe deve fornecer.

Quanto mais baratearmos a vida nas colonias aos officiaes que para

lá mandarmos, quanto mais facilidades e vantagens lhes offerecermos, dentro dos limites do razoavel e do justo, tanto mais bem feito será o serviço, tanto maior será o agrado com que todos acorrerão a esse, alias, difficil, penoso e por vezes amargurado sacrificio.

A lei é boa, os principios são justos, o intuito que a dictou nobre e patriotico.

Não ha motivo senão para felicitar o governo por esta medida que o exercito e o paiz recebem com applausos.

Para nós, porém, dentro do ponto de vista restrictamente militar, achamos-lhe um defeito—é continuarem as forças militares a serem commandadas pelos governadores de provincia e de districto.

Nós queriamos em cada provincia ultramarina uma auctoridade militar hierarchicamente responsavel pela força publica, e que auxiliasse o governo local satisfazendo a todas as suas requisições.

E isto um dia, e não virá muito longe, ha de fazer-se, imposto pela força das circumstancias.

Melhor seria ter sido feito desde já.

Completando-se as disposições beneficicas da lei com esta providencia, que só a sabe bem avaliar quem já serviu nas colonias, e viu e sentiu o mal que causa á disciplina o commando das tropas entregues a entidades sem competencia umas, sem auctoridade profissional outras, e quasi todas sem a força moral que o grau hierarchico impõe, ficaria esta, sem contestação, a mais completa, a mais util, a mais vantajosa de todas as organizações que temos feito para o exercito colonial.

Os abusos praticados levaram tambem os legisladores a determinar que o official que adoecer sómente tenha direito a regressar ao reino com viagens pagas se tiver 6 mezes de serviço nas colonias. E' evidentemente um bom principio para evitar abusos, mas pode ser pernicioso para o official que tiver a infelicidade de adoecer gravemente a ponto de precisar regressar ao reino antes d'esse periodo, porque é levado a fazer despezas com que mal pode.

Na mesma ordem de ideias desejaríamos ver estabelecida uma *pensão de sangue* para a familia dos infelizes que tenham a má sorte de perecer nas colonias.

Esta medida impõe-se como uma das mais sympathicas garantias que porventura o governo pode offerecer aos seus honrados servidores, que vão arriscar a sua vida em inhospitos climas pela honra e pela felicidade da patria.

Uma lei d'esta importancia e d'esta magnitude pode não sahir perfeita em todas as suas partes, nas mais pequenas minuciosidades; o tempo e a experiencia fornecerão elementos praticos para a modificar com vantagem para os interesses nacionaes.

Todavia, repetimos, o passo agora avançado no intuito de melhorar o exercito colonial é de um grande alcance para o bom nome de Portugal como potencia colonisadora.





EXERCICIOS MILITARES

(Concluido do n.º 8 — 4.º anno)

V

As phases

O desenvolvimento do exercicio de combate por *phases* é um dos pontos da doutrina regulamentar que nós temos até hoje praticado com mais insistencia nos trabalhos de campo, assim como nos theoricos, resolução de problemas e theorias. Nas escolas theoricas, preparatorias de sargentos e de officiaes, tambem as phases são objecto dos maiores disvelos, o centro em torno do qual gravitam e subsistem quasi todas as idéas e principios tacticos.

Nas lições, theorias, conferencias e exames a cada passo se faz e exige a exposição da «ideia geral do combate», isto é, as phases concatenadas, invariaveis, n'um systema uniforme, monotono, formando uma imagem de *cliché*.

As phases são mesmo encaradas como a mais pura essencia, a consubstanciação, a base e o vertice dos processos de combate; sem ellas, o edificio tactico não se sustem; como que cæe por terra.

Como agua mole que fura a rija pedra, assim o grande absurdo das phases cegamente ensinado, exigido e praticado no trabalho de todos e longos dias, conseguiu gravar-se profundamente no espirito de quasi toda a presente geração de officiaes, dominando, se não annullando o criterio tactico. Esta questão das phases foi por nós abordada pela primeira vez ha seis annos, na *Preparação da infantaria*. O que então dissémos (pag. 247) traduz ainda hoje aproximadamente o nosso pensamento, e por isso, permitta-nos o leitor uma breve transcripção.

«O inconveniente do systema das phases não está tanto em os principios fornecerem ou não uma solução ajustada a uma hypothese, a uma situação geral ou particular; o inconveniente está no *conjuncto*.

«Esses principios formam primeiro as phases, e finalmente, reunidas as phases, temos o conjuncto (combate normal) especie de polvo que vae enleiar-se nas circumvoluções cerebraes, e que nos deixa incapazes de fazer uma adaptação. Decoradas as phases, nenhum outro progresso tactico e possivel; fez-se a *cristalisação*.

O espirito perde a maleabilidade; a adaptação ás circumstancias torna-se uma phrase incomprehensivel, que não tem realisação. Do combate fica-se possuindo uma concepção unica, ou seja o typo normal de ataque, e o typo normal de defeza.

«Um regulamento, depois de escrever as phases do combate, obrigar cada um a decoral-as e reproduzil-as todos os dias nos exercicios, é inutil dizer que não ha typo normal, ou que ha iniciativa.

«Assimiladas as phases, ou o typo normal, o official nos exercicios não procura mais descobrir as *circumstancias*, para proceder em conformidade com ellas: procura reproduzir as phases como ellas estão escriptas. Tudo o que se afastar d'isso diz que correu mal.

Os defeitos e as incorrecções, os attentados contra a normalidade das phases surgem então de todos os lados.

Não funcionaram os esclarecedores, ou não funcionaram como está preceituado no regulamento? Todo um periodo supprimido, estragado!

Na linha de combate, as fracções não guardam os intervallos, embrulham-se no 1.^o periodo, no 2.^o, 3.^o ou 4.^o? Tudo mal!

Na esquerda ha um movimento que não estava escripto? Erro!

Em toda a frente da posição não ha uma esplanada com 2:500 metros de extensão?

Não ha abrigos para as fracções e companhias? Houve uma surpresa? Um ataque brusco? Tudo defeituoso impossivel!»

Poderíamos citar muitos inconvenientes, comprovados com factos concretos, do desenvolvimento do combate por phases systematicas; mas preferimos ficar no campo dos

principios, o qual julgamos sufficiente para demonstração do que pretendemos.

E' por demais intuitivo que, sendo os trabalhos theoreticos e praticos de tactica sancionados ou impostos pelos regulamentos, orientados na reproducção de um typo normal de combate, por phases definidas, que se devem succeder segundo uma ordem necessaria e inalteravel, o espirito, dominado pela força do habito, appropriá um rotineiro cliché do combate, e perde a faculdade de se adaptar ás circumstancias, isto é, de proceder segundo o criterio tactico.

Estas consequencias do habito do *cliché* são tanto mais inconvenientes, quanto é certo que, na guerra, raras vezes se alcança a victoria sem uma applicação genial, um estratagemas, uma manobra de grande envergadura, um acto de pura iniciativa, um principio de tactica ou estrategia de combate, que nada tem que vêr com o rotineiro desfilar das phases normaes.

Emquanto que o *cliché*, ou typo normal, é um systema artificial, de pura convenção, que a cada passo se perturba e transtorna, a proposito das condições especiaes do terreno, do acaso, da livre conducta do inimigo, da situação, do tempo e de mil circumstancias que influem no combate, dando-lhe tambem um character distincto, os verdadeiros principios tacticos conservam sempre o seu valor, e brilham mesmo com maior intensidade no meio das maiores confusões, aos olhos d'aquelles que conhecem esses principios, e os sabem entender e applicar no campo de batalha.

Nos livros de tactica e regulamentos que consignam, ou impõem as phases systematicas que conduzem á imagem normal do combate, é frequente encontrar-se o tardio conselho de *proceder segundo as circumstancias*, quando a situação não quadrar com a applicação do *cliché* normal.

Como ficou dito acima, a educação ou habito de proceder segundo um *cliché* e sem iniciativa é incompativel com a adaptação ás circumstancias, ou applicação racional dos principios.

Comtudo, o facto de se appellar, ou aconselhar a sahir fóra da noção geral ou normal do combate, equivale a reconhecer a inanidade do systema, pois significa: para os casos triviaes, faceis, applica-se o *cliché* normal; para os casos difficeis, (e na guerra tudo é difficil) puxe cada um da cabeça, e proceda segundo o seu entendimento tactico, harmonico com a situação.

Evidentemente para chegar a este *desideratum*, que manda desprezar por inútil a imagem normal nos casos difíceis, não vale a pena perder tanto trabalho a estudar e aplicar phases systematicas: é melhor começar pelo fim do systema, isto é, por nunca o estudar, aplicar ou seguir.

Os principaes argumentos com que se tem pretendido defender o typo ou imagem normal de combate, são tres, a saber:

O primeiro consiste na supposta existencia de certas condições geraes, predominando ou impondo-se aos factores e influencias de ordem particular.

O segundo funda-se no facto de existirem nos diversos graus hierarchicos individuos que, pelos seus estudos mais limitados, ou menor capacidade intellectual, são menos susceptiveis de estudar e applicar a tactica na sua fórmula mais elevada.

O terceiro funda-se na supposta conveniencia de tomar disposições e conduzir o combate, com o minimo esforço ou intervenção da intelligencia, isto é, machinalmente, ou por simples rotina.

A estes argumentos oppõem os adversarios do *cliché*:

Ao primeiro: que na guerra as situações de character particular predominam sobre as situações de character geral, de modo que, quasi todos os casos ou situações são particulares e conduzem a uma solução pratica distincta.

Ao segundo: que é altamente inconveniente todo o systema de trabalhos, quer theoreticos quer praticos, tendo em vista favorecer os menos habéis, com prejuizo do maximo desenvolvimento dos mais habéis.

Ao terceiro: que a rotina se deve inteiramente banir da conducta do combate, assim como dos processos de instrucção. Os habitos de reflexão, criterio e iniciativa teem sobre a rotina uma superioridade indiscutivel.

A orientação tactica que conduz ao normalismo, é a mesma que suprime ou restringe a iniciativa, e manifesta-se de muitos modos; todavia, a sua mais genuina e perniciosa expressão é o systema das phases.

Graças á propaganda e esforço dos mais eminentes tacticos e educadores militares da actualidade, como Bronsard, Valdarsée, Goltz, Dragomiroff, Philebert, essa orientação foi inteiramente subjugada, cedendo o passo a uma

profunda reforma na tactica, assim como nos methodos de instrucção e educação dos quadros e tropas.

Concessão de iniciativa a todos os graus; conformidade com as exigencias da guerra; exclusão dos pequenos processos e formalidades que prejudicam a execução da guerra; ausencia de disposições e phases normaes, taes são os principios fundamentaes em que se orientam os modernos regulamentos.

As phases systematicas são banidas; mas, convém acentuar, ninguem nega a existencia de phases; o que se nega é a possibilidade de lhes definir os caracteres, fixar o numero e a ordem porque se succedem na guerra.

O general allemão Bronsard von Schellendorf, um dos que empunharam com maior segurança a bandeira das novas ideias tacticas, expressa-se do seguinte modo:

«Qual é, pois, a tactica de batalha a ensinar á infantaria?

«Com effeito, não ha sómente tantas batalhas differentes, quantos terrenos differentes; existem ainda, além d'isso tantas fórmas de combate differentes, quantos problemas de combate differentes...

«Eis aqui qual é a verdadeira tactica de batalha. E' a que nós praticamos desde o tempo de paz, quando exigimos para este fim, dos graus inferiores, uma iniciativa que quadra com o bem geral...

«A pratica do exercicio de combate uniforme é inconveniente.

«Uma mediocridade torna-se mais capaz, por ser estreitamente contida dentro de formações rigidias, ou porque se desenvolvem as suas noções tacticas, com considerações adaptando-se a cada caso?»

O regulamento allemão, de manobras da infantaria, orientado na mesma ordem de ideias, diz:

«Todo o combate deve ser conduzido em vista do objectivo a alcançar, do terreno, força e tempo disponivel.»

Estabelecendo com a maxima cautela e parcimonia as prescripções formaes, prohibe terminantemente todo o normalismo, imagem uniforme do combate, ou qualquer pequeno processo artificial. Nenhum chefe, seja qual fôr o seu grau, pôde formalisar o que o regulamento não formalisa. Em vão se procura ahi o *cliché* das phases systematicas. O proprio termo «phases» quasi foi banido.

Os exercicios praticos, como os trabalhos theoreticos tem principalmente em vista a representação e estudo das peripecias, fins e situações do combate. Devem ser sempre

verosimeis e conformes á doutrina dos regulamentos taticos e de campanha.

Vamos concluir esta serie de artigos sobre os nossos «exercicios militares».

N'esses artigos temos apontado varios pontos que nos parecem erroneos e que prejudicam a boa instrucção, sendo os principaes d'esses pontos:

A constituição das unidades com effectivos assáz reduzidos;

O abandono das regras de verosimilhança, e bem assim de varias prescripções regulamentares;

O facto de se representar no campo exercicios préviamente descriptos em todos os detalhes;

Finalmente, a execução do combate por phases systematicas.

Inutil é discernir o grau de inconveniencia que representa cada um dos defeitos apontados; basta saber que qualquer d'elles lança um grande prejuizo na nossa instrucção.

As phases conduzem ao que o regulamento allemão classifica «rigidez mortal».

Uma batalha, um combate, tanto póde ter quatro como quarenta phases, e a ordem porque essas phases succedem varia ao infinito. Sem numero e character fixos não se póde formar nenhum systema de phases. Por falta de bases, a tentativa tinha de cair.

O *plano* inserindo o desenvolvimento prévio, além de ser a mais completa inverosimilhança ou falsidade da guerra, obsta á educação no golpe de vista, nos habitos de iniciativa e decisão prompta e adequada ás circumstancias.

Persistir n'esses falsos systemas é confessar a incapacidade para fazer a guerra, e ainda mais: afastamo-nos cada vez mais do alcance da necessaria capacidade para conduzir tropas na campanha real e no combate.

JULIO DE OLIVEIRA
Tenente d'infanteria

Bibliographia

Problemas de tactica applicada nas cartas topographicas, por Francisco Rodrigues da Silva, coronel commandante da Escola Pratica de Infanteria.

E' sem contestação este o melhor livro do auctor.

A alta competencia e vasta illustração do nosso amigo, o sr. coronel Francisco Rodrigues da Silva, dão-lhe o cunho de auctoridade n'estes assumptos de tactica, que tem versado com notavel proficiencia.

E' mais do que um guia, é um mestre que todos devem consultar e estudar.

Os esforços sinceros com que tão dedicadamente se tem votado á propaganda sobre o ensino methodico da resolução de problemas tacticos nas cartas topographicas, merecem os maiores applausos de todos quantos consagram á instrucção do exercito um verdadeiro culto.

Ninguem julgue que a resolução de problemas de tactica applicada nas cartas topographicas possa substituir a resolução de problemas de tactica applicada no campo. O proprio auctor o confessa.

Mas é uma instrucção preparatoria eminentemente util e que, em todo o caso, muito concorre para desenvolver nos officiaes dotes apreciaveis, incutir amor ao estudo, e armazenar conhecimentos de suprema vantagem para o serviço de campanha.

No livro que temos presente, e cuja delicada offerta muito agradecemos áquelle nosso velho amigo e douto camarada, não se trata da resolução de problemas, mas apenas do enunciado de problemas com o seu thema geral, thema particular e trabalhos a executar. O resto pertence ao official que se queira consagrar a esse estudo.

Para facilitar a redacção e escolha de problemas propostos sobre a carta, traz o livro um importante capitulo para o qual muito chamamos a attenção dos nossos leitores.

Esse capitulo tem o sub-titulo de *Preceitos geraes para a redacção dos themas tacticos*.

Reputamos este livro indispensavel na estante de todos os officiaes, pois traz problemas para officiaes subalternos, capitães e officiaes superiores.

Sentimos que a estreiteza do espaço com que luctamos nos não consinta dar mais desenvolvida noticia de um tão completo trabalho e tão util para todos nós.

Mas o nome do sr. coronel Francisco Rodrigues da Silva é por si só a mais solida garantia da honestidade scientifica e da probidade technica do livro

O Mediterraneo em equação. (Memoria) por Xavier Machado.

Se o nosso amigo, o sr. major Xavier Machado, não tivesse já o seu nome firmado nas lettras patrias como erudito escriptor e grande pensador, este seu novo trabalho abria-lhe de par em par, no conceito publico, as portas da fama.

E' uma memoria primorosamente escripta e sabiamente meditada. Xavier Machado viu, em toda a sua grandeza, e entreviu, no hori-

zonte do futuro, toda a importancia e todo o valor do problema do Mediterraneo, que deve ter no nosso paiz, pela sua posição geographica e pela sua historia, uma influencia de tal ordem absorvente que muito importa acautellar e defender.

Por isso mesmo é que abençoamos todo o trabalho dedicado e patriotico do actual ministro da guerra, e, em completa communhão de ideias com o auctor, entendemos tambem ser a *organisação militar a base mais segura de todos os empreendimentos sociaes, nacionaes e politicos, pelo que é o cuidado instante e superior de todos os povos civilisados, praticos e bem orientados.*

Ao amigo, os protestos do nosso agradecimento muito cordeal pela gentileza da sua offerta; ao escriptor as nossas sinceras felicitações pelo valor real da sua obra.

Tactica applicada, por Fernando da Costa Maya, major de cavallaria e lente da Escola do Exercito.

Sentimo-nos embaraçados para, em poucas linhas, darmos uma ideia geral do novo livro do nosso querido e velho amigo Fernando Maya.

Dia a dia, n'este inglorio labutar da imprensa, cada vez mais se affirma Fernando Maya como um luctador que sabe vencer

Ha muitos annos que conhecemos, apreciamos e admiramos as grandes facultades de trabalho de Fernando Maya. E essas facultades encontram-se hoje na pujança da sua maior actividade, dando-nos publicações que veem enriquecer a nossa litteratura militar e espalhar pelo exercito conhecimentos da mais palpitante utilidade pratica.

Hontem era a *Tactica das tres armas*, hoje a *Tactica applicada*, ámanhã as *Campanhas colonias*.

Infatigavel trabalhador, benemerito camarada.

Devemos confessar que a rapida leitura da *Tactica applicada* deixou-nos a mais grata impressão, e para logo ficámos convencidos ser este o livro mais praticamente util ao nosso exercito, de toda essa serie brilhante do laureado escriptor.

A *Tactica applicada* trata da marcha, do estacionamento e do combate.

Fernando Maya chama ao seu precioso livro *commentarios ao regulamento do serviço de campanha*.

E que bellos commentarios!

Tudo quanto a litteratura militar da Europa tem produzido n'estes ultimos 50 annos de valor para a tactica applicada, tudo Fernando Maya consultou, tudo estudou.

Consola-nos vêr os seus commentarios, as suas doutrinas, as suas lições corroboradas pela pratica da guerra e pelos ensinamentos das grandes summidades militares da Allemanha, da França, da Russia, etc. Depois, a linguagem simples e elegante, a clareza na exposição, o methodo na urdidura, todo o valor intrinseco do livro encanta, prende, captiva, empolgando a nossa attenção e como que inspirando-nos grandes desejos de saber.

O livro é volumoso, tem 547 paginas. Mas não tem uma só pagina inutil, e n'isto está o maior elogio que se possa fazer ao novo trabalho de Fernando Maya.

O que nos contrista é não podermos transcrever aqui algumas d'aquellas paginas eruditas da *Tactica applicada*, porque só d'esse modo é que poderíamos levar aos nossos camaradas uma prova irrefragavel do

quanto vale o livro para todos aquelles que se consagram e dedicam ao estudo.

E porque o espaço nos falta n'este momento, não nos desligamos do prazer de aproveitar outra opportunidade em que possamos largamente tratar da *Tactica applicada* de Fernando Maya.

A *Revista de Infanteria* agradece ao major Fernando Maya a sua valiosa offerta.

SECÇÃO DO EXTRANGEIRO

Inglaterra.— Alvos movidos por electricidade. — Experimentaram-se ultimamente em Aldershot, para experiencias de tiro, alvos movidos por electricidade. Collocados na crista d'um pequeno monterepresentando atiradores deitados fazendo pontaria, appareciam e desapareciam alvos com intervallos determinados, sobre os quaes se fazia fogo. Depois d'estes alvos appareciam outros. Um trem blindado apparece sob uma linha ferrea, tambem figurada, supposta guardada pelo inimigo. Depois de se lhe fazer fogo, apparecem alvos representando uma patrulha de cavallaria com o fim de destruir a linha com o auxilio da dynamite, o que foi caracterizado por uma explosão feita tambem por intermedio da electricidade, na occasião opportuna. Uma fingida casa de guarda da linha figurada, collocada sobre a direita da linha onde se suppunha estarem abrigados muitos homens, é crivada de balas. Uma casa de campo que apparece mais ao longe, onde de vez em quando appareciam figuras ás janellas, é bombardeada.

Emquanto estes alvos appareciam e desapareciam, fazendo-se sempre fogo sobre elles, a força que se instrua no tiro ia sempre avançando até que do lado dos alvos rompe um intenso fogo d'uma bateria d'artilheria dissimulada n'um bosque um pouco lateral, sendo os seus tiros simulados pela explosão de bombas incendiadas pela electricidade ao lado dos alvos peças.

Toda esta *mise-en-scene* era movimentada pelos fios electricos, sob a direcção d'um engenheiro, que junto aos alvos seguia os movimentos das tropas por meio d'um jogo de espelhos installados acima da sua cabeça n'uma caixa propria.

Belgia.— A agricultura no exercito belga. — Nas principaes guarnições militares e no campo de Baverloo tem lugar, duas vezes por semana, conferencias para militares, que são em geral feitas por agronomos e regentes agricolas e ás quaes podem assistir todos os militares que peçam a competente auctorisação ao seu commandante de corpo.

Estas conferencias são feitas conforme o programma official que, em resumo, consta de :

Definição da agricultura; Solo e sub-solo; Trabalho mechanico do solo; Lavoura; Sementes; Germinação; Sementeiras; Fertilisação do solo; Hydraulica agricola; Prados naturaes e artificiaes; Hygiene; Alimentação; Bebidas; Maneira de tratar os animaes; Precações contra as epizootias; e, finalmente, arburicultura fructifera e florestal.

Este programma indicado assim genericamente é vasto, mas o mesmo programma tem o cuidado de indicar as partes essenciaes e mais necessarias de cada um dos capitulos.

As conferencias realisam-se duas vezes por semana e aos domingos ha trabalhos praticos, missões e visitas aos estabelecimentos agricolas da região melhor montados.

A disciplina é mantida pelo commandante militar, que é o verdadeiro director.

O ministerio da agricultura concede premios, geralmente em livros, aos militares que mostrarem bom aproveitamento.

Pera que as conferencias obedeçam todas ao mesmo plano em todo o paiz, são visitados pelo inspector geral da agricultura ou por delegados seus.

Russia.—Tiro contra alvos fluctuantes. — Não é só na Allemanha e Inglaterra que se dá ao tiro a maxima applicação pratica. Na Russia, ultimamente, executaram-se fogos de infantaria, no 8.º corpo, sob as ordens do general Myloff, contra alvos fluctuando sobre o mar.

O programma era o seguinte :

1.º — Tiro contra alvos que se deslocavam parallelamente ao littoral;

2.º — Contra alvos que se approximavam da praia;

3.º — Tiros feitos d'um transporte de guerra contra alvos a certas distancias.

Nos dois primeiros casos, como se vê do programma que esboçamos, os atiradores estavam em terra. Os alvos eram representados por barcos de desembarque, guarnecidos com alvos *silhouettes*, que eram movidos de mar ou de terra por meio de grandes cabos.

Na execução da primeira parte, a regulação do tiro foi muito difficil. O commandante da companhia, depois de experimentar successivamente as alças de 1:200 e 1:000 metros, chegou a regular o tiro com a alça de 800 metros, mas os observadores, collocados a certas distancias em barcos a vapor, notaram que esta alça era ainda muito forte, obtendo-se, contudo, a percentagem de 28. O fogo foi executado por descargas.

O segundo tiro foi, diz o narrador, mais interessante. A velocidade do alvo que se approximava da praia era de 140 metros por minuto. A companhia executou muitas salvas com as alças de 1:200, 900 e 700 metros, obtendo a percentagem de 38.

O terceiro tiro foi executado nas seguintes condições: 1.º, transporte e alvos immoveis; 2.º, transporte immovel e alvos com movimento; 3.º, transporte e alvos em movimento. Estes ultimos tiros foram executados de 1:800 a 1:000 metros.

Provaram estas experiencias que a avaliação de distancias sobre o mar que é muito difficil. Com um mar calmo pode-se facilmente avaliar a distancia até 1:000 metros pela observação dos pontos de queda, mesmo com poucos atiradores.

O *Rouskii Invalid* quer que na Russia continuem as tropas a exercitar-se n'esta especie de tiro, principalmente no littoral, o que pôde ser d'uma grande utilidade para repellir uma tentativa de desembarque. Se entre nós não fosse uma utopia o pensar em tal, pediríamos outro tanto.

O MAJOR

João Xavier de Athayde e Oliveira

Pagina de saudade á memoria de um amigo e nosso companheiro n'este labutar da imprensa, que tantos serviços prestou ao exercito e á arma que o contava como um dos seus mais prestimosos ornamentos.

Pagina dolorosa, mas divida sagrada da *Revista de Infantaria* para com esse coração de ouro, character immaculado, trabalhador indefeso e honrado official que se chamou em vida João Xavier de Athayde e Oliveira.

Sobre a campa onde repousa para sempre o que ficou d'essa individualidade onde se incendiavam os enthusiasmos sentidos e vibrantes pela honra do exercito e gloria da Patria, nós vimos depôr o preito da nossa homenagem piedosa, o testemunho da nossa magoa.

A toda a familia do nosso desditoso amigo e camarada a expressão da nossa condolencia.

A Redacção.

M. G. Modello

